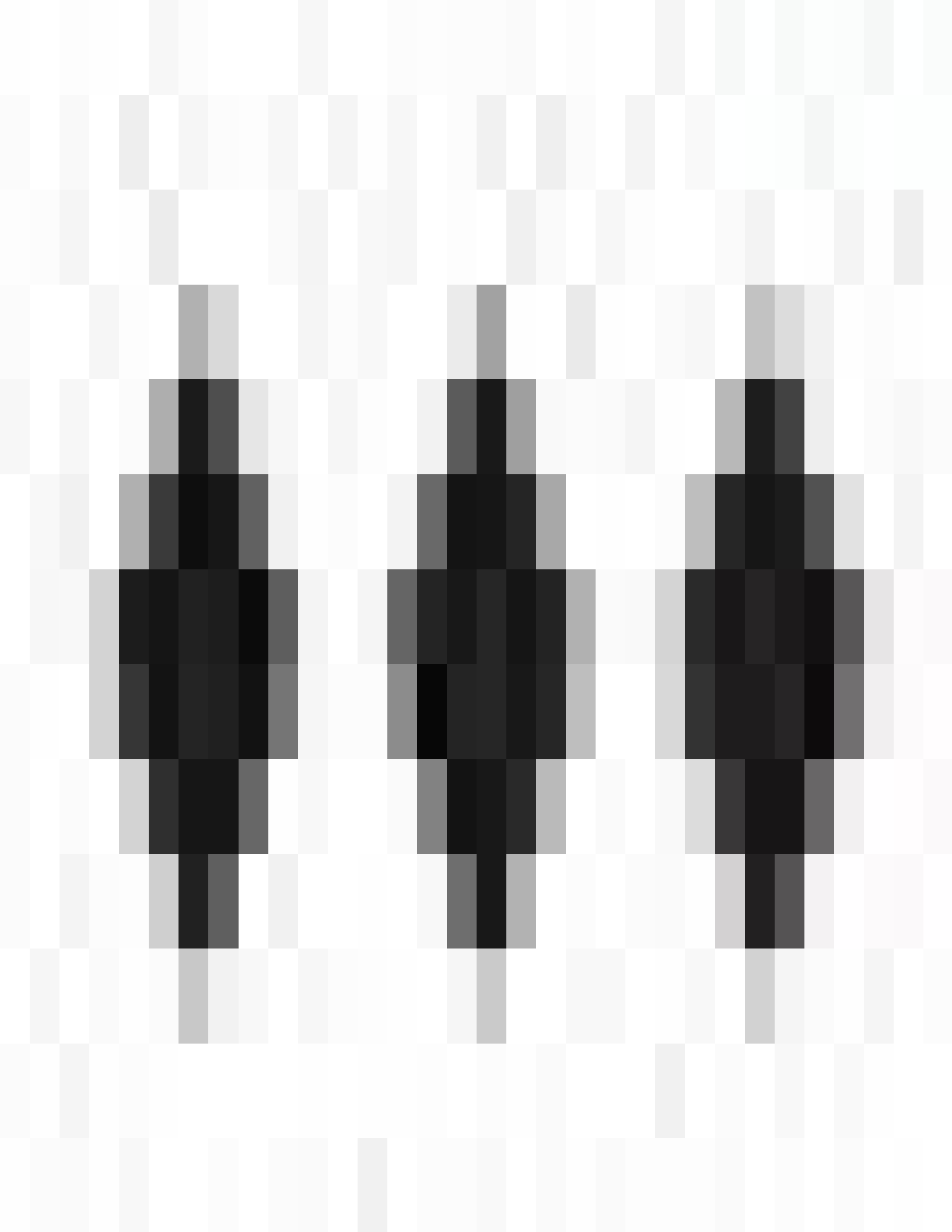



Às vezes até o mais puro amor
pode ter consequências devastadoras
O Julgamento de Gabriel
Sylvain Reynard
autor de O Inferno de Gabriel

O JULGAMENTO

DE GABRIEL

O Arqueiro

Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

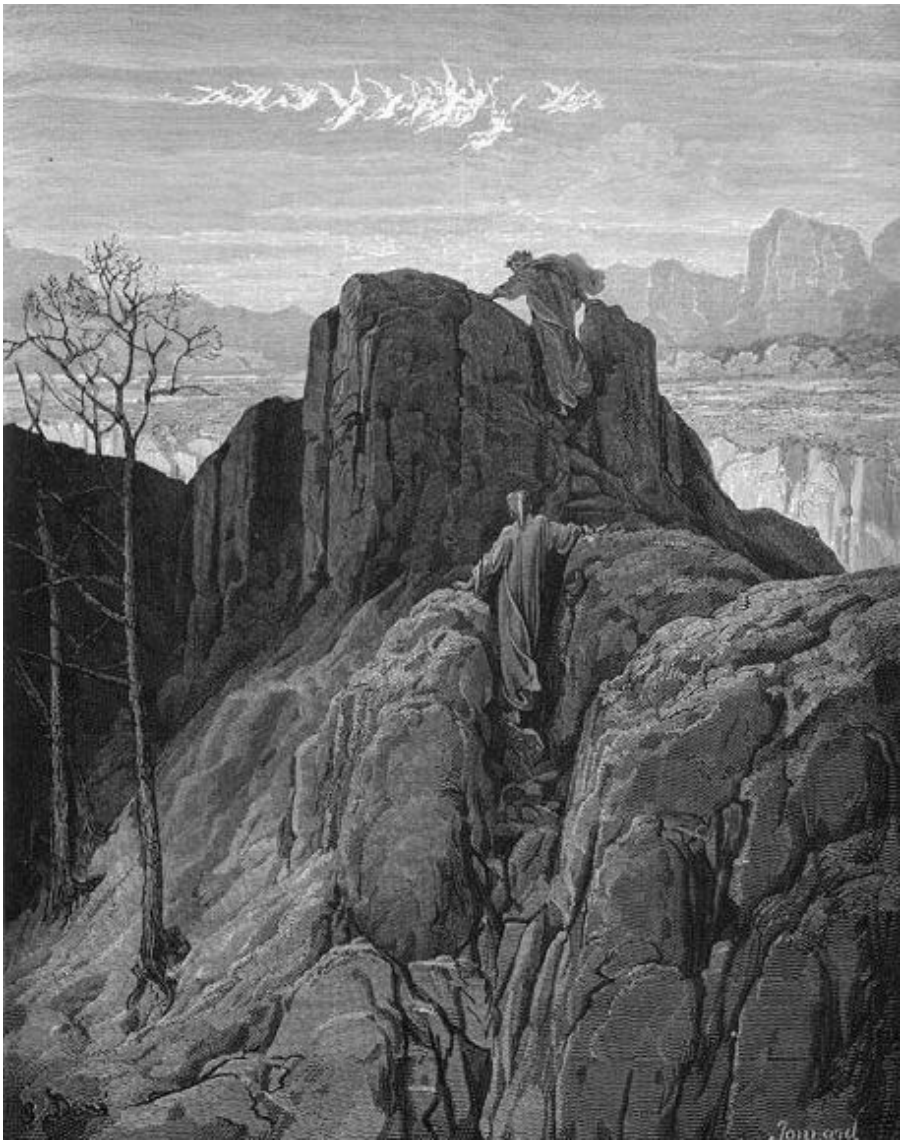
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



Aos meus leitores,

com gratidão.



Dante seguindo Virgílio montanha acima

Gravura de Gustave Doré, 1870

“E cantarei agora aquele segundo reino

No qual o espírito humano se purifica

E torna-se digno de ascender ao Paraíso.”

– DANTE ALIGHIERI, Purgatório, Canto 1.004-006

PRÓLOGO

Florença, 1290

Opoeta deixou o bilhete cair no chão com a mão trêmula. Ficou alguns instantes sentado, imóvel como uma estátua. Então, cerrando os dentes com força, levantou-se e atravessou sua casa em alvoroço, ignorando mesas e objetos frágeis, desdenhando os demais moradores.

Desejava ver apenas uma pessoa.

Ele cruzou as ruas da cidade depressa, quase correndo, a caminho do rio. Parou à beira da ponte – a ponte deles –, seus olhos umedecidos vasculhando avidamente a margem mais próxima, em busca de qualquer vislumbre de sua amada.

Não havia nem sinal dela.

Ela jamais voltaria.

Sua amada Beatriz se fora.

CAPÍTULO UM

Oprofessor Gabriel Emerson estava sentado na cama, nu, lendo o jornal florentino *La Nazione*. Havia acordado cedo na cobertura Palazzo Vecchio do Gallery Hotel Art e pedira o serviço de quarto, mas não conseguiu resistir à tentação de voltar para a cama e ficar observando a jovem dormir. Ela estava deitada de lado, virada para ele, respirando de modo suave. Um diamante brilhava em sua orelha, suas faces estavam rosadas por causa do calor. O sol entrava pelas janelas panorâmicas, iluminando a cama.

As cobertas, deliciosamente amarrotadas, recendiam a sexo e sândalo. Seus olhos azuis brilharam, explorando-a sem pressa, a pele exposta, os cabelos longos e negros. Quando tornou a voltar sua atenção para o jornal, ela se mexeu um pouco e gemeu. Preocupado, ele atirou o jornal de lado.

Ela puxou os joelhos para junto do peito, enroscando-se na cama. Murmúrios escaparam de seus lábios e Gabriel se inclinou para mais perto, tentando decifrar o que ela dizia. Mas não conseguiu.

De repente, seu corpo se contorceu e ela deu um grito de cortar o coração. Seus braços se debateram, lutando com o lençol que a cobria.

– Julianne?

Ele pousou de leve a mão sobre seu ombro nu, mas ela se encolheu ao toque.

Começou a balbuciar o nome dele repetidamente, o tom de voz cada vez mais apavorado.

– Julia, estou aqui – disse ele, elevando a voz.

No instante em que tornou a estender a mão para tocá-la, ela se sentou na cama com as costas eretas, ofegante.

– Você está bem?

Gabriel se aproximou, resistindo ao impulso de tocá-la. Ela respirava com dificuldade e, sob o olhar vigilante dele, cobriu os olhos com a mão trêmula.

– Julia?

Após um longo minuto de tensão, ela o encarou de olhos arregalados.

Ele fechou a cara.

– O que houve?

Ela engoliu em seco.

– Um pesadelo.

– Sobre o quê?

– Eu estava no bosque atrás da casa dos seus pais, em Selinsgrove.

As sobrancelhas de Gabriel se uniram atrás dos óculos de armação preta.

– Por que você sonharia com isso?

Ela respirou fundo, cobrindo os seios com o lençol e levando-o até o queixo. A coberta, volumosa e branca, engoliu suas formas delicadas antes de ondular como uma nuvem por sobre o colchão. Aos olhos dele, ela parecia uma estátua ateniense.

Ele correu os dedos com carinho por sua pele.

– Julianne, fale comigo.

Ela se contorceu sob o seu olhar penetrante, mas ele se recusou a soltá-la.

– O sonho começou muito bonito. Nós fizemos amor à luz das estrelas e eu adormeci em seus braços. Mas, quando acordei, você tinha sumido.

– Está me dizendo que sonhou que fiz amor com você e depois a abandonei? – A voz dele ficou mais fria para disfarçar seu desconforto.

– Eu já acordei no pomar sem você antes – disse ela a meia voz, em tom de censura.

O fogo de Gabriel se apagou na mesma hora. Ele pensou naquela noite mágica seis anos antes, quando eles se conheceram e apenas conversaram e ficaram abraçados. Ele havia acordado na manhã seguinte e fora embora, deixando sozinha uma adolescente adormecida. A ansiedade dela era compreensível e até comovente.

Um a um, Gabriel abriu e beijou os dedos cerrados dela, arrependido.

– Eu amo você, Beatriz. Não vou abandoná-la. Você sabe disso, não sabe?

– Doeria muito mais perder você agora.

Franzindo a testa, ele passou um braço em volta dela, pressionando seu rosto contra o peito. Uma enxurrada de lembranças lhe invadiu a mente enquanto ele pensava nos acontecimentos da noite anterior. Tinha visto Julia nua pela primeira vez e a iniciara nas intimidades do sexo. Ela compartilhara sua inocência com ele, que acreditava tê-la feito feliz. Sem dúvida havia sido uma das melhores noites da sua vida. Ele refletiu sobre isso por alguns instantes.

– Você se arrepende da noite passada? – perguntou.

– Não. Estou feliz que você tenha sido o primeiro. Foi o que eu sempre quis, desde que nos conhecemos.

Ele pousou a mão no rosto dela, acariciando sua pele com o polegar.

– É uma honra ter sido o seu primeiro. – Ele se inclinou para a frente, seu olhar fixo. –

Mas também quero ser o último.

Ela sorriu e levou os lábios ao encontro dos dele. Porém, antes que Gabriel pudesse abraçá-la, as badaladas do Big Ben ecoaram pelo quarto.

– Deixe isso para lá – sussurrou ele, irritado, esticando o corpo sobre o dela e obrigando-a a se deitar.

Ela lançou um olhar por sobre o ombro dele, em direção ao iPhone que tocava em cima da mesa.

– Achei que ela não fosse mais ligar para você.

– Não vou atender, então não tem importância. – Ele se ajoelhou entre as pernas dela e a descobriu. – Na minha cama, só existimos nós dois.

Ela perscrutou os olhos dele enquanto Gabriel colava seu corpo nu ao dela.

Ele se inclinou para a frente a fim de beijá-la, mas ela virou a cabeça.

– Ainda não escovei os dentes.

– Não me importo.

Ele baixou os lábios até seu pescoço, beijando-o e sentindo sua pulsação acelerada.

– Prefiro fazer a toalete antes.

Ele bufou, frustrado, e se apoiou num dos cotovelos.

– Não deixe Paulina estragar as coisas entre nós.

– Não vou deixar.

Ela tentou rolar de baixo dele e levar o lençol, mas Gabriel o agarrou. Olhou para Julia por sobre a armação dos óculos, os olhos faiscando de malícia.

– Preciso do lençol para fazer a cama.

Os olhos de Julia se desviaram do tecido branco preso entre os dedos dele e foram até seu rosto. Gabriel parecia uma pantera prestes a atacar. Ela lançou um olhar para a pilha de roupas no chão. Estavam fora do seu alcance.

– Qual o problema? – perguntou ele, contendo um sorriso.

Julia ficou vermelha e segurou o lençol com mais força. Com uma risadinha, Gabriel o soltou e a puxou para seus braços.

– Não precisa ser tímida. Você é linda. Se eu pudesse escolher, você nunca mais se vestiria.

Gabriel pressionou os lábios no lóbulo da orelha dela, roçando o brinco de diamante.

Estava seguro de que Grace, sua mãe adotiva, teria ficado feliz em saber que Julia recebera seus brincos. Com outro beijo suave, ele se virou, sentando-se na beirada da cama.

Ela correu para o banheiro, mas não antes de Gabriel conseguir ter um vislumbre de seu traseiro encantador quando ela largou o lençol, imediatamente antes de cruzar a porta.

Enquanto escovava os dentes, ela pensou no que havia acontecido. Fazer amor com Gabriel tinha sido uma experiência muito intensa, e seu coração ainda estava abalado. O

que não era nenhuma surpresa, levando-se em conta a história dos dois. Ela o desejava desde os 17 anos, quando haviam passado uma noite inocente juntos num pomar, mas, ao acordar na manhã seguinte, ele tinha desaparecido. Como estava bêbado e drogado quando tudo aconteceu, Gabriel havia se esquecido dela. Julia só voltou a vê-lo depois de seis longos anos, mas ainda assim ele não se lembrou dela de imediato.

Quando o reencontrou, no primeiro dia do curso que Gabriel ministrava na pós-graduação da Universidade de Toronto, ele lhe pareceu atraente porém frio, como uma estrela distante. Na época, não acreditava que pudessem se tornar amantes. Achava impossível que o professor temperamental e arrogante

correspondesse a seu afeto.

Havia muitas coisas que ela não sabia. O sexo era uma forma de conhecimento, e agora ela sentia uma pontada de ciúme que nunca havia experimentado. A simples ideia de que Gabriel havia feito com outra mulher (no caso dele, com muitas outras) o que fizera com ela lhe dava um aperto no peito.

Ela sabia que os encontros de Gabriel eram diferentes do que eles haviam compartilhado – aventuras que nada tinham a ver com amor ou afeto. Mas ele despira aquelas mulheres, vira-as nuas e as penetrara. Quantas delas não desejaram mais depois de terem estado com ele? Paulina havia desejado. Ela e Gabriel tinham mantido contato ao longo dos anos, desde que perderam o bebê deles.

A nova maneira de Julia encarar o sexo mudou sua compreensão do passado dele e a tornou mais solidária com o drama de Paulina. E ainda mais precavida contra perder Gabriel para ela ou para qualquer outra mulher.

Sentindo-se invadida por uma onda de insegurança, Julia se agarrou a uma das pias do banheiro. Gabriel a amava, ela acreditava nisso. Mas também era um cavalheiro e por

isso jamais revelaria que a relação deles o deixara insatisfeito. E quanto ao seu próprio comportamento? Ela havia feito perguntas e falado em momentos nos quais imaginava que a maioria das amantes teria ficado calada. Tinha feito muito pouco para agradá-lo e, quando tentou, ele a impedira.

Julia voltou a ouvir as palavras do seu ex-namorado, girando em sua mente como gritos de condenação:

Você é frígida. Vai ser péssima de cama.

Ela deu as costas para o espelho, refletindo sobre o que poderia acontecer se Gabriel estivesse insatisfeito com ela. O espectro da traição mostrou sua cabeça maléfica, trazendo consigo visões de quando ela encontrou Simon na cama com sua colega de quarto.

Ela empertigou os ombros. Estava confiante de que, se convencesse Gabriel a ser paciente e ensiná-la, poderia dar prazer a ele. Gabriel a amava e lhe daria uma chance.

Ela pertencia a ele, como se seu nome estivesse gravado a ferro e fogo na pele dela.

Quando saiu do banheiro, ela o viu através da porta aberta do terraço. No caminho, se distraiu com um belo vaso de flores roxo-escuras e lírios mais claros, matizados, em cima da mesa. Alguns amantes teriam comprado rosas vermelhas de caules longos, mas Gabriel, não.

Ela abriu o cartão que estava aninhado entre as flores.

Minha querida Julianne,

Obrigado pelo seu inestimável presente.

A única coisa que tenho de valor é o meu coração.

Ele é seu,

Gabriel.

Julia releu o cartão duas vezes, seu coração inflando de amor e alívio. As palavras de Gabriel não pareciam as de um homem insatisfeito ou frustrado. Quaisquer que fossem suas aflições, Gabriel não parecia compartilhar delas.

Ele estava tomando sol no futon, sem os óculos, com o peito exposto. Com seu corpo musculoso, de quase 1,90 metro de altura, era como se o próprio Apolo tivesse se dignado a lhe fazer uma visita. Notando sua presença no terraço, ele abriu os olhos e deu um tapinha no próprio colo. Julia se juntou a ele, que a abraçou e beijou apaixonadamente.

– Ora, ora. Olá – murmurou ele, afastando do rosto dela um cacho solto. Ele a analisou

com atenção. – Qual é o problema?

– Nada. Obrigada pelas flores. São lindas.

Ele roçou os lábios nos dela.

– Não tem de quê. Você parece preocupada. É por causa de Paulina?

– Estou chateada por ela ligar para você, mas não é isso. – O rosto de Julia se iluminou.

– Obrigada pelo cartão. Ele diz o que eu precisava desesperadamente ouvir.

– Fico feliz. – Ele a abraçou mais apertado. – O que está incomodando você?

Julia remexeu no cinto do roupão por alguns instantes, até que Gabriel pegou a mão dela. Ela o encarou.

– A noite de ontem foi o que você esperava?

Gabriel expirou com força, surpreso com a pergunta.

– Por que isso?

– Sei que deveria ter sido diferente para você. Eu não fui muito... ativa.

– Ativa? Do que você está falando?

– Não fiz muita coisa para lhe dar prazer. – Ela ficou vermelha.

Ele acariciou sua pele de leve com a ponta de um dedo.

– Você me deu muito prazer. Sei que estava nervosa, mas desfrutei imensamente de tudo. Pertencemos um ao outro agora, em todos os sentidos. O que mais a está perturbando?

– Exigi que trocássemos de posição quando você preferia que eu ficasse por cima.

– Você não exigiu nada, você *pediu*. Para ser sincero, Julianne, eu gostaria de ouvi-la exigir coisas de mim. Quero saber que você me deseja tão loucamente quanto eu a desejo. – A expressão de Gabriel relaxou e ele desenhou círculos em volta dos seios dela. – Você sonhava que nossa primeira vez fosse de uma determinada maneira. Eu quis lhe dar isso, mas estava preocupado. E se você se sentisse desconfortável? E se eu não fosse cuidadoso o suficiente? A noite passada foi uma primeira vez para mim também.

Ele a soltou, serviu café e leite vaporizado de duas jarras separadas numa xícara

para preparar um *latte* e pousou a bandeja de comida na banqueta entre os dois. Havia folhados e frutas, torradas e Nutella, ovos cozidos e queijo, vários *Baci Perugina* que Gabriel havia subornado um funcionário do hotel para que fosse comprar, além do extravagante buquê de lírios do Giardino dell'Iris.

Julia desembrulhou um dos *Baci* e o comeu, fechando os olhos de prazer.

– Você pediu um banquete – comentou.

– Acordei faminto hoje. Teria esperado você, mas... – Ele balançou a cabeça enquanto pegava uma uva e a encarava com um olhar faiscante. – Abra a boca.

Julia obedeceu e ele pôs delicadamente a uva, correndo o dedo de forma tentadora por seu lábio inferior.

– Você precisa beber isto, por favor.

Ele lhe entregou uma taça de suco de cranberry com água tônica.

Ela revirou os olhos.

– Você é superprotetor.

Ele balançou a cabeça.

– É assim que um homem se comporta quando está apaixonado e quer que sua amada fique bem-disposta para todo o sexo que planeja fazer com ela.

Ele lhe deu uma piscadela convencida.

– Não vou perguntar como você sabe sobre esse tipo de coisa. Dê isso aqui.

Ela pegou a taça da mão dele e bebeu o suco, os olhos fixos nos de Gabriel, que ria.

– Você é adorável.

Ela lhe mostrou a língua antes de montar um prato de café da manhã.

– Como está se sentindo hoje? – perguntou Gabriel com ar de preocupação.

Ela comeu um pedaço de queijo Fontina.

– Bem.

Ele apertou os lábios com força, como se a resposta dela o desagradasse.

– Fazer amor muda as coisas entre um homem e uma mulher – disse ele, instigando-a.

Ela perdeu a cor na mesma hora.

– Hum... você não está feliz com o que nós fizemos?

– É claro que estou. Quero descobrir se você está. E, pelo que me disse até o momento, estou preocupado que não esteja.

Julia brincou com o tecido do seu roupão, evitando o olhar perscrutador de Gabriel.

– Quando eu estava na faculdade, as garotas que moravam no meu andar costumavam

se juntar para falar dos namorados. Uma noite, contaram histórias sobre a primeira vez delas. – Ela mordiscou a ponta de um dos seus dedos. – Poucas tinham coisas boas a dizer. A maioria das histórias era terrível. Uma tinha sofrido abuso sexual quando criança. Outras haviam sido forçadas pelo namorado ou pelo cara com quem estavam saindo. Várias disseram que a primeira vez tinha sido desastrosa e decepcionante: um namorado gemendo e terminando rápido demais. Eu pensava que, se isso era o máximo que poderia esperar, seria melhor continuar virgem.

– Que coisa horrível.

Ela ficou olhando fixamente para a bandeja de café.

– Eu queria ser amada. Decidi que seria melhor ter uma relação casta, afetuosa e intelectual, por meio de cartas, do que um relacionamento sexual. Tinha minhas dúvidas se algum dia encontraria alguém capaz de me dar as duas coisas. Simon certamente não me amava. E, agora que estou numa relação com um deus do sexo, não posso lhe oferecer nada parecido com o prazer que ele me dá.

Gabriel arqueou as sobrancelhas.

– Deus do sexo? Não é a primeira vez que você diz isso, mas, acredite, não sou...

Ela o interrompeu, olhando bem fundo nos seus olhos:

– Por favor, me ensine. Tenho certeza de que a noite de ontem não foi tão, hum...

satisfatória quanto costuma ser para você, mas prometo que, se tiver paciência comigo, irei melhorar.

Ele praguejou disfarçadamente.

– Venha cá.

Gabriel a puxou, fazendo-a contornar a bandeja, e tornou a sentá-la em seu colo, envolvendo-a com os braços. Ficou calado por alguns instantes antes de suspirar com força.

– Você acha que as minhas relações anteriores foram totalmente satisfatórias, mas está enganada. Você me deu algo que eu nunca tive: amor e sexo juntos. Foi minha única amante no verdadeiro sentido da palavra.

Ele a beijou com carinho, como se confirmasse de forma solene o que dizia.

– A expectativa e os encantos de uma mulher são cruciais para a experiência. Posso dizer sem medo que nunca tive nada parecido com os seus encantos e nunca experimentei tamanha expectativa. Acrescente a isso a experiência de fazer amor pela primeira vez... Faltam-me palavras.

Ela assentiu, mas algo no seu gesto o inquietou.

– Juro que não estou bajulando você. – Ele fez uma pausa, como se ponderasse bem o que diria em seguida. – Sob o risco de parecer um Neandertal, talvez eu deva lhe dizer que sua inocência é extremamente erótica. A ideia de que eu possa ser o homem que irá lhe ensinar sobre sexo... de que alguém tão recatada seja também tão passional... – Ele deixou a frase no ar, encarando-a com um olhar intenso. – Você poderia se tornar mais habilidosa na arte do amor se aprendesse novos truques e novas posições, mas não pode se tornar mais atraente ou mais sexualmente satisfatória. Não para mim.

Julia se inclinou para a frente e o beijou.

– Obrigada por cuidar tão bem de mim ontem à noite – sussurrou ela, corando.

– Quanto a Paulina, deixe que eu me preocupe com ela. Por favor, esqueça que ela existe.

Julia voltou sua atenção para o seu café da manhã intocado, resistindo ao impulso de discutir com ele.

– Não quer me contar sobre a sua primeira vez?

– Acho melhor não.

Ela se ocupou com um folhado enquanto tentava pensar num assunto mais seguro. As agruras financeiras da Europa logo lhe vieram à mente.

Ele esfregou os olhos com as mãos, cobrindo-os por alguns instantes. Sabia que seria muito fácil mentir, mas, depois de tudo o que Julia lhe dera, ela merecia conhecer seus segredos.

– Você se lembra de Jamie Roberts?

– Claro.

Gabriel baixou as mãos.

– Foi com ela que perdi a virgindade.

Julia arqueou as sobrancelhas. Jamais gostara de Jamie e de sua mãe controladora, que nunca tinham sido muito simpáticas com ela. Nem imaginava que a agente Roberts, que tinha investigado a agressão de Simon contra ela um mês antes, pudesse ter sido a primeira mulher de Gabriel.

– Não foi a melhor experiência do mundo – falou ele, baixinho. – Na verdade, diria que foi até traumatizante. Eu não a amava. Havia certa atração, é claro, mas nenhum afeto verdadeiro. Nós estudamos juntos no ensino médio. Um belo dia, ela se sentou do meu lado na aula de história. – Gabriel deu de ombros. – Começamos a flertar e a dar uns

amassos depois da escola e, com o passar do tempo... – Gabriel fez uma pausa antes de prosseguir: – Jamie era virgem, mas mentiu sobre isso. Não fui nada cuidadoso com ela.

Fui egoísta e estúpido. – Ele praguejou. – Ela disse que não tinha machucado muito, mas vi sangue depois. Fiquei me sentindo um animal e me arrependi para sempre do que havia acontecido. – Gabriel se encolheu e Julia sentiu a culpa irradiar do seu corpo. Sua descrição dos fatos quase lhe embrulhou o estômago, mas também explicava muita coisa.

– Que terrível. Sinto muito. – Ela apertou sua mão. – É por isso que estava tão preocupado ontem à noite?

Ele assentiu.

– Ela enganou você – disse Julia.

– Meu comportamento foi indesculpável, mesmo depois. – Ele pigarreou. – Ela achou que tivéssemos um relacionamento, mas eu não estava interessado. O que só piorou as coisas, é claro. Eu evoluí de um simples animal para um animal *babaca*. Fazia anos que eu não falava com ela. Quando a encontrei, no Dia de Ação de Graças, pedi que me perdoasse. Ela foi extremamente gentil. Sempre me senti culpado por tê-la tratado mal.

Mantive distância de virgens desde então. – Ele engoliu em seco. – Até ontem à noite.

Primeiras vezes deveriam ser doces, mas quase nunca são. Enquanto você estava preocupada em me dar prazer, eu estava preocupado em lhe dar prazer também. Talvez tenha sido cauteloso demais, superprotetor, mas nunca me perdoaria se machucasse você.

Julia deixou o café da manhã de lado e acariciou o rosto dele.

– Você foi muito gentil e generoso. Nunca senti tanta alegria na vida, e isso porque você me amou não apenas com o seu corpo. Obrigada.

Como se quisesse provar que ela estava certa, Gabriel a beijou com intensidade. Julia gemeu quando as mãos dele se emaranharam em seus cabelos. Ela passou os braços em volta do pescoço dele. Gabriel deslizou as mãos entre seus corpos

até a parte da frente do roupão dela, abrindo-o com hesitação. Ele ergueu a cabeça, uma pergunta em seus olhos.

Ela assentiu.

Ele começou a beijar de leve seu pescoço e subiu para puxar o lóbulo da sua orelha com a boca.

– Como está se sentindo?

– Ótima – sussurrou ela enquanto os lábios de Gabriel deslizavam por seu pescoço.

Ele se moveu para que pudesse ver o rosto dela, deslizando uma das mãos até descansar

sobre a parte de baixo do seu abdome.

– Está doendo?

– Um pouco.

– Então é melhor esperarmos.

– Não!

Ele riu, seus lábios se abrindo no sorriso sedutor característico.

– Ontem à noite você estava falando sério quando disse que queria fazer amor aqui fora?

Ela estremeceu diante da maneira como a voz dele a incendiava, mas retribuiu o sorriso, enroscando os dedos pelos seus cabelos e puxando-o para mais perto. Gabriel abriu o roupão dela e começou a explorar suas curvas com as duas mãos antes de descer a boca para beijar seus seios.

– Você ficou tímida comigo hoje de manhã. – Ele plantou um beijo reverente na altura do coração dela. – O que mudou?

Julia esfregou o rosto na pequena covinha no queixo dele.

– Acho que sempre vou ficar um pouco encabulada por estar nua. Mas quero você.

Quero que olhe nos meus olhos e diga que me ama enquanto se move dentro de mim.

Vou me lembrar disso até o dia em que eu morrer.

– Eu não vou deixá-la esquecer – sussurrou ele.

Ele a despiu e a deitou de costas.

– Está com frio?

– Não nos seus braços – sussurrou ela, sorrindo. – Não prefere que eu fique em cima?

Gostaria de experimentar.

Ele arrancou seu próprio roupão e a cueca samba-canção e cobriu o corpo de Julia com o seu, pousando as mãos em suas faces.

– Alguém lá fora poderia ver você, querida. E isso seria inaceitável. Só eu posso ver este corpo lindo. Embora os vizinhos e passantes talvez consigam *ouvi-la*... pela próxima hora, mais ou menos... – Ele deu uma risadinha, enquanto ela respirava fundo, um tremor de prazer descendo até os dedos dos seus pés.

Ele a beijou, afastando os cabelos do seu rosto.

– Meu objetivo é ver quantas vezes consigo satisfazê-la antes de não poder mais me

◆◆◆

conter.

Ela sorriu.

– Isso me parece muito bom.

– Também acho. Então, deixe-me ouvir você.

O céu azul ruborizou-se diante de tamanha paixão, enquanto, lá no alto, o sol florentino sorria, aquecendo os amantes apesar da brisa suave. Ao lado deles, o café com leite de Julia ficou frio e aborrecido por ter sido tratado com tamanho desdém.

Após um breve cochilo, Julia pegou o MacBook de Gabriel emprestado a fim de enviar um e-mail para o pai. Havia duas mensagens importantes na sua caixa de entrada. A primeira era de Rachel.

Jules!

Tudo bem? Meu irmão está se comportando? Você já dormiu com ele? Sim, essa é uma pergunta TOTALMENTE indiscreta, mas a verdade é que, se estivesse saindo com qualquer outra pessoa, você me contaria.

Não vou lhe dar nenhum conselho. Estou tentando não pensar muito no assunto. Só me diga que está feliz e que ele a trata bem.

Aaron está mandando um abraço.

Bjs,

Rachel.

P.S.: Scott está de namorada nova. Ele tem feito muito segredo, então não sei há quanto tempo eles estão juntos. Vivo enchendo o saco dele para me apresentar a garota, mas ele se recusa.

Talvez ela seja professora.

Julia deu uma risadinha, feliz por Gabriel estar no banho e não lendo por cima de seu ombro. Ele ficaria incomodado ao ver a irmã fazendo perguntas tão pessoais. Ela pensou por alguns instantes antes de começar a digitar a resposta.

Oi, Rachel.

O hotel é lindo. Gabriel tem sido um doce. Ele me deu os brincos de diamantes da sua mãe.

Você sabia disso?

Estou me sentindo culpada, então, se isso incomodar você de alguma forma, por favor, me avise.

Quanto à sua outra pergunta, sim. Gabriel me trata muito bem e estou MUITO feliz.

Dê um abraço em Aaron por mim. Espero ansiosamente pelo Natal.

Bjs,

Julia.

P.S.: Espero que a namorada de Scott seja mesmo professora. Gabriel vai encher o saco dele.

O segundo e-mail era de Paul. Dava para ver que ele estava sofrendo por Julia, mas também se sentia grato pelo fato de os dois continuarem amigos. Ele preferiria guardar seus sentimentos a perdê-la por completo. E tinha que admitir que, desde que começara a namorar esse tal de Owen, sua pele estava incrível.

(Não que ele fosse comentar isso, claro.)

Oi, Julia.

Desculpe não ter conseguido me despedir antes de você ir para casa. Espero que tenha um bom Natal. Tenho um presente para você. Pode me dar seu endereço na Pensilvânia para eu enviá-lo?

Estou de volta à fazenda, tentando encontrar tempo para trabalhar na minha tese em meio a reuniões cheias de parentes e às tarefas para ajudar meu pai, que me obrigam a acordar muito cedo. Digo apenas que a minha rotina diária envolve bastante esterco...

Posso levar algo de Vermont para você?

Uma Holstein, talvez?

Feliz Natal,

Paul.

P.S.: Soube que Emerson aceitou a proposta de tese de Christa Peterson?

Parece que o Natal é mesmo uma época de milagres.

Julia ficou olhando para a tela do computador, lendo e relendo o P.S. de Paul. Não sabia bem como interpretá-lo. Talvez, pensou, Gabriel tivesse aceitado a proposta de Christa porque ela o ameaçou.

Julia não queria trazer à tona um assunto tão desagradável durante as férias deles, mas aquela notícia a perturbou. Ela escreveu uma breve resposta para Paul, dando-lhe seu endereço. Em seguida mandou um e-mail para o pai, dizendo-lhe que Gabriel a estava tratando como se fosse uma princesa. Depois fechou o laptop e suspirou.

Ouviu a voz de Gabriel atrás de si:

– Isso não me parece uma Julianne feliz.

– Acho que vou ignorar minha caixa de e-mails até o fim da viagem.

– Boa ideia.

Julia se virou e o viu parado diante dela, ainda molhado, com o cabelo despenteado e uma toalha branca enrolada nos quadris.

– Você é lindo – disse ela sem pensar.

Gabriel riu e a puxou, fazendo com que ela se levantasse, para abraçá-la.

– Você tem uma queda por homens de toalha, Srta. Mitchell?

– Talvez por um homem em especial.

– Você está bem? – Ele ergueu as sobrancelhas, ansioso, com uma expressão voraz no rosto.

– Estou sentindo um pouco de desconforto, mas valeu a pena.

Ele estreitou os olhos.

– Precisa me avisar quando eu estiver machucando você, Julianne. Não esconda

as coisas de mim.

Ela revirou os olhos.

– Gabriel, você não me *machucou.* É só um pequeno desconforto. Nem notei *durante*, porque tinha outras coisas na cabeça: *várias* coisas. Você me distraiu, e muito.

Ele sorriu e beijou ruidosamente seu pescoço.

– Você precisa começar a me deixar distrair você no chuveiro. Estou cansado de tomar banho sozinho.

– Parece uma ótima ideia. E você, como está?

Ele fingiu pensar na pergunta.

– Deixe-me ver, sexo quente e barulhento com minha amada entre quatro paredes e *ao ar livre*... É, eu diria que estou ótimo.

Gabriel lhe deu um abraço apertado e o tecido de algodão da blusa de Julia absorveu algumas das gotas na pele dele.

– Prometo que não vai ser sempre desconfortável. Com o tempo, seu corpo vai passar a me reconhecer.

– Ele já reconhece. E sente sua falta – sussurrou ela.

Gabriel afastou a parte de cima do roupão dela e beijou seu ombro. Depois de abraçá-la com carinho, ele foi até a cama, pegou um frasco de ibuprofeno e o entregou a ela.

– Tenho que ir até a Galleria degli Uffizi para uma reunião, depois vou buscar meu terno novo no alfaiate. – Ele pareceu preocupado. – Você se importa de comprar seu vestido sozinha? Eu iria com você, mas, por causa dessa reunião, não terei muito tempo livre...

– Nem um pouco.

– Se conseguir se arrumar em meia hora, podemos sair juntos.

Julia seguiu Gabriel até o banheiro. Já havia esquecido qualquer pensamento sobre Christa e Paul.

Depois do banho, ela parou para secar os cabelos diante de uma das pias do banheiro, enquanto Gabriel se barbeava na outra. Ela se surpreendeu olhando para ele, observando-o fazer seus preparativos para se barbear com uma precisão militar. Por fim, desistiu de passar batom e apenas ficou recostada na pia, assistindo.

Ele continuava nu até a cintura, a toalha bem baixa nos quadris. Seus olhos azuis brilhantes, muito concentrados, se estreitavam por trás dos óculos de armação preta e seu cabelo úmido estava penteado de forma impecável.

Julia conteve uma risada diante de sua obsessão pela perfeição. Gabriel usou um pincel com cabo de madeira preto para misturar a espuma de barbear. Depois de espalhar a espuma no rosto, ele usou um barbeador de metal.

(Para certos professores, aparelhos de barbear descartáveis não são bons o suficiente.)

– O que foi? – Ele se virou, notando que Julia o devorava com os olhos.

– Eu te amo.

A expressão no rosto dele ficou mais suave.

– Também te amo, querida.

– Você é a única pessoa que usa a palavra *querida* com tanta frequência.

– Isso não é verdade.

– Não?

– Richard chamava Grace assim – disse Gabriel, lançando-lhe um olhar triste.

– Richard é antiquado, no melhor sentido da palavra. – Ela sorriu. – Adoro o fato de você também ser.

Gabriel bufou e voltou a se barbear.

– Se eu fosse tão antiquado, não teria feito amor com você ao ar livre. E não estaria fantasiando em apresentá-la a algumas das minhas posições favoritas do *Kama sutra*. –

Ele lhe deu uma piscadela. – Mas *sou* um pretensioso de uma figa e tenho um temperamento dos diabos. Você vai ter que me amansar.

– E como devo fazer isso, professor Emerson?

– Nunca me deixe. – Ele baixou o tom de voz e se virou para encará-la.

– Estou mais preocupada em perder você.

Gabriel se inclinou na direção de Julia e beijou sua testa.

– Não tem por que se preocupar.

CAPÍTULO DOIS

Ao sair do quarto, Julia sentia-se nervosa. Gabriel havia providenciado tudo para que ela fizesse compras em sua conta na loja Prada mais próxima. O vestido que escolhera era de tafetá de seda azul Santorini, com gola V e sem mangas. O modelo em A tinha saia plissada e lembrava o tipo de vestido que Grace Kelly usava na década de 1950. Ficava perfeito em Julia.

A gerente da loja havia sugerido alguns acessórios para modernizar o visual e Julia escolheu uma elegante *clutch* de couro e um par de sapatos de verniz de salto agulha e cor de tangerina que achou perigosamente altos. Uma *pashmina* preta completava o conjunto.

Hesitante, ela parou na sala de estar; seu cabelo cacheado estava solto; os olhos, cintilantes, reluzentes. Ela usava os brincos de diamantes e o colar de pérolas que tinham sido de Grace.

Gabriel estava sentado no sofá, fazendo mudanças de última hora em suas anotações para a palestra. Quando a viu, tirou os óculos e se levantou.

– Você está deslumbrante. – Ele beijou seu rosto e a girou para admirá-la. – Gostou do vestido?

– Adorei. Obrigada, Gabriel. Sei que custou uma fortuna.

Ele baixou os olhos para os sapatos de Julia.

– Algum problema? – perguntou ela.

Gabriel pigarreou, mantendo o olhar fixo nos pés dela.

– Hum... seus sapatos... eles são, ah...

– *Bonitos*. Não são? – Ela deu uma risadinha.

– São muito mais que bonitos. – A voz dele ficou embargada.

– Bem, professor Emerson, se eu gostar da sua palestra, talvez continue a usá-los mais tarde...

Gabriel ajeitou a gravata e abriu um sorriso convencido.

– Ah, vou garantir que você goste, Srta. Mitchell. Mesmo que precise repeti-la para você a sós, sob as cobertas.

Ela ficou vermelha e Gabriel a tomou nos braços.

– Temos que ir – falou, dando um beijo em seus cabelos.

– Espere. Tenho um presente para você. – Ela foi ao quarto e voltou com uma pequena caixa com a marca Prada estampada.

Ele pareceu surpreso.

– Não precisava.

– Mas eu quis.

Gabriel sorriu e abriu a tampa com cuidado. Ao afastar o papel de embrulho, encontrou uma gravata de seda azul Santorini com uma estampa discreta.

– Adorei. Obrigado. – Ele deu um beijo no rosto de Julia.

– Combina com o meu vestido.

– Agora todos saberão que pertencemos um ao outro.

Na mesma hora ele tirou a gravata verde, jogou-a na mesinha de centro e começou a amarrar o presente de Julia em volta do pescoço.

O terno era novo, feito sob encomenda pelo seu alfaiate preferido na Itália. Era preto, com uma única fileira de botões e fendas laterais. Julia ficou muito admirada com o terno, porém mais ainda com a figura atraente que o vestia.

Não há nada mais sexy do que ver um homem colocar uma gravata, pensou.

– Posso? – ofereceu-se, ao notar que Gabriel se atrapalhava por não estar diante de um espelho.

Ele assentiu e se inclinou para a frente, colocando as mãos em volta da sua cintura.

Julia endireitou a gravata e ajeitou o colarinho da camisa, correndo as mãos pela manga do paletó até pousá-las sobre as abotoaduras em seus punhos.

Ele a encarou com um olhar curioso.

– Você ajeitou minha gravata no carro quando a levei para jantar no Antonio’s.

– Eu me lembro.

– Não há nada mais sexy do que ver a mulher que você ama ajeitando sua gravata. –

Ele pegou as mãos dela. – Nós passamos por muitas coisas desde aquela primeira noite.

Ela ficou na ponta dos pés para beijá-lo, tomando o cuidado de não borrá-lo com o batom.

Gabriel levou os lábios à orelha dela.

– Não sei como vou manter os homens longe de você esta noite. Fique perto de mim o tempo todo.

Julia deu um gritinho quando ele a envolveu com os braços, erguendo-a para lhe

dar um beijo de verdade. Isso a obrigou a retocar o batom e, antes de sair, os dois tiveram que conferir a aparência no espelho.

Gabriel segurou a mão de Julia durante a breve caminhada até a Galleria degli Uffizi e enquanto eram conduzidos ao segundo piso por um senhor um tanto atarracado, que usava uma gravata-borboleta de lã escocesa. Ele se apresentou como Lorenzo, assistente pessoal do *dottore* Vitali.

– *Professore,* sinto muito, mas preciso que o senhor me acompanhe. – Lorenzo correu os olhos de Gabriel para Julia, detendo-se em suas mãos entrelaçadas.

Gabriel a apertou mais.

– É por causa do, como se diz?... na tela? PowerPoint? – explicou Lorenzo, gesticulando para o salão atrás deles, onde os convidados já se reuniam.

– A Srta. Mitchell tem um lugar reservado – disse Gabriel em tom incisivo, irritado por Lorenzo a estar ignorando.

– Sim, *professore*. Eu acompanharei a sua *fidanzata* pessoalmente. – Lorenzo fez um gesto respeitoso com a cabeça na direção de Julia.

Ela abriu a boca para corrigir Lorenzo quanto àquele título, mas Gabriel beijou sua mão e em seguida murmurou uma promessa, roçando os lábios em sua pele. Então ele foi embora e Julia foi conduzida até o seu lugar de honra na primeira fila.

Ela olhou ao redor e notou a presença do que pareciam ser membros dos *glitterati* de Florença, a elite da cidade, socializando com acadêmicos e dignitários locais. Julia correu as mãos pela saia do vestido, deliciando-se com o farfalhar do tecido sob seus dedos. Considerando a aparência dos demais convidados e a presença de um bando de fotógrafos, ficou feliz por estar bem-vestida. Não queria constranger Gabriel numa ocasião tão importante.

A palestra seria dada no Salão Botticelli, que era dedicado às obras mais ilustres do artista. O púlpito havia sido colocado entre *O nascimento de Vênus* e a *Madona da romã,* enquanto o quadro *A primavera* podia ser visto à direita da plateia. As obras na parede esquerda tinham sido retiradas para dar lugar a uma tela grande, na qual a apresentação de Gabriel seria projetada.

Ela sabia quanto era incomum que houvesse uma palestra em um lugar tão especial e, em silêncio, fez uma prece de agradecimento por aquela incrível bênção. Ela havia

cursado o último ano de faculdade em Florença e costumava ir ao Salão Botticelli pelo menos uma vez por semana, às vezes mais. Achava sua obra ao mesmo tempo reconfortante e inspiradora. Como uma universitária americana tímida, jamais teria imaginado que, dois anos depois, voltaria àquele salão como acompanhante de um especialista em Dante mundialmente renomado. Sentia-se como se tivesse ganhado mil vezes na loteria.

Mais de cem pessoas lotavam o recinto e algumas tiveram que ficar de pé no fundo do salão. Julia observou Gabriel ser apresentado a vários convidados que aparentavam ser importantes. Ele era um homem muito atraente, alto, de uma beleza rústica. Ela admirava especialmente os seus óculos e a maneira como seu terno escuro e elegante lhe caía com perfeição.

Quando algumas pessoas se puseram entre os dois, bloqueando o campo de visão de Julia, ela se concentrou na voz de Gabriel. Ele conversava com cordialidade, alternando sem hesitação italiano, francês e alemão.

(Ele era sexy até falando alemão.)

Ela ficou excitada ao se lembrar de como Gabriel era por baixo do terno, seu corpo nu sobre o dela. Julia se perguntou se ele também teria esse tipo de pensamento quando a olhava. Ainda perdida em suas reflexões, seus olhares se cruzaram e Gabriel piscou para ela. Essa breve demonstração de bom humor fez a mente de Julia retornar àquela manhã, quando os dois estavam no terraço, e um tremor de prazer percorreu sua espinha de alto a baixo.

Gabriel permaneceu sentado enquanto o *dottore* Vitali o apresentava, relatando de forma minuciosa, ao longo de nada menos do que quinze minutos, as façanhas do professor. Para o observador casual, Gabriel parecia relaxado, quase entediado. A única coisa que entregava seu nervosismo era o fato de ele ficar remexendo, sem perceber, as anotações que fizera para a palestra – e que não passavam de um roteiro para as observações que ele já sabia de cor. Gabriel tinha feito mudanças de última hora em seu texto. Não poderia falar de musas, amor e beleza sem fazer menção ao anjo de olhos castanhos que havia se entregado bravamente a ele na noite anterior. Desde que ela tinha apenas 17 anos

vinha sendo sua inspiração. Sua beleza discreta e generosidade haviam tocado o coração dele. Gabriel guardara sua imagem como um talismã contra os demônios sombrios do vício. Ela era tudo para Gabriel e Deus era testemunha de que ele estava prestes a declarar isso em público.

Depois de muitos louvores e aplausos, ele assumiu sua posição atrás do púlpito e se dirigiu à plateia em italiano fluente:

– Minha palestra esta noite será um tanto incomum. Embora eu não seja historiador da

arte, falarei sobre a musa de Sandro Botticelli, *La Bella Simonetta*. – Neste instante, os olhos dele buscaram os de Julia.

Ela sorriu, tentando conter o rubor que ameaçava se espalhar pelas suas faces.

Conhecia a história de Botticelli e Simonetta Vespucci. Simonetta era chamada de *A Rainha da Beleza* na corte de Florença, antes de morrer à tenra idade de 22 anos. O fato de Gabriel compará-la a Simonetta era um elogio e tanto.

– Abordarei esse tópico polêmico como professor de literatura, analisando a obra de Botticelli como uma representação de vários arquétipos femininos. Historicamente falando, há muitas controvérsias quanto ao grau de intimidade entre Simonetta e Botticelli e até que ponto ela de fato inspirou sua obra. Espero conseguir contornar algumas dessas divergências para que vocês possam se concentrar numa comparação visual direta de algumas imagens. Começarei com três slides nos quais vocês reconhecerão ilustrações a bico de pena de Dante e Beatriz no Paraíso.

Gabriel não pôde deixar de admirar ele próprio as imagens, pois se viu transportado de volta ao dia em que recebera Julianne em sua casa pela primeira vez. Foi naquela noite que percebeu quanto queria lhe dar prazer e como ela ficava bonita quando estava feliz.

Enquanto observava a serenidade da expressão de Beatriz, comparava o semblante dela ao de Julia – seu lindo perfil compenetrado admirando o desenho de Botticelli. Gabriel queria fazê-la olhar para ele.

– Notem o rosto de Beatriz. – Sua voz ficou mais suave quando seus olhos encontraram os de sua amada. – Um rosto de extraordinária beleza...

Comecemos com a musa de Dante e com a figura de Beatriz. Embora ela dispense apresentações, permitam-me observar que Beatriz representa o amor cortês, a inspiração poética, a fé, a esperança e a caridade. Ela é o ideal de perfeição feminina: ao mesmo tempo inteligente e compassiva, repleta do tipo de amor altruísta que só pode vir de Deus. Ela inspira Dante a ser um homem melhor.

Gabriel se interrompeu por alguns instantes e remexeu na gravata. Ela não precisava ser ajeitada, mas ainda assim os dedos dele se demoraram sobre a seda azul. Diante daquele gesto, Julia deu uma piscadela e Gabriel soube que ela havia entendido.

– Agora observem o rosto da deusa Vênus.

Todos os olhos no salão, exceto os de Gabriel, se voltaram para *O nascimento de Vênus*. Ele consultou avidamente suas anotações enquanto a plateia admirava uma das mais ilustres obras de Botticelli.

– Vênus parece ter o rosto de Beatriz. Mais uma vez, não estou interessado em uma análise histórica das modelos dos quadros. Peço apenas que notem as semelhanças entre

as duas figuras. Elas representam duas musas, dois tipos ideais, um teológico e outro secular. Beatriz é a amante da alma; Vênus é a amante do corpo. *La Bella* de Botticelli possui ambos os rostos: o do amor sacrifical, ou *ágape*, e o do amor sensual, ou *eros*.

A voz dele ficou mais grave e, ao ouvi-la, Julia sentiu sua pele se aquecer.

– Na representação de Vênus, a ênfase está em sua beleza física. Embora represente o amor sexual, ela se mantém recatada, cobrindo-se com os cabelos. Percebam a expressão tímida e a mão posicionada sobre o peito. Sua timidez aumenta o erotismo do retrato, em vez de diminuí-lo. – Ele tirou os óculos para acrescentar um efeito dramático às suas palavras e fixou o olhar em Julia. – Muitos não conseguem ver quanto o recato e a delicadeza podem intensificar o apelo erótico.

Julia brincou com o zíper da bolsa, resistindo ao impulso de se remexer na cadeira.

Gabriel tornou a pôr os óculos.

– *Eros* não é sinônimo de luxúria. A luxúria é um dos sete pecados capitais. O amor erótico pode incluir sexo, mas não se limita a ele. *Eros* é o fogo voraz da paixão e do afeto que se expressa na emoção de *estar-se apaixonado*. E posso garantir que ele supera todos os rivais.

Julia não pôde deixar de notar a maneira desdenhosa como ele pronunciou a palavra *rivais*, fazendo um gesto com a mão para dar ênfase. Era como se estivesse descartando todas as suas amantes anteriores com um só movimento, enquanto mantinha os olhos azuis fixos nela.

– Qualquer um que já tenha se apaixonado sabe a diferença entre *eros* e luxúria. Não há comparação. Esta é a sombra vazia e insatisfatória daquele. É claro que se pode contra-argumentar que nenhuma pessoa, nenhuma mulher, seria capaz de representar tanto o ideal do ágape quanto o do *eros*. Perdoem-me, mas acho que esse ceticismo é uma forma de misoginia. Apenas um misógino defenderia que mulheres são santas ou sedutoras, virgens ou prostitutas. É claro que uma mulher, ou um homem, pode ser ambos: a musa pode ser a amante *tanto* do corpo *quanto* da alma.

Ele fez uma breve pausa.

– Agora vejamos a pintura que está atrás de mim, intitulada *Madona da romã*.

A plateia voltou o olhar para o outro quadro de Botticelli. Satisfeito, Gabriel notou a maneira como Julia tocou um de seus brincos de diamantes, como se tivesse compreendido suas revelações e as aceitasse de bom grado. Como se entendesse que ele estava revelando seu amor por ela por meio da arte. Seu coração inflou no peito.

– Aqui também vemos o mesmo rosto repetido na figura da Madona. Beatriz, Vênus e

Maria: a trindade das mulheres ideais, todas com o mesmo rosto. Ágape, *eros* e castidade, uma combinação inebriante capaz de pôr de joelhos até o mais forte dos homens, se ele tivesse a sorte de encontrar alguém que manifestasse essas três facetas.

Ouviu-se uma tosse suspeita, como se tentasse disfarçar um comentário

sarcástico.

Irritado com a interrupção, Gabriel fez uma careta para um ponto da segunda fileira, por sobre o ombro de Julia. A tosse se repetiu, com um efeito mais dramático, e dois pares de olhos se enfrentaram num duelo carregado de testosterona entre o professor e um italiano claramente incomodado.

Consciente de que usava um microfone, Gabriel resistiu à tentação de praguejar e, fuzilando seu desafiante com os olhos, prosseguiu:

– Há quem defenda que foi uma romã, e não uma maçã, que tentou Eva no Jardim do Éden. No caso do quadro de Botticelli, muitos disseram que a romã simboliza o sangue de Cristo em seu sofrimento e em sua subsequente vida nova por meio da ressurreição.

Na minha interpretação, a romã representa o fruto edênico, a Madona é uma segunda Eva, e Cristo, um segundo Adão. Com essa Madona, Botticelli remonta à primeira Eva, o arquétipo da feminilidade, beleza e companhia feminina. Mais do que isso, afirmo que Eva também é o ideal de amizade feminina, a *amiga* de Adão, sendo, portanto, o ideal de *philia*, o amor que nasce da amizade. A amizade entre Maria e José também revela esse ideal.

A voz de Gabriel falhou e ele precisou tomar um pouco de água antes de continuar.

Algo na comparação entre Julia e Eva fez com que ele se sentisse vulnerável, nu, levando-o de volta à noite em que lhe oferecera uma maçã e a mantivera em seus braços, sob as estrelas.

Um burburinho começou a se espalhar pela plateia, que se perguntava por que uma pausa para um copo d’água havia se tornado uma interrupção tão longa. Gabriel enrubesceu ao erguer os olhos para fitar novamente sua amada, desesperado pela sua compreensão.

Os lábios de Julia, da cor de um rubi, se abriram em um sorriso encorajador. Gabriel suspirou.

– A musa de Botticelli é uma santa, amante e amiga, não uma representação unidimensional de uma mulher ou uma fantasia adolescente. Ela é real, complexa e infinitamente fascinante. Uma mulher a ser adorada. Como vocês

sabem, a precisão da língua grega nos permite falar de forma mais clara sobre os diferentes tipos de amor. Se estiverem interessados, poderão encontrar uma abordagem moderna dessa discussão no livro *Os quatro amores*, de C. S. Lewis.

Ele pigarreou e abriu um sorriso triunfante para o salão.

– Por fim, observemos a pintura à minha esquerda, *A primavera*. Era de se esperar que o rosto da musa de Botticelli estivesse refletido na figura central do quadro. Mas vejam o rosto de Flora, à direita. Ela guarda uma semelhança com a Madona, Vênus e Beatriz. O

mais surpreendente, no entanto, é que Flora aparece duas vezes na pintura. Se olharmos do centro do quadro para a direita, podemos vê-la grávida do filho de Zéfiro. Zéfiro está na extremidade direita, pairando entre as laranjeiras com uma segunda representação de Flora, como uma ninfa virgem. A expressão dela é marcada pelo medo. Ela foge dos braços de seu futuro amante, olhando para trás, apavorada. Quando aparece grávida, porém, seu semblante é sereno. O medo é substituído pelo contentamento.

Julia ruborizou-se ao se lembrar de como Gabriel tinha sido gentil com ela na noite anterior. Ele a havia tratado com ternura e carinho e, nos seus braços, ela se sentira venerada. Estremeceu ao pensar no mito de Flora e Zéfiro, desejando que todos os amantes fossem tão carinhosos com suas parceiras virgens quanto Gabriel havia sido com ela.

– Flora representa a consumação do amor físico e da maternidade. Ela é o ideal do *storge*, o amor familiar ou companheiro, o tipo de amor que uma mãe sente pelo filho ou que existe entre amantes que têm um compromisso não baseado apenas no sexo e no prazer, mas também no companheirismo conjugal.

Somente Julia notou os nós dos dedos de Gabriel ficarem brancos quando ele agarrou o púlpito com as duas mãos. Só ela percebeu o pequeno tremor em sua voz quando ele pronunciou as palavras *grávida* e *maternidade*.

Ele franziu as sobrancelhas e, recompondo-se, remexeu nos papéis por alguns instantes.

Julia conhecia o motivo de sua vulnerabilidade e precisou lutar contra o impulso de ir até ele e abraçá-lo. Começou a bater com o salto agulha de um de seus sapatos cor de tangerina no chão, ansiosa.

Gabriel notou o movimento repentino dela e engoliu em seco antes de prosseguir:

– Nos primeiros escritos sobre *A primavera*, afirmava-se que Flora se assemelhava a *La Bella Simonetta*, a musa de Botticelli. Se isso for verdade, podemos dizer, com base apenas em uma avaliação visual, que Simonetta serviu também de inspiração para a Madona, Vênus e Beatriz, pois todas compartilham do mesmo rosto. Dessa forma, temos os ícones do *ágape*, do *eros*, da *philia* e do *storge* representados todos num só rosto, numa só mulher: Simonetta. Em outras palavras, poderíamos sugerir que Botticelli vê em sua musa todos os quatro tipos de amor e todos os quatro ideais de feminilidade: santa, amante, amiga e esposa. No fim das contas, contudo, devo voltar para onde comecei, com Beatriz. Não é coincidência que a inspiração por trás de uma das obras literárias

mais famosas da Itália tenha recebido os traços de Simonetta. Diante de tamanha beleza, de tamanha bondade, que homem não iria querê-la ao seu lado não só por uma estação, mas por toda a vida?

Ele correu os olhos pelo salão, sério.

– Nas palavras do poeta: *Eis que surge sua bem-aventurança*. Obrigado.

Quando Gabriel encerrou sua palestra, recebendo aplausos entusiasmados, Julia teve que piscar algumas vezes para conter as lágrimas, tomada pela emoção.

O *dottore* Vitali voltou ao palanque, apresentando seus agradecimentos ao professor Emerson por suas palavras esclarecedoras. Um pequeno grupo de políticos locais lhe ofereceu vários presentes, incluindo um medalhão que representava a cidade de Florença.

Julia continuou em seu lugar pelo máximo de tempo possível, esperando que Gabriel fosse até ela. Mas ele estava ocupado demais com muitos dos membros da plateia, entre eles vários historiadores da arte inconvenientes.

(Era uma audácia, se não puro narcisismo, que um reles professor de literatura analisasse as peças mais valiosas da coleção da Galleria degli Uffizi.) Relutante, ela o seguiu enquanto jornalistas o enchiam de perguntas. Julia cruzou olhares com ele, que lhe abriu um sorriso tenso de desculpas antes de posar para fotos.

Frustrada, ela vagou por alguns dos salões contíguos, admirando as obras até

chegar a uma de suas favoritas, *A anunciação*, de Leonardo da Vinci. Estava perto do quadro, perto demais, na verdade, observando os detalhes da peça de mármore, quando uma voz em italiano soou em seu ouvido: – Gosta deste quadro?

Julia levantou a cabeça e encarou um homem de cabelos negros e pele muito bronzeada. Ele era mais alto que ela, mas não muito, e corpulento. Usava um terno preto muito caro, com uma rosa solitária presa à lapela. Julia o reconheceu como um dos convidados que havia se sentado atrás dela durante a palestra.

– Sim, muito – respondeu ela em italiano.

– Sempre admirei a profundidade que Da Vinci imprimia a suas pinturas, especialmente o sombreamento e os detalhes na peça de mármore.

Ela sorriu e se voltou para o quadro.

– Era exatamente isso que eu estava analisando. E também as penas nas asas do anjo.

São incríveis.

O cavalheiro fez uma mesura.

– Por favor, permita que eu me apresente. Sou Giuseppe Pacciani.

Julia hesitou, reconhecendo o sobrenome. Era o mesmo do suspeito de ser o mais famoso serial killer de Florença.

O homem parecia esperar que ela respondesse a sua apresentação, por isso Julia conteve o impulso de sair correndo.

– Julia Mitchell. – Ela estendeu a mão num gesto cortês, mas ele a surpreendeu ao agarrá-la pelos braços e aproximá-la de seus lábios, erguendo os olhos em sua direção enquanto a beijava no rosto.

– Encantado. E, se me permite, devo dizer que sua beleza rivaliza com a de *La Bella Simonetta*. Especialmente à luz da palestra dessa noite.

Julia desviou o olhar e recolheu a mão depressa.

– Permita-me lhe oferecer uma bebida.

Ele se apressou em chamar um garçom e pegou duas taças de espumante da bandeja.

Bateu as taças uma na outra e fez um brinde à saúde deles.

Julia bebericou o espumante Ferrari, agradecida, pois aquilo serviu para distraí-la do olhar intenso do homem. Ele era charmoso, mas ela estava desconfiada e não era só por causa do seu sobrenome.

Ele abriu um sorriso voraz.

– Sou professor universitário. Literatura. E você?

– Eu estudo Dante.

– Ah, *il Poeta*. Também sou especialista em Dante. Onde você estuda? Não é aqui. –

Os olhos dele se desviaram do rosto de Julia e percorreram o corpo dela até os seus pés, antes de voltarem a encará-la.

Ela deu um passo largo para trás.

– Na Universidade de Toronto.

– Ah! Uma canadense. Uma ex-aluna minha está estudando lá. Talvez vocês se conheçam. – Ele se aproximou um passo.

Julia decidiu não corrigi-lo quanto a sua nacionalidade e tornou a recuar.

– Acho que não. A Universidade de Toronto é enorme.

Giuseppe sorriu, mostrando dentes muito retos e brancos que emitiam um brilho estranho sob a luz do museu.

– Já viu o quadro *Perseu libertando Andrômeda*, de Piero di Cosimo? – Ele apontou uma das pinturas do salão.

Julia assentiu.

– Já.

– Há elementos da pintura flamenga na obra dele, percebe? Observe também as figuras paradas na multidão. – Ele gesticulou para um grupo reunido no canto direito do quadro.

Julia deu um passo para o lado a fim de enxergar melhor. Giuseppe parou atrás dela, muito mais perto do que devia, observando-a analisar a pintura.

– Gosta?

– Sim, mas prefiro Botticelli – respondeu ela, teimando em manter os olhos no quadro, na esperança de que ele se cansasse de ficar perto dela e se afastasse.

(De preferência para a outra margem do Arno.)

– Você é aluna do professor Emerson?

Julia engoliu em seco.

– Não. Eu... estudo com outra pessoa.

– Ele é considerado bom para os padrões americanos, o que explica por que foi convidado para discursar aqui. Mas a palestra dele foi constrangedora. Como você descobriu Dante?

Julia estava prestes a discutir com Giuseppe sobre sua opinião a respeito da palestra quando ele estendeu a mão para tocar seus cabelos.

Ela se encolheu e recuou, mas os braços dele eram longos e sua mão a seguiu. Ela abriu a boca para censurá-lo quando alguém bufou perto dos dois.

Giuseppe e Julia se viraram devagar e depararam com Gabriel, seus olhos cor de safira faiscando, as mãos na cintura, inflando seu paletó aberto como as plumas de um pavão furioso.

Ele deu um passo ameaçador à frente.

– Vejo que já conheceu minha *fidanzata*. Sugiro que mantenha suas mãos sob controle, a menos que queira perdê-las.

Giuseppe fez uma careta antes de sua expressão se abrandar num sorriso educado.

– Estamos conversando já há alguns minutos. Ela nem mencionou o seu nome.

Para que Gabriel não tivesse chance de arrancar os braços de Giuseppe, sujando de

sangue o piso impecável da Galleria, Julia se colocou entre os dois e pousou a mão no peito dele.

– Gabriel, este é o professor Pacciani. Ele também é especialista em Dante.

Os dois homens trocaram olhares e Julia percebeu que Pacciani era o homem que havia interrompido de modo grosseiro a palestra de Gabriel, murmurando e tossindo.

Ele ergueu as mãos, fingindo se render.

– Mil perdões. Eu deveria ter percebido que ela era sua pelo modo como você a olhava durante a sua... palestra. Perdão, *Simonetta*. – Pacciani a encarou e manteve os olhos fixos nos dela, sua boca se entreabrindo num sorriso irônico.

Ao som do sarcasmo de Pacciani, Gabriel se aproximou um passo, os punhos cerrados.

– Querido, preciso encontrar um lugar para deixar minha taça. – Julia balançou a taça de espumante vazia, na esperança de que isso distraísse Gabriel.

Ele pegou a taça e a entregou a Pacciani.

– Tenho certeza de que você sabe o que fazer com isso.

Puxando Julia pela mão, ele a arrastou para longe dali. Conforme os dois atravessavam o Salão Botticelli, os convidados se separavam, como o mar Vermelho.

Julia viu cada um dos presentes olhar para eles e foi ficando mais e mais vermelha.

– Para onde estamos indo?

Ele a conduziu rumo ao corredor ladrilhado contíguo e começou a percorrê-lo, afastando-se o máximo possível dos ouvidos dos demais convidados. Empurrando-a para um canto escuro, ele a posicionou entre duas grandes estátuas de mármore sobre seus pedestais. Ela parecia minúscula entre as formas imponentes.

Gabriel pegou a bolsa dela e a jogou de lado. O som do couro se chocando ao chão ecoou pelo corredor.

– O que você estava fazendo com ele? – Os olhos de Gabriel faiscavam e suas faces estavam avermelhadas, o que era raro de acontecer.

– Só estávamos conversando até que ele...

Gabriel a puxou para um beijo tórrido, enfiando uma das mãos nos cabelos dela enquanto a outra deslizava pelo seu vestido. Empurrou-a com o corpo até ela sentir a parede fria da galeria contra a pele nua de suas costas.

– Nunca mais quero ver outro homem pôr as mãos em você.

Ele forçou a língua na boca de Julia, obrigando-a a abrir os lábios, enquanto deslizava a mão pela curva de suas nádegas, massageando a carne com os dedos.

Na mesma hora Julia percebeu que ele havia sido cuidadoso todas as vezes em que a tocara. Mas não agora. Parte dela estava em chamas, desesperada por recebê-lo. Outra parte se perguntava o que ele faria se ela o mandasse parar...

Gabriel levantou a perna esquerda de Julia, apertando a coxa dela contra seu próprio quadril.

Ela o sentiu através do tecido do vestido, ouvindo o tafetá de seda farfalhar, como se fosse o sussurro de uma mulher ofegante. O vestido sem dúvida queria mais.

– O que preciso fazer para torná-la minha? – rosnou ele, a boca colada na dela.

– Eu *sou* sua.

– Não esta noite, ao que parece. – Gabriel sugou o lábio inferior dela para dentro da boca, mordiscando-o de leve. – Não entendeu minha palestra? Cada palavra, cada pintura foi para você.

Sua mão subiu pela saia do vestido de Julia, percorrendo sua coxa até chegar à tira de pano que se estendia em volta do quadril dela.

Ele recuou para olhar seu rosto.

– Não está usando cinta-liga hoje?

Ela balançou a cabeça.

– Então o que é isto? – Os dedos dele puxaram a tira muito fina.

– Uma *calcinha* – sussurrou ela.

Os olhos dele brilharam na penumbra.

– *Que tipo de calcinha?*

– Uma tanga.

Gabriel abriu um sorriso perigoso antes de colar os lábios à orelha dela.

– E devo supor que a vestiu para mim?

– Só para você. Sempre.

Sem aviso, Gabriel a levantou, pressionando-a contra a parede. Levando os lábios ao seu pescoço, ele colou o quadril ao dela. Os saltos longos e finos dos sapatos de Julia se cravaram logo acima das nádegas dele. Ele a encarou com seus olhos azuis, alucinados.

– Quero você. Agora.

Com uma das mãos, Gabriel puxou a tira de pano até ela se rasgar. De repente, Julia se viu nua. Ele estendeu a mão para trás, para esconder a tanga no bolso do paletó, e os saltos dela se moveram, enterrando-se no traseiro dele com tanta força que ele se encolheu.

– Você tem ideia de quanto achei difícil me controlar depois da palestra? Como ansiei por ter você nos meus braços? Ficar jogando conversa fora foi uma tortura quando tudo o que eu queria era isto. Quem dera você pudesse ver como fica sexy com as costas contra a parede e as pernas em volta de mim. Quero você assim, mas sussurrando meu nome, ofegante.

Gabriel deslizou a língua pela base do pescoço de Julia, e ela fechou os olhos. O desejo dela lutava contra sua mente, que a incitava a empurrá-lo para longe, parar e pensar por alguns instantes. Quando estava nesse estado de espírito, Gabriel era perigoso.

De repente, Julia ouviu vozes ecoando pelo corredor e arregalou os olhos.

Os sons de passos e risadas animadas se aproximaram. Gabriel ergueu a cabeça, levando os lábios à orelha dela.

– *Não dê um pio* – sussurrou.

Ela sentiu os lábios dele se curvarem num sorriso, pressionados em sua pele.

Os passos pararam a poucos metros de distância e Julia ouviu duas vozes masculinas conversando em italiano. Seu coração continuou acelerado enquanto ela tentava ouvir algum sinal de movimento. Gabriel continuou a acariciá-la de leve, tapando a boca de Julia com a dele, abafando seus gemidos. De vez em quando, sussurrava palavras sensuais para ela: frases que a faziam ruborizar-se.

Uma das vozes masculinas riu alto. Julia ergueu a cabeça, surpresa, e Gabriel aproveitou a chance para beijar seu pescoço, mordiscando a pele delicada.

– Por favor, não me morda.

As vozes ecoavam em volta deles. Demorou um pouco, mas por fim o significado das palavras dela conseguiu vencer a excitação frenética de Gabriel. Ele levantou a cabeça, afastando-se do pescoço de Julia.

Com seus peitos unidos daquele jeito, ele podia sentir o coração dela. Fechou os olhos, como se arrebatado pelo seu ritmo acelerado. Quando tornou a abri-los, as chamas já haviam se apagado quase por completo.

Julia havia se esmerado em esconder a marca da mordida de Simon com

maquiagem, mas Gabriel a encontrou com o dedo, contornando-a de leve antes de beijá-la. Ele expirou muito devagar e balançou a cabeça.

– Você é a primeira mulher que diz não para mim.

– Não estou dizendo não.

Ele olhou por sobre o ombro e viu dois homens mais velhos entretidos numa conversa.

Estavam perto o suficiente para vê-lo, se olhassem em sua direção.

Ele voltou a encarar Julia e abriu um sorriso triste.

– Você merece mais do que ser possuída contra a parede por um amante ciumento. E

não estou interessado em ser flagrado pelo nosso anfitrião. Peço desculpas.

Ele a beijou e esfregou o polegar debaixo do seu lábio inferior inchado, limpando uma pequena mancha de batom vermelho de sua pele clara.

– Não vou arruinar a confiança que vi em seus olhos ontem à noite. Quando eu estiver com a cabeça no lugar e tivermos o museu só para nós dois... – A expressão dele ficou carregada enquanto fantasiava com aquilo. – Talvez em outra ocasião.

Ele tirou os saltos de Julia de cima de suas nádegas e a pôs de pé, inclinando-se para ajeitar a saia de seu vestido. O tafetá farfalhou sob o toque dele e então pareceu se calar com tristeza.

Por sorte, o *dottore* Vitali e seu companheiro escolheram aquele exato momento para voltar à festa, o som de seus passos ficando cada vez mais baixo à medida que eles se afastavam.

– O banquete será servido daqui a pouco. Seria um insulto eu ir embora agora. Mas, quando levar você para o hotel... – Ele cravou os olhos nos dela. – Nossa primeira parada vai ser na parede junto à porta do nosso quarto.

Julia assentiu, aliviada por ele não estar mais zangado. Na verdade, ainda se

sentia um pouco nervosa, mas muito excitada diante da perspectiva de fazer sexo *contra a parede*.

Ele ajeitou a calça e abotoou o paletó, forçando seu corpo a se acalmar. Tentou arrumar o cabelo, mas só conseguiu ficar mais parecido com alguém que acabara de arrastar a amante para fazer sexo num canto escuro do museu.

Sexo no museu é motivo de especial arrependimento para certos acadêmicos. (Mas não deve ser desdenhado antes de se experimentar.)

Julia penteou o cabelo dele e endireitou sua gravata, conferindo seu rosto e seu colarinho em busca de marcas de batom. Quando terminou, ele pegou a bolsa e a *pashmina* dela , que também havia caído no chão, e as devolveu a Julia com um beijo.

Com um sorriso malicioso, ajeitou a calcinha no bolso do paletó para que ela não ficasse à mostra.

♦♦♦

Ela deu um passo hesitante, descobrindo que a ausência da calcinha lhe dava uma surpreendente sensação de liberdade.

– Eu poderia beber você como se fosse uma taça de espumante – sussurrou ele.

Ela ficou na ponta dos pés para beijar seu rosto.

– Gostaria que você me ensinasse seus truques de sedução.

– Só se você me ensinar a amar como você ama.

Gabriel a conduziu pelo corredor vazio e escadas abaixo até o primeiro piso, onde o banquete estava começando.

O professor Pacciani voltou cambaleando para seu apartamento em frente ao Palazzo Pitti nas primeiras horas da madrugada – o que não era nada incomum.

Ele se atrapalhou com as chaves, praguejando ao deixá-las cair no chão, e entrou no flat, fechando a porta atrás de si. Foi até o pequeno quarto onde seus dois filhos de 4

anos dormiam, beijou-os e depois se arrastou até seu escritório.

Fumou preguiçosamente um cigarro enquanto esperava o computador iniciar, então acessou sua conta de e-mail. Ignorou a caixa de entrada e escreveu uma breve mensagem para uma ex-aluna e amante. Os dois não se falavam desde a formatura dela.

Ele mencionou ter conhecido o professor Emerson e sua jovem *fidanzata* canadense.

Embora ele tivesse ficado impressionado com a monografia de Emerson, publicada pela Oxford University Press, a palestra do professor lhe deu uma impressão de pseudointelectualidade que não tinha espaço num discurso acadêmico. Ou bem se era intelectual e acadêmico, ou bem se era um palestrante interessado em entreter o público.

As duas coisas era impossível. Pacciani perguntou, de forma grosseira, se as coisas seriam assim nas universidades da América do Norte.

Ele concluiu seu e-mail com uma sugestão explícita e detalhada de um futuro encontro sexual, possivelmente no final da primavera. Então terminou seu cigarro no escuro e se juntou à esposa na cama de casal.

CAPÍTULO TRÊS

Christa Peterson nascera em berço de ouro e não havia desculpa alguma para sua natureza malévola. Seus pais se amavam e eram apaixonados por sua filha única. O

pai era um oncologista de renome em Toronto. A mãe era bibliotecária no Havergal College, uma escola particular de elite só para moças que Christa frequentara da educação infantil ao ensino médio.

Christa também frequentou a escola dominical. Foi crismada na Igreja Anglicana.

Estudou o *Livro de Oração Comum*, de Thomas Cranmer, mas nada disso tocou seu coração. Aos 15 anos, descobriu o imenso poder da sexualidade feminina e logo essa passou a ser não só sua moeda de troca, mas também sua arma favorita.

Sua melhor amiga, Lisa Malcolm, tinha um irmão mais velho, muito bonito, chamado Brent. Era ex-aluno do Upper Canada College, uma escola particular só para rapazes que servia aos membros da velha aristocracia canadense. Brent tinha cabelos louros, olhos azuis e era alto e sarado. Fazia parte da equipe masculina de remo da Universidade de Toronto. Poderia muito bem ter estampado várias peças de publicidade.

Christa costumava admirar Brent a distância, mas, por ser quatro anos mais velho, ele nunca havia reparado nela. Até que certa vez, bem tarde, quando foi passar a noite na casa de Lisa, Christa topou com Brent a caminho do banheiro. Ele ficou fascinado por seus longos cabelos negros, grandes olhos castanhos e seu corpo jovem, porém maduro.

Ele a beijou com carinho no corredor e roçou dedos titubeantes pelo seu seio. Então tomou sua mão e a convidou para o seu quarto.

Após meia hora de amassos e carícias por cima das roupas, ele quis ir além. Christa hesitou, pois era virgem, então Brent começou a fazer promessas disparatadas e extravagantes: presentes, encontros românticos e, por fim, um relógio de inox Baume &

Mercier que seus pais tinham lhe dado de presente quando fizera 18 anos.

Christa adorava aquele relógio. Conhecia-o bem, pois era a menina dos olhos de Brent.

Na verdade, desejava mais o relógio do que seu dono.

Quando Brent o colocou em seu pulso, Christa olhou-o, maravilhada com a sensação fria do aço em sua pele e com a facilidade com que ele deslizava para cima e para baixo em seu braço fino. Era uma prova. Um sinal de que o desejo de Brent por ela era tão intenso que ele estava disposto a lhe dar um de seus bens mais preciosos.

Isso fez Christa se sentir desejada. E poderosa.

– Você é tão linda – sussurrou ele. – Não vou machucá-la. Mas, por Deus, como quero você. Prometo que vou lhe dar prazer.

Christa sorriu e deixou que ele a deitasse em sua cama estreita, como um

sacrifício inca num altar, entregando-lhe sua virgindade em troca de um relógio de 3 mil dólares.

Brent manteve sua palavra: foi gentil; não teve pressa. Beijou-a, explorando sua boca com carinho. Venerou seus seios. Preparou Christa com os dedos, testando-a para se certificar de que ela estava pronta para ele. Quando a penetrou, foi com cuidado. Não houve sangue. Apenas mãos grandes deslizando em seus quadris e uma voz grave que murmurava que ela devia relaxar, até que o desconforto passou.

Como prometido, ele lhe deu prazer. Fez com que ela se sentisse bonita e especial. E, quando acabaram, ele a abraçou forte a noite inteira, pois, por mais que fosse impulsionado por suas necessidades carnais, não tinha a alma perversa.

Eles repetiriam esse ato várias vezes ao longo dos três anos seguintes, apesar de outros envolvimentos românticos. Antes de penetrá-la, Brent sempre lhe dava um presente.

Pouco depois de Brent, foi a vez do Sr. Woolworth, o professor de matemática de Christa no 11º ano. Os encontros dela com Brent lhe haviam ensinado muito sobre os homens, como interpretar seus anseios e desejos, como seduzi-los, provocá-los e deixá-

los na palma de sua mão.

Ela atiçou o Sr. Woolworth de forma impiedosa até que ele não aguentasse mais e implorasse a ela que o encontrasse em um hotel depois da aula. Christa gostava quando os homens imploravam. No modesto quarto de hotel, seu professor a surpreendeu com um colar de prata da Tiffany. Prendeu o fecho delicado em volta de seu pescoço e beijou-a de leve. Em troca, Christa o deixou explorar seu corpo por horas a fio até ele adormecer, exausto e saciado.

Ele não era tão atraente quanto Brent, mas era muito mais experiente. Para cada presente que recebia, Christa permitia que ele a tocasse não só como antes, mas de outras e novas maneiras. Quando o caso deles terminou e Christa foi estudar na Universidade de Bishop, em Quebec, havia ganhado uma imensa quantidade de joias e um amplo conhecimento sexual. Acima de tudo, tinha se tornado uma das poucas mulheres que achava que o papel da sedutora devoradora de homens devia ser seguido.

Ao completar o mestrado em Estudos Renascentistas na Università degli Studi di Firenze, Christa já havia estabelecido um padrão para os seus relacionamentos. Preferia homens mais velhos, em posições de poder. Relações proibidas a excitavam: quanto mais improváveis e impensáveis, melhor.

Passou dois anos tentando seduzir um padre que trabalhava no Duomo, em Florença – e

conseguiu pouco antes de se formar. Ele a possuiu na cama de solteiro de seu minúsculo apartamento, mas, antes de tocá-la, fez os dedos longos e quentes dela se fecharem em volta de um pequeno ícone pintado por Giotto. Era inestimável. Mas ela também era, pensou Christa. Ela permitiria que os homens a possuíssem, mas a um preço. E, no fim das contas, sempre ia para a cama com os homens que queria.

Até seu primeiro ano como doutoranda na Universidade de Toronto, quando conheceu o professor Gabriel O. Emerson. Ele era de longe o mais atraente e sexy de todos os homens que ela já havia conhecido. E parecia adorar sexo. Cada poro do seu corpo emanava uma sensualidade tórrida e brutal. Christa quase conseguia sentir o cheiro dela.

Ela o observou caçar em seu bar preferido, o Lobby. Notou sua abordagem sorrateira e sedutora e a maneira como as mulheres reagiam a ele. Estudou-o do mesmo modo como estudava italiano e pôs em prática o que aprendeu.

Mas ele a rejeitou. Nunca olhou para o seu corpo. Fitava seus olhos com frieza, como se ela nem fosse mulher.

Christa começou a vestir roupas mais provocantes. Ele nunca lançou um olhar sequer abaixo de seu pescoço.

Tentou ser doce e autodepreciativa. Ele se mostrou impaciente.

Assou biscoitos para ele e começou a deixar guloseimas anônimas em seu escaninho.

Essas coisas permaneciam intocadas por semanas até a Srta. Jenkins, a secretária do departamento, jogá-las no lixo por medo de uma infestação de insetos.

Quanto mais o professor Emerson a rejeitava, mais ela o queria. Quanto mais

ficava obcecada em conquistá-lo, menos se importava em receber presentes em troca. Seria capaz de se entregar a Emerson de graça, se ao menos ele a olhasse com desejo.

Mas ele não fazia isso.

Então, no outono de 2009, quando teve a oportunidade de encontrá-lo na Starbucks para discutir sua tese, ela esperou, ansiosa, que a reunião terminasse com um jantar e, quem sabe, uma visita ao Lobby. Ela se comportaria da melhor forma possível, mas tentaria seduzi-lo. Com alguma sorte, ele não resistiria.

Preparando-se para a reunião, ela gastou 600 dólares numa *chemise* da marca Bordelle e comprou também uma cinta-liga e meias finas pretas. Não se incomodou em acrescentar calcinha. Sempre que sentia a pressão da cinta-liga em sua pele, ela tinha a sensação de estar em chamas. Perguntou-se como seria quando o professor Emerson soltasse a meia das presilhas, de preferência com os dentes.

Para azar de Christa, Paul e Julia tinham escolhido ir à mesma Starbucks, na mesma

hora. Christa tinha certeza de que seus colegas notariam qualquer impropriedade da sua parte. O professor também sabia disso e por esse motivo seria muito mais profissional do que de costume.

Então, quando Christa confrontou Paul e Julia, estava furiosa. Ela queria insultar os dois para que fossem embora antes que o professor chegasse. Fez tudo o que pôde para garantir que isso acontecesse. Mesmo assim, sua tentativa de intimidar os colegas de curso foi um desastre. O professor Emerson chegou mais cedo do que o esperado e escutou tudo o que ela disse.

– Srta. Peterson. – Gabriel apontou uma mesa vazia bem longe de Paul e Julia e indicou que Christa deveria segui-lo.

– Professor Emerson, eu lhe comprei um *venti latté* com leite desnatado. – Ela tentou lhe entregar a bebida, mas ele recusou com um gesto.

– Só os bárbaros tomam café com leite depois do desjejum. Você nunca foi à Itália? A propósito, Srta. Peterson, leite desnatado é para idiotas. Ou garotas gordas.

Ele deu meia-volta e foi até o balcão pedir seu próprio café, enquanto Christa tentava bravamente esconder sua fúria.

Julianne, sua desgraçada. A culpa é toda sua. E desse monge.

Christa se sentou na cadeira que o professor Emerson havia apontado, sentindo-se quase derrotada. Mas não por completo, pois, de onde estava, tinha uma visão perfeita do traseiro do professor em sua calça de flanela cinza. Suas nádegas eram redondas como duas maçãs. Maduras e deliciosas.

Ela queria mordê-las.

Algum tempo depois, o professor voltou com seu maldito café. Embora tecnicamente os dois ainda estivessem na mesma mesa, ele se sentou o mais longe possível dela e a encarou com um olhar severo.

– Precisamos conversar sobre o seu comportamento. Mas antes quero deixar uma coisa bem clara: concordei em encontrá-la aqui hoje porque *eu* queria tomar um café. Daqui para a frente, nos encontraremos no departamento, como de costume. Suas tentativas óbvias de engendrar compromissos sociais entre nós dois serão inúteis. Entendido?

– Sim, senhor.

– Uma palavra minha e a senhorita terá que arranjar um novo orientador. – Ele pigarreou. – Daqui para a frente, vai me chamar apenas de *professor Emerson*, mesmo quando estiver falando de mim para outra pessoa. Fui claro?

– Sim, professor Emerson. – *Ohhhh, professor. Você não faz ideia de quanto quero gritar o seu nome. Professor, professor, professor...*

– Acima de tudo, a senhorita vai parar de fazer comentários pessoais sobre meus outros alunos, em especial sobre a Srta. Mitchell. Fui claro?

– Claríssimo.

Foi então que Christa começou a ficar ligeiramente irritada, mas conteve sua reação.

Ela pôs toda a culpa em Julia. Queria que ela fosse expulsa da pós-graduação. Só

não sabia como faria isso. Ainda.

– Por fim, qualquer coisa que me ouvir falar sobre outro aluno ou outra pessoa ligada à universidade deverá ser considerada confidencial e a senhorita não contará a ninguém.

Do contrário terá que encontrar outro orientador. Acha que é inteligente o bastante para respeitar essas regras simples?

– Sim, professor.

Christa se zangou um pouco com aquele tom condescendente, mas a verdade é que também achava a rabugice dele sexy. Queria provocá-lo até ela desaparecer. Seduzi-lo a fazer coisas indizíveis com ela, a...

– Qualquer outro abuso direcionado a alunos será comunicado ao chefe do departamento, o professor Martin. Acredito que conheça bem as regras que governam o comportamento do corpo discente. Não preciso recordá-la das proibições contra maus-tratos, preciso?

– Mas eu não estava maltratando Julia, estava só...

– Poupe-me da sua ladainha. E duvido que a Srta. Mitchell tenha lhe dado permissão para chamá-la pelo primeiro nome. A senhorita irá se dirigir a ela da forma adequada ou então nem lhe dirija a palavra.

Christa baixou a cabeça. Aquele tipo de ameaça não era sexy. Ela havia se esforçado muito para entrar para o doutorado na Universidade de Toronto e não iria pôr tudo a perder. Não por causa de uma putinha patética que estava tramando algo com o assistente de pesquisa do professor.

Gabriel notou sua reação, mas ficou calado, bebericando devagar seu *espresso*. Não sentiu remorso e estava começando a se perguntar o que mais poderia fazer para levá-la às lágrimas.

– Estou certo de que a senhorita conhece a política da universidade a respeito de assédio. É uma política de mão dupla. Professores podem apresentar queixa se acharem que estão sendo assediados por um aluno ou uma aluna. Se passar dos limites comigo,

vou arrastá-la para a sala do reitor tão depressa que sua cabeça vai ficar girando.

Entendido?

Christa ergueu o queixo e o encarou com olhos arregalados e assustados.

– Mas nós... eu achei que...

– Não tem “mas”! – estourou Gabriel. – A não ser que esteja delirando, vai perceber que não existe *nós*. Não vou me repetir. A senhorita sabe onde está pisando.

Ele olhou para Julia e Paul uma última vez.

– Agora que já terminamos com as amenidades, gostaria de lhe dizer o que achei da sua última proposta de tese. Estava um lixo. Em primeiro lugar, sua tese não tem nada de original. Em segundo, a senhorita não tentou sequer fornecer uma revisão da literatura que chegue minimamente perto de ser adequada. Se não puder corrigir sua proposta para sanar esses problemas, terá que procurar outro orientador. Se decidir me entregar uma versão revisada, faça isso em duas semanas. Agora, se me dá licença, tenho outra reunião que não é uma perda de tempo. Boa tarde.

Gabriel saiu da Starbucks bruscamente, deixando Christa um tanto abalada e com o olhar perdido.

Ela ouviu parte do que ele disse, é claro, mas sua mente estava concentrada em outras coisas. Primeiro, iria fazer algo para se vingar de Julia. Não sabia o que nem quando.

Mas iria fazer picadinho (metaforicamente falando) daquela vadia.

Segundo, reescreveria a proposta de tese e, com sorte, conquistaria a aprovação acadêmica do professor Emerson.

Terceiro, iria redobrar seus esforços para seduzi-lo. Agora que o vira nervoso, a coisa que mais desejava era vê-lo com raiva dela – *sem roupas*. Ela iria fazê-lo mudar de ideia.

Iria romper sua casca grossa. Iria vê-lo ajoelhado diante dela, implorando por

ela, e então...

Claramente, os saltos de 10 centímetros e a lingerie da Bordelle não eram suficientes.

Christa teria que ir à Holt Renfrew comprar um vestido novo. Algo europeu. Sexy. Um Versace.

Então iria ao Lobby para pôr seu terceiro plano em ação...

CAPÍTULO QUATRO

Na cobertura de um hotel de luxo em Florença, havia roupas jogadas por toda a sala de estar, descrevendo uma trilha, como se fossem migalhas de pão, da entrada até uma parede que não estava mais vazia. Gemidos e ritmos indiscretos ecoavam no ar, flutuando por sobre elegantes sapatos masculinos feitos à mão, um sutiã preto, um terno sob medida largado sobre a mesa de centro, um vestido de tafetá que formava no chão uma poça azul Santorini...

Se um detetive examinasse a cena, daria pela falta da calcinha e dos sapatos da mulher.

O ar estava repleto dos aromas de flor de laranjeira e Aramis, misturados ao cheiro almiscarado de suor. O quarto estava escuro. Nem mesmo o luar que vinha do terraço alcançava a parede onde dois corpos nus se agarravam. O homem estava com as costas eretas e segurava no colo a mulher, que envolvia os quadris dele com as pernas.

– Abra os olhos.

O pedido de Gabriel foi entrecortado por uma cacofonia de sons: pele deslizando contra pele, gemidos desesperados abafados por lábios, breves sorvos de oxigênio e o leve baque das costas de Julia na parede.

Ela conseguia ouvi-lo gemer a cada investida, mas sua capacidade de falar tinha se perdido, concentrada numa só sensação: *prazer*. Cada movimento do seu amante lhe dava prazer, até mesmo o atrito entre seus peitos e a sensação das mãos dele a sustentando. Ela oscilava à beira do êxtase, ofegante, à espera de que o próximo movimento a fizesse cair. Quase lá, quase, quase, quase...

– *Você... está... bem?* – Gabriel estava ofegante e sua última palavra soou como um gemido, quando Julia girou os tornozelos de leve, pressionando os saltos afiados na carne dele.

Julia jogou a cabeça para trás e soltou alguns sons incoerentes ao chegar ao orgasmo, ondas intensas irradiando de onde eles estavam conectados e disparando por seus nervos, até que todo o seu corpo estivesse vibrando. Gabriel sentiu, é claro, e gozou logo em seguida; duas investidas profundas e ele gritou seu nome com a boca no pescoço de Julia, tremendo dos pés à cabeça.

– Você me deixou preocupado – sussurrou ele pouco depois.

Estava deitado de costas no centro de uma cama grande e branca, enquanto sua amante sonolenta se enroscava ao seu lado, a cabeça dela descansando sobre sua tatuagem.

– Por quê?

– Você não abria os olhos. Não falava nada. Fiquei com medo de ter sido bruto demais.

Ela correu os dedos pela barriga de Gabriel até alguns pelos que desciam a partir do seu umbigo, percorrendo-os preguiçosamente, sentindo sua textura.

– Você não me machucou. Foi diferente desta vez... mais intenso. A cada vez que você se movia, uma sensação incrível atravessava o meu corpo. Eu não conseguia abrir os olhos.

Gabriel sorriu para si mesmo, aliviado, e pressionou os lábios na testa dela.

– Esta posição é mais profunda. E ainda houve as preliminares no museu. Não consegui tirar as mãos de você durante o jantar.

– Só porque sabia que eu tinha perdido minha calcinha.

– Não. Foi porque desejo você. Sempre. – Ele abriu um meio sorriso.

– Com você, cada vez é melhor do que a anterior – sussurrou ela.

O rosto de Gabriel ficou melancólico.

– Mas você nunca diz meu nome.

– Digo seu nome o tempo todo. Fico surpresa que ainda não tenha me pedido que use um apelido carinhoso, como Gabe, Dante ou *professor*.

– Não é disso que estou falando. O que quero dizer é que você nunca diz meu nome...

quando goza.

Ela ergueu o queixo para ver o rosto dele. Sua expressão combinava com seu tom de voz, melancólica e momentaneamente vulnerável. A máscara de confiança havia caído.

– Para mim, seu nome é sinônimo de orgasmo. Vou passar a chamá-los de *Emgasmos*.

Ele riu alto, uma gargalhada gostosa, que fez seu peito chacoalhar e obrigou Julia a se sentar na cama. Ela riu também, grata por seu momento de melancolia ter passado.

– Você tem um senso de humor muito peculiar, Srta. Mitchell.

Ele se esticou para beijá-la uma última vez antes de relaxar nos travesseiros e adormecer.

Julia ficou acordada por mais algum tempo, refletindo sobre o garotinho ansioso e inseguro que se revelava raras vezes e nos momentos mais inesperados.

Na manhã seguinte, Gabriel presenteou Julia com seu café da manhã predileto no Caffé Perseo, uma excelente *gelateria* na Piazza della Signoria. Eles ficaram do lado de dentro,

pois a temperatura típica de dezembro havia voltado e o tempo estava chuvoso e frio.

Qualquer um poderia ficar sentado na praça o dia inteiro, todos os dias, e observar o mundo passar. Ela é cercada de edifício antigos – a Galleria degli Uffizi ficava bem na esquina. Há uma fonte impressionante e belas esculturas, que incluem uma reprodução do *Davi* de Michelangelo e uma estátua de Perseu

segurando a cabeça decepada da Medusa em frente a uma linda *loggia*.

Julia evitou olhar para Perseu enquanto tomava seu *gelato*. Gabriel evitou olhar para as legiões de florentinas lindas para observar sua amada. Com voracidade.

– Tem certeza de que não quer provar? Framboesa e limão combinam muito bem. – Ela estendeu uma colher em que os dois sabores se misturavam.

– Ah, eu quero provar, sim. Mas não isso. – Os olhos dele brilharam. – Prefiro algo um pouco mais *exótico*. – Ele colocou seu *espresso* de lado e pegou a mão dela. – Obrigado por ontem à noite e por hoje de manhã.

– Eu que lhe agradeço, professor. – Julia apertou a mão dele e se ocupou do seu café da manhã, por assim dizer. – Estou surpresa que meu corpo não tenha deixado uma marca na parede do nosso quarto. – Ela deu uma risadinha, estendendo-lhe uma pequena colherada de sorvete.

Gabriel permitiu que ela lhe desse de comer e, quando a língua dele despontou para lamber os lábios, Julia ficou zonza. Uma enxurrada de imagens daquela mesma manhã invadiu sua mente. E uma em especial ficou gravada nela.

Ó deuses dos namorados que são deuses do sexo e gostam de dar prazer às suas amantes, obrigada pela manhã de hoje.

Ela engoliu em seco.

– Foi a primeira vez, sabia?

– Prometo que não vai ser a última.

Gabriel tornou a lamber os lábios só para provocá-la, louco para fazê-la se contorcer.

Ela se inclinou para a frente, no intuito de dar um beijinho em seu rosto. Mas ele não quis saber disso. Deslizou uma de suas mãos até a nuca de Julia e a puxou para perto.

Sua boca estava doce por conta do sorvete e do gosto próprio de Julia. Ele gemeu quando a soltou, desejando poder levá-la de volta ao hotel para repetirem o que haviam feito na noite anterior, ou talvez para o museu...

– Posso lhe perguntar uma coisa? – Julia se ocupou de seu pote de sorvete para não ter que encará-lo.

– Claro.

– Por que disse que eu era sua noiva?

– *Fidanzata* tem vários significados.

– Mas o principal deles é *noiva*.

– *Ragazza* não expressa a profundidade do que sinto por você.

Gabriel moveu os dedos dentro dos seus novos e apertados sapatos. A boca dele se contorceu enquanto ele pensava no que dizer em seguida, se é que deveria dizer mais alguma coisa. Decidiu ficar calado, remexendo-se em sua cadeira, sentindo-se desconfortável.

Julia percebeu o que julgou ser um desconforto físico.

– Desculpe-me pelos saltos.

– Como?

– Vi as marcas na sua bunda quando você estava se vestindo hoje de manhã. Não quis machucá-lo.

Ele sorriu com malícia.

– É um risco que correm os obcecados por saltos altos. Carrego minhas cicatrizes amorosas com orgulho.

– Vou ser mais cuidadosa da próxima vez.

– Nem pensar.

Julia arregalou os olhos diante do repentino lampejo de paixão na expressão dele.

Ele capturou os lábios dela com os seus antes de sussurrar no ouvido de Julia:

– Vou lhe comprar um par de botas com saltos ainda mais altos, então verei o que você consegue fazer com elas.

Enquanto eles atravessavam a Ponte Vecchio debaixo de um só guarda-chuva, Gabriel a arrastou de loja em loja, tentando convencê-la a aceitar algum presente ou uma joia extravagante: reproduções etruscas, moedas romanas, colares de ouro, *etc.* Mas ela se limitava a sorrir e recusar as ofertas, apontando para os brincos de diamantes de Grace e dizendo que eles eram mais do que suficientes. A falta de apego a coisas materiais que Julia demonstrava só fazia com que Gabriel tivesse mais vontade de empilhá-las a seus pés.

Quando chegaram ao meio da ponte, Julia puxou-o pelo braço e o conduziu até à

beirada para que pudessem observar o rio Arno.

– Tem *uma* coisa que eu gostaria que você me desse, Gabriel.

Ele a encarou com um olhar intrigado, o ar frio de Florença ruborizando as faces de Julia. Ela era a encarnação da bondade, da luz, da ternura e da doçura. Mas era extremamente teimosa.

– Diga.

Julia fez uma pausa para correr a mão pela barreira que a separava do parapeito da ponte.

– Quero tirar minha cicatriz.

Ele ficou quase surpreso. Sabia que ela sentia vergonha da marca da mordida de Simon.

Gabriel a havia surpreendido aplicando o corretivo naquela manhã e os olhos dela ficaram marejados quando ele lhe perguntou o que era aquilo.

Ela evitou encará-lo e prosseguiu:

– Não gosto de olhar para ela. Não gosto do fato de você ter que olhar para ela. Quero que desapareça.

– Encontraremos um bom cirurgião plástico na Filadélfia, quando formos passar

o Natal em casa.

– Teremos tão pouco tempo com eles. Não poderia fazer isso com o meu pai. Nem com Rachel.

Gabriel trocou o guarda-chuva de mão e a puxou para um abraço. Ele a beijou, descendo os lábios pelo seu pescoço até tocar a cicatriz.

– Será um prazer fazer isso por você e muito mais. Só precisa pedir. Mas gostaria que fizesse algo por mim.

– O quê?

– Gostaria que conversasse com alguém. Sobre o que aconteceu.

Julia baixou os olhos.

– Eu converso com você.

– Estou falando de alguém que não seja um cretino. Posso pagar um médico para remover a cicatriz da sua pele, mas ninguém pode remover as marcas de dentro de você.

É importante que perceba isso. Não quero que se decepcione.

– Não vou me decepcionar. E pare de chamar a si mesmo desse tipo de coisa. Isso me

aborrece.

Ele assentiu, como se admitisse que Julia tinha razão quanto ao último ponto.

– Acho que poderia ajudar se você tivesse alguém com quem conversar... sobre tudo.

Tom, sua mãe, *ele* e eu. – Gabriel lançou-lhe um olhar angustiado. – Sei que sou uma pessoa difícil. Acho que, se você tivesse alguém com quem conversar, seria bom.

Ela fechou os olhos.

– Está bem, mas só se você concordar em fazer a mesma coisa.

Ele ficou tenso.

Ela abriu os olhos e começou a falar depressa:

– Sei que você não quer e, acredite, eu entendo. Mas, se vou fazer isso, você também tem que fazer. Você ficou muito irritado ontem à noite e, embora saiba que não estava com raiva de mim, fui eu que tive que aguentar as consequências.

– Tentei recompensá-la depois – disse ele, cerrando os dentes.

Ela ergueu a mão para acariciar seu maxilar retesado.

– É claro. Mas me incomodou que você tenha ficado tão transtornado por conta de uma cantada de um estranho. E que tenha achado que o sexo aliviaria sua raiva e me marcaria como sua.

O rosto de Gabriel ficou chocado, pois ele nunca tinha interpretado sua atitude dessa forma.

– Eu jamais machucaria você. – Ele apertou sua mão.

– Eu sei.

Gabriel pareceu angustiado e o pânico em seus olhos não diminuiu quando Julia ergueu a mão para acariciar seus cabelos.

– Somos uma dupla e tanto, não? Com nossas cicatrizes, nossas histórias e todos os nossos problemas. Um romance trágico, imagino. – Ela sorriu, tentando fazer graça da situação deles.

– A única tragédia seria perder você – disse ele, beijando-a de leve.

– Você só vai me perder se deixar de me amar.

– Então sou um homem de sorte, pois ficarei com você para sempre.

Ele tornou a beijá-la, tomando-a nos braços.

– Fui obrigado a fazer terapia durante a reabilitação. Continuei me consultando

com um

terapeuta por mais ou menos um ano depois disso, além de frequentar reuniões de autoajuda semanais. Já passei por isso antes.

Julia franziu a testa.

– Você está em recuperação e não vai às reuniões. Eu não quis tocar nesse assunto, mas é um problema sério. Além do mais, você ainda bebe.

– Eu era viciado em cocaína, não alcoólatra.

Ela perscrutou os olhos dele. Era como se tivesse descoberto um velho mapa medieval que traçava os limites do mundo com as palavras *Aqui há dragões*.

– Nós dois sabemos que os Narcóticos Anônimos sugerem enfaticamente que viciados não bebam. – Ela suspirou. – Por mais que eu tente ajudar, algumas coisas estão fora do meu alcance. Por mais que goste de fazer sexo com você, não quero me tornar sua nova droga favorita. Não posso consertar as coisas.

– É isso que você acha? Que eu uso o sexo para consertar as coisas?

Sua pergunta era séria e Julia resistiu ao impulso de responder com sarcasmo.

– Acho que já usou o sexo para consertar as coisas, sim. Você mesmo já admitiu isso, lembra? Que usava sexo para combater sua solidão. Ou se punir.

Uma sombra cruzou o semblante de Gabriel.

– Não é assim com você.

– Mas, quando uma pessoa fica perturbada, antigos padrões de comportamento vêm à tona. Isso também se aplica a mim, só que meus mecanismos de defesa são diferentes. –

Ela o beijou com carinho, mas por tempo suficiente para que seu pânico diminuísse e ele retribuísse o beijo.

Quando suas bocas se desgrudaram, eles continuaram abraçados até Julia decidir quebrar o silêncio:

– A sua palestra ontem à noite me fez lembrar de uma coisa. – Ela sacou seu telefone da bolsa e passou rapidamente por uma série de fotos. – Aqui.

Gabriel pegou o telefone da mão dela e olhou para a bela pintura. Santa Francisca Romana ninava um bebê com a ajuda da Virgem Maria, enquanto um anjo observava a cena.

– É linda – disse ele, entregando-lhe o telefone.

– Gabriel – falou ela com brandura –, olhe para o quadro.

Ele obedeceu. E foi invadido por uma sensação muito estranha.

Ela começou a falar em voz baixa:

– Eu sempre adorei esta pintura. Achava que era por causa das semelhanças entre Gentileschi e Caravaggio. Porém é mais do que isso. Santa Francisca perdeu alguns de seus filhos para a praga. A pintura busca retratar uma de suas visões do que aconteceu com essas crianças.

Julia vasculhou os olhos de Gabriel para ver se ele havia entendido o que ela queria dizer. Mas ele não entendera.

– Quando olho para esta imagem, penso na sua filha, Maia. Grace a está segurando, cercada de anjos. – Julia apontou para as figuras no quadro. – Está vendo? O bebê está em segurança e é amado. O Paraíso é assim. Você não precisa se preocupar.

Julia ergueu os olhos para o rosto dele, angustiado e belo. Os olhos de Gabriel estavam cheios de lágrimas.

– Sinto muito. Muito mesmo. Estava tentando consolar você. – Ela passou seus braços em volta do pescoço dele, apertando-o com força.

Algum tempo depois, ele enxugou os olhos. Escondeu o rosto em seus cabelos, sentindo-se grato e aliviado.

Na tarde seguinte, a chuva parou. Então o casal pegou um táxi até a Piazzale Michelangelo, que oferecia uma vista panorâmica da cidade. Eles poderiam ter pegado um ônibus turístico, como turistas normais, mas Gabriel não era

exatamente normal.

(Poucos especialistas em Dante são.)

– O que Rachel dizia no e-mail? – perguntou Gabriel enquanto eles admiravam o telhado ladrilhado do Duomo.

Julia brincou com suas próprias unhas.

– Ela e Aaron mandaram um abraço. Queriam saber se estávamos felizes.

Gabriel estreitou os olhos.

– Só isso?

– Hum... não.

– E?

Ela deu de ombros.

– Parece que Scott está namorando. Basicamente foi isso.

– Bom para Scott. – Ele deu uma risadinha. – Mais alguma coisa?

– Por que está perguntando?

Ele inclinou a cabeça de lado.

– Porque percebo quando você está escondendo alguma coisa.

Ele começou a correr os dedos para cima e para baixo pela carne macia da cintura de Julia, um lugar em que ela sentia mais cócegas do que o normal.

– Você não vai fazer isso em público.

– Ah, vou sim. – Ele sorriu e começou a mover os dedos com determinação, fazendo cócegas.

Ela começou a rir e tentou se desvencilhar dele, mas Gabriel a segurou com firmeza.

– Vamos, Julianne. Conte o que Rachel falou.

– Pare de fazer cócegas – falou ela, ofegante – que eu conto.

Gabriel parou de mover as mãos.

Ela respirou fundo.

– Ela queria saber se nós já tínhamos... hum... dormido juntos.

– Ah, é? – Os lábios dele se curvaram em um meio sorriso. – E o que você disse?

– A verdade.

Ele a encarou.

– Mais alguma coisa?

– Ela disse que esperava que você estivesse se comportando e que eu estivesse feliz. E

eu respondi que sim, para as duas coisas. – Ela esperou alguns instantes, pensando se deveria ou não mencionar o e-mail de um certo fazendeiro de Vermont.

– Mas não foi só isso. Continue. – Ele ainda tinha um sorriso indulgente estampado no rosto.

– Bem, Paul me mandou um e-mail.

O sorriso de Gabriel sumiu.

– O quê? Quando?

– No dia da sua palestra.

– E por que não me contou antes? – perguntou ele, furioso.

– Por isso. – Ela gesticulou para a óbvia irritação em seu rosto. – Sabia que você ficaria irritado, e não queria fazer isso quando você estava prestes a se apresentar diante de um

salão cheio de pessoas importantes.

– O que ele dizia?

– Que você aprovou a proposta de tese de Christa.

– O que mais?

– Ele me desejou um Feliz Natal e disse que enviaria um presente para o meu endereço de Selinsgrove.

As narinas de Gabriel se dilataram.

– Por que ele faria isso?

– Porque é meu amigo. Deve ser uma garrafa de xarope de bordo, que ficarei feliz em dar para o meu pai. Paul sabe que eu tenho namorado e que estou muito, *muito* feliz.

Posso encaminhar o e-mail para você, se quiser.

– Não precisa. – Os lábios de Gabriel se crisparam numa linha fina.

Julia cruzou os braços diante do peito.

– Você me deu o maior apoio para passar tempo com Paul quando a professora Agonia estava por perto.

– Aquilo foi diferente. E não tenho a menor intenção de voltar a falar sobre *ela*, nunca mais.

– Para você é fácil. Não fica topando o tempo todo com homens que me levaram para a cama.

Gabriel a fuzilou com o olhar.

Julia cobriu a boca com a mão.

– Desculpe. Não deveria ter dito isso. Foi horrível.

– Como deve se lembrar, já topei com pelo menos um homem com quem você

esteve envolvida.

Ele lhe deu as costas e se afastou, aproximando-se do parapeito do mirante. Julia o deixou sozinho por alguns minutos, então parou a seu lado e encaixou com cuidado seu dedo mindinho entre os dele.

– Desculpe.

Ele não respondeu.

– Obrigada por me salvar de Simon.

Gabriel fez uma careta.

– Você sabe que eu tenho um passado. Pretende ficar trazendo-o à tona?

Ela baixou os olhos para os próprios sapatos.

– Não.

– Aquele comentário estava abaixo do seu nível.

– Desculpe.

Gabriel manteve seu olhar fixo na cidade que se estendia diante deles. Telhados vermelhos brilhavam sob o sol, enquanto o domo de Brunelleschi dominava a paisagem.

Julia decidiu mudar de assunto:

– Christa estava estranha na sua última aula. Parecia ressentida. Você acha que ela sabe sobre nós dois?

– Ela está azeda porque não recebi com bons olhos suas investidas escandalosas. Mas cumpriu o prazo de entrega de sua proposta revisada e o trabalho estava aceitável.

– Então ela não... chantageou você?

– Não vejo todas as outras mulheres como rivais suas – retrucou ele, perdendo a paciência e afastando a mão de Julia.

Os olhos dela se arregalaram de surpresa.

– Esse comentário está abaixo do *seu* nível.

Depois de alguns instantes, a raiva de Gabriel pareceu diminuir. Ele encurvou os ombros.

– Me perdoe.

– Não vamos perder nosso tempo brigando.

– Concordo. Mas não gosto da ideia de Paul ficar lhe mandando e-mails. Embora imagine que você poderia ser amiga de gente pior. – Gabriel soou mais afetado do que o normal.

Ela sorriu e lhe deu um beijo no rosto.

– Este é o professor Emerson que eu conheço e amo.

Ele pegou o telefone para tirar uma foto dela com aquela linda vista ao fundo. Julia estava rindo. Ele tirava uma foto atrás da outra quando seu telefone começou a tocar. O

som não muito melodioso das badaladas do Big Ben ressoou entre eles.

Julia o encarou com um olhar de desafio.

Ele fez uma careta e a puxou para um beijo intenso. Então aninhou o rosto dela em sua mão, determinado a separar os lábios de Julia com os seus e enfiar a língua com carinho em sua boca.

Ela retribuiu o beijo, envolvendo a cintura dele com os braços para puxá-lo mais para perto. E, durante todo esse tempo, o Big Ben não parava de repicar.

– Não vai atender? – ela enfim teve a chance de perguntar.

– Não. Já disse que não vou falar com ela.

Ele tornou a pressionar os lábios nos de Julia, mas apenas por alguns instantes.

– Tenho pena dela – declarou Julia.

– Por quê?

– Porque ela concebeu uma filha com você. Porque ela ainda o deseja, mas o perdeu.

Se eu perdesse você para outra pessoa, ficaria arrasada.

Gabriel bufou, impaciente.

– Você não vai me perder. Pare com isso.

Julia abriu um sorriso fraco.

– Hum, preciso lhe dizer uma coisa.

Ele recuou.

– Quero que saiba que só vou falar isto porque me preocupo com você. – Ela o encarou com uma expressão séria. – Tenho pena de Paulina, mas é óbvio que ela está jogando nas suas costas todo o peso do que aconteceu para que você continue fazendo parte da vida dela. Chego a me perguntar se ela não arranja problemas só para que você vá salvá-

la. Acho que está na hora de ela desenvolver um apego emocional por outra pessoa.

Alguém por quem possa se apaixonar.

– Não discordo – respondeu ele, tenso.

– E se ela não conseguir ser feliz até se libertar de você? Você se libertou dela e me encontrou. Seria misericordioso da sua parte permitir que Paulina se liberte também, para que possa encontrar a felicidade.

Gabriel assentiu, taciturno, e beijou a testa dela, mas se recusou a continuar falando daquele assunto.

O restante da estadia do casal em Florença foi feliz, uma espécie de lua de mel. Eles

visitavam diversas igrejas e museus durante o dia, entremeando com passadas no

hotel, onde faziam amor, algumas vezes devagar, outras loucamente. Todas as noites Gabriel escolhia um restaurante diferente para o jantar e, em seguida, eles voltavam a pé, parando em alguma das pontes para namorar como dois adolescentes em meio ao ar frio da noite.

Na última noite deles em Florença, Gabriel levou Julia ao Caffé Concerto, um de seus restaurantes favoritos, que ficava às margens do rio Arno. Eles passaram horas saboreando um jantar de vários pratos, conversando preguiçosamente sobre as férias e sobre o relacionamento sexual que surgia entre os dois. Ambos confessaram que a semana anterior tinha sido uma espécie de despertar – para Julia, um despertar para os mistérios de *eros*; para Gabriel, um despertar para os mistérios do entrelaçamento dos quatro amores.

Durante a conversa, ele revelou que tinha uma surpresa para ela. Havia alugado uma vila na Úmbria para a segunda semana de férias deles. Prometeu levá-la a Veneza e a Roma na próxima viagem, possivelmente no verão, depois que visitassem Oxford.

Após o jantar, Gabriel a levou uma última vez ao Duomo.

– Preciso beijá-la – sussurrou ele, puxando o corpo dela para junto do seu.

Ela iria responder, iria lhe dizer para levá-la ao hotel e marcar seu corpo de uma forma mais profunda, mas foi interrompida.

– Moça bonita! Não tem um dinheirinho para um velho? – chamou uma voz, vinda dos degraus de entrada do Duomo.

Sem pensar, Julia se inclinou em volta de Gabriel para descobrir quem estava falando.

O homem continuou, implorando por dinheiro para comprar algo de comer.

Gabriel agarrou o seu braço antes que ela pudesse se aproximar dos degraus.

– Vamos embora, amor.

– Mas ele está com fome. E está fazendo tanto frio!

– A polícia vai aparecer para levá-lo embora. Eles não gostam de pedintes no

centro da cidade.

– As pessoas são livres para se sentarem nos degraus de uma igreja. É um *santuário*... –

refletiu ela.

– O conceito medieval de *santuário* não existe mais. Os governos ocidentais o aboliram, a começar pela Inglaterra no século XVII – resmungou Gabriel enquanto ela abria sua bolsa e sacava uma nota de 20 euros.

– Tanto assim? – disse ele, fechando a cara.

– É tudo o que tenho. E olhe, Gabriel. – Ela gesticulou para as muletas do homem.

– Muito engenhoso – reclamou ele.

Julia lançou um olhar desapontado para seu amante.

– Eu sei o que é passar fome. – Ela deu um passo na direção do mendigo, mas Gabriel a puxou de volta.

– Ele vai gastar o dinheiro em bebida ou drogas. Isso não vai ajudá-lo.

– Até um viciado merece um pouco de gentileza.

Gabriel se encolheu.

Ela olhou para o pedinte.

– São Francisco de Assis era incondicional em sua caridade. Ele dava a qualquer um que pedisse.

Gabriel revirou os olhos. Era incapaz de vencer uma discussão com Julianne quando ela invocava São Francisco de Assis. Seria impossível para qualquer um rebater um argumento desses.

– Se eu lhe der algo, ele vai saber que alguém se importa o suficiente para ajudá-lo.

Não interessa se vai fazer algo de bom com o dinheiro ou não. Não me prive de uma oportunidade de ser caridosa.

Ela tentou passar por Gabriel, mas ele bloqueou seu caminho. Tirou a nota da mão dela e acrescentou algo do próprio bolso, então entregou o dinheiro para o mendigo.

Os dois trocaram algumas palavras inaudíveis em italiano, então o pobre homem jogou beijos para Julia e tentou em vão apertar a mão de Gabriel.

Gabriel voltou, tomando o braço dela e levando-a para longe dali.

– O que ele disse?

– Para eu agradecer ao *anjo* pela sua misericórdia.

Julia o fez parar e beijou seu rosto emburrado até ele sorrir.

– Obrigada.

– Não sou o anjo de que ele estava falando – rosnou ele, beijando-a de volta.

CAPÍTULO CINCO

Na manhã seguinte, uma limusine foi buscar o feliz casal na estação ferroviária de Perúgia. O motorista os conduziu pelas estradas sinuosas até uma propriedade perto de Todi, um vilarejo medieval.

– Esta é a vila?

Julia ficou maravilhada enquanto eles subiam o longo passeio particular em direção ao que parecia uma mansão no topo de uma colina. Era uma construção de pedra de três andares, erguida em meio a um terreno de vários acres, salpicado de ciprestes e oliveiras.

Gabriel apontou um grande pomar que, quando o clima estava mais quente, dava figos, pêssegos e romãs. Ao lado da vila, havia uma piscina sem borda cercada de arbustos de alfazema. Julia quase conseguia sentir o cheiro das flores de dentro do carro e prometeu a si mesma que colheria alguns ramos para perfumar os lençóis da cama deles.

– Gostou? – Ele olhava para ela com ansiedade, esperando que a surpresa a tivesse agradado.

– Adorei. Quando você disse que tinha alugado uma vila, não imaginei que fosse tão luxuosa.

– Espere até ver por dentro. Eles têm uma lareira e uma banheira aquecida no terraço do andar de cima.

– Eu não trouxe roupa de banho.

– E quem disse que vai precisar? – Ele arqueou as sobrancelhas de modo sugestivo e Julia riu.

Um Mercedes preto estava estacionado na entrada para carros, para que eles pudessem visitar os vilarejos vizinhos, incluindo Assis, destino pelo qual Julia tinha um interesse especial.

O caseiro havia abastecido a cozinha com comida e vinho. Julia revirou os olhos ao descobrir na despensa várias garrafas de suco de cranberry importado.

Professor Gabriel "Superprotetor" Emerson volta a atacar.

– O que você acha? – perguntou Gabriel, pousando a mão na cintura dela, os dois lado a lado na cozinha grande e completamente equipada.

– É perfeito.

– Tive medo de que você não fosse gostar de estar no meio da Úmbria. Mas achei que seria bom passarmos alguns dias tranquilos a sós.

Julia arqueou uma sobrancelha.

– Nossos dias a sós não costumam ser tranquilos, professor.

– Isso porque você me enlouquece de desejo. – Ele a beijou com paixão. – Vamos ficar em casa hoje à noite. Podemos cozinhar juntos, se quiser, e talvez relaxar diante da lareira.

– Acho ótimo. – Ela o beijou de volta.

– Vou levar nossas malas lá para cima enquanto você explora a casa. A banheira aquecida fica no terraço, bem em frente ao quarto principal. Encontro você nela daqui a quinze minutos.

Ela concordou com um sorriso.

– Ah, Srta. Mitchell...

– Pois não?

– Nada de roupas pelo resto da noite.

Ela deu um gritinho e subiu correndo as escadas.

A decoração da casa era de muito bom gosto, com seus vários tons de creme e branco, e no segundo piso havia um quarto principal bastante romântico, cujo destaque era uma cama com dossel. Julia se deitou para testar a cama por alguns instantes, antes de levar sua nécessaire para o banheiro.

Ela arrumou seus produtos de beleza e colocou o xampu e o gel de banho no boxe grande e aberto. Prendeu o cabelo e tirou todas as roupas, enrolando-se numa toalha cor de mármore. Nunca havia nadado nua, mas estava louca para experimentar.

Enquanto dobrava as roupas e as guardava na penteadeira, ouviu uma música vindo do quarto. Reconheceu a canção: “Don’t Know Why”, de Norah Jones. Gabriel pensava em tudo.

Sua voz à porta do banheiro confirmou isso:

– Trouxe alguns *antipasti* e uma garrafa de vinho, caso esteja com fome. Estou esperando lá fora.

– Já vou – respondeu ela.

Julia se olhou no espelho. Seus olhos brilhavam de excitação e suas faces exibiam um saudável tom rosado. Ela estava apaixonada. Sentia-se feliz. E, ao que tudo indicava,

◆◆◆

♦♦♦

estava prestes a batizar a banheira aquecida com seu amado sob o céu negro da Úmbria.

Enquanto se encaminhava para o terraço, viu as roupas de Gabriel penduradas nas costas de uma cadeira. A brisa fresca da noite soprava pela porta aberta, despenteando os cabelos de Julia e fazendo sua pele ficar ainda mais corada. Gabriel estava nu, à sua espera.

Ela saiu para o terraço e esperou até ter toda a atenção dele para si. Só então largou a toalha.

Nos arredores de Burlington, Vermont, Paul Virgil Norris embrulhava os presentes de Natal sobre a mesa da cozinha da casa de seus pais: presentes para a sua família, para sua irmã e, por fim, para a mulher por quem seu coração sofria.

Talvez fosse surpreendente ver um jogador de rúgbi de 90 quilos cercado de fita adesiva e de rolos de papel de presente natalino, tirando medidas de forma metódica antes de cortar o papel. Uma garrafa de xarope de bordo, uma vaca Holstein de pelúcia e dois bonecos estavam orgulhosamente dispostos à sua frente. Os bonecos eram uma curiosidade que ele havia encontrado numa loja de revistas em quadrinhos de Toronto.

Um representava Dante, vestido como um cruzado com a cruz de São Jorge estampada no peito da cota de malha; o outro era uma anacrônica Beatriz loura de olhos azuis, vestida como uma princesa medieval.

Infelizmente, a empresa que produzia os brinquedos não se deu o trabalho de fazer um de Virgílio. (Virgílio, pelo jeito, não merecia participar da *brincadeira*.) Paul discordava, então decidiu escrever para a empresa para alertá-la daquela lamentável omissão.

Ele embrulhou cada item com atenção e os colocou numa caixa de papelão com plástico-bolha. Escreveu algumas palavras num cartão de Natal, esforçando-se ao máximo para soar casual e disfarçar seus sentimentos cada vez mais intensos, e fechou a caixa com fita adesiva, endereçando-a com uma letra caprichada à Srta. Julianne Mitchell.

Depois de momentos muito agradáveis na banheira aquecida, Gabriel preparou

um jantar típico da região da Úmbria. *Bruschetta con pomodoro e basilico*, tagliatelle com azeite de oliva e trufas pretas colhidas na propriedade, uma tábua de queijos artesanais da região e pão. Eles comeram à vontade, rindo e bebendo um delicioso vinho branco de Orvietto à luz de velas. Depois do jantar, Gabriel preparou um ninho de cobertores e travesseiros no chão diante da lareira da sala de estar.

Conectou seu iPhone no aparelho de som para que continuassem ouvindo sua lista de

músicas intitulada “Fazendo Amor com Julia”. Então a tomou nos braços e eles ficaram sentados assim, terminando suas taças de vinho, os sons de cânticos medievais rodopiando ao redor deles. Estavam nus, envolvidos pelas cobertas e sem nenhum pudor.

– Que música linda! Como se chama? – Ela fechou os olhos e se concentrou nas vozes femininas, que cantavam *a cappella*.

– “Gaudete”, do grupo The Mediæval Bæbes. É uma cantiga de Natal.

– Que nome curioso para uma banda.

– Elas são muito talentosas. Fui ao show quando estiveram em Toronto pela última vez.

– Ah, é?

Gabriel abriu um sorriso malicioso para ela.

– Está com ciúmes, Srta. Mitchell?

– Deveria?

– Não. Tenho tudo o que quero nos meus braços.

Eles começaram a se beijar. Logo seus corpos nus estavam entrelaçados diante da lareira.

Sob o brilho das chamas alaranjadas, Julia deitou Gabriel de costas e montou seus quadris. Ele sorriu enquanto a deixava assumir o controle, recebendo de

braços abertos sua recém-descoberta confiança.

– Não é tão assustador assim ficar por cima, é?

– Não. Mas agora estou mais à vontade com você. Acho que o sexo na parede do hotel acabou com as minhas inibições.

Ele se perguntou em silêncio de que outras inibições poderia libertá-la fazendo sexo em outros lugares, como no chuveiro, por exemplo. Ou, talvez, o cálice sagrado do coito doméstico: *sexo na mesa da cozinha*.

A voz dela interrompeu seus pensamentos:

– Quero lhe dar prazer.

– Você já me dá. Muito.

Julia estendeu a mão para trás e tocou de leve a virilha dele.

– Com a boca. Eu me sinto mal por ainda não ter retribuído. Você tem sido muito generoso.

O corpo de Gabriel reagiu à voz sussurrada dela e à sua mão hesitante.

– Julianne, isso não é uma troca de favores. Eu faço isso com você porque quero. – Os lábios dele se curvaram num meio sorriso. – Mas, já que você está oferecendo...

– Sei que os homens gostam disso.

Ele encolheu os ombros.

– Sexo bem-feito sempre vai ser melhor. Em comparação, todo o resto não passa de um *amuse-bouche*. – Ele piscou de um jeito safado, apertando o quadril dela para enfatizar o que dizia.

– Esta posição está boa? Com você deitado ou...?

– Está ótimo – sussurrou ele, os olhos subitamente incendiados.

– Acho que vai ser melhor do que se eu ficar de joelhos. – Pelo canto do olho,

Julia observou a reação dele.

– Exatamente. Eu, por outro lado, ficaria feliz em me ajoelhar diante da minha Princesa para lhe dar prazer, como já provei em outras ocasiões.

Julia riu baixinho. Mas então seu sorriso desapareceu.

– Preciso lhe contar uma coisa.

Gabriel ergueu um olhar curioso para ela.

– Eu tenho ânsia de vômito.

Um vinco surgiu entre as sobrancelhas dele.

Julianne evitou a expressão intrigada no rosto dele enquanto sua mão descia mais um pouco.

– Com muita facilidade.

Gabriel fechou a mão sobre a dela.

– Não vai ser um problema, querida. Eu prometo. – Ele apertou a mão de Julia.

Ela desceu mais um pouco e Gabriel começou a entrelaçar os dedos em seus cabelos, puxando-os de leve, brincando com eles.

Julia congelou.

Distraído por um instante, ele continuou a brincar com seus cabelos longos e sedosos.

Então percebeu que ela não estava se mexendo.

– O que foi?

– Por favor, não force minha cabeça para baixo.

– Eu não pretendia fazer isso – respondeu ele, parecendo perturbado.

Julia ficou totalmente imóvel, esperando. Gabriel não sabia pelo quê. Por fim,

soltou os cabelos dela para erguer seu queixo.

– Querida?

– Hum... é só que *nãoquerovomitaremcimadevocê*.

– Como?

Ela baixou a cabeça.

– Eu já... vomitei... antes.

– Como assim? Depois?

– Hum, não.

Gabriel ficou calado por alguns instantes, então estreitou os olhos.

– Você passou mal porque engasgou ou porque aquele desgraçado segurou sua cabeça à força?

Ela se encolheu, assentindo de forma quase imperceptível com a cabeça.

Gabriel praguejou, ardendo de raiva. Ele se sentou depressa, esfregando o rosto com as mãos.

No passado, não tinha sido muito carinhoso com suas parceiras, embora se orgulhasse de sempre ter mantido algum vestígio de boas maneiras. Menos quando usava cocaína.

Apesar de ter participado de orgias, festas que por vezes se aproximavam da decadência romana, ele nunca havia segurado a cabeça de uma mulher à força até ela vomitar.

Ninguém fazia isso. Nem mesmo os traficantes e viciados com os quais costumava andar

– e olhe que eles eram o tipo de pessoa que não tem limites ou escrúpulos. Só mesmo um filho da puta incrivelmente doentio, pervertido e misógino teria prazer em humilhar uma mulher daquela forma.

Submeter Julianne a uma coisa dessas, com seus olhos bondosos e sua linda alma...

Uma criatura tão tímida que tinha vergonha de engasgar. O filho do senador tinha sorte por estar escondido na casa dos pais, em Georgetown, com sua sentença suspensa e sua ação cautelar. Do contrário, Gabriel teria batido à sua porta para continuar a briga que havia começado. E a conversa entre eles terminaria com mais do que alguns socos.

Ele afastou aqueles pensamentos homicidas da cabeça, pondo Julia de pé e envolvendo-a em um dos cobertores.

– Vamos subir.

– Por quê?

– Porque não posso ficar sentado aqui depois do que você me contou.

As faces de Julia ficaram vermelhas de vergonha e seus olhos grandes se encheram de lágrimas.

– Ei. – Gabriel pressionou os lábios na testa dela. – A culpa não é sua. Entende o que eu digo? Você não fez nada de errado.

Ela abriu um sorriso fraco, mas estava claro que não acreditava nele.

Gabriel a conduziu ao andar de cima e atravessou o quarto até a suíte, fazendo-a entrar antes de fechar a porta atrás de si.

– O que está fazendo?

– Algo de bom. Pelo menos é o que espero. – Ele deslizou o polegar pela curva do rosto dela.

Gabriel abriu a ducha, testando a temperatura da água até ficar satisfeito. Ajustou o fluxo até a água cair gentilmente do chuveiro de teto estilo “banho de chuva”. Retirou devagar o cobertor do corpo de Julia e segurou a porta do boxe aberta, esperando que ela entrasse, para só então acompanhá-la.

Ela parecia confusa.

– Quero mostrar que amo você – sussurrou ele. – Sem levá-la para a cama.

– Por favor, me leve para a cama – implorou Julia. – Para que nossa noite não seja um completo desastre.

– Nossa noite não é um desastre – disse ele, irritado. – Mas nunca deixarei, de forma alguma, que voltem a machucá-la. – Ele acariciou seus cabelos com as mãos, separando-os e movendo-os para que cada mecha ficasse molhada.

– Você me acha suja.

– Pelo contrário. – Gabriel tomou a mão dela e a pressionou na tatuagem em seu peito.

– Você é a coisa mais próxima de um anjo que terei a chance de tocar. – Ele fitou os olhos de Julia sem piscar. – Mas acho que nós dois precisamos nos purificar dos nossos passados.

Ele afastou os cabelos dela para o lado e deu um beijo em seu pescoço. Recuando um passo, despejou um pouco do xampu de baunilha de Julia na palma da mão. Espalhou o líquido no couro cabeludo dela, esfregando devagar, deslizando os dedos pelos cachos até as pontas. Seus movimentos eram cuidadosos. Nunca tivera oportunidade de demonstrar, através de seus atos, que seu amor por ela era muito mais profundo do que

uma atração sexual. Aquele era o momento.

Conforme Julia começava a relaxar, sua mente voltou a uma das poucas recordações felizes que tinha da mãe. Ela era uma garotinha e Sharon lavava seus cabelos numa banheira. Ela se lembrava de as duas estarem rindo. Lembrava-se do sorriso da mãe.

Ter Gabriel lavando seus cabelos era muito melhor. Era uma experiência profundamente afetuosa e íntima. Ela estava nua diante dele, que lavava toda a sua vergonha.

Ele também estava nu, mas tomava o cuidado de não sufocá-la nem permitir que sua excitação um pouco constrangedora roçasse nela. O que interessava ali não era o sexo, mas fazer com que Julia se sentisse amada.

– Sinto muito por ter ficado tão emotiva – falou ela, baixinho.

– Sexo deve ser emotivo. Você não precisa esconder seus sentimentos de mim. –

Gabriel envolveu a cintura dela com os braços. – Também tenho emoções muito fortes com relação a nós dois. Esses últimos dias foram os mais felizes da minha vida.

Ele descansou o queixo no ombro dela.

– Você era muito tímida aos 17 anos, mas não me lembro de estar tão machucada.

– Eu deveria tê-lo largado na primeira vez que ele foi cruel comigo. – A voz dela ficou trêmula. – Mas não fiz isso. Não fui capaz de me defender e as coisas pioraram.

– Não foi culpa sua.

Ela se encolheu.

– Eu fiquei com ele. Agarrei-me às vezes em que ele era gentil ou atencioso, esperando que os momentos ruins fossem desaparecer. Sei que você ficou enojado com o que eu disse, mas, Gabriel, acredite: ninguém poderia ter mais nojo de mim do que eu mesma.

– Julia – atalhou ele com um suspiro, virando o rosto dela para que o encarasse. – Não tenho nojo de você. Não importa o que tenha feito, ninguém merece ser tratado assim.

Está me ouvindo? – Uma chama azul perigosa brilhou em seus olhos.

Ela cobriu o rosto com as mãos.

– Queria fazer algo por você. Mas não sirvo nem para isso.

Gabriel puxou os punhos dela, baixando suas mãos.

– Preste atenção. Nós nos amamos e tudo o que existe entre nós, inclusive o sexo, é uma dádiva. Não um direito, uma obrigação ou uma cobrança, mas uma

dádiva. Você tem a mim agora. Liberte-se dele.

– Ainda ouço a voz dele na minha cabeça. – Ela secou uma lágrima solitária.

Gabriel balançou a cabeça, movendo-os para que eles ficassem no centro da ducha, a água quente se derramando sobre seus corpos.

– Você se lembra do que falei em minha palestra sobre *A primavera* de Botticelli?

Ela assentiu.

– Há quem pense que *A primavera* é sobre o despertar sexual, que parte da pintura é uma alegoria para um casamento arranjado. A princípio, Flora é virgem e está com medo. Quando está grávida, parece serena.

– Sempre achei que Zéfiro a houvesse estuprado.

O rosto de Gabriel ficou tenso.

– E estuprou mesmo. Apaixonou-se por Flora depois e se casou com ela, transformando-a na deusa das flores.

– Não é uma boa alegoria para o casamento.

– Não, não é. – Ele engoliu em seco. – Julia, embora algumas de suas experiências tenham sido traumáticas, você ainda pode ter uma boa vida sexual. Quero que saiba que está segura nos meus braços. Não quero que faça nada de que não goste e isso inclui sexo oral.

Gabriel passou um braço em volta da cintura dela, sentindo a água quente escorrer por seus corpos nus antes de respingar nos azulejos aos seus pés.

– Só estamos dormindo juntos há uma semana. Temos a vida inteira para nos amarmos, de várias maneiras.

Com uma esponja, ele ensaboou a nuca e os ombros dela, em silêncio e com ternura.

Então percorreu suas costas, deslizando pela coluna, detendo-se vez por outra

para pousar os lábios onde a espuma já havia sido enxaguada.

Lavou a base das suas costas e as duas covinhas que marcavam o início de sua bunda.

Sem hesitar, ensaboou as nádegas de Julia, massageando a parte de trás das suas pernas.

Chegou até a lavar seus pés, pegando-lhe a mão para apoiá-la em seu ombro para que ela não perdesse o equilíbrio enquanto ele limpava entre os seus dedos.

Julia nunca havia se sentido tão bem cuidada na vida.

Em seguida, Gabriel se dedicou à parte da frente do seu pescoço e ao relevo dos seus ombros. Lavou e acariciou-lhe os seios, colocando a esponja de lado enquanto os beijava. Então tocou-a com carinho entre as pernas, de um jeito não sexual, mas reverente, enxaguando a espuma que havia se acumulado entre seus pelos negros e, por

◆◆◆

fim, colando sua boca ali também.

Quando terminou, tomou Julia nos braços e a abraçou como um adolescente tímido, de forma casta e simples.

– Você está me ensinando a amar e suponho que eu esteja lhe ensinando a amar também, de certa forma. Não somos perfeitos, mas podemos ser felizes. Não podemos? –

Ele recuou para fitar seus olhos.

– Podemos – respondeu ela, os olhos cheios de lágrimas.

Gabriel a apertou contra o peito e enterrou o rosto em seu pescoço, deixando a água caír sobre eles.

Emocionalmente exaurida, Julianne dormiu até o meio-dia. Na noite anterior, Gabriel tinha sido muito carinhoso, muito gentil. Havia prescindido daquilo que Julia sempre acreditara ser a necessidade básica de um homem – sexo oral – e lhe oferecera algo que só poderia ser descrito como a purificação da sua

vergonha. O amor e a aceitação tinham alcançado o efeito pretendido, de serem transformadores.

Ao abrir os olhos, ela se sentiu mais leve, mais forte e mais feliz. Carregar os segredos de como *ele* a havia humilhado tinha se mostrado um fardo muito pesado. Quando o peso foi retirado de seus ombros, ela se sentiu uma nova pessoa.

Embora talvez fosse uma blasfêmia comparar sua experiência com a parábola cristã do *Progresso do peregrino*, ela via semelhanças importantes entre suas redenções. A verdade liberta, mas o amor expulsa o medo.

Em seus 23 anos, Julia ainda não havia percebido como a graça estava em tudo e como Gabriel, que se considerava um grande pecador, poderia ser um catalisador dessa graça.

Isso era parte da divina comédia – o senso de humor de Deus reforçando os mecanismos internos do universo. Pecadores ajudavam outros pecadores a se redimirem, fé, esperança e caridade triunfavam sobre a descrença, o desespero e o ódio, enquanto o Um que chama todas as criaturas para Si observava e sorria.

CAPÍTULO SEIS

No meio de sua última noite na Úmbria, Gabriel acordou e encontrou a cama vazia.

Atordoado, meio adormecido, estendeu o braço para o lado de Julianne. Os lençóis não conservavam calor algum.

Ele se sentou e pôs os pés no chão, encolhendo-se quando eles tocaram a pedra fria.

Vestiu uma cueca samba-canção e desceu as escadas, coçando os cabelos desgrenhados.

A luz da cozinha estava acesa, mas não havia sinal de Julianne. Um copo de suco de cranberry pela metade estava em cima do balcão, ao lado de restos de queijo e uma casca de pão. Era como se um rato tivesse passado por ali para fazer um lanchinho, mas fugido ao ser pego no flagra.

Ao entrar na sala de estar, viu cabelos negros espalhados sobre o braço de uma poltrona estofada ao lado da lareira. Dormindo, Julianne parecia mais jovem e muito serena. Sua pele estava pálida, mas seu rosto e seus lábios exibiam um tom rosado. Gabriel decidiu compor um poema sobre sua boca. Na verdade, ela lhe trazia à mente o quadro *Sol ardente de junho,* de Frederick Leighton. Vestia apenas uma camisola de seda cor de marfim, com a alça do ombro direito caída.

Gabriel não conseguiu resistir ao chamado daquela pele branca e macia. Beijou seu ombro e se agachou ao lado dela, a mão acariciando de leve sua cabeça.

Ela se remexeu e abriu os olhos, piscando duas vezes antes de sorrir para ele.

Seu sorriso lento e doce incendiou o coração de Gabriel. A respiração dele ficou acelerada. Nunca sentira aquilo por ninguém e a profundidade do sentimento que Julianne lhe despertava nunca deixava de surpreendê-lo.

– Oi – sussurrou ele, afastando os cabelos do seu rosto com carinho. – Você está bem?

– Claro.

– Fiquei preocupado quando procurei você na cama e não a encontrei.

– Desci para comer alguma coisa.

As sobrancelhas de Gabriel se uniram e ele descansou a mão de leve no topo da cabeça dela.

– Ainda está com fome?

– Não de comida.

– Nunca vi isto antes – disse ele, deslizando um dedo pela camisola, roçando a parte de cima dos seios dela.

– Comprei para a nossa primeira noite juntos.

– É linda. Por que não a usou?

– Estava usando todas as coisas que você comprou para mim em Florença. Do

que a vendedora as chamou? *Bustiês e body suits?* Seu gosto para lingerie feminina é surpreendentemente antiquado, professor Emerson. Da próxima vez, vai me comprar um corpete.

Ele deu uma risadinha e a beijou.

– Vou me lembrar de procurar um. Você tem razão, tendo a preferir roupas íntimas que deixem mais espaço para a imaginação. Torna o ato de *desembrulhar* muito mais prazeroso. Mas você é igualmente linda vestida ou nua.

Julia estendeu a mão para tocar seu rosto e o puxou para perto para lhe dar um beijo mais intenso. Então roçou os lábios pelos contornos do maxilar dele até sussurrar em seu ouvido: – Vamos para a cama.

Ela pegou a mão de Gabriel e o conduziu para além da mesa da cozinha, trocando um sorriso malicioso com ele antes de subir as escadas. Fez com que ele se sentasse na beirada da cama de dossel e parou diante dele, detendo-se por alguns instantes.

Deslizou as alças da camisola pelos ombros e a peça se amontoou em seus tornozelos, deixando-a nua.

Na penumbra do quarto, ele se embriagou com as curvas tentadoras de Julia.

– Você é uma prova da existência de Deus – balbuciou ele.

– O quê?

– Seu rosto, seus seios, suas costas lindas. Santo Tomás de Aquino seria obrigado a acrescentá-la como uma Sexta Via se tivesse sido afortunado o suficiente para vê-la.

Você só pode ter sido *criada*, e não simplesmente feita.

Julia baixou os olhos, corando.

Ele sorriu diante do tom rosado de suas bochechas.

– Estou constrangendo você?

Em resposta, Julia se aproximou um passo e puxou uma das mãos dele, pousando-a em seu seio.

Ele a apertou de leve.

– Deite-se do meu lado para que eu possa abraçá-la.

– Quero que você me ame.

Gabriel tirou a cueca samba-canção e se moveu para que ela pudesse se juntar a ele.

Sem largar-lhe o seio, começou a beijá-la, entrelaçando com cuidado sua língua à dela.

– *Eu respiro você* – sussurrou ele. – Você é tudo. Você é o meu ar.

Ele provocou seus seios com os dedos e deu beijos carinhosos em seu pescoço, roçando os lábios para cima e para baixo enquanto ela o incentivava com dedos confiantes.

Julia o empurrou, reclinando-o de costas, e montou em seus quadris. Ele a beijou entre os seios e depois tomou um de seus mamilos na boca ao mesmo tempo que deslizava a mão pelo corpo dela, para testá-la.

Ele soltou seu seio e balançou a cabeça.

– Você não está pronta.

– Mas quero você.

– Também quero você. Mas antes quero deixar seu corpo em chamas.

O desejo de Julia ia contra a promessa que Gabriel fizera de que todas as suas relações seriam prazerosas para os dois. Ele preferiria adiar a penetração e seu próprio prazer até ela estar louca de vontade, em vez de se apressar antes que o corpo dela estivesse excitado o suficiente.

Quando finalmente se uniram, ela fitou seus olhos azuis abertos, os narizes quase colados. Julia se movia sobre ele de forma muito lenta, fechando os olhos para se

concentrar na sensação prazerosa e então tornando a abri-los. Era uma conexão intensa.

O azul-escuro, carregado de emoção, encarava sem piscar dois grandes círculos castanhos. Cada movimento, cada anseio se refletia nos olhos deles.

– Eu te amo. – Ele roçou o nariz no corpo dela e Julia acelerou o ritmo.

– Também te amo... – Sua última palavra foi interrompida por um gemido grave.

Ela se inclinou para a boca de Gabriel, os movimentos ainda mais rápidos. Suas línguas exploravam uma à outra, gemidos e confissões interrompendo o contato. Ele tocou suas costelas e acariciou sua cintura. Enfiou as mãos sob as curvas de suas nádegas para poder levantá-la um pouco e ter mais apoio.

Ela estava ficando viciada naquilo, em Gabriel. Adorava a maneira como ele a olhava naqueles momentos de intimidade e o modo como o mundo ao redor deles saía de foco.

Ansiava por sentir Gabriel se movendo dentro dela, pois ele sempre a fazia se sentir bonita. Julia poderia dizer que qualquer orgasmo seria um bônus à maneira como ela se

sentia quando estava unida a ele.

Assim como a música, a respiração ou os batimentos cardíacos de uma pessoa, fazer amor tinha um ritmo. Gabriel aprendera a ler o corpo de Julia e conhecer sua cadência, como uma luva que veste a mão de uma dama. Era um tipo de conhecimento ao mesmo tempo íntimo e primário, o mesmo a que os tradutores da Bíblia se referiam ao escreverem que Adão *conheceu* sua esposa. O conhecimento misterioso e divino que um amante possui de sua amada: um conhecimento pervertido e vilipendiado em uniões menos sagradas. Um conhecimento merecedor de uma comunhão que fosse além da palavra *matrimônio*.

Julia usou muito bem os conhecimentos recém-adquiridos, deleitando Gabriel com seu corpo repetidas vezes. E a sensação de tê-lo dentro de si era quente, vibrante, tropical e perfeita.

Ele estava perto, muito perto. Gabriel estudou o rosto dela e viu que seus olhos

estavam abertos. Cada movimento de Julia era correspondido por ele. Cada movimento trazia prazer para ambos.

Enquanto se olhavam, um gemido forte brotou do peito de Julia e, num piscar de olhos, ela jogou a cabeça para trás e gritou o nome dele. Aquilo foi glorioso aos olhos e ouvidos de Gabriel. Julianne enfim dissera seu nome. Logo depois ele cedeu, gemendo alto. Seu corpo se retesou e relaxou em seguida, as veias na testa e no pescoço se esticando e então afrouxando.

Um sexo jubiloso, cheio de ternura.

Ela não queria soltá-lo. Não queria deixá-lo sair de dentro do seu corpo, então se enroscou em cima dele, observando a expressão em seu rosto.

– Vai ser sempre assim?

Gabriel deu um beijo na ponta do nariz dela.

– Não sei. Mas, se Richard e Grace servem de parâmetro, só vai melhorar com o tempo.

Verei refletidas em seus olhos todas as alegrias e experiências que compartilhamos e você verá o mesmo nos meus. Nossa história ficará melhor, mais profunda.

Ela sorriu ao ouvir aquelas palavras e assentiu. Então seu rosto ficou triste.

– O que foi?

– Estou preocupada com o que pode acontecer no ano que vem.

– Por quê?

– E se eu não for aceita pelo programa de doutorado da Universidade de Toronto?

A expressão dele ficou séria.

– Não sabia que tinha se candidatado.

– Não quero ficar longe de você.

– Eu também não, mas, Julianne, o programa da Toronto não serve para você. Com quem iria trabalhar? Não posso orientá-la e duvido que Katherine aceite assumir um compromisso de vários anos.

O rosto de Julia demonstrou toda a sua decepção.

Gabriel acariciou sua bochecha com o dedo.

– Achei que quisesse ir para Harvard.

– Mas é tão longe!

– Só um voo curto. – Ele a encarou, pensativo. – Podemos nos ver nos fins de semana e feriados. Entrei com um pedido de ano sabático. Talvez possa passar o primeiro ano com você.

– Mas serão seis anos. Ou mais. – Ela já estava à beira das lágrimas. Gabriel viu seus olhos marejados e sentiu um aperto no coração.

– Vamos fazer dar certo. – A voz dele ficou rouca. – Agora, precisamos aproveitar o tempo que temos juntos. Deixe que eu me preocupe com o futuro. Garanto que não iremos nos separar.

Ela abriu a boca para protestar, mas ele a beijou.

– A vantagem de namorar um homem mais velho e estabelecido é que ele pode lhe dar espaço para você se concentrar na sua própria carreira. Darei um jeito de adequar meu emprego às suas necessidades.

– Isso não é justo.

– Injustiça seria você desistir do seu sonho de ser professora ou fazer um doutorado medíocre. Não vou permitir que sacrifique seus sonhos por mim. – Ele sorriu. – Agora me beije para provar que confia em mim.

– Eu confio em você.

Gabriel a envolveu em seus braços, suspirando enquanto ela descansava a cabeça em seu peito.

◆◆◆

CAPÍTULO SETE

Alguns dias antes do Natal, Christa Peterson estava na casa dos pais, na região norte de Toronto, checando seus e-mails. Ela vinha ignorando sua caixa de entrada havia uma semana. Acabara de romper um relacionamento que cultivara em paralelo a sua obsessão pelo professor Emerson, o que significava que ela não passaria o feriado esquiando com ele em Whistler, na Colúmbia Britânica.

O amante em questão era um banqueiro e havia rompido com ela por meio de um torpedo. Isso era de um mau gosto indiscutível, mas pior ainda seria o e-mail que certamente estaria à sua espera, como uma bomba-relógio à espreita.

Depois de se preparar com duas taças de champanhe Bollinger vintage, que ela havia comprado para o idiota que deveria tê-la levado para esquiar, Christa acessou sua conta.

E lá estava a bomba. Porém, não era a que ela esperava.

Dizer que ela ficou surpresa com o conteúdo da mensagem do professor Pacciani seria pouco. Na verdade, Christa sentiu como se o chão tivesse se aberto sob seus pés.

A única mulher canadense pela qual ela vira o professor Emerson demonstrar afeto, ainda que contido, tinha sido a professora Ann Singer. Está certo que tinha visto Emerson com várias mulheres no Lobby, mas nunca a mesma duas vezes. Ele era gentil com outras professoras e funcionárias da universidade, mas de um jeito profissional, sempre as cumprimentando com um aperto de mão firme. A professora Singer, por outro lado, foi recompensada com dois beijinhos quando ele a encontrou depois de sua última palestra pública.

Christa não queria retomar seu relacionamento com o professor Pacciani. Ele deixava muito a desejar no quesito físico e ela não tinha a menor intenção de voltar a ter encontros íntimos que a deixassem frustrada e insatisfeita. Afinal de contas, tinha seus critérios e não valia a pena ir para a cama com nenhum homem menos *avantajado* do que seu brinquedinho particular.

No entanto, como queria mais informações sobre a noiva do professor Emerson, fingiu estar interessada em se encontrar na primavera com o professor Pacciani e, com sutileza, perguntou o nome dela. Então desceu e terminou o seu champanhe.

Na véspera de Natal, Julia estava sentada no balcão do restaurante Kinfolks, em Selinsgrove, almoçando com seu pai. Gabriel estava fazendo compras de última hora

com Richard, e Rachel e Aaron tinham ido até o mercado buscar o peru. Scott continuava na Filadélfia com sua namorada.

Tom tinha entregado a Julia o presente de Paul. Ela o pusera no chão aos seus pés e agora o presente a olhava, implorando por atenção como um cachorrinho.

Ela o abriu, decidindo que era melhor fazer isso na frente do pai do que na frente do namorado. Com um sorriso, deu a garrafa de xarope de bordo a Tom, riu ao ver a vaca Holstein de pelúcia e a beijou, mas, quando desembrulhou os bonecos de Dante e Beatriz, seu rosto ficou pálido. Era quase como se Paul soubesse. Contudo, ele não tinha como saber que Gabriel e Julia eram Dante e Beatriz – pelo menos um para o outro.

Enquanto Tom comia o prato especial da casa – peru recheado e purê de batatas –, Julia leu o cartão de Paul. Tinha a imagem de crianças brincando de guerra de neve, com o típico *Feliz Natal* estampado na frente. Mas foram as palavras que Paul escreveu de próprio punho que lhe deram um nó na garganta: Feliz Natal, Coelhinha.

Sei que seu primeiro semestre foi duro e sinto muito não ter conseguido ajudá-la mais quando você precisou. Estou orgulhoso que não tenha desistido.

Receba um abraço apertado do seu amigo, Paul.

P.S.: Não sei se já ouviu a canção “Wintersong”, da Sarah McLachlan, mas parte dela me faz pensar em você.

Julia não conhecia a canção, então a letra que Paul não escreveu não lhe veio à cabeça enquanto examinava mais atentamente a arte do cartão. No centro da imagem da guerra de neve, uma garotinha de longos cabelos negros, vestindo um casaco vermelho-sangue, ria.

A mensagem, a imagem, o cartão, o presente... Paul tinha se esforçado para disfarçar seus sentimentos, pensou ela, mas fora em vão. Isso ficava claro na figura da garota que ria e na canção que ela ouviria mais tarde.

Julia suspirou e guardou tudo de volta na caixa, tornando a largá-la aos seus pés.

– Então, Gabriel está tratando você bem? – perguntou Tom, entre garfadas de peru.

– Gabriel me ama, papai. Ele é muito bom para mim.

Tom balançou a cabeça, refletindo sobre como Simon apenas parecia ser bom, ao passo que Gabriel era bom de verdade... e sobre como ele não havia conseguido perceber a diferença.

– Se em algum momento ele não for, quero que me diga – falou, provando o purê de batatas.

Julia quase revirou os olhos. Sim, era um pouco tarde para Tom fazer o papel de pai amoroso, mas antes tarde do que nunca.

– Quando Gabriel e eu chegamos à cidade pela manhã, passamos pela sua casa. Vi a placa no jardim.

Tom limpou a boca com um guardanapo.

– Eu a coloquei à venda algumas semanas atrás.

– Por quê?

– Por que não? Não posso viver num lugar em que minha filha não se sente segura.

– Mas você cresceu naquela casa. E quanto a você e Deb?

Ele deu de ombros e escondeu o rosto atrás de uma xícara de café.

– Nós terminamos.

Julia levou um susto.

– Eu não sabia. Sinto muito.

Tom bebericou seu café, estoico.

– Tivemos um desentendimento. E os filhos dela não gostam de mim.

Julia remexeu seus talheres, ajeitando-os até que suas extremidades estivessem alinhadas.

– Então Deb ficou do lado de Natalie e Simon?

Seu pai deu de ombros outra vez.

– Já era de se esperar. Para falar a verdade, foi um alívio. Estou gostando de voltar a ser

"livre". – Ele piscou um olho, de um jeito meio conspirador. – Estou procurando uma casa menor. Gostaria de investir parte do meu dinheiro na sua educação.

Julia ficou surpresa. Depois com raiva. Seu conflito com *ele* tinha custado muito caro para ela e para o pai e uma ficha na polícia e algumas horas de serviço comunitário estavam longe de pagar por isso. Ela estava marcada para o resto da vida e seu pai tinha perdido uma possível esposa e a casa da família Mitchell.

– Papai, você deveria guardar o dinheiro para a sua aposentadoria.

– Tenho certeza de que haverá dinheiro suficiente para tudo. E, se não quiser usar meu dinheiro para estudar, use-o para comprar cerveja. Daqui para a frente, somos só nos dois, garotinha. – Ele estendeu a mão e bagunçou os cabelos de Julia, seu gesto afetuoso preferido.

Em seguida, pediu licença para ir ao banheiro, deixando-a sozinha com seu hambúrguer pela metade, refletindo sobre seu pai mudado. Estava perdida em pensamentos, brincando com o copo de *ginger ale* à sua frente, quando alguém se sentou no banquinho ao seu lado.

– Olá, Jules.

Assustada, Julia se virou e deu de cara com a sua ex-colega de quarto, Natalie Lundy.

Em outra época, Julia teria rido e chamado sua antiga amiga pelo apelido. Mas isso foi antes de Natalie traí-la. Agora, a beleza e as belas curvas da amiga lhe pareciam hostis e frias.

Enquanto olhava para ela, Julia notou algo aflitivo nas roupas de Natalie: o casaco de grife vintage tinha os punhos ligeiramente puídos, as botas caras estavam surradas e eram de segunda mão. À primeira vista, ela parecia rica e bem-vestida. Mas, ao observar com mais atenção, Julia notou algo que outros não conseguiriam ver: a garota de cidade pequena que tinha vergonha de vir do proletariado e queria esconder suas origens.

– Feliz Natal, Natalie. O que vai querer? – perguntou Diane, a garçonete, debruçando-se sobre o balcão.

Julia observou a atitude fria e emburrada de Natalie se tornar alegre e radiante, passando a falar com o sotaque da região:

– Feliz Natal, Diane. Só um café. Não posso demorar muito.

A garçonete sorriu e serviu o café, então foi atender um grupo de bombeiros voluntários, colegas de Tom, na outra ponta do balcão. Assim que Diane virou as costas, a postura de Natalie mudou de novo. Ela fuzilou Julia com olhos cheios de ódio.

– Preciso conversar com você.

– Não quero ouvir nada do que você tenha a dizer. – Julia fez menção de se levantar, mas Natalie segurou sutilmente seu punho.

– Sente-se e cale a boca ou vou fazer um escândalo – ameaçou Natalie em voz baixa, quase sussurrando. Ela abriu um sorriso falso. Se alguém olhasse, jamais imaginaria que ela estava ameaçando Julia, que engoliu em seco e tornou a se sentar.

Natalie soltou seu braço, não sem antes apertá-lo com força.

– Precisamos conversar sobre Simon.

Julia lançou um olhar em direção ao banheiro masculino, torcendo para que seu pai voltasse.

Natalie prosseguiu:

– Vou partir do princípio que sua recente discussão com ele não foi intencional.

Você estava aborrecida, Simon disse coisas que não devia e você chamou a polícia. Mas, por causa desse mal-entendido, ele agora tem antecedentes criminais. Tenho certeza de que não preciso explicar por que esses antecedentes precisam sumir de sua ficha antes de ele concorrer à Câmara Estadual. Você precisa resolver este mal-entendido. Hoje mesmo.

Natalie sorriu e jogou o cabelo para trás, agindo como se ela e Julia estivessem entretidas numa conversa amigável.

– Não posso fazer nada – balbuciou Julia. – Ele já fez um acordo.

Natalie tomou um gole de seu café.

– Não me trate como se eu fosse idiota, Jules. Sei do acordo. Você terá que dizer ao promotor que mentiu, é óbvio. Explique que foi apenas uma discussão entre ex-namorados que fugiu ao controle, que já se vingou e se arrepende de ter inventado toda essa história. – Ela riu um pouco alto demais. – Embora eu não entenda como alguém possa ter acreditado que Simon estivesse interessado em você. Francamente, olhe só para a sua cara. Você é horrorosa.

Julia conteve uma resposta grosseira, tendo a prudência de decidir que o silêncio era a melhor opção.

Natalie se inclinou na direção dela e, com seus dedos frios como gelo, puxou a gola redonda do suéter de Julia, examinando seu pescoço com atenção.

– Você não tem marca alguma. Mostre o pescoço ao promotor e diga que mentiu.

– Não.

Julia se afastou de Natalie, resistindo ao impulso de lhe mostrar a mordida que havia coberto com corretivo pela manhã. Puxou a gola para cima, cobrindo mais o pescoço e pressionando a mão sobre o ponto onde Simon havia cravado seus dentes. Sabia que era uma dor fantasma, mas ainda conseguia senti-los rompendo sua pele.

Natalie baixou a voz até um sussurro:

– Não estou pedindo, estou avisando. – Sacou o BlackBerry da bolsa grande que carregava e o pôs entre elas no balcão. – Esperava não precisar fazer isso, mas

você não me deixa escolha. Tenho algumas fotos que Simon tirou de você. Elas são bem...

explícitas.

Julia lançou um olhar para o telefone. Sentiu a garganta seca de repente. Com a mão trêmula, levou seu copo aos lábios, fazendo um esforço desesperado para não derramar a bebida.

Natalie sorriu, claramente se deliciando com a tortura que era capaz de infligir a sua antiga rival. Pegou o celular com entusiasmo, passando as imagens pela tela, uma a uma.

– Nunca entendi como ele conseguiu tirar essas fotos sem que você soubesse. Ou talvez você soubesse e não se importasse. – Ela inclinou a cabeça de lado, estreitando os olhos para Julia. – Você se importaria se alguém em Selinsgrove visse essas fotos na internet?

Julia observou as pessoas à sua volta, esperando que nenhuma delas tivesse ouvido a ameaça de Natalie. Pelo menos ninguém estava olhando para elas. Seu primeiro impulso foi sair correndo, se esconder. Mas essa estratégia não a havia salvado da sua mãe quando ela era mais nova. Sharon sempre a encontrava. Tampouco a salvara de Simon.

Ele só havia parado por causa do contra-ataque de Gabriel.

Julia estava cansada de se esconder. Ela sentiu sua espinha se retesar.

– Se hoje Simon tem antecedentes criminais, a culpa é sua. Ele foi atrás de mim para recuperar essas fotos. Mas era você que estava com elas o tempo todo.

Natalie abriu um sorriso doce, mas não negou a acusação. Julia continuou:

– Agora você quer que eu limpe a sua bagunça. Mas não vou fazer isso.

Natalie riu.

– Ah, vai, sim.

Ela se virou de novo para o celular, aproximando-o teatralmente dos olhos.

– Meu Deus, como seus peitos são pequenos.

– Você sabia que o senador Talbot pretende se candidatar à presidência? – perguntou Julia, cuspindo as palavras.

Natalie tornou a jogar o cabelo para trás dos ombros.

– É claro que sei. Vou trabalhar na campanha dele.

Julia a encarou com olhar firme.

– Agora estou entendendo. O fato de Simon ter ficha na polícia vai ser um problema para o senador, então você precisa que ela suma. Você pisou na bola.

– Como assim?

– Se revelar essas fotos, Simon vai largá-la tão rápido que você vai ficar tonta. E nunca vai sair desta cidade.

Natalie descartou o comentário de Julia com um gesto.

– Ele não vai me largar. E o senador nunca vai ficar sabendo dessas fotos.

Julia sentiu seu coração começar a acelerar.

– Se eu estou nessas fotos, Simon também está. O que o senador vai achar disso?

– Nunca ouviu falar de um programinha chamado Photoshop? Posso editar a imagem de Simon e colocar outra pessoa no lugar dele. Mas isso não será necessário, porque você vai ser uma boa menina e fará a coisa certa. Não é, Jules?

Natalie abriu um sorriso condescendente enquanto guardava seu BlackBerry de volta na bolsa e se levantava para ir embora. Julia a deteve.

– Simon nunca vai apresentar você aos pais dele. Foi ele mesmo que me disse isso.

Você merece ser mais do que o segredinho sujo dele.

A expressão de Natalie fraquejou, mas então se endureceu.

– Você não sabe do que está falando – retrucou ela, perdendo a paciência. – Ele vai me dar *exatamente* o que quero, e você também. Se não resolver este problema hoje mesmo, vou postar essas fotos na internet. Tenha um bom Natal.

Ela começou a se afastar, mas Julia a chamou:

– Espere.

Natalie se deteve, olhando para a ex-amiga com um desprezo indisfarçado.

Julia respirou fundo e gesticulou para que Natalie se aproximasse.

– Diga a Simon para se certificar de que o senador renove a assinatura do *Washington Post*.

– Por quê?

– Porque, se você divulgar essas fotos, vou telefonar para Andrew Sampson, que trabalha no jornal. Você se lembra dele, não lembra? Foi o jornalista que escreveu aquele artigo do ano passado, sobre Simon ter sido preso por dirigir bêbado e como o senador intercedeu a favor dele.

Natalie balançou a cabeça.

– Não acredito em você.

Julia cerrou os punhos, decidida.

– Se divulgar as fotos, não terei nada a perder. Direi aos jornais que Simon me atacou, depois mandou a garota que ele come de vez em quando me chantagear.

Os olhos verdes de Natalie se arregalaram, mas em seguida ficaram muito estreitos, como os de uma serpente.

– Você não faria isso – sussurrou.

– Vai pagar para ver?

Natalie a encarou com uma surpresa furiosa e cerrou os dentes.

– Há anos que as pessoas pisam na sua cabeça e você nunca fez nada. Duvido

que vá telefonar para um repórter e revelar seus segredos.

Julia ergueu o queixo, lutando para manter a voz firme.

– Talvez eu esteja cansada de que pisem na minha cabeça. – Ela deu de ombros teatralmente. – Se você divulgar as fotos, não vai trabalhar na campanha do senador. Vai apenas ser parte de um escândalo constrangedor que eles irão varrer para debaixo do tapete.

A pele cor de marfim de Natalie assumiu um tom vermelho-escuro.

Julia aproveitou o silêncio para prosseguir:

– Me deixe em paz e eu esquecerei vocês dois. Mas nunca irei mentir sobre o que ele fez comigo. Já menti demais para acobertá-lo. Não vou mais fazer isso.

– Você só está com raiva porque Simon escolheu a mim em vez de você – falou Natalie, erguendo a voz. – Você não passava da namoradinha patética, que não sabia nem pagar um boquete decente.

Julia percebeu que os outros clientes do restaurante tinham parado de falar, e houve um silêncio constrangedor. Ela correu os olhos pelo salão, totalmente humilhada, enquanto as pessoas a encaravam. Todos tinham ouvido a revelação grosseira de Natalie, incluindo a esposa do pastor, que estava com sua filha adolescente num canto discreto, tomando chá.

– Perdeu a coragem, foi? – sibilou Natalie.

Antes que Julia pudesse responder, Diane surgiu de repente no balcão.

– Natalie, vá embora. Você não pode aparecer no meu restaurante e falar desse jeito.

Com raiva, Natalie recuou alguns passos, mas não antes de murmurar alguns palavrões.

– Isso não vai ficar assim.

Julia levantou o queixo.

– Ah, vai, sim. Você é esperta demais para arriscar seu futuro fazendo uma burrice dessas. Volte para *ele* e me deixe em paz.

Natalie a fuzilou com o olhar, em seguida deu meia-volta e saiu como um furacão.

– O que está havendo? – Tom surgiu de repente atrás de Julia. – Jules? Qual o problema?

Antes que ela pudesse responder, Diane lhe contou uma versão muito resumida e censurada do que acontecera.

Tom praguejou e pôs a mão no ombro da filha.

– Você está bem?

Ela assentiu com relutância antes de correr para o banheiro feminino. Não sabia como seria capaz de encarar as pessoas depois do que Natalie havia gritado. Lutando contra a náusea, ela se agarrou à pia para se equilibrar.

Diane foi atrás de Julia. No banheiro, umedeceu algumas toalhas de papel na água fria e as entregou para ela.

– Sinto muito, Jules. Eu deveria ter dado um tapa na cara dela. Não acredito que ela falou aquelas barbaridades no meu restaurante.

Julia ficou calada, passando as toalhas pelo rosto devagar.

– Querida, ninguém ouviu uma só palavra que aquela garota disse. Está uma barulheira lá fora e todos estão comentando sobre o Papai Noel do shopping que ficou bêbado ontem na hora do almoço e tentou agarrar uma das assistentes.

Julia se encolheu. Diane abriu um sorriso compassivo.

– Quer que eu prepare um chá ou alguma outra coisa para você?

Julia balançou a cabeça e inspirou fundo, tentando se recompor.

Se houver algum deus ouvindo, por favor, faça todos os fregueses do restaurante Kinfolks terem perda de memória recente. Só dos últimos quinze minutos.

Logo em seguida, ela voltou a se sentar ao balcão, do lado do pai. Manteve a cabeça baixa, recusando-se a fazer contato visual com quem quer que fosse. Era fácil demais imaginar o restaurante inteiro comentando seus pecados e julgando-a.

– Desculpe, papai – falou ela a meia-voz.

Ele franziu o cenho e pediu a Diane que lhe servisse um café fresco e uma rosquinha com geleia.

– Por que está pedindo desculpas? – A voz dele soou ríspida.

Diane os serviu, deu alguns tapinhas no braço de Julia, para mostrar sua compaixão, e depois foi atender outras mesas, dando-lhes um pouco de privacidade.

– A culpa é toda minha... Deb, Natalie, a casa... – Julia não queria chorar, mas de alguma forma as lágrimas brotaram de seus olhos e ela não conseguiu contê-las. –

Envergonhei você na frente da cidade inteira.

Tom se inclinou para perto dela.

– Ei, não quero ouvir essas bobagens. Você nunca me envergonhou. Tenho muito orgulho de você. – A voz de Tom falhou um pouco e ele começou a tossir. – Era minha responsabilidade protegê-la, e não fiz isso.

Julia secou uma lágrima.

– Mas agora sua vida está arruinada.

Ele bufou.

– Até parece que eu era tão apegado assim à minha vida... Prefiro perder a casa e Deb a perder você. Não tem nem comparação.

Ele empurrou a rosquinha para a frente da filha e esperou até que ela desse uma mordida.

– Quando conheci sua mãe, fui feliz. Tivemos alguns bons anos juntos. Mas o melhor dia da minha vida foi quando você nasceu. Sempre quis ter uma família. Não vou deixar nada nem ninguém me separar de você novamente. Eu lhe dou a minha palavra.

Julia sorriu para o pai, que se inclinou para a frente e bagunçou seus cabelos.

– Quero dar uma passada na casa de Deb para conversar sobre o que aconteceu. Ela precisa ensinar à filha a se comportar em público. Por que não liga para Gabriel e pede que ele venha buscar você? Nos vemos mais tarde na casa de Richard.

Julia concordou e secou as lágrimas. Não queria que Gabriel a visse chorando.

– Eu te amo, papai.

Tom pigarreou com força, sem olhar para ela.

– Eu também. Agora termine essa rosquinha antes que Diane comece a nos cobrar aluguel.

CAPÍTULO OITO

Gabriel ficou mais do que feliz em interromper as compras de Natal. Assim que ele e Richard chegaram ao restaurante, foram se juntar aos Mitchell no balcão.

Julia se levantou e deu um abraço forte em Gabriel.

– O que houve? – Ele franziu as sobrancelhas. – Você andou chorando.

– É só a velha tristeza natalina.

Constrangida, Julia percebeu que alguns dos fregueses ainda olhavam para ela.

– Como assim, tristeza natalina?

– Depois eu conto. – Ela começou a puxá-lo em direção à porta.

Richard se deteve por alguns instantes para cumprimentar Tom e, enquanto os dois velhos amigos conversavam, Gabriel carinhosamente prendeu o cabelo de Julia atrás da orelha e sussurrou algo gentil em seu ouvido.

Um reflexo repentino chamou a atenção de Richard: eram os brincos de Grace. Ele sem dúvida havia subestimado o novo relacionamento do filho. Sabia que Grace ficaria feliz por Gabriel ter dado aqueles brincos para Julia. Grace a amava como a uma filha e sempre a considerara parte da família. Talvez um dia Gabriel tornasse isso oficial...

Gabriel e Tom se cumprimentaram com educação, então Gabriel pegou o cartão de Natal que Julia havia recebido de Paul. Ele resistiu ao impulso de fazer algum comentário irônico e carregou a caixa sem dizer nada, o que já era alguma coisa.

Enquanto o trio se aproximava da porta, a agente Roberts entrou no restaurante. Estava de uniforme.

– Olá, Jamie. – Gabriel sorriu, mas seu corpo ficou tenso.

– Oi, Gabriel. Veio passar o Natal em casa?

– Isso mesmo.

Ela cumprimentou Julia e Richard e tornou a se voltar para Gabriel, percebendo o braço de Julia encaixado no cotovelo dele.

– Você está com uma cara boa. Parece feliz.

– E estou. Obrigado. – Ele abriu um sorriso sincero.

– Fico contente por você. Feliz Natal.

Julia e Gabriel lhe agradeceram e saíram discretamente do restaurante, ambos refletindo sobre como o perdão tornava certos fardos mais leves.

Assim que entraram na casa dos Clark, Gabriel já estava planejando saborear um uísque e charutos na varanda com Richard. Julia ainda se sentia um pouco abalada por conta de seu confronto com Natalie, mas estava tão aliviada por chegar em casa que tirou da cabeça todo e qualquer pensamento sobre aquela tarde. Desapareceu na sala de estar enquanto Gabriel e Richard penduravam seus casacos.

– Querida? Não quer me dar seu casaco? – perguntou Gabriel. Como ela não respondeu, ele a seguiu.

Na mesma hora parou, sem palavras. Sua amada Julianne estava petrificada, olhando para uma mulher sentada na sala de estar com Aaron e Rachel. Por instinto, Gabriel abraçou Julia pela cintura e a puxou para junto de seu peito.

Ele observou a mulher se levantar de forma graciosa e vir deslizando na direção dos dois. Ela se movia como uma bailarina ou uma princesa. A cada movimento seu, um quê de fortuna de berço pairava no ar, como perfume.

Ela era alta, quase do tamanho de Gabriel, com cabelos louros longos e lisos e olhos grandes, azuis. Sua pele era impecável e ela era magra como uma modelo, exceto pelos seios generosos e perfeitos. Usava botas de camurça pretas de salto agulha, uma saia lápis de lã também preta e um suéter de caxemira azul-claro que pendia de forma provocativa dos seus ombros cor de alabastro.

Era linda. E imponente. Avaliou o modo como Julia estava protegida sob os braços de Gabriel e arqueou as costas como uma gata.

– Gabriel, querido, que saudade! – A voz dela era forte e clara, e tinha um leve sotaque britânico. Ela lhe deu um abraço apertado.

Julia se desvencilhou dos dois, nem um pouco interessada em participar de um abraço coletivo.

– O que você está fazendo aqui?

Uma miríade de emoções cruzou o rosto de Gabriel enquanto ela lhe dava dois beijinhos com seus lábios carnudos e rosados.

Ela o beijou devagar, transpirando sensualidade. Para piorar, limpou a marca de batom da pele dele e deu uma risadinha, como se aquilo fosse uma piada interna.

Ele imediatamente desviou os olhos para Julia, que retribuiu seu olhar com uma expressão decepcionada.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Richard pigarreou e deu um passo à frente.

Ela afastou a mão que ele lhe oferecia e o abraçou.

– Richard. É um prazer revê-lo, como sempre. Fiquei arrasada quando soube a

respeito de Grace.

Richard aceitou educadamente o abraço dela e foi até Julia para ajudá-la com seu casaco. Depois de pendurá-lo, convenceu, sem nenhum alarde, Aaron e Rachel a se juntarem a ele na cozinha, privando Paulina de sua plateia.

– Eu não sabia que você tinha duas irmãs – disse Paulina, lançando um sorriso gélido a Julia.

Ela se agigantava sobre a garota, que usava sapatos sem salto, calça jeans e um cardigã preto. Diante de Paulina, Julia se sentiu deselegante e pequena.

– Eu só tenho uma irmã e você sabe muito bem disso – falou Gabriel, irritado. – O que está fazendo aqui?

Julia caiu em si e estendeu bravamente a mão, antes que Gabriel fizesse uma cena.

– Eu sou Julia. Nós nos falamos ao telefone.

Paulina se esforçou para manter suas expressões faciais sob controle, mas Julia viu o que ela estava tentando esconder: *as chamas frias do ressentimento*.

– Ah, foi? – disse ela com uma risada falsa. – Você entende que eu não poderia me lembrar de todas as garotas que já atenderam o telefone de Gabriel ao longo desses anos.

A menos que você seja uma das garotas com quem falei quando interrompi um *ménage*.

Está lembrado dessa noite, Gabriel?

Julia recolheu a mão como se tivesse levado um tapa.

– Ainda estou esperando que você responda à minha pergunta – disse ele, sua voz dura e fria como um lago congelado. – O que você está fazendo aqui?

Julia tentou se afastar. A imagem que Paulina havia pintado com aquelas palavras lhe causava repulsa, e ela não sabia se teria estômago para engolir a resposta, fosse ela qual fosse. Gabriel a agarrou, seus olhos implorando para que

ela não fugisse.

– Vim ver você, é claro. Você não retorna minhas ligações e Carson disse que estaria com a sua família. – Paulina parecia irritada.

– Está indo para Minnesota?

– Você sabe que meus pais não falam comigo. Gabriel, preciso conversar com você. –

Ela lançou um olhar venenoso para Julia. – *A sós.*

Gabriel sabia perfeitamente que, da cozinha, era possível ouvir a conversa na sala de estar. Ele se aproximou um passo de Paulina, a voz pouco mais alta que um sussurro: –

Permita-me lembrá-la de que você é visita. Não vou tolerar que desrespeite ninguém aqui, muito menos Julianne. Fui claro?

– Você nunca me tratou como visita quando estava na minha boca – murmurou Paulina, os olhos faiscando.

Julia inspirou fundo, sentindo um embrulho no estômago. Se tivesse conhecido Paulina algumas semanas antes, o encontro teria sido constrangedor e desconfortável. Mas agora, depois de passar horas na cama de Gabriel, era incrivelmente doloroso.

Paulina sabia como era ter intimidade com ele. Conhecia os seus sons, o seu cheiro, a expressão em seu rosto quando ele chegava ao orgasmo. Era mais alta, mais sofisticada e muito mais bonita do que Julia. E estava claro que, ao contrário dela, não tinha nenhum pudor em fazer sexo oral. Além de tudo (e isso era o mais arrasador), havia concebido um filho com Gabriel, algo que ele agora era incapaz de fazer com qualquer outra mulher.

Julia se libertou, dando as costas para os ex-amantes. Sabia que seria melhor se os dois ficassem a sós. Também sabia que seria melhor se manter firme, em vez de sair correndo. Mas seu espírito já havia levado uma surra no restaurante e ela não tinha mais forças para lutar. Emocionalmente exaurida, subiu as escadas arrastando os pés, sem ao menos olhar para trás.

Gabriel a viu se afastar e sentiu o coração desmoronar. Queria ir atrás dela, mas jamais deixaria Paulina sozinha com seu pai e sua irmã. Pediu licença por alguns instantes e foi até a cozinha dizer a Rachel que Julia não estava se sentindo bem e pedir que desse uma olhada nela.

Rachel subiu as escadas e topou com Julia saindo do banheiro no segundo andar.

– Você está bem?

– Não. Preciso me deitar.

Quando Rachel abriu a porta do antigo quarto de Gabriel, Julia ignorou o gesto da amiga e atravessou o corredor para entrar no quarto de hóspedes. Rachel observou sua amiga tirar lentamente os sapatos e colocá-los no tapete ao lado da cama.

– Posso lhe trazer uma aspirina ou qualquer outra coisa?

– Não. Só preciso descansar.

– Quem é aquela mulher? E o que ela está fazendo aqui?

♦♦♦

– Isso você vai ter que perguntar ao seu irmão – respondeu Julia com os dentes cerrados.

Rachel segurou a maçaneta com mais força.

– É exatamente o que vou fazer. Mas o fato de eu não saber quem ela é já diz alguma coisa. Se Gabriel nunca a trouxe aqui, não deve ser muito importante. – Ela se virou para ir embora. – Isso também deveria lhe dizer alguma coisa.

Julia se recostou na cama, na esperança de que o sono a levasse depressa.

Gabriel entrou na cozinha três horas mais tarde e encontrou Aaron e Rachel discutindo a maneira correta de preparar o famoso frango à Kiev de Grace.

– Estou falando: você tem que congelar a manteiga antes. Era assim que sua mãe fazia.

– Aaron parecia irritado.

– Como você sabe? Ela nunca falou nada sobre congelar a manteiga. – Rachel gesticulou para o cartão que continha a receita.

– Grace sempre congelava a manteiga – interveio Gabriel, de cara feia. –

Provavelmente supôs que todos soubessem disso. Onde está Julia?

Rachel se virou para ele, brandindo um enorme batedor de alumínio.

– Onde você estava?

O maxilar dele ficou tenso.

– Na rua. Onde ela está?

– Lá em cima. A menos que tenha decidido voltar para a casa do pai.

– Por que ela faria isso?

Rachel deu as costas para o irmão e voltou a bater alguns ovos.

– Bem, deixe-me ver. Talvez porque você saiu com uma ex-namorada e a deixou sozinha por três horas. Espero que Julia lhe dê um pé na bunda.

– Querida... – interveio Aaron em tom de censura, tocando-lhe o ombro.

– Não faça isso. – Rachel afastou a mão dele com raiva. – Gabriel, você tem sorte por Scott não estar aqui. A esta altura ele já teria arrastado você lá para fora.

Aaron fechou a cara.

– E eu? Eu poderia arrastar Gabriel lá para fora se quisesse.

Rachel revirou os olhos.

– Não, não poderia. E agora preciso que você congele a maldita manteiga.

Gabriel balbuciou algo ininteligível e se afastou. Demorou o máximo que pôde

para subir as escadas, tentando desesperadamente formular um pedido de desculpas que fosse digno de Julia.

(Não que isso fosse possível, nem mesmo com toda a sua lábia.) Ele ficou parado diante da porta, tentando se recompor, respirando fundo. Quando finalmente entrou, encontrou a cama vazia.

Intrigado, ele vasculhou o quarto. Nada de Julia.

Voltando ao corredor, perguntou-se se ela teria buscado refúgio no quarto de Scott, mas não. O banheiro também estava vazio. Seus olhos pousaram sobre a porta fechada do quarto de hóspedes na outra extremidade do corredor. Ele a abriu.

Julia estava deitada no meio da cama, num sono profundo. Ele cogitou deixá-la no mundo dos sonhos, mas então descartou a ideia. Eles precisavam conversar, longe de ouvidos curiosos, e pelo menos por enquanto sua família estava ocupada com outros afazeres.

Em silêncio, tirou os sapatos e se deitou, abraçando-a por trás. Sua pele macia estava fria. Ele envolveu o corpo de Julia com o seu.

– Gabriel? – Julia piscou para ele, sonolenta. – Que horas são?

– Seis e meia.

Ela esfregou os olhos.

– Por que ninguém me acordou?

– Eles estavam me esperando.

– E o que você estava fazendo?

– Fui à rua. Quando voltei, Richard quis conversar comigo.

– Onde você estava?

Ele a encarou com um olhar culpado.

– Com *ela*?

– A carteira de motorista dela está suspensa por conta da detenção por dirigir embriagada. Eu a deixei em um hotel.

– Por que demorou tanto?

Ele fez uma pausa, seu rosto angustiado.

– Estávamos conversando.

– Conversando? Em um hotel?

– Paulina está descontente com o rumo que a vida dela tomou. Veio aqui hoje numa tentativa desesperada de mudar isso.

Julia começou a se enroscar, puxando os joelhos para cima até colá-los ao peito.

– Não, não, não – disse ele, afastando os braços de Julia dos joelhos, tentando desesperadamente fazê-la relaxar. – Ela já foi embora e não vai voltar. Eu disse novamente a Paulina que estou apaixonado por você. Ela tem meu dinheiro e meus advogados, nada mais.

– Isso nunca vai ser suficiente para ela. Ela quer você, não importa que esteja comigo.

Ele envolveu o corpo inflexível dela com os braços.

– Não me interessa o que ela quer. Estou apaixonado por você. *Você* é o meu futuro.

– Ela é bonita. E sexy.

– Paulina é cruel e mesquinha. Não vi nada de bonito nela hoje.

– Vocês conceberam um filho juntos.

Ele se encolheu.

– Não por escolha.

– Detesto ter que dividir você.

Gabriel fechou a cara.

– Você *nunca* vai precisar me dividir.

– Preciso dividir você com o seu passado, com Paulina, com a professora Singer, com Jamie Roberts, com diversas outras mulheres com as quais provavelmente vou topar nas ruas de Toronto.

Ele cerrou os dentes.

– Farei tudo ao meu alcance para protegê-la desse tipo de situação constrangedora no futuro.

– Dói mesmo assim.

– Sinto muito – sussurrou ele. – Se pudesse mudar o passado, eu mudaria. Mas não posso, Julianne, por mais que eu queira.

– Ela lhe deu o que eu não posso dar.

Ele se inclinou sobre o corpo de Julia, a mão apoiada no colchão ao lado do quadril dela.

– Se estivesse com sede e alguém lhe oferecesse água do mar, você beberia?

– É claro que não.

– Por quê?

Ela estremeceu.

– Porque é salgada e suja.

– E se alguém lhe desse a chance de escolher entre essa água e um copo de Perrier, qual você escolheria?

– A Perrier, é claro. Mas não entendo o que isso tem a ver com *ela*.

Ele estreitou os olhos.

– Tem certeza? Não entende a comparação entre você e ela? *Esta* é a minha

água. – Ele pressionou seu corpo ao dela. – *Você* é minha água. Fazer amor com você é tudo o que preciso para saciar minha sede. Por que eu trocaria isso por água salgada?

Ele se roçou contra ela para reafirmar o que dizia.

– Julia, ela não tem nada a me oferecer.

Gabriel baixou o rosto, deixando seus narizes a poucos centímetros de distância.

– E você é linda. Cada parte sua é uma obra-prima, do topo da cabeça até a ponta dos dedos dos pés. Você é a Vênus e a Beatriz de Botticelli. Nem imagina quanto eu a adoro.

Meu coração é seu desde o primeiro momento em que a vi, quando você tinha apenas 17

anos.

Aos poucos, o corpo dela ia relaxando sob o toque dele e ao som das suas palavras tranquilizadoras.

– Como as coisas ficaram com ela?

– Eu disse que não gostava que ela aparecesse de surpresa e que ela nunca mais voltasse a fazer isso. Como era de se esperar, ela não reagiu nada bem.

Gabriel foi interrompido por uma batida forte à porta.

– Entre!

Ele rolou para o lado assim que Rachel entrou.

– O jantar está na mesa e Tom e Scott já chegaram. Vocês vão descer? – Ela olhou da melhor amiga para o irmão e então de volta para Julia. – Preciso mandar Scott subir?

Julia balançou a cabeça.

– Ele trouxe a namorada?

– Não, ela vai passar o Natal com os pais. Falei para convidá-la, mas ele deu um ataque. – Rachel pareceu incomodada. – Você acha que ele tem vergonha de nós?

– É mais provável que tenha vergonha dela – disse Gabriel. – De ser uma stripper.

– Quem tem teto de vidro não deveria atirar pedra no telhado dos outros. – Rachel fuzilou o irmão com o olhar e saiu como um furacão.

A expressão de Julia estava intrigada.

– O que foi isso?

O rosto de Gabriel ficou tenso.

– Minha querida irmã não está nem um pouco satisfeita com Paulina... ou comigo.

CAPÍTULO NOVE

Avéspera de Natal foi diferente de todas as que eles haviam passado juntos. Richard e os filhos sentiram muito a falta de Grace; Aaron queria já estar casado; e Rachel desejava que seu frango à Kiev estivesse pelo menos quase tão bom quanto o da mãe, com ou sem manteiga congelada.

Depois do jantar, Gabriel, Tom e Richard se reuniram na varanda dos fundos para fumar charutos e beber uísque, deixando o restante da família tomando café na cozinha.

– Como foi na Itália? – perguntou Aaron para Julia enquanto os dois se serviam de mais uma caneca de café.

– Foi ótimo. O tempo estava bom e nós nos divertimos muito. E os planos para o casamento?

– Estão indo. Quando Rachel quis comprar cem pombas para serem libertadas depois da cerimônia, tive que bater o pé. Alguns dos meus parentes gostam de andar armados e achei que poderiam ficar tentados a praticar tiro ao alvo. – Ele lhe deu uma piscadela.

– Como estão seus pais?

– Bem. Rachel está envolvendo minha mãe nos preparativos para o casamento, então ela está muito empolgada. Como estão as coisas entre você e Gabriel?

Julia abriu a geladeira para procurar o creme e sumiu atrás da porta.

– Bem.

– Exceto pelo detalhe de a ex-namorada dele ter aparecido aqui.

Ela lançou um olhar para Aaron, que o retribuiu, compreensivo.

– Não quero falar sobre isso.

Aaron mexeu numa colher de chá.

– Gabriel fica diferente quando você está por perto. – Ele pousou a colher sobre o balcão e esfregou o queixo. – Parece feliz.

– Ele também me faz feliz.

– Ver Gabriel feliz é quase tão raro quanto encontrar um hobbit. Estamos todos contentes por isso. Quanto à ex, bem, duvido que seja sério. Não é como ele é com você.

– Obrigada, Aaron.

Os dois amigos trocaram um rápido abraço.

Mais tarde naquela noite, Julia e Gabriel voltaram para o quarto que haviam alugado numa pousada. Ela estava lavando o rosto no banheiro quando ouviu os acordes de

“Lying in the Hands of God” virem do quarto.

Gabriel surgiu atrás dela, usando apenas uma cueca samba-canção de seda azul-marinho e um sorriso.

Ele a observou por alguns instantes, a expressão em seu rosto cada vez mais tórrida.

Esfregou o nariz no pescoço dela, afastando seus cabelos e roçando os lábios em sua pele.

– Eu quero você – sussurrou ele. – Agora.

Ele enfiou as mãos debaixo da blusa de Julia, expondo a pele acima da cintura de sua calça de ioga.

– Por que não veste uma daquelas coisas bonitas que comprou em Toronto? Ou talvez o bustiê azul. Você sabe que é o meu favorito. – A voz de Gabriel soava grave enquanto sua boca se movia de forma sedutora até o ombro dela.

– Não posso.

Ele sorriu com malícia.

– Não aqui, amor. Não acho que esteja pronta para nos assistir pelo espelho. Embora eu não fosse me incomodar nem um pouco.

Quando ele começou a tirar a blusa dela, Julia se afastou.

– Hoje à noite, não.

Gabriel baixou os braços, deixando-os pender junto ao corpo, e a encarou.

Ela evitou seus olhos, voltando a lavar o rosto.

Gabriel fechou a cara e saiu do banheiro, desligando o aparelho de som, irritado. Com exceção do episódio na Galleria degli Uffizi, ela nunca o havia rejeitado. É claro que eles só estavam juntos havia pouco mais de duas semanas... Mas mesmo assim.

O professor Emerson não estava acostumado a que suas amantes lhe dissessem não. Ela certamente tinha suas razões – ou pelo menos uma, Paulina. Ele se deixou cair na cama, cobrindo o rosto com o braço. Julianne ainda estava chateada por causa da aparição de sua ex, o que era compreensível. Sexo seria a última coisa que teria em mente. Isso sem falar que algo perturbador havia acontecido com ela no restaurante Kinfolks naquela tarde.

Ser rejeitado apenas fez com que ele a desejasse ainda mais. O perfume de seus

cabelos, a sensação da pele sedosa sob seus dedos, o modo como ela fechava os olhos com força antes de gozar, a sensação do corpo dela se movendo debaixo dele, com ele...

Gabriel precisava fazer amor com ela para saber que estava tudo bem... que eles estavam bem.

Sim, sexo era seu alimento diário. Gabriel precisava dele para mostrar a Julia não com palavras, mas com ações, que a amava; que a venerava; que faria qualquer coisa por ela.

Precisava saber que ela ainda o queria, ouvi-la sussurrar seu nome.

Mas ela não parecia precisar dele. Não o desejava. Não naquela noite.

Gabriel continuou imerso em suas reflexões depressivas até Julia se juntar a ele na cama. Ela se deitou ao seu lado, observando-o, mas ele não lhe deu atenção. Limitou-se a apagar o abajur na mesa de cabeceira.

Na escuridão, os dois ficaram em silêncio, uma barreira fria e invisível se ergundo entre eles.

– Gabriel?

– O que foi?

– Preciso lhe explicar uma coisa.

Ele suspirou, expelindo todo o ar dos pulmões lentamente.

– Eu entendo, Julianne. Boa noite. – Tentou impedir que a irritação transparecesse em sua voz, mas fracassou. Ele se virou para o outro lado, dando-lhe as costas.

Julia se encolheu. Agora a barreira invisível mais parecia um muro alto e impenetrável.

Homens e seus egos frágeis!

Ela queria explicar a situação para Gabriel, mas, já que ele iria se ofender à toa,

Julia preferia esperar até a manhã. Ou mais. Ela se virou também e fechou os olhos, determinada a apagar todo aquele dia infeliz da cabeça. Tentou não fazer barulho, esperando conseguir conter as lágrimas. A última coisa que queria era que ele a pegasse chorando.

Garotos são uns idiotas.

Ela fungou por alguns minutos, então Gabriel a abraçou, pressionando o peito nu contra as costas dela.

– Me desculpe – sussurrou ele.

Ela assentiu, ainda fungando.

♦♦♦

– Por favor, não chore.

– Não estou chorando.

– Não quis ser um idiota. – Ele se apoiou em um cotovelo. – Olhe para mim. – Gabriel sorriu para ela, arrependido. – Nós fizemos amor tantas vezes nas duas últimas semanas que fiquei mal-acostumado. Mas sei que haverá dias em que você vai estar cansada ou indisposta. Prometo que não vou ficar de mau humor... pelo menos não muito.

Julia abriu um sorriso torto e se ergueu para beijar a boca dele, que formava um biquinho.

Ele secou os olhos dela.

– Não quer me dizer por que estava chorando hoje à tarde no restaurante?

Julia negou com a cabeça.

– Por favor?

– Estou muito cansada.

Gabriel pressionou seu corpo no de Julia, até senti-la relaxar em seus braços.

– O que posso fazer?

– Não preciso de nada.

– Um banho quente? Uma massagem? – A expressão no rosto dele era a de um garotinho, louco para agradar. – Deixe-me tocar em você. Vai se sentir melhor.

– Gabriel, eu mal consigo ficar de olhos abertos.

– Quero fazer alguma coisa por você.

– Apenas me abrace.

– Com todo o prazer. – Gabriel a beijou mais uma vez antes de encaixar seu corpo atrás do dela, de “conchinha”.

– Feliz Natal, Gabriel.

– Feliz Natal.

Algumas horas antes, uma mulher solitária havia entrado num táxi em frente ao hotel Comfort Inn. Ela estava chorando.

O taxista ignorou educadamente suas lágrimas e aumentou o rádio, para lhe dar alguma privacidade durante o longo trajeto até Harrisburg. Tocava uma canção daquelas que fica na cabeça e os dois começaram a cantarolar.

Enquanto cantarolava, ela pensou no pacote que havia deixado com o recepcionista noturno do hotel, Will. Ela lhe dera duas notas de 20 dólares em troca da promessa de que ele entregaria o tal pacote em um endereço em Selinsgrove, às nove da manhã do dia seguinte. Manhã de Natal.

Quando Will disse (como bom morador de cidade pequena) que conhecia o endereço, pois havia estudado com Scott, irmão de Gabriel, como quem não quer nada a mulher tentou obter informações sobre a nova namorada de Gabriel.

Will respondeu com entusiasmo, pois sua família conhecia Tom Mitchell e a filha dele havia anos. Ele contou que Tom tinha acabado de se vangloriar de que Julia estava se saindo muito bem em sua pós-graduação na Universidade de Toronto.

Assim que a mulher ficou sabendo desse fato surpreendente, decidiu deixar o hotel e ir embora de Selinsgrove. Enquanto observava as árvores cobertas de neve passarem pela janela do táxi, perguntou-se como poderia descobrir se Julianne era aluna de Gabriel quando eles começaram a sair juntos.

CAPÍTULO DEZ

Bem cedo na manhã de Natal, Gabriel estava sentado na cama de cueca samba-canção e óculos, indeciso quanto a se deveria ou não acordar Julianne. Poderia ter voltado à sala de estar da suíte, onde apenas uma hora antes havia bancado o Papai Noel.

Mas preferia estar perto dela, mesmo no escuro.

A conversa que tivera com Richard no dia anterior o atormentava. O pai adotivo lhe perguntara sobre Paulina e ele lhe contara o máximo que tivera coragem, frisando que Paulina era passado e que seu futuro era com Julia. Richard, que era um homem compassivo, convenceu o filho a condicionar o acesso de Paulina a seu fundo fiduciário a um acompanhamento profissional, indicando que ela claramente precisava de ajuda.

Assim que Gabriel concordou, Richard mudou de assunto com tranquilidade, passando a falar de Julia e perguntando se ele estava apaixonado por ela. Gabriel respondeu que sim sem hesitar e então Richard começou a falar de *responsabilidade*.

– Estou me responsabilizando por ela.

– Ela ainda é estudante. E se engravidar?

A expressão de Gabriel endureceu.

– Isso não vai acontecer.

Richard sorriu.

– Pensei assim uma vez. E aí tivemos o Scott.

– Já provei que sou mais do que capaz de arcar com minhas responsabilidades – disse Gabriel com voz fria.

Seu pai recostou-se na cadeira, fazendo um triângulo com as mãos, pensativo.

– Julia se parece com Grace em vários sentidos... especialmente no que diz respeito à tendência a se sacrificar por aqueles que ama.

– Não vou permitir que ela sacrifique seus sonhos por minha causa. Pode ficar tranquilo quanto a isso.

Richard lançou um breve olhar para a foto de Grace que ele sempre mantinha em cima da mesa, uma mulher sorridente com olhos bondosos.

– Como Julia reagiu à visita de Paulina?

– Ainda não conversei com ela sobre isso.

– Se você abandonar Julia, vai ter sérios problemas com seus irmãos e comigo.

As sobrancelhas de Gabriel se uniram como duas nuvens carregadas.

– Eu jamais a abandonaria. Não conseguiria viver sem Julia.

– Então por que não diz isso a ela?

– Porque só estamos juntos há duas semanas.

Richard arqueou as sobrancelhas, surpreso, mas decidiu não interrogar o filho sobre a ambiguidade semântica da expressão “estar juntos”.

– Você sabe o que penso a respeito disso. Deveria se casar com ela. No momento, parece que está com Julia sob falsos pretextos. Suas atitudes indicam que ela não passa de uma transa, quando na verdade suas intenções são sérias.

Gabriel ficou indignado ao ver o relacionamento deles caracterizado daquela forma.

– Julianne não é minha amante.

– Mas você se recusa a assumir um compromisso com ela.

– Eu estou comprometido com ela. Não há mais ninguém.

– Mas aí Paulina aparece atrás de você e faz uma cena na frente de Julia e da sua família.

– Não tenho controle sobre isso – rebateu Gabriel, irritado.

– Não mesmo? – Richard apertou os lábios. – Não posso acreditar que uma mulher tão inteligente quanto Paulina apareceria aqui sem alguma esperança de que as investidas dela pudessem surtir efeito.

Gabriel fez uma careta, mas não se deu o trabalho de discutir.

– Por que não se compromete com Julia? Aposto que ela está ansiosa para saber o que o futuro lhe reserva. Em parte, o sacramento do matrimônio existe para proteger as mulheres da exploração sexual. Se você a priva dessa proteção, então ela não passa de uma amante, independentemente de como você a chame. E já viu o que aconteceu, o que está acontecendo, com Paulina.

– Isso não vai acontecer com Julianne.

– E como ela pode saber disso? – Richard tamborilou no tampo da mesa. – O

casamento é mais que um pedaço de papel. É um mistério. Na verdade, existe um *Midrash* que sugere que o casamento se dá no Paraíso entre duas almas gêmeas. Você

quer ficar com Julia para sempre?

– O que eu quero é imaterial. Não vou apressá-la a tomar uma decisão que mudará sua vida no meio do ano acadêmico – balbuciou Gabriel, esfregando os olhos. – Ainda é cedo demais.

– Tomara que você não espere até ser tarde demais – retrucou Richard, olhando com tristeza a foto de Grace.

Então, com essas palavras ecoando em seus ouvidos, Gabriel observava sua alma gêmea dormir na manhã de Natal.

Como se conseguisse ouvir seus pensamentos, Julia se mexeu, uma ansiedade inominável pairando sobre ela. No instante seguinte, virou-se para ele, os dedos roçando a seda que lhe cobria a cintura.

Na escuridão do quarto, Gabriel parecia uma gárgula: uma figura cinza e imóvel que retribuía seu olhar por trás dos óculos, num silêncio sepulcral. Julia levou alguns instantes para reconhecê-lo.

– O que você está fazendo?

– Nada. Volte a dormir.

Ela franziu o rosto, intrigada.

– Mas você está sentado no escuro, seminu.

Ele lhe abriu um sorriso titubeante.

– Estou esperando você acordar.

– Por quê?

– Para abrirmos os presentes. Mas está cedo. Volte a dormir.

Ela se arrastou mais para perto dele, buscando sua mão. Julia beijou-a e a puxou para junto do seu coração.

Gabriel sorriu e a espalmou sobre o peito dela para sentir seu coração bater. O rosto dele ficou sério.

– Me perdoe por ontem à noite. – Ele pigarreou. – Não quero que pense que sexo é a única coisa que quero de você. Não é isso.

O sorriso dela desapareceu.

– Eu sei que não.

Ele moveu a mão para acariciar suas sobrancelhas.

– Eu desejo você, é óbvio. É difícil para mim não tocá-la, não estar com você daquela forma.

A mão dele pairou sobre o rosto de Julia, hesitante.

– Mas eu te amo e quero que esteja comigo porque quer. Não por se sentir

obrigada.

– Não me sinto obrigada. Você poderia ter me pressionado tantas vezes, como na noite em que estávamos no seu antigo quarto e... eu tirei o top. Mas você foi paciente. E

quando transamos pela primeira vez foi maravilhoso. Tenho sorte de ter você comigo.

Ela lhe abriu um sorriso sonolento.

– Por que não vem para perto de mim? Acho que nós dois precisamos descansar.

Gabriel se enfiou debaixo das cobertas, aconchegando-se junto a sua amada. Quando a respiração de Julia ficou regular, indicando que ela havia adormecido, ele sussurrou algumas promessas para ela em italiano.

Quando Julia acordou, foi presenteada com um café da manhã na cama. Ansioso, Gabriel implicou com ela até que Julia concordasse em acompanhá-lo à sala de estar. Ele praticamente saltitava de empolgação.

(De forma muito digna e professoral, é claro, apesar de estar sem camisa.) Eles tinham pegado uma pequena árvore de Natal “emprestada” na recepção da pousada e a colocado no meio da sala. Havia vários embrulhos debaixo dela. Sobre o sofá de dois lugares estavam duas grandes meias vermelhas, com os nomes “Julianne” e

“Gabriel” bordados.

– Feliz Natal. – Gabriel beijou a testa dela, sentindo-se muito orgulhoso.

– Nunca tive uma meia de Natal.

Ele a levou até o sofá e pôs a meia no colo de Julia. Ela estava cheia de doces e calcinhas com imagens natalinas. E, bem na ponta, havia um pen drive contendo o vídeo de um “tango” muito especial contra a parede do Royal Ontario Museum (gravado numa visita particular deles).

– Por que você nunca teve uma meia?

– Sharon nem sempre se lembrava do Natal e meu pai nunca pensou nisso. – Ela deu de ombros.

Gabriel balançou a cabeça. Eu também só tive uma meia quando fui morar com a família Clark, pensou.

Julia apontou para os dois presentes embrulhados em papel xadrez verde e vermelho

sobre a mesa de centro.

– Por que não abre seus presentes antes?

Gabriel ficou radiante e se sentou no chão diante da árvore, de pernas cruzadas. Pegou uma caixa pequena e rasgou o papel.

Julia riu ao ver aquele professor tão decoroso sentado de óculos e cuecas enquanto atacava seus presentes como um menino de 4 anos.

Gabriel abriu a caixa e ficou muito surpreso com o que encontrou. Aninhado em meio à seda de cor creme, havia um par de abotoaduras. Mas não eram abotoaduras comuns.

Ostentavam o brasão da cidade de Florença. Ele as observou, intrigado.

– Gostou?

– Adorei, Julianne. Estou apenas surpreso. Como você...

– Enquanto você estava em uma das suas reuniões, fui até a Ponte Vecchio e as comprei. Achei que ficariam bem com suas blusas elegantes. – Ela olhou para o chão. –

Devo confessar que usei parte do dinheiro da bolsa para comprá-las. Então, na verdade, quem as comprou foi você.

Gabriel foi de joelhos até ela e a beijou, agradecido.

– Aquele dinheiro era seu. Você o conquistou. E as abotoaduras são perfeitas.

Obrigado.

Ela sorriu ao vê-lo ali, ajoelhado.

– Tenho outro presente para você.

Ele sorriu quando encontrou um segundo embrulho pequeno e fino. Debaixo do papel de presente, havia uma reprodução emoldurada, tamanho 20x25cm, do quadro *Amantes ao luar*, de Marc Chagall.

Dentro do cartão em anexo, Julia havia escrito algumas bobagens carinhosas, declarando seu amor e sua gratidão por tê-lo reencontrado. Também acrescentou outro presente, mais importante: Gostaria de posar para suas fotografias.

Com todo o meu amor,

Sua Julia.

Gabriel ficou sem palavras. Seus olhos, intrigados, cruzaram com os dela.

– Acho que está na hora de você ter algumas fotografias nossas penduradas nas paredes do seu quarto. E gostaria de fazer isso por você. Se não houver problema.

Ele se juntou a ela no sofá e a beijou com sofreguidão.

– Obrigado. Este quadro é lindo, mas você é muito mais. – Ele sorriu. – Seu gosto por Chagall vai ser a nossa inspiração. Mas acho que precisaremos praticar nossas poses antes.

Ele moveu as sobrancelhas de forma sugestiva antes de se inclinar para a frente e beijá-

la, sugando seu lábio inferior.

– Você é o melhor dos presentes – murmurou Gabriel.

Ele sentiu os lábios dela formarem um sorriso debaixo da sua boca e a puxou de volta para lhe entregar um dos presentes que estavam debaixo da árvore.

Ela o recompensou com olhos brilhantes e ávidos. Quando abriu a pequena caixa, encontrou um CD que Gabriel havia gravado para ela, intitulado *Fazendo*

Amor com Julia.

– São as músicas que ouvimos em Florença – explicou ele.

– Obrigada. Eu ia mesmo pedir uma cópia daquelas canções. Elas me trazem boas lembranças.

Debaixo do estojo de acrílico, ela encontrou uma série de vales-brindes para várias sessões de spa no Windsor Arms Hotel em Toronto, algumas das quais com nomes muito exóticos, como banho Vichy e *body wrap* com algas e sal marinho.

Ela agradeceu, lendo os títulos em voz alta até chegar ao último papel.

Você tem uma consulta marcada com um cirurgião plástico em Toronto assim que voltarmos. Com base nas informações que dei, ele está confiante de que sua cicatriz pode ser removida por completo. Não precisa mais se preocupar com ela, Gabriel.

Ele tirou o papel dos dedos tensos de Julia, abrindo um sorriso de desculpas.

– Eu não deveria ter incluído este na caixa. Desculpe.

Julia pegou a mão dele.

– Obrigada. Achei que fosse precisar esperar. Mas este é o melhor presente que você poderia ter me dado.

Gabriel suspirou aliviado e se inclinou para dar um beijo na testa dela.

– Você merece – declarou ele, os olhos em chamas.

Ela abriu um sorriso tímido e olhou em volta dele, para uma caixa grande que

continuava debaixo da árvore de Natal.

– Ainda falta um presente. É para mim?

Ele assentiu.

– Posso abrir?

– Preferiria que esperasse.

Ela fez cara feia.

– Por quê? Quer que eu leve para a casa de Richard? Para abrir em frente à sua família?

– Não, Deus me livre!

Gabriel correu os dedos pelos cabelos dela, abrindo um meio sorriso.

– Desculpe. É só que é meio, digamos, pessoal. Pode esperar para abrir hoje à noite?

Por favor?

Ela olhou para a caixa com curiosidade.

– A julgar pelo tamanho da caixa, não é um gatinho.

– Não, não é. Mas, se quiser um animal de estimação, posso comprar um para você. –

Ele lançou um olhar desconfiado para a caixa aberta que estava diante da porta.

– Aquele é o presente que você recebeu do Paul?

Julia deu de ombros, fingindo não saber que aquela pergunta estava por vir.

– Uma garrafa de xarope de bordo, que eu dei para o meu pai, e três brinquedos.

– Brinquedos? Que tipo de brinquedos?

Ela pareceu indignada.

– De criança, é claro.

– Ele não lhe deu um coelho de pelúcia alguns meses atrás? Acho que tem algum tipo de fetiche por coelhos.

Papa-anjo.

– Gabriel, você tem um fetiche por sapatos de mulher. O sujo falando do mal lavado.

– Nunca neguei minha apreciação estética por calçados femininos. Afinal de contas, são obras de arte – disse ele com afetação. – Especialmente quando uma mulher tão linda quanto você os está calçando.

Ela não pôde deixar de sorrir.

– Ele me deu uma vaca Holstein de pelúcia e dois bonecos, um de Dante e outro de Beatriz.

O rosto de Gabriel exibiu uma expressão de grande perplexidade.

– Bonecos? – A boca dele se escancarou em um sorriso provocativo. – Está falando daqueles bonecos articulados?

– Isso, qual o problema?

– Eles são anatomicamente corretos?

– Agora quem está sendo infantil?

Ele estendeu a mão para traçar a curva do seu rosto.

– Só estava imaginando que tipo de *brincadeira* eles seriam capazes de fazer... em particular, é claro.

– Dante deve estar rolando no túmulo.

– Podemos fazer essa cena se pegarmos o boneco de Paul e enterrá-lo no quintal dos fundos. Mas eu gostaria de ficar com a Beatriz.

– Você não tem jeito. – Julia não pôde deixar de rir. – Obrigada pelos presentes. E

obrigada por ter me levado à Itália, que foi o melhor presente de todos.

– Não tem de quê. – Gabriel aninhou o rosto dela nas mãos e vasculhou seus olhos por alguns instantes antes de beijar sua boca.

O que começou como um beijo tímido, de boca fechada, logo foi ganhando intensidade até eles estarem se puxando e se agarrando com mãos febris e sôfregas. Julia ficou nas pontas dos pés, apoiada no ombro dele. Gabriel gemeu de frustração e a empurrou para trás com cuidado. Então tirou os óculos e esfregou os olhos.

– Preferiria continuar o que estamos fazendo, mas Richard quer nos encontrar no culto.

– Está bem.

Gabriel tornou a pôr os óculos.

– Uma boa garota católica como você não preferiria ir à missa?

– É o mesmo Deus. Já fui à igreja com sua família antes. – Julia estudou o rosto dele. –

Você não quer ir?

– A igreja não é lugar para mim.

– Por que não?

– Há anos que não vou lá. Eles vão... me julgar.

Julia ergueu os olhos para ele e o encarou com uma expressão séria.

– Somos todos pecadores. Se apenas os não pecadores fossem à igreja, ela ficaria vazia.

E duvido que os membros da igreja de Richard o julguem. Os anglicanos são muito acolhedores.

Ela lhe deu um beijinho no rosto e foi para o quarto escolher suas roupas. Ele a seguiu até lá e se deixou cair na cama, observando-a remexer os cabides no armário.

– Por que você ainda acredita em Deus? – perguntou ele. – Não sente raiva dele por todas as coisas que aconteceram na sua vida?

Julia parou o que estava fazendo e o encarou. Parecia muito contrariada.

– Coisas ruins acontecem com todas as pessoas. Por que minha vida deveria ser diferente?

– Porque você é boa.

Ela olhou para as próprias mãos.

– O universo não se baseia em magia... não existe um conjunto de circunstâncias para os bons e outro para os maus. Todos sofrem em algum momento. A questão é o que você faz com o sofrimento. Concorda?

Ele a encarou, impassível.

– Talvez o mundo fosse muito pior se Deus não existisse – prosseguiu ela.

Ele praguejou baixinho, mas não quis discutir.

Ela se sentou na cama, ao lado dele.

– Você já leu *Os irmãos Karamazov*?

– É um dos meus livros favoritos.

– Então conhece o diálogo entre Alyosha, o padre, e seu irmão Ivan.

Gabriel riu, mas não sem ternura.

– Imagino que eu seja o livre-pensador rebelde e você, o jovem religioso.

Julia o ignorou.

– Ivan dá a Alyosha uma lista de motivos para provar que Deus não existe ou, se Ele existe, que é um monstro. É uma discussão muito pungente e passei bastante tempo pensando sobre ela. Mas você se lembra de como Ivan conclui sua argumentação? Ele diz que, embora rejeite a criação de Deus e este mundo, ainda há um aspecto dele que considera surpreendentemente belo: as folhinhas pegajosas que desabrocham na

primavera. Ele as ama, por mais que odeie o mundo ao redor delas. Essas folhinhas não são a fé ou a salvação. São resquícios de esperança. Elas o impedem de cair em desespero ao demonstrarem que, apesar de todo o mal que ele vira, ainda resta ao menos uma coisa bela no mundo.

Ela se aproximou para ver a expressão de Gabriel com mais clareza e, com muita ternura, pousou as mãos em suas bochechas.

– Gabriel, quais são as suas folhinhas?

A pergunta de Julia o pegou de surpresa. Então ele ficou simplesmente sentado ali, olhando para a linda morena à sua frente. Era em momentos como esse que ele se lembrava de por que, a princípio, achara que ela era um anjo. Ela possuía uma compaixão rara. Pelo menos a julgar pela experiência de Gabriel.

– Não sei. Nunca pensei no assunto.

– As minhas eram Grace. E você. – Ela lhe abriu um sorriso tímido. – E, mesmo antes disso, tive os voluntários do Exército da Salvação que foram bons comigo quando minha mãe não foi. Eles me deram um motivo para acreditar.

– Mas e quanto ao sofrimento dos inocentes? Das crianças? – A voz de Gabriel era pouco mais que um sussurro. – E quanto aos bebês?

– Não sei por que os bebês morrem. Gostaria que não morressem.

A expressão de Julia se tornou grave.

– Mas o que há de errado com o restante de nós, Gabriel? Por que permitimos que as pessoas abusem dos seus filhos? Por que não defendemos os doentes e os fracos? Por que permitimos que soldados arrebanhem nossos vizinhos, coloquem uma estrela em suas roupas e os entulhem em vagões de trem? Deus não é mau... Nós é que somos.

Todos queremos saber de onde vem o mal e por que o mundo está cheio dele. Por que ninguém se pergunta de onde vem o bem? Os seres humanos possuem uma incrível capacidade para a crueldade. Por que a bondade não existe? Por que pessoas como Grace e Richard são tão boas? Porque existe um Deus, e ele não permitiu que a Terra fosse inteiramente corrompida. Existem as folhinhas pegajosas, se você procurar por elas. E, quando as reconhece, consegue sentir a presença Dele.

Ele fechou os olhos, sorvendo as palavras de Julia, que o tocava, e sabendo, no fundo do coração, que ela dissera uma verdade muito profunda.

Por mais que se esforçasse, ele jamais conseguiria deixar de acreditar; mesmo nos momentos mais sombrios, a luz nunca havia se apagado. Ele tivera Grace para guiá-lo e, quando ela morreu, ele providencialmente reencontrou sua Beatriz, que lhe mostrara o

♦♦♦

restante do caminho.

Ele lhe deu um beijo casto e, quando ela o deixou sozinho para tomar banho, Gabriel ficou pensando, maravilhado, na despretensiosa sagacidade de Julia. Ela era muito mais inteligente do que ele, pois seu intelecto era marcado por uma originalidade criativa genuína que ele só poderia sonhar em ter. Apesar de tudo o que lhe havia acontecido, ela não perdera a fé, a esperança e a compaixão.

Ela não é igual a mim, e sim melhor.

Ela é minha folhinha.

Uma hora depois, Julia e Gabriel foram de carro para a Igreja Episcopal de Todos os Santos. Gabriel usava terno preto e camisa branca, ostentando orgulhosamente as abotoaduras que Julia lhe dera. Ela usava um vestido cor de ameixa na altura dos joelhos e botas pretas de cano longo que havia comprado em Florença.

Um constrangimento sem fim. Era como Gabriel teria descrito o clima quando se sentou com Julianne na ponta do banco da família.

Sentiu-se, entretanto, grato pela liturgia, pela ordem e pela maneira como as Escrituras e a música foram utilizadas no culto. Ele se viu contemplando sua vida e os passos que o haviam conduzido até a bela mulher ao seu lado, que segurou sua mão o tempo todo.

O Natal era uma celebração do nascimento – de um nascimento em especial. Para onde quer que olhasse, ele via bebês e crianças: no presépio em frente à igreja, nos estandartes, nos vitrais e na pele reluzente da mulher grávida sentada do outro lado do corredor.

Por um breve instante, Gabriel se deu conta de que se arrependia de ter feito a vasectomia, não apenas por ele e por não poder mais conceber uma criança, mas também por Julianne. Ele se imaginou deitado na cama com ela nos últimos estágios da gravidez, pondo a mão em sua barriga para sentir a criança chutar. Pensou em ter o filho recém-nascido nos braços, e na cabeleira preta que ele teria.

Ficou alarmado ao imaginar tudo isso. Essas ideias marcavam uma mudança de caráter e prioridades, afastando-o da culpa e do egoísmo que dominavam sua vida até a reaparição de Beatriz. Uma mudança rumo à permanência e ao compromisso com uma mulher com a qual queria formar uma família, com a qual queria ter uma criança. Seu amor por Julianne o mudara de várias formas. Ele não tinha percebido quanto essas mudanças eram dramáticas até olhar para aquela grávida e sentir uma inveja melancólica.

Eram esses os pensamentos que ocupavam sua mente enquanto ele segurava a mão de

Julianne até a hora da eucaristia. Ele foi o único do banco da família que não entrou na fila no corredor central para receber a comunhão.

Havia algo de reconfortante na igreja, pensou Gabriel. Embora a experiência como um todo, em especial a homilia, lhe parecesse uma espécie de julgamento. Ele havia desperdiçado tempo demais da sua vida – anos que jamais poderia recuperar.

Não dissera a Grace as coisas que queria ter dito antes de ela morrer. Não havia tratado Paulina ou Julianne com a dignidade que elas mereciam. Não tinha tratado com respeito nenhuma das mulheres com as quais se envolvera.

Ao pensar em Paulina, Gabriel afastou os olhos da mulher de cabelos escuros com um belo vestido cor de ameixa e baixou a cabeça, rezando de forma quase inconsciente por perdão e também por orientação. Sabia que estava andando na corda bamba, entre assumir a responsabilidade dos seus erros passados e eliminar a dependência de Paulina em relação a ele. Rezou para que ela encontrasse alguém que a amasse e a ajudasse a esquecer o passado.

Gabriel estava tão imerso em suas orações que não percebeu sua família passar por ele para voltar a seus lugares nem a mão quente de Julia esgueirando-se em volta de seu cotovelo quando ela se sentou bem junto dele. Tampouco percebeu o momento durante o culto, logo antes da consagração, em que seu pai caiu em um pranto silencioso, os ombros tremendo enquanto Rachel passava o braço ao seu redor, pousando sua cabeça loura no ombro dele.

O Reino dos Céus é como uma família, pensou Julia, observando Rachel e Scott abraçarem o pai, *onde o amor e o perdão substituem as lágrimas e o sofrimento.*

CAPÍTULO ONZE

Depois do almoço, Rachel arregimentou a família para ajudá-la a preparar o grande jantar de Natal. Julia conversou um pouco com Tom ao telefone e o fez prometer que chegaria por volta das três horas para participar da troca de presentes. Em seguida foi com Rachel para a cozinha e começaram a descascar maçãs para fazerem duas tortas.

Rachel havia “trapaceado”, comprando a massa pronta, mas teve o cuidado de tirá-la da embalagem e colocá-la entre camadas de plástico-filme na geladeira para que ninguém percebesse.

– Ei, bonitonas. – Scott entrou na cozinha com um sorriso muito largo e começou a remexer dentro da geladeira.

– Que felicidade é essa? – perguntou sua irmã, descascando uma maçã.

– É Natal – respondeu ele, rindo, enquanto Rachel lhe mostrava a língua.

– Fiquei sabendo que você conheceu alguém – disse Julia.

Scott começou a montar um prato de sobras, ignorando o comentário.

Rachel estava prestes a repreender o irmão por sua falta de educação quando o telefone tocou. Ela atendeu e, quando percebeu que era sua futura sogra, desapareceu na sala de estar.

Scott se virou na mesma hora e encarou Julia com um olhar de desculpas.

– O nome dela é Tammy. Não estou pronto para deixá-la ser sabatinada pela família.

– Eu entendo. – Julia lhe abriu um pequeno sorriso e voltou à maçã que estava descascando.

– Ela tem um filho – contou ele, encostando o corpo grande no balcão e cruzando os braços na frente do peito.

Julia baixou sua faca.

– Ah.

– A criança tem só 3 meses. Tammy mora com os pais. Não pôde vir porque está amamentando. – Scott falava em voz baixa, quase sussurrando, e não parava de lançar olhares para a porta que dava para a sala de estar.

– Quando for apresentá-la à família, deveria trazer o bebê também. Eles serão

♦♦♦

recebidos de braços abertos – disse ela.

– Não tenho tanta certeza disso. – Scott parecia muito desconfortável.

– Eles vão ficar felizes em ter um bebê por perto. Rachel e eu vamos nos estapear por ele.

– O que você pensaria se o seu filho namorasse uma mãe solteira, sabendo que o bebê era de outro homem?

– Seus pais adotaram Gabriel. Duvido que Richard vá ser contra. – Julia suspirou devagar, analisando Scott com o olhar. – A não ser que sua namorada seja casada.

– O quê? Não! O namorado dela a largou quando ela estava grávida. Já somos amigos há algum tempo. – Ele correu os dedos pelo cabelo, puxando-o com tanta força que ele quase ficou de pé. – Tenho medo de que papai ache estranho eu estar namorando uma mulher com um recém-nascido.

Julia apontou na direção do presépio montado debaixo da árvore de Natal na sala ao lado.

– José e Maria tiveram uma história parecida.

Scott a encarou como se Julia tivesse desenvolvido uma segunda cabeça.

Em seguida riu, voltando-se para o seu sanduíche.

– Bem colocado, Jules. Vou me lembrar disso.

Mais tarde, a família se reuniu em volta da árvore de Natal para abrir os

embrulhos. Os Clark eram uma família generosa, por isso havia vários presentes, alguns sérios, outros de brincadeira. Julia e seu pai receberam um de cada.

Enquanto todos admiravam seus presentes e bebiam seus *egg nogs*, Rachel colocou o último presente no colo de Gabriel.

– Isto chegou para você hoje de manhã.

– De quem é? – perguntou ele, olhando para o pacote com uma expressão intrigada.

– Não sei.

Gabriel lançou um olhar esperançoso para Julia, mas ela negou com a cabeça.

Ansioso por desvendar o mistério, ele começou a rasgar o papel de embrulho. Levantou a tampa da caixa branca com cuidado e afastou as camadas de papel de seda.

Antes que alguém pudesse ver o que havia descoberto, deixou a caixa de lado e ficou de pé com um salto. Sem dizer nada, encaminhou-se a passos rápidos para a porta dos

fundos, batendo-a ao sair.

– O que foi isso? – A voz de Scott rompeu o silêncio.

Aaron, que tinha visto a cena do corredor, entrou na sala.

– Aposto que é da ex-namorada dele – falou ele.

Julia cambaleou em direção à cozinha e atravessou a varanda dos fundos, seguindo o vulto do namorado, que se afastava.

– Gabriel? Gabriel! Espere.

Flocos de neve grandes e grossos caíam como plumas do céu, cobrindo a grama e as árvores com uma brancura fria. Ela estremeceu.

– Gabriel!

Ele desapareceu no bosque sem olhar para trás.

Ela apertou o passo. Se o perdesse de vista, teria que voltar para casa. Não iria correr o risco de se perder de novo no bosque sem um casaco. Ou um mapa.

Começou a entrar em pânico, lembrando-se do seu pesadelo recorrente de estar perdida no bosque, sozinha.

– Gabriel! Espere!

Abrindo caminho por entre as árvores, ela seguiu por alguns metros antes de vê-lo, parado diante de um pinheiro alto.

– Volte para casa. – O tom gélido da sua voz combinava com a neve que caía.

– Não vou deixar você aqui.

Ela deu mais alguns passos à frente. Ao ouvi-la se aproximar, Gabriel lhe deu as costas.

Ele usava terno e gravata e calçava sapatos italianos caros, agora arruinados.

Um dos saltos dela ficou preso num ramo e ela tropeçou para a frente, agarrando-se a um tronco para não cair.

Num piscar de olhos, Gabriel chegou ao seu lado.

– Volte para casa antes que você se machuque.

– Não.

Os cabelos dela estavam soltos e os cachos lhe caíam sobre os ombros. Ela tinha os braços cruzados diante do peito por causa do frio. Uma leve camada branca cobria-lhe a cabeça e o vestido cor de ameixa.

Ela parecia um anjo de neve, algo que você encontraria num conto de fadas ou num globo de neve, os flocos pairando ao redor dela como se fossem seus amigos. Ele se lembrou da vez em que a surpreendeu em sua saleta na biblioteca e várias folhas de papel voaram pelos ares, caindo em volta dela.

– *Linda*. – Por alguns instantes Gabriel foi distraído pela visão dela. Sua

respiração se condensava no ar entre eles.

Ela estendeu a mão rosada e nua.

– Volte comigo.

– Ela nunca vai abrir mão de mim.

– Quem?

– Paulina.

– Ela precisa começar uma nova vida. Precisa da sua ajuda.

– Ajuda? – Ele a fuzilou com o olhar. – Você quer que eu a *ajude*? Depois de ela ter ficado de joelhos na minha frente e tentado abrir minha calça?

– O quê?

Ele cerrou os dentes, amaldiçoando sua própria burrice.

– Nada.

– Não minta para mim!

– Foi uma tentativa desesperada de uma mulher desesperada.

– Você a impediu?

– É claro! Quem acha que eu sou? – Uma chama azul perigosa se acendeu nos olhos dele.

– Você ficou surpreso?

Um músculo saltou em sua mandíbula.

– Não.

Julia cerrou os punhos com tanta força que suas unhas se enterraram nas palmas das mãos.

– Por quê?

Gabriel olhou para as árvores atrás dela, recusando-se a responder à pergunta.

– Por que não ficou surpreso? – repetiu ela, aumentando o tom de voz.

– Porque é isso que ela faz.

– Faz ou fazia?

– Qual é a diferença? – retrucou ele, perdendo a paciência.

Julia estreitou os olhos.

– Se eu preciso explicar, então nosso relacionamento está mais abalado do que eu imaginei.

Ele não queria responder: sua resistência estava clara em seus olhos, seu rosto, até em seu corpo.

Ela o encarou com um olhar incisivo.

Gabriel lançou um olhar por sobre os ombros dela, fitando algum ponto distante, quase como se buscasse uma maneira de fugir. Então tornou a encará-la.

– Ela costumava aparecer de vez em quando e nós... – Ele deixou a frase no ar.

Julia sentiu um embrulho no estômago. Ela fechou os olhos com força.

– Quando perguntei se Paulina era sua amante, você disse que não.

– Ela nunca foi minha amante.

Julia arregalou os olhos.

– Não me venha com joguinhos de palavras! Principalmente em se tratando das mulheres que você come por aí.

Ele tornou a cerrar os dentes.

– Isso está abaixo do seu nível, Julianne.

Ela riu sem a menor alegria.

– Ah, sim. Está abaixo do meu nível dizer a verdade. Mas você pode mentir à vontade!

– Nunca menti para você a respeito de Paulina.

– Mentiu, sim. Não é à toa que ficou com raiva quando falei que ela era uma amiga que você comia de vez em quando, durante aquela aula. – Julia o encarou com uma expressão arrasada. – Você esteve com ela na nossa cama? Na cama em que nós dormimos juntos?

Gabriel baixou os olhos.

Ela começou a recuar.

– Estou com tanta raiva de você agora que nem sei o que dizer.

– Sinto muito.

– Isso não é o suficiente – gritou ela, afastando-se dele. – Qual foi a última vez que dormiu com ela?

Ele se apressou em segui-la, esticando-se para agarrar seu braço.

– Não me toque! – Ela deu um passo para trás, tropeçando na raiz de uma árvore.

Gabriel a segurou antes que ela caísse.

– Espere só um minuto, está bem? Me dê uma chance de explicar.

Depois de se convencer de que ela estava com os pés mais firmes no chão, Gabriel a soltou.

– Em setembro, quando conheci você, não estava mais com Paulina. Nós não nos encontrávamos desde dezembro, quando falei a ela que precisávamos parar de nos ver de uma vez por todas.

– Você me fez acreditar que tinha acabado com ela em Harvard. Tem ideia de quanto isso dói? Tem ideia de quanto me faz sentir uma idiota? Ela aparece na casa dos seus pais como se fosse a coisa mais natural do mundo, como se eu

fosse um caso qualquer. E

por que seria diferente? Você vem dormindo com ela há *anos*!

Gabriel remexeu seus sapatos na neve.

– Eu estava tentando proteger você.

– Cuidado com o que diz, Gabriel. Muito cuidado com o que diz.

Ele ficou petrificado. Nunca a ouvira usar aquele tom de voz. De repente, sentiu que a estava perdendo. A simples ideia era insuportável.

Ele começou a falar muito depressa:

– Nós só nos víamos uma ou duas vezes por ano. Como falei, não a encontrava desde dezembro. – Ele correu os dedos pelo cabelo. – Você esperava que eu catalogasse cada relação sexual que tive na vida? Eu falei que tinha um passado.

Gabriel a encarou, dando um passo sutil para a frente.

– Você se lembra da noite em que eu lhe contei sobre Maia?

– Sim.

– Você me falou que eu poderia encontrar o perdão. Quis acreditar em você. Achei que, se lhe contasse como cedi repetidas vezes a Paulina, iria perder você. – Ele pigarreou. –

Não tive intenção de magoá-la.

– Você está mentindo para mim agora?

– Não.

A expressão no rosto dela era de desconfiança.

– Você a ama?

– É claro que não. – Gabriel deu outro passo cauteloso na direção dela, mas Julia ergueu a mão.

– Então você dormiu com ela durante anos, depois de ter feito uma filha com ela e ela ter tido um colapso nervoso, mas não a amava.

Os lábios dele se afinaram.

– Não.

Gabriel viu lágrimas brilharem nos seus olhos grandes e escuros e a observou combatê-

las, seu belo rosto maculado pela tristeza. Ele venceu a distância entre os dois, tirando seu paletó e o colocando com ternura em volta dos ombros de Julia.

– Você vai pegar uma pneumonia. Deveria voltar para casa.

Ela agarrou o paletó, puxando as lapelas até o pescoço.

– Ela era a mãe de Maia – sussurrou Julia. – E veja só como você a tratou.

Gabriel ficou tenso. *A mãe de Maia.*

Julia e Gabriel ficaram em silêncio, notando por alguns instantes que a neve havia parado de cair.

– Quando você pretendia me contar tudo isso?

Gabriel hesitou, o coração disparado. Não sabia ao certo o que iria dizer até as palavras saírem dos seus lábios.

– Nunca.

Ela se virou e começou a andar na direção que lhe parecia conduzir de volta à casa.

– Julia, espere! – Gabriel surgiu atrás dela e agarrou seu braço.

– Já falei para não me tocar! – Ela puxou o braço de volta, encarando-o com raiva.

– Você deixou claro que não queria saber detalhes sobre como eu era antes de conhecê-

la. Disse que me perdoava.

– É verdade.

– Sabia que eu era um devasso.

– Achei que sua devassidão tivesse limites.

Gabriel se encolheu, sentindo-se ferido por aquele comentário.

– Eu mereci isso – disse ele. – Não lhe contei tudo, quando deveria ter contado.

– Foi ela quem lhe deu aquele presente de Natal?

– Foi.

– O que era?

Os ombros de Gabriel se encurvaram.

– Uma ultrassonografia.

Julia inspirou, emitindo um chiado conforme o ar cortante de inverno enchia-lhe os pulmões.

– Por que ela faria uma coisa dessas?

– Paulina parte do princípio de que mantive tudo em segredo. Ela tem razão quanto aos meus irmãos, é claro. Mas acha que não contei a você sobre Maia. Essa foi a maneira que ela encontrou de garantir que eu fizesse isso.

– Você a usou. – Os dentes de Julia começaram a bater. – Não é à toa que ela não quer desistir de você. Você lhe deu migalhas, como se ela fosse um cachorro. Seria capaz de me tratar assim?

– Nunca. Sei que tratei Paulina de forma abominável. Mas isso não dá a ela o direito de magoá-la. Você é a única inocente desta história.

– Você me enganou.

– Sim, enganei. Você me perdoa?

Julia ficou calada por alguns instantes, esfregando as mãos para espantar o frio.

– Você já pediu perdão a Paulina alguma vez?

Gabriel negou com a cabeça.

– Você brincou com o coração dela. Eu sei como é isso. É por isso que consigo ter pena.

– Eu conheci você primeiro – sussurrou ele.

– Isso não lhe dá o direito de ser cruel. – Julia tossiu um pouco quando o ar frio queimou sua garganta.

Ele apertou de leve seu ombro.

– Por favor, volte. Você está com frio.

Julia se virou para ir embora e Gabriel estendeu a mão para segurar a dela.

– Eu sentia algo por ela, mas não era amor. Era culpa e luxúria, e um pouco de afeto, mas não amor.

– O que vai fazer agora?

Gabriel enlaçou a cintura dela com o braço, puxando-a para junto de seu corpo.

– Vou resistir ao impulso de reagir ao presente que ela deixou para mim e fazer tudo que puder para consertar as coisas entre nós dois. É você quem eu quero. Sinto muito por tê-la magoado.

– Talvez você mude de ideia.

Ele a abraçou mais forte, uma expressão voraz em seu rosto.

– Você é a única mulher que amei na vida.

Como Julia não respondeu, ele se pôs a acompanhá-la de volta para casa.

– Juro que jamais seria infiel. Quanto ao que Paulina tentou fazer ontem... – Ele apertou a cintura de Julia. – Houve uma época em que eu talvez tivesse caído em

tentação. Mas isso foi antes de encontrar você. Eu preferiria passar o resto da minha vida bebendo do seu amor a esvaziar todos os oceanos do mundo.

– Suas promessas são vazias se não forem acompanhadas de honestidade. Eu perguntei se ela era sua amante e você ficou fazendo jogos de palavras comigo.

Ele fez uma careta.

– Tem razão. Sinto muito. Não vai acontecer de novo.

– Com o tempo, você vai se cansar de mim. E, quando isso acontecer, vai voltar a ser o que era.

Gabriel parou de andar e se virou para encará-la.

– Nunca conheci Paulina de verdade. Nós temos uma história, mas jamais fomos compatíveis. E nunca fomos bons um para o outro.

Julia se limitou a encará-lo com desconfiança.

– Eu vaguei pela escuridão em busca de algo melhor, de algo real. Encontrei você e prefiro ir para o inferno a perdê-la.

Ela afastou o olhar, analisando as árvores e o caminho que achava que conduzia ao pomar.

– Homens ficam entediados.

– Só se forem idiotas.

Os olhos dele estavam carregados de preocupação e temor. Ele pestanejou algumas vezes sob o olhar dela antes de franzir o cenho.

– Você acha que Richard teria sido capaz de trair Grace? – perguntou enfim.

– Claro que não.

– Por quê?

– Porque ele é um homem bom. Porque ele a amava – respondeu ela.

– Nunca afirmei ser um homem bom, Julia. Mas eu te amo. Não vou traí-la.

Ela ficou calada por alguns instantes.

– Não estou tão ferida a ponto de não conseguir dizer não para você.

– Nunca disse o contrário. – O rosto de Gabriel ficou sombrio.

– Estou dizendo não para você agora. Se mentir para mim mais uma vez, será a última

– falou ela em tom de alerta.

– Eu juro que não vai acontecer.

Ela suspirou devagar, descerrando os punhos.

– Não vou dormir na cama que você dividiu com ela.

– Vou trocar tudo antes de você voltar para Toronto. Posso vender aquele maldito apartamento, se você quiser.

Ela apertou os lábios.

– Não estou lhe pedindo para vender o apartamento.

– Então me perdoe – sussurrou ele. – Me dê uma chance de mostrar a você que sou digno da sua confiança.

Ela hesitou.

Gabriel se aproximou dela e a tomou nos braços. Ela o aceitou com relutância e eles ficaram parados debaixo da neve que caía, em meio a um bosque cada vez mais escuro.

CAPÍTULO DOZE

Mais tarde naquela noite, Gabriel e Julia estavam sentados de pijamas no chão do quarto de hotel, junto à sua pequena árvore de Natal. Julia incentivou Gabriel a abrir novamente o presente de Paulina, para que todos os segredos fossem revelados. A princípio, ele não quis, mas acabou cedendo.

Quando pegou a ultrassonografia, fez uma careta. Julia sussurrou que queria vê-la e ele a entregou com um suspiro.

– Esta imagem não pode machucar você. Mesmo que Rachel e Scott descubram, eles vão entender. – Ela correu um dedo pela curva da cabecinha do bebê. – Você pode deixar isto em algum lugar particular, mas não deveria ficar dentro de uma caixa. Ela tinha um nome. Merece ser lembrada.

Gabriel escondeu o rosto nas mãos.

– Você não acha mórbido?

– Não vejo nada de mórbido em bebês. Maia era sua filha. Paulina queria que isto o machucasse, mas, na verdade, é um presente. Você *deveria* ter esta imagem. É o pai dela.

Gabriel estava emocionado demais para responder.

Julia mudou de assunto.

– Estou louca para usar o seu presente de Natal. – Ela apontou para o corpete e os sapatos pretos que já havia visto mas continuavam dentro de suas caixas debaixo da árvore.

– Está?

– Vou precisar de um pouco de coragem, mas achei feminino e muito bonito. Adorei os sapatos. Obrigada.

Os ombros de Gabriel relaxaram. Ele queria que ela experimentasse seus presentes.

Queria vê-la com aqueles sapatos – talvez em cima da pia do banheiro com ele entre as pernas –, mas manteve seus desejos para si.

– Hum... preciso explicar uma coisa. – Julia pegou a mão dele, entrelaçando seus dedos. – Não posso usá-los hoje à noite.

– Imagino que, depois dos últimos dois dias, vestir algo desse tipo seja a última coisa

♦♦♦

que você queira fazer. – Gabriel alisou as costas da mão dela com o polegar. –

Especialmente comigo.

– Vai demorar um pouco até eu poder vesti-los.

– Eu entendo. – Ele começou a libertar seus dedos.

– Tentei dizer para você ontem à noite, mas não consegui terminar.

Ele ficou petrificado.

– É que... eu estou menstruada.

A boca de Gabriel se abriu um pouco. Então ele a fechou. Por fim, puxou Julia para junto de si, abraçando-a com ternura.

– Esta não é a reação que eu esperava. – A voz de Julia soou abafada contra o peito dele. – Você não me ouviu direito?

– Então ontem à noite... não foi porque você não me queria?

Ela se afastou, surpresa.

– Ainda estou chateada pelo que aconteceu com Paulina, mas é claro que quero você.

Sempre me sinto especial quando fazemos amor. Mas, agora, não posso fazer nada. Ou melhor, você não pode fazer nada comigo. Hum... você entendeu. – Ela ficou constrangida.

Suspirando de alívio, Gabriel deu um beijo em sua testa.

– Tenho outros planos para você.

Ele a puxou pela mão até o banheiro amplo, detendo-se para ligar o aparelho de som.

Os acordes de “Until”, de Sting, encheram o ambiente, e os dois desapareceram

através da porta.

Paulina se sentou na cama de um quarto estranho em Toronto, totalmente desperta e suando frio. Não importava quantas vezes o sonho se repetisse, os acontecimentos e o terror que sentia eram sempre os mesmos. Nenhuma quantidade de vodca ou comprimidos era capaz de afastar a dor no seu peito ou as lágrimas dos seus olhos.

Ela estendeu a mão para pegar a garrafa ao lado da cama, derrubando o rádio-relógio do hotel da mesa de cabeceira. Depois de algumas doses e de alguns pequenos comprimidos azuis, voltaria a dormir, permitindo-se ser engolida pela escuridão.

Nada poderia consolá-la. Outras mulheres talvez decidissem ter um segundo filho para aplacar a perda do primeiro. Mas ela jamais carregaria outra criança. E o pai do seu bebê

perdido já não a queria mais.

Ele era o único homem que Paulina tinha amado – tanto de longe quanto de perto –, mas ele nunca retribuíra seu amor. Não de verdade. Porém era nobre demais para descartá-la como o objeto usado que ela era.

Enquanto soluçava com o rosto enterrado no travesseiro e a cabeça girando, ela lamentou sua dupla perda em voz alta...

Maia.

Gabriel...

CAPÍTULO TREZE

Oprofessor Giuseppe Pacciani não era virtuoso, mas era inteligente. Não acreditou em Christa Peterson quando ela declarou que estava disposta a encontrá-lo para uma noite de sexo. Para garantir que isso de fato acontecesse, não disse o nome da *fidanzata* canadense do professor Emerson, prometendo revelá-lo se Christa o encontrasse em Madri em fevereiro.

Christa não estava disposta a esperar tanto tempo e ter que dormir com ele outra vez só para conseguir a informação que queria, então não respondeu ao e-mail.

Decidiu repensar sua estratégia e encontrar outra maneira de descobrir o nome da tal noiva do professor Emerson.

Ela estava com ciúmes e esse era seu principal motivo para querer saber quem havia conseguido conquistar a atenção do professor quando ela própria havia fracassado (inexplicavelmente). Além disso, ela havia começado a suspeitar de uma certa morena com cara de sonsa desde que o professor Emerson quase saíra no tapa com essa aluna em uma aula, durante uma discussão sobre uma amante chamada Paulina.

Mas talvez a explicação mais exata fosse seu novo e um tanto libidinoso fascínio pelos boatos que tinha ouvido sobre a professora Singer e seu estilo de vida nem tão secreto assim. Quando o professor Emerson a abraçou depois de palestrar na Universidade de Toronto, uma quantidade considerável de más-línguas entrou em ação. Uma delas era a de Christa.

Talvez Giuseppe estivesse enganado. Talvez o professor não tivesse uma *fidanzata*, no fim das contas. Talvez tivesse uma amante.

Para solucionar esse delicioso mistério, Christa entrou em contato com um antigo caso seu de Florença que escrevia para o jornal *La Nazione*, na esperança de que ele lhe desse informações sobre a vida pessoal do professor Emerson. Enquanto esperava a resposta, concentrou-se numa fonte mais próxima de casa: no *Vestíbulo*, todos os pecados seriam revelados.

A ausência do professor Emerson começou a ser sentida no Lobby desde a noite em que Christa tentara seduzi-lo. Portanto, concluiu ela, sua relação com a tal noiva deveria ter começado por volta daquela época. Antes, ele não costumava se importar com a mulher com quem se envolvia ou quando. Ou talvez a relação entre eles fosse apenas casual até aquela noite. Também era possível que a noiva sempre tivesse existido, mas o professor estivesse longe de ser fiel, embora dificilmente um relacionamento assim fosse

◆◆◆

deixar de gerar fofocas.

(Afinal, Toronto é uma cidade pequena.)

Christa sabia muito bem como deveria proceder. Era provável que o professor e

sua noiva tivessem visitado o Lobby em algum momento durante o semestre de inverno, já que aquele era o bar preferido dele. Tudo o que precisava fazer era encontrar alguém que trabalhasse no clube e extrair informações dessa pessoa.

No final da noite de sábado, Christa começou a assediar os funcionários do Lobby, tentando descobrir o elo mais fraco. Ela se sentou no bar, ignorando ao máximo a americana loura e alta, recém-chegada de Harrisburg, que estava ali com o mesmo objetivo. Com repulsa, Christa mordeu seus lábios vermelhos e carnudos quando a mulher sacou seu iPhone e falou muito alto em italiano com um maître chamado Antonio.

Conforme a noite passava, Christa logo percebeu que suas opções eram poucas. Ethan tinha namorada, o que significava que era inútil tentar seduzi-lo. Mais de um dos barmen eram gays e havia apenas garçonetes servindo as mesas. Só restava Lucas.

Ele era um fanático por informática (não que isso fosse um problema) que ajudava Ethan na área técnica da segurança do clube, por isso tinha acesso às gravações das câmeras de vigilância. Com muito entusiasmo, aceitou deixar Christa entrar no clube depois do horário de encerramento para que examinassem vários CDs de gravações, a começar por setembro de 2009.

E foi assim que Christa se viu sentada na pia do banheiro feminino, recebendo as estocadas de Lucas numa manhã de domingo, quando deveria estar na igreja.

Gabriel e Julia chegaram de volta a Toronto tarde na noite de 1º de janeiro. Foram primeiro ao apartamento dela deixar algumas coisas e buscar roupas limpas. Pelo menos foi o que Gabriel pensou. Enquanto o táxi os aguardava na rua, ele ficou parado no meio daquele apartamento frio e miserável, esperando Julia arrumar uma mochila para passar a noite em sua casa. Mas ela não fez isso.

– Esta é a minha casa, Gabriel. Há três semanas que não venho aqui. Tenho roupas para lavar e preciso trabalhar na minha dissertação amanhã. As aulas começam na segunda.

Muito rapidamente, a expressão dele ficou carregada.

– Eu sei muito bem quando começam as aulas. – Seu tom de voz era frio e ríspido. –

Mas está um gelo aqui. Não tem nada para comer e eu não quero dormir sem você.

Venha para a minha casa comigo, você pode voltar amanhã.

– Não quero ir para a sua casa.

– Eu prometi que ia mudar o quarto principal e foi o que fiz. A cama, a mobília, é tudo novo. – Ele fez uma careta. – Até as paredes foram pintadas.

– Ainda não estou pronta. – Ela lhe deu as costas e começou a desfazer as malas. Ele lançou um único olhar para o que Julia estava fazendo e saiu do apartamento, fechando a porta com força.

Julia suspirou.

Sabia que ele estava se esforçando. Mas suas revelações haviam chamuscado sua já frágil autoestima, que havia apenas começado a ser reconstruída durante a viagem pela Itália. Ela se conhecia bem o suficiente para saber que as raízes do seu medo de perdê-lo estavam no divórcio dos pais e na traição de Simon. Embora soubesse de tudo isso, era muito difícil se livrar dessas coisas e acreditar que o amor de Gabriel nunca fosse acabar.

Quando ela foi trancar a porta, ele tornou a entrar, com a mala na mão.

– O que você está fazendo?

– Mantendo você aquecida – respondeu ele, tenso.

Gabriel largou sua mala no chão e entrou do banheiro, fechando a porta atrás de si.

Reapareceu alguns minutos depois, com a camisa desabotoada para fora da calça, balbuciando algo sobre ter conseguido ligar o maldito aquecedor elétrico.

– Por que você voltou?

– Eu me acostumei a dormir com você. Na verdade, estou a um passo de vender aquele maldito apartamento com todos os meus móveis dentro e comprar outra coisa.

Ele balançou a cabeça e começou a se despir sem pudor, dando a conversa por terminada.

Enquanto Julia usava o banheiro, Gabriel examinou alguns dos objetos expostos em sua mesa de carteado: o livro contendo as reproduções de Botticelli que ele lhe dera de aniversário, uma vela grossa, uma caixa de fósforos e o álbum com as fotos que ele havia tirado dela.

Ao folhear o álbum, ele ficou excitado. Ela havia prometido posar para ele novamente.

Queria que ele a fotografasse. Um mês antes, Gabriel jamais teria acreditado que isso pudesse acontecer. Ela era tão tímida, tão insegura.

Lembrou-se da expressão nos olhos dela quando a levou para a sua cama depois daquela discussão terrível durante a aula. Pensar nos olhos de Julianne, arregalados e apavorados, e na maneira como seu corpo tremeu sob suas mãos diminuiu sua excitação.

Ele não a merecia. Sabia disso. Mas o fato de ela mesma se sentir imprestável a impedia de enxergar a verdade.

Ele folheou as fotos antes de se concentrar numa em especial: Julianne de perfil com uma das mãos dele no ombro, a outra levantando os cabelos dela, enquanto ele pressionava os lábios em seu pescoço.

Ela não sabia que Gabriel tinha uma cópia daquela foto escondida em seu closet. Nunca a havia mostrado, pois tinha medo de sua reação. Quando voltasse ao seu quarto redecorado, a primeira coisa que iria fazer seria pendurá-la na parede.

Pensar nisso foi suficiente para reavivar seu desejo. Gabriel pegou a vela e riscou um fósforo para acendê-la, colocando-a sobre a mesa de carteado antes de apagar as luzes.

Um brilho romântico recaiu sobre as fotografias e a cama instantes antes de Julia voltar ao ambiente na penumbra.

Ele se sentou na beirada da sua cama estreita, completamente nu, enquanto ela ficava parada, abraçando um pijama de flanela puído. Ele era estampado com patinhos de borracha.

– O que está fazendo? – Ele olhou para o pijama com uma aversão mal disfarçada.

– Estou me arrumando para dormir.

Gabriel a encarou.

– *Venha cá.*

Ela se aproximou dele lentamente.

Ele tirou as roupas de suas mãos, atirando-as de lado.

– Você não precisa de pijamas. Não precisa vestir nada.

Julia começou a tirar seu roupão devagar e o colocou sobre uma das cadeiras dobráveis.

Gabriel a interrompeu enquanto ela se aproximava da cama e pousou as mãos sobre a sua cabeça, quase como se estivesse lhe dando uma bênção. Então começou a tocá-la, correndo os dedos pelos seus cabelos longos até o seu rosto, acariciando-lhe as sobrancelhas e as faces. Seus olhos continuavam a encarar os dela com obstinação, o calor da intensidade deles gravando-se na consciência de Julia como ferro em brasa.

Naquele momento, era possível ver algo do antigo professor Emerson, especialmente na sua expressão, sexual e selvagem. Ela fechou os olhos por alguns instantes e as mãos dele subiram do seu pescoço em direção ao seu rosto, detendo-se ali.

– *Abra os olhos.*

Ela os abriu e arquejou de espanto diante da voracidade que se refletia no olhar dele.

Ele era como um leão, ansioso por se alimentar, mas ainda rodeando sua presa. Não queria assustá-la. Mas Julia era impotente em seu próprio desejo por ele.

– Você sentiu falta de que eu a tocasse assim? – perguntou ele, sua voz um sussurro tórrido.

A afirmação de Julia escapou-lhe da boca na forma de um gemido estrangulado. O

peito de Gabriel se inflou de orgulho.

Era uma longa distância desde o rosto dela até os seus joelhos, e Gabriel pareceu gostar de percorrê-la, demorando-se em várias partes do caminho, seu toque suave, porém quente. Ela se sentiu aquecida sob os seus dedos gentis, apesar do frio que fazia ali.

Assim que pensou no frio, ela se encolheu.

Gabriel interrompeu sua exploração na mesma hora e foi para mais perto da parede, para que ela pudesse entrar na cama. Ele colou o peito às costas dela, cobrindo seus corpos nus com o edredom roxo.

– Senti falta de fazer amor com você. Era como se eu tivesse perdido um pedaço de mim.

– Também senti falta.

Ele sorriu de alívio.

– Fico muito feliz em ouvir isso. Foi uma tortura passar uma semana sem poder tocá-la.

– Foi uma tortura passar uma semana sem sentir o seu toque.

O desejo que se agitava na voz dela incendiou o sangue de Gabriel. Ele a abraçou mais forte, apertando-a com carinho.

– Ficar de conchinha é uma parte muito importante da relação sexual.

– Nunca imaginei que você gostasse de dormir de conchinha, professor Emerson.

Ele sugou um pedaço da sua pele, chupando-a de leve.

– Eu me tornei muitas coisas desde que você me fez seu amante. – Ele pressionou o rosto contra os cabelos dela, sentindo seu perfume de baunilha. –

Às vezes me pergunto se você percebe quanto me fez mudar. É um verdadeiro milagre.

– Não faço milagres. Mas te amo.

– E eu te amo.

Ele ficou parado por alguns instantes, o que a surpreendeu. Julia esperava que ele fosse começar a fazer amor imediatamente.

– Você não chegou a me contar o que aconteceu no restaurante Kinfolks na véspera de Natal. – Gabriel tentou parecer relaxado, pois não queria que Julia pensasse que ele a estava repreendendo.

Na esperança de terminar logo aquela conversa para que eles se dedicassem a outras atividades, Julia descreveu seu confronto com Natalie. Omitiu a parte em que Natalie havia zombado dos seus encontros sexuais com *ele* na frente de todo mundo. Gabriel a rolou na cama, colocando-a de barriga para cima para ver seu rosto.

– Por que não me contou isso?

– Não havia nada que você pudesse fazer.

– Mas que droga, eu te amo! Por que não me contou?

– Quando chegamos na casa de Richard, Paulina estava lá...

Ele fez uma careta.

– Está bem. Então você ameaçou sua ex-colega de quarto com uma matéria de jornal?

– Sim.

– Acha que ela acreditou em você?

– Ela quer sair de Selinsgrove. Quer ser a namorada oficial de Simon e ficar pendurada no braço dele durante eventos políticos em Washington. Não vai correr o risco de pôr tudo a perder.

– Ela já não tem tudo isso agora?

– Natalie é o segredinho sujo de Simon. Foi por isso que demorei tanto para descobrir que os dois estavam trepando.

Gabriel se encolheu. Julia não usava aquele linguajar com frequência, mas, quando o fazia, era chocante.

– Olhe para mim.

Ela fitou os olhos azuis preocupados dele.

– Lamento que ele tenha machucado você. Também lamento não ter feito um estrago maior na cara dele. Mas não posso dizer que lamento que ele tenha se envolvido com sua colega de quarto. Se não fosse por isso, você não estaria aqui comigo.

Gabriel a beijou, a mão dele percorrendo a curva do seu pescoço até ela suspirar, contente, em sua boca.

– *Você* é minha folhinha pegajosa. Minha folhinha linda e triste. E quero vê-la feliz e

plena. Sinto muito por cada lágrima que fiz você derramar. Espero que um dia possa me perdoar.

Ela escondeu o rosto no ombro de Gabriel, puxando-o mais para perto. Explorou o corpo dele com as mãos até os dois se tornarem um só. O silêncio da sua pequena quitinete era quebrado apenas pela respiração pesada, pelos arquejos abafados e pela sua própria voz gemendo em tom febril.

Era uma linguagem sutil, aquela compartilhada pelos amantes: a reciprocidade dos suspiros e gemidos, a expectativa crescendo e nutrindo-se até os gemidos se tornarem gritos e os gritos voltarem a se tornar suspiros. O corpo de Gabriel cobria o dela por completo, e ela sentia seu peso e seu suor sobre a pele nua.

Esta era a alegria que o mundo buscava – ao mesmo tempo sagrada e pagã. Uma união de dois seres distintos num só, indissociável. Um retrato do amor e da mais profunda satisfação. Um vislumbre extasiante da bem-aventurança.

Antes de sair de dentro dela, ele deu mais um beijo em seu rosto.

– Você me perdoa?

– Por quê?

– Por ter mentido sobre Paulina. Por ter me aproveitado dela.

– Não posso perdoá-lo por ela. Só ela pode fazer isso. – Julia mordeu seu lábio inferior.

– Agora, mais do que nunca, você precisa tomar providências para que Paulina receba ajuda para seguir com a vida dela. Você lhe deve isso.

Gabriel quis dizer algo, mas, de alguma forma, a força da bondade dela o silenciou.

CAPÍTULO CATORZE

No decorrer do semestre, Julia se viu pressionada a terminar sua dissertação, com Katherine Picton instigando-a a entregar os capítulos cada vez mais depressa.

Assim seria mais fácil ressaltar os pontos fortes dela para Greg Matthews, o chefe do Departamento de Literatura e Línguas Românicas em Harvard, caso ele respondesse à sua carta de referência.

Julia não conseguia se concentrar quando Gabriel estava por perto. Com voz suave tentou explicar a ele que algo em seus olhos azuis, em seu furor sexual e na química entre eles a impedia de se manter focada no que devia fazer. Gabriel ficou muito lisonjeado.

Então o casal chegou a um acordo: eles se telefonariam, trocariam torpedos e e-mails, mas, com exceção de um almoço ou jantar durante a semana, Julia ficaria em sua quitinete. Nas tarde de sexta, iria para o apartamento de Gabriel, passar o fim de semana com ele.

Uma bela noite de quarta-feira em meados de janeiro, Julia telefonou para Gabriel depois de terminar as tarefas do dia.

– Tive um dia difícil – falou, parecendo cansada.

– O que houve?

– A professora Picton quer que eu corte três quartos de um dos capítulos pois acha que estou apresentando uma versão romantizada de Dante.

– Ai.

– Ela detesta os românticos, então você pode imaginar como ficou incomodada.

Reclamou sem parar. Ela faz com que eu me sinta burra.

– Você não é burra. – Gabriel deu uma risadinha ao telefone. – Às vezes a professora Picton também faz com que eu me sinta burro.

– Duvido.

– Você deveria ter me visto na primeira vez que fui chamado à casa dela. Estava mais nervoso do que no dia em que defendi minha tese. Quase me esqueci de me vestir.

Julia riu.

– Imagino que um professor Emerson sem calças seria muito bem-vindo.

– Por sorte, não precisei descobrir.

– A professora Picton me disse que “minha grande ética profissional compensa meus ocasionais lapsos de raciocínio”.

– Vindo dela, isso é um grande elogio. Ela acha que a maioria das pessoas fracassa sem um motivo em especial. Pela maneira como ela descreve o mundo, a maioria das pessoas não passa de macacos que andam vestidos. De vez em quando.

Julia resmungou, virando-se de bruços.

– É pedir demais que ela diga que gosta da minha dissertação? Ou que estou fazendo um bom trabalho?

– Katherine nunca vai lhe dizer que gosta da sua dissertação. Ela acha que dar um retorno positivo é ser paternalista. A pretensiosa velha guarda de Oxford simplesmente não sabe agir de outra forma.

– Você não é assim, professor Emerson.

Gabriel se contorceu diante daquela simples mudança no tom da voz dela.

– Ah, sou sim, Srta. Mitchell. A senhorita deve ter se esquecido.

– Você é um doce comigo agora.

– Espero que sim – sussurrou ele, a voz quase falhando. – Mas lembre-se de que você é minha amada, não minha aluna. – Ele sorriu com malícia. – Exceto quando o assunto é amor.

Julia riu e ele se viu rindo com ela.

– Terminei o livro que você me emprestou, *A Severe Mercy*.

– Como conseguiu terminá-lo tão depressa?

– Eu me sinto sozinha à noite. Ler me ajuda a dormir.

– Você não tem por que se sentir sozinha. É só pegar um táxi e vir para a minha casa que eu lhe faço companhia.

Julia revirou os olhos.

– Sim, professor.

– OK, *Srta. Mitchell*. O que achou do livro?

– Não entendi bem por que Grace gostava tanto dele.

– Por quê?

– Bem, é uma história de amor. Mas, assim que eles se convertem ao cristianismo, decidem que o amor que sentem é pagão, que haviam se transformado em ídolos um para o outro. Isso me entristeceu.

– Sinto muito que tenha ficado triste. Não li o livro, embora Grace sempre falasse sobre ele.

– Como o amor pode ser pagão, Gabriel? Não entendo.

– E pergunta para mim? Achei que eu fosse o pagão no nosso relacionamento.

– Nada disso. Você mesmo me disse que não é pagão.

Ele suspirou, pensativo.

– É verdade. Você sabe tão bem quanto eu que Dante vê Deus como a única coisa no universo que pode satisfazer os anseios da alma. Isso é uma crítica implícita de Dante ao pecado de Paolo e Francesca. Eles renunciam a um bem maior, o amor de Deus, em troca do amor de um ser humano. O que, naturalmente, é pecado.

– Paolo e Francesca eram adúlteros. Nem deveriam ter se apaixonado um pelo outro.

– Isso é verdade. Mas, mesmo que não fossem casados, a crítica de Dante seria a mesma. Se eles amam um ao outro em detrimento de tudo e de todos, então o amor deles é pagão. E também foram muito ingênuos, pois nenhum ser humano jamais poderia fazer outro ser humano completamente feliz. Somos imperfeitos demais para isso.

Julia ficou pasma. Embora já conhecesse alguns aspectos da explicação de Gabriel, realmente ficou surpresa ao ouvir aquelas palavras dos seus lábios.

Pelo visto, sem nem perceber, ela era pagã no que dizia respeito ao seu amor por ele. E, para piorar, se Gabriel de fato acreditasse no que estava dizendo, então tinha uma visão muito menos sublime do relacionamento deles. Ela estava chocada.

– Julianne. Você ainda está aí?

Ela pigarreou.

– Estou.

– É só uma teoria. Não tem nada a ver com nós dois.

Apesar de suas palavras, o desconforto ainda era perceptível. Ele sabia que havia idolatrado Julianne, sua Beatriz, e nenhuma negação ou retórica sofisticada poderia anular essa verdade. Levando em conta todo o tempo que havia passado em um programa de doze passos que o instigava a se concentrar em um poder superior, em vez de em si mesmo, nas suas amantes ou em sua família, ele já deveria saber disso.

– Então por que Grace gostava deste livro? Não entendo.

– Não sei – respondeu Gabriel. – Talvez, ao se apaixonar por Richard, ela o tenha visto como uma espécie de salvador. Ele se casou com ela e os dois cavalgaram em direção ao pôr do sol de Selinsgrove.

– Richard é um bom homem – murmurou Julia.

– É, sim. Mas não é um deus. Se Grace tivesse se casado com ele pensando que sua perfeição faria desaparecer todos os problemas, o relacionamento dos dois não teria durado. Com o passar do tempo, ela ficaria desiludida e o teria deixado em busca de outra pessoa que a fizesse feliz. Talvez o casamento de Richard e Grace só tenha sido tão bem-sucedido porque eles tinham expectativas realistas; não esperavam que um satisfizesse todas as necessidades do outro. Isso também explicaria por que uma dimensão espiritual era tão importante para os dois.

– Talvez você tenha razão. Meu livro é bem diferente daquele romance do Graham Greene que você estava lendo.

– Não são tão diferentes assim.

– O seu romance é sobre um caso amoroso e um homem que odeia Deus. Eu pesquisei na Wikipédia.

Gabriel resistiu à tentação de rosnar.

– Não pesquise as coisas na Wikipédia, Julianne. Você sabe que esse site não é confiável.

– Sim, professor Emerson – ronronou ela.

Ele bufou.

– Por que acha que o protagonista de Greene odeia Deus? Porque a amante dele o trocou *por* Deus? Nós dois lemos um romance sobre pagãos, Julianne. Só os finais que são diferentes.

– Não estou certa de que sejam tão diferentes assim.

Gabriel sorriu, contrariado.

– Acho que é um pouco tarde para esta conversa. Aposto que está cansada e eu ainda tenho trabalho burocrático para fazer.

– Eu te amo. Loucamente.

Algo na maneira como a voz dela soou ao seu ouvido fez o coração de Gabriel acelerar.

– Também te amo. Muito mais do que deveria, tenho certeza. Mas não sei amá-la de

♦♦♦

outra forma. – Suas últimas palavras foram apenas um sussurro, mas incendiaram o ar.

– Também não sei amá-lo de outra forma.

– Então que Deus tenha piedade de nós.

Se alguém perguntasse a Gabriel se ele queria fazer terapia, sua resposta teria sido *não*.

Ele não gostava da ideia de falar sobre seus sentimentos ou sobre sua infância, nem de ser forçado a reviver o que havia acontecido com Paulina. Não gostava de falar sobre os seus vícios ou sobre a professora Singer e as inúmeras mulheres que tinha levado para a cama.

Mas queria ter um futuro com Julia e queria vê-la saudável – completamente desabrochada, não só em parte. No fundo, preocupava-se que de alguma forma a estivesse impedindo de desabrochar pelo simples fato de ele ser... *Gabriel*.

Então jurou fazer tudo ao seu alcance para apoiá-la, até melhorar seu comportamento e se concentrar mais nas necessidades dela. Ao fazer isso, reconheceu que era capaz de aceitar uma avaliação objetiva do seu próprio egoísmo e alguns conselhos práticos sobre como superá-lo. Consequentemente, estava decidido a vencer o desconforto e o constrangimento de admitir que precisava de ajuda e se consultar com um terapeuta uma vez por semana.

Conforme os dias de janeiro passavam, ficou muito claro que Gabriel e Julia foram muito felizes em suas escolhas de terapeutas. Os doutores Nicole e Winston Nakamura eram casados e buscavam trabalhar as questões psicológicas e pessoais de seus clientes visando integrá-las a suas respectivas buscas existenciais e espirituais.

Nicole estava preocupada com a natureza do relacionamento de Julia e Gabriel. Ela temia que a diferença de poder entre eles, aliada à personalidade forte dele e à autoestima fragilizada de Julia, pudesse trazer mais riscos do que benefícios à saúde mental dela.

Mas Julia afirmava estar apaixonada por Gabriel e muito feliz, e estava claro que tinha bastante prazer e uma quantidade considerável de segurança com aquele relacionamento.

Contudo, a estranha história de como eles haviam se encontrado e depois se reencontrado, somada a certos fatos do passado de Gabriel e à sua personalidade suscetível a vícios, fazia com que vários sinais de alerta piscassem na mente de Nicole.

O fato de Julia não perceber esses sinais revelava mais sobre seu estado psicológico do que ela poderia imaginar.

Winston não pegou nada leve, informando a Gabriel que ele estava colocando sua recuperação em risco ao continuar a beber e deixar de ir às reuniões dos Narcóticos

Anônimos. Assim, o que deveria ser um encontro de apresentação acabou se tornando um confronto exaltado, e Gabriel saiu do consultório furioso.

Mesmo assim, voltou para a segunda sessão, na qual prometeu que frequentaria as reuniões dos Narcóticos Anônimos. Foi a uma ou duas e nunca mais apareceu.

CAPÍTULO QUINZE

Aneve na cidade é muito diferente da neve no campo, pensou Julia, enquanto caminhava com Gabriel até o prédio dele, por entre os flocos que caíam do céu, para buscarem o carro. Aquela seria uma noite de comemoração no sofisticado restaurante francês Auberge du Pommier.

Gabriel segurou o braço de Julia e a puxou para a entrada de uma loja, beijando-a com intensidade, colando suas costas na vitrine. Ela soltou um risinho sem fôlego quando ele terminou e, para retribuir, o arrastou até a calçada para admirar a neve.

No campo, ouvia-se a neve sussurrar ao redor, os flocos grandes e grossos livres dos arranha-céus e prédios comerciais. Na cidade, o vento sopra a neve por entre os edifícios altos, mas a quantidade é drasticamente reduzida pelos obstáculos. Pelo menos era o que Julia achava.

Quando chegaram ao Manulife Building, o luxuoso prédio misto onde Gabriel morava, ela parou diante da enorme loja de porcelanas no primeiro piso. Não que estivesse interessada na grande vitrine de artigos de porcelana que lançava um olhar matrimonial em sua direção. Estava interessada apenas no homem bonito ao seu lado.

Gabriel usava um longo casaco de lã preta, com gola de veludo da mesma cor, e um cachecol da Burberry enrolado em volta do pescoço. A mão que segurava a sua calçava uma luva de couro preta. Mas era o chapéu dele que a fascinava.

O professor Emerson usava uma boina.

Ela achava sua escolha de vestuário estranhamente atraente. Gabriel se recusava a sucumbir ao costume local de usar gorros de tricô. Uma boina de lã preta, combinando com o sobretudo, lhe bastava. E ele ficava muito elegante com ela.

– O que foi? – Ele franziu o rosto ao notar que ela observava seu reflexo, um lento sorriso brincando em seus lábios.

– Você está bonito – gaguejou ela, incapaz de descolar os olhos da sua figura arrebatadora.

– Você é que é encantadora, por dentro e por fora.

Ele a beijou demoradamente diante de uma centena de conjuntos de porcelana e então deu um beijinho em sua orelha.

– Vamos pegar um táxi até o restaurante. Assim poderei dedicar toda a minha atenção a

você. Vou só passar no caixa eletrônico e volto num instante. A não ser que queira ir comigo.

Julia fez que não com a cabeça.

– Quero aproveitar enquanto ainda está nevando.

Ele bufou alto.

– É o inverno canadense. Acredite, ainda vai nevar muito. – Ele puxou o cachecol dela para beijar seu pescoço e entrou no prédio, rindo consigo mesmo.

Ela espiou as porcelanas expostas na vitrine e começou a admirar um conjunto em especial, perguntando-se como ficaria no apartamento de Gabriel.

– Julia?

Ela se virou e deu de cara com o peito de Paul. Ele sorriu para ela e a envolveu em um abraço caloroso.

– Como você está?

– Tudo bem – respondeu ela, um pouco nervosa, preocupada que Gabriel os surpreendesse juntos.

– Você parece ótima. Passou bem o Natal?

– Muito bem. Trouxe uma lembrança para você da Pensilvânia. Vou colocar no seu escaninho no departamento. E você? Como foi o Natal?

– Foi bom. Corrido, mas bom. Como estão indo suas aulas?

– Bem. A professora Picton está me mantendo bastante ocupada.

– Aposto que sim. – Paul deu uma risadinha. – Talvez a gente possa tomar um

café na semana que vem para você me contar melhor.

– Talvez.

Julia sorriu de volta, resistindo à tentação de se virar e procurar Gabriel, quando, de repente, o sorriso de Paul desapareceu do seu rosto.

Suas sobrancelhas negras se uniram e ele se aproximou um passo, uma carranca tomando conta de seu semblante em geral afável.

– *O que aconteceu com você?*

Julia baixou os olhos para seu casaco, mas não viu nada que pudesse alarmá-lo. Então passou a mão no rosto, perguntando-se se os beijos de Gabriel não teriam borrado seu *gloss*.

Mas Paul estava olhando para outro lugar. Para seu pescoço.

Ele se aproximou mais, deixando-a desconfortável, e afastou a ponta da *pashmina* roxa de Julia com sua mão grande como uma pata de urso.

– Meu Deus, Julia, que droga é essa?

Ela se encolheu quando um dos dedos calejados de Paul roçou a cicatriz da mordida em seu pescoço, amaldiçoando o fato de aparentemente ter se esquecido de passar corretivo ali ao se maquiar naquela manhã.

– Não é nada. Eu estou bem.

Ela recuou e deu duas voltas com a *pashmina* em torno do pescoço, brincando com as pontas do tecido para não precisar olhar para ele.

– Nada com certeza não é. Foi seu namorado quem fez isso?

– É claro que não! Ele nunca me machucaria.

Paul inclinou a cabeça para o lado.

– Você me disse que ele já a machucou antes. Não foi por isso que terminou com ele da última vez?

Julia se viu enredada em suas mentiras. Abriu a boca para protestar, mas a fechou depressa, tentando pensar em algo para dizer.

– Foi uma mordida de amor? Ou de raiva? – Paul tentou manter a voz calma.

Estava furioso com quem quer que houvesse tratado Julia de forma tão violenta e mais do que disposto a ir atrás daquele desgraçado para quebrar a cara dele. Várias vezes.

– Owen jamais faria uma coisa dessas. Ele é incapaz de ser violento comigo.

– Porra, Julia, então o que aconteceu?

Julia ficou surpresa com a raiva dele e se viu olhando para as próprias botas.

– E não minta para mim – sussurrou ele.

– Uma pessoa invadiu a casa do meu pai no Dia de Ação de Graças e me atacou. Sei que é horrível. Pretendo remover a cicatriz.

Paul ficou calado por alguns instantes enquanto pensava no que ela dissera.

– Uma mordida parece algo bastante pessoal para um assaltante, não acha?

Julia mordeu o lábio inferior.

– E por que você teria vergonha de ter sido atacada? A culpa não foi sua. – Paul estava

furioso. – Você não quer me contar. Eu já entendi. – Ele pegou a mão dela, acariciando a palma com o polegar. – Se precisar fugir dele, eu posso ajudar.

– É muito gentil da sua parte, mas ele já foi preso.

Os ombros de Paul relaxaram.

– Sou seu amigo, Coelhinha. E me importo com você. Deixe-me ajudá-la antes que algo pior aconteça.

Ela recolheu a mão.

– Não sou uma coelhinha e não preciso da sua ajuda.

– É só um apelido, não quis ofendê-la. – Paul lançou-lhe um olhar arrependido. – Por que Owen não a salvou? Eu teria feito picadinho desse ladrão.

Ela abriu a boca para dizer que Owen a havia salvado, sim, mas pensou melhor e desistiu.

– Ele não deve ser um namorado muito bom se deixa você ser machucada desse jeito.

– Eu estava sozinha em casa. Ninguém poderia imaginar que um homem iria arrombar a porta e me atacar. Não sou uma donzela em apuros, Paul, ao contrário do que você pensa. – Os olhos dela faiscaram.

Paul a encarou com um olhar incisivo.

– Nunca falei que você era uma donzela em apuros. Mas essa coisa no seu pescoço não é algo que um assaltante faria. É uma marca. E você precisa admitir que já foi maltratada por algumas pessoas antes, mesmo no pouco tempo em que nos conhecemos. Christa, a professora Agonia, *Emerson*...

– Isto foi diferente.

– Você não merece ser o saco de pancadas de ninguém – declarou ele com voz suave, fazendo Julia estremecer. – Eu jamais a trataria assim.

Ela fitou seus olhos gentis e castanhos e ficou parada ali, sem palavras, torcendo para Gabriel não aparecer.

Paul enfiou as mãos nos bolsos do casaco.

– Estou indo para a Yonge Street encontrar alguns amigos para jantar. Não quer vir comigo?

– Passei o dia quase todo na rua. Vou para casa.

Ele assentiu.

◆◆◆

– Se não estivesse atrasado, eu a acompanharia. Precisa de dinheiro para um táxi?

– Não, eu tenho. Obrigada. – Ela brincou com suas luvas, ajeitando os dedos. – Você é um bom amigo.

– Até mais. – Ele lhe abriu um sorriso angustiado e começou a se afastar.

Julia se virou para olhar através das portas de vidro do prédio, mas não conseguiu ver Gabriel.

– Julia? – chamou Paul.

– O quê?

– Cuide-se, está bem?

Ela assentiu e acenou para ele, observando-o se virar e ir embora.

Às duas da manhã, Julia acordou sobressaltada. Estava na cama de Gabriel, no quarto escuro. Mas estava sozinha.

Depois que Paul foi embora, Gabriel reapareceu ao seu lado. Não deu sinal de ter visto sua conversa com Paul, embora tenha ficado um tanto calado durante o jantar. Mais tarde, quando Julia estava pronta para ir para a cama, ele lhe deu um beijo na testa e disse que se juntaria a ela em breve. Horas depois, ainda não tinha vindo.

Ela atravessou o corredor na ponta dos pés. O apartamento estava mergulhado na escuridão. Via-se apenas a luz que vazava por debaixo da porta do escritório de Gabriel.

Ela ficou parada no corredor, tentando escutar algo. Quando enfim ouviu alguns cliques das teclas do computador, girou a maçaneta e entrou.

Dizer que Gabriel ficou surpreso seria pouco. Seus olhos se lançaram em direção aos dela, estreitos e inquietos, por trás dos óculos.

– O que está fazendo?

Ele se levantou imediatamente, pondo um grande dicionário Oxford sobre os papéis espalhados em cima da mesa.

– Eu... nada. – Ela hesitou, olhando para as próprias pernas nuas. Remexeu os dedos sobre o tapete persa.

Num piscar de olhos, ele estava do seu lado.

– Algum problema?

– Você não foi para a cama. Fiquei preocupada.

Gabriel tirou os óculos e esfregou os olhos.

– Já vou. Só preciso resolver algumas coisas que não podem esperar.

Julia se ergueu para lhe dar um beijo no rosto antes de se virar para sair.

– Espere. Deixe-me colocar você na cama. – Gabriel pegou a mão de Julia e a conduziu pelo corredor escuro até o quarto deles.

A gigantesca cama medieval, os móveis pretos e as roupas de cama de seda azul haviam desaparecido. Gabriel tinha contratado um designer de interiores para recriar o quarto que eles haviam dividido na Úmbria. Agora as paredes eram cor de creme e uma grande cama com dossel, toldada de cortinas transparentes, se erguia no meio do cômodo. Julia havia aprovado a transformação e a inspiração por trás dela. O quarto não era mais dele, mas dos dois.

– Bons sonhos. – Ele deu um beijo quase paternal na testa dela antes de sair e fechar a porta.

Julia ficou mais algum tempo acordada, imaginando o que ele estaria escondendo.

Estava angustiada, sem saber se deveria tentar descobrir ou simplesmente confiar nele.

Antes de chegar a uma decisão satisfatória, caiu num sono conturbado.

CAPÍTULO DEZESSEIS

Paul não conseguia dormir. Se fizesse o gênero melodramático, teria descrito sua insônia como uma *noite negra da alma*. Mas ele era de Vermont, portanto não tinha nada de melodramático. Ainda assim, depois de uma longa noite que incluiu um jantar regado a cerveja com os outros jogadores da sua equipe de rúgbi, Paul não conseguia afastar da mente a imagem da pele marcada de Julia.

Ele tinha conceitos muito definidos, e em grande parte moldados por seus pais, sobre como um homem deveria tratar uma mulher. Sua mãe e seu pai não eram muito propensos a demonstrar afeto e tampouco eram sentimentais. Mas sempre tratavam um ao outro com respeito. A mãe de Paul o incentivara a tratar as garotas como damas e seu pai exigia o mesmo, dizendo que, se ouvisse falar que Paul maltratara alguma garota, ele teria que arcar com as consequências de seus atos.

Paul se lembrou de quando, durante sua primeira chopada, ainda calouro no St.

Michael's College, viu uma garota com a camisa rasgada enquanto se dirigia ao banheiro. Ele a acalmou e exigiu que ela apontasse quem tinha feito aquilo. Paul encurralou o agressor e só o largou depois que os seguranças do campus apareceram, mas não antes de dar uma lição nele.

Quando Heather, sua irmã mais nova, estava no ensino médio e era atormentada pelos garotos da sua turma, que faziam comentários maldosos a seu respeito e puxavam a alça do sutiã dela, ele esperou aqueles merdinhas depois da aula e os ameaçou. Heather nunca mais sofreu *bullying* na escola.

Na visão de mundo romântica de Paul, violência contra as mulheres era impensável.

Ele seria capaz de usar sua poupança para pegar um avião e caçar o desgraçado que havia marcado Julia, se ao menos soubesse seu nome e onde morava.

Foi por sua própria culpa que Julia não quis falar com ele, refletiu Paul, os olhos fixos na parede de seu modesto apartamento. Ele tinha ido para cima dela como um cavaleiro numa armadura brilhante e ela se acuou. Se tivesse se mostrado menos irritado e mais compreensivo, talvez Julia tivesse revelado o que de fato acontecera. Mas, como a havia pressionado, agora provavelmente ela nunca mais lhe diria a verdade.

Será que devo respeitá-la e ficar na minha? Ou devo tentar ajudá-la não

importa o que ela diga?

Paul não sabia como solucionar esse dilema, mas de uma coisa tinha certeza: iria ficar

♦♦♦

de olho em Julia e não deixaria, de jeito nenhum, que alguém a machucasse quando ele estivesse por perto.

Pouco antes das onze horas da manhã seguinte, Julia se desvencilhou do braço de Gabriel e rolou para sair da cama. Vestiu uma camisa social branca dele e parou diante da grande fotografia em preto e branco emoldurada que mostrava Gabriel beijando seu pescoço.

Julia adorava aquela foto, mas tinha ficado surpresa ao vê-la tão grande e exposta com tanto destaque na parede. Fazia-a pensar em sua primeira visita, quando ela analisou as fotos que adornavam o quarto dele. E quando Gabriel vomitou em cima dela e do suéter verde que ele lhe havia emprestado.

Sem dúvida ele era bem estiloso no quesito roupas. Na verdade, ficaria bem usando apenas um saco de papel pardo. (Julia considerou essa ideia por alguns segundos.) Deixando Gabriel ressonar baixinho, ela foi até a cozinha. Enquanto preparava um café da manhã para si mesma, pensou no comportamento dele na noite anterior.

O que ele estava fazendo no escritório numa noite de sexta-feira?

Antes que pudesse refletir sobre as consequências dos seus atos, Julia se viu entrando no escritório dele. Foi até a sua mesa e viu que o laptop de Gabriel estava desligado.

Todos os papéis que estavam ali na noite anterior tinham sido guardados e o tampo de carvalho reluzente da mesa estava quase nu. Ela jamais abriria seus arquivos e gavetas em busca dos seus segredos.

Contudo, encontrou na mesa dele algo que não esperava: uma pequena moldura de prata legítima com uma imagem em preto e branco.

Maia.

Ela pegou a imagem, impressionada com o fato de Gabriel ter evoluído a ponto de emoldurar a ultrassonografia. Imersa em pensamentos, ficou parada olhando para ela pelo que pareceu um longo tempo.

– Encontrou o que procurava?

Ela deu meia-volta e deparou com Gabriel encostado no batente da porta, com os braços cruzados diante do peito, vestindo apenas uma camiseta e uma cueca samba-canção listrada.

Os olhos dele se demoraram um pouco na carne nua que despontava entre os botões de cima da camisa e nas pernas bem torneadas de Julia. Então lançou um olhar para a moldura e sua expressão mudou.

Ela se apressou em devolvê-la à mesa.

– Desculpe.

Gabriel se aproximou dela.

– Ainda não decidi onde colocá-la. – Ele olhou para a ultrassonografia. – Mas não quero que fique dentro de uma gaveta.

– Claro que não. A moldura é linda – disse ela, hesitante.

– Comprei na Tiffany.

Julia inclinou a cabeça para o lado.

– Só você mesmo para comprar uma moldura na Tiffany. Eu teria ido a um Walmart.

– Fui à Tiffany por um motivo bem diferente – disse ele, estudando o rosto dela.

O coração de Julia parou por um instante.

– E encontrou o que estava procurando?

Então ele a encarou com um olhar tórrido.

– Com certeza. Mas isso foi há muito tempo.

Julia pestanejou como se estivesse em meio a algum tipo de nevoeiro até ele se inclinar para beijá-la. Foi um beijo extraordinário. Ele pousou as mãos com carinho em suas faces e colou os lábios aos dela, pressionando-os com força antes de dar início aos seus movimentos jubilosos. Em questão de instantes, ela já havia se esquecido completamente de por que tinha entrado no seu escritório.

A língua de Gabriel acariciou a de Julia com ternura, enquanto ele deslizava as mãos pelos cabelos dela até pousá-las em sua nuca. Então, quando ele enfim recuou, beijou seu rosto.

– Gostaria de ter conhecido você a vida toda. Gostaria que tudo tivesse sido diferente.

– Estamos juntos agora.

– Sim, estamos, minha amada. Você está linda com a minha camisa. – A voz dele ficou rouca de repente. – Quero levá-la para tomar café da manhã fora. Acho que você vai gostar de uma pequena creperia que tem aqui na esquina.

Ela pegou sua mão com prazer e ele a conduziu de volta ao quarto, para tomarem um banho juntos e começarem o dia.

Mais tarde, os dois trabalharam no escritório dele. Gabriel sentado à sua mesa, lendo um artigo, e Julia acomodada na poltrona de veludo vermelha, checando seus e-mails.

♦♦♦

Querida Julia,

Eu lhe devo desculpas. Sinto muito tê-la aborrecido quando a encontrei ontem. Não foi minha intenção. Estava preocupado com você.

Se precisar de alguém para conversar, é só ligar.

Espero que ainda possamos ser amigos,

Paul.

P.S.: Christa andou perguntando por que a professora Picton está orientando sua dissertação.

Julia olhou para Gabriel e o viu perdido em pensamentos por trás dos seus óculos.

Digitou rapidamente uma resposta.

Oi, Paul.

É claro que ainda somos amigos. O incidente em Selinsgrove foi traumático e estou tentando esquecer.

Devo dizer que meu namorado me salvou – em mais de um sentido.

Gostaria que se conhecessem um dia. Ele é maravilhoso.

Não entendo por que Christa estaria interessada em saber quem é minha orientadora. Sou uma reles aluna do mestrado.

Obrigada por me avisar.

Vou colocar o presente de Natal que comprei para você no seu escaninho na segunda-feira.

É pequeno, mas espero que goste.

E obrigada,

Julia.

Katherine Picton levava uma vida reservada. Vivia numa bela casa em um bairro de Toronto conhecido como The Annex, de onde era possível ir a pé para a universidade.

Passava os verões na Itália e o Natal na Inglaterra. E dedicava a maior parte do seu tempo a publicar artigos e monografias sobre Dante. Em outras palavras, levava a vida de uma respeitável solteirona acadêmica, com a exceção de não se dedicar à jardinagem, não ter amantes e nem um bando de gatos. (Infelizmente.) Apesar da idade, ela ainda era muito requisitada para dar palestras e mais de uma universidade havia tentado seduzi-la a deixar sua vida de aposentada com promessas de salários extravagantes e responsabilidades docentes moderadas. Katherine, no entanto, preferiria escavar o canal

do Panamá com as mãos nuas enquanto padecia de febre amarela a abdicar do tempo que poderia dedicar à sua pesquisa para administrar uma sala própria em um campus universitário e frequentar reuniões de departamento.

Então, quando Greg Matthews, da Universidade Harvard, telefonou para Katherine em janeiro para falar de uma vaga de professora catedrática especializada em Dante, foi isso que ela lhe disse.

Ele reagiu com um silêncio aturdido antes de balbuciar:

– Mas, professora Picton, podemos providenciar para que a senhora nem precise dar aulas. Tudo o que faria seria dar algumas palestras por semestre, estar presente no campus e orientar alguns doutorandos. Nada mais.

– Não quero ter que levar todos os meus livros para outro lugar – argumentou Katherine.

– Nós contrataremos uma transportadora.

– Eles vão misturar tudo e vou levar semanas para colocá-los em ordem.

– Então vamos contratar uma transportadora especial, que esteja acostumada a trabalhar com bibliotecas. Eles tirarão os livros das suas estantes, os embalarão na ordem certa, depois os recolocarão nas prateleiras aqui em Cambridge exatamente como estavam em Toronto. A senhora não vai precisar fazer nada.

– Transportadoras não sabem catalogar livros – zombou ela. – E se colocarem algo na prateleira errada? Tenho milhares de volumes na minha biblioteca; se trocarem algum livro de lugar, pode ser que eu nunca mais volte a encontrá-lo. E se perderem alguma coisa? Alguns dos meus livros são insubstituíveis.

– Professora Picton, se a senhora aceitar a vaga de professora catedrática, eu irei até Toronto transportar seus livros pessoalmente.

Katherine ficou calada alguns instantes, até perceber que Greg estava falando sério.

Então caiu na gargalhada.

– Harvard parece disposta a fazer muitas concessões.

– A senhora nem imagina – murmurou ele, torcendo para que ela mudasse de ideia.

– Não estou interessada. Existem muitas pessoas mais jovens que você deveria considerar para essa vaga, em vez de uma aposentada de 68 anos. E, já que estamos falando sobre o seu departamento, gostaria de conversar com você sobre minha orientanda, Julianne Mitchell. Acho que deveria aceitá-la no seu programa de doutorado.

Katherine passou dez minutos explicando a Greg por que tinha sido um erro da parte

◆◆◆

dele não ter oferecido um financiamento adequado para Julianne no ano anterior. A professora Picton enfatizou a necessidade de Julianne receber uma bolsa substancial a partir de setembro. Por fim, depois de lhe dar uma bronca e lhe dizer como fazer seu trabalho de pró-reitor de pós-graduação (o que, na verdade, não era o seu trabalho), ela desligou.

Greg ficou olhando incrédulo para o telefone em sua mão.

Na última semana de janeiro, Julia estava nas nuvens, feliz da vida. A pele de seu pescoço estava perfeita, graças aos avanços da medicina moderna. O pós-operatório da remoção da cicatriz havia acabado e ninguém jamais saberia que ela tinha sido marcada.

A terapia estava indo bem, assim como seu relacionamento com Gabriel, embora às vezes ele parecesse distraído e Julia precisasse chamar seu nome para trazê-lo de volta.

Ela havia acabado de tomar um café amigável com Paul, durante o qual discutiram o recente e inexplicável bom humor de Christa, e estava a caminho da biblioteca quando recebeu um telefonema que mudaria sua vida. Era Greg Matthews lhe oferecendo com antecedência uma vaga no programa de doutorado de Literatura e Línguas Românicas de Harvard, além de uma bolsa muito generosa, para o semestre de outono.

A vaga estava condicionada à conclusão do seu mestrado na Universidade de Toronto, mas, como assinalou o professor Matthews, a julgar pela sua carta de

recomendação e pelo aval entusiasmado da professora Picton, isso não seria problema. O professor Matthews estava ansioso pela resposta positiva, mas sabia que a maioria dos alunos da pós-graduação precisaria de algum tempo para pensar na proposta, então pediu que ela telefonasse para comunicar sua decisão dali a sete dias.

Julia ficou surpresa com a tranquilidade e o profissionalismo de sua própria voz ao telefone. Não que tenha falado muito, é claro. Depois de encerrar a ligação, ela mandou um torpedo para Gabriel com dedos trêmulos e nervosos.

Acabei de receber um telefonema de Harvard – eles me querem.

Só preciso terminar o mestrado. Bjs, J.

Poucos minutos depois, recebeu a resposta.

Parabéns, querida. Estou em reunião.

Minha casa, daqui a uma hora? G.

Julia sorriu para o iPhone e terminou rapidamente o que precisava fazer na biblioteca antes de se encaminhar para o Manulife Building. Estava empolgada, mas também aflita.

Por um lado, ser aceita em Harvard era a realização de um sonho e a recompensa de todo

o seu esforço. Por outro, significava ficar longe de Gabriel.

Lembrando-se do incentivo da Dra. Nicole de que ela deveria tratar bem a si mesma, Julia resolveu tomar um banho quente, permitindo-se ter alguns minutos para pensar.

Deixou um bilhete na mesa do hall de entrada, onde Gabriel sempre largava suas chaves, e então ficou bem à vontade no banheiro espaçoso. Quinze minutos depois, estava quase dormindo debaixo do chuveiro estilo “banho de chuva”.

– Esta sim é uma visão bem-vinda – sussurrou Gabriel, abrindo a porta do boxe. – Uma Julianne quente, molhada e nua.

– Tem espaço para um Gabriel quente, molhado e nu aqui também – disse ela, pegando a mão dele.

Gabriel sorriu.

– Agora não. Precisamos comemorar. Onde quer ir jantar?

Houve uma época em que Julia teria simplesmente aceitado a sugestão de Gabriel porque ele queria fazê-la feliz. Mas, dessa vez, manifestou sua vontade.

– Será que podemos ficar em casa? Não quero estar cercada de um monte de gente.

– Claro. Vou trocar de roupa e já volto.

Quando Gabriel voltou, Julia estava parada no meio do banheiro, enrolada numa toalha.

Ele lhe entregou uma taça de champanhe e eles brindaram.

– Tenho um presente para você – disse Gabriel, voltando para o quarto.

Alguns instantes depois, retornou com algo vermelho nas mãos. Gabriel ergueu o presente para que ela pudesse ler a inscrição na frente dele.

– Era meu. Quero que fique com ele.

Ele pegou a taça da mão dela e a colocou do lado da sua, sobre a penteadeira, então puxou a toalha que a envolvia até cair no chão.

Julia vestiu o casaco de moletom de Harvard, parecendo uma universitária seminua que tivesse acabado de sair da cama do namorado.

– Linda – sussurrou Gabriel, passando os braços ao redor dela e beijando-a com entusiasmo. – Esta é uma grande conquista e sei que você trabalhou com afinco por ela.

Estou orgulhoso.

Julia ficou com os olhos marejados diante do elogio, pois, com exceção de Grace, ninguém nunca tinha expressado orgulho por suas conquistas.

– Obrigada. Tem certeza de que quer se desfazer do seu moletom?

– É claro, minha inteligentíssima amada.

– Ainda não decidi se vou aceitar ou não.

– O quê? – Ele recuou, de cara amarrada.

– Acabei de receber a ligação. Tenho uma semana para pensar.

– Pensar no quê? Seria loucura não aceitar.

Ela retorceu as mãos. Pensou que Gabriel fosse ficar triste diante da perspectiva de eles ficarem separados. Não achava que fosse reagir com tanto entusiasmo.

Ele começou a andar de um lado para outro.

– Eles não lhe ofereceram dinheiro suficiente? Pelo amor de Deus, eu compro um apartamento ao lado da Harvard Square.

– Não quero ser sustentada.

– Do que você está falando? – Ele virou a cabeça, lançando-lhe um olhar incisivo.

Julia endireitou os ombros e ergueu o queixo.

– Quero me manter com meu próprio dinheiro.

Gabriel rosnou de frustração e aninhou o rosto dela entre suas mãos.

– Julianne, nós nunca vamos ser iguais. Você é melhor do que eu.

Ele a encarou, a sinceridade iluminando seus olhos azuis com uma brilho peculiar, e então a beijou antes de puxá-la para seu peito.

– Tenho mais vícios e mais dinheiro. Eu me recuso a compartilhar meus vícios, mas meu dinheiro é seu. Aceite.

– Não quero.

– Então me deixe ajudá-la a conseguir um empréstimo. Por favor, não jogue fora esta oportunidade. Você se esforçou tanto para isso!

– Dinheiro não é problema. Greg Matthews me ofereceu uma bolsa excelente, que vai ser mais do que suficiente para cobrir minhas despesas.

Ela puxou a bainha do moletom para baixo, para cobrir mais seu corpo nu.

– Estou preocupada com o que pode acontecer conosco se eu for.

– Você quer ir?

– Sim, mas não quero perder você.

◆◆◆

– Por que me perderia?

Ela enterrou o rosto em seu peito.

– Relacionamentos a distância são difíceis. Você é muito bonito. Muitas mulheres vão tentar assumir o meu lugar.

Ele fez uma careta.

– Não estou interessado em muitas mulheres. Estou interessado em você. Já entrei com um pedido de ano sabático. Se isso não der certo, posso pedir uma licença. Não vai me prejudicar em nada passar um ano em Harvard terminando meu livro. Podemos ir juntos e isso vai me dar um tempo para descobrir o que fazer.

– Não posso permitir que você faça isso. Sua carreira está aqui.

– Acadêmicos tiram anos sabáticos o tempo todo. Pergunte a Katherine.

– E se você se ressentir de mim? – perguntou ela.

– É muito mais fácil você se ressentir de mim, por estar presa a um homem mais velho quando deveria sair com rapazes da sua idade. E um homem mais velho que é um egoísta e não consegue parar de lhe dizer o que fazer.

Julia revirou os olhos.

– O homem que eu amo não é a pessoa que você descreveu. Não mais. Além disso, nossa diferença de idade é só de dez anos.

Ele abriu um sorriso irônico.

– Obrigado. Não precisamos morar juntos, se você não quiser. Posso ser seu vizinho.

Claro que, se não quiser que eu vá... – Ele engoliu em seco e esperou pela sua resposta.

Julia atirou os braços em volta do pescoço dele.

– É óbvio que quero que você vá comigo.

– Maravilha – sussurrou ele, puxando-a para o quarto.

Depois que Julia voltou ao seu apartamento no dia seguinte, Gabriel passou a tarde trabalhando em casa, no escritório. Estava prestes a ligar para ela para perguntar se queria encontrá-lo para jantar quando seu celular tocou. Ao ver que era Paulina, se recusou a atendê-lo.

Alguns minutos depois, o telefone fixo começou a tocar, o tom de chamada característico indicando que a ligação vinha da portaria. Ele atendeu.

– Pois não?

– Professor Emerson, tem uma mulher aqui dizendo que precisa falar com o senhor.

– Quem é?

– Paulina Gruscheva.

Gabriel praguejou.

– Diga a ela que vá embora.

O segurança baixou a voz.

– Com certeza, professor. Mas devo avisar ao senhor que ela parece muito aborrecida.

E está falando seu nome bem alto.

– Tudo bem – disse ele, furioso. – Estou descendo.

Gabriel pegou as chaves, saiu do apartamento e foi xingando em direção ao elevador.

CAPÍTULO DEZESSETE

Aliviada por ter sido aceita com antecedência em Harvard, Julia pôde se dedicar à sua dissertação com esforço redobrado. Quando não estava com Gabriel, trabalhava incansavelmente, passando horas e horas estudando na biblioteca ou escrevendo em seu apartamento.

Como recompensa, Gabriel decidiu levá-la para Belize no feriado de São Valentim. A ideia era celebrar o amor dos dois, o fato de Julia ter sido aceita em Harvard e outras coisas que Gabriel ainda não estava pronto para revelar.

No dia da viagem, Julia estava na entrada do seu prédio, conferindo sua caixa de correio. Encontrou uma correspondência de Harvard, que abriu na mesma hora. Era uma carta formal de admissão ao programa de doutorado, incluindo os termos que regiam sua matrícula e sua bolsa.

Também encontrou um envelope com o emblema da Universidade de Toronto. As palavras *Pró-reitoria de Pós-graduação* estavam impressas sobre o endereço de devolução. Ela se apressou em rasgar o envelope e ler o conteúdo. Então arrastou sua bagagem até a Bloor Street e pegou um táxi para o prédio de Gabriel.

Entrou voando no saguão, passou pelos seguranças e pegou o elevador que a levaria até o andar de Gabriel. Depois de atravessar o corredor a passos rápidos, usou sua própria chave para entrar no apartamento.

– Querida? – Gabriel veio andando em direção à porta da frente com um sorriso. –

Você está adiantada. Estou lisonjeado que não tenha conseguido ficar longe de

mim.

Julia afastou os braços estendidos dele e pressionou uma das cartas em sua mão.

– O que é isto?

Ele baixou os olhos para o papel.

5 de fevereiro de 2010

Pró-reitoria de Pós-graduação

Universidade de Toronto

Toronto, Canadá

Prezada Srta. Julianne Mitchell,

Uma queixa foi apresentada à reitoria alegando que a senhorita violou o Código de

Conduta Acadêmica da Universidade de Toronto. Diante disso, sua presença é requisitada na reitoria no dia 19 de fevereiro de 2010 para uma entrevista preliminar.

O chefe do Departamento de Estudos Italianos, professor Jeremy Martin, também estará presente.

A senhorita pode trazer um acompanhante para esta reunião, que pode ser um representante da Associação de Alunos da Pós-graduação, um parente, um amigo ou um advogado.

Esta reunião destina-se apenas a recolher informações e não configura uma audiência, tampouco a reitoria assumiu qualquer posição quanto à legitimidade da queixa.

Confirme junto à reitoria o recebimento desta carta, assim como sua presença na reunião. Caso não compareça, uma investigação sobre a queixa será automaticamente iniciada.

Cordialmente,

David Aras, ph.D.

Pró-reitor de Pós-graduação

Gabriel fitou os olhos apavorados de Julia e tentou encontrar palavras para assegurá-la de que não havia motivo para se preocupar... mas não conseguiu.

CAPÍTULO DEZOITO

Julia viu o temor lampejar nos olhos de Gabriel, mas apenas por um instante. Nada poderia ser mais aterrorizante para ela do que vê-lo com medo.

Ele a ajudou a tirar seu casaco e insistiu que ela se sentasse na poltrona vermelha diante da lareira. Gabriel acionou um interruptor para acender as chamas e depois foi até o cômodo ao lado. Julia se recostou na poltrona e cobriu o rosto com as mãos.

– Beba isto. – Ele cutucou sua mão com um copo.

– O que é?

– Laphroaig. Uísque.

– Você sabe que eu não gosto disso.

– Só um gole, para você se acalmar um pouco.

Ela levou o copo de cristal aos lábios e sorveu o líquido, sentindo o álcool queimar sua boca e a garganta. Com um acesso de tosse, Julia devolveu o copo a ele. Gabriel engoliu o restante do uísque e se sentou no sofá, de frente para ela.

– O que é esse “Código de Conduta Acadêmica”? – perguntou ela.

– É a política que rege qualquer tipo de infração acadêmica: desonestidade, plágio, fraude, *etc.*

– Por que alguém entraria com uma queixa de fraude acadêmica contra mim?

Gabriel esfregou o rosto.

– Não faço ideia.

– Tem certeza?

– É claro que tenho! Acha que eu esconderia uma coisa dessas de você?

– Mas você está escondendo alguma coisa. Como naquela noite em que estava trabalhando até tarde no escritório e não quis me dizer o que...

– Eu estava trabalhando numa candidatura – disse ele, interrompendo-a. – Greg Matthews me telefonou na noite em que fomos jantar no Auberge. Ele me convidou a me candidatar a uma vaga de professor catedrático, mas disse que precisava do meu currículo imediatamente. Demorei mais do que esperava para prepará-lo.

– Por que não me contou isso?

Ele desviou o olhar.

– Não queria lhe dar esperanças. As chances de eu conseguir esta vaga são mínimas.

Ainda não sou titular e eles sem dúvida estão buscando professores mais experientes.

Mas eu precisava tentar... por você.

– Preferiria que tivesse me contado. Fiquei imaginando um monte de coisas.

– Achei que confiasse em mim.

– É claro que confio em você. Não confio é nas mulheres à sua volta.

– Não deveria ter escondido minha candidatura de você. – Ele remexeu os pés. – Não queria desapontá-la se não conseguisse a vaga.

– A única maneira de você me desapontar, Gabriel, é escondendo as coisas de mim.

Ele fez uma careta e desapareceu na sala de jantar. Quando voltou, bebia outra dose de uísque.

– Tenho uma reunião com Jeremy esta semana. Posso perguntar a ele sobre você.

Ela negou com um movimento de cabeça.

– É melhor você ficar fora disso.

– Tem alguma ideia do que pode ter gerado essa queixa?

– Não fiz nada a não ser ir à faculdade e trabalhar na minha dissertação desde que cheguei aqui. Com exceção de alguns atritos com Christa e daquele incidente com a professora Agonia... com a *professora Singer*. Você acha que ela...

Gabriel refletiu sobre a possibilidade por alguns instantes.

– Acho difícil. Ela foi convocada pelo Comitê Disciplinar no ano passado quando Paul Norris apresentou uma queixa. Duvido que fosse querer se envolver com eles de novo.

Não é uma das suas orientadoras, então como poderia saber sobre seu trabalho?

– Ela não poderia. – Julia se interrompeu e uma expressão de horror tomou conta do seu belo rosto. – Será que Katherine Picton me denunciou por algum motivo?

– Não. Ela não faria isso sem antes falar com você. E ligaria para mim, por uma questão de cortesia.

– Quais são as penalidades por infrações acadêmicas?

– Depende da gravidade do delito. Eles podem repreendê-la ou lhe dar zero em algum trabalho ou num curso. Na pior das hipóteses, podem expulsá-la.

Julia inspirou fundo, trêmula. Se fosse expulsa, não terminaria seu mestrado. E isso

significaria que Harvard...

Gabriel a encarou com um olhar firme.

– Paul seria capaz de fazer isso?

– Não. Ele quer me ajudar, não me prejudicar.

– *Papa-anjo* – balbuciou Gabriel.

– E quanto a Christa?

Ele se remexeu no sofá de couro.

– É possível.

Julia estreitou os olhos.

– O que você está escondendo de mim?

– Você já sabe que ela é encrenqueira.

– O que está havendo com Christa, Gabriel? Me conte.

Ele se levantou e começou a andar de um lado para outro diante da lareira.

– Não quero falar sobre isso.

Julia pegou a carta do reitor e se encaminhou para o corredor de entrada.

– Espere, o que você está fazendo? – Ele correu atrás dela.

– Eu o avisei para não mentir para mim. Parece que deveria ter sido mais especifica quanto a não ser evasivo também. – Ela pegou seu casaco de dentro do armário do hall e o vestiu às pressas.

– Não vá embora.

Ela o encarou, os olhos em chamas.

– Então me conte sobre Christa.

Ele esfregou os olhos com as palmas das mãos.

– Está bem.

Gabriel a ajudou a tirar o casaco e a conduziu de volta à sala de estar. Ela não quis se sentar, preferindo ficar em pé de braços cruzados diante da lareira.

– Christa está chantageando você? Foi por isso que aprovou a proposta de tese dela?

– Não exatamente.

– Fale logo, Gabriel.

Ele lhe deu as costas, olhando pela janela para os prédios que se destacavam no horizonte de Toronto.

– Christa Peterson me acusou de assédio sexual.

♦♦♦

CAPÍTULO DEZENOVE

Julia encarou Gabriel com os olhos arregalados.

– O quê?

– Christa prestou uma queixa ao agente responsável pelas denúncias de assédio sexual, que a encaminhou para Jeremy. É por isso que tenho uma reunião com ele esta semana.

Trêmula, Julia se deixou sentar na poltrona de veludo vermelha.

– Quando ficou sabendo disso?

Um músculo saltou no maxilar anguloso de Gabriel.

– Ele me telefonou há alguns dias.

– *Há alguns dias?* – Ela trincou os dentes. – E quando você pretendia me contar?

– Não queria estragar nossa viagem para Belize. Juro que iria lhe contar assim que voltássemos.

Julia o fuzilou com o olhar.

– Achei que não guardássemos segredos um do outro.

– Não era um segredo, eu só queria que você tivesse alguns dias para relaxar antes que eu lhe desse a má notícia. – Com um suspiro, ele se virou para encará-la.

– Por que Christa o acusaria de assédio sexual? É ela que vem assediando você!

– Não sei os detalhes das alegações. Eu mesmo deveria ter apresentado uma queixa de assédio, mas não queria chamar atenção indesejada para o caso.

– O que vamos fazer?

Gabriel fitou o fogo com um olhar determinado.

– Vou ligar para o meu advogado e vamos tratar de responder às duas acusações. O

mais rápido possível.

Julia se levantou e o abraçou pela cintura, enterrando o rosto no suéter de Gabriel.

– O que foi agora, Emerson? Estou na cama com uma gostosa que é assistente jurídica numa firma concorrente. – John Green atendeu ao celular em meio aos sons de gritinhos e risadas estridentes.

– Pode fechar a calça, John. O assunto vai ser demorado.

O advogado praguejou antes de tapar o celular com uma das mãos.

– Não saia daí, docinho – falou ele para a sua parceira antes de correr para o banheiro vestindo apenas uma tanga masculina vermelha.

– Já estou a par da queixa de assédio sexual contra você, Emerson. Não precisa me importunar por isso. Eu estava prestes a ter a melhor transa da minha vida.

– Preciso conversar com você sobre outro assunto.

Gabriel resumiu o conteúdo da carta do reitor para Julia.

– Não posso ajudar sua namorada.

Gabriel começou a protestar, irritado, mas John o ignorou.

– Ouça bem, se eles estão atrás de você por assédio sexual e do seu rabo de saia, quer dizer, da sua *namorada*, por algum tipo de infração acadêmica, eu aposto o meu Porsche que as duas queixas estão relacionadas. Você já disse a ela para não mencionar o seu nome durante a conversa com o reitor?

Gabriel cerrou os dentes.

– Não.

– Então é melhor dizer. Você não vai querer mais problemas por causa dela. Já tem preocupações suficientes.

O professor inspirou e expirou devagar, com frieza.

– Não tenho o hábito de deixar meus amigos na mão, muito menos Julianne. Fui claro?

Ou preciso arranjar outro advogado?

– Muito bem. Mas ela precisa ter seu próprio advogado. Se os dois assuntos estiverem relacionados, isso provavelmente vai acarretar um conflito de interesses para mim. E

creio que a universidade iria desconfiar se eu representasse os dois.

– Está bem! – exclamou Gabriel, furioso. – Quem você recomenda?

John pensou por alguns instantes.

– Soraya Harandi. Ela trabalha para os escritórios de advocacia da Bay Street e já representou professores contra a universidade no passado. Tivemos um caso alguns anos atrás e ela me odeia. Mas é boa no que faz.

John grunhiu ao telefone, aparentemente se esticando para pegar seu BlackBerry.

– Vou lhe mandar um torpedo com os contatos dela. Peça a sua namorada que telefone

◆◆◆

para o escritório de Soraya e explique a situação para a secretária dela. Estou certo de que Soraya não vai perder uma oportunidade dessas.

– Qual a probabilidade de qualquer uma das duas queixas resultar em... consequências negativas?

– Não faço ideia. É possível que a universidade inicie uma investigação e desconsidere ambas as queixas. Mas não deixe que ela vá para a reunião sem um advogado, ou isso pode acabar se voltando contra vocês dois.

– Obrigado, John – disse Gabriel com a voz cheia de sarcasmo.

– Enquanto isso, quero que faça um lista de tudo que seja relevante para a queixa de assédio. Tudo mesmo. Qualquer tipo de prova que ela possa apresentar, como e-mails, torpedos, mensagens e fotografias. Mande tudo para mim e vou começar a dar uma olhada. E me mande tudo o que tiver sobre a sua namorada, também.

John fez uma pausa antes de prosseguir:

– Não gosto de ter que dizer “eu avisei”, Gabriel. Mas é verdade. A universidade tem uma política de tolerância zero no que diz respeito a relacionamentos entre professores e alunos. Isso quer dizer que podem expulsar sua namorada e botar você no olho da rua.

Vamos torcer para que as duas queixas não estejam relacionadas e que alguém a tenha denunciado porque ela se esqueceu de devolver alguns livros na biblioteca.

– É sempre um prazer falar com você – disse Gabriel, com voz gélida.

– Se você pensasse com a cabeça de cima, não estaria falando comigo. Só espero que sua namorada valha a pena, porque, se a merda bater no ventilador, ela vai acabar se tornando uma trepada bem cara.

Antes que John pudesse se despedir, Gabriel atirou o telefone sem fio na parede, observando-o se espatifar em vários pedaços grandes e depois cair no chão de madeira.

Então respirou fundo várias vezes para que fosse capaz de convencer Julia de que eles deveriam simplesmente aproveitar suas férias juntos.

Naquela mesma tarde, sentado em seu escritório na St. George Street, David Aras olhava para o telefone com uma expressão de surpresa. Geralmente, sua assistente era muito mais eficiente em filtrar as chamadas. Mas a professora Katherine Picton era muito perseverante e estava acostumada a conseguir o que queria. O que, neste caso, era uma conversa com o pró-reitor de pós-graduação da Universidade de Toronto.

Ele tirou o fone do gancho e pressionou o botão para atender à chamada.

– Olá, professora Picton. A que devo o prazer do seu telefonema?

– Não é prazer nenhum, David. Exijo saber por que recebi uma carta da reitoria me convocando a ser submetida a um de seus interrogatórios stalinistas.

David teve que morder os lábios para não responder com a mesma rispidez. Ela era famosa, velha e mulher. Não podia mandá-la à merda.

(Exceto em lituano. Talvez.)

– Preciso lhe fazer algumas perguntas. Coisa de dez minutos, no máximo, e a senhora vai estar liberada – respondeu ele com voz calma.

– Não me venha com essa. Dez minutos eu levo só para descer os degraus de entrada da minha casa no inverno. Vou levar uma eternidade para andar até a pró-reitoria. Exijo saber para que e por que estou sendo convocada ou não vou. Não é todo mundo que pode passar a tarde imaginando maneiras de infernizar a vida dos outros enquanto uma assistente filtra suas ligações e prepara seu café.

O pró-reitor pigarreou.

– Uma queixa foi apresentada contra a aluna que a senhora está orientando.

– A Srta. Mitchell? Que tipo de queixa?

Da maneira mais sutil que pôde, ele explicou a natureza da denúncia que havia recebido.

– Isso é um absurdo! Você pelo menos conhece a Srta. Mitchell?

– Não.

– Pois essa é uma queixa ridícula feita contra uma aluna do sexo *feminino* inocente e muito esforçada. E creio que não preciso lembrá-lo, David, de que esta não é a primeira vez que uma aluna bem-sucedida é degradada por um procedimento da universidade.

– Estou ciente disso. Mas existem outras questões relacionadas à queixa que não tenho liberdade para discutir com a senhora. Gostaria de entrevistá-la sobre a sua relação com a Srta. Mitchell. Nada mais.

– Não vou dar nenhuma credibilidade a uma caça às bruxas contra a *minha* orientanda.

David fechou a cara.

– Sem o seu testemunho, é possível que ocorra uma grave injustiça. A senhora talvez seja exatamente o que precisamos para limpar o nome da Srta. Mitchell.

– Conversa! A responsabilidade de que a justiça seja feita é *sua*. Estou surpresa que tenha levado essa queixa a sério. E cara feia para mim é fome, David. Pelo seu tom consigo perceber a careta que está fazendo e não gosto nada dela.

◆◆◆

O reitor conteve um xingamento em lituano.

– Professora Picton, a senhora está se recusando a responder às minhas perguntas?

– Você por acaso é surdo? Ou sua sede por poder afetou sua inteligência? Já disse que me recuso a cooperar. Não trabalho mais para a universidade. Estou aposentada. Além do mais, vou levantar essa questão hoje à noite durante o jantar na casa do reitor. Estou certa de que ele e seus convidados se mostrarão muito interessados em saber como sua própria universidade está sendo administrada. Por sinal, o jantar será em homenagem a Mary Asprey, a famosa romancista. Como ex-aluna, sei que ela se interessa muito pelos assuntos da sua *alma mater*, especialmente no que diz respeito às maquinações patriarcais que acontecem dentro dela. Fico imaginando o que ela vai achar disso tudo...

E, com essas palavras, a professora Picton desligou.

Quando Gabriel e Julia finalmente chegaram ao resort Turtle Inn, em Belize, as

estrelas já haviam surgido no céu. Julia explorou suas acomodações (uma cabana particular numa praia isolada) enquanto Gabriel pedia serviço de quarto.

As paredes da cabana eram brancas, com exceção de uma fileira de painéis sanfonados de teca que se abria para a varanda coberta. O teto era uma mistura de bambu e sapê, e havia uma cama grande no centro do quarto, protegida por um mosquiteiro. Julia gostou especialmente do chuveiro e da banheira ao ar livre que ficavam numa varanda lateral.

Enquanto Gabriel fazia o pedido aos funcionários da cozinha ao telefone, Julia tirou suas roupas depressa e tomou uma ducha. O espaço não era totalmente fechado e quem estivesse tomando banho tinha uma vista para o mar. Porém, como estava escuro lá fora e a praia era particular, não havia a menor possibilidade de os hóspedes serem vistos por ninguém, a não ser por seus acompanhantes.

– O jantar vai chegar em uma hora. Lamento a demora. – Gabriel lambeu os lábios ao ver Julia de roupão.

Ele, por sua vez, tinha trocado de roupa e vestido uma camisa de linho branca quase toda desabotoada e com as mangas enroladas, deixando seus braços à mostra. Usava calça cáqui com as bainhas também enroladas, revelando seus pés descalços.

(Vale dizer, aliás, que os pés dele eram muito atraentes.)

– Quer dar uma caminhada na praia?

– Acho que preferiria fazer outra coisa.

Com um sorriso nos lábios, ela o puxou em direção à cama e lhe deu um empurrãozinho para que ele se sentasse na beirada.

Ele a agarrou pelo cinto do roupão.

– Eu ficaria feliz em apenas relaxar. Foi uma longa viagem.

Seu rosto mostrou que ele estava falando sério, o que a surpreendeu um pouco.

– Estou com saudades de você. – A voz dela se tornou um sussurro gutural.

Ele a posicionou entre seus joelhos, deslizando as mãos pelo corpo dela até pousá-las em suas nádegas.

– Podemos tirar um cochilo depois do jantar. Não há pressa.

Ela revirou os olhos.

– Gabriel, quero que você faça amor comigo. Se não quiser, é só falar.

Ele abriu um sorriso muito largo e satisfeito.

– Eu jamais diria não para você, Srta. Mitchell.

– Ótimo. Me dê cinco minutos, *professor Emerson*.

Ele se deixou cair de costas na cama, os pés ainda no chão. A confiança recém-descoberta de Julia era muito sedutora. Ela o excitava tanto que ele já estava sofrendo.

Embora tivesse parecido uma eternidade, apenas alguns minutos se passaram até Julia sair do banheiro, usando seu presente de Natal. O cetim negro acentuava os tons rosados de sua pele, enquanto o corpete fazia seus seios parecerem mais volumosos e sua cintura mais fina. Gabriel não pôde deixar de admirar a bela ampulheta em que o corpo de Julia havia se transformado.

Os olhos dele registraram um ligeiro vislumbre de uma calcinha de renda preta, que combinava com a meia-calça de seda da mesma cor presa por uma cinta-liga. Por fim, e gloriosamente, um par de sapatos de salto alto pretos enfeitava seus pés.

Gabriel quase teve um infarto ao ver aqueles sapatos.

– *Bonsoir, Professeur. Vous allez bien?* – ronronou Julia.

Ele demorou alguns instantes para entender aquela escolha linguística, de tão arrebatado que estava pela presença dela e pelo calçado em seus pés.

Julia estava usando sua boina.

Quando os olhos de Gabriel por fim encontraram os dela, Julia o viu engolir em

seco.

Fez um biquinho provocante e tirou o chapéu, atirando-o na direção dele. Depois que Gabriel o jogou de lado, ela caminhou devagar, muito devagar, até a cama.

– Adorei meu presente de Natal, professor.

♦♦♦

Gabriel tornou a engolir em seco, sem palavras.

– Já viu a parte de trás? – Ela girou os quadris, encarando-o por sobre o ombro.

Ele estendeu um dedo para tocar as fitas que amarravam o corpete, deslizando a mão até a calcinha que cobria seu bumbum arrebitado.

– Chega de provocação, Srta. Mitchell. *Venha cá.*

Ele a puxou, colando suas bocas em um beijo intenso.

– Vou desembrulhar esse presente bem devagar... com exceção dos sapatos. Espero, pelo seu bem, que eles sejam confortáveis.

Depois de dez minutos batendo à porta, o funcionário do serviço de quarto teve que levar o jantar de volta para a cozinha e esperar novas instruções, que nunca chegaram.

Bem depois da meia-noite, as lindas músicas da nova coletânea de Gabriel pairavam no ar, incluindo canções de Sarah McLachlan, Sting e Matthew Barber. Julia estava deitada de barriga para baixo, emaranhada nos lençóis de linho, sonolenta e satisfeita. Suas costas estavam expostas até as duas covinhas logo acima da curva de sua bunda.

Ardilosamente, Gabriel havia colocado parte do lençol sobre as suas nádegas e fora buscar sua câmera. Ele parou diante da cama, tirando uma foto após outra, até Julia bocejar e se espreguiçar como uma gata preguiçosa.

– Você é perfeita – disse ele, largando a câmera para se sentar ao seu lado.

Julia ergueu olhos arregalados e felizes para encará-lo, enquanto ele corria os dedos longos pela sua coluna, e então lhe abriu um sorriso tristonho.

– Quando você ama algo, não consegue ver seus defeitos.

– Imagino que isso seja verdade. Mas você é linda.

Ela trocou de posição para vê-lo melhor, abraçando um travesseiro.

– O amor torna tudo belo.

Uma tensão familiar se espalhou pelos lábios de Gabriel. Ele pousou a mão na base das suas costas, quase em cima das covinhas.

Ela pôde ver em seus olhos a pergunta que ele relutava em fazer.

– Sim, Gabriel, você é belo para mim. Quanto mais o conheço, mais vejo quem você é de verdade e mais belo você se torna.

Ele a beijou, o beijo suave e agradecido de um adolescente apaixonado, e correu os dedos pelos cabelos longos e castanhos de Julia.

– Obrigado. Você está com fome, não está?

– Estou.

Ele olhou em direção à porta.

– Acho que perdemos o jantar porque estávamos nos banqueteando com... bem...

outras coisas.

– E foi um banquete delicioso, professor. Ao menos temos uma cesta de frutas.

Ela se sentou na cama, envolvendo seu tronco com o lençol enquanto Gabriel ia até a grande cesta em cima da mesa de centro. Encontrou um canivete suíço na pequena cozinha, trocou a música e trouxe uma manga para a cama.

– Precisava colocar uma música que combinasse com a fruta – disse ele, seus olhos azuis faiscando. – Agora deite de costas.

Ela sentiu sua frequência cardíaca começar a acelerar.

– Você não precisa disso. – Ele puxou o lençol com ousadia. Agora, estavam os

dois nus.

– Quem está cantando?

– Bruce Cockburn.

Ele começou a cortar a manga devagar, seus olhos explorando o corpo de Julia.

Ela o encarou com um olhar intrigado.

– Almoço nu?

– Está mais para um lanche noturno nu.

Com dedos habilidosos, ele cortou uma pequena fatia da fruta, o sumo pingando das suas mãos no abdome dela. Julia arqueou uma sobrancelha.

– Humm. – Ele olhou para o sumo com uma expressão maliciosa. – Vou ter que limpar isso.

Ela abriu a boca quando ele se inclinou para a frente para dar-lhe de comer.

– Você tem um fetiche por dar comida na boca – disse ela, lambendo os lábios e inclinando-se para pedir mais.

Ele fez uma mesura diante dela, reverente, sua língua despontando para fora para capturar o líquido na barriga de Julia.

– O que disse? – perguntou ele.

Julia soltou um grunhido incoerente.

– É menos um fetiche e mais um gesto que me traz alegria. Gosto de tomar conta de você, e há algo de sensual em dividir um alimento com a pessoa amada.

Ele evitou seus lábios para beijar-lhe o ombro, provando sua pele com a ponta da língua. Recuando, cortou outra fatia da fruta. Algumas gotas caíram como sol líquido sobre o seio esquerdo dela.

– Droga. Desculpe pela lambança.

Ele correu sua mão melada pelas costelas dela, para cima e para baixo, provocando uma de suas zonas erógenas favoritas, antes de pousar os lábios no peito de Julia.

– Você está me matando – disse ela quando a boca molhada de Gabriel encontrou seu mamilo.

– Se bem me lembro, já ouvi você dizer isso antes. E prometeu que seria uma morte doce.

Julia abriu a boca para indicar que estava disposta a aceitar outro pedaço.

– Deveria ter dito *uma morte melada*.

Ele colocou um pedaço de manga na boca de Julia antes de acariciar-lhe o lábio inferior com o polegar.

– Já pensei nisso. Não se preocupe.

Sem aviso, ela trocou de posição para montar nele e pousou as mãos uma de cada lado do seu rosto, puxando-o para si. Eles se beijaram com paixão por alguns instantes antes de ela tirar a manga e a faca da sua mão e colocar um pedaço da fruta na boca de forma tentadora.

Ele a encarou com um olhar tórrido antes de colar seus lábios aos dela novamente, puxando o pedaço de fruta de volta com os dentes.

– Hummm – gemeu ela. – A propósito, acho que nunca vi o vídeo de segurança do nosso encontro no museu.

Ela espremeu um pedaço de manga sobre o peito dele e começou a beijar e chupar o rastro de gotas de sumo.

– Ah... ah... – Gabriel teve dificuldade para encontrar as palavras certas. – Eu já vi. É

muito excitante.

– Jura? – Ela se sentou de volta e comeu languidamente um pedaço de fruta diante dele, lambendo os dedos devagar.

♦♦♦

– Mais tarde eu mostro para você.

Ele a puxou para um abraço apertado, suas mãos deslizando pelas costas dela. Então, quando não pôde mais resistir, jogou tudo de lado para erguê-la nos seus braços.

– Para onde vamos? – perguntou ela, um pouco alarmada.

– À praia.

– Mas estamos nus.

– Nossa praia é particular. – Ele lhe deu um beijo na ponta do nariz e a carregou até a beira do mar.

– Alguém pode nos ver – protestou Julia enquanto ele entrava na água.

– A lua está muito fina no céu. Mesmo que alguém aparecesse, veria apenas a sua silhueta. E que bela visão seria!

Gabriel lhe deu um beijo demorado, venerando seu rosto e o pescoço com os lábios, a maré calma se chocando contra eles. Então a pôs de pé para poder pressionar cada centímetro do seu corpo ao dela.

– Está vendo como nos encaixamos perfeitamente? – falou ele, ávido. – Fomos feitos um para o outro.

Eles pegaram punhados de água salgada, um limpando a pele do outro. Julia não resistiu e se inclinou para beijar a tatuagem dele, deliciando-se com a maneira como o gosto do mar se misturava ao sabor da pele de Gabriel.

Ele tornou a beijar-lhe o pescoço e Julia sentiu que ele sorria contra a sua pele.

– Você já viu o filme *A um passo da eternidade*?

– Não.

– Então preciso passá-lo para você. – Gabriel pegou sua mão e a conduziu até a areia, onde se deitou. – Venha – chamou ele, gesticulando para que ela se

deitasse sobre o seu corpo.

– Aqui? – O coração dela estava disparado.

– Sim, aqui. Quero estar dentro de você, mas não quero que a areia arranhe sua pele.

Gabriel a puxou para baixo e sua boca buscou a dela com sofreguidão enquanto as ondas lambiam suavemente suas pernas. Quando eles gritaram de prazer, a lua pálida sorriu.

Uma tempestade tropical passou pela região na manhã seguinte. Enquanto as gotas de

chuva tamborilavam no telhado da cabana, o casal fez amor devagar na cama coberta por um mosquiteiro. Buscaram seu ritmo na dança constante da chuva.

Quando ambos estavam satisfeitos, ele sugeriu que enxaguassem o suor e a umidade da pele na grande banheira na varanda. Reclinando-se em meio às bolhas com aroma de baunilha, Julia se apoiou no peito de Gabriel, que a abraçou. Em seus braços, ela quase conseguia esquecer os problemas que os aguardavam em Toronto.

Ela se sentia segura com Gabriel. Não que ele fosse um homem poderoso, embora sua fortuna lhe conferisse certo poder. Era a maneira como ele enfrentava aqueles que a agrediam: primeiro Christa, depois Simon. E o fato de ele ter repreendido seu pai por uma vida inteira de negligência.

A essa altura, Julia já sabia muito bem como era vulnerável o leito dos amantes.

Conhecia a nudez e intimidade que havia ali, o desejo, a necessidade ardente e a mais profunda satisfação. Mas também sabia que Gabriel a amava e queria protegê-la. Com ele, sentia-se em segurança pela primeira vez na vida.

– As manhãs de sábado eram minhas favoritas quando eu era criança. – contou Gabriel com voz melancólica, interrompendo suas reflexões.

Julia deslizou um dedo pela linha da vida na palma da mão dele.

– Por quê?

– Como minha mãe estava desmaiada, eu podia ver os desenhos animados. Isso foi antes de perdermos nossa TV a cabo.

Ele abriu um meio sorriso e Julia tentou não chorar ao pensar em Gabriel como um garotinho triste cuja única alegria era algumas horas de desenhos animados.

– Eu costumava fazer meu próprio café da manhã. Cereal frio ou torrada com manteiga de amendoim. – Ele balançou a cabeça. – Quando não tinha mais leite, o que acontecia com frequência, eu usava suco de laranja.

– Ficava bom?

– Horrível. Nem era suco de laranja de verdade, era Tang. – Gabriel acariciou os cabelos dela, distraído. – Tenho certeza de que um psiquiatra teria muito a dizer sobre a relação entre a minha infância e meu gosto por artigos de luxo.

Por impulso, Julia se virou e jogou os braços em volta do pescoço dele, fazendo uma grande onda transbordar pelos lados da banheira.

– Ei, por que tudo isso?

Ela enterrou o rosto no seu ombro.

– Por nada. É só que te amo tanto que chega a doer.

Ele a abraçou com carinho.

– Isso tudo aconteceu há trinta anos. Grace, sim, foi minha mãe. Eu me arrependo por não ter estado ao seu lado quando ela morreu. Não tive a chance de dizer adeus.

– Ela sabia, Gabriel. Sabia quanto você a amava.

– Acho que sua infância foi muito mais sofrida.

Encostada no ombro dele, Julia fungou, mas ficou calada.

– Se a maldade deixa as pessoas feias, sua mãe deve ter sido horrorosa. Minha mãe era negligente e indiferente, mas nunca foi cruel.

Ele se deteve, perguntando-se se deveria abordar o assunto que os dois vinham

evitando desde o início das férias.

– Quando passei a conhecer Christa Peterson, eu a achei feia. Estou em dívida com você por ter evitado que eu fosse para a cama com ela. Embora gostasse de pensar que, mesmo embriagado, eu teria mais bom gosto do que isso.

Julia recuou, afastando-se um pouco e brincando com a ponta de um cacho de cabelo.

Gabriel ergueu o queixo dela, forçando-a a olhar nos seus olhos.

– Fale comigo.

– Não gosto de pensar em você e Christa juntos.

– Graças a Deus você me salvou dela, então.

– Ela está tentando arruinar sua carreira.

– As máscaras vão cair. Você mesma disse que Paul ouviu os planos dela quanto a mim. Espero que Christa fracasse no doutorado para que nós dois nos vejamos livres dela.

– Não quero que ela se prejudique – falou Julia baixinho. – Se a ruína dela me desse prazer, eu seria tão feia quanto ela.

Gabriel assumiu uma expressão feroz.

– Ela foi cruel com você mais de uma vez. Você deveria tê-la xingado.

– Já passei da idade de xingar os outros, quer eles mereçam ou não. Não estamos no jardim da infância.

Gabriel cutucou a ponta do nariz dela com o dedo.

– E de onde você tirou toda essa sabedoria? Da *Vila Sésamo*?

– São os benefícios de uma educação católica – balbuciou ela. – Ou talvez a culpa seja um pouco de Lillian Hellman.

Ele franziu as sobrancelhas.

– Como assim?

– Lillian Hellman escreveu uma peça chamada *As pequenas raposas*, que foi adaptada para o cinema com o título de *Pérfida*. Nela, uma garotinha conta à mãe que algumas pessoas devoram a Terra, como gafanhotos, e que as outras ficam apenas olhando sem fazer nada. Ela promete à mãe que não vai mais ficar impassível. Em vez de ficarmos apenas olhando a feiura de Christa, precisamos combatê-la com algo mais forte, como a caridade.

– As pessoas subestimam você, Julianne. E fico incomodado quando você não é tratada com o respeito que merece.

Julia deu de ombros.

– Sempre haverá pessoas como Christa neste mundo. E, às vezes, nós mesmos nos tornamos como elas.

Gabriel pousou o queixo no ombro dela.

– Eu mudei de ideia sobre você.

– Mudou?

– Você não é dantesca, é franciscana.

Ela riu.

– Duvido que os franciscanos fossem aprovar que eu fizesse sexo fora do casamento, ao ar livre, numa banheira.

Ele levou a boca à sua orelha.

– Isso é uma promessa?

Julia balançou a cabeça e acariciou as sobrancelhas dele, uma de cada vez.

– Gosto de pensar em você como um garotinho, meigo e curioso.

Ele bufou.

– Não sei se eu era meigo, mas sem dúvida era curioso. Especialmente no que

dizia respeito a garotas.

Ele se inclinou para a frente para beijá-la e, quando seus lábios se descolaram dos de

Julia, ela sorriu.

– Está vendo? Qualquer garoto que saiba beijar assim não pode ser de todo mau. São Francisco aprovaria.

– Detesto lhe dizer isto, mas seu adorado São Francisco às vezes se enganava. Há uma passagem no *Inferno* em que ele compete com um demônio pela alma de Guido da Montefeltro. Você a conhece?

Julia negou com a cabeça, então Gabriel recitou o texto para ela em italiano.

“Francesco venne poi com’io fu’ morto,

(“Quando eu morri, Francisco veio)

per me; ma un d’i neri cherubini

(em meu auxílio, mas um querubim negro)

li disse: ‘Non portar: non mi far torto.

(lhe disse: ‘Não o leve consigo; não me faça essa desfeita.) *Venir se ne dee giù tra ‘ miei meschini*

(Ele deve descer às profundezas junto com meus condenados,) *perché diede ‘l consiglio frodolente,*

(pois deu falsos conselhos)

dal quale in qua stato li sono a’ crini;

(e desde então tenho andado em seu encalço;)

ch’assolver non si può chi non si pente,

(pois aquele que não se arrepende não merece o perdão,)

né pentere e volere insieme puossi

(tampouco é possível arrepender-se e pecar ao mesmo tempo,) *per la contradizion che nol consente’.”*

(uma vez que isso seria uma contradição’.”)

– Como pode ver, Julia, até São Francisco se enganava em relação às pessoas de vez em quando. Ele achou que a alma de Guido pertencia ao Paraíso.

– Sim, mas é típico de São Francisco pensar o melhor do próximo, achar que o arrependimento de Guido era real e lutar pela sua alma – protestou ela. – Mesmo que no fim das contas estivesse errado.

♦♦♦

– São Francisco desistiu rápido demais.

– Você acha?

Gabriel a encarou.

– Se fosse a sua alma que eu estivesse buscando, nem todos os querubins negros do Inferno conseguiriam me manter longe de você.

Um calafrio percorreu a espinha de Julia.

– Eu teria feito o possível e o impossível para salvá-la. – A voz e a expressão dele eram graves. – Mesmo que isso significasse passar a eternidade no Inferno.

Gabriel e Julia passaram o último dia de férias inteiro entrando e saindo do mar.

Tomaram sol e depois relaxaram à sombra com uma cerveja e um drinque adornado com um pequeno guarda-chuva. Julia cochilou na espreguiçadeira, deixando seu enorme chapéu de abas largas largado na areia.

Gabriel adorava observá-la dormir – a maneira como seu peito subia e descia ao ritmo de sua respiração suave. A maneira como seus lábios se retraíam quando ela suspirava.

Ela parecia tão serena... Ele estava convencido de que Grace teria adorado saber

que os dois estavam juntos. Sem dúvida já estaria fazendo pressão para que ele colocasse um anel no dedo dela e escolhesse jogos de porcelana.

Em vários momentos durante aquele fim de semana do feriado de São Valentim ele quis se ajoelhar e pedi-la em casamento. Mas Gabriel não temia apenas transformar o pedido num clichê; temia também pelo futuro de Julia. Era provável que eles estivessem prestes a se envolver num escândalo que poderia pôr em risco sua própria carreira e o ingresso de Julia em Harvard.

Mesmo que a queixa contra ela fosse investigada e descartada, Julia precisaria ser capaz de concluir seu mestrado livre de mais distrações. Gabriel tinha certeza de que ela preferiria aproveitar ao máximo a experiência de estudar em Harvard sem a pressão de ter que planejar um casamento. E ainda havia a questão do que ele iria fazer, pois não sabia se poderia ou não tirar um ano sabático. Isto é, se conseguisse se livrar da queixa de assédio feita por Christa Peterson.

Embora as palavras *Quer se casar comigo?* tivessem vindo à ponta da sua língua em mais de uma ocasião, ele se conteve. Haveria uma hora e um lugar certos para fazer o pedido. E sem dúvida seria no pomar deles, um lugar sagrado para os dois. Isso sem falar que seria educado da sua parte alertar Tom das suas intenções antes de tocar no assunto com Julianne. Gabriel não tinha dúvidas de que a queria como sua esposa. E, independentemente do que os próximos meses lhes reservassem, ele a tornaria sua.

Mais tarde naquela noite, Gabriel se viu transbordando de emoção, resultado de muita contemplação e do prazer que sempre sentia na companhia de Julianne. Eles tinham acabado de voltar do restaurante do resort. Julia pretendia ir ao banheiro tirar a maquiagem, mas ele a segurou pelo punho e, sem dizer nada, a conduziu até a cama.

Uma vez lá, beijou-a de leve e começou a despi-la, seus olhos brilhando de adoração e voracidade. Ele não se apressou, venerando seus ombros, braços e sua pele nua, fazendo promessas sôfregas enquanto ela arqueava o corpo sob o seu toque.

Ele a puxou para cima de si, erguendo o olhar com um misto de deslumbramento e desejo. Ela moveu os quadris, provocando-o um pouco, e fechou os olhos para deixar a sensação fluir.

Depois de alguns minutos, Gabriel a girou para deitá-la de costas e se ajoelhar

entre as suas pernas. Julia soltou um grito quando ele a penetrou.

Ele parou na mesma hora.

– Você está bem?

– Ã-rã – gemeu ela. – Você só me surpreendeu. – Ela pousou as mãos nas costas dele, puxando-o para a frente.

Gabriel gostava quando ela ficava por cima, Julia sabia disso. Ele erguia os olhos para observá-la com adoração, tocando-a e provocando-a. Louvava sua sensualidade, pois sabia que, mesmo depois de todos aqueles meses, ela ainda ficava um pouco constrangida por estar tão exposta. Julia ficou surpresa quando ele trocou de posição, cobrindo o corpo dela com o seu, os lábios em seu pescoço, quando eles já haviam experimentado aquela posição diversas vezes.

Alguns beijos depois, a mão de Gabriel estava pressionada em seu rosto, os olhos dele sombrios e desesperados.

– Gabriel? – Julia estudou sua expressão.

Ele fechou os olhos e balançou a cabeça antes de tornar a abri-los.

Julia ficou pasma com o que viu: insegurança, paixão, esperança, desejo e necessidade.

Ela jogava a cabeça para trás de vez em quando, gemidos de prazer escapando de seus lábios.

– Eu preciso de você – sussurrou ele com a boca em seu pescoço, enquanto seus movimentos aceleravam, assumindo um ritmo febril. – Não posso perdê-la.

Não foi possível ouvir a resposta de Julia em meio a uma série de arquejos que ficavam cada vez mais altos à medida que ela se aproximava do orgasmo.

◆◆◆

– Ah... Ah, droga! – praguejou Gabriel ao gozar, pois sabia que Julia ainda não tinha chegado lá.

Ele tentou continuar se movendo, na esperança de que ela gozasse em seguida,

mas foi inútil.

– Droga. Desculpe. – Ele escondeu o rosto contra a pele dela.

– Tudo bem. Eu gostei. – Julia entrelaçou os dedos nos cabelos dele, puxando-os de brincadeira antes de beijar seu rosto. – E estou feliz que você tenha gozado.

Um murmúrio autodepreciativo escapou da boca de Gabriel. Ele trocou de posição, deitando-se ao lado dela e começando a acariciá-la entre as pernas, mas ela juntou os joelhos.

– Não precisa fazer isso.

Os olhos dele estavam cheios de determinação.

– Preciso, sim.

Julia segurou a mão dele.

– Você não vai me perder se não conseguir me levar ao orgasmo de vez em quando.

O rosto de Gabriel ficou tenso.

– Isso é constrangedor.

– É a vida. – Ela deu um beijo em seu nariz. – Não espero que você seja perfeito, nem na cama nem fora dela.

– Deus a abençoe por isso. – Ele a beijou devagar, suspirando quando ela se afastou para se aninhar nos seus braços. – Mas isso não significa que eu não deva tentar.

– Bem, se você insiste, tem uma coisa que pode fazer por mim...

Gabriel se moveu tão depressa que Julia não sabia se ficava espantada ou se caía na gargalhada. Mas, assim que ele a tocou, ela parou de rir.

Mais tarde naquela noite, Gabriel estava deitado de costas no meio da cama, debaixo do mosquiteiro. A cabeça de Julia estava pousada logo abaixo do seu peito, o braço dela sobre sua cintura.

– Você está feliz? – perguntou Gabriel, à luz de velas, correndo os dedos pelo topo da cabeça de Julia, descendo-os em seguida para traçar a curva do seu pescoço.

– Estou, e você?

– Mais do que imaginei que fosse possível.

Julia sorriu e beijou a pele do peito dele.

– As coisas parecem... diferentes desde que voltamos da Itália – sugeriu ele, sua mão ainda deslizando pelo pescoço e pelo ombro dela.

– Temos muito a agradecer. Temos um ao outro. Eu tenho Harvard. A Dra. Nicole vem me ajudando. Minha sensação é de que enfim estou juntando meus cacos.

– Que bom – sussurrou ele. – E a maneira como fazemos amor, de forma geral, você está feliz com isso?

Julia então levantou a cabeça para poder fitar os olhos azuis preocupados dele.

– Claro. – Ela riu baixinho. – Você não percebe?

– Percebo que dou prazer ao seu corpo. Mas seu corpo não é sua mente nem seu coração.

Ele pareceu ficar constrangido e Julia se arrependeu de ter rido.

– Hoje à noite foi uma exceção. Mas, mesmo que não fosse, tenho certeza de que encontraríamos uma maneira de solucionar o problema. E você, está feliz com o modo como fazemos amor? – perguntou ela, soando tímida.

– Sim, muito. Sinto que está mudando... sinto nossa conexão se aprofundar. – Ele deu de ombros. – Estava apenas me perguntando se você sentia o mesmo.

– Às vezes parece um sonho para mim. Acredite, estou feliz. – Ela se esticou para beijá-lo e então tornou a descansar a cabeça em seu peito. – Por que está me fazendo essas perguntas?

– Como você se vê no futuro?

– Quero ser professora. E quero estar do seu lado. – A voz de Julia soava baixa, porém extraordinariamente assertiva.

Ele começou a enrolar o lençol entre os dedos.

– Não preferiria encontrar um bom homem, que pudesse lhe dar filhos?

– Você não pode me perguntar se estou feliz em um momento e me rechaçar no outro.

Gabriel não respondeu, então ela segurou com carinho o queixo dele, forçando-o a olhá-la nos olhos.

– Não, eu não quero encontrar um bom homem que me dê um filho. Quero ter um filho com você.

Gabriel a encarou com uma expressão incrédula, os olhos azuis arregalados.

– Para ser franca, não sei se algum dia conseguiremos ser saudáveis o suficiente para abrir nosso lar para uma criança. Mas, se conseguirmos, tenho certeza de que encontraremos um garotinho ou uma garotinha que possamos criar juntos. Grace e Richard adotaram você. Podemos fazer o mesmo.

O rosto dela ficou angustiado.

– A menos que você não queira. Ou que não queira comigo.

– É claro que quero. E com você. – Os olhos dele estavam tão intensos quanto a sua voz. – Eu gostaria de assumir um compromisso com você. Mas prefiro que esperemos um pouco antes de termos esta conversa. Isso a incomoda? – Ele estendeu um dedo para brincar com o diamante em sua orelha.

Julia não precisava de um narrador para entender o significado daquele gesto.

– Não.

– Não quero que pense que qualquer hesitação da minha parte seja por falta de amor –

falou Gabriel, dando voz ao medo secreto dela.

– Eu sou sua. Por completo. E estou feliz porque não estaremos separados no ano que vem. A ideia de perdê-lo era uma tortura.

Ele assentiu como se compreendesse.

– Agora venha cá, Julia, para eu poder venerá-la.

CAPÍTULO VINTE

–Srta. Mitchell. – A mulher alta e morena entrou no escritório com vista privilegiada vestindo um terninho, apertou a mão de Julia e se sentou atrás da sua mesa grande.

A Srta. Soraya Harandi era descendente de iranianos, tinha a pele branca e impecável e cabelos muito negros que caíam em cascata sobre os ombros. Sua boca era larga e carnuda e os olhos pretos faiscavam. Ela não era exatamente bonita, mas chamava a atenção e Julia não pôde deixar de encará-la.

Soraya deu uma risadinha.

Na mesma hora Julia baixou os olhos para sua mochila e começou a brincar com ela.

– Isso é algo que você não pode fazer quando estiver diante do pró-reitor. Não importa o que ele diga ou faça, não desvie o olhar. Faz com que você pareça culpada e fraca. –

Soraya amenizou sua crítica com um sorriso. – No direito, a psicologia é tão importante quanto os precedentes. Agora, por que não me conta o motivo para o pró-reitor ter lhe enviado aquela carta?

Julia respirou fundo e contou sua história, começando quando ela tinha 17 anos e terminando com a carta que recebeu da pró-reitoria. Deixou apenas alguns detalhes de fora.

Soraya ouviu com atenção, fazendo anotações no seu laptop e assentindo de vez em quando. Quando Julia terminou, a advogada permaneceu calada por alguns instantes.

– É uma história e tanto. Já que o pró-reitor não revelou a natureza da queixa, não vamos supor que tenha relação com seu namorado. Embora devamos estar preparadas para isso. Sua relação com o professor Emerson foi totalmente consensual?

– É claro.

– Você já havia tido relações sexuais com algum professor ou orientador antes?

– Não.

– É possível que ele tenha seduzido você com o único propósito de se divertir?

– Claro que não. Gabriel me ama.

Soraya pareceu aliviada.

– É bom saber. Quero dizer, bom para você pessoalmente, mas, dependendo da queixa,

nem tanto.

– Como assim?

– Se a relação foi consensual, a universidade pode tomar medidas disciplinares contra os dois. Se você fosse vítima, apenas ele poderia ser punido.

– *Não sou vítima*. Somos namorados, mas esperamos o semestre terminar antes de começar essa relação.

– Não, não esperaram.

Julia pareceu incrédula.

– Como é que é?

– De acordo com a sua versão, você tem um relacionamento amoroso com ele mais ou menos desde o fim de outubro. Esperou o semestre acabar para dormir com ele. Mas, de acordo com o que está escrito nas regras da universidade, vocês as violaram. Quem sabe sobre a relação de vocês?

– A família dele. Meu pai. E só.

– E quanto à aluna que acusou seu namorado de assédio sexual?

Julia trincou os dentes.

– Não sei quanto ela sabe. Mas ela me odeia.

Soraya cutucou o queixo com a tampa da caneta.

– Se estivesse sendo acusada de violar a política de relacionamentos, que tipo de prova, além do seu testemunho, você poderia oferecer para sustentar o argumento de que não teve relações sexuais com ele enquanto era sua aluna?

– Por que você acha que a queixa tem a ver com Gabriel? A política de conduta acadêmica também envolve assuntos como plágio.

– Estive com o pró-reitor Aras. Ele não perde seu precioso tempo com casos de plágio.

Julia se recostou na cadeira.

– Ai, meu Deus.

– Vamos torcer para que alguém esteja acusando você de uma infração acadêmica leve e que o pró-reitor Aras esteja apenas demonstrando um interesse pessoal no seu caso.

Mas, mesmo assim, que tipo de prova você tem de que não estava oferecendo sexo em troca de boas notas?

Julia ficou muito vermelha.

– Hum... tem uma coisa.

– O quê?

– Eu era virgem até irmos para a Itália.

Soraya a encarou como se ela fosse uma criatura mítica, como, digamos, um homem heterossexual que soubesse a diferença entre sapatos Manolo Blahnik e

Christian Louboutin.

– Você tem como provar isso? Um atestado médico, por exemplo?

Julia se encolheu.

– Não.

– Então nem vale a pena mencionar. Alguém da universidade viu você e Gabriel juntos durante o semestre?

– Não que eu saiba. Embora tenhamos ido a uma boate com a irmã dele em setembro.

Soraya comprimiu os lábios.

– Mencionar que você é amiga da família dele não é uma boa ideia. Isso estabeleceria um possível conflito de interesses. E ir com ele a um local público não foi uma decisão muito inteligente, Srta. Mitchell. Mas, francamente, ele tem mais culpa do que você, pois deveria saber disso. Como não conhecemos a natureza da queixa, nossa melhor estratégia é extrair o máximo de informações possível da reunião sem revelar nada. Com isso, ganharemos tempo para nos prepararmos para quaisquer medidas disciplinares, caso elas sejam tomadas. Vamos torcer para que isso não aconteça. Durante a reunião com o pró-reitor, eu falarei por você. Como não foram revelados detalhes sobre a queixa, é possível que ela seja plausível, porém falsa, e que eles saibam disso. Não queremos botar lenha na fogueira.

Soraya olhou para Julia, que estava cabisbaixa, e fechou a cara.

– Você precisa ter confiança. Precisa acreditar na frivolidade desta denúncia e que não fez nada de errado. Já enfrentei o departamento jurídico da universidade antes e venci.

Também terei sucesso no seu caso.

A confiança de Soraya ofereceu pouco consolo a Julia, mas era melhor do que nada.

– Neste meio-tempo, quero que me dê uma lista de todas as pessoas que possam

ter apresentado uma queixa contra você e por quê, além de um relato detalhado de todas as suas interações com a Srta. Peterson. Pedirei a um dos meus assistentes que faça uma investigação dos antecedentes. Também telefonarei para um contato na universidade para ver o que consigo descobrir. Até esta questão estar resolvida, você e o professor

Emerson precisam ser discretos. Evitem ser vistos juntos em público. Não fale nada com ele sobre as nossas conversas. Se a queixa for sobre uma relação entre professor e aluno, ele terá seu próprio advogado, que cuidará dos interesses dele. Não quero que minha defesa seja comprometida porque vocês trocaram confidências na cama.

Um chama momentânea lampejou nos olhos de Julia.

– Gabriel é muito mais do que um simples namorado. Se estou em perigo, ele também está. Nosso relacionamento foi consensual e não tenho interesse que minha defesa o prejudique. Iremos arcar juntos com qualquer culpa que tivermos.

Soraya encarou Julia com uma expressão intrigada.

– Tem certeza de que ele compartilha dessa opinião? Você disse à minha secretária que o advogado de Gabriel é John Green. Por que não está sendo representada por ele, já que você e Gabriel estão tão determinados a enfrentar isto juntos?

Julia abriu a boca para responder, mas não soube o que dizer.

Soraya abriu um sorriso compreensivo.

– Olhe, você não é a primeira estudante a passar por isso. Sei que é angustiante e perturbador. Mas você precisa entender que, se a queixa contra você e seu namorado se agravar, é bem possível que ele termine com você para garantir o emprego. Você precisa se preparar para essa possibilidade.

– Gabriel jamais faria isso. Ele me ama. Estamos até falando em morar juntos. E...

outras coisas.

Soraya lançou-lhe um olhar condescendente.

– É fácil matar o amor, especialmente diante do desemprego. Mas vamos dar um passo de cada vez. Gabriel me pagou um adiantamento, que irei devolver. Creio que será melhor representá-la em regime *pro bono*.

Julia assentiu com desconforto. Ela havia se esquecido dos honorários.

– Eu vou lhe pagar, mas talvez demore um pouco...

– A vantagem de aceitar um caso *para o bem maior* é a possibilidade de ampliar este bem. Não vejo muita vantagem em aceitar seu dinheiro. Você deveria gastá-lo em livros e em despesas com a mudança para Massachusetts.

Soraya abriu um sorriso tenso e acrescentou:

– Não gosto nem um pouco das inquisições sexuais da universidade. Qualquer coisa que eu possa fazer para constranger ou humilhar Aras sem dúvida é para o bem.

Acredite, representar os seus interesses será um dos poucos prazeres que tive nos últimos

◆◆◆

tempos. Sou eu quem deveria estar lhe pagando por me dar este privilégio.

Mais tarde naquela noite, Julia estava enroscada em posição fetal na cama de Gabriel, tentando dormir. Ele estava no escritório, estudando como um louco todas as políticas da universidade, tentando descobrir o que poderia ter chamado a atenção do pró-reitor.

A ideia de Gabriel ter que fazer aquilo por ela – a ideia de que a carreira dele pudesse estar em risco por sua causa, aliada à possibilidade de perder a chance de ir para Harvard

– foi suficiente para levá-la às lágrimas. E o pior era não saber qual era exatamente o perigo.

Ela enxugou o rosto, obrigando-se a ser forte. Gabriel entrou no quarto para conferir se ela estava bem e, quando viu sua expressão, deitou-se atrás dela na

cama.

– Não chore, meu amor. Por favor, não chore. – Ele se deteve. – Eu não teria ficado trabalhando se soubesse que você está tão transtornada. Contratamos os melhores advogados e vamos enfrentar esta denúncia. É bem possível que tudo não passe de um mal-entendido e já esteja acabado na sexta-feira à noite.

– E se a queixa for em relação a nós?

Gabriel cerrou os dentes.

– Então teremos que enfrentá-la juntos.

– E quanto à acusação de assédio sexual?

– Não se preocupe com isso. Concentre-se na sua dissertação e nos seus estudos, deixe que eu cuido do resto. Prometo que não vou deixar ninguém machucá-la.

Ele virou o corpo dela, colocando-a de barriga para cima, e começou a beijar seu rosto com carinho.

– Estou com medo – sussurrou Julia.

Gabriel acariciou seus cabelos e deu um beijo na ponta de seu nariz.

– Eu sei. Mas, aconteça o que acontecer, não vou deixar que eles a impeçam de ir para Harvard. Vai dar tudo certo. – Ele a encarou com um olhar angustiado. – O que posso fazer por você, Julia? Não sei como... consolá-la.

– *Me beije*.

Gabriel beijou-a na boca, tão hesitante e suave como um rapaz que não sabe como a garota iria reagir. Ele não precisava ter se preocupado.

Julia reagiu envolvendo seus cabelos entre os dedos e puxando os lábios dele para junto

dos seus, beijando-o com voracidade e sugando sua língua.

Ele retribuiu o beijo, mas se conteve, então recuou antes de colar sua testa à dela.

– Não posso – falou.

– Por favor.

Ela o agarrou com força, correndo as mãos pelos seus ombros largos e as deslizando pelos músculos das suas costas, puxando-o para si.

– Não consigo amá-la com você triste desse jeito. Seria como se eu a estivesse machucando.

– Mas eu preciso de você.

– Não prefere tomar um banho quente ou alguma outra coisa?

– Fazer amor com você me deixa feliz porque me lembra quanto você me ama. Preciso sentir que você me deseja.

As sobrancelhas dele se uniram.

– É claro que a desejo, Julia. Só não quero me aproveitar de você.

Ela não era o tipo de mulher que fazia muitas exigências e as poucas que fazia eram sempre boas.

Gabriel sabia disso e muito lhe doía dizer não a ela e àqueles olhos castanhos grandes e tristes. Mas os vestígios de suas lágrimas inibiam a libido dele. Preferiria abraçá-la forte e tentar acalmá-la com sua proximidade a iniciar um ato que não seria capaz de finalizar.

O rosto de Julia lhe dizia que ela precisava dele, que precisava *daquilo*, *deles* e da conjunção de corpo e alma. Enquanto acariciava-lhe os cabelos, decidindo o que fazer, ele percebeu algo sobre si mesmo. Independentemente do que o terapeuta tivesse insinuado, ele não era viciado em sexo. Não era um hedonista cruel com uma fome insaciável e disposto a, como diria Scott, “traçar” qualquer criatura atraente do sexo feminino.

Julianne o mudara. Ele a amava. E, mesmo que ela implorasse, jamais conseguiria ficar excitado diante de seu sofrimento.

Ela continuava a encará-lo, subindo e descendo os dedos por suas costas nuas.

Gabriel decidiu lhe dar parte do que ela queria e começou a tocá-la e acariciá-la, concentrando-se em distraí-la com sensações prazerosas, na esperança de que isso bastasse. Ele a beijou, desacelerando o ritmo dos dois até uma exploração carinhosa. Julia correu os dedos pelos cabelos dele. Mesmo triste e ardendo de desejo, ela era gentil.

◆◆◆

Ele deu beijos suaves em seu pescoço e em sua orelha, e sussurrou quanto ela o havia mudado, como estava mais feliz agora que ela era sua.

Julia começou a suspirar enquanto Gabriel passava a língua, de um jeito travesso, na cavidade na base de seu pescoço antes de dar um beijo casto ali. Ele mordiscou suas clavículas, afastando com cuidado a alça fina de sua camiseta, desnudando o relevo branco do ombro de Julia para a sua boca.

Ela fez menção de tirar a camiseta para oferecer os seios a ele, mas Gabriel a impediu.

– *Paciência* – sussurrou.

Gabriel entrelaçou os dedos dos dois e beijou-lhe a mão, estendendo o braço dela para poder chupar a parte de dentro do seu cotovelo, detendo-se quando ela começou a gemer.

Ele beijou cada centímetro do seu corpo, deslizando as mãos fortes por sua pele macia, aproveitando a deixa do calor que se espalhava pela carne dela e dos sons que lhe escapavam dos lábios.

Quando se convenceu de que Julia havia parado de chorar e pedia mais, ele arrancou as roupas dos dois e se ajoelhou entre as suas pernas.

Logo ela estava tremendo e gritando seu nome. Era por esse momento que ele mais ansiava, mais até do que pelo seu próprio orgasmo: o som do seu nome saindo dos lábios de Julia em meio às ondas de prazer que ela sentia. A cada vez que ela dizia *Gabriel* com aquele sussurro extasiado e ofegante, uma ternura preciosa o invadia.

O amor é isto, pensou ele. *Estar nu e exposto diante da pessoa amada, que chama seu nome sem pudor, com sofreguidão.*

Quando ele atingiu o orgasmo, retribuiu as palavras dela, dizendo a Julia que a amava.

Estava tudo unido de forma inextricável em sua mente e experiência: sexo, amor e Julianne. A Santíssima Trindade.

Ele a abraçou com força enquanto os dois recuperavam o fôlego, sorrindo para si mesmo. Estava muito orgulhoso de Julia, muito feliz por ela conseguir dar voz aos seus desejos, mesmo estando triste. Beijou-a com carinho e ficou grato ao notar que seu sorriso tinha voltado.

– Obrigada – sussurrou ela.

– Obrigado, Julianne, por me ensinar a amar.

Paul entrou na sala do departamento na quarta-feira e ficou chocado com o que viu.

Julia estava parada diante dos escaninhos, o rosto pálido, sem vida e com grandes

círculos negros debaixo dos olhos. Enquanto ele se aproximava, ela ergueu a cabeça e lhe abriu um sorriso débil. Paul ficou angustiado só de ver aquele sorriso.

Antes que pudesse lhe perguntar qual era o problema, Christa Peterson apareceu de repente, sua enorme bolsa Michael Kors pendurada no punho. Ela parecia extraordinariamente descansada e seus olhos brilhavam. Estava de vermelho. Não vermelho-cereja ou vermelho-sangue, mas escarlate. A cor do triunfo e do poder.

Viu Paul e Julia juntos e cacarejou baixinho.

Paul lançou seus olhos negros de Julia para Christa e depois de volta para Julia.

Observou-a esconder o rosto enquanto conferia seu escaninho.

– Qual o problema? – sussurrou ele.

– Nada. Acho que estou ficando gripada.

Paul balançou a cabeça. Ele teria insistido, sem pegar pesado dessa vez, mas o professor Martin entrou na sala naquele exato momento.

Julia lançou um olhar para ele e se apressou em pegar sua mochila e seu casaco, tentando fugir em direção à porta.

Paul a deteve.

– Não quer tomar um café? Eu estava indo para a Starbucks.

Julia negou com a cabeça.

– Estou muito cansada. Acho que preciso ir para casa.

Paul baixou os olhos para seu pescoço nu – e *incólume* – e tornou a encará-la.

– Posso fazer alguma coisa por você?

– Não. Obrigada, Paul. Estou bem, de verdade.

Ele assentiu e ficou observando-a se virar para ir embora, mas, antes que chegasse ao corredor, seguiu-a.

– Pensando bem, eu também deveria ir para casa. Posso ir andando com você, se quiser.

Julia mordeu o lábio, mas assentiu. Assim, os dois amigos saíram do prédio para enfrentarem o ar cortante de inverno. Ela enrolou seu cachecol do Magdalen College em volta do pescoço, tremendo de frio.

– Esse cachecol é de Oxford – observou Paul.

– Sim.

– Você o comprou lá?

– Hum.. não. Ganhei de presente.

Owen, pensou ele . *Imagino que ele não seja um completo idiota se estudou em Oxford.*

Se bem que Emerson também estudou em Oxford e...

– Adorei aquele boné dos Phillies que você me deu. Torço pelos Red Sox, mas vou usá-

lo com orgulho, exceto quando estiver em Vermont. Meu pai o queimaria se me visse com ele na fazenda.

Julia não pôde conter um sorriso, o que fez Paul sorrir também.

– Há quanto tempo você está doente?

– Há alguns dias. – Ela deu de ombros, desconfortável.

– Já foi ao médico?

– É só um resfriado. Eles não poderiam fazer nada por mim.

Paul lançou-lhe olhares furtivos enquanto eles passavam pelo Royal Ontario Museum, flocos de neve rodopiando em volta dos dois e da abominação de cristal que era a parede norte do museu.

– Christa andou incomodando você? Você me pareceu perturbada quando ela entrou na sala.

Julia tropeçou na neve, que chegava à altura dos tornozelos, e Paul se apressou em estender suas mãos enormes para segurá-la.

– Cuidado. Pode ter uma camada de gelo debaixo da neve.

Ela agradeceu e começou a andar mais devagar depois que ele a soltou.

– Se escorregar de novo, se apoie em mim. Eu não dou mole. Nunca.

Ela o olhou de esguelha, completamente inocente, só para vê-lo corar. Julia nunca tinha visto um jogador de rúgbi ficar vermelho antes.

(Alguns diziam que isso era impossível.)

– Hum... o que quis dizer é que eu não cairia. Sou pesado demais. Você não conseguiria me puxar para baixo.

Ela balançou a cabeça.

– Você não é tão pesado assim.

Paul sorriu para si mesmo, achando que era um elogio.

– Christa foi grossa com você?

Julia baixou os olhos para a calçada coberta de neve que se estendia diante deles.

– Tenho ficado acordada até tarde todos os dias trabalhando na minha dissertação. A professora Picton é muito exigente. Na semana passada, rejeitou várias páginas da minha tradução do *Purgatório*. Estou tendo que refazer tudo, e é muito demorado.

– Eu posso ajudá-la. Quero dizer, você pode me mandar suas traduções por e-mail antes de entregá-las para eu dar uma olhada.

– Obrigada, mas você precisa cuidar dos seus próprios assuntos. Não tem tempo para os meus problemas.

Paul parou de andar e pousou a mão de leve no braço dela.

– É claro que tenho tempo. Você está trabalhando com amor e luxúria, eu com prazer.

Alguns trechos que teremos que traduzir são os mesmos. Assim, posso ir treinando.

– Não estou trabalhando mais com amor e luxúria. A professora Picton me fez trocar o tema para uma comparação entre o amor cortês e a amizade entre Virgílio e Dante.

Paul deu de ombros.

– Alguns trechos ainda serão os mesmos.

– Se estivermos trabalhando no mesmo trecho, podemos comparar nossas traduções.

Não quero que se preocupe com coisas que não estejam relacionadas ao seu

projeto. –

Julia lançou um olhar titubeante na direção dele.

– Mande para mim o que tem e me diga quais são os seus prazos que eu dou uma olhada. Não tem o menor problema.

– Obrigada. – Ela pareceu aliviada.

Ele recolheu a mão e os dois voltaram a andar.

– Sabia que o chefe do Departamento de Estudos Italianos mandou um e-mail anunciando sua aceitação em Harvard? Ele disse que você ganhou uma bolsa excelente.

Julia arregalou os olhos.

– Humm... Não sabia disso. Não recebi esse e-mail.

– Bem, ele foi enviado para toda a universidade. Emerson me fez imprimir a mensagem e afixá-la ao quadro de avisos ao lado da sala dele, *depois* de insistir que eu destacasse as informações mais importantes, entre elas o seu nome, com um marcador de texto amarelo. Vai entender. Ele foi um grosso com você durante as aulas e agora provavelmente vai querer levar o crédito por você ter sido aceita em Harvard. Babaca.

♦♦♦

Julia franziu as sobrancelhas, mas ficou calada.

– Que foi?

Ela corou um pouco diante do escrutínio de Paul.

– Nada.

– Julia, fale logo. O que você estava pensando agora há pouco?

– Só estava me perguntando se você viu Christa zanzando pelo departamento.Ou perto da sala do professor Emerson.

– Não, graças a Deus. Parece que ela resolveu voltar sua atenção para outra pessoa.

Sabe muito bem que é melhor não falar comigo. Estou só esperando que ela me dê uma chance de denunciá-la. – Paul lhe deu uma piscadela e afagou fraternalmente seu ombro.

– É melhor ela não lhe causar problemas. Sei de algumas histórias que poderia contar.

Na quinta-feira, Julia se consultou com sua terapeuta para se preparar para a reunião com o pró-reitor, marcada para sexta de manhã.

Percebendo que ela precisava conversar sobre o que estava acontecendo, a Dra. Nicole desistiu de seus objetivos para aquela sessão e ouviu com paciência antes de dar sua opinião: – O estresse pode ser muito prejudicial para a nossa saúde, então é importante lidarmos com ele de forma adequada. Algumas pessoas preferem falar sobre os seus problemas, ao passo que outras preferem pensar sobre eles. Como você lidava com o estresse no passado?

Julia remexeu as mãos.

– Eu não falava.

– Pode dividir suas preocupações com o seu namorado?

– Posso. Mas não quero aborrecê-lo. Ele já está preocupado demais comigo.

Nicole assentiu.

– Quando nos importamos com alguém, é compreensível que queiramos proteger essa pessoa da dor. Isso funciona muito bem em algumas ocasiões. Mas, em outras, corremos o risco de carregar nos ombros mais estresse e responsabilidade do que seria justo.

Entende por que isso pode ser um problema?

– Bem, não gosto quando Gabriel esconde as coisas de mim. Fico me sentindo como uma criança. Prefiro que ele compartilhe os problemas comigo em vez de me excluir deles.

– É possível que Gabriel se sinta da mesma forma, que se preocupe achando que você o esteja excluindo. Você já conversou sobre isso com ele?

– Já tentei. Falei para ele que queria que estivéssemos em pé de igualdade, que não quero que existam segredos entre nós.

– Ótimo. E como ele reagiu?

– Ou ele quer tomar conta de mim, ou tem medo de me decepcionar.

– E como você se sente em relação a isso?

Julia gesticulou, tentando encontrar as palavras certas.

– Não quero o dinheiro dele. Faz com que eu me sinta pobre, dependente e... e impotente.

– Por quê?

– Ele já me dá coisas demais e não posso retribuir.

– É importante para você que seu relacionamento seja de reciprocidade?

– Sim.

Nicole sorriu com ternura.

– Nenhum relacionamento é cem por cento recíproco. Às vezes, quando casais tentam dividir tudo igualmente, descobrem que a relação deles não é uma parceria, mas um exaustivo exercício de contabilidade. Preocupar-se demais com reciprocidade em um relacionamento pode ser ruim. Por outro lado, se esforçar para ter uma parceria em que cada um é valorizado na mesma medida e divide tanto os fardos quanto as responsabilidades pode ser saudável. Em outras palavras, o fato de ele ganhar mais do que você não é um problema. Mas ele precisa entender que você quer contribuir para o relacionamento, talvez não com dinheiro, mas em outros aspectos, e que esses aspectos devem ser tão respeitados quanto o financeiro. Isso faz sentido para você?

– Faz. Gostei dessa ideia. Gostei muito.

– Quanto a proteger um ao outro... – Ela sorriu. – Há quem defenda que o motivo por trás da necessidade que os homens têm de defender suas mulheres e seus filhos é de ordem biológica. Seja qual for a razão, isso é um fato. Os homens tendem a relacionar sua autoestima a atitudes e conquistas. Se impedi-lo de fazer coisas por você, ele vai se sentir inútil e desnecessário. Ele precisa saber que pode cuidar de você e protegê-la, e isso não é necessariamente algo ruim. É natural que parceiros queiram proteger um ao outro. Mas, como qualquer questão, há extremos e há um meio-termo. O que você e seu namorado devem fazer é tentar chegar ao meio-termo. Permita que ele tome conta de

você em certos sentidos, mas exerça sua independência em outros. E você deveria deixar bem clara sua necessidade de cuidar dele também.

Julia assentiu. O conceito de moderação lhe parecia interessante. Ela queria cuidar de Gabriel e também queria que ele cuidasse dela, mas não queria ser um fardo nem um bibelô. Só que resolver tudo isso na prática era bem mais complicado.

– Alguns homens possuem o que eu chamo de *síndrome do cavalheirismo*: querem proteger suas mulheres como se elas fossem totalmente indefesas. Isso pode ser romântico e excitante por algum tempo, mas chega uma hora em que a realidade se impõe e essa atitude passa a ser sufocante e paternalista. Quando só um dos parceiros protege e o outro apenas recebe essa proteção, a situação não é saudável. É claro que algumas mulheres possuem o equivalente feminino da síndrome do cavalheirismo: a *síndrome do patinho ferido*. Elas buscam *bad boys*, homens problemáticos ou atormentados e tentam consertá-los. Mas é melhor deixarmos esse assunto para outro dia. Em casos extremos, um "cavalheiro" pode agir das formas mais temerárias para proteger sua mulher, incluindo montar em seu cavalo e ir à batalha, ou entrar em guerra contra os persas, quando deveria estar correndo na direção oposta. *A prudência é a melhor parte da coragem*. – Ela deu uma risadinha. – Você já viu o filme *300*?

Julia negou.

– É sobre a Batalha das Termópilas, quando 300 espartanos resistiram a 250 mil soldados persas antes de serem derrotados. Heródoto escreveu sobre ela.

Julia encarou Nicole com interesse. Quantas psicólogas são capazes de citar Heródoto?

– O rei Leônidas era um caso extremo. Há quem diga que ele foi levado a resistir por motivos políticos, não por cavalheirismo. Mas o que quero dizer é que, às vezes, a proteção de um cavalheiro poder causar mais danos do que a própria ameaça à sua parceira. As mulheres espartanas costumavam falar para seus maridos e filhos voltarem para casa carregando seus escudos ou mortos sobre eles. Se um dia você se vir nessa situação, provavelmente irá preferir que Gabriel volte para seus braços a que morra resistindo aos persas.

Julia assentiu.

– Em suas conversas com Gabriel, talvez seja bom falar sobre isto: como você se sente quando é protegida em detrimento dele e como vocês deveriam dividir os riscos e as responsabilidades. Você pode explicar a ele por que quer ser uma parceira, em vez de uma criança ou uma mulher indefesa. Talvez Gabriel esteja disposto a participar de sessões conjuntas conosco... apesar de não estar vindo às dele.

Julia achou que não tinha ouvido direito.

♦♦♦

– Como é que é?

Nicole sorriu.

– Eu disse que, em suas conversas com Gabriel, talvez seja bom falar sobre como você se sente quando é protegida...

– Não – interrompeu Julia. – A última coisa que você disse. Gabriel não está vindo mais?

Nicole ficou petrificada.

– Hum... isso foi muito antiético da minha parte. Não devo falar com você sobre outros clientes.

– Quando ele parou de se consultar com Winston?

– Sinceramente, não sei dizer. – Nicole se remexeu na cadeira. – Agora, que tal conversarmos sobre como você pode lidar com o estresse antes da sua reunião de amanhã...?

O pró-reitor de pós-graduação valorizava a formalidade e o refinamento. Por causa disso, sempre conduzia suas reuniões numa sala de conferências grande, com paredes revestidas de lambris de madeira, contígua ao seu escritório na St. George Street. O

professor Jeremy Martin, chefe do Departamento de Estudos Italianos, estava sentado à sua direita numa cadeira grande, de espaldar alto, de estilo vagamente medieval, atrás de uma imponente mesa de madeira escura que ocupava quase toda a sala.

Duas pequenas cadeiras dobráveis estavam diante da mesa, dispostas bem no centro.

Era nelas que Soraya e sua cliente estavam sentadas, de forma bastante desconfortável, no início da reunião.

– Um instante para as apresentações – disse o pró-reitor com a voz melodiosa, de barítono, ecoando pela sala. – Srta. Julianne Mitchell?

Julia assentiu, mas ficou calada.

– E quem é sua representante? – Os olhos azuis pálidos e frios do pró-reitor não revelaram nada, porém era óbvio que ele reconhecia a morena à esquerda de Julia.

– Soraya Harandi, Dr. Aras. Irei representar a Srta. Mitchell.

– Algum motivo para a Srta. Mitchell ter trazido uma advogada para esta reunião informal? – Ele já estava claramente irritado.

– Ora, Dr. Aras, minha cliente está apenas seguindo suas ordens. O senhor sugeriu a ela que contratasse um advogado em sua carta. – A voz de Soraya tinha um falso tom doce.

David resistiu ao impulso de rosnar para ela, pois não gostava que o fizessem de idiota.

Ele gesticulou para o homem ao seu lado.

– Este é o professor Martin.

Julia aproveitou para analisar a aparência do chefe do departamento por alguns instantes. Sabia que ele iria encontrar Gabriel para discutir a queixa de assédio sexual de Christa depois daquela reunião. Tentou ao máximo determinar seu estado de espírito, mas ficou intrigada com o que viu. Ele parecia decididamente neutro, pelo menos no que dizia respeito a ela.

O pró-reitor pigarreou.

– Recebemos uma queixa muito grave a seu respeito, Srta. Mitchell. Nós a convidamos a falar conosco hoje com o simples intuito de coletarmos informações enquanto damos início à nossa investigação. Faremos algumas perguntas. Depois a senhorita poderá tirar suas dúvidas. Espero que nossa reunião esteja concluída em cerca de meia hora.

Julia respirou fundo, observando-o e aguardando.

– A senhorita está tendo um relacionamento com o professor Gabriel Emerson?

Os olhos de Julia se arregalaram e seu queixo caiu. Antes que ela pudesse falar, Soraya se intrometeu:

– Minha cliente não responderá a pergunta alguma antes de o conteúdo da queixa ser revelado. A carta era vaga, o que é compreensível, dadas as políticas da universidade.

Mas sua pergunta não é nem um pouco vaga. Qual exatamente é a queixa contra a minha cliente, quais evidências sustentam essa queixa e quem é o querelante?

David cutucou a jarra d'água à sua frente, fazendo as fatias de limão dançarem.

– Não é assim que estas reuniões funcionam. Eu sou o pró-reitor. Eu faço as perguntas.

– Dr. Aras... – A voz de Soraya assumiu um tom quase condescendente. – Nós dois sabemos que as políticas e os procedimentos adotados pela universidade são governados pelos princípios da Justiça. Minha cliente tem o direito de saber os detalhes da queixa, a natureza e a abrangência das evidências contra ela, se é que existem, e a identidade do querelante *antes* de responder a qualquer pergunta. De outra forma, este seria um procedimento injusto e eu não terei escolha senão apresentar uma queixa nesse sentido.

Imediatamente.

– Sou obrigado a concordar com a Srta. Harandi – apressou-se em dizer o professor Martin.

David lançou um olhar irritado para Jeremy.

– Muito bem. Uma denúncia de má conduta acadêmica contra a sua cliente foi apresentada ao nosso gabinete. A acusação era de que ela teria tido relações sexuais com um dos seus professores em troca de favores acadêmicos.

Os olhos de Julia se arregalaram mais.

Soraya riu alto.

– Isso é um absurdo. Minha cliente é uma estudante altamente qualificada que acabou de ser aceita com antecedência em Harvard, como o senhor bem sabe. – Ela meneou a cabeça na direção do professor Martin. – Ela não tem necessidade de se prostituir.

– Temos precedentes de denúncias semelhantes na nossa instituição, Srta. Harandi. E

levaremos todas as queixas a sério, conforme prescrito em nossa política.

– Então por que a queixa não está sendo processada como um caso de assédio sexual?

Ora, se uma aluna entra em um acordo em que troca sexo por favores acadêmicos, isso não configuraria assédio?

– Esta linha de investigação também está sendo explorada – disse David, irritado.

Soraya deu uma risadinha.

– Está bem, está bem. Segundo a alegação, quais seriam esses favores?

– Uma nota alta em um curso ministrado pelo professor em questão, dinheiro na forma de uma bolsa complementar e a indicação de uma consagrada professora

acadêmica aposentada para orientar sua dissertação.

Soraya abanou a mão com desdém, quase bocejando de tédio.

– Reitero que os méritos acadêmicos da minha cliente falam por si mesmos. E, por favor, poderiam nos dizer quem é o pobre professor em questão?

David observou Julia com atenção.

– Gabriel Emerson.

Soraya abriu um largo sorriso.

– Seu querelante tem uma imaginação fértil. Ele ou ela deve estar fazendo pós-graduação em ficção literária. O professor Emerson prestou queixa?

Julia prendeu a respiração, aterrorizada, esperando a resposta de David.

Ele tamborilou nos papéis à sua frente com a ponta da caneta.

– Não.

– Bem, o que ele disse quando o senhor falou com ele?

O professor Martin falou pela primeira vez, a voz firme porém calma:

– Pretendemos falar com o professor Emerson assim que tivermos colhido mais informações. Nossos protocolos determinam que membros do corpo docente envolvidos em denúncias sejam convocados por último.

Soraya o encarou com um olhar duro.

– Então, na hierarquia da sua universidade, alunas da pós-graduação são as primeiras a serem atacadas? Só depois o professor, cujo testemunho tem o poder de absolvê-la, é abordado? Estou chocada que os senhores tenham arrastado minha cliente até aqui sem ao menos terem a gentileza de antes tentar contatar a outra parte envolvida.

David começou a protestar, mas Soraya voltou a interrompê-lo:

– Antes de terminamos esta reunião, quem é o querelante?

– A querelante, se não me engano, é conhecida da Srta. Mitchell. É Christa Peterson.

Soraya não esboçou reação ao receber a notícia, mas Julia lançou um olhar na direção do professor Martin. Foi um movimento breve, porém ele o notou e lhe devolveu o olhar com as sobrancelhas franzidas.

Julia ficou vermelha e baixou os olhos para as próprias mãos.

David ergueu dois pedaços de papel.

– Segundo nossa investigação preliminar, tudo indica que o professor Emerson tenha dado uma nota muito alta à Srta. Mitchell em seu curso. Ela recebeu também a bolsa M.

P. Emerson, que lhe foi misteriosamente concedida por uma fundação americana depois de já ter começado o mestrado. E o professor Martin me forneceu a ficha acadêmica da sua cliente, na qual consta que Katherine Picton foi contatada no semestre passado pelo professor Emerson para que o substituísse na orientação da dissertação da Srta. Mitchell.

Ele entregou a pasta de arquivo para Soraya.

– Como pode ver, Srta. Soraya, esta pasta contém evidências adicionais fornecidas pela Srta. Peterson. Entre elas, há uma série de fotografias e recortes de um jornal florentino que mostram a Srta. Mitchell e o professor Emerson em um evento público na Itália, incluindo declarações do professor dizendo que a Srta. Mitchell seria sua noiva. Além disso, há uma declaração juramentada de um funcionário de uma casa noturna local que afirma possuir vídeos de segurança que mostram interações entre a Srta. Mitchell e o professor Emerson nesta mesma casa noturna quando ela ainda era sua aluna. Essas interações parecem ser de natureza íntima e sem dúvida vão muito além dos limites apropriados de uma relação professor-aluno.

Ele fez uma pausa dramática. Em seguida retomou:

– É possível que as evidências apresentadas pela querelante provem mais de uma infração. Por isso mesmo estamos ansiosos por ouvir a versão da Srta. Mitchell desta história. Então, volto a perguntar: a senhorita recebeu favores acadêmicos especiais do seu professor por conta de sua relação pessoal com ele?

– Dr. Aras, estou pasma que um homem da sua estatura dê crédito a uma queixa que não só excede os limites da credulidade como é sustentada por evidências tão inconsistentes. Recortes de um tabloide italiano? Vídeos cuja procedência não pode ser verificada? Este não é um caso *prima facie*. Nem de longe.

– Não questione minha competência, Srta. Harandi. – O pró-reitor não conseguiu conter seu temperamento explosivo. – Trabalho com ensino superior desde que a senhorita estava no jardim de infância.

Soraya arqueou as sobrancelhas para ele e fechou a pasta de arquivo de forma teatral, jogando-a em cima da mesa.

– Qual o interesse da querelante em fazer uma acusação dessas?

David a fuzilou com o olhar.

Soraya olhou do pró-reitor para o diretor do departamento e então tornou a encarar o primeiro.

– Talvez o verdadeiro alvo da querelante seja o professor Emerson. Por que de repente tenho a impressão de que minha cliente é uma vítima inocente?

– Qualquer outro assunto relacionado a esta queixa está fora da sua competência, Srta.

Harandi. – O queixo do pró-reitor começou a tremer. – Mesmo que quiséssemos ignorar as informações adicionais apresentadas junto com a denúncia, não poderíamos fazer isso.

O artigo de jornal demonstra que a Srta. Mitchell e o professor Emerson estavam numa relação romântica dias depois do final do semestre. Isso é, no mínimo, indício da pré-

existência de uma relação inadequada.

– Custa-me crer que o senhor tenha convocado minha cliente para ouvir essas acusações estapafúrdias. Está claro que a querelante é uma desequilibrada que vive num mundo de fantasia. Se ela tem algum problema com o professor Emerson, deveria apresentar uma queixa contra ele, não contra a Srta. Mitchell. A julgar pelo que vi aqui hoje, aconselharei minha cliente de que ela tem todo o

direito de apresentar uma queixa de assédio contra a Srta. Peterson e solicitar que ela seja investigada por prestar uma denúncia fraudulenta e difamatória.

David pigarreou ruidosamente.

– Se está defendendo que a Srta. Mitchell e o professor Emerson estão em uma relação consensual, terei o maior prazer em registrar tal declaração para podermos acabar com esta farsa. Quando essa relação consensual teve início?

– A única farsa aqui é a que a sua universidade está tentando levar adiante, ao fingir investigar uma infração acadêmica quando, na verdade, está promovendo uma espécie de macarthismo de cunho sexual. Esta reunião acabou.

Soraya fechou sua pasta com um gesto dramático e se levantou.

– Só um instante, Srta. Harandi. Caso tivesse se dado o trabalho de analisar com mais atenção a ficha acadêmica da Srta. Mitchell, teria visto um formulário assinado pela professora Picton com data de outubro, declarando que ela iria orientar a dissertação da Srta. Mitchell pois o professor Emerson tinha um conflito de interesses com a sua cliente. Que outro motivo ele teria para convocar a professora Picton além de dar à Srta.

Mitchell o que ela queria? Que tipo de conflito de interesses poderia haver, além de um relacionamento inadequado?

Julia abriu a boca para responder, prestes a revelar o fato de que conhecia Gabriel desde a adolescência, mas Soraya agarrou seu braço com toda a força.

– Parece que o senhor já tem uma opinião formada sobre a queixa, Dr. Aras. Talvez sua carta tivesse sido mais sincera se houvesse afirmado que sua verdadeira intenção com esta reunião era *difamar* minha cliente para poder puni-la.

O pró-reitor pareceu engolir sua raiva crescente. Ele gesticulou para os papéis à sua frente.

– A querelante alega que favores acadêmicos foram prestados à Srta. Mitchell por motivos que vão além de seu desempenho como estudante. Afirma, inclusive, que, durante uma aula, o professor Emerson e a Srta. Mitchell tiveram uma briga de casal diante de uma sala cheia de testemunhas. Logo depois desse

espetáculo constrangedor, a professora Picton assinou os papéis que a tornavam orientadora da Srta. Mitchell. *Quid pro quo. Quod erat demonstrandum*.

– *Nemo me impune lacessit*, Dr. Aras. – Soraya abriu um sorriso para o professor Martin antes de lançar um olhar duro na direção de David. – Estudo latim desde o jardim da infância. A denúncia é maliciosa e falsa. Se o pró-reitor decidir acusar minha cliente com base nela, serei obrigada a fazer uso de outros recursos judiciais contra a querelante e a universidade.

Julia observou o pró-reitor apertar sua caneta com força considerável.

– Tem certeza de que é esse o caminho que pretende seguir, Srta. Mitchell? Se a

senhorita cooperar, talvez possamos ser mais lenientes.

– O senhor basicamente chamou minha cliente de prostituta e a acusou de dormir com um professor em troca de privilégios. Não preciso lembrá-lo das leis referentes à difamação de caráter. Creio que já passamos por uma situação parecida no ano passado.

Não cedemos a ameaças.

– Não fazemos ameaças, nós julgamos. Iremos conversar com testemunhas e outras partes interessadas e então voltaremos a nos falar. Jeremy, você tem algo mais a dizer ou alguma outra pergunta?

O professor Martin avaliou Julianne com o olhar e então balançou a cabeça com frieza.

O pró-reitor fechou sua pasta.

– Já que se recusa a responder às minhas perguntas, Srta. Mitchell, está dispensada.

Soraya meneou a cabeça para os dois homens e conduziu Julia para fora da sala.

CAPÍTULO VINTE E UM

–Aquela reunião foi uma confraria de tolos – disse Soraya, recostando-se no banquinho do bar do Windsor Arms Hotel.

Julia assentiu, perguntando-se se ela seria Ignatius Reilly, o protagonista do livro *Uma confraria de tolos*, ou se Gabriel era Ignatius e ela era Myrna Minkoff.

O barman serviu seus martínis com um sorriso e alguns pratinhos de tira-gostos, "de cortesia". Ele piscou para Soraya, que era uma cliente assídua, e voltou ao bar.

Ela tomou um gole generoso de sua bebida.

– Aconselho você a prestar queixa contra Christa Peterson o mais rápido possível, alegando má índole. A política da universidade possui meios de proteger seus alunos de falsas acusações.

– Não sei se é uma boa ideia hostilizá-la.

Soraya soltou uma risada irônica.

– O que mais ela pode fazer contra você? Ferver seu coelho de estimação numa panela, como em *Atração fatal*?

Julia se encolheu.

– Ouça bem, uma queixa contra ela vai servir de alerta. Não precisamos levá-la até o fim, mas daria algo para ela e o pró-reitor pensarem. Você me disse que ela acusou Gabriel de assédio sexual. Não quer revidar?

– Quero que tudo isso acabe. Não entendo como ela pôde me denunciar quando minha situação não tem nada a ver com ela.

– Levando em conta o que descobrimos hoje, creio que está muito claro aonde ela quer chegar. Ela acusou você de usar sexo para se dar bem e o seu namorado de tentar fazer o mesmo com ela. É um plano inteligente, na verdade, porque ela não precisa que suas denúncias sejam aceitas para eliminar vocês dois com um golpe só.

Julia ficou lívida.

– Como assim?

– Ela está forçando você a admitir que teve um relacionamento com o seu

professor.

Daí a universidade pode acusar vocês dois de violarem as regras que proíbem esse tipo de envolvimento. Ou ela é brilhante, ou foi orientada por alguém.

♦♦♦

Julia deslizou um dedo pela taça de martíni, tentando não ficar enjoada.

Soraya tornou a bebericar seu drinque.

– Preciso que me dê uma lista das pessoas com quem Aras possa vir a conversar e qualquer coisa prejudicial que elas possam dizer. As evidências que ele tem não são grande coisa, mas, se você juntar tudo, talvez sejam suficientes para convencer um comitê de que Gabriel a favoreceu por conta do relacionamento de vocês.

Julia mordeu o lábio inferior e começou a arrastar os dentes nele.

– Não precisa se preocupar ainda. Vamos nos concentrar em derrubar esta queixa e mais tarde pensamos no resto. A administração é muito cautelosa com qualquer questão que envolva membros do corpo docente por conta do sindicato. A universidade dará prosseguimento à investigação até ter certeza, só então irá atacar. Enquanto isso, deixe-me apresentar uma queixa contra essa tal de Christa Peterson. David investigará tanto você quanto Gabriel esta semana e devemos supor que irá entrevistar todos que já tiveram contato com vocês dois.

Julia balançou a cabeça e foi tomada por uma onda de náusea ao pensar nos outros professores e alunos do departamento sendo solicitados a testemunhar diante do pró-

reitor.

– Está bem, Soraya. Apresente a queixa. Duvido que isso dê algum resultado além de hostilizá-la, mas você é a advogada.

– Maravilha. – Soraya abriu um largo sorriso e engoliu o resto do seu martíni com azeitona.

Algumas horas depois naquela mesma tarde, Julia estava saindo do elevador no andar de Gabriel. Ao atravessar o longo corredor, passou por seu vizinho franco-

canadense e trocou com ele um breve, porém amigável, cumprimento de cabeça. Então usou sua própria chave para entrar no apartamento.

– Julianne? É você?

– Sou. Como foi sua reunião com o chefe do departamento? – Ela se apressou em tirar o casaco e as botas e estava prestes a entrar na sala de estar quando Gabriel foi ao seu encontro no hall.

– Antes quero saber da sua reunião. – Gabriel pousou a mão nos ombros dela e beijou sua testa. – Você está bem? Como foi?

– Eles me fizeram algumas perguntas e então me liberaram.

Ele praguejou, puxando-a para os seus braços.

– Se alguma coisa tivesse acontecido com você...

Julia retribuiu o abraço, suspirando devagar com o rosto escondido na camisa social dele.

– Foi Christa Peterson.

– O quê? – Ele recuou para encará-la.

– Christa me acusou de trocar favores sexuais por privilégios acadêmicos.

– *O quê?*

Conforme Julia descrevia às pressas a natureza da queixa e a discussão entre David e Soraya, a expressão de Gabriel foi ficando cada vez mais carregada e perigosa. Quando ela repetiu as últimas palavras de David, ele deu um passo largo para trás.

Gabriel se afastou e deu um soco na parede. Então recuou, arrastando pedaços de reboco e pó consigo, antes de esmurrar a parede mais duas vezes, em rápida sucessão.

Julia ficou parada onde estava, boquiaberta, vendo Gabriel tremer diante dela, com os olhos fechados e o peito subindo e descendo. Parte dela queria sair

correndo, mas parecia presa ao chão.

Por mais que quisesse fugir, a visão de algumas gotas de sangue pingando do dedo dele no chão de madeira chamou sua atenção.

– O que você fez com sua mão? – Ela fitou seus olhos azuis flamejantes e o puxou para o lavabo. – Sente-se.

Então Julia examinou os nós dos seus dedos e descobriu que a pele tinha se aberto em mais de um lugar.

– Talvez precise de pontos – falou. – Estou com medo de que tenha quebrado um osso.

Gabriel abriu e fechou a mão várias vezes, demonstrando em silêncio que não havia nada quebrado.

– Acho que deveria fazer um raio x, por via das dúvidas.

Sua única resposta foi esfregar os olhos com a mão ilesa e dar um suspiro forte e trêmulo.

Ela abriu o armário de remédios e pegou alguns itens de primeiros socorros.

– Vou tentar limpar isso, mas você deveria ir ao hospital.

– Vou ficar bem. – A voz dele soou tensa.

Com uma pinça, ela removeu os fragmentos de reboco das feridas e as limpou com iodo. Gabriel mal se encolheu enquanto Julia limpava os nós dos seus dedos, mas ela notou que ele tremia, provavelmente por conta de resquícios de raiva.

– Desculpe ter irritado você – sussurrou Julia.

– Quase derrubei uma parede e *você* está pedindo desculpas para *mim*?

– Deveria ter lhe contado quando você estivesse sentado. Ou depois de ter tomado um drinque.

Ele balançou a cabeça.

– Aí eu teria mesmo derrubado a parede. Estou furioso demais para beber.

Julia continuou a cuidar da mão dele até a ferida estar totalmente limpa. Quando terminou, roçou os lábios nos nós enfaixados dos seus dedos.

Gabriel segurou sua mão.

– Pare. Estou me lembrando de outra ocasião neste banheiro, quando fui eu que banquei o médico.

– Eu estava morrendo de vergonha. Queria causar uma boa impressão, mas quebrei sua taça de cristal e sujei sua bela camisa de Chianti.

– Foi um acidente. Tive que criar coragem para passar iodo nos seus cortes. Estava com medo de machucá-la. E isso foi antes de eu...

Ele fechou os olhos e tornou a esfregá-los.

– O que aconteceu com você hoje foi culpa minha, eu devia tê-la protegido.

– Gabriel – disse Julia em tom de alerta. Ela se inclinou para a frente e tomou o rosto dele nas mãos, forçando-o a encará-la. – *Não fale isso*. Nós sabíamos dos riscos quando nos envolvemos. Pouco me interessa o que eles vão fazer comigo. – A voz dela falhou ao pronunciar essas palavras. – Pouco me interessa Harvard ou o doutorado. Não quero perder você.

Uma chama estranha iluminou os olhos de Gabriel.

– Nem o Inferno conseguiria me manter longe de você – sussurrou ele.

Eles se abraçaram desesperadamente, extraindo consolo um da pele do outro.

– Não quer me contar como foi sua reunião com o professor Martin?

Gabriel pegou a mão de Julia e a conduziu até o banheiro principal, onde começou a preparar um banho.

– Contarei enquanto você relaxa.

– Não estou no clima para um banho de espuma. Minha vontade é pegar um pé de cabra e arrebentar alguma coisa.

– É por isso que você precisa de um banho de espuma. Tenho que preservar as paredes do meu apartamento.

Julia se despiu e se acomodou entre as bolhas de sabão. Ele a observou com um olhar intenso: os cabelos longos presos de qualquer jeito no alto da cabeça; os contornos delicados dos seus seios flutuando na água como dois lírios brancos com pontas rosadas; o modo como ela mordia o lábio até perceber que Gabriel estava olhando para sua boca.

– Você se lembra da primeira vez que tomamos banho juntos? – perguntou ela, observando-o se acomodar num banquinho.

– Como poderia esquecer?

– Você estava com medo de que eu estivesse machucada e me carregou até a banheira.

– Ela abriu um sorriso acanhado. – Foi a coisa mais gentil que já fez por mim.

– Obrigado. – Ele lhe deu um selinho na bochecha. – Mas não posso ficar recordando momentos felizes com você. Estou com muita raiva para isso. Minha vontade é arrancar a língua de David Aras e estrangulá-lo com ela.

– E quanto ao professor Martin?

Gabriel fez uma pausa e pigarreou.

– Se fosse apenas a queixa de Christa, ele teria me entrevistado, talvez falado com mais algumas pessoas do departamento e concluído que era falsa. Mas a denúncia dela contra você complica as coisas.

– O que seu advogado falou?

– Decidi encontrar Jeremy sozinho.

Julia empertigou as costas na banheira, fazendo transbordar água.

– O quê? Achei que você tinha contado ao seu advogado sobre a queixa para que ele pudesse acompanhá-lo.

Gabriel se inclinou para a frente, descansando os braços nos joelhos.

– Foi Jeremy quem me contratou. Eu o considero um amigo. Achei que teríamos mais chances de ir direto ao ponto e resolver o problema se eu não levasse meu advogado.

Julia arregalou os olhos, incrédula.

– O que ele disse?

– Christa afirma que tentei ter relações sexuais com ela em várias ocasiões, inclusive durante reuniões que tivemos dentro e fora do campus. Ela mencionou as vezes que nos encontramos na Starbucks e no Lobby. Ela também está me acusando de puni-la ao rejeitar sua proposta de tese e ameaçar expulsá-la do programa de doutorado. Afirma que, depois que ela me rejeitou, passei a infernizar sua vida.

– Mas isso é tudo mentira. Foi ela que assediou você.

– Exatamente, e eu argumentei isso. Jeremy ficou irritadíssimo. Disse que eu deveria tê-lo procurado e dado queixa. É óbvio que minha palavra não vale muita coisa a esta altura, mas Christa se esqueceu de levar algumas coisas em consideração.

– O que, por exemplo?

– Seu próprio histórico acadêmico. Jeremy e eu tivemos pelo menos duas conversas sobre o mau desempenho dela no semestre passado. Ele estava muito ciente de que Christa vinha passando por dificuldades. No histórico dela, constam anotações sobre essas conversas, assim como cópias dos seus trabalhos. Além disso, Paul estava presente durante alguns de meus encontros com Christa. Sugeri que Jeremy conversasse com ele e também com a Sra. Jenkins.

– Paul estava comigo na Starbucks no dia em que você se encontrou com Christa. Ela nos disse que estava planejando convencer você a levá-la ao Lobby, que iria trocar mais do que primeiros nomes com você naquela noite.

Gabriel franziu as sobrancelhas.

– O quê?

– Tinha me esquecido dessa conversa. Deveria ter contado antes. Paul e eu estávamos tomando café e Christa chegou antes de você. Ela estava se gabando de que iria seduzi-lo.

Gabriel coçou o queixo, perdido em pensamentos.

– E Paul ouviu Christa falar isso?

– Ouviu – disse Julia, tentando conter um sorriso. – Parece que o *papa-anjo* pode acabar se tornando um anjo da guarda.

Gabriel fez uma careta.

– Não vamos nos precipitar. O que mais ela disse?

– Não muito. Testemunhamos seu encontro com Christa, mas estávamos longe demais para ouvir o que vocês diziam. A linguagem corporal dela nos pareceu bem óbvia. Ela

estava tentando flertar, enquanto você lhe dava uma bronca. Eu poderia dizer isso ao professor Martin.

– De jeito nenhum. Você já está envolvida demais. – Ele tornou a coçar o queixo. –

Jeremy pediu que eu não falasse com Paul sobre Christa. A situação é um pouco delicada, porque Paul trabalha para mim, mas Jeremy concordou em conversar com ele.

Seria melhor se você também não falasse com Paul sobre isso. Quanto menos se falar sobre o assunto, melhor.

– Ele não gosta de Christa. Uma das primeiras coisas que me disse é que ela queria se tornar a Sra. Emerson. Paul sabe que ela está atrás de você.

Gabriel fez uma careta.

– Eu lembrei a Jeremy de que aprovei a proposta de tese de Christa em dezembro, depois de lhe dar várias chances de corrigi-la. Vamos torcer para que, quando for falar com Paul, ele consiga ter uma ideia clara do que de fato está

acontecendo.

Julia fechou os olhos, tornando a apoiar a cabeça na banheira. Sabia que eles poderiam contar que Paul fosse dizer a verdade. Apesar da sua antipatia pelo professor Emerson, ele não corroboraria as alegações falsas de Christa.

Gabriel se levantou.

– Preciso lhe dizer uma coisa.

– O quê? – perguntou Julia, ainda de olhos fechados.

– Jeremy me perguntou se estávamos envolvidos. E eu disse que... sim.

Ela abriu os olhos para encará-lo.

– Hein?

– Falei para ele que nosso relacionamento começou depois do Natal. – O rosto de Gabriel ficou tenso.

– Ele acreditou em você?

– Pareceu acreditar, mas ficou furioso. Tornou a dizer que eu deveria ter falado com ele na hora. Falou que era obrigado a me denunciar ao pró-reitor por violação da política da universidade.

– Ah, não. – Julia pegou a mão de Gabriel. – O que vamos fazer?

– Ele disse que, por causa de nossos outros problemas, ele não iria piorar ainda mais a situação... por enquanto. Mas fez questão de me dizer que não iria me acobertar.

Gabriel se inclinou para beijar sua testa.

– Não se preocupe com Jeremy. Eu cuido dele. Quando acabar de tomar seu banho, vou atualizar meu advogado para decidirmos o que fazer em seguida. – Ele sorriu e se virou para sair.

– Gabriel, tem mais uma coisa. Duas, na verdade. Soraya vai dar queixa contra Christa em meu nome, alegando que ela agiu de má-fé ao me denunciar.

– Ótimo. Talvez isso faça com que ela repense suas atitudes.

– E, na minha consulta de ontem com Nicole, ela comentou que você tinha largado a terapia.

Gabriel viu a expressão de Julia, uma mistura de irritação e tristeza, e curvou os ombros.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

No geral, o fato de Gabriel não ter mencionado que havia largado a terapia não tinha importância. Ou pelo menos Julia achava que não. Eles discutiram brevemente o assunto, mas os dois estavam preocupados demais com seus problemas com a universidade para irem além disso.

Gabriel recebeu um recado lacônico de Jeremy na semana seguinte, indicando que ele havia conversado tanto com a Sra. Jenkins quanto com Paul. Fora isso, ele e Julia não receberam nenhum comunicado da universidade.

David Aras passou a noite de sexta-feira sozinho em seu escritório de casa com uma garrafa de uísque Jameson. Isso não era incomum. Em sua função de pró-reitor de pós-graduação, geralmente levava trabalho para casa. Nessa noite em especial, ele se viu atolado numa situação muito capciosa e delicada.

A queixa de assédio sexual da Srta. Peterson tinha sido contestada por mais de uma testemunha. Contudo, a queixa de fraude acadêmica contra a Srta. Mitchell havia chamado sua atenção para um possível caso entre Julia e o professor Emerson. O

problema era que as evidências eram contraditórias.

Segundo a informação repassada pelo professor Martin, Paul Norris havia pintado um retrato muito lisonjeiro da Srta. Mitchell e do seu caráter. David se perguntou se todas as mulheres com as quais o Sr. Norris havia entrado em contato teriam misteriosamente se tornado anjos ou se ele apenas tinha uma queda por mocinhas de Selinsgrove, Pensilvânia.

De acordo com o Sr. Norris e a Sra. Jenkins, a Srta. Mitchell era uma jovem tímida e o professor Emerson a detestava. O Sr. Norris chegou a afirmar que eles haviam brigado na frente de todos em sua aula.

Depois do confronto em sala, Emerson teria entrado em contato com a professora Picton para que ela orientasse a dissertação da Srta. Mitchell, apresentando o fato de ela ser amiga da família como motivo para ele não poder continuar a orientá-la. Era justamente isso que intrigava David.

O professor Emerson não havia sido contra a admissão da Srta. Mitchell no mestrado, mesmo sabendo que ele era o único professor a orientar teses sobre Dante. Se havia um conflito de interesses tão óbvio, por que ele não se posicionou desde o início? E por que não comunicou esse conflito de interesses ao professor Martin no começo do semestre?

Os dossiês sobre o professor Emerson e a Srta. Mitchell não faziam sentido. E David não gostava quando isso acontecia. (Pois seu universo não tinha nada de absurdo.) Enquanto refletia sobre as evidências, ele inseriu um pen drive no computador. Abriu a única pasta que havia ali e começou a vasculhar as mensagens que algum funcionário do Departamento de Tecnologia da Informação tivera a gentileza de colher da conta de e-mail do professor Emerson. Ele configurou as preferências de modo a listar apenas as mensagens cujos remetentes ou destinatários fossem a Srta. Mitchell, a Srta. Peterson, o Sr. Norris e a professora Picton.

Em poucos minutos, David descobriu algo que o surpreendeu. Em sua tela, surgiram e-mails enviados antes do fim de outubro de 2009. O primeiro tinha sido escrito pelo professor Emerson para a Srta. Mitchell: Prezada Srta. Mitchell, Preciso falar com você sobre um assunto de considerável urgência.

Por favor, entre em contato comigo o mais rápido possível. Pode me telefonar no seguinte número: 416-555-0739 (celular).

Cordialmente,

Prof. Gabriel O. Emerson,

Professor Associado

Departamento de Estudos Italianos

Centro de Estudos Medievais

Universidade de Toronto

O segundo e-mail foi enviado pela Srta. Mitchell em resposta à mensagem dele: Dr. Emerson.

Pare de me assediar.

Não quero mais saber do senhor. Quero esquecer que o conheci. Se não me deixar em paz, serei obrigada a dar queixa contra o senhor por assédio. E, se telefonar para o meu pai, farei isso imediatamente.

Se acha que vou deixar algo tão insignificante me afastar do mestrado, está muito enganado. Preciso de um novo orientador para minha dissertação, não de uma passagem de ônibus para casa.

Cordialmente,

Srta. Julia H. Mitchell,

Mera Aluna da Pós-Graduação,

Prostituta Que Vive de Joelhos

P.S.: Recusarei a bolsa M. P. Emerson na semana que vem. Parabéns, professor Abelardo.

Ninguém nunca fez com que eu me sentisse tão vulgar quanto o senhor na manhã do último domingo.

O pró-reitor se empertigou em sua cadeira. Releu os dois e-mails, examinando cada palavra.

Embora tivesse uma vaga lembrança de quem era Pedro Abelardo, não resistiu à sua curiosidade e pesquisou o nome no Google. Clicou em uma biografia confiável e começou a ler.

Quod erat demonstrandum, pensou.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

No centro da cidade, Jeremy Martin estava recostado em seu sofá de couro, de olhos fechados, ouvindo Beethoven, enquanto sua mulher se preparava para ir

dormir.

Como chefe do Departamento de Estudos Italianos, ele era responsável por vários professores e alunos. A confissão de Gabriel sobre estar namorando uma ex-aluna o perturbava.

Sabia que Christa Peterson havia feito sua denúncia de má-fé, mas, como qualquer outra denúncia, ela deveria ser levada a sério. Considerando que ela tinha razão ao supor que Gabriel e Julianne estavam envolvidos, era bem possível que sua alegação de que tivesse havido favorecimento acadêmico também estivesse correta. Gabriel, seu amigo e colega, havia tentado manter o relacionamento em segredo. Agora o pró-reitor estava fazendo perguntas, o que deixava Jeremy entre a cruz e a espada.

Ao longo de sua carreira, primeiro nos Estados Unidos e depois em Toronto, ele tinha visto muitos alunos brilhantes e promissores se tornarem joguetes de seus professores.

Sua própria esposa, por exemplo, fizera pós-graduação em linguística na Universidade Colúmbia antes de ter a carreira arruinada por seu professor/amante depois que se cansou do alcoolismo dele. As feridas de Danielle tinham levado anos para cicatrizar e até hoje ela queria distância do mundo acadêmico. Jeremy não queria que a carreira de Julianne seguisse o mesmo caminho.

Por outro lado, não permitiria que a estrela em ascensão do seu corpo docente fosse difamada por uma infração que não havia cometido. Se o pró-reitor continuasse investigando o professor Emerson e a Srta. Mitchell, Jeremy iria até as últimas consequências para garantir que fosse feita justiça. Se isso falhasse, ele estava determinado a garantir que seu departamento fosse protegido. E foi por isso que ficou horrorizado ao encontrar cópias de cartas endereçadas ao professor Emerson e à Srta.

Mitchell junto com a sua correspondência na primeira quinta-feira de março.

Praguejando, ele correu os olhos pelo conteúdo das cartas antes de fazer uma ligação discreta para um de seus contatos na pró-reitoria. Meia hora depois, telefonava para a casa do professor Emerson.

– Você já conferiu sua caixa de correio hoje?

Gabriel fechou a cara.

– Não. Por quê?

– Porque recebi uma carta do pró-reitor indicando que você e Julianne estão sendo investigados por iniciarem um relacionamento inadequado enquanto ela era sua aluna.

– Puta que pariu!

– Isso aí. Você está sentado?

– Não.

– Então sente-se. Acabei de ligar para um amigo que trabalha na pró-reitoria. Julianne deu entrada numa queixa de assédio contra Christa Peterson, em resposta às suas alegações. Christa retaliou ameaçando a universidade com um processo judicial dizendo que Julianne teria recebido tratamento preferencial por ter ido para a cama com você. As acusações de Christa agora fazem parte da investigação sobre você e Julianne.

– Isso é um absurdo!

– Ah, é?

– Claro. É ridículo.

– Fico feliz em ouvir isso, Gabriel, porque a universidade leva muito a sério queixas desse tipo. A pró-reitoria determinou que o Aras e mais dois outros representantes da universidade formassem um comitê para investigar as denúncias. Você e Julianne foram convocados a comparecer diante deles, juntos.

Gabriel praguejou.

– Quem mais está no comitê?

– Meu contato não quis me dizer. A boa notícia é que a reunião é apenas uma audiência investigativa. Dependendo da decisão dos auditores, o caso pode ser encaminhado à pró-

reitoria para deliberação, então vocês dois terão que se apresentar diante de um

comitê disciplinar. Não preciso lhe explicar a gravidade da situação se as coisas chegarem a esse ponto.

– Por que o Aras não me convoca para uma reunião e pronto? Tudo isso poderia ser resolvido em questão de minutos.

– Duvido. Denúncias e queixas não param de chegar e você está envolvido em todas elas.

O coração de Gabriel quase parou.

– Você acha que ainda haverá mais denúncias?

– Tenho minhas suspeitas. Mas nada foi confirmado.

– Merda! – exclamou Gabriel, esfregando os olhos com força. – Me diga: qual a

gravidade da nossa situação?

– Se eu fosse você, pararia de pensar em *nós* e começaria a me concentrar em *mim*. Foi por isso que você se meteu nessa encrenca, para começo de conversa.

– Apenas responda à pergunta, por favor.

Jeremy fez uma pausa, folheando as cartas sobre sua mesa.

– Já que sua integridade no que diz respeito à atribuição de notas a Julianne está sendo questionada, o pró-reitor suspendeu a nota do seu curso. Isso significa que o histórico dela ficará incompleto até o caso ser arquivado ou julgado pelo comitê.

– Ela não vai se formar – sussurrou Gabriel.

– É política da universidade que a nota final de um aluno fique retida enquanto houver infrações acadêmicas pendentes.

– Então, dependendo de quanto tempo isto levar, ela não poderá ir para Harvard.

– Se o caso for decidido em favor de Julianne, a nota permanecerá a mesma e a data da formatura será marcada. Mas, a essa altura, imagino que ela já terá perdido a vaga em Harvard. A menos que consiga convencê-los a deferir sua

admissão.

– A admissão está condicionada à conclusão do mestrado. Ela pode até pedir, mas não creio que esteja em posição de solicitar um adiamento. E, se Harvard ficar sabendo disso, talvez retirem a proposta.

– Então é melhor ela rezar para essa questão estar solucionada a tempo de ela entrar com o pedido de formatura. E, para ser franco, você também. Se for culpado de fraude acadêmica, a pró-reitoria pode revogar sua estabilidade.

– Puta merda. – Gabriel esmurrou a mesa. – Quando precisaremos nos apresentar diante do comitê?

– Dia 23 de março, uma quinta-feira.

– Isso significa que eles terão menos de um mês para concluir tudo antes de ela precisar entrar com o pedido de formatura.

– Esse tipo de processo acadêmico anda a passo de tartaruga. Você sabe disso. – Ele pigarreou. – Você não está nem um pouco preocupado com a encrenca em que está envolvido?

– Não muito – rosnou Gabriel.

– Pois deveria. E digo mais: minha maior preocupação é com você, embora fosse ficar triste de ver o futuro acadêmico de Julianne ameaçado.

– Não vou deixar que isso aconteça.

– E eu não estou disposto a deixar um dos meus melhores professores abandonado à própria sorte. – Jeremy respirou fundo. – De acordo com a regra que está sendo acusado de violar, você é mais responsável do que ela. Está sob suspeita de ter avaliado uma aluna com base em um critério que nada tem a ver com mérito acadêmico.

– Isso é uma calúnia e você tem os papéis para provar.

– Não, não tenho. – Jeremy começou a folhear as páginas à sua frente. – Tenho alguns papéis, mas não todos. Você só me comunicou dias atrás que estava envolvido com ela.

Agora meu chefe está começando a fazer perguntas. Tem noção de quanto isso é constrangedor para mim? Parece que acabei de chegar e não faço a menor ideia do que está acontecendo no meu próprio departamento.

Gabriel inspirou e expirou devagar.

– O que você quer dizer com isso?

– Que você ferrou com tudo, Gabriel, não importa de que ângulo olhe a situação. E não vou colocar em risco tudo pelo que trabalhei para acobertá-lo.

O professor Emerson se calou, pasmo.

– Por que não me contou que estava saindo com ela? Eu contratei você, pelo amor de Deus.

– Porque achei que não devia satisfações a ninguém sobre com quem eu durmo.

– Você só pode estar brincando. – Jeremy soltou um palavrão. – Você conhece as regras que governam as relações entre professores e alunos. Como manteve seu relacionamento em segredo, parece que é culpado.

Gabriel trincou os dentes.

– Jeremy, posso contar com seu apoio ou não?

– Farei o possível, mas isso talvez não seja muito. Se eu fosse você, notificaria a Associação de Professores para garantir que seu representante no sindicato esteja presente na audiência.

– Esta é uma caça às bruxas iniciada por uma aluna insatisfeita. Christa Peterson está tentando fazer com que eu seja demitido.

– Talvez você tenha razão. Mas, antes de botar a boca no trombone, lembre-se de que violou a política da universidade. Isso torna muito mais fácil para a administração inferir que é culpado de outras infrações. E, a propósito, recebi um e-mail do pró-reitor me perguntando sobre a bolsa M. P. Emerson. Para o seu bem, espero que não tenha dedo

◆◆◆

seu nisso.

Gabriel soltou uma série de xingamentos. Jeremy o interrompeu:

– Se não tem um advogado, meu amigo, está na hora de arranjar um.

Gabriel balbuciou alguma coisa e desligou, encaminhando-se a passos rápidos até a sala de jantar para se servir de um drinque.

Gabriel notificou a Associação de Professores da sua situação, mas recusou quando eles se ofereceram para acompanhá-lo à audiência. John estava convencido de que sua perspicácia judicial era muito mais ameaçadora do que a do sindicato, porém estava inclinado a admitir que, se aquilo resultasse em alguma acusação, seria conveniente envolvê-los no caso.

John aconselhou Gabriel a não cooperar de forma alguma, embora o tivesse encorajado a orientar Julianne quanto ao que ela *não* deveria dizer. Se isso não desse certo, ele estava disposto a argumentar que ela era uma aluna instável e impressionável, obcecada por seu cliente desde a adolescência, e por isso o havia seduzido.

Na esperança de que Gabriel fosse seguir seus conselhos, John não se deu o trabalho de explicar sua estratégia.

O conselho de Soraya para Julia foi semelhante ao de John. Ela orientou sua cliente a ficar calada e, se pressionada, botar toda a culpa em Gabriel. Quase gargalhava de alegria diante da perspectiva de argumentar que ele era o professor devasso que havia seduzido uma jovem inocente com promessas de um longo e feliz futuro juntos. Quando Julia declarou sua intenção de contar a verdade, Soraya lhe disse que isso era uma péssima ideia. Seu plano era trazer à tona a reputação promíscua de Gabriel e suas passagens pela polícia.

Como John, ela supunha que sua cliente fosse cooperar, portanto não achou necessário revelar os detalhes da sua estratégia.

Na noite anterior à audiência, Julia foi acordada de um sonho pelo barulho de alguma coisa batendo na janela do seu apartamento. A princípio, achou que ainda estivesse sonhando. Quando o som se repetiu, mais alto, ela saiu da cama e abriu a cortina. Ali, com o nariz quase pressionado contra o vidro, estava Gabriel. Ele parecia um tanto agitado, seus olhos nervosos, enfiado até os

joelhos em um monte de neve, com sua boina e seu casaco de inverno.

Ela se apressou em abrir a janela e saiu da frente, deixando que Gabriel entrasse no quarto, trazendo com ele uma lufada de ar gelado. Ele fechou a janela com firmeza, passou o trinco e fechou a cortina.

– Gabriel, o que você...

Ela não teve chance de concluir a pergunta, pois ele a tomou nos braços. Julia primeiro notou o cheiro de uísque e só sentiu o gosto quando ele pressionou os lábios nos dela. Os lábios de Gabriel podiam estar gelados, mas sua boca e sua língua eram quentes e convidativas. E o calor do beijo, que foi intenso e sensual, começou a se espalhar pela pele dela.

– Você está bêbado? O que houve?

Ele recuou, mas só por um instante, para tirar o casaco e a boina. Então tornou a abraçá-la, correndo os dedos frios por seus braços, desabotoando a blusa do seu pijama e apertando o seio com uma das mãos.

Gabriel a conduziu até a cama enquanto tirava a camisa e a calça, observando-a despir o pijama e largar tudo no chão, sem pensar. Num piscar de olhos, estavam os dois nus e ele a puxava para os seus braços, prendendo-lhe as pernas em volta dos quadris. Eles nunca tinham se despido e feito amor tão depressa.

Depois de carregar Julia até a porta fechada e pressionar as costas dela ali, seus movimentos se tornaram frenéticos e desesperados. Seus dedos frios a provocavam enquanto ele prendia seu seio na boca, chupando-o e mordiscando-o.

Ela já estava gemendo, ainda chocada com o fervor mudo de Gabriel.

Alguns instantes depois, foi distraída pela diferença de temperatura entre seus corpos: a frieza dura e rija do peito dele pressionada contra suas curvas macias e quentes. Quando Gabriel sentiu com os dedos que ela estava pronta, penetrou-a de uma vez, gemendo de prazer com a boca na curva do pescoço de Julia, a parte de cima do seu corpo relaxando ao sentir a carne dela. Não havia espaço nem ar entre seus corpos.

Julia gemeu de gratidão ao sentir que ela e seu amado eram um só. Deslizou

imediatamente as mãos dos ombros de Gabriel até seus quadris, pressionando a base das costas dele para incentivá-lo a continuar. Era uma cacofonia de sons e ruídos despudorados, tornados ainda mais animalescos pela ausência de linguagem e, claro, pelas batidas ritmadas das costas de Julia contra a porta de madeira.

A transa foi ruidosa e veloz, talvez a conexão física mais intensa que os dois já haviam experimentado, superando até mesmo o sexo contra a parede em Florença. Logo chegavam ao êxtase juntos, corações disparados e o sangue latejando nas veias, agarrando-se um ao outro e gemendo de prazer. Então enfim se deixaram cair embolados na cama estreita de Julia, num momento de pura satisfação.

Gabriel estava em cima dela, mas ela não queria deixá-lo sair. Ele mudou um pouco de

◆◆◆

posição para distribuir seu peso pelo colchão, mas também não estava disposto a romper o contato de suas peles.

Julia acariciou seus cabelos e lhe disse quanto o amava. Ele enterrou o nariz na base de seu pescoço, inalando seu perfume. Ela lhe disse que ele não precisava beber, que em vez disso poderia conversar com ela.

Gabriel suspirou.

– Estou conversando com você – sussurrou ele, dando vários beijos no ombro de Julia.

– Você não está ouvindo.

Antes que ela pudesse argumentar, Gabriel começou a explorar sua boca. Então acabou com qualquer nova discussão, instigando o corpo dela a se unir ao seu novamente.

Quando ela acordou na manhã seguinte, o apartamento estava silencioso. Na verdade, o único sinal do seu visitante noturno era uma janela destrancada e o cheiro de Gabriel e de sexo em seu corpo e na cama.

Ela vasculhou a quitinete em busca de um bilhete, uma mensagem, *qualquer*

coisa.

Mas não havia nada, nem mesmo um e-mail. Uma sensação de pavor tomou conta dela.

Seguindo as orientações de Soraya, Julia estava de cabelo solto na manhã seguinte, pois isso fazia com que parecesse meiga e inocente. Às onze em ponto, ela se encontrou com a advogada no corredor em frente à sala da diretoria.

Gabriel e John já estavam ali, colados à parede e falando em tom baixo e apressado. Os dois usavam ternos escuros e camisas brancas. Mas as semelhanças paravam por aí.

Gabriel usava uma gravata-borboleta verde, que fazia um forte contraste com o azul dos seus olhos.

Gabriel a encarou por alguns instantes, o suficiente para Julia notar que ele estava preocupado. Não sorriu nem a cumprimentou com a cabeça. Parecia determinado a manter distância dela.

Julia queria ir até ele, mas Soraya a puxou para se sentar em um banco baixo logo em frente à sala. De repente, a porta se abriu e um jogador de rúgbi corpulento, aparentemente irritado, saiu para o corredor.

– Paul? – Julia se levantou.

Ele parou, surpreso.

– Julia? Você está bem? Me diga que não...

Quando viu o rosto de Soraya, que já estava em pé atrás dela, Paul se deteve no meio

da frase. Encarou as duas, a princípio de olhos arregalados, com uma expressão intrigada, mas logo depois os estreitou. Murmurando uma série de xingamentos, ele fechou a cara e seguiu andando, deixando-as para trás.

– Paul? – Julia o chamou, mas ele desapareceu pelas escadas.

– Você o conhece? – perguntou Soraya.

– Ele é meu amigo.

– Ah, é? – Soraya parecia incrédula.

Julia se virou para encará-la.

– Por quê? Você o conhece?

– Ano passado ele deu queixa de uma das minhas clientes. Foi o início da minha briga com o pró-reitor.

O cérebro de Julia precisou de alguns instantes para processar a revelação de Soraya.

Mas, quando o fez, ela se sentou de volta lentamente.

Soraya foi advogada da professora Singer? Onde eu fui me meter?

A resposta a essa pergunta foi interrompida pela assistente de Aras, Meagan, que anunciou que os auditores prefeririam entrevistar a Srta. Mitchell e o professor Emerson juntos.

Após uma breve consulta com seus respectivos advogados, Gabriel e Julia entraram na sala da diretoria, seguidos por John e Soraya. Assim que se acomodaram em lados opostos da sala, o Dr. Aras se pronunciou. Como de costume, apresentou a si mesmo e os demais membros do comitê – a professora Tara Chakravartty e o professor Robert Mwangi.

– Dra. Tara Chakravartty, vice-diretora da Coordenadoria de Assuntos de Diversidade.

Ela era uma bela mulher de ascendência indiana, com um corpo mignon, olhos escuros e cabelos negros longos e lisos. Usava um terno preto com um grande lenço cor de caqui enrolado como um sári em volta do tórax. Ela também sorriu para Julia, lançando olhares fulminantes e uma ou outra careta na direção de David.

– Dr. Robert Mwangi, vice-diretor do Departamento de Assuntos Estudantis.

O professor Mwangi era um canadense de origem queniana que usava óculos de

armação fina e uma camisa social sem colete ou gravata. Dos quatro, era o que estava vestido de modo mais informal e parecia o mais amigável. Ele sorriu para Julia, que retribuiu o gesto.

O pró-reitor prosseguiu com suas observações introdutórias:

– Srta. Mitchell, professor Emerson, vocês foram notificados por carta do motivo da sua convocação. Dando continuidade à nossa investigação da denúncia de infração acadêmica apresentada contra a senhorita, Srta. Mitchell, conversamos com a professora Picton, a Srta. Peterson, a Sra. Jenkins, o professor Jeremy Martin e o Sr. Paul Norris.

Durante nossa investigação, diversos fatos vieram à tona e foram corroborados por mais de uma testemunha.

O pró-reitor lançou um olhar para Gabriel, franzindo os lábios.

– Por esse motivo, a pró-reitoria ordenou que este comitê fosse formado para investigar mais a fundo a questão. Os fatos que vieram à tona foram os seguintes: primeiro, que uma discussão em público, com possíveis implicações de ordem pessoal, se deu entre a Srta. Mitchell e o professor Emerson durante uma aula do curso de pós-graduação ministrado pelo referido professor no dia 28 de outubro de 2009, ou por volta dessa data.

Segundo, que no dia 31 de outubro, ou por volta dessa data, a professora Picton concordou em orientar a dissertação de mestrado da Srta. Mitchell a pedido do professor Emerson, que posteriormente comunicou a mudança ao professor Martin. O professor Emerson afirmou que a mudança era necessária por conta de um conflito de interesses, a saber, o fato de a Srta. Mitchell ser *amiga de sua família*. A documentação necessária para efetivar essa mudança foi entregue à Pró-reitoria de Pós-Graduação em novembro.

Terceiro, no dia 10 de dezembro, o professor Emerson deu uma palestra aberta ao público em Florença, na Itália, e a Srta. Mitchell o acompanhou ao evento. No decorrer da noite, ele apresentou a Srta. Mitchell como sua noiva. Esses fatos são comprovados pela imprensa e por fotografias, além de terem sido corroborados por um certo professor Pacciani, que também compareceu ao evento. – O pró-reitor ergueu um pedaço de papel que parecia ser a versão impressa de um e-mail.

Ao ouvir o nome de Pacciani, Gabriel fuzilou o pró-reitor com os olhos e balbuciou um xingamento.

O pró-reitor o encarou com um olhar firme.

– A Srta. Mitchell coagiu o senhor a iniciar um relacionamento amoroso com ela?

Julia quase caiu da sua cadeira.

Todos os olhos na sala se fixaram em Gabriel, que ficou muito vermelho. Seu advogado começou a sussurrar furiosamente em seu ouvido, mas Gabriel o dispensou com um gesto.

– De forma alguma.

– Muito bem. O senhor está atualmente envolvido em um relacionamento amoroso com a Srta. Mitchell?

– Dr. Aras, até o momento o senhor não apresentou nenhuma evidência de violação à política da universidade. Tudo o que apresentou foi uma cronologia superficial de acontecimentos, que está aberta a interpretações, e um exemplo de jornalismo sensacionalista italiano. Não vou permitir que condene meu cliente com base em acusações falsas.

– Se o seu cliente não tem nada a esconder, então deveria responder às minhas perguntas. Professor Emerson, quando a relação entre o senhor e sua aluna começou?

Antes que John pudesse abrir a boca para protestar, foi interrompido pela professora Chakravartty:

– Faço objeção a essa linha de questionamento, pois relacionamentos entre professores e alunos do mesmo departamento não podem ser consensuais. E gostaria que minha objeção fosse registrada em ata.

O pró-reitor meneou a cabeça para sua assistente, Meagan, que estava digitando anotações a todo vapor no seu laptop.

– Está devidamente registrada – bufou ele. – Discutiremos em breve essa

questão.

Professor Emerson?

– Com todo o respeito, Dr. Aras, meu cliente não é obrigado a responder a conjecturas e especulações. Talvez a Srta. Mitchell pense de outra forma. – John olhou com malícia para Soraya, então abriu um sorriso inocente para os auditores.

– Muito bem. Srta. Mitchell?

Soraya lançou um olhar furioso para John antes de encarar o comitê.

– Minha cliente já foi submetida a uma experiência vexatória pela pró-reitoria ao ser forçada a se defender de uma queixa grave, porém totalmente mal-intencionada, apresentada por outra aluna. Tendo em vista o estresse e o trauma emocional que ela já sofreu, solicito que os senhores direcionem suas perguntas ao professor Emerson. Foi ele quem pediu que a professora Picton o substituísse na orientação da dissertação da minha cliente. É dele a assinatura nos formulários, e não temos nada a dizer sobre o assunto.

Julia se inclinou para protestar no ouvido de Soraya, mas a advogada a afastou com um gesto.

Julia trincou os dentes.

– Ah. Eis que surge o clássico dilema do prisioneiro. Fico me perguntando se vocês

dois compreendem o que os aguarda se insistirem em agir dessa forma. – O Dr. Aras pigarreou. – Srta. Mitchell e professor Emerson, posso lhes conceder um breve recesso para que se consultem com seus advogados, mas espero que respondam às nossas perguntas sem delongas e com honestidade. Na ausência de qualquer tipo de testemunho, nos reservamos o direito de decidir a questão por conta própria, com base nas evidências que conseguimos reunir. E, se assim decidirmos, de encaminhar o caso à reitoria para deliberação. – A voz do pró-reitor soava fria e impassível.

– Uma vez que relacionamentos entre professores e alunos do mesmo departamento não podem ser consensuais, sugiro que dispensemos o professor

Emerson para podermos entrevistar a Srta. Mitchell. – A professora Chakravartty lançou um olhar amigável para Julia. – Garanto que este é um ambiente seguro. Nada do que nos revelar aqui causará represálias por parte do Departamento de Estudos Italianos. Se foi vítima de assédio sexual, podemos ajudá-la.

A compaixão nos olhos de Tara se transformou em repulsa assim que ela se virou para Gabriel.

Julia se pôs rapidamente de pé.

– Não fui assediada pelo professor Emerson.

Soraya segurou seu braço, mas Julia a ignorou. Então a advogada parou ao seu lado, aguardando o momento apropriado para interrompê-la e contestá-la.

Gabriel começou a balançar a cabeça, agitado, mas Julia não conseguia vê-lo, pois estava concentrada no comitê.

– Não estávamos envolvidos enquanto eu era aluna dele. E nosso atual relacionamento é consensual.

Houve alguns instantes de silêncio, que foi quebrado pelos sons das canetas dos auditores se arrastando no papel.

O pró-reitor se recostou em sua cadeira, com uma expressão que não revelava a menor surpresa.

Para Julia, esse foi o primeiro sinal de que algo havia saído muito errado. Ela se sentou devagar, ignorando a voz sibilante de Soraya ao pé do seu ouvido e virando-se para olhar na direção de Gabriel. Ele tinha os olhos fixos à frente, mas Julia sabia que Gabriel podia sentir seu olhar; conseguia ver isso na maneira como o maxilar dele estava tenso. Ele cruzou os braços diante do peito, furioso, os olhos cravados no pró-reitor como uma cobra esperando para dar o bote.

– Obrigado, Srta. Mitchell. Então se trata de um relacionamento amoroso. – O Dr. Aras

lançou um olhar para Gabriel antes de voltar a encarar Julia. – Já que a senhorita foi tão franca, permita que eu lhe faça outra pergunta: quando comprou a passagem para viajar para a Itália com o professor Emerson?

Julia o encarou, confusa.

– Sem dúvida as passagens foram reservadas antes do dia 8 de dezembro, o que faria com que a data da compra estivesse dentro do semestre letivo. Então, antes de o professor Emerson lançar sua nota, a senhorita deve ter conversado com ele sobre sua intenção de acompanhá-lo à Itália. Isso me parece problemático do ponto de vista da relação professor-aluno, concorda?

Julia abriu a boca para falar, mas Soraya a interrompeu:

– Com todo o respeito, Dr. Aras, o senhor está fazendo uma especulação.

– Na verdade, Srta. Harandi, estou deduzindo de forma bem razoável que estamos diante de um caso de troca de favores. – Os lábios do pró-reitor se afinaram visivelmente. – Além disso, estou sugerindo que sua cliente acabou de cometer perjúrio.

Ela disse que não estava envolvida com o professor Emerson no semestre passado.

Devemos então acreditar que esse envolvimento começou, como num passe de mágica, assim que o semestre terminou?

Julia respirou fundo, o som ecoando nas paredes. Do outro lado da sala, a ansiedade de Gabriel ficava clara pelo modo como ele abria e fechava as mãos, tentando escondê-las dos lados do corpo.

O pró-reitor começou a falar, mas foi interrompido pelo professor Mwangi:

– Srta. Mitchell, a esta altura eu gostaria de lembrá-la das penalidades aplicáveis em caso de perjúrio e de violação da proibição de relacionamentos desta universidade.

Sua voz calma e gentil fazia um forte contraste com a objetividade impaciente do pró-

reitor:

– Perjúrio pode resultar em expulsão ou sanções graves. Uma violação das regras de relacionamento pode pôr em risco seu desempenho acadêmico nos

cursos do semestre passado.

Ele remexeu alguns papéis na mesa à sua frente.

– A senhorita estava escrevendo sua dissertação com o professor Emerson até o começo de novembro, cerca de um mês antes de sua viagem à Itália. Esteve matriculada no curso sobre Dante até o final do semestre e recebeu nota máxima. A política de não confraternização existe para proteger alunos de serem molestados por professores e para evitar qualquer possibilidade de favorecimento. Se a senhorita tivesse largado o curso,

não estaria aqui hoje. Porém, como continuou na turma dele, temos um problema.

O professor Mwangi entregou alguns papéis a Meagan, que os levou obedientemente até Julia e Soraya. Enquanto Soraya analisava os documentos, Julia ficou horrorizada.

Ela tornou a lançar um olhar para Gabriel, mas ele não retribuiu.

– O professor Martin afirmou diante deste comitê que não se lembra de haver tido nenhuma conversa com o professor Emerson sobre o fato de a professora Picton ficar responsável por atribuir nota ao seu trabalho no curso sobre Dante. De acordo com a Secretaria, foi o professor Emerson quem lançou sua nota através do sistema on-line. O

que acabou de receber são cópias datadas desses arquivos eletrônicos.

– Dr. Mwangi, uma vez que só estamos recebendo esses documentos agora, gostaria de solicitar um pequeno recesso para conversar com minha cliente. – A voz de Soraya tirou Julia de seu estado de choque.

– Não é momento para isso, Srta. Harandi, visto que sua cliente já cometeu perjúrio –

falou o pró-reitor, ríspido.

– Discordo – intrometeu-se a professora Chakravartty. – A Srta. Mitchell talvez não seja a pessoa mais adequada para julgar se foi ou não vítima de coerção. Certamente qualquer perjúrio de sua parte seria perdoável se ela tiver sido vítima

de assédio.

– Foi a professora Picton quem deu nota ao meu trabalho. Estou certa de que ela poderá esclarecer este mal-entendido. – Embora trêmula, a voz de Julia assumiu um tom inflexível.

– Pró-reitor Aras, desculpe-me pela interrupção, mas acabo de receber um e-mail da professora Picton – atalhou Meagan com voz hesitante.

Ela foi até o pró-reitor levando seu laptop.

Ele correu os olhos pela tela antes de dispensá-la com um gesto.

– Parece que a professora Picton confirma sua versão dos fatos, Srta. Mitchell.

Soraya se inclinou para a frente.

– Então isso deveria bastar para esclarecer a questão. Com todo o respeito, solicitamos que este comitê conclua a investigação e encerre o caso.

– Calma lá, Srta. Harandi. – O professor Mwangi olhou de Gabriel para Julia com uma expressão intrigada. – Se esse relacionamento é mesmo consensual, por que o professor Emerson está se escondendo atrás do seu advogado?

– Tudo o que os senhores fizeram foi apresentar especulações e fantasias. Por que meu cliente deveria responder à sua pergunta?

– Temos o direito de tirar nossas próprias conclusões com base nas evidências. Não posso falar por meus ilustres colegas, mas afirmo que, em minha opinião, o seu cliente e a Srta. Mitchell estavam envolvidos no semestre passado. O que significa que eles violaram as regras e que a Srta. Mitchell cometeu perjúrio.

John se levantou.

– Se este comitê pretende continuar por este caminho, seremos obrigados a pedir auxílio à Associação de Professores da Universidade de Toronto e à Associação Canadense dos Professores Universitários, assim como a tomar todas as medidas legais cabíveis. Gostaria de alertar os auditores contra os perigos de difamar meu cliente.

O pró-reitor abanou a mão no ar com desdém.

– Sente-se. Não aceitamos ameaças.

Ele esperou até John se sentar antes de jogar a caneta na mesa à sua frente. Tirou os óculos e os pousou ao lado da caneta.

– Uma vez que tudo indica que chegamos apenas à ponta de um iceberg, talvez seja melhor suspendermos esta audiência para darmos início a uma investigação mais aprofundada.

Gabriel cerrou os dentes, sabendo que a demora comprometeria ainda mais a admissão de Julia em Harvard.

– Antes de suspendermos a audiência, creio que a Srta. Mitchell deveria ter a oportunidade de apresentar sua versão dos fatos sem a presença do professor Emerson –

disse a professora Chakravartty, meneando a cabeça para Julia. – O professor Emerson é um homem poderoso. Talvez, Srta. Mitchell, a senhorita estivesse preocupada com sua reputação e ele tenha se aproveitado disso. Talvez acredite que a relação seja consensual agora, mas será que sempre foi assim? Mais de uma testemunha relatou que ele foi muito ríspido com a senhorita no semestre passado.

John ficou de pé com um pulo, quase apoplético.

– Isto é um absurdo! Dr. Aras, o senhor não vai fazer nada enquanto meu cliente é caluniado por um dos auditores? Quero que minha objeção seja registrada. E que conste também que pretendo dar queixa junto à pró-reitoria sobre o comportamento antiético da Dra. Chakravartty.

– Quero que o professor fique – disse Julia em voz baixa.

– Muito bem. – O tom de voz da professora Chakravartty se tornou mais brando. –

Estou certa de que esta situação é estressante e perturbadora. Mas a senhorita deve saber que o comitê já está ciente do e-mail que enviou ao professor Emerson, no qual pedia

que ele parasse de assediá-la. Volto a reiterar que estamos aqui para descobrir a verdade.

De repente a sala em volta de Julia ficou nebulosa e ela pestanejou. Sons abafados chegaram aos seus ouvidos, quase como se ela estivesse afundando na água. Tudo ficou em câmera lenta, em especial sua mente, conforme a gravidade da revelação da Dra.

Chakravartty se arrastava pela sua pele como um dedo gelado.

Meagan entregou algumas folhas de papel para John e Soraya.

John deu uma olhada rápida nelas antes de jogá-las de lado.

– É completamente inadequado que os senhores nos surpreendam com documentos que não foram mencionados na carta enviada ao meu cliente.

– Isto não é um julgamento. É apenas uma audiência investigativa. Não temos obrigação legal de revelar informação alguma, Sr. Green. Professora Chakravartty, por favor, prossiga. – O pró-reitor se recostou em sua cadeira, dedicando toda sua atenção a Tara.

– Sei que a senhorita não deu queixa de assédio sexual contra o professor Emerson.

Mas ainda não é tarde demais para fazer isso. Se quiser, podemos dispensá-lo para discutirmos o assunto.

John balançou a cabeça.

– Meu cliente nega terminantemente qualquer tipo de assédio, sexual ou não, à Srta.

Mitchell. Se alguém deveria ser investigado por assédio, essa pessoa deveria ser Christa Peterson, que foi quem instigou de má-fé toda esta confusão.

– Não se preocupe, a Srta. Peterson irá responder pelos seus atos – disse o professor Mwangi com uma voz suave, sem rodeios. – Srta. Mitchell, também estou interessado na troca de e-mails entre vocês, na qual a senhorita pede ao professor Emerson que pare de assediá-la. Pode nos dizer em que contexto

escreveu isso?

– Foi um erro. – A voz de Julia soou baixa, mas ainda assim ecoou em alto e bom som pela sala.

– Um erro? – repetiu a professora Chakravartty.

– Nós tivemos... um mal-entendido. Eu jamais deveria ter usado a palavra assédio. Eu estava com raiva. Não foi o que quis dizer.

Soraya começou a sussurrar no ouvido de Julia, mas ela se afastou, retorcendo as mãos.

– Não houve assédio algum. Por isso não dei queixa.

A professora Chakravartty encarou Julia com uma expressão cética antes de se dirigir ao pró-reitor:

– Gostaria de propor a suspensão desta audiência. Tenho muitas perguntas sem resposta que gostaria de fazer às demais testemunhas. E gostaria de entrevistar a Srta. Mitchell em um ambiente menos hostil. – Ela lançou um olhar fulminante na direção de Gabriel.

– A Srta. Mitchell negou a acusação. Ela não deu queixa do meu cliente e, de acordo com o parágrafo 10º da política da universidade sobre assédio sexual, ela não pode ser coagida a fazer isso. Que tal seguirmos em frente?

– Não preciso que me diga como conduzir esta audiência, Sr. Green – disse o pró-

reitor, perdendo a paciência. – Iremos levar todo o tempo necessário para investigar qualquer questão relevante ao caso que temos diante de nós.

O Dr. Aras chamou os demais auditores com um gesto, pedindo que se aproximassem para que pudessem confabular. A simples menção de um adiamento fez o coração de Julia disparar e ela fitou Gabriel, cujo rosto estava muito vermelho, com olhos assustados.

Poucos minutos depois, o pró-reitor pôs os óculos de volta e correu os olhos pela sala.

– Seguindo a sugestão da professora Chakravartty, eu irei suspender esta audiência. A senhorita foi honesta, Srta. Mitchell, e lhe agradeço por isso. Mas o senhor, professor Emerson, não nos contou nada. Sua recusa em cooperar não nos deixou escolha senão voltarmos a falar com todas as testemunhas. Em especial, tenho algumas perguntas que gostaria de fazer ao chefe do seu departamento, o professor Martin. Se o relacionamento entre vocês dois tiver sido consensual, ambos correm o risco de terem violado as regras de relacionamento. E a senhorita, Srta. Mitchell, possivelmente cometeu perjúrio no que diz respeito a quando o relacionamento em questão de fato começou. Por outro lado, o e-mail que enviou ao professor é incompatível com suas declarações. Há também a questão da bolsa M. P. Emerson, que a senhorita menciona no e-mail. Não permitirei que esta audiência se torne um julgamento precipitado. Portanto, precisamos de um adiamento para concluir nossa investigação. Esse adiamento pode ser de várias semanas, dependendo de quanto as testemunhas estejam dispostas a cooperar. É claro que, se preferirem evitar um adiamento, podem responder a nossas perguntas. – Com essas palavras, o pró-reitor lançou um olhar severo para Gabriel e John.

Julia observou Gabriel fechar os olhos, os lábios se movendo como se ele sussurrasse algo para si mesmo. Então seus olhos se abriram de repente e ele se levantou.

– *Chega!* – bradou.

Seis pares de olhos se voltaram para o rosto irritado do professor, que lançava um olhar fulminante e desafiador para os auditores.

– Não será preciso adiamento algum. Eu vou cooperar. – O maxilar de Gabriel estava

tenso, seus olhos azuis faiscavam.

Julia sentiu um aperto no peito.

– Parece que enfim conseguimos sua atenção, professor Emerson, além de convencê-lo a sair de trás do seu advogado – falou Mwangi com sarcasmo.

– Esse comentário está abaixo do seu nível – retrucou Gabriel, com um gesto de desdém.

O pró-reitor interrompeu a disputa de “quem pisca primeiro” entre os dois homens.

– O senhor está disposto a responder às perguntas deste comitê? – perguntou ele.

– Sim.

Assim que John se recuperou do susto, ele se levantou para ficar ao lado de Gabriel.

– Dr. Aras, meu cliente me contratou para aconselhá-lo. Poderia nos conceder um instante?

O pró-reitor assentiu e John começou a sussurrar apressadamente ao ouvido de Gabriel.

Julia pôde ver que ele não estava gostando do que John lhe dizia e o observou fazer as palavras “*Não, não, não*” com a boca.

Logo em seguida, Gabriel dispensou John com um olhar mortífero.

– Estou disposto a responder a toda e qualquer pergunta, mas não com a Srta. Mitchell presente. Algumas das respostas que pretendo dar são de cunho pessoal e por vários...

motivos, prefiro que elas permaneçam confidenciais.

O pró-reitor avaliou Gabriel com um olhar atento e concordou com a cabeça.

– Muito bem. Srta. Mitchell, a senhorita está dispensada por ora, mas, por favor, permaneça no prédio. Talvez sua presença seja requisitada em breve.

– Se o professor Emerson tiver intenção de difamar minha cliente, ele pode fazê-lo na nossa frente – protestou Soraya.

– O acordo coletivo com o sindicato dos professores garante a confidencialidade em procedimentos disciplinares. – A voz do pró-reitor ficou muito fria. Ele se consultou com seus colegas por alguns instantes, então meneou a cabeça na direção de Julia. – Se o professor Emerson oferecer um testemunho que implique a sua cliente, vocês terão direito a réplica. Qualquer questão não relacionada ao

seu caso, Srta. Mitchell, permanecerá confidencial. Srta. Harandi, Srta. Mitchell, por ora estão dispensadas.

Minha assistente irá avisá-las quando sua presença for necessária.

Soraya balançou a cabeça, mas agarrou o braço de Julia e tentou puxá-la em direção à

porta no fundo da sala.

Julia fincou os pés no chão.

– Nosso relacionamento foi consensual. Eu sabia o que estava fazendo e não me arrependo. *Nem um pouco*. Não foi só um caso. E não houve assédio.

O pró-reitor não pôde deixar de notar quando o professor Emerson começou a esfregar os olhos e a boca, praguejando em voz baixa.

– Srta. Mitchell, a senhorita terá direito a réplica. Agora, por gentileza...

Soraya se apressou em arrastar Julia dali. Ela tentou em vão encontrar o olhar de Gabriel antes de sair, mas ele estava cabisbaixo, de olhos fechados.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

–Oquê? – o professor Jeremy Martin falava ao telefone do escritório, quase gritando.

Do outro lado do campus, Meagan, a assistente do pró-reitor, deu as costas aos auditores enquanto se preparava para falar mais alto.

– Eu disse que o pró-reitor gostaria de lhe fazer algumas perguntas sobre o professor Emerson e Julianne Mitchell. O professor Emerson acabou de confessar ter violado várias regras da universidade em relação a ela. Poderia continuar na linha, por favor?

Vou colocar o senhor no viva-voz.

– Santo Deus – sussurrou Jeremy, boquiaberto.

– Professor Martin? Os auditores gostariam de falar com o senhor. – Meagan se

virou e cruzou o olhar com o pró-reitor.

– Já estou a caminho. Peça ao pró-reitor que não faça nada até eu chegar! – Jeremy bateu o telefone com força e se apressou em sair do escritório, esquecendo-se de fechar e trancar a porta.

Saiu correndo do prédio e atravessou o Queen's Park, parando apenas para não ser atropelado em meio ao tráfego do centro da cidade. Quando terminou de cruzar os poucos quarteirões que o separavam de onde o comitê estava reunido, estava sem ar, descabelado e irritadíssimo por perceber quanto estava fora de forma.

– Parem – disse ele, ofegante, irrompendo pelas portas. Ele apoiou as mãos nos joelhos para recuperar o fôlego.

– Obrigado por se juntar a nós, professor Martin. – O tom do pró-reitor era sarcástico.

– Eu vim... o mais rápido... que pude. O que... está havendo?

O pró-reitor fez sinal a sua assistente para que levasse um copo d'água para o professor, que o tomou com gratidão. Enquanto bebia, teve tempo de localizar Gabriel, sentado de forma estoica ao lado do seu advogado.

O pró-reitor franziu o cenho.

– Parece que as coisas estão fora de ordem no seu departamento. O professor Emerson acabou de confessar ter assediado a Srta. Mitchell e iniciado um relacionamento amoroso com ela ainda durante seu curso. Gostaria de saber há quanto tempo o senhor

está ciente disso.

– Como? – Jeremy puxou uma cadeira e se deixou cair nela.

– O senhor nos disse que o professor Emerson revelou seu relacionamento com a Srta.

Mitchell este semestre, mas não conseguia se lembrar de quando. Eu me pergunto se chegou a suspeitar que os dois estivessem envolvidos no semestre

passado.

As sobrancelhas de Jeremy se uniram numa expressão confusa.

– Se eu... o quê?

– Gabriel Emerson tentou ocultar o caso com sua aluna ao transferir a orientação da dissertação da Srta. Mitchell e a avaliação de seu trabalho de conclusão de curso para Katherine Picton – explicou o professor Mwangi. – O senhor estava ciente disso? E

desde quando?

A expressão de Jeremy ficou carregada.

– Com todo o respeito, quem está sendo julgado aqui, eu ou Emerson? Fui informado de que os senhores queriam me fazer perguntas sobre uma questão referente a Gabriel e à Srta. Mitchell. Não fui avisado de que estava sob suspeita, caso contrário teria informado a Associação de Professores e trazido meu representante do sindicato.

O professor Mwangi fechou abruptamente a boca.

– Jeremy, não há motivo para ser defensivo. Estamos apenas interessados em saber se você pode ou não lançar alguma luz sobre o relato que o professor Emerson nos forneceu. Nada mais.

O pró-reitor lançou um olhar intimidador para Robert.

– Podemos voltar à questão da cronologia dos fatos em instantes. Estou interessado em um e-mail que a Srta. Mitchell enviou ao professor Emerson, no qual ela o acusa de assédio e diz que devolveria a bolsa M. P. Emerson. O que pode nos dizer a respeito disso?

Os olhos de Jeremy se arrastaram em direção aos de Gabriel.

Não conseguia entender por que ele havia confessado; não fazia sentido. Gabriel teria muito mais chances de evitar qualquer tipo de ação disciplinar se ficasse calado. Ao confessar, havia deixado sua carreira nas mãos do pró-reitor, numa atitude que só poderia ser descrita como um *hara-kiri* acadêmico. Além disso,

Gabriel havia implicado Jeremy com sua confissão e ele não estava nem um pouco satisfeito com isso.

– Não tenho conhecimento de nenhum tipo de assédio. Durante toda a minha gestão como chefe do Departamento de Estudos Italianos, mantive um histórico impecável de

respeito às regras da universidade. – Ele lançou um olhar para Meagan. – E gostaria que meu histórico administrativo fosse incluído na ata desta auditoria.

O pró-reitor fez sinal para sua assistente, concordando com a exigência de Jeremy.

Ele olhou para os auditores.

– A Srta. Mitchell prestou uma queixa de assédio?

Os auditores negaram com a cabeça.

– Posso ver o e-mail?

O pró-reitor meneou a cabeça para Meagan, que se apressou a entregar uma folha de papel a Jeremy.

Ele aproveitou a oportunidade para ganhar tempo e tentar organizar seus pensamentos, na esperança de que a linguagem corporal de Gabriel lhe desse alguma pista quanto ao que estava passando pela cabeça dele. Mas Gabriel continuava sem encará-lo, mantendo-se apenas sentado ali com uma expressão impassível e os punhos cerrados.

– Uma vez que a Srta. Mitchell nunca fez uma denúncia de assédio, só posso inferir que ela mudou de ideia. Talvez tenha mandado o e-mail de forma impulsiva e se arrependido depois. Ao que parece, não guardou rancor em relação ao comportamento dele. – Jeremy devolveu o papel a Meagan.

– O que sabe a respeito da bolsa? – perguntou a professora Chakravartty.

Jeremy olhou de relance para o pró-reitor.

– Eu alertei o pró-reitor por e-mail de que o Departamento de Doações foi

contatado por uma organização filantrópica americana de cujo nome não me lembro. O doador gostaria de conceder uma bolsa ao melhor aluno ou aluna do mestrado do meu departamento. É tudo o que sei.

– Qual a relação entre o professor Emerson e a bolsa? – perguntou o pró-reitor.

Jeremy deu de ombros.

– Nenhuma.

O professor Mwangi cruzou os dedos sobre a mesa à sua frente.

– É difícil de acreditar. Há uma coincidência de nome, departamento e estudante. A Srta. Mitchell parece ter associado a bolsa ao professor Emerson: por que outro motivo ameaçaria devolvê-la?

Jeremy abriu um sorriso irônico.

– O senhor se lembra de como era ser aluno de mestrado? Viver à base de café, macarrão instantâneo e sem dormir? Alunos da pós apresentam toda sorte de comportamentos instáveis sob essas condições. Estou certo de que todos nós já vimos coisas piores.

Ele então prosseguiu, meneando a cabeça na direção de Gabriel:

– Posso garantir aos senhores que o professor Emerson não tem nada a ver com essa bolsa. Fui eu quem a concedi, com base no fato de que a Srta. Mitchell era a melhor aluna de mestrado do nosso programa. Os senhores podem falar com Tracy no Departamento de Doações sobre a organização que ofereceu a bolsa e pedir que ela lhes mostre toda a papelada.

Gabriel se esforçou ao máximo para esconder seu espanto diante do fato de seu chefe o estar defendendo. Ele se remexeu na cadeira, passando uma das mãos pelo cabelo enquanto esperava para ver qual seria a reação do pró-reitor.

– Isso não será necessário. – O pró-reitor tirou seus óculos e mordiscou a ponta de uma das hastes, pensativo. – Como já sabe, o professor Emerson confessou, assumindo total responsabilidade por seu envolvimento com a Srta. Mitchell. Admitiu ter se aproveitado da sua vulnerabilidade, prometendo que iria “resolver” a situação dela. O fato de ele ter recorrido à professora Picton parece

comprovar isso, assim como o nervosismo da Srta.

Mitchell durante a audiência. Uma vez que o professor Emerson estava numa posição de poder em relação à sua aluna e mais de uma testemunha relatou que a princípio ele a tratou com muita rispidez, não acreditamos que o relacionamento entre os dois tenha sido consensual.

Com essas palavras, o pró-reitor cruzou seu olhar com o da professora Chakravartty, que assentiu, triunfante.

– Consequentemente, estamos inclinados a perdoar o perjúrio da Srta. Mitchell, uma vez que está claro que foi cometido sob pressão, e iremos desconsiderar todas as acusações contra ela. A menos que o senhor possa sugerir algum motivo para agirmos de outra forma.

Gabriel lançou um olhar tão incisivo para Jeremy que ele quase se encolheu.

– Não, não vejo motivo para que a Srta. Mitchell seja punida. – Jeremy puxou a gola da sua camisa, desconfortável.

– Nós iremos sugerir à Srta. Mitchell que considere a hipótese de dar queixa de assédio.

Dito isso e levando em conta a honestidade do professor Emerson, não tenho intenção de prolongar ainda mais esta questão. Eu me pergunto, no entanto, se deveria recomendar à pró-reitoria que o seu departamento seja alvo de uma investigação. Estamos enfrentando

um processo judicial movido por uma de suas alunas, a Srta. Peterson. E a Srta. Mitchell deu queixa de assédio contra ela. São muitos episódios lastimáveis para um só semestre, professor Martin. O que está havendo no seu departamento? – O pró-reitor encarou Jeremy com um olhar severo.

Jeremy se empertigou.

– Estou tão surpreso e transtornado quanto o senhor. Mas não posso ser culpado por não me intrometer na vida pessoal dos membros do meu departamento.

– Não, mas esperamos que seja capaz de providenciar um ambiente seguro para os seus alunos, em especial as mulheres. – O tom de voz da professora

Chakravartty era frio e condenatório.

O pró-reitor assentiu na direção dela.

– Não obstante, estou ciente do seu histórico impecável e da reputação do seu departamento. Por isso gostaria de pedir sua opinião quanto ao que devemos fazer em termos de punição para essas violações das regras da universidade e o convido a se juntar a nós para discutir a questão. – O pró-reitor gesticulou para que Jeremy se aproximasse.

Jeremy pigarreou.

– Obrigado. Mas antes gostaria de ter uma palavra com o professor Emerson.

– O testemunho dele foi registrado na ata. Meagan pode lhe providenciar uma transcrição.

– Uma vez que sou supervisor dele, preferiria fazer minhas próprias perguntas. Não creio que o senhor vá negar esse meu direito como chefe do departamento.

O pró-reitor fechou a cara.

– Muito bem. O senhor tem cinco minutos.

Meneando a cabeça, Jeremy se encaminhou para a porta, esperando que Gabriel o acompanhasse.

Quando John fez menção de segui-lo, Gabriel o dispensou com um gesto e andou devagar em direção ao seu velho amigo, os ombros curvados.

– Que merda foi essa que você fez? – sibilou Jeremy, virando-se de costas para os auditores.

Gabriel se colocou na mesma posição.

– Eles iriam dar início a um inquérito mais aprofundado. Julianne teria perdido a vaga

em Harvard, isso sem falar que corria o risco de ser punida por fraude acadêmica e perjúrio.

– O que você acha que vai acontecer agora, porra? O pró-reitor pode demitir você!

– Antes de eu testemunhar, meu advogado pediu leniência. O pró-reitor concordou, desde que eu não esteja envolvido em nenhuma atividade criminosa.

Jeremy esfregou o rosto com as mãos.

– Então você simplesmente confessou tudo? Está louco? Devia ter mantido a boca fechada.

– E arruinar a vida de Julianne? De jeito nenhum!

Jeremy encarou seu colega com um olhar demorado e frio.

– Eles podem revogar seu direito de estabilidade. Se for demitido, nenhuma universidade vai querer saber de você. Será o fim da sua carreira.

O rosto de Gabriel ficou duro.

– Não me importo.

– Mas eu me importo! – exclamou Jeremy, furioso. – Não vou perder um dos meus melhores professores por causa de uma aluna. Com todos os cortes de verba que o nosso departamento está sofrendo, talvez nem consiga substituí-lo. Já é ruim o suficiente termos apenas um especialista em Dante. Como vou administrar um departamento decente sem nenhum?

– Isso não é problema meu.

– Não é o cacete! – Jeremy o fuzilou com o olhar. – Você e Julianne e... e aquela tal de Christa estão arruinando meu departamento. Mesmo que eu consiga permissão para substituí-lo, quem vai querer trabalhar para mim quando a notícia do processo judicial de Christa vier à tona? Isso sem falar no seu caso com Julianne!

– Não é um caso – sussurrou Gabriel, teimoso. – O pró-reitor prometeu confidencialidade total. Por isso concordei em falar oficialmente.

Jeremy balançou a cabeça, incrédulo.

– Você não entende mesmo, não é? Eu sou seu amigo. E você me fez passar por imbecil na frente do meu chefe. É bem possível que eles me investiguem para descobrir o que eu sabia e quando fiquei ciente. Terei que comparecer diante de só Deus sabe quantas comissões e provavelmente do comitê disciplinar.

– Sinto muito – falou Gabriel, tenso.

– E tem que sentir mesmo. Pareço um idiota que deixou um professor tarado fazer gato e sapato de duas alunas. Você tem sorte de ser Tara que está neste comitê, e não a chefe do Departamento de Estudos Feministas. Ela teria pendurado você pelo saco no meio do campus.

Gabriel endireitou os ombros.

– Direi a eles que você não sabia de nada e arcarei com as consequências.

Jeremy se aproximou um passo, olhando dentro dos olhos do seu colega mais jovem.

– Não me venha bancar o mártir. Você está prejudicando muita gente nesta sua missão para proteger sua conquista. Agora é o meu que está na reta. O que você acha que vai acontecer com ela se for despedido?

– Se eles tentarem me despedir, entrarei com um processo.

Jeremy levou as mãos à cintura.

– Vai ser tarde demais. Assim que for demitido, o pessoal em Harvard vai ficar sabendo e o mestrado de Julianne estará maculado. Você terá arruinado a reputação dela, a minha e a de todos os outros professores e alunos do meu departamento. Estaremos todos marcados por sua causa. – Jeremy balançou a cabeça. – Como pôde fazer isso conosco?

Gabriel ficou calado, abrindo e fechando lentamente os punhos.

Jeremy xingou alto e estava prestes a lhe dar as costas quando Gabriel agarrou seu braço.

– Sinto muito.

– Tarde demais para desculpas.

– Não percebi que isso teria implicações para você e todos os outros. Não sei onde estava com a cabeça. – Gabriel se deteve, uma expressão atormentada em seu rosto. –

Ajude-nos. Por favor.

Jeremy o encarou, sem acreditar no que estava vendo. O professor Emerson parecia em pânico, desesperado, com uma expressão que ele nunca tinha visto antes.

– Você causou um estrago sem tamanho ao tentar protegê-la. Deveria ter negado tudo.

– Então o pró-reitor a teria punido ou arrastado a investigação por tempo indeterminado.

– Ela poderia ter se candidatado de novo no ano que vem.

– E seria rejeitada na mesma hora. Quanto mais tempo a investigação continuasse em

aberto, maior a probabilidade de detalhes vazarem. A comunidade acadêmica é pequena e você sabe disso.

– É claro que sei. – Jeremy tornou a balançar a cabeça. – E você deveria saber que não devia trepar com uma aluna.

O rosto de Gabriel ficou vermelho e ele deu um passo ameaçador à frente.

– Eu não trepei com ela.

– O cacete que não. Agora estamos todos fodidos – falou Jeremy, perdendo a paciência.

As narinas de Gabriel se dilataram e ele conteve uma resposta mordaz.

Jeremy lançou um olhar demorado e penetrante ao amigo.

– Minha prioridade é o meu departamento. Mas não quero ver a sua vida ou a de

Julianne arruinadas. Jovens demais já sofreram nas mãos dos seus professores, concorda?

Gabriel ficou calado, seus lábios apertados.

– Eu vou ajudar você, mas vamos fazer isso do meu jeito. Entendido? Não vou me arriscar tanto só para você ferrar com tudo outra vez.

Gabriel se deteve. Então concordou com a cabeça.

– Agora tudo o que precisamos fazer é convencer o pró-reitor a ficar satisfeito com um pedaço do nosso rabo em vez de querer nossa cabeça – disse.

Mal dando atenção ao amigo, Jeremy se encaminhou para a frente da sala e se juntou ao auditores que ali deliberavam.

Gabriel baixou a cabeça, dando um suspiro contido de alívio.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Quando Meagan conduziu as duas mulheres de volta à sala, Julia já havia roído as unhas até os sabugos e a adrenalina de Soraya estava no limite.

Os olhos de Julia foram imediatamente atraídos para Gabriel, mas o que ela viu a deixou perturbada. Seus ombros estavam curvados e ele estava inclinado para a frente na cadeira, com as mãos unidas entre os joelhos, tensas, e a cabeça baixa.

Ficou olhando para ele, tentando forçá-lo a retribuir o olhar.

Mas foi em vão.

O professor Martin estava sentado ao lado de Gabriel, de braços cruzados. Não parecia nada feliz.

– Srta. Mitchell, permita-me ir direto ao ponto. Tendo em vista o testemunho do professor Emerson, a senhorita está dispensada. Informaremos a Secretaria de que a nota que lhe foi atribuída no curso do professor Emerson deverá ser mantida.

Julia ficou boquiaberta ao ouvir o pronunciamento do pró-reitor.

– Faremos tudo ao nosso alcance para garantir que a senhorita não seja ainda mais prejudicada. – O professor lançou um olhar fulminante na direção de Gabriel. – Se o professor Emerson lhe causar qualquer tipo de problema ou se tiver qualquer preocupação quanto à repercussão do seu envolvimento com ele no passado, tenha a gentileza de comunicar ao professor Martin imediatamente. A senhorita tem toda a liberdade de prestar uma queixa de assédio contra o professor Emerson, mas deve fazê-lo em um prazo de até 60 dias após a entrega do seu último trabalho acadêmico.

O pró-reitor meneou a cabeça para Soraya.

– Tenho certeza de que a sua advogada poderá lhe explicar os detalhes da política da universidade no que se refere a assédios. Também estou ciente de que prestou uma queixa contra a Srta. Peterson, mas esperamos que vocês duas retirem as denúncias uma contra a outra, levando em conta o resultado desta audiência. A senhorita está liberada.

Ele começou a remexer seus papéis.

– Obrigada, Dr. Aras. – Soraya abriu um largo sorriso e trocou um aceno de cabeça e um olhar significativo com Tara.

– Não sou vítima de nada – insistiu Julia, teimosa.

– Perdão? – falou o pró-reitor, olhando por sobre a armação dos óculos.

– Eu disse que *não sou vítima*. Nosso relacionamento é consensual. – Ela se virou para encarar Gabriel. – O que está havendo?

Gabriel manteve os olhos fixos no chão.

– Srta. Mitchell, o comitê fez questão de levar em conta o relato do professor Emerson

– disse o professor Mwangi em tom gentil. – Mas, tendo em vista sua confissão, consideramos que ele deve ser responsabilizado pelos seus atos. O que inclui assegurar o bem-estar da senhorita.

– Meu bem-estar está relacionado a ele. Se ele vai ser punido, então que eu também seja.

Ela deu um passo em direção à mesa atrás da qual os membros do comitê estavam sentados.

Gabriel ergueu a cabeça de repente, lançando um olhar furioso para Julia.

– Srta. Mitchell, a universidade tem o dever de evitar que seus alunos sejam molestados por seus orientadores. Por favor, deixe-nos fazer nosso trabalho. – O tom de voz da professora Chakravartty não deixava de ser compassivo.

– Nós fizemos isso juntos. Se ele é culpado, eu também sou.

– Não necessariamente.

– Então me contem o que ele falou! Vocês precisam me dar a oportunidade de contra-argumentar. – Julia olhou em pânico para os rostos dos auditores, um a um, esperando que alguém, *qualquer um* deles, cedesse.

– O professor Emerson admitiu ter se envolvido em um relacionamento impróprio com a senhorita enquanto era aluna dele. A professora Picton confirmou que avaliou o seu trabalho de conclusão de curso e orientou sua dissertação. Então estamos dispostos a ser lenientes com ele. A menos que a senhorita insista no contrário.

– É claro que insisto no contrário! Quero que ele seja inocentado!

Os auditores balançaram a cabeça.

– Por que acreditam nele e não em mim? Eu sou a aluna. Vocês deveriam dar mais peso ao meu testemunho. Ele não me fez mal algum. Precisam acreditar em mim! – Julia estava desesperada, à beira das lágrimas.

– Srta. Harandi, controle sua cliente – disse o pró-reitor, irritado, elevando o tom de voz.

– Por favor – falou Julia, se aproximando mais um passo dos auditores. – Precisam acreditar em mim. Precisam inocentá-lo!

– Pediremos à senhorita e a todas as outras partes envolvidas que assinem um acordo de confidencialidade que serve tanto para a sua proteção quanto para a integridade desta audiência. Volto a dizer que, se a senhorita tiver alguma

dificuldade, deve informar o professor Martin. – Com essas palavras, o pró-reitor meneou a cabeça para Soraya.

– Venha, Julia. – Soraya puxou seu braço, em vão. – Vamos embora antes que eles mudem de ideia.

– Gabriel, o que aconteceu?

Julia deu um passo em sua direção, mas a ponta da sua bota ficou presa no carpete e ela caiu de joelhos.

Foi então que enfim cruzou olhares com Gabriel, que baixou os olhos em sua direção.

Ela respirou fundo ao notar que seus olhos azul-escuros estavam frios e vazios. Ele baixou a cabeça.

No mesmo instante, o fogo nas veias dela se transformou em gelo.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

–Há algo de podre no reino da Dinamarca. – Soraya se recostou no balcão do banheiro feminino, vendo sua cliente chorar baixinho numa cadeira. Ela sacou seu BlackBerry da maleta, descendo a barra de rolagem por seus e-mails antes de voltar a guardar o maldito aparelho. – Eu conheço John. O plano dele teria sido não dizer nada e então mover um processo judicial. Ele teria tentado mostrar que a culpa era *toda sua*, preparando o terreno para a defesa de Gabriel. Jamais teria aceitado esse resultado.

Soraya encarou sua cliente com um olhar severo.

– Você sabe de alguma coisa? Algum segredo que Gabriel talvez tenha medo de que seja revelado? Algo extremamente prejudicial?

Julia balançou a cabeça com veemência. O vício em drogas de Gabriel era passado, assim como sua promiscuidade desenfreada, incluindo sua relação com a professora Singer. É claro que havia a questão das gravuras de Botticelli adquiridas no mercado negro, mas isso não tinha tanta importância e ela jamais revelaria a existência delas para ninguém, muito menos para Soraya.

– Tem certeza? – A advogada estreitou os olhos.

– Não sei de nada – fungou Julia, limpando o nariz com um lenço.

Soraya sacudiu seus cabelos longos e negros.

– Então Gabriel também deve estar escondendo algo de você. Não consigo imaginar nada mais prejudicial para ele do que confessar um relacionamento impróprio com um aluna. Pensei que tinha me dito que não dormiu com ele até dezembro, não foi?

– Exatamente.

– Então por que Gabriel diria a eles que vocês já estavam juntos quando você ainda era aluna dele?

– Você acha que eles vão demiti-lo? – perguntou Julia, mudando de assunto.

– Não. – Soraya suspirou com força. – Emerson tem estabilidade e, a julgar pela linguagem corporal dos membros do comitê, tem o apoio do chefe do departamento. Mas quem sabe? David é um hipócrita desgraçado.

– Você acha que Gabriel mentiu para me proteger?

Soraya conteve um sorriso condescendente, pois aquela não era hora para sorrisos.

– Os seres humanos são egoístas. Ele estava se protegendo... escondendo algum segredo que não queria que viesse à tona ou trocando uma confissão por leniência.

Gabriel se rebelou e não quis deixar John negar as acusações. Caso contrário, ainda estaríamos sentadas no corredor, esperando.

Julia parou diante da pia e lavou o rosto e as mãos, tentando ficar apresentável.

Soraya balançou a cabeça.

– Não quero ser insensível, mas não acho que deveria estar desperdiçando suas lágrimas com ele.

– O que quer dizer com isso?

– Estou certa de que você foi um passatempo intrigante, em comparação às outras mulheres que ele já teve. Ele provavelmente disse coisas bonitas para levá-la para a cama e manter sua boca fechada. Mas não se pode confiar em homens como Gabriel. E

eles nunca mudam.

Ao ver a expressão horrorizada de Julia, ela se apressou em prosseguir:

– Eu não ia dizer nada, mas uma amiga minha saiu com ele algumas vezes. Eles se conheceram numa boate há cerca de um ano e acabaram trepando no banheiro. Um belo dia, no outono passado, Gabriel telefonou para ela do nada. Mais uma noite de sexo e ela nunca mais ouviu falar dele. Era como se tivesse sumido. – Soraya avaliou a reação de Julia. – Por que você iria querer ficar com alguém assim? Ele provavelmente estava comendo outras mulheres durante todo o tempo que esteve com você.

– Você não conhece Gabriel. Não o julgue – disse Julia em voz baixa, porém agressiva.

Soraya se limitou a dar de ombros e remexer dentro da sua maleta em busca do batom.

Julia fechou os olhos e respirou fundo, tentando processar aquelas novas revelações.

Gabriel e eu começamos a nos aproximar no outono passado... Será que ele estava saindo com outra pessoa enquanto me mandava flores e e-mails? Será que mentiu para mim sobre Paulina?

Julia não sabia no que acreditar. Seu coração lhe dizia para confiar em Gabriel, mas ela não podia negar que Soraya havia plantado a semente da dúvida.

Elas saíram para o corredor e seguiram em direção às escadas, na esperança de conseguirem fugir.

John e Gabriel estavam fazendo a mesma coisa. Nenhum dos dois parecia feliz.

– Gabriel! – chamou Julia.

John lançou um olhar fulminante na direção dela.

– Venha, Gabriel. Você não pode ser visto com ela.

Julia fitou aqueles olhos azuis ambivalentes. Ele já não parecia sentir repulsa; em vez disso, trazia uma expressão grave e ansiosa.

– Já não fez estragos suficientes para um dia só? – perguntou o advogado de Gabriel, irritado, quando Julia deu um passo hesitante na direção dos dois.

– Não fale assim com ela. – Gabriel se colocou entre os dois, protegendo Julia com seu corpo. Continuava se recusando a encará-la.

– Ouçam bem vocês dois: David e seus asseclas vão sair por aquela porta a qualquer momento e eu preferiria não estar mais aqui quando isso acontecer. Então, se precisam dizer alguma coisa um ao outro, que seja rápido – falou Soraya, impaciente.

– Só por cima do meu cadáver – disse John com um olhar furioso. – Já temos problemas suficientes do jeito que está. Venha.

Gabriel lançou um olhar de alerta para o seu advogado e trincou os dentes, virando-se para Julia.

– O que está havendo? Por que você falou para eles que nosso relacionamento era inadequado? – Julia olhou dentro dos olhos carregados e atormentados de Gabriel.

Ele se inclinou para a frente para sussurrar em um tom de voz urgente:

– *Você não tinha noção da sua própria desgraça*.

– O que isso quer dizer?

– Quer dizer que ele acabou de salvar sua pele, isso sim! – interrompeu John, apontando para Julia com desdém. – O que exatamente você esperava conseguir vomitando toda aquela pieguice durante a audiência? Já sabia que você era ingênua, mas como pode ser tão burra?

– John, tire seu dedo da cara da Srta. Mitchell ou vou arrancá-lo. – Gabriel baixou a voz, seu tom calmo, porém arrepiante. – Não fale com ela desse jeito. Nunca. Fui claro?

John fechou a boca.

Soraya aproveitou a oportunidade para colocá-lo na defensiva.

– Minha cliente não precisa desse *teatrinho* que vocês dois estão armando. Não finja que não queria culpá-la por tudo para salvar seu cliente, seu covarde de merda.

John murmurou um xingamento em resposta, porém não falou mais nada.

Julia se virou para analisar os olhos de Gabriel. Contudo, sua máscara continuava firme.

– Por que o pró-reitor disse que eles iriam me proteger de você?

– Temos que ir. Agora. – John tentava separar o casal quando um barulho dentro da sala de conferências os alertou de que os auditores estavam prestes a fazer um intervalo.

– Você foi demitido? – perguntou Julia com a voz trêmula.

Gabriel a encarou com um olhar angustiado, então balançou a cabeça.

– Parabéns, John. Você deve estar orgulhoso – sibilou Soraya. – Teve que vender sua alma para David? Ou seu corpo, talvez?

– Vá à merda, Soraya – disse John.

– Então você manteve seu emprego, mas não pode falar comigo? E quanto à noite passada, Gabriel? – Julia estendeu um dedo trêmulo para ele.

Ele recuou e olhou de esguelha para John e Soraya, balançando a cabeça.

– Você prometeu que nunca me comeria como um animal. Mas e quanto à noite passada? Nenhuma palavra, nenhum *eu te amo*, nem mesmo um bilhete ou torpedo pela manhã. Foi só isso para você? *Uma trepada de despedida?* – O

sussurro de Julia foi estrangulado por um soluço involuntário e ela ergueu a voz: – Quem é o *papa-anjo* agora?

Gabriel se encolheu.

Na verdade, ele mais do que se encolheu: foi como se tivesse cambaleado para trás depois de levar um soco. Ele fechou os olhos e gemeu baixinho, apoiando o peso do corpo nos calcanhares enquanto cerrava os punhos.

Todos observaram sua pele assumir uma palidez fantasmagórica.

– *Assim você me magoa, Julianne* – sussurrou ele.

– Você mantém seu emprego, mas não fala comigo? Como pôde fazer uma coisa dessas? – exclamou ela.

Os olhos dele se arregalaram. Eles eram como duas safiras brilhantes e furiosas.

– Você acha que eu seria capaz de simplesmente aparecer, *trepar com você* e dizer adeus dessa maneira?

Julia observou seus punhos tremerem enquanto ele lutava para não perder o controle.

– Isso aqui *foi* um adeus? – A voz dela ficou embargada na última palavra.

Os olhos de Gabriel penetraram os dela como um raio laser, como se ele estivesse tentando comunicar algo sem palavras. Ele se inclinou para a frente até seu nariz estar a poucos centímetros do dela e baixou a voz até um tom quase inaudível:

– Eu *não* trepei você. *Nunca* trepei com você.

Gabriel recuou um pouco até eles estarem ligeiramente separados. Então respirou fundo, sem pressa.

– Você estava jogando sua vida fora por *nada*... todos aqueles anos de empenho, tudo com que sempre sonhou e sempre quis seria tirado de você *para sempre*. Eu não poderia ficar apenas olhando enquanto você cometia suicídio acadêmico. Eu lhe disse que iria até o Inferno para salvá-la e foi o que fiz. – Ele ergueu o

queixo. – E faria tudo de novo.

Julia saltou para a frente, pressionando um dedo no peito de Gabriel.

– Você não tem o direito de tomar decisões por mim! A vida é minha e os sonhos são meus. Se quiser desistir deles, quem é você para tirar essa decisão de mim? Você deveria me amar, Gabriel. Deveria me apoiar quando decido defender aquilo em que acredito.

Não era isso que queria que eu fizesse? Mas, em vez disso, você faz um acordo com eles e me abandona?

– Querem fazer o favor de calar a boca? – sibilou Soraya. – O pró-reitor vai sair por aquela porta a qualquer momento. Venha, Julia. Agora mesmo.

Ela puxou sua cliente pelo cotovelo, enquanto John tentava se meter no meio dos dois.

– Então é isso? Eles dizem que acabou e está acabado? Você já seguiu as regras alguma vez na vida, Gabriel? Decidiu começar agora? – perguntou Julia, ainda furiosa.

A expressão de Gabriel mudou na mesma hora.

– Eu não tive escolha, Heloísa – sussurrou ele. – As circunstâncias estavam além...

– Achei que fosse *Beatriz*. Mas é claro, Abelardo abandonou Heloísa para manter seu emprego. Então me parece que esse nome é mais do que adequado – falou Julia, indignada, afastando-se dele.

Neste exato momento, o professor Martin chegou ao corredor. Ele fechou a cara e veio andando na direção do grupo.

Gabriel se virou na direção oposta de Jeremy, baixando mais ainda a voz:

– Leia minha sexta carta. Quarto parágrafo.

Julia balançou a cabeça.

– Não sou sua aluna, professor. Não vou aceitar nenhuma tarefa.

Soraya puxou Julia dali e as duas desceram às pressas as escadas no instante em que os auditores atravessavam a porta.

♦♦♦

CAPÍTULO VINTE E SETE

Assim que Julia foi embora, Gabriel entrou às escondidas no banheiro masculino.

Não poderia se arriscar a telefonar para ela, pois Jeremy poderia entrar a qualquer momento, mas não estava nem um pouco convencido de que ela havia entendido o que estava acontecendo. Abrindo uma torneira para fazer barulho, digitou às pressas em seu iPhone um e-mail breve, porém esclarecedor.

Depois de enviá-lo, fechou a torneira e saiu, enfiando o telefone no bolso do paletó.

Esforçou-se ao máximo para parecer taciturno e abatido.

Enquanto se encaminhava em direção aos dois homens, o celular de Jeremy apitou.

Quando Julia acordou na manhã seguinte, a sensação de torpor havia passado. O sono teria sido um bem-vindo alívio da realidade, não fossem os pesadelos. Ela havia sido assombrada por vários sonhos, todos relacionados à manhã em que acordou sozinha no pomar. Estava assustada e perdida e não havia sinal de Gabriel.

Era quase meio-dia quando saiu da cama para conferir suas mensagens. Esperava encontrar pelo menos um torpedo ou um e-mail de uma só linha com algum tipo de explicação. Mas não havia nada.

Ele tinha agido de forma muito estranha no dia anterior. Por um lado, lhe dissera que não havia trepado com ela; por outro, a chamara de *Heloísa*. Julia não queria acreditar que ele fosse tão cruel a ponto de revelar o fato de que estava terminando tudo com um jogo de palavras, mas tinha dito *adeus*.

A sensação de ter sido traída era profunda, pois Gabriel havia lhe prometido que

nunca a abandonaria. Ele lhe pareceu mais do que disposto a voltar atrás em sua promessa, pensou ela, por mais que a universidade não tivesse poder sobre sua vida pessoal, desde que ela não fosse mais sua aluna.

Um pensamento sinistro lhe veio à mente. Talvez Gabriel tivesse se cansado dela e decidido terminar a relação. A universidade teria apenas lhe dado a oportunidade para fazer isso.

Se o confronto com Gabriel tivesse acontecido alguns meses antes, ela teria passado três dias sem sair da cama. Como não foi o caso, ela ligou para o celular dele, disposta a exigir uma explicação. Ele não atendeu. Ela deixou uma mensagem de voz lacônica e impaciente, pedindo que Gabriel retornasse a ligação.

Frustrada, foi tomar banho, na esperança de que aquele tempo lhe permitisse enxergar a situação com maior clareza. Infelizmente, tudo o que conseguia pensar era na noite em Florença em que Gabriel lhe dera banho e lavara seus cabelos.

Depois de se vestir, ela decidiu procurar a sexta carta de Gabriel, para ler o quarto parágrafo. Ele havia lhe deixado uma pista, pensou ela, sobre o que de fato estava acontecendo. Tudo o que precisava fazer era encontrar suas palavras.

Julia não sabia ao certo o que ele estava chamando de *carta*. Queria dizer e-mails ou torpedos? Ou os dois? Se Gabriel estivesse contando os e-mails, cartões e bilhetes que havia escrito para ela desde o começo do relacionamento, então, pelos seus cálculos, a sexta carta seria um bilhete que ele lhe deixara na manhã do dia seguinte à terrível briga que tiveram em sala de aula. Por sorte, ela a havia guardado.

Ela pegou o papel e começou a lê-lo, ansiosa.

Julianne,

Espero que encontre tudo o que precisa aqui.

Se não, Rachel deixou várias coisas no armário do banheiro de hóspedes. Por favor, pegue o que quiser.

Minhas roupas estão à sua disposição.

Escolha um suéter, pois o tempo esfriou hoje.

Seu

Gabriel

Julia não estava exatamente no clima para solucionar enigmas ou se dedicar a uma complexa decodificação de mensagens. Mesmo assim, voltou sua atenção para o quarto parágrafo e tentou descobrir o que Gabriel estava tentando lhe dizer.

Ele lhe emprestara seu suéter verde, mas ela o havia devolvido. Será que Gabriel estava tentando lhe dizer que procurasse uma das roupas que ele havia comprado para ela? Julia pegou tudo o que tinha ganhado de presente ou pegado emprestado dele e pôs todas as peças em cima da cama. Obrigou-se a examinar detidamente cada item. Mas não parecia haver nada fora do comum em nenhum deles.

Será que ele estava tentando lhe dizer para se *agasalhar* contra o mau tempo? Ou simplesmente que seu afeto por ela havia esfriado e que aquilo era um adeus?

Ela ferveu de raiva. Encaminhou-se a passos largos até o banheiro para lavar as mãos, vislumbrando sua imagem no espelho. A garota insegura, de olhos arregalados, que havia começado o mestrado na Universidade de Toronto em setembro não existia mais.

Em seu lugar, Julia viu uma jovem pálida e transtornada, com os lábios franzidos e os olhos faiscantes. Não era mais a Coelhinha tímida ou a Beatriz de 17 anos. Era Julianne Mitchell, prestes a se tornar mestre, e não passaria o resto da sua vida aceitando as migalhas que os outros se dignassem a jogar para ela.

Se ele tem uma mensagem para mim, pode muito bem transmiti-la pessoalmente, pensou. *Não vou sair bancando a detetive só para ele poder tirar um peso da consciência.*

Sim, Julia o amava. Olhando o álbum de fotografias que ele lhe dera de aniversário, ela soube que o amaria para sempre. Mas o amor não é desculpa para a crueldade. Ela não era um brinquedo, uma Heloísa, para ser largada de lado como um par de meias. Se Gabriel estivesse terminando com ela, Julia o faria dizer isso na sua cara. Iria apenas lhe dar até a hora do jantar para fazê-lo.

À noitinha, ela foi andando até o Manulife Building, com a chave do apartamento de Gabriel no bolso. A cada passo, imaginava o que iria dizer. Prometera a si mesma que não iria chorar. Seria forte. E exigiria respostas.

Quando dobrou a esquina e se aproximou da porta de entrada, viu uma loura alta, vestida de forma impecável, sair do prédio. A mulher conferiu seu relógio e bateu o pé com impaciência enquanto o porteiro chamava um táxi parado no acostamento.

Julia se escondeu atrás de uma árvore. Afastou a cabeça de trás do tronco para poder ver melhor.

À primeira vista, achou que a mulher em questão fosse Paulina; mas, quando olhou uma segunda vez, percebeu que estava enganada. Julia suspirou aliviada e se aproximou do prédio. Ver Paulina com Gabriel justo naquele dia seria devastador. Ele certamente não faria uma coisa dessas com ela. Gabriel deveria ser o seu Dante. Deveria amá-la a ponto de cruzar o Inferno para protegê-la, e não aceitar Paulina de volta no momento em que o relacionamento dos dois estava ameaçado.

Um tanto apreensiva, Julia entrou no hall e acenou para o segurança, que a reconheceu.

Achou melhor não anunciar sua presença para Gabriel e pegou o elevador até o seu andar. Estremeceu ao pensar no que poderia descobrir no apartamento dele.

Não se deu o trabalho de bater, apenas usou sua própria chave para entrar, temendo encontrar Gabriel numa situação comprometedora. Mas algo estranho chamou sua atenção assim que ela fechou a porta. Todas as luzes do apartamento estavam apagadas e o closet do hall de entrada aberto e quase vazio, cabides e sapatos espalhados pelo chão.

Não era nada típico de Gabriel deixar as coisas tão bagunçadas.

Ela acendeu várias luzes e largou a chave na mesa em que ele sempre deixava as suas.

Não havia sinal das chaves dele.

– Gabriel? Você está aí?

Ela foi até a cozinha e ficou chocada com o que encontrou. Havia uma garrafa vazia de uísque em cima do balcão, ao lado de um copo quebrado. Pratos e talheres sujos estavam largados na pia.

Preparando-se para o que poderia encontrar, Julia se encaminhou até a lareira, descobrindo apenas uma marca na parede e cacos de vidro no chão. Conseguia ver Gabriel jogando longe seu copo de uísque num acesso de raiva, mas tinha dificuldade de imaginá-lo deixando cacos de vidro no chão para alguém pisar.

Morrendo de preocupação, Julia atravessou a escuridão do corredor em direção ao quarto principal. Havia roupas jogadas sobre a cama, as gavetas da cômoda de Gabriel entreabertas. Seu closet estava igualmente desarrumado e ela notou que muitas de suas roupas não estavam mais lá, tampouco sua mala grande.

Mas o que a fez respirar fundo foram as paredes. Todas as fotos emolduradas dela e de Gabriel tinham sido retiradas e empilhadas na cama, viradas para baixo, deixando as paredes nuas, exceto pelos ganchos em que estavam penduradas antes.

Julia arquejou de horror ao ver que a reprodução do quadro de Holiday de Dante e Beatriz também tinha sido retirada e estava apoiada contra o aparador, a parte de trás da moldura exposta.

Chocada, ela se deixou cair numa cadeira. *Ele foi embora*, pensou.

Julia desatou a chorar, perguntando-se como poderia ter sido tão fácil para ele quebrar suas promessas. Vasculhou o apartamento em vão atrás de um bilhete ou de alguma indicação do paradeiro de Gabriel. Quando passou pelo telefone, cogitou ligar para Rachel. Mas a ideia de ter que explicar que ela e Gabriel haviam terminado era insuportável.

Após olhar uma última vez para o apartamento, ela apagou todas as luzes e estava prestes a sair, mas então se deteve. Algo ainda a incomodava. Fechando a porta de volta, ela retornou ao quarto de Gabriel. Tateou ao redor, procurando alguma coisa. Como não estava encontrando, acendeu a luz.

A fotografia que Rachel havia tirado no Lobby meses antes não estava ali. Gabriel sempre a mantinha em cima da cômoda. Naquela foto, ele e Julia estavam dançando e ele a olhava com fervor.

Julia ficou parada ali por alguns instantes, fitando o espaço vazio. Era possível que ele tivesse destruído a fotografia, pensou. Mas uma rápida busca pelos cestos de lixo no

banheiro e no quarto sugeriu que ele não a havia jogado fora.

Ela não entendia por que Gabriel tinha ido embora nem por que não lhe dera explicação alguma, mas começou a suspeitar de que nem tudo era o que parecia.

Enquanto dava uma última olhada nos cabides vazios no closet, cogitou levar suas roupas consigo, mas só por um instante. Estranhamente, elas já não pareciam suas.

Alguns minutos depois, estava esperando o elevador, sentindo-se exausta e machucada.

Seu nariz começou a escorrer e ela enxugou algumas lágrimas. Ao fazer uma rápida busca em seus bolsos, não encontrou nenhum lenço de papel. Isso fez suas lágrimas caírem mais rápido.

– Tome – disse uma voz masculina ao lado dela, estendendo um lenço.

Julia o aceitou com gratidão, notando as iniciais S. I. R. bordadas no tecido. Enxugou os olhos e tentou devolvê-lo, mas um par de mãos recusou o lenço com um gesto.

– Minha mãe sempre me dá lenços. Tenho dezenas deles.

Ela ergueu o olhar, deparando com olhos castanhos gentis meio escondidos por óculos sem aro, e reconheceu um dos vizinhos de Gabriel. Ele usava um casaco de lã pesado e uma boina azul-marinho.

Quando o elevador chegou, ele fez a gentileza de segurar a porta para ela antes de entrar.

– Algum problema? Posso ajudar? – A voz dele, que tinha um leve sotaque, a trouxe de volta de seus devaneios.

– Gabriel foi embora.

– Sim, esbarrei com ele quando ele estava saindo. – O vizinho franziu as sobrancelhas para as lágrimas que ainda se acumulavam nos olhos de Julia. – Ele não lhe contou?

Achei que a senhorita fosse... – Ele a encarou com expectativa no olhar.

Julia balançou a cabeça.

– Não mais.

– Sinto muito.

Os dois ficaram em silêncio enquanto o elevador continuava a descer. Quando a porta se abriu, ele a segurou para Julia novamente.

Ela se virou para o homem:

– O senhor sabe para onde ele foi?

O vizinho a acompanhou até o saguão.

– Não. Infelizmente não perguntei. Ele não me pareceu nada bem. – O vizinho se inclinou para mais perto e baixou a voz: – Estava mal-humorado e cheirando a uísque.

Nada disposto a conversar.

Julia abriu um fraco sorriso.

– Obrigada. Desculpe o incômodo.

– Não foi incômodo algum. Imagino que ele não tenha lhe dito que estava de partida.

– Não. – Ela tornou a enxugar o rosto com o lenço.

O vizinho começou a balbuciar algo sobre Gabriel em francês. Algo que soava muito como *cochon*.

– Posso lhe dar um recado seu, quando ele voltar – ofereceu-se o vizinho. – Ele costuma bater à minha porta quando fica sem leite.

Julia ficou calada por alguns instantes, então engoliu em seco.

– Diga apenas que ele partiu meu coração.

O vizinho assentiu para ela, de forma relutante e sofrida, antes de pedir licença e se afastar.

Julia saiu em direção ao vento revigorante e começou sua longa e solitária caminhada de volta para casa.

CAPÍTULO VINTE E OITO

Horas após a audiência, Gabriel estava sentado em seu apartamento, cercado pela escuridão. A única luz visível vinha das chamas azuis e laranja que crepitavam em sua lareira. Ele estava cercado por *ela*. Completamente envolvido por sua lembrança e seu fantasma.

Quando fechava os olhos, podia jurar que conseguia sentir seu perfume ou ouvir seu riso ecoar pelo corredor. Seu quarto havia se tornado um templo e era por isso que estava sentado diante do fogo.

Era incapaz de olhar para as grandes fotografias em preto e branco dele e de Julia.

Especialmente para a que estava pendurada sobre a cama – *Julianne em todo o seu esplendor, deitada de bruços com as costas expostas, parcialmente envolvida em um lençol, erguendo os olhos para ele com adoração, seus cabelos desgrenhados pelo sexo e um sorriso doce e saciado nos lábios...*

Cada um dos cômodos evocava lembranças dela – algumas felizes, outras agridoces, como um chocolate amargo. Ele se encaminhou à sala de jantar, se serviu de dois dedos do seu melhor uísque e o engoliu depressa, saboreando a sensação de ardência na garganta. Tentou desesperadamente não pensar em Julia parada diante dele, pressionando um dedo furioso em seu peito.

Você deveria me amar, Gabriel. Deveria me apoiar quando decido defender aquilo em que acredito. Não era isso que queria que eu fizesse? Mas, em vez disso, você faz um acordo com eles e me abandona?

Ao se lembrar da expressão traída nos olhos dela, Gabriel atirou seu copo vazio

contra a parede, observando-o se partir e cair no chão. Cacos de cristal como pedaços de gelo assimétricos se espalharam pelo piso de madeira, reluzindo sob a luz do fogo.

Ele sabia o que precisava fazer; tinha apenas que criar coragem. Pegando a garrafa, seguiu com relutância em direção ao quarto. Mais dois goles depois, conseguiu jogar a mala em cima da cama. Não se deu o trabalho de dobrar as roupas. Mal se importou em levar os artigos mais básicos.

Pensou sobre como era ser banido. Pensou nas lágrimas de Odisseu por estar tão longe de casa, da sua esposa, do seu povo. Agora Gabriel compreendia o exílio.

Quando terminou, colocou a fotografia emoldurada que havia em cima da sua cômoda na mala. Acariciando com ternura o rosto de sua amada, ele bebeu um pouco mais de

♦♦♦

uísque antes de cambalear até o escritório.

Ignorou a poltrona de veludo vermelha, pois, quando se virou para olhá-la, conseguiu vê-la, enroscada como uma gata, lendo um livro. Ela arrastaria o lábio inferior entre os dentes, suas lindas sobrancelhas franzidas, perdida em pensamentos. Teria algum homem amado, adorado, venerado tanto uma mulher?

Apenas Dante, pensou ele. E foi tomado por uma súbita inspiração.

Destrancou uma das gavetas da sua mesa. Aquela era a gaveta da memória. A ultrassonografia de Maia estava ali, junto com os poucos resquícios de sua infância: o relógio de bolso do seu avô, algumas joias que pertenciam à sua mãe, o diário dela e algumas fotografias antigas. Ele retirou uma fotografia e uma ilustração antes de trancar de novo a gaveta, guardando os objetos no bolso. Detendo-se apenas para abrir uma caixa de veludo preta e retirar um anel de lá, ele se encaminhou para a porta.

O ar frio de Toronto deixou Gabriel sóbrio enquanto ele caminhava com determinação rumo à sua sala na universidade. Torcia apenas para encontrar o que precisava.

O prédio do Departamento de Estudos Italianos estava às escuras. Quando

acendeu as luzes da sua sala, foi invadido por recordações. Recordações da primeira vez em que Julia o visitara ali e ele havia sido de uma grosseria inominável. Recordações de quando Julia parara diante da sua porta depois daquela aula desastrosa, dizendo-lhe que não estava feliz. Dizendo-lhe que não queria Paul. Ele esfregou os olhos com a base das mãos, como se pudesse bloquear aquelas visões.

Guardou apenas os arquivos de que precisava e alguns livros em sua sofisticada maleta de couro antes de vasculhar as prateleiras. Pouco depois, encontrou o simples livro de professor e suspirou aliviado. Escreveu algumas palavras, acrescentou seus marcadores de página, então apagou a luz e trancou a porta.

Todos os professores do departamento tinham as chaves da secretaria, onde ficavam a mesa da Sra. Jenkins e os escaninhos. Gabriel usou a luz do seu iPhone para encontrar o que queria. Depositou o livro ali, correndo os dedos com afeto pelo nome que o identificava. Depois de notar com satisfação que havia outros livros de professor em outros escaninhos, saiu da secretaria com o coração pesado.

Paul Norris estava com raiva. O sentimento era direcionado ao homem mais cruel do planeta, Gabriel Emerson, que havia primeiro abusado verbalmente de sua amiga, para depois seduzi-la e, por fim, abandoná-la.

Se Paul fosse fã de Jane Austen, teria comparado o professor Emerson ao Sr. Wickham.

Ou, talvez, a Willoughby. Mas não era.

Não obstante, precisava de toda a sua força de vontade para não esmurrar Emerson até ele perder os sentidos e lhe dar a surra que ele tanto merecera durante todo o ano. Além disso, Paul se sentia traído. Julia estava envolvida, por só Deus sabe quanto tempo, com um homem que chamava de *Owen*.

Gabriel Owen Emerson.

Talvez ela quisesse que Paul descobrisse. Mas nunca lhe passara pela cabeça que Owen era, na verdade, o professor Emerson. Pelo amor de Deus, ele havia xingado o professor e contado a ela segredos a seu respeito. Segredos sobre a professora Singer. E, ao mesmo tempo que aceitava sua solidariedade, Julia vinha dormindo com *ele*. Não é de espantar que tenha jurado de pés juntos que

Owen não tinha mordido seu pescoço, que tinha sido algum outro cretino.

Paul pensou no professor Emerson fazendo coisas depravadas com Julia e suas mãos tão pequeninas. Julia, que era doce e gentil, com suas faces rosadas que coravam com tanta facilidade. Julia, que nunca passava por um mendigo na rua sem lhe dar algo.

Talvez a verdadeira dor daquela traição fosse perceber que a doce Srta. Mitchell tinha dividido lençóis com um monstro que tirava prazer da dor, que tinha sido um brinquedo nas mãos da professora Singer. Talvez Julia *quisesse* esse estilo de vida. Talvez ela e Gabriel convidassem Ann para a cama deles, também. Afinal de contas, Julia tinha escolhido Soraya Harandi para ser sua advogada. Isso não significava que ela tinha algum *contato* com a professora Agonia?

Estava claro que Julia não era quem Paul pensava. Mas suas suspeitas se transformaram em algo mais quando, na segunda-feira após a audiência, ele topou com Christa Peterson saindo da sala do professor Martin.

– Paul. – Ela o cumprimentou com a cabeça de forma presunçosa, ajeitando o relógio em seu pulso.

Ele apontou o queixo em direção à porta do professor Martin.

– Você se meteu em alguma encrenca?

– Ah, não – ela se apressou em dizer, abrindo um sorriso largo demais. – Na verdade, a única pessoa encrencada é Emerson. É melhor começar a procurar outro orientador.

Paul estreitou os olhos.

– Do que está falando?

– Você não perde por esperar.

– Se Emerson me dispensar, também vai dispensar você. Se é que já não fez isso.

◆◆◆

– Quem vai dispensá-lo sou eu. – Ela jogou o cabelo para trás do ombro. – Serei transferida para Colúmbia no outono.

– Não é de lá que Martin veio?

– Mande minhas lembranças para Julia, sim? – Rindo, Christa passou raspando por ele.

Paul foi atrás dela e segurou seu cotovelo.

– Do que você está falando? O que fez contra Julia?

Ela libertou seu braço e apertou os olhos.

– Diga a sua amiguinha que ela se meteu com a mulher errada.

Christa se afastou, deixando Paul parado onde estava, chocado, perguntando-se o que ela teria feito.

Julia não respondeu às mensagens ou aos e-mails preocupados de Paul. Então, na quarta-feira após a audiência, ele estava em frente ao seu prédio, tocando a campainha do seu apartamento.

Ela não atendeu.

Sem se deixar abater, Paul esperou. Aproveitou quando um vizinho saiu do prédio, então entrou e bateu à porta. Bateu várias vezes até uma voz hesitante vir lá de dentro.

– Quem é?

– É o Paul.

Ele ouviu um som que parecia o baque da testa de Julia contra a porta.

– Quis ver se está tudo bem, já que você não atende ao telefone. – Ele fez uma pausa. –

Trouxe sua correspondência.

– Paul... não sei o que dizer.

– Não precisa dizer nada. Deixe-me entrar e me certificar de que você está bem e eu vou embora.

Ele ouviu o barulho de pés se arrastando no chão.

– Julia – chamou ele baixinho. – Sou só eu.

O som de algo raspando ecoou pelo corredor e a porta se abriu com um rangido.

– Oi – falou ele, baixando os olhos para o rosto de uma mulher que não reconhecia.

Ela parecia uma menina, na verdade, pele branca em contraste com os cabelos escuros presos de qualquer jeito em um rabo de cavalo. Círculos roxos contornavam seus olhos,

que estavam injetados e vidrados. Era como se ela não tivesse dormido desde a audiência.

– Posso entrar?

Ela abriu mais a porta e Paul entrou em seu apartamento. Ele nunca o vira tão desarrumado. Havia pratos largados por todo lado, sua cama estava desfeita e a mesa de carteado vergava sob o peso dos papéis e livros em cima dela. Seu laptop estava aberto como se Julia tivesse sido interrompida enquanto trabalhava nele.

– Se veio até aqui para dizer como eu sou burra, não acho que esteja em condições de aturar isso agora – disse ela, tentando soar hostil.

– Fiquei com raiva quando descobri que você estava mentindo para mim. – Paul passou a correspondência dela de um braço para outro e coçou suas costeletas. – Mas não vim aqui para fazer você se sentir mal. – A expressão dele se abrandou. – Não gosto de vê-la sofrendo.

Ela baixou os olhos para suas meias de lã roxas e remexeu os dedões do pé.

– Sinto muito por ter mentido.

Ele pigarreou.

– Hum, eu trouxe sua correspondência. Tinha algumas cartas na caixa de correio lá fora e eu também trouxe o que estava no seu escaninho na secretaria.

Julia o encarou com uma expressão preocupada.

Ele ergueu uma das mãos para tranquilizá-la.

– São só algumas filipetas e um livro de professor.

– Por que alguém me enviaria um livro assim? Não estou dando aulas.

– Os representantes das editoras deixam exemplares de cortesia nos escaninhos dos professores. Às vezes também dão alguns para estudantes. Eu recebi um sobre política renascentista. Onde quer que eu deixe tudo isto?

– Em cima da mesa. Obrigada.

Paul foi deixar as coisas enquanto Julia se ocupava em reunir as xícaras e tigelas espalhadas pelo apartamento e empilhá-las com precisão em cima do micro-ondas.

– Que tipo de livro? – perguntou ela, olhando por cima do ombro. – Não é sobre Dante, é?

– Não. O título diz *Casamento na Idade Média: amor, sexo e o sagrado* – leu Paul em voz alta.

Ela deu de ombros, pois o tema não a interessava.

– Você parece cansada. – Ele a encarou com um olhar compassivo.

– A professora Picton me pediu que modificasse várias coisas na minha dissertação.

Venho trabalhando dia e noite.

– Você precisa tomar um pouco de ar fresco. Por que não me deixa levá-la para almoçar? Eu pago.

– Tenho muito trabalho a fazer.

Ele arrastou as costas da mão pela boca.

– Você precisa sair daqui. Este lugar é deprimente. Parece a casa da Srta.

Havisham.

– E isso faz de você Pip?

Paul balançou a cabeça.

– Não, isso faz de mim o chato que fica se metendo na vida dos outros.

– Isso parece o Pip.

– Você precisa entregar sua dissertação amanhã?

– Não. A professora Picton estendeu o prazo em uma semana. Ela sabia que eu não estaria pronta para entregá-la no dia 1º de abril por conta de... tudo o que aconteceu –

disse Julia, se encolhendo.

– É só um almoço. Podemos pegar o metrô em direção à Queen Street e, quando você menos perceber, já estaremos de volta.

Julia ergueu o olhar para Paul, fitando seus olhos escuros e preocupados.

– Por que está sendo tão legal comigo?

– Porque sou de Vermont. Nós somos cordiais. – Ele sorriu. – E porque você precisa de um amigo neste momento.

Julia sorriu, sentindo-se grata.

– Nunca deixei de me importar com você – admitiu ele, seus olhos assumindo uma expressão inesperadamente gentil.

Ela fingiu não ter ouvido sua declaração.

– Me dê um minuto para eu me vestir.

Os dois olharam para o pijama de flanela que ela usava.

Paul abriu um sorriso brincalhão.

– Gostei dos patinhos de borracha.

Constrangida, ela desapareceu dentro do seu closet em busca de roupas limpas. Como fazia uma semana que não lavava roupas, não tinha muita escolha, mas pelo menos encontrou algo mais ou menos apresentável para um almoço casual.

Enquanto estava no banheiro, Paul assumiu a responsabilidade de limpar o apartamento, ou pelo menos de arrumá-lo. Sabia que não deveria mexer no material da dissertação de Julia, então resolveu fazer sua cama e apanhar as coisas que estavam espalhadas pelo chão. Quando terminou, colocou o livro-texto em uma prateleira e se sentou numa cadeira dobrável para dar uma olhada na correspondência dela. Apressou-se a jogar fora as filipetas e os papéis sem importância e separou o que pareciam contas numa pilha bem organizada. Notou que não havia nenhuma carta de cunho pessoal.

– Graças a Deus – murmurou.

Depois de se vestir, Julia cobriu as olheiras com corretivo e corou suas faces pálidas com blush. Quando ficou convencida de que já não parecia uma versão mais jovem da Srta. Havisham, foi se juntar a Paul diante da mesa de carteado.

Ele a recebeu com um sorriso.

– Pronta?

– Sim – respondeu ela, cruzando os braços diante do peito. – Está na cara que você tem algo a me dizer. Então preferiria que falasse de uma vez.

Paul fechou a cara e gesticulou em direção à porta.

– Podemos conversar durante o almoço.

– Ele me largou – deixou escapar Julia, com uma expressão angustiada.

– Você não acha que isso é bom?

– Não.

– Caramba, Julia, o cara seduz você só para se divertir e depois lhe dá um pé na bunda.

Você quer ser mais maltratada ainda?

Ela ergueu a cabeça de repente.

– Não foi assim!

Paul olhou para ela, para sua demonstração de raiva repentina, e ficou impressionado.

Preferia vê-la nervosa a vê-la triste.

– Seria melhor você colocar um chapéu. Está frio lá fora.

Alguns minutos depois, eles estavam na rua, andando em direção à estação de metrô Spadina.

– Você o tem visto? – perguntou ela.

– Quem?

– Você sabe quem. Não me faça dizer o nome dele.

Paul bufou.

– Não prefere esquecer esse sujeito?

– Por favor.

Ele olhou para Julia e notou a expressão aflita em seu rosto bonito. Então a fez parar com delicadeza.

– Topei com ele algumas horas depois da audiência. Ele estava saindo da sala do professor Martin. Desde então, venho tentando concluir minha tese. Se Emerson me expulsar do programa, estou ferrado.

– Sabe onde ele está?

– No inferno, espero. – A voz de Paul soou alegre. – Martin enviou um e-mail para o departamento dizendo que Emerson estava de licença pelo restante do semestre. Você deve ter visto.

Julia balançou a cabeça.

Paul a observou com atenção.

– Pelo jeito ele não se despediu.

– Deixei algumas mensagens para ele. Ele finalmente me mandou um e-mail ontem.

– O que dizia?

– Ele me falou para parar de contatá-lo e que estava acabado. Nem me chamou pelo nome... mandou apenas um e-mail de duas linhas da sua conta da universidade, assinado

“Cordialmente, Prof. Gabriel O. Emerson”.

– Cretino.

Julia se encolheu, mas não discordou.

– Depois da audiência, ele me disse que eu não tinha noção da minha própria desgraça.

– *Presunçoso de merda*.

– Hã?

– Ele pisa no seu coração e depois ainda tem a coragem de citar *Hamlet*? Inacreditável.

E ainda citou errado, o babaca.

Ela pestanejou, surpresa.

– Não reconheci a passagem. Achei que fosse só... ele falando.

– Shakespeare também era um pretensioso de merda. Deve ser por isso que você não notou a diferença. O trecho foi tirado do monólogo de Gertrude sobre a morte de Ofélia.

Ouça:

“Ela e seus troféus floridos

caíram no riacho soluçante. Suas roupas inflaram

E, como uma sereia, por um tempo a fizeram flutuar.

Enquanto isso ela entoava trechos de antigas canções, Como se fosse incapaz de ver a própria desgraça

Ou como se tivesse nascido e pertencesse

Àquele elemento: mas não levaria muito tempo

Para que a água pesasse em suas roupas

E arrastasse a infeliz de seu canto suave

À morte lamacenta.”

O rosto de Julia empalideceu.

– Por que ele diria uma coisa dessas para mim?

– Você não tem nada a ver com ela. – Paul reiterou sua lista de adjetivos profanos favoritos em relação ao professor. – Será que Emerson estava preocupado que você pudesse acabar... machucando a si mesma? – Paul estava ficando cada vez mais agitado à medida que seu conhecimento sobre Shakespeare adquirido durante a graduação lhe voltava à mente.

(Os benefícios de uma educação interdisciplinar.)

Julia fingiu ficar surpresa com aquela pergunta.

– Não sei no que ele estava pensando. Ele apenas balbuciou alguma coisa sobre eu estar tentando cometer suicídio acadêmico.

Paul pareceu aliviado. Mas não muito.

– Preciso lhe contar outra coisa. Eu falei com Christa.

Julia mordeu a parte de dentro da boca antes de indicar que ele prosseguisse.

– Christa estava feliz que Emerson estivesse indo embora. E se referiu a você.

– Ela sempre me odiou – disse Julia.

– Não sei o que ela está tramando, mas, se eu fosse você, ficaria alerta.

O olhar de Julia se perdeu ao longe.

– Ela não pode me fazer mal. Eu já perdi o que era mais importante.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

Paul e Julia estavam sentados frente a frente em um café moderno, porém com decoração retrô, na Queen Street. Falaram amenidades antes de pedirem seus pratos, caindo em um silêncio desconfortável enquanto Julia refletia sobre sua situação.

– Mas então, como você tem passado? – A voz de Paul invadiu seus pensamentos.

Ela não iria dizer em voz alta, pois não mencionaria uma coisa dessas para Paul. Mas um dos motivos que a deixavam tão transtornada, além de perder Gabriel, era a perda daquilo que ele representava: a conquista da sua paixão de adolescência, a perda da virgindade, a descoberta do que ela havia acreditado ser um amor profundo e recíproco...

Quando pensava na primeira vez que Gabriel fizera amor com ela, tinha vontade de chorar. Ninguém jamais a havia tratado com tanta atenção e gentileza. Ele se mostrou tão preocupado em não machucá-la e em garantir que ela estivesse relaxada... Fez questão de lhe dizer que a amava, repetidas vezes, enquanto se aproximava do orgasmo – o primeiro que teria com ela, *por causa* dela...

Gabriel olhando dentro da minha alma, se movendo dentro de mim, dizendo que me amava e me mostrando exatamente o mesmo com seu corpo. Ele deve ter me amado. Só não sei quando isso acabou. Ou melhor, quando decidiu que amava mais seu trabalho do que a mim.

Paul pigarreou educadamente e Julia abriu um sorriso de desculpas.

– Hum, estou chateada e com raiva, mas tento não pensar muito no que aconteceu.

Venho trabalhando na minha dissertação, mas é difícil escrever sobre amor e amizade quando se acabou de perder as duas coisas. – Ela suspirou. – A faculdade inteira deve achar que eu sou uma vadia.

Paul se inclinou sobre a mesa.

– Ei, você não é uma vadia. Eu daria um soco na cara de qualquer um que dissesse algo parecido a seu respeito.

Julia ficou calada, brincando com o guardanapo bordado que estava no seu colo.

– Você só se apaixonou pela pessoa errada. Ele se aproveitou de você.

Julia protestou, mas ele prosseguiu:

– A pró-reitoria me pediu que assinasse um acordo de confidencialidade. Eles

colocaram panos quentes sobre tudo o que diz respeito a você e a Emerson. Então não se preocupe com a opinião dos outros. Ninguém sabe de nada.

– Christa sabe.

– Tenho certeza de que ela assinou o mesmo acordo de confidencialidade. Se começar a espalhar boatos a seu respeito, você deveria falar com o pró-reitor.

– De que isso adiantaria? A fofoca me seguiria até Harvard.

– Professores não devem se aproveitar de alunos. Se você o tivesse rejeitado, ele teria ferrado com a sua carreira. Ele é o vilão da história. – Paul bufou de raiva. – Você tem muitas coisas boas pela frente, como sua formatura e sua ida para Harvard. E, um dia, quando estiver pronta, vai encontrar alguém que a tratará como você merece. – Ele apertou seus dedos. – Você é boa e gentil. É engraçada e inteligente. E, quando está irritada, é muito sexy.

Ela abriu um meio sorriso.

– No dia que enfrentou Emerson na sala de aula... foi um desastre, mas eu

pagaria para ver aquilo de novo. Você é a única pessoa que vi enfrentá-lo, com exceção de Christa, que é louca, e da professora Agonia, que é pervertida. Por mais que eu tenha ficado com medo de como ele poderia reagir, sua coragem foi impressionante.

– Eu perdi a cabeça. Não foi meu melhor momento.

– Talvez não. Mas serviu para me mostrar uma coisa. E a Emerson também. *Você é durona*. Precisa deixar esse seu lado vir à tona de vez em quando. Sem exageros, claro.

Ele estava sorrindo e flertando um pouco.

– Eu tento não ceder à raiva, mas, acredite, ela existe – disse Julia em voz baixa, porém firme.

Quando eles já haviam acabado de comer e estavam saboreando seus cafés, Julia contou a Paul uma versão extremamente censurada do seu caso com Gabriel, a começar pelo convite para que ela o acompanhasse à Itália. Descreveu como Gabriel a havia salvado de Simon, quando ela foi passar o Dia de Ação de Graças em casa, e que depois ele pagou pela cirurgia plástica em seu pescoço. Paul ficou surpreso.

Julia sempre se sentia à vontade conversando com ele. Paul não era tão intenso quanto Gabriel, é claro, e era muito menos melindroso. Era um bom ouvinte e um bom amigo.

Mesmo quando a repreendeu por ter escolhido Soraya Harandi para ser sua advogada.

Naturalmente, quando ela revelou que Soraya tinha sido escolha de Gabriel, sua raiva mudou de alvo.

– Vou lhe fazer uma pergunta pessoal. Se não quiser responder, não tem problema. –

Paul olhou ao redor para se certificar de que ninguém estava ouvindo.

– O que quer saber?

– Gabriel ainda está envolvido com a professora Singer? Você interagiu... socialmente com ela enquanto estava com ele?

– É claro que não! Ele tentou me manter longe dela, inclusive quando fomos jantar no Segovia.

– Não acredito que nunca percebi que vocês dois estavam juntos. – Paul balançou a cabeça.

– Sei que você não tem Gabriel em alta conta. Mas é porque não o conhece. Ele me disse que o envolvimento que teve com Singer foi temporário e terminou há muito tempo. E quero deixar bem claro, Paul, que acreditei nele. – Julia pronunciou essas últimas palavras com uma intensidade considerável.

Paul esfregou o queixo.

– Eu lhe disse que prestei queixa contra a professora Agonia no ano passado. Foi Soraya Harandi que a defendeu. Eu me matriculei no curso de Tortura Medieval de Singer porque achei que ela fosse abordar temas relacionados à minha tese. Mas ela deu em cima de mim. A princípio, me fiz de desentendido. Então recebi um e-mail estranho dela. Singer tomou o cuidado de ser ambígua, mas qualquer aluno do curso conseguiria entender o que ela estava me propondo. Então dei queixa. Infelizmente, Soraya Harandi fez um excelente trabalho ao convencer a universidade de que eu tinha interpretado mal o e-mail e de que estava floreando meus relatos do que ela havia me dito pessoalmente.

Era minha palavra contra a de Singer. A única pessoa que ficou do meu lado durante a audiência foi a professora Chakravartty. Ela apresentou os e-mails que Singer tinha enviado a outras pessoas e argumentou que havia um padrão neles. Mas o Dr. Aras me dispensou assim que ela mencionou essas mensagens. Então não faço ideia do que tratavam ou qual era o conteúdo delas. A professora Agonia recebeu uma advertência e mandaram que ela ficasse longe de mim. Mas eu sempre me perguntei quem mais ela teria assediado. Esperava que Emerson tivesse protegido você dela.

– Ele protegeu. Não tive nenhum contato com ela, ele tampouco. Sinto muito pelo que aconteceu com você.

Ele deu de ombros.

– Ainda me irrita que ela tenha se safado. Que ela continue se safando. É para isso que servem as regras de relacionamentos, para proteger alunos e suas trajetórias acadêmicas.

♦♦♦

Os dois ficaram calados por alguns instantes, bebericando seus cafés.

– Desculpe por ter mentido para você. – Ela o encarou com os olhos marejados.

Ele fixou seu olhar no dela, antes de baixar os olhos e suspirar.

– Eu provavelmente teria feito o mesmo.

Então tornou a pegar a mão de Julia.

Quando Julia voltou para casa, seu humor havia melhorado bastante. O que não significa que se sentisse bem ou plena. Como poderia se sentir assim quando sua outra metade a havia rejeitado?

Após um fim de semana produtivo, Julia estava animada o suficiente pelos avanços que tinha feito em sua dissertação para retornar uma das ligações de Nicole. A terapeuta queria saber por que Julia tinha parado de ir às consultas semanais. Sem graça, Julia explicou que ela e Gabriel não estavam mais juntos e que era ele quem pagava a terapia, ao que Nicole respondeu que Gabriel continuava pagando pelas consultas –

indefinidamente.

Por sorte, as duas concordaram que seria inapropriado aceitar que ele continuasse arcando com os custos, uma vez que ele próprio havia criado o novo e premente motivo para que Julia continuasse a terapia. Portanto, o dinheiro de Gabriel lhe foi devolvido sem alarde e os valores foram reajustados de acordo com a renda de Julia.

Em outras palavras, Nicole teria o maior prazer em cobrar honorários ridiculamente baixos que coubessem em seu orçamento de estudante. Durante a consulta de quarta-feira, cerca de duas semanas depois de Gabriel ter partido, elas conversaram sobre a mágoa de Julia e sobre como lidar com ela. Nicole a instigou a se concentrar no que havia de positivo em sua vida e também na conclusão da sua dissertação. Os dois aspectos do seu conselho fizeram sentido

para Julia.

Naquela noite, depois de avançar um pouco na escrita, Julia adormeceu. Sentiu a cama se mexer e um corpo quente a envolver como um casulo, puxando-a para si. Um nariz muito familiar se esfregou em seu pescoço e um hálito leve como uma pluma soprou seu ombro.

– Gabriel?

Ele gemeu contra a sua pele, mas não respondeu.

– Senti tanto a sua falta – sussurrou ela, lágrimas escorrendo pelo rosto.

Gabriel continuou calado e ergueu as mãos para enxugar as lágrimas dela, então

♦♦♦

pressionou os lábios em seu rosto várias vezes.

– Eu sei que você me amou – Julia relaxou contra o corpo dele e fechou os olhos. – Só não entendo por que não me amou o suficiente para ficar.

As mãos que a seguravam firme afrouxaram pouco a pouco até desparecerem por completo, abandonando Julia à solidão e ao frio de sua cama de solteira.

Julia passou parte da manhã seguinte olhando pela janela, refletindo sobre o sonho muito estranho que tivera na noite anterior. Gabriel havia voltado para ela, mas continuara em silêncio. Não lhe dera explicações nem implorara pelo seu perdão. Simplesmente se deitara com ela em sua cama.

Ela se aconchegara contra ele, seu corpo familiar e reconfortante. Havia suspirado de alívio por causa de seu retorno, o inconsciente sem disposição ou incapaz de rejeitá-lo.

Não foi exatamente um sonho – apenas um tipo diferente de pesadelo.

Depois de um café da manhã modesto, ela conferiu seus e-mails e mensagens de texto.

Enquanto rolava as mensagens recebidas em seu iPhone, recebeu o seguinte torpedo de Rachel:

Ei, Julia! Por que Gabriel não está atendendo ao telefone dele? Já tentei a linha fixa também e nada. Imagino que as coisas ainda devem estar bem quentes e intensas, ou então ele estaria pelo menos atendendo ao telefone de vez em quando.

Já escolhi os vestidos das damas de honra – tem um vermelho-escuro que vai ficar ótimo em você. Vou mandar o link por e-mail e você me diz o que acha. Não se esqueça de me mandar suas medidas por e-mail para eu poder encomendá-lo.

A propósito, finalmente conheci a namorada de Scott! O filho dela, Quinn, é uma graça.

Bjs, Rachel.

O primeiro impulso de Julia foi fechar a mensagem e ignorá-la. Fora isso que fizera com Rachel depois de ter sido humilhada por Simon e Natalie. Mas, como sua terapeuta havia insistido, estava na hora de fazer algo diferente. Algo mais corajoso.

Ela respirou fundo e digitou uma resposta.

Rachel, os vestidos de dama de honra parecem lindos. Vou enviar as minhas medidas, sim, pode deixar. Que bom que conheceu a namorada de Scott. Estou louca para conhecê-la e o filhinho dela também.

Há dias que não falo com Gabriel. Não sei onde ele está. Ele foi embora. Acabou.

J.

O iPhone de Julia demorou exatamente um minuto e 45 segundos para tocar, indicando uma chamada de Rachel. Infelizmente, Julia perdeu a coragem e não atendeu. Em questão de instantes recebeu uma mensagem:

Vou matá-lo. R.

♦♦♦

CAPÍTULO TRINTA

Gabriel atravessou a escuridão nebulosa, entrando no bosque atrás da antiga casa da família Clark. Trazia consigo uma lanterna, porém mal precisou dela. Conhecia tão bem aquele bosque que, mesmo se estivesse bêbado ou drogado, conseguiria encontrar o caminho até o pomar. Sabia se orientar na escuridão como ninguém.

Ele parou à beira do pomar, de olhos fechados, enquanto a chuva fria caía do céu. Se abrisse os olhos e os estreitasse, quase poderia vê-la – o vulto de uma adolescente descansando sobre o peito de um homem, o casal aninhado em uma velha manta de lã.

Os cabelos dela espalhados sobre os ombros, o braço pousado sobre a cintura dele. Mal conseguia ver o rosto do homem, mas ele estava claramente inebriado com o anjo de olhos castanhos que tinha nos braços.

Gabriel ficou ali, sem mover um só músculo, ouvindo os ecos de lembranças que eram quase como um sonho...

– Você precisa ir embora?

– Sim, mas não esta noite.

– Vai voltar?

– Vou ser expulso do Paraíso amanhã, Beatriz. Nossa única esperança é que você me encontre depois. Procure por mim no Inferno.

Não estava em seus planos voltar ao pomar sem ela. Não estava em seus planos deixá-

la. Ele partira seu coração. Por mais que se sentisse oprimido pela culpa e pelo remorso, sabia que havia tomado a mesma decisão outra vez.

Julianne já havia desistido de muitas coisas para estar com ele. Gabriel não permitiria, de forma alguma, que ela também desistisse do seu futuro.

Gabriel estava sem camisa em seu antigo quarto, secando o cabelo com uma toalha e fuçando em seu aparelho de som. Estava no clima para músicas tristes. O que significava que, naquele instante, ouvia “Blood of Eden”, de Peter Gabriel. No meio do refrão, o telefone começou a tocar. Ele tinha se esquecido

de pedir a Richard que cancelasse o contrato com a companhia telefônica ao se mudar para a Filadélfia, depois de Gabriel ter comprado a casa.

Sem atender à chamada, Gabriel começou a andar de um lado para outro, como um

fantasma inquieto. Recostou-se na cama, olhando para o teto. Era um delírio passageiro, ele sabia disso, mas seria capaz de jurar que estava sentindo o perfume de Julia em seu travesseiro e ouvindo o ritmo suave da sua respiração. Brincou com o anel de platina em seu dedo, girando-o sem parar. Versos do poema *A vida nova,* de Dante, povoavam sua mente, descrevendo a rejeição de Beatriz:

Por conta desses falsos e cruéis rumores

que difamavam-me e acusavam-me de vicioso...

ela, que todos os males destruía

e de todo o bem era rainha, ao passar por onde eu estava, negou-me sua tão doce saudação,

que era em si toda a minha bem-aventurança.

Gabriel não tinha o direito de comparar sua situação à de Dante, uma vez que havia escolhido sua própria desgraça. Não obstante, à medida que a escuridão se fechava ao seu redor, ele se viu assombrado pela possibilidade de ter perdido para sempre sua bem-aventurança.

CAPÍTULO TRINTA E UM

–Aquele filho da puta! – exclamou Tom Mitchell, xingando bem alto no ouvido da filha. Ela teve que afastar o iPhone do rosto para proteger os tímpanos. –

Quando isso aconteceu?

– Hum... em março – respondeu Julia, fungando. – Ele confirmou por e-mail.

– Filho da puta. Que motivo ele deu?

– Nenhum.

Ela não estava disposta a descrever os acontecimentos que levaram à sua separação de Gabriel e qualquer coisa relacionada às acusações de fraude acadêmica serviria apenas para deixar Tom ainda mais nervoso.

– Eu vou meter uma bala nele.

– Papai, por favor.

Aquela conversa já era difícil o bastante sem que ela tivesse que se preocupar com espingardas sendo carregadas e Gabriel sendo perseguido pelas florestas de Selinsgrove.

Tom bufou.

– Onde ele está agora?

– Não sei.

– Detesto dizer isso, Jules, porque sei que você... gostava dele, mas Gabriel é um drogado. *Uma vez viciado, sempre viciado*. Talvez ele tenha voltado a usar.

Talvez tenha arranjado problemas com o fornecedor. Drogas não são brincadeira, e fico feliz que ele tenha ido embora. Quanto mais longe de você ele ficar, melhor.

Julia não chorou ao ouvir as palavras do pai, mas sentiu um aperto no coração.

– Por favor, não fale assim, papai. Até onde sabemos, ele está na Itália trabalhando em seu livro.

– Ou fumando crack numa casa abandonada.

– Papai, *por favor*.

– Sinto muito. De verdade. Quero que minha garotinha encontre uma boa pessoa e seja feliz.

– Desejo o mesmo para você – disse ela.

– Bem, nós formamos uma bela dupla. – Ele pigarreou e decidiu mudar de assunto. –

Vamos falar sobre a sua formatura. Ganhei algum dinheiro com a venda da casa e queria ir à cerimônia. Também deveríamos conversar sobre o que você quer fazer neste verão.

Tem um quarto à sua espera na casa nova. Você pode pintá-lo da cor que quiser. Até corde-rosa, não tem problema.

Ela não pôde deixar de sorrir.

– Há anos que não quero mais um quarto cor-de-rosa, mas obrigada, papai.

Embora Selinsgrove fosse o último lugar em que Julia fosse querer estar naquele momento, pelo menos ela tinha um pai e um lar, que por sua vez não possuíam ligação desagradável com Simon ou Sharon. Ou com ele.

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

No dia 9 de abril, Julia atravessou a pé a neve que já derretia em direção à casa da professora Picton, com sua dissertação impressa em uma das mãos e uma

garrafa de Chianti na outra.

Ela estava nervosa. Embora sua relação com a professora sempre tivesse sido cordial, nunca fora calorosa. Katherine não era o tipo de pessoa que enchia seus alunos de agrados e elogios. Era profissional, exigente e nem um pouco sentimental. Por isso Julia ficou bastante preocupada quando Katherine a convidou para jantar, a fim de entregar sua dissertação pessoalmente. É claro que recusar o convite estava fora de cogitação.

Julia parou à entrada da casa de tijolos de três andares de Katherine e tocou a campainha. Esfregou as palmas das mãos na parte da frente da sua jaqueta de marinheiro, tentando eliminar o suor frio delas.

– Julianne, seja bem-vinda – disse Katherine, abrindo a porta e conduzindo sua aluna para dentro de casa.

Se a pequena quitinete de Julia era uma toca de hobbit, então a casa da professora Picton era a morada de um elfo das florestas. E um elfo das florestas com uma queda por móveis de época sofisticados. Tudo era elegante e antigo; as paredes eram revestidas de madeira escura, enquanto carpetes caros cobriam o piso. A decoração era aristocrática, porém simples, e tudo estava muito bem organizado e limpo.

Após pegar o casaco de Julia, Katherine aceitou graciosamente o Chianti e a dissertação e a conduziu até uma pequena sala de visitas logo em frente ao hall de entrada. Julia logo se sentou em uma poltrona de braços diante da lareira e aceitou uma pequena taça de xerez.

– O jantar está quase pronto – falou Katherine, desaparecendo em seguida como uma deusa grega.

Julia examinou os livros grandes sobre arquitetura e jardins ingleses que enfeitavam a mesa de centro baixa. As paredes eram repletas de cenas bucólicas, entremeadas por um ou outro retrato em preto e branco de aspecto severo dos ancestrais da família Picton. Ela bebericou seu xerez devagar, saboreando o calor que descia pela sua garganta em direção ao estômago. Antes que pudesse terminar a bebida, Katherine já a estava levando para a sala de jantar.

– Que lindo – Julia sorriu, numa tentativa de esconder seu nervosismo. Ela se sentia

intimidada pela porcelana fina, pelos cristais e castiçais de prata que Katherine havia disposto sobre a toalha de mesa adamascada branca, que parecia ter sido passada a ferro.

(Nem mesmo os artigos de mesa tinham coragem de amarrotar sem a permissão da professora Picton.)

– Gosto de receber as pessoas – falou Katherine. – Mas, para ser franca, existem alguns convidados que não consigo aturar por uma noite inteira.

Julia sentiu um frio na barriga. Fazendo o mínimo de barulho possível, sentou-se ao lado de Katherine, que assumiu seu lugar à cabeceira da longa mesa de carvalho.

– Está cheirando muito bem – disse Julia, tentando não inalar com muita voracidade o aroma de carne assada e vegetais que emanava do seu prato. Ela não vinha comendo muito nos últimos dias, mas o jantar oferecido pela professora Picton parecia ter aberto seu apetite.

– Sou praticamente vegetariana, mas pelo que sei alunos da pós nunca comem carne suficiente. Então preparei uma antiga receita da minha mãe. Ela costumava chamar este prato de cozido à normanda. Espero que goste de porco.

– Gosto, sim. – Julia tornou a sorrir. Porém, quando viu as lascas de limão sobre o prato de brócolis cozidos, seu sorriso diminuiu.

Gabriel tinha uma queda por pratos decorados.

– Que tal um brinde? – Katherine serviu o vinho que Julia lhe dera de presente nas taças e ergueu a sua.

Por educação, Julia fez o mesmo.

– Ao seu sucesso em Harvard.

– Obrigada. – Julia bebeu para esconder suas emoções conflitantes.

Após alguns instantes de silêncio cortês, Katherine falou:

– Chamei você aqui para conversamos sobre várias coisas. Primeiro, a sua

dissertação.

Está satisfeita com ela?

Julia engoliu às pressas um pedaço de chirivia.

– Não.

Katherine fechou a cara.

– O que quero dizer é que ainda poderia aprimorá-la. Se tivesse mais um ano, seria muito melhor. Hã... – Julia desejou que um buraco se abrisse no assoalho e a engolisse.

Por incrível que pareça, Katherine sorriu e se recostou em sua cadeira.

– Essa é a resposta correta. Bom para você.

– Como?

– Os estudantes hoje em dia se acham mais talentosos do que são de verdade. É bom saber que, apesar do seu sucesso, você tenha mantido alguma humildade acadêmica. É

claro que sua dissertação ficaria melhor depois de mais um ano. Você será uma aluna melhor e uma acadêmica melhor no ano que vem, se continuar a trabalhar com afinco.

Fico feliz que perceba que ainda poderia aprimorá-la. Agora, podemos passar para o outro assunto.

Julia afastou o olhar de Katherine e se concentrou nos seus talheres. Não fazia ideia do que estava por vir.

Katherine cutucou a mesa com um dedo impaciente.

– Não gosto que se intrometam na minha vida particular, então não me meto na dos outros. No seu caso, fui arrastada para a questão por David Aras. – Katherine fez uma careta. – Não sei de tudo o que aconteceu naquela audiência digna do macarthismo e não quero saber.

Ela lançou um olhar significativo para Julia.

– Greg Matthews está à procura de um professor catedrático especializado em Dante para Harvard. Tinha esperanças de que a vaga fosse oferecida a Gabriel. – Katherine notou Julia se remexer, com o canto do olho, mas se apressou a prosseguir: –

Infelizmente, ela foi oferecida para outra pessoa. Eles foram tolos o suficiente para tentarem me convencer a abandonar minha aposentadoria, mas eu recusei a oferta. Como Pacciani, aquele homem abominável, foi parar na lista deles nós jamais saberemos. Seja como for, Cecilia Marinelli será a nova professora catedrática. Eles a roubaram de Oxford. Seria bom se você conseguisse trabalhar com ela. Considerando que tudo corra bem com a sua dissertação, eu teria o maior prazer em telefonar para Cecilia e informá-la da sua chegada.

– Obrigada, professora. É muito gentil da sua parte.

Katherine descartou o agradecimento com um gesto.

– Não seja por isso.

As duas mulheres passaram os minutos seguintes terminando de jantar em relativo silêncio. Enquanto Katherine retirava os pratos da mesa, depois de recusar as várias ofertas de ajuda da aluna, Julia acabou de tomar seu vinho.

Embora se sentisse mal por Gabriel não ter conseguido o emprego dos seus sonhos, ela ficou aliviada em saber que ele não a seguiria até Harvard. Sua presença no departamento teria causado toda uma série de problemas. Ela jamais poderia trabalhar ao seu lado agora. E teria sido extremamente doloroso manter uma relação profissional e distante com ele. Não, seria muito melhor que Gabriel continuasse em Toronto, enquanto ela se mudava para Boston. Por mais cruel que pudesse parecer, era uma bênção que Harvard tivesse contratado a professora Marinelli.

Depois da sobremesa e do café, Katherine sugeriu que elas fossem para a sala de visitas. Julia tornou a se sentar na confortável poltrona diante da lareira e aceitou, agradecida, a pequena taça de vinho do Porto que Katherine lhe ofereceu. Embora o estilo de decoração da professora fosse bem diferente do de Gabriel, parecia que especialistas em Dante gostavam de beber diante da lareira.

– Harvard será um recomeço para você, e ninguém terá a menor ideia do que aconteceu aqui. Até lá, o mais sensato seria não atrair mais atenção para si.

Katherine encarou Julia com um olhar penetrante, se não severo.

– Alunos da pós-graduação, especialmente do sexo feminino, são vulneráveis no que diz respeito à sua própria reputação. Ainda existem pessoas na Academia que preferem considerar os frutos do talento e do empenho individual resultados de favorecimentos e prostituição. O melhor a fazer é nunca dar a ninguém o menor motivo para suspeitar que suas conquistas não tenham sido alcançadas por meio de trabalho dedicado.

– Professora Picton, eu juro que me esforcei muito durante o curso sobre Dante. Não recebi nenhuma ajuda dele no meu trabalho final ou qualquer tipo de tratamento especial. É por isso que ele pediu que a senhora o corrigisse.

– Tenho certeza de que está falando a verdade. Mas você me enganou e, para ser franca, estou um pouco chateada.

Julia olhou para sua orientadora sem conseguir disfarçar seu horror.

– Mas entendo por que não se confidenciou comigo. Estou certa de que Gabriel a proibiu de fazê-lo. Também estou aborrecida com ele, mas, por motivos que prefiro não revelar, possuo uma dívida para com Gabriel.

Pensativa, a professora Picton bebericou seu vinho do Porto, seu olhar perdido ao longe.

– Quando eu ainda era aluna em Oxford, era lamentavelmente comum que professores universitários tivessem relacionamentos românticos com suas alunas. Às vezes, essas relações eram o que hoje em dia seriam considerados casos de assédio sexual. Outras

◆◆◆

vezes, havia amor de verdade envolvido. Eu testemunhei ambos os casos.

Katherine fitou Julia sem pestanejar.

– Eu sei a diferença entre um Willoughby e um coronel Brandon. Espero que você também saiba.

Na noite do dia seguinte, Julia foi andando até o apartamento de Paul. Eles haviam combinado de se encontrarem para tomar café e conversar sobre o jantar de Julia com a professora Picton.

Paul se virou no sofá para encarar Julia.

– Agora que o semestre acabou para você, quando vai se mudar?

Julia bebericou seu café.

– Meu contrato só termina no final de julho, mas espero conseguir convencer minha senhoria a me deixar sair em meados de junho.

– Depois da formatura.

– Sim. Meu pai vai me ajudar com a mudança.

Paul largou sua caneca na mesa de centro.

– Pretendo voltar para Vermont em junho. Você poderia ir de carro comigo e eu ajudo na sua mudança.

– Meu pai vai vir para a formatura.

– Podemos ir todos juntos. Vocês dois podem ficar comigo na fazenda por uns dois dias, depois levamos você para Boston e a ajudamos a se estabelecer por lá. Vai morar no alojamento da universidade?

– Não sei. Eles me mandaram um comunicado dizendo que eu só poderia me mudar para o alojamento em agosto. Mas vou precisar de um lugar para ficar antes disso.

– O irmão mais novo de um amigo meu estuda no Boston College. Deixe-me falar com ele para ver se ele sabe de algum lugar que você possa sublocar. Metade da população de Boston tem menos de 25 anos. A cidade é cheia de universitários.

– Você faria isso? Me ajudaria a me mudar e encontrar um apartamento?

– Espero que me pague em cerveja. Gosto da Krombacher, por sinal.

– Acho que posso fazer isso.

Julia sorriu e eles brindaram com suas canecas de café.

– Quem são? – perguntou ela, apontando para uma fotografia de quatro pessoas, dois homens e duas mulheres, que Paul tinha parcialmente escondido atrás de um pinguim em cima da televisão.

– A garota no canto esquerdo é Heather, minha irmã caçula, junto com o marido dela, Chris. À direita, sou eu.

– E a outra garota? – Julia olhou para o rosto da jovem bonita que agarrava a cintura de Paul e ria.

– Hã, aquela é Allison.

Julia esperou educadamente que Paul desenvolvesse o assunto.

– Minha ex-namorada.

– Ah – falou Julia.

– Ainda somos amigos. Mas ela está trabalhando em Vermont e não conseguiu lidar com essa coisa de relacionamento a distância. Nós terminamos algum tempo atrás –

apressou-se a explicar Paul.

– Você é uma boa pessoa. – Julia se remexeu, desconfortável. – Talvez eu não devesse ter dito isso.

Paul levou a mão dela aos lábios, plantando um beijo casto sobre os nós dos dedos de Julia.

– Acho que você deveria dizer tudo o que estiver passando pela sua cabeça. Só para constar, sempre achei que você fosse uma boa pessoa também.

Ela sorriu, mas puxou sua mão de volta com delicadeza para não ofendê-lo.

Pouco antes da meia-noite, ela estava adormecida no ombro de Paul, seus corpos próximos um do outro. Paul devaneava, imaginando a sensação dos lábios dela

nos seus, da pele dela sob as suas mãos. Ele virou o rosto em direção aos seus cabelos, abraçando-a mais forte. Ela se remexeu, balbuciando o nome de Emerson antes de enterrar a cabeça no peito dele.

Paul percebeu que precisava tomar uma decisão. Se pretendia ser amigo de Julia, tinha que reprimir seus sentimentos românticos por ela. Não poderia beijá-la ou tentar ir mais além. Ainda era cedo demais. E era bem possível que ela não fosse querê-lo, mesmo quando tivesse se recuperado de sua desilusão amorosa. Mas Julia precisava de um amigo; precisava dele. Não iria abandoná-la no momento em que ela mais necessitava, mesmo que fosse doloroso deixar de lado seus verdadeiros sentimentos.

Portanto, em vez de adormecer com ela em seus braços, ele a carregou até o seu quarto

♦♦♦

e a colocou na cama. Cobriu-a com o lençol e os cobertores, certificando-se de que ela estava confortável, então pegou um travesseiro extra e uma manta e se recolheu à sala.

Passou a maior parte da noite frustrado e olhando para o teto, enquanto Julia dormia um sono profundo em sua cama.

Enquanto Julia passava a noite no apartamento de Paul, Gabriel estava sentado em um quarto de hotel, olhando com raiva para o seu laptop. Havia recebido outro e-mail lacônico do seu chefe, Jeremy Martin, lembrando-lhe o desgaste pessoal e político que havia sofrido para “salvar a pele dele”. Como se Gabriel precisasse ser lembrado disso.

Ele deslizou o olhar até o anel em seu dedo, resistindo ao impulso de reexaminar as palavras que havia gravado no lado de dentro. Girou a anel de platina sem parar, amaldiçoando seu mais recente fracasso.

Harvard havia feito a gentileza de informá-lo de que sua candidatura fora recusada e que a professora Marinelli tinha sido contratada em seu lugar. Seu insucesso era mais uma maneira pela qual ele havia falhado com Julianne. Mas, àquela altura, pouco importava. De que adiantaria estar em Harvard, se ela não iria perdoá-lo?

Ele praguejou com amargura. De que adiantava estar em qualquer parte, se ela não iria perdoá-lo? Até mesmo naquele hotel, ela estava com ele. No seu computador, no seu celular, no seu iPod, *na sua cabeça*.

Ah, sim, na sua cabeça. Gabriel tinha razão quando disse que jamais conseguiria esquecer a sensação de ver seu corpo nu pela primeira vez; os olhos dela que fitavam, tímidos, o chão; suas faces corando sob o calor do toque dele.

Ele se lembrava de olhar dentro dos seus olhos ávidos e escuros enquanto ela tremia debaixo dele, seus lábios cor de rubi entreabertos, sua respiração ofegante, e da maneira como ela arregalou os olhos quando ele a penetrou.

Ela havia se encolhido. De alguma forma, ele se lembrava de todas as vezes que a havia feito se encolher. E tinham sido muitas: quando ele a fez sentir vergonha de ser pobre; quando a carregou para a cama pela primeira vez; quando entrelaçou os dedos nos seus cabelos e ela implorou para que ele não forçasse sua cabeça para baixo; quando ele admitiu que havia concordado em se separar dela...

Quantas vezes poderia magoá-la em uma vida tão curta?

Gabriel já havia se torturado ouvindo as mensagens de voz que ela lhe deixara –

mensagens estas que ele não havia respondido. Elas foram ficando cada vez mais desesperançadas até cessarem por completo. Não podia culpá-la. Estava claro que suas mensagens não a haviam alcançado, com exceção de um só e-mail. Ele tornou a abri-lo,

imaginando sua reação.

Pare de me procurar.

Acabou.

Cordialmente,

Prof. Gabriel O. Emerson

Professor Associado

Departamento de Estudos Italianos

Centro de Estudos Medievais

Universidade de Toronto

Uma risada amarga que ele percebeu vir da sua própria garganta ecoou pelo quarto.

Naturalmente, essa seria a mensagem em que ela acreditaria – não nas outras. Ele a perdera. Que esperança lhe restava sem ela?

Gabriel recordou uma conversa que havia tido com ela sobre o livro favorito de Grace, *A Severe Mercy*. A história deixava claro que os personagens principais tinham passado a cultuar o amor que sentiam – venerando-o e idolatrando um ao outro em detrimento de si mesmos. Ele havia feito o mesmo com Julianne, e sabia disso; a havia venerado, convencido de que ela era a luz que iluminaria sua escuridão.

Ele a amava tanto que fora capaz de deixá-la para proteger seu futuro. E, ao fazê-lo, corria o risco de nunca mais voltar a ter seu amor. Era o mais cruel golpe do destino, o fato de o amor que sentia por Beatriz ser exatamente o que o separava dela.

E quanto a Paul? Sem dúvida ele usaria isso como uma oportunidade de consolá-la. E

até onde esse consolo poderia levar...? Gabriel não conseguia sequer cogitar a hipótese de ela ser infiel. Mas sabia, por conta das suas mensagens, que ela achava que estava tudo acabado. Paul só precisaria oferecer um ombro para Julia se apoiar e estaria de volta à vida, ao apartamento e aos pensamentos dela.

Papa-anjo.

O único alívio que conseguia encontrar, se é que isto poderia ser considerado alívio, era se torturar com música e poesia. Ele apertou um botão e a versão de Sting da história de Davi e Betsabá encheu o quarto. Enquanto a canção rodopiava no ar, ele pousou os olhos sobre a reflexão poética de Dante sobre a morte de Beatriz e sentiu seu coração ecoar as palavras do poema *A vida nova*.

“Uma criatura tão vil quanto esta

Talvez não consiga sequer imaginá-la: Não busca nas lágrimas amargas o seu alívio.

Mas entrega-se aos suspiros e à tristeza,

Não tendo desejo de encontrar qualquer conforto

(Exceto a Morte, que torna breve toda a dor)

Aquele que por um instante reflete sobre como

Ela um dia esteve entre nós, para não mais estar.

A toda hora enche-se de suspiros meu peito

Ao pensar, como o faço continuamente,

Naquela que agora dilacera meu coração;

E muitas vezes, quando penso na morte,

Sou invadido por tamanho anseio

Que a cor do meu semblante se modifica;

E, se sou dominado por essa ideia,

Todos os meus membros estremecem num delírio febril; Até que, ao despertar sobressaltado, como um louco,

Sinto uma vergonha tão grande

Que só me resta partir, para de todos ocultá-la.

Mais tarde, num lamento angustiado,

Clamo por Beatriz, perguntando ‘Estarás mesmo morta?’, E, ao chamá-la, encontro consolo.”

Gabriel fechou o documento em seu computador e correu de leve um dedo pela fotografia da bela mulher que enfeitava a sua tela. No decorrer dos próximos dias, ele abandonaria suas funções, mas o faria sem sua Beatriz para consolá-lo. Em sua ausência, talvez acabasse por sucumbir às suas antigas tentações para amortecer a dor.

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Na tarde de uma sexta-feira de meados de abril, Julia chegou ao apartamento de Rachel e Aaron na Filadélfia. Rachel tinha planos de visitá-la em Toronto e levar o vestido de dama de honra, mas não conseguiu tirar folga no trabalho. Como estava tentando guardar os dias de férias para a lua de mel, Julia concordou em abandonar o conforto de sua toca de hobbit e ir visitá-los.

Rachel recebeu a amiga com um abraço, conduzindo-a até a sua sala de estar. Julia lançou um olhar para os catálogos de amostras de tecidos que cobriam a mesa de centro.

– E então, tudo pronto para o casamento?

Rachel balançou a cabeça.

– Não exatamente. Mas não é sobre ele que quero falar. É sobre você. – Ela encarou a amiga com um olhar preocupado. – O que aconteceu entre você e Gabriel foi um choque para mim.

Julia se encolheu.

– Para mim também.

– Ele não retorna nossas ligações nem responde nossos e-mails. E, acredite, nós tentamos. Scott me copiou no e-mail que enviou para ele. Era arrasador, diga-se de passagem. Você sabia que Gabriel esteve em Selinsgrove cerca de duas semanas atrás?

– Selinsgrove? – Julia ficou pasma. – Achei que ele estivesse na Itália.

– Por que ele iria para lá?

– Para terminar seu livro. E ficar longe de mim.

– Aquele cretino – praguejou Rachel. – Teve notícias dele?

– Tive. Ele me mandou um e-mail para me notificar de que estava tudo acabado. – Julia pegou sua bolsa. Sacou duas chaves e um cartão magnético de dentro dela e os entregou para a amiga. – São dele.

Rachel olhou para os objetos, confusa.

– O que quer que eu faça com isso?

– Guarde. Ou deixe com o seu pai. Eu deveria tê-los enviado por correio para Gabriel, mas como ele não quer contato comigo...

Rachel guardou aqueles itens ofensivos dentro de um dos catálogos de tecido. Então, pensando melhor, jogou as coisas do irmão na gaveta da mesa de canto, praguejando ao fechá-la.

– Sei que ele foi à nossa antiga casa, porque um dos vizinhos telefonou para o meu pai.

Pelo jeito, Gabriel ficou acordado até tarde ouvindo música alta e zanzando dentro de casa.

Na mesma hora, a mente de Julia foi transportada para o pomar. Fazia sentido, pensou ela, que ele fosse buscar consolo no único lugar em que sempre se sentia em paz – no seu Paraíso. Mas, como Julia estava ligada de forma indissociável às lembranças que ele tinha daquele lugar, achou estranho que Gabriel tivesse ido lá. Balançando a cabeça, ela afastou esse pensamento.

Rachel a encarou.

– Não entendo por que ele faria isso. Gabriel ama você. Não é do feitio dele se apaixonar com facilidade ou fazer juras de amor levianas. Um amor como esse não desaparece da noite para o dia.

– Talvez ele amasse mais o seu trabalho. Ou talvez tenha decidido voltar para ela.

– Paulina? É essa a questão? Você não me contou isso. – Os olhos de Rachel faiscaram.

– Até cerca de um ano e meio atrás, eles ainda estavam... envolvidos.

– O quê?

– No Natal, nós brigamos por causa dela e hum... de outras coisas. Ele me contou que a história dos dois era mais recente do que eu pensava.

– Nunca tinha nem ouvido falar nessa mulher até aquele dia, quando ela apareceu lá em casa.

– Eu sabia sobre Paulina. Mas, quando nós dois começamos a sair, ele deu a impressão de que havia terminado com ela ainda em Harvard. Na verdade, Gabriel vinha arrastando esse relacionamento havia anos.

– Como pode acreditar que Gabriel trocaria você por ela depois de Florença, depois de tudo o que passaram juntos?

– A esta altura, sou capaz de acreditar em qualquer coisa – disse Julia com frieza.

Rachel resmungou e cobriu os olhos com as mãos.

– Que desastre! Meu pai está furioso e Scott também. Quando descobriu que Gabriel estava em Selinsgrove, meu irmão decidiu ir até lá para enfiar juízo na cabeça dele na marra.

– E foi?

– Tammy precisava que ele ficasse cuidando do seu filhinho. Então Scott resolver adiar a surra que daria em Gabriel.

Julia abriu um sorriso irônico.

– Consigo até imaginar essa conversa.

– Scott está de quatro por Tammy. É nojento.

– Que bom que eles vêm jantar com a gente.

Rachel olhou para o relógio.

– É melhor eu começar a cozinhar logo. Eles vão chegar cedo para darem o jantar de Quinn antes. A vida de Scott mudou completamente. Agora, tudo gira em torno dos horários do bebê.

Julia seguiu a anfitriã até a cozinha.

– O que seu pai acha dela?

Rachel começou a remexer dentro da geladeira.

– Ele gosta de Tammy. E adora o bebê. É como se Quinn fosse neto dele.

Ela colocou os ingredientes para uma salada no balcão.

– Você acha mesmo que Gabriel seria capaz de voltar com Paulina?

Julia não conseguia se obrigar a admitir em voz alta, mas sim, achava que era possível.

Gabriel havia mudado muito sua vida e suas estratégias para lidar com os problemas por ela. Agora que o relacionamento deles havia acabado, era possível que ele voltasse ao tipo de vida que tinha antes.

– Ela é um território familiar – disse Julia.

– Você fala como se ela fosse a Europa Ocidental. – Rachel se recostou no balcão. –

Acha que a universidade exigiu que ele terminasse com você?

– Pode até ser, mas como poderiam fazer uma exigência dessas? Será que poderiam obrigá-lo a deixar a cidade? Ou dizer a Gabriel o que fazer em sua vida pessoal quando ele está de licença? Se ele quisesse falar comigo, poderia ter telefonado. Mas não. A universidade lhe forneceu uma maneira conveniente de terminar comigo. Isso é algo que ele já devia estar planejando havia algum tempo.

Julia cruzou os braços diante do peito. Era mais fácil expressar seus medos mais profundos a Rachel do que remoê-los sozinha.

– Que desastre – repetiu Rachel, virando-se para lavar as mãos.

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Nas primeiras horas da madrugada, Rachel e Julia estavam esparramadas no sofá em seus roupões, bebendo vinho e rindo. Fazia tempo que Scott, Tammy e Quinn tinham ido embora e Aaron já estava dormindo havia horas. Elas conseguiam ouvir as reverberações dos seus roncos ecoarem pelo corredor.

Encorajada por um excelente Pinot Noir, Julia descreveu o que havia acontecido durante a audiência e Rachel (palmas para ela) resistiu à tentação de interrompê-la.

– Duvido que Gabriel fosse desistir de você só para manter o emprego. Ele não precisa do dinheiro e poderia trabalhar em outro lugar. O que não entendo é por que ele não foi mais claro com você em relação ao que pretendia fazer. Por que não agarrou seu braço depois e disse algo como “eu te amo, mas precisamos esperar”? – Rachel soltou um risinho embriagado. – Conhecendo Gabriel, ele teria recitado algo em pentâmetro iâmbico só porque sabe.

– Ele mencionou algo sobre Pedro Abelardo, o que não serviu de consolo. Abelardo manteve seu relacionamento com Heloísa em segredo para não perder seu cargo de professor. E depois a enviou para um convento.

Rachel se esticou para pegar uma almofada e atirá-la na cabeça da amiga.

– Ele não vai mandar você para um convento. Gabriel ama você. E eu me recuso a acreditar no contrário.

Julia abraçou a almofada, recostando-se de lado.

– Se ele me amasse, não teria me deixado. Não teria terminado comigo por e-mail.

– Acha mesmo que Gabriel estava enrolando você só para se divertir?

– Não. Mas agora não importa mais.

Rachel bocejou em alto e bom som.

– Seja lá qual tenha sido a intenção dele, Gabriel pisou na bola. Fico me perguntando se não está tentando protegê-la de alguma forma.

– Ele poderia ter me mandado um torpedo dizendo isso.

Rachel jogou um braço sobre os olhos.

– Essa é a parte que não entendo. Ele poderia ter nos pedido para lhe transmitir um recado. Poderia ter escrito uma carta para você. Por que Gabriel não mandou a

♦♦♦

universidade se catar?

Julia virou de barriga para cima, fazendo-se uma pergunta semelhante.

Rachel pegou seu celular da mesa de centro.

– Quer ligar para ele?

– Não.

– Por que não? Talvez ele atenda, pensando que sou eu.

– Está tarde e estou bêbada. Não é exatamente a melhor hora para ter uma conversa.

Além do mais, Gabriel me disse para não procurá-lo.

Rachel balançou o telefone na frente da amiga.

– Se você está sofrendo, ele também está.

– Deixei uma mensagem para ele dizendo que, se quisesse falar comigo, precisaria ser cara a cara. Não vou telefonar de novo. – Julia bebeu o restante de seu vinho de um só gole. – Talvez ele apareça na formatura. – Julia suspirou, uma expressão de melancolia em seu rosto. Toda sua raiva e frustração não haviam eliminado o desejo que sentia por ele. Pelo menos não por completo.

– Quando é a formatura?

– Dia 11 de junho.

Rachel xingou em voz baixa, pois ainda faltava muito tempo.

Após alguns minutos de silêncio, Julia decidiu dar voz a um de seus outros e maiores medos.

– Rachel?

– O quê?

– E se Gabriel for para a cama com ela?

Rachel ficou calada por alguns instantes. Tão calada que Julia começou a repetir a pergunta, mas a amiga a interrompeu:

– Se Gabriel fosse cruel, talvez comesse outra mulher. Mas não consigo imaginá-lo fazendo isso e achando que você o perdoaria.

– Se ele estiver com outra pessoa e você descobrir, me conte. – Julia lançou um olhar de súplica para a amiga. – Preferiria ouvir de você.

– *Querida, abra os olhos.*

◆◆◆

Sua voz era tórrida e aveludada enquanto se movia dentro dela, distribuindo o peso do seu corpo entre os braços. Ele se inclinou para baixo para sugar a pele delicada da parte de dentro do seu braço, beijando-a e chupando-a. Era o suficiente para atiçá-la e talvez deixar uma marca discreta. Ele sabia que isso a levava à loucura.

– Não consigo – respondeu ela, ofegante, entre gemidos.

A cada vez que ele se movia, as sensações mais maravilhosas atravessavam seu corpo.

Até que ele parou.

De repente, as pálpebras dela se abriram.

Ele esfregou o nariz no dela e sorriu.

– Eu preciso ver você. – O olhar dele era gentil, porém intenso, como se estivesse contendo momentaneamente a chama do desejo.

– É difícil para mim manter os olhos abertos. – Julia gemeu um pouco quando ele tornou a se mover dentro dela.

– Tente, por mim. – Ele a beijou com carinho. – Eu te amo tanto.

– Então por que me abandonou?

Gabriel a encarou com um olhar consternado, estreitando seus olhos azuis.

– Eu não te abandonei...

Naquela mesma noite, Gabriel estava deitado de olhos fechados no meio da cama enquanto ela dava beijos preguiçosos, com a boca aberta, em seu peito, detendo-se com reverência para beijar sua tatuagem antes de transferir sua atenção para sua barriga. Uma jura escapou da boca dele quando ela correu os dedos de leve pelos músculos bem definidos, subindo e descendo antes de girar a língua ao redor do seu umbigo.

Faz tanto tempo...

Esse foi o pensamento que lhe veio à mente quando ela percorreu com carinho a pele e os pelos do seu corpo antes de descer a mão para segurá-lo firme. Ele remexeu os quadris. Ela começou a masturbar Gabriel, que implorava, ofegante. Ela o provocou sem pressa, seus cabelos longos e sedosos acariciando a parte de cima das coxas dele, antes de recebê-lo em sua boca quente e úmida.

Gabriel balbuciou uma exclamação de surpresa ao se entregar às sensações, antes de entrelaçar os dedos nos cabelos dela.

Então, ele ficou petrificado.

De repente, seu estômago se embrulhou diante da lembrança do que acontecera da última vez que havia feito aquilo. Ele recolheu a mão na mesma hora, com medo de tê-la assustado.

– Desculpe. – Ele estendeu um dedo para acariciar a bochecha dela. – Eu me esqueci.

Uma mão fria o agarrou pelo punho antes de forçá-lo a agarrar sua cabeça com violência.

– Se esqueceu do quê? – provocou ela. – De como aproveitar um boquete?

Gabriel arregalou os olhos. Totalmente horrorizado, fitou um par de olhos azuis que pareciam gargalhar.

Paulina estava nua e debruçada sobre ele, com um sorriso triunfante, segurando-o perto da boca. Gabriel recuou, xingando e encolhendo-se junto à cabeceira da cama enquanto ela se sentava sobre os calcanhares, observando-o.

Ela riu e apontou para o seu nariz, indicando que ele deveria limpar os restos de cocaína das narinas.

O que eu fiz?

Ele esfregou o rosto com força com as duas mãos. Ao se dar conta da monstruosidade de sua depravação, sentiu um espasmo no estômago, debruçando-se sobre a beirada da cama e tentando vomitar em vão. Quanto voltou a si, estendeu a mão esquerda para lhe mostrar seu anel... mas ele não estava mais lá.

A aliança havia desaparecido.

Paulina tornou a rir e começou a engatinhar na direção dele, os olhos animalescos, o corpo nu roçando no dele.

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

Gabriel se debateu na cama antes de acordar sobressaltado. Puxou as cobertas com força, buscando como um louco qualquer sinal dela. Mas não havia sinal algum.

Ele estava sozinho em um quarto de hotel escuro. Apagara as luzes antes de se recolher, o que foi seu primeiro erro. Esquecer-se de colocar a fotografia emoldurada sobre a mesa de cabeceira foi o segundo, pois ela servia de talismã

contra a escuridão.

Ele girou as pernas de cima da cama e colocou os pés no chão, levando as mãos ao rosto. Suportar o processo de reabilitação todos aqueles anos tinha sido excruciante, mas não era nada se comparado à dor de perder Julianne. Ele sofreria os pesadelos e as memórias que o assombravam com um sorriso no rosto se pudesse tê-la em seus braços todas as noites.

Enquanto olhava com desprezo para a garrafa de uísque pela metade, sentiu a escuridão se fechar ao seu redor. Sua busca desesperada havia depositado um peso muito grande sobre os seus ombros. Quando esse peso foi aliado a uma sensação esmagadora de perda, tornou-se quase impossível para ele manter um alto nível de desempenho sem a ajuda de algum tipo de “muleta”.

A cada dia que passava, as doses de bebida ficavam maiores. A cada dia que passava, ele percebia que precisava fazer algo antes que se visse preso às suas velhas estratégias para lidar com os problemas e arruinasse seu futuro. Sabia que se não tomasse uma atitude, e rápido, teria uma recaída.

Agindo por impulso, ele deu dois telefonemas antes de juntar suas coisas e enfiá-las em uma mala. Então pediu para o recepcionista chamar um táxi para levá-lo ao aeroporto.

Não se deu o trabalho de garantir que sua aparência estivesse apresentável e profissional.

Na verdade, não se deu o trabalho de sequer se olhar no espelho, pois sabia que sentiria repulsa diante da própria imagem.

Horas depois, ele chegou a Florença e se hospedou no Gallery Hotel Art. Embora tivesse avisado com pouca antecedência, persuadiu o gerente a lhe dar a mesma suíte em que ele e Julia haviam consumado seu relacionamento. Era ou isso, ou o programa de reabilitação, mas Gabriel estava convencido de que a conexão que possuía com ela seria muito mais redentora.

Ao entrar no quarto, ele quase esperou vê-la, ou pelo menos sinais dela. Um par de sapatos de salto alto cor de tangerina chutados para debaixo de uma mesa de centro. Um

vestido de tafetá amontoado no chão perto de uma parede nua. Uma meia-calça

preta com risca atrás jogada em cima de uma cama desfeita.

Mas, naturalmente, não havia nada disso ali.

Depois de um sono mais ou menos revigorante e de uma ducha, Gabriel entrou em contato com seu velho amigo *dottore* Vitali na Galleria degli Uffizi e o encontrou para jantar. Eles falaram sobre a nova professora catedrática do programa de estudos em Dante de Harvard. Falaram sobre Giuseppe Pacciani e Gabriel ficou um tanto satisfeito em saber que, embora Giuseppe tivesse sido convocado para uma entrevista no campus e ele não, a palestra de Giuseppe tinha sido considerada fraca pelo corpo docente de Harvard. O que já era um consolo, por menor que fosse.

No dia seguinte, Gabriel tentou se distrair dos seus problemas buscando atividades prazerosas: um café da manhã numa *piazza*; uma caminhada às margens do rio Arno; uma longa tarde no seu alfaiate, durante a qual encomendou um terno de lã preto sob medida; e cerca de uma hora procurando pelo par de sapatos perfeito para completar o elegante conjunto. O alfaiate brincou com ele, dizendo que o terno era tão requintado que Gabriel poderia se casar com ele. O alfaiate riu até Gabriel erguer a mão esquerda e lhe mostrar sua aliança.

– Sou recém-casado – explicou ele, para grande surpresa do alfaiate.

Por onde quer que Gabriel andasse na cidade de Florença, ele era invadido por lembranças dela. Parado na Ponte Santa Trinità, guardava junto ao peito sentimentos ao mesmo tempo doces e amargos, sabendo que eles eram preferíveis a qualquer alternativa química.

Mais tarde naquela noite, um pouco embriagado, ele vagou pelos arredores do Duomo, refazendo o caminho que havia tomado com Julianne meses antes. Torturado pela lembrança do seu rosto quando Julia o acusou de trepar com ela, ele topou com um mendigo que lhe parecia familiar, sentado à sombra do domo de Brunelleschi.

Gabriel se encaminhou na direção dele.

– Uma moedinha para um velho – pediu o mendigo em italiano.

Gabriel chegou mais perto, encarando o homem com desconfiança. Foi assaltado

pelo odor de carne suja e álcool, mas isso não o impediu de se aproximar ainda mais.

Reconhecendo que se tratava do mesmo homem que havia inspirado a caridade de Julia em dezembro do ano anterior, Gabriel se deteve, sem saber muito bem o que fazer.

Tateou os bolsos em busca da sua carteira. Sem se dar o trabalho de conferir os valores, ele sacou várias notas e as entregou ao homem.

◆◆◆

– Eu vi você dezembro passado. Mesmo assim, você continua aqui. – O italiano de Gabriel soou apenas um pouco acusatório.

O homem olhou para o dinheiro com uma expressão voraz.

– Estou aqui todos os dias. Até no Natal.

Gabriel balançou as notas de euro mais perto do homem.

– Minha *fidanzata* lhe deu dinheiro. Você a chamou de anjo. Está lembrado?

O homem abriu um sorriso desdentado e balançou a cabeça, sem desgrudar os olhos do dinheiro por um instante sequer.

– Existem muitos anjos em Florença, mas em Assis existem mais ainda. Imagino que Deus favoreça os mendigos de lá. Mas aqui é o meu lar. – O homem estendeu a mão, hesitante, sem saber ao certo se Gabriel lhe daria de fato o dinheiro.

Em sua imaginação, Gabriel conseguia ver o rosto de Julia defendendo, de forma compassiva, o mendigo. Ela quis lhe dar dinheiro, mesmo sabendo da grande possibilidade de que ele fosse desperdiçá-lo em álcool.

Enquanto encarava o pedinte, que não lhe parecia melhor do que ele próprio antes da generosidade de Julia, Gabriel se deu conta do fato de que ela não teria hesitado em repetir o gesto inúmeras vezes. Ela daria moedas àquele homem todos os dias, pois acreditava que um gesto de caridade nunca era em vão. Teria nutrido a esperança de que um dia aquele homem iria entender que alguém se importava com ele e tentaria buscar ajuda. Julia sabia que sua bondade a tornava

vulnerável, mas isso não a impedia de ser boa.

Gabriel largou as notas na mão do homem e se apressou a virar-lhe as costas, os ecos da alegria e das bênçãos do mendigo ressoando em seus ouvidos.

Ele não merecia bênção alguma. Não havia realizado um gesto de caridade da maneira que Julianne teria realizado, por compaixão e bondade. Estava apenas fazendo justiça à sua memória, ou tentando comprar uma indulgência.

Ao tropeçar em um paralelepípedo, ele percebeu o que deveria fazer.

No dia seguinte, Gabriel tentou reservar a casa na Úmbria que havia dividido com ela, mas o imóvel já estava ocupado. Então viajou até Assis, onde se hospedou em um pequeno e discreto hotel com instalações simples e cujos demais hóspedes eram peregrinos.

Gabriel nunca havia se imaginado como peregrino. Era orgulhoso demais para tanto.

Contudo, havia algo no ar de Assis que lhe permitiu dormir um sono tranquilo. Na verdade, foi sua melhor noite de sono desde que havia deixado os braços de Julia.

Ele se levantou cedo na manhã seguinte e seguiu em direção à Basílica de São Francisco. Tratava-se de um local de peregrinação para pessoas de todas as religiões, ainda que apenas pelos afrescos medievais e pela atmosfera pacífica que permeava aquele santuário. Não foi por coincidência que ele se viu refazendo os passos que dera com Julianne antes do Natal. Ele a havia levado para a missa na *Basilica superiore*, a parte de cima da igreja, e até esperara pacientemente enquanto ela se confessava antes do início da liturgia.

Ao caminhar pelo piso superior da basílica, admirando as imagens e saboreando o silêncio reconfortante do santuário, Gabriel viu de relance uma mulher de cabelos longos e castanhos desaparecer através de um portal. Intrigado, decidiu segui-la. Apesar da multidão de turistas e peregrinos, era fácil distingui-la, e por isso ele se viu descendo até a *Basilica inferiore*.

Então ela desapareceu.

Aflito, ele vasculhou o piso inferior da igreja. Só depois que sua busca se

mostrou infrutífera é que lhe ocorreu descer às profundezas da basílica, em direção à tumba de São Francisco. Lá estava ela, ajoelhada diante da cripta. Gabriel se esgueirou até a última fileira de bancos e, por respeito, se ajoelhou. Mas não conseguia descolar os olhos da mulher.

Não era Julianne. A jovem à sua frente tinha os quadris um pouco mais cheios, os ombros um pouco mais largos e seus cabelos eram mais negros. Mas era bela, e sua beleza o lembrava do quanto havia perdido.

O recinto era pequeno e primitivo, em total contraste com a basílica acima, com seus espaços amplos e abertos, ricamente decorada com afrescos. Gabriel não era o único a achar que aquela tumba modesta refletia de forma mais precisa a simplicidade da vida e da missão de São Francisco. Foi com esses pensamentos em mente que Gabriel se viu apoiado no banco à sua frente, com a cabeça abaixada. Antes mesmo de ter a intenção de fazê-lo, ele começou a rezar.

A princípio, eram apenas palavras – elocuções desesperadas e confissões sussurradas.

Porém, com o tempo, suas orações assumiram uma forma mais penitente, enquanto, sem que ele percebesse, a jovem acendia uma vela e ia embora.

Se a vida de Gabriel fosse um filme, um monge franciscano velho e experiente teria se deparado com ele e, notando sua aflição ao vê-lo rezar ajoelhado ali, se mostraria compassivo e lhe ofereceria orientação espiritual. Mas a vida de Gabriel não era um

filme. De modo que ele rezou sozinho.

Se mais tarde você perguntasse a ele o que havia acontecido na tumba, Gabriel teria encolhido os ombros e evitado a pergunta. Algumas coisas não podem ser colocadas em palavras. Algumas coisas desafiam a própria linguagem.

Mas houve um momento em suas orações em que Gabriel se viu defrontado com a magnitude dos seus erros, tanto morais quanto espirituais, ao mesmo tempo que sentia a presença do Um que conhecia o estado da sua alma e o aceitava mesmo assim. De repente, ele compreendeu o que a escritora Annie Dillard chamou certa vez de a *extravagância* da graça. Gabriel pensou no amor e no perdão que haviam sido derramados sobre o mundo e, mais especificamente, sobre ele, através das vidas de Grace e Richard.

E de Julianne, minha folhinha pegajosa.

O ímã do pecado havia encontrado algo muito inesperado no subsolo daquela basílica.

Quando deixou a igreja, ele estava mais determinado do que nunca a não voltar aos seus velhos hábitos.

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Para Julia, o restante de abril foi um turbilhão. Havia os últimos ajustes a fazer em sua dissertação, reuniões com Katherine Picton e consultas com Nicole. Fora isso, passava as noites de sexta com Paul.

Katherine se certificou de que a versão final da dissertação de Julia não tivesse erros e fosse algo de que ela pudesse se orgulhar. Então telefonou para Cecilia Marinelli, em Oxford, para lhe pedir que procurasse Julia em Harvard no outono.

Paul arranjou uma quitinete em Cambridge para ela sublocar. Julia começou a trabalhar na seleção de textos que Katherine havia sugerido que ela lesse em preparação para o curso da professora Marinelli.

No final de abril, Julia recebeu uma carta oficial do pró-reitor de Pós-graduação. Nela, o Dr. Aras solicitava sua presença em seu gabinete dali a uma semana. Ele fez questão de garantir que a reunião nada tinha a ver com questões disciplinares e afirmava que o professor Martin também estaria presente.

Apreensiva, ela atravessou a duras penas o campus em uma tarde de segunda-feira, abraçada à sua velha mochila L. L. Bean. Aquela mochila a confortava, tinha sido sua companheira durante quase um ano. Paul se oferecera para acompanhá-la, mas ela havia recusado, alegando que precisava enfrentar o pró-reitor sozinha. Mesmo assim, ele a abraçou e prometeu esperá-la na Starbucks preferida dos dois.

– Obrigado por vir, Srta. Mitchell. Como foi seu semestre?

Julia lançou um olhar de surpresa para o pró-reitor Aras, que estava sentado do outro lado da mesa.

– Foi... interessante.

O pró-reitor assentiu e então buscou o olhar do professor Martin.

– Sei que este ano acadêmico foi difícil para a senhorita. Convoquei esta reunião apenas para saber se teve mais algum problema desde a audiência.

Julia olhou de um acadêmico para outro, avaliando-os.

– Que tipo de problema?

– O pró-reitor Aras quer saber se o professor Emerson voltou a importuná-la depois da audiência. Ele entrou em contato por telefone ou por e-mail? Tentou encontrá-la? – O

professor Martin parecia bem-intencionado, mas algo em sua postura deixava Julia desconfiada.

– Por que querem saber? Já conseguiram o queriam. Ele saiu da cidade.

A expressão do pró-reitor ficou tensa.

– Não estou interessado em reabrir o seu caso, Srta. Mitchell. Esta reunião é uma cortesia, uma tentativa de nos certificarmos de que a senhorita pôde dar continuidade aos seus estudos sem nenhuma interferência. Estamos tentando descobrir se o professor Emerson manteve sua palavra e a deixou em paz.

– Eu recebi um e-mail do professor Emerson poucos dias após a audiência. A mensagem dizia para eu não procurá-lo mais e que estava tudo acabado entre nós. – Ela não conseguiu esconder a amargura em sua voz.

O professor Martin trocou um olhar significativo com o pró-reitor.

– Estou certo de que está feliz por ter deixado este assunto para trás.

Julia permaneceu calada, sem se dar o trabalho de responder.

– A senhorita está liberada. Parabéns pelo seu sucesso este ano e por ter sido aceita em Harvard. Até a formatura. – O pró-reitor assentiu, dispensando-a.

Julia pegou sua mochila e se encaminhou para a porta. Assim que estendeu a mão para a maçaneta, se deteve, virando-se para encarar os dois professores.

Que estranho, pensou Julia, que aqueles dois homens, armados somente de seus intelectos gigantescos e de seus armários cheios de tweed, pudessem deter tamanho poder sobre o coração e a felicidade dela.

– Eu não me arrependo do meu relacionamento com o professor Emerson, por mais que ele tenha terminado mal. Vocês dois foram incrivelmente desdenhosos e arrogantes comigo durante todo esse processo. Entendo a necessidade de proteger os que precisam de proteção, mas os senhores eram as únicas pessoas das quais eu precisava ser protegida.

Julia lançou-lhes um olhar intimidador e saiu da sala.

CAPÍTULO TRINTA E SETE

Gabriel ficou tanto tempo em Assis que quase se tornou parte da basílica. Todos os dias ele passava horas sentado diante da cripta de São Francisco, pensando. Às vezes, rezava. Às vezes, Deus parecia estar próximo; outras, distante. Ele sempre desejava estar com Julia, embora começasse a perceber como o relacionamento dos dois havia sido imperfeito – como ele desejara mudar a si mesmo para ser digno dela, quando, na verdade, deveria ter mudado porque era um cretino insuportável.

Um dia, estava almoçando no hotel quando um conterrâneo veio puxar conversa com ele. O homem era da Califórnia, médico, e estava visitando Assis com sua esposa e o filho adolescente.

– Nós vamos para Florença amanhã e passaremos dois meses lá.

– Fazendo o quê? – perguntou Gabriel, encarando o homem grisalho com uma expressão intrigada.

– Ficaremos com os franciscanos. Minha mulher é enfermeira, e ela e eu trabalharemos numa clínica. Meu filho ajudará os desabrigados.

Gabriel franziu o cenho.

– Vão fazer esse trabalho como voluntários?

– Sim. Queríamos ter essa experiência como uma família. – O homem se deteve e observou Gabriel com atenção.

– Não gostaria de nos acompanhar? Os franciscanos sempre precisam de ajuda.

– Não – respondeu Gabriel, espetando seu garfo em um pedaço de bife com determinação. – Não sou católico.

– Nós também não. Somos luteranos.

Gabriel lançou um olhar interessado para o médico. Seu conhecimento sobre os luteranos se limitava quase exclusivamente aos escritos de Garrison Keillor. (Não que ele estivesse disposto a admitir isso.)

O médico sorriu.

– Queremos ajudar a fazer um bom trabalho. E quero incentivar meu filho a pensar em algo além de praia e videogames nas férias.

– Obrigado pelo convite, mas não posso. – Gabriel foi firme em sua resposta e o

♦♦♦

médico mudou de assunto.

Mais tarde naquela noite, Gabriel estava olhado pela janela do seu quarto de hotel simples, como sempre, pensando em Julia.

Ela não teria recusado. Teria ido com eles.

Mais uma vez ele foi lembrado do abismo entre a generosidade dela e o seu egoísmo.

Um abismo que, mesmo depois de ter passado tantos meses em sua companhia, ainda não havia sido transposto.

Duas semanas depois, Gabriel estava parado diante do monumento a Dante em Santa Croce. Ele havia se juntado aos luteranos em sua viagem a Florença e se tornara um dos mais controversos voluntários dos franciscanos. Serviu refeições aos pobres, mas ficou horrorizado com a qualidade da comida oferecida, por isso preencheu um cheque e contratou um serviço de bufê para preparar os pratos. Acompanhou os demais voluntários quando eles ofereceram artigos de higiene pessoal e roupas limpas aos desabrigados, mas ficou tão transtornado com a imundície dos homens e mulheres que assinou outro cheque para que fossem

construídos banheiros e duchas para os sem-teto na missão franciscana.

Ou seja, no momento em que Gabriel se inteirou de cada um dos aspectos do trabalho dos franciscanos junto aos desfavorecidos, empenhou-se em mudar tudo e financiar essas mudanças do próprio bolso. Em seguida, visitou algumas das famílias mais abastadas da cidade, que havia conhecido ao longo de sua vida acadêmica, e lhes pediu que auxiliassem os franciscanos a ajudar os pobres de Florença. As doações dessas famílias garantiriam um fluxo constante de verbas por anos a fio.

Parado diante do memorial a Dante, ele foi invadido por uma repentina sensação de afinidade com seu poeta favorito. Dante tinha sido exilado de Florença. Embora com o tempo a cidade o tivesse perdoado e permitido que um memorial fosse erguido na basílica em sua homenagem, seu corpo estava enterrado em Ravena. Graças a um estranho golpe do destino, Gabriel agora sabia o que era estar exilado de seu trabalho, da sua cidade, e do seu lar, pois era isso que os braços de Julianne sempre seriam para ele.

Os memoriais à sua volta o faziam recordar sua própria mortalidade. Se tivesse sorte, teria uma vida longa, porém muitas pessoas, como Grace, tinham suas vidas abreviadas.

Ele poderia ser atropelado por um carro, ter câncer ou sofrer um ataque cardíaco. De repente, seu tempo na Terra lhe pareceu muito curto e muito precioso.

Desde que deixara Assis, vinha tentando aliviar sua culpa e sua solidão praticando boas ações. O trabalho voluntário junto aos franciscanos era sem dúvida um passo nessa

♦♦♦

direção. Mas e quanto a consertar as coisas com Paulina? Era tarde demais para fazer as pazes com Grace, ou Maia, ou com seus pais biológicos.

E quanto a Julianne?

Gabriel olhou para a figura de uma mulher em desespero debruçada sobre o que parecia ser o caixão de Dante. Ele aceitara seu exílio, mas isso não significava que se privaria de escrever cartas e mais cartas para ela, mesmo que nunca fossem enviadas.

Cemitérios possuem uma quietude sem igual. Até mesmo aqueles localizados em agitados centros urbanos possuem essa quietude – uma paz misteriosa no ar.

Enquanto andava por ali, Gabriel não podia fingir que estava passeando em um parque.

As poucas árvores que salpicavam a paisagem não estavam repletas de pássaros cantantes. Por mais que a grama estivesse verde e muito bem cuidada, não havia nela esquilos ou coelhos, brincando ou procurando comida.

Ele viu os anjos de pedra ao longe, seus vultos gêmeos erguendo-se como sentinelas entre os demais monumentos. Eram feitos de mármore, não de granito, a pele branca, pálida e perfeita. Os anjos estavam de costas para ele, as asas abertas. Era-lhe mais fácil ficar atrás do monumento. Assim, não conseguia ver o nome gravado na lápide. Ele poderia ficar ali para sempre, a alguns metros de distância, e nunca se aproximar. Mas isso seria covardia.

Gabriel respirou fundo, seus olhos cor de safira se fechando com força, enquanto fazia uma oração silenciosa. Então deu a volta no monumento, parando em frente à sepultura.

Sacou um lenço imaculado do bolso da calça. Um observador teria imaginado que Gabriel fosse usá-lo para enxugar suor ou lágrimas, mas não. Ele se inclinou para a frente e, com um gesto sutil da mão, passou o pedaço de linho branco sobre a pedra negra. A sujeira saiu com facilidade. As roseiras precisavam ser aparadas, pois já haviam começado a encobrir as letras. Ele fez uma nota mental para não se esquecer de contratar um jardineiro.

Depositou as flores diante da lápide, sua boca se movendo como se estivesse sussurrando. Mas não estava. A sepultura, naturalmente, estava vazia.

Uma ou duas lágrimas embaçaram sua visão, seguidas de suas irmãs, e logo seu rosto estava tomado por uma enxurrada. Gabriel não se deu o trabalho de secá-las enquanto levantava o rosto para encarar os anjos, suas almas de mármore silenciosas e compassivas.

Ele pediu perdão. Expressou sua culpa, que sem dúvida o faria sofrer pelo resto da vida. Não pediu que o fardo fosse tirado de seus ombros, pois ele lhe parecia parte das

consequências dos seus atos. Ou melhor, a consequência do que ele não tinha sido capaz de fazer por uma mãe e sua filha.

Por fim, enfiou a mão no bolso para pegar o celular e discou um dos números gravados na memória do iPhone.

– Alô?

– Paulina? Preciso vê-la.

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Opai de Julia insistiu em comparecer à formatura da filha e se recusou a permitir que Paul a ajudasse sozinho com a mudança para Cambridge. Tom pagou o valor da caução e o aluguel do apartamento que ela sublocaria durante o verão. E foi Tom quem pegou um voo para Toronto para ver sua única filha se formar no mestrado no dia 11 de junho.

Usando um vestido preto básico e sapatos confortáveis, Julia deixou Paul e Tom nos degraus de entrada do Convocation Hall, o prédio em que eram realizadas as formaturas na Universidade de Toronto, enquanto entrava na fila com os demais formandos.

Tom gostou de Paul. Gostou muito.

O rapaz era direto e tinha um aperto de mão firme. Olhava nos olhos de Tom enquanto os dois conversavam. E se ofereceu para ajudar Julia a se mudar para Cambridge, o que incluía recebê-los na fazenda da sua família em Burlington, mesmo depois de Tom ter insistido que poderia levar Julia sozinho. Tom soltou uma indireta para a filha durante o jantar naquela noite, depois da formatura, sugerindo que Paul era uma escolha óbvia para um novo relacionamento, mas Julia fingiu que não tinha ouvido.

À medida que os formandos enchiam o salão, Julia não pôde deixar de correr os olhos pela plateia, em busca de Gabriel. Com tantas pessoas, era improvável que conseguisse vê-lo, mesmo que ele estivesse ali. No entanto, quando olhou para o setor reservado ao corpo docente, localizou com facilidade Katherine Picton, que usava sua beca de Oxford.

Se os professores estivessem em ordem alfabética (o que certamente parecia ser

o caso), Julia seria capaz de descobrir onde Gabriel deveria estar sentado, com a toga carmesim de Harvard. Mas ele não estava lá.

Quando o nome de Julia foi chamado, Katherine subiu ao palco com passos lentos, porém seguros, para investi-la no grau de mestre. Foi ela também quem apertou sua mão com profissionalismo, lhe desejou sucesso em Harvard e lhe entregou seu diploma.

Mais tarde naquela noite, após um jantar de comemoração com Paul e Tom em uma churrascaria da região, Julia conferiu seu correio de voz e encontrou uma nova mensagem. Era de Rachel.

Parabéns, Julia! Sinta-se abraçada por todos nós. Também temos presentes para você.

Obrigada por ter me passado seu novo endereço em Cambridge. Vou enviar tudo pelo correio e me certificar de que já esteja lá quando você chegar. Também vou mandar o

seu vestido de dama de honra.

Papai comprou sua passagem de avião de Boston para a Filadélfia para o dia 21 de agosto. Espero que seja uma boa data. Ele fez questão de pagar e eu já sabia que você tinha planos de vir uma semana antes do casamento.

Ainda não tive notícias de Gabriel. Espero que ele tenha ido à sua formatura. Mas, se não foi, talvez vocês tenham a chance de resolver tudo durante o casamento. Duvido que ele deixe de vir. Convidamos Gabriel para ser padrinho e ainda nem tenho as medidas do smoking dele!

♦♦♦

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Um certo especialista em Dante de olhos azuis lia o poema *Quarta-feira de cinzas*, de T. S. Eliot antes das orações que fazia antes de dormir. Por mais que estivesse sozinho, ao mesmo tempo não estava.

Olhando para a fotografia sobre a mesa de cabeceira, pensava na formatura dela. Em como ela deveria estar bonita e orgulhosa em sua beca. Com um suspiro, fechou o livro de poesias e apagou a luz.

Na escuridão do seu velho quarto na antiga casa da família Clark, refletiu sobre as semanas anteriores. Tinha deixado a Itália e viajado para Boston e Minnesota. Prometera aos franciscanos que voltaria, pois eles tinham dito (com sabedoria) que davam mais valor à sua presença do que às suas doações. Com isso em mente, fechou os olhos.

– Gabriel, está na hora de levantar.

Resmungando, ele manteve os olhos fechados, na esperança de que a voz fosse embora.

O sono trazia a paz de que ele precisava.

– Vamos. Sei que você está acordado – insistiu a voz, rindo baixinho, e ele sentiu o colchão afundar perto das suas pernas.

Abriu os olhos e viu sua mãe adotiva sentada à beira da cama.

– Está na hora de ir para a escola? – perguntou, esfregando os olhos para afastar o sono.

Grace tornou a rir, o som leve e delicado como música.

– Você está um pouco velho para ir à escola, pelo menos como aluno.

Ele olhou em volta, confuso. Então se sentou.

Ela lhe abriu um sorriso caloroso e estendeu a mão. Ele se deliciou com a sensação da mão macia de Grace na sua antes de apertá-la.

– Qual o problema? – Grace o encarou com um olhar intrigado, porém carinhoso, enquanto Gabriel segurava a mão dela.

– Eu nunca me despedi. Não tive a chance de dizer... – Ele se deteve e inspirou depressa. – ...que a amo.

– As mães sabem dessas coisas, Gabriel. Eu sempre soube.

Por um momento, ele foi dominado por uma onda de emoção enquanto se estendia na direção dela e a puxava para um abraço.

– Eu não sabia que você estava doente. Rachel me disse que estava melhorando. Eu deveria ter ficado ao seu lado.

Grace afagou-lhe as costas.

– Quero que pare de se culpar por tudo. Você tomou a melhor decisão com base no que sabia na época. Ninguém espera que seja onisciente... ou perfeito.

Grace se afastou para ver o rosto dele.

– Você também não deveria esperar isso de si mesmo. Amo todos os meus filhos, mas você foi meu presente de Deus. Sempre foi especial.

Mãe e filho passaram alguns instantes numa comunhão silenciosa antes de ela se levantar, alisando o vestido.

– Tem uma pessoa aqui que eu gostaria que conhecesse.

Gabriel secou os olhos, afastando os lençóis e tirando suas pernas cobertas pelas calças de flanela de cima da cama, pousando os pés no chão. Ele se levantou, tentando pentear os cabelos, esquecendo-se por alguns instantes de que estava sem camisa. Grace saiu para o corredor e então voltou com o braço em volta de uma menina.

Gabriel ficou olhando para as duas.

Apesar de sua aparência jovem, a menina parecia atemporal, como se não tivesse idade definida. Era magra e alta, tinha cabelos longos e louros e o rosto de uma brancura impecável. Seus olhos lhe pareciam familiares. Olhos azuis arrebatadores, cor de safira, que cumprimentaram os seus acompanhados de um sorriso rasgado, cor-de-rosa.

Gabriel lançou um olhar intrigado para Grace.

– Vou deixar vocês dois conversarem – disse ela, desparecendo em seguida.

– Eu sou Gabriel. – Ele abriu um sorriso cortês e estendeu a mão.

Ela a apertou, sorrindo com alegria.

– Eu sei. – A voz dela era suave e muito doce. Fazia Gabriel pensar em um pequeno sino.

– E você quem é?

– Eu queria conhecê-lo. Grace me contou como você era quando criança, falou sobre seu trabalho como professor. Também gosto de Dante. Ele é muito engraçado.

Gabriel concordou com a cabeça, sem entender direito.

A menina ergueu os olhos para ele com uma expressão melancólica.

– Pode me falar dela?

– Quem?

– Paulina.

Gabriel ficou tenso, estreitando os olhos com desconfiança.

– Por quê?

– Não cheguei a conhecê-la.

Ele esfregou os olhos com a base das mãos.

– Ela foi visitar a família em Minnesota, para tentar se reconciliar com eles.

– Eu sei. Ela está feliz.

– Então por que pergunta?

– Quero saber como ela é.

Ele ficou calado por alguns instantes, elaborando com cuidado o que iria dizer.

– Ela é atraente e inteligente. Teimosa, também. Fala várias línguas e cozinha bem. –

Ele deu uma risadinha. – Mas não tem ouvido nenhum para música. É tão

desafinada que chega a doer.

A menina riu.

– Foi o que eu ouvi falar. – Ela encarou Gabriel com um olhar curioso. – Você a amava?

Ele afastou o olhar.

– Acho que amo agora, de certa forma. Nós éramos amigos no começo, quando eu a conheci em Oxford.

A menina assentiu e virou a cabeça, como se alguém a chamasse do corredor. Então se apressou em lançar os olhos de volta para Gabriel.

– Que bom que pude conhecer você. Antes, não era possível. Mas nos veremos de novo. – Ela sorriu e se virou em direção à porta.

Gabriel a seguiu.

– Você não me disse seu nome.

Ela o encarou, esperançosa.

– Não está me reconhecendo?

– Não. Sinto muito. Embora os seus olhos não me sejam estranhos...

Ela riu e Gabriel sorriu a contragosto, pois sua risada era contagiante.

– É claro que meus olhos não lhe são estranhos, eles são *seus*.

O sorriso de Gabriel desapareceu.

– Não sabe quem eu sou? – Ela parecia intrigada.

Ele balançou a cabeça.

– Sou Maia.

O rosto de Gabriel ficou petrificado. Então, enquanto os instantes passavam, ele

foi tomado por várias emoções diferentes, como nuvens flutuando pelo céu em um dia de verão.

Ela apontou para a tatuagem em seu peito esquerdo.

– Não precisava ter feito isso. – Ela se inclinou para a frente, sussurrando em tom conspiratório. – Eu sei que você me amava. Estou feliz aqui. É tão cheio de luz, esperança e amor... E é tão lindo!

Ela se esticou e deu um beijo no rosto dele, seus lábios se detendo ali apenas por um segundo, antes de deixá-lo e se encaminhar para o corredor.

CAPÍTULO QUARENTA

Um dia depois da formatura, Tom estava parado em frente à casa de Julia, usando uma blusa cinza com a palavra Harvard estampada ao longo do peito.

– Papai? – O tom de Julia foi interrogativo.

– Estou tão orgulhoso de você – disse ele com a voz embargada, puxando-a para um abraço.

Pai e filha compartilharam de um momento de paz na entrada do prédio de Julia antes de ouvirem alguém subir os degraus atrás deles.

– Hã, bom dia. Trouxe café da manhã. – Paul segurava uma bandeja contendo três cafés e alguns donuts do Tim Hortons. Ele parecia algo constrangido por ter interrompido os dois, mas foi recebido com um aperto de mão por Tom e com um abraço por Julia.

Os três tomaram café da manhã juntos, sentados à mesa de carteado de Julia; então os dois homens começaram a planejar qual a melhor maneira de empacotar todas as coisas dela e transportá-las. Por sorte, Paul havia convencido Sarah, que sublocava o apartamento para Julia, a deixá-la se mudar para Cambridge no dia 15 de junho.

– Hum, Katherine Picton me convidou para almoçar hoje – falou Julia. – Mas não preciso ir – apressou-se a acrescentar, pois não queria deixar Tom e Paul arrumando sozinhos suas coisas para cumprir um compromisso social.

– Você não tem muita coisa, Jules. – Tom avaliou rapidamente o que havia na quitinete. – Vamos deixar você arrumar suas roupas enquanto começamos a empacotar os livros. Estou certo de que estaremos quase acabando quando precisar sair para encontrar sua professora. – Ele sorriu e despenteou o cabelo da filha com a mão antes de desaparecer no banheiro, deixando Paul e Julia a sós.

– Não precisa fazer isso. Papai e eu nos viramos sozinhos.

Paul franziu a testa.

– Quando você vai aceitar o fato de que estou aqui porque quero? *Eu não vou embora*, Julia; não quando tenho motivo para ficar.

Julia se retesou, desconfortável, e seus olhos logo se fixaram no café pela metade à sua frente.

– Se a professora Picton a convidou é porque quer conversar com você. É melhor ir. –

◆◆◆

Paul apertou de leve a mão de Julia. – Seu pai e eu cuidaremos de tudo por aqui.

Julia suspirou devagar e sorriu.

Havia alguns artigos íntimos que Julia não queria que seu pai ou Paul vissem, de modo que os escondeu em sua mochila L. L. Bean. Não eram o tipo de coisa que uma jovem normalmente esconderia do pai: um diário, brincos de diamantes e alguns itens relacionados à sua terapia.

Nicole estava satisfeita com o progresso de Julia e, ao final da sua última consulta, lhe deu o nome e os contatos de uma terapeuta perto de Harvard. Não satisfeita em ter ajudado Julia a lidar com seus problemas, ela a estava indicando para outra profissional gabaritada que seria capaz de ajudá-la a dar os próximos passos da sua jornada.

Julia colocou um vestido e sandálias modestas para ir à casa da professora Picton, achando que um convite para almoçar justificava roupas mais atraentes. Ela carregava sua mochila em um dos ombros e trazia uma lata do que, segundo lhe disseram, era um excelente chá Darjeeling, que comprara para dar de presente à anfitriã. Ela e seu chá foram recebidos com a contenção habitual e

imediatamente conduzidos até a sala de jantar, onde elas saborearam um almoço muito agradável, que consistia em salada de camarão, sopa de pepino fria e um excelente Sauvignon Blanc.

– Como estão indo suas leituras? – perguntou Katherine, fitando Julia por sobre seu prato de sopa.

– Devagar e sempre. Venho lendo os textos que a senhora sugeriu, mas estou só no começo.

– A professora Marinelli está ansiosa para conhecê-la. Seria bom que você se apresentasse a ela assim que chegasse a Cambridge.

– Farei isso. E obrigada.

– Seria interessante para você conhecer os outros especialistas em Dante da região, sobretudo na Universidade de Boston. – Katherine abriu um sorriso sábio. – Embora não tenha dúvidas de que as coisas se arranjarão sozinhas e você vá acabar sendo apresentada a eles com o tempo. Mas, se isso não acontecer, prometa que vai dar uma passada no Departamento de Estudos Românicos da Universidade de Boston antes de setembro.

– Pode deixar. Obrigada. Não sei o que teria feito... – A voz de Julia foi sumindo enquanto ela lutava contra suas emoções.

Para surpresa de Julia, Katherine estendeu o braço até o outro lado da mesa e afagou a mão dela. Tocou-a de forma um tanto desajeitada, como um professor universitário

♦♦♦

afagaria a cabeça de uma criança em prantos, mas não sem ternura.

– Você se formou com louvor. Sua dissertação é bem fundamentada e pode servir de base para uma bela tese. Terei prazer em acompanhar sua carreira de perto. E acredito que será muito feliz em Cambridge.

– Obrigada.

Quando chegou o momento de ir embora, Julia fez menção de apertar a mão de Katherine, mas ficou surpresa ao ser puxada para um abraço caloroso, porém

contido.

– Você foi uma boa aluna. Agora vá para Harvard e me deixe orgulhosa. E não se esqueça de me mandar um e-mail de vez em quando para me dizer como está. –

Katherine recuou e encarou Julia com um olhar firme. – É bem possível que eu dê uma palestra em Boston no outono. Espero que possamos nos encontrar.

Julia concordou com a cabeça.

Enquanto caminhava rumo a sua pequena quitinete na Madison Avenue, ela olhava, admirada, para o presente que a professora Picton lhe dera. Era uma das primeiras edições de *A vida nova*, de Dante. O livro, raro e desgastado, havia pertencido a Dorothy L. Sayers, que fora amiga da orientadora da tese de Katherine em Oxford. Suas margens traziam as anotações de Sayers, escritas de seu próprio punho. Julia o guardaria como um tesouro para sempre.

Independentemente do que Gabriel tivesse feito, convencer Katherine Picton a ser sua orientadora havia sido um presente tão grande que Julia sempre estaria em dívida com ele.

Amor é fazer uma gentileza para alguém, sem esperar nada em troca, pensou ela.

Na manhã seguinte bem cedo, Julia, Tom e Paul carregaram tudo na traseira de uma caminhonete e fizeram uma viagem de oito horas até a fazenda Norris, que ficava nos arredores de Burlington, em Vermont. A família Mitchell foi recebida calorosamente e convencida a ficar alguns dias a mais para que Ted Norris, o pai de Paul, pudesse levar Tom para pescar.

Julia duvidava que qualquer outra sugestão convidativa fosse capaz de atrasar seu cronograma já apertado, mas isso foi antes de ela e o pai experimentarem a comida de Louise Norris. A mãe de Paul era uma excelente cozinheira que fazia tudo com receitas caseiras, inclusive donuts. O estômago de Tom ficou apaixonado.

Na noite de 15 de junho, véspera da viagem dos três para Cambridge, Paul não conseguiu dormir. Seu pai o havia tirado da cama bem depois da meia-noite por conta de

uma emergência relacionada a uma das vacas. Quando a crise foi enfim solucionada, ele estava agitado demais para voltar para a cama.

Tinha duas mulheres na sua cabeça. Allison, sua ex-namorada, estava de visita na fazenda havia dois dias, quando ele chegou com Julia. Eles ainda eram amigos, de modo que o gesto tinha sido bem-intencionado, mas Paul sabia que parte do motivo da sua presença era avaliar Julia. Ele havia contado para Allison a respeito dela durante o Natal, então sua ex-namorada já estava mais do que ciente da existência de Julia em sua vida e da atração que Paul sentia por ela. Uma atração que ele precisou admitir não ser correspondida, pelo menos na época.

Mesmo assim, Allison foi simpática com Julia, que, do seu jeito tímido, foi tão agradável como sempre. Foi estranho para Paul assistir a seu passado e seu futuro em potencial jogarem conversa fora enquanto ele se atrapalhava com as palavras.

Quando Allison telefonou para o seu celular antes da hora de dormir naquela noite e disse que Julia era encantadora, ele não soube como responder. É claro que ainda sentia algo por Allison. Eles haviam tido uma longa e bela história de amizade antes de começarem a namorar. Paul ainda a amava. Mas Allison havia terminado com ele, que decidira seguir em frente e conheceu Julia. Por que deveria se sentir culpado?

Enquanto Paul refletia sobre sua muito complexa (embora ao mesmo tempo inexistente) vida amorosa, Julia lutava contra a insônia. Quando enfim se cansou de ficar virando de um lado para outro na cama, resolveu descer do sótão que ocupava até a cozinha para apanhar um copo d’água.

Encontrou Paul sentado sozinho na enorme mesa, comendo uma tigela bem grande de sorvete.

– Oi. – Ele estudou a aparência de Julia com um olhar breve, porém apreciativo.

Julia se aproximou dele usando uma velha blusa da Escola Secundária de Selinsgrove e um short de corrida que tinha *St. Joe’s* bordado de forma atrevida na parte de trás.

(Aos olhos de Paul, ela era Helena de Troia em roupas de ficar em casa.)

– Também não consegue dormir? – Ela puxou uma cadeira para se sentar ao seu lado.

– Papai teve um problema com uma vaca. Sorvete? – Ele pegou uma colherada generosa de sorvete Ben and Jerry da tigela e a ofereceu a Julia.

Era o seu sabor favorito, Heath Bar Crunch, sorvete de café com lascas de chocolate crocante. Ela pegou educadamente a colher da mão de Paul.

– Hummm – gemeu ela, de olhos fechados. Quando os abriu de volta, devolveu a colher, resistindo à tentação de lambê-la.

Paul largou a colher na tigela e se levantou. Julia piscou para ele e, por instinto, se recostou de volta na cadeira.

– Julia – sussurrou ele, colocando-a de pé. Paul afastou os cabelos dela para trás dos ombros, notando que Julia não se encolheu quando fez isso. As partes de cima de seus corpos se roçaram. Ele olhou dentro dos seus olhos com uma intensidade escaldante. –

Eu não quero dizer adeus.

O rosto dela se enrugou em um sorriso.

– Não vamos dizer adeus. Continuaremos trocando e-mails e falando ao telefone. Se você for à Boston, vamos nos ver.

– Acho que não está entendendo.

Julia libertou seu punho da mão de Paul, recuando um passo.

– É por causa de Allison, não é? Não quero criar problemas para você. Papai e eu podemos fazer a viagem sozinhos.

Ela esperou pacientemente pela resposta de Paul, mas, em vez de parecer aliviado, ele parecia aflito.

– Não tem nada a ver com Allison.

– Não?

– Você precisa mesmo me perguntar isso? – Paul deu outro passo na direção dela. –

Será que não sabe?

Temendo ser rejeitado, ele ergueu as mãos devagar e aninhou o rosto de Julia nelas. Os traços delicados dela foram engolidos pelas suas mãos grandes. Paul a segurou com ternura, preocupado por ter tamanha fragilidade sob os dedos, e começou a acariciar-lhe as faces com seus polegares, bem devagar.

Julia afastou seus olhos dos dele.

– Paul, eu...

– Deixe-me dizer isto – falou ele, interrompendo-a de forma brusca. – Só desta vez, deixe-me dizer o que eu sinto.

Ele respirou fundo e esperou que Julia o olhasse nos olhos antes de falar.

– *Eu estou apaixonado por você*. Não quero que esteja longe porque amo você. A ideia de deixá-la em Cambridge está acabando comigo.

Julia inspirou devagar e começou a balançar a cabeça.

– Apenas me ouça. Eu sei que você não está apaixonada por mim. Sei que é muito cedo. Mas acha que poderia se apaixonar... com o tempo?

Julia fechou os olhos. Sua mente foi lançada adiante, visualizando um futuro que não havia cogitado antes: uma encruzilhada de possibilidades. Ela pensou em como seria estar apaixonada por Paul, ser abraçada e beijada por ele. Em sua imaginação, pôde vê-lo carregando-a até o seu quarto no andar de cima e fazendo amor com ela, de forma carinhosa e gentil. Pois Julia sabia que, acima de tudo, Paul seria gentil.

Ele iria querer casar, é claro, e ter filhos. Mas sentiria orgulho da sua carreira acadêmica e a apoiaria nesse sentido.

Não sentiu repulsa alguma dessas imagens, pois elas eram boas. Poderia ter uma vida feliz com um homem decente que nunca lhe faria mal e que, ela sabia, provavelmente jamais sequer a magoaria até o dia da sua morte. Julia poderia ter

uma boa vida com ele.

Paul ergueu o queixo dela, que abriu os olhos.

– Não haverá drama, brigas e ex-namoradas como a professora Agonia. Eu irei tratá-la com respeito e nunca, *jamais*, abandonarei você.

Após uma pausa, ele acrescentou com um sussurro, seu olhar carregado e intenso:

– *Me escolha*. Faça isso e eu lhe darei uma vida feliz. Você nunca precisará chorar até dormir de novo.

Lágrimas começaram a escorrer pelo seu rosto. Julia sabia que ele estava dizendo a verdade. Mas saber a verdade e querê-la para si são duas coisas completamente diferentes.

– Não sou como ele. Não sou um inferno que arde para se apagar em seguida. Sou constante. Eu me contive porque sabia que você queria que fôssemos apenas amigos.

Mas, só desta vez, gostaria de poder lhe mostrar o que eu sinto sem me conter.

Ele interpretou o silêncio de Julia como um assentimento e a envolveu com seus braços. Inclinou-se para baixo para que seus lábios pudessem se encontrar e depositou toda a paixão e todo o amor que sentia por ela em um só beijo. A boca de Paul era quente e convidativa. O que começou como um contato sutil logo se tornou frenético de desejo.

Decidindo-se numa fração de segundo, Julia se abriu para ele, hesitante, ao que a língua de Paul foi rapidamente ao encontro da sua, as mãos dele subindo em direção aos seus cabelos. Não houve nenhuma dominação, nenhuma tentativa de forçá-la a ceder, nada de opressivo ou bruto.

Paul a beijou pelo máximo de tempo que pôde sem ser obsceno, então diminuiu pouco

a pouco a pressão dos seus lábios nos dela, dando-lhe mais alguns beijinhos antes de mover a boca até sua orelha.

– Eu amo você, Julia. Diga que será minha. Você não vai se arrepender.

Julia o abraçou com força, lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

♦♦♦

CAPÍTULO QUARENTA E UM

No dia seguinte, durante o café da manhã, Louise Norris alternou olhares preocupados entre o filho e a mulher que ele amava. Seu marido, Ted, se esforçou para não deixar a conversa morrer, falando sobre a vaca doente de que havia cuidado na noite anterior. Tom tentou enfiar um donut inteiro na boca sem parecer um bárbaro, sem sucesso.

Depois do café, a cozinha se esvaziou como um navio cheio de ratos atracando em um novo porto, deixando Paul e Julia sentados frente a frente, cada qual brincando com suas canecas de café e evitando o olhar do outro.

Foi Julia que quebrou o silêncio:

– Sinto muito.

– Eu também.

Ela mordeu o lábio e lançou os olhos em direção aos dele, perguntando-se se Paul estaria com raiva ou amargurado. Ou as duas coisas.

Mas ele não estava. Seus olhos escuros continuavam gentis, mas ele parecia derrotado.

– Eu precisava tentar, entende? Não queria esperar até você encontrar outra pessoa.

Mas não tocarei mais no assunto. – Ele frisou os lábios e uma expressão resignada cruzou seu rosto. – Não precisa se preocupar, não vou constrangê-la.

Julia se inclinou sobre a mesa e pegou a mão dele.

– Não fiquei constrangida. Sei que nós dois teríamos uma boa vida juntos. Também gosto de você. Mas você merece mais do que isso. Merece estar com uma pessoa que o amará da mesma forma que você a ama.

Paul soltou a mão dela e saiu da cozinha.

– Não vai me explicar por que ele está tão calado? – perguntou Tom, virando-se para Julia enquanto eles esperavam Paul sair do banheiro masculino de um posto de gasolina em New Hampshire.

– Ele quer mais do que posso oferecer.

Tom estreitou os olhos para algo ao longe.

– Ele parece ser um bom homem. Vem de uma boa família. Qual é o problema? Você

◆◆◆

tem alguma coisa contra vacas?

Ele estava tentando fazê-la rir, mas o efeito foi o contrário. Tom se apressou em levantar as mãos, rendendo-se.

– Quem sou eu para dizer alguma coisa? Achei que o filho do senador fosse um bom partido para você. Então imagino que eu não passe de um imbecil.

Antes que Julia pudesse discordar, Paul voltou à caminhonete, pondo fim à conversa sincera entre pai e filha.

Dois dias depois, Julia estava parada diante dos degraus de entrada do seu novo prédio, despedindo-se de Paul, sentindo-se pior do que quando o rejeitara na cozinha da casa dos seus pais. Ele não havia sido frio, grosseiro ou rancoroso. Não tinha se esquivado do compromisso de levá-la até Cambridge ou de ajudá-la a descarregar sua mudança.

Inclusive se dera o trabalho de arranjar uma entrevista de emprego para ela num café badalado em frente ao seu prédio. A antiga inquilina acabara de pedir demissão e Paul esperava que Julia pudesse substituí-la, pois sabia que ela precisava do dinheiro.

Dormira no chão do seu apartamento sem reclamar uma vez sequer. Tinha sido perfeito, na verdade. O que quase dava a Julia a sensação de que ela deveria mudar de ideia.

Seria mais seguro, mais fácil, escolher Paul. Com ele, seu coração iria se curar. Mas, se o escolhesse, estaria se contentando com o bom em detrimento do excepcional. E, mesmo que passasse a vida inteira sem alcançar o excepcional, seria melhor viver como Katherine Picton do que ser como sua mãe, pensava. Ao se casar com um bom homem sem amá-lo de forma apaixonada e completa, ela só conseguiria enganar a ele e a si mesma. E Julia não era egoísta a esse ponto.

– Adeus. – Ele deu-lhe um abraço apertado e a soltou em seguida, analisando sua expressão com cuidado. Talvez estivesse procurando algum sinal de que ela tivesse mudado de ideia.

– Adeus. Obrigada por tudo. Não sei o que teria feito sem você durante todos esses meses...

Ele deu de ombros.

– É para isso que servem os amigos.

Paul viu os olhos dela se encherem de lágrimas e a encarou com uma expressão muito aflita.

– Ainda somos amigos, não somos?

– É claro que somos. – Julia fungou. – Você foi um ótimo amigo e espero que possa continuar sendo, embora... – Ela deixou a frase no ar e Paul assentiu, como se estivesse grato por isso.

Com muita hesitação, ele estendeu a mão para acariciar sua face uma última vez. Então se encaminhou para o carro em que seu amigo Patrick o esperava. Patrick iria levá-lo de volta para Vermont.

De repente, Paul parou. Virou-se e andou de volta até Julia, inquieto.

– Não queria falar nada na frente do seu pai, então preferi esperar que ele fosse embora.

Depois pensei que talvez fosse melhor não contar. – Paul afastou o olhar, lançando-o pela Mount Auburn Street acima, aparentemente em conflito.

– O que foi?

Ele balançou a cabeça, virando-se para encará-la.

– Ontem recebi um e-mail do professor Martin.

Julia ergueu os olhos para ele, surpresa.

– Emerson pediu demissão – disse Paul.

– O quê? – Ela levou as mãos às têmporas, tentando se concentrar na gravidade do que Paul estava dizendo. – Quando?

– Não sei. Ele concordou em continuar orientando minha tese, embora esteja saindo da universidade. Pelo menos foi o que Martin disse. Não tive nenhuma notícia de Emerson.

Paul notou a agitação de Julia e se apressou em passar um braço em volta dos seus ombros.

– Não queria aborrecê-la, mas achei que deveria saber. O departamento está buscando um substituto para ele e estou certo de que vão procurar em Harvard. Sei que você acabaria descobrindo. Mas achei que seria melhor ouvir de mim.

Julia assentiu, tensa.

– Para onde ele vai?

– Não faço ideia. Martin foi muito sucinto. Acho que está furioso por Emerson ter pedido demissão depois de toda a merda pela qual fez o departamento passar.

Julia deu um abraço de despedida em Paul, sentindo-se entorpecida, e voltou ao seu novo apartamento, onde poderia pensar. Naquela noite, telefonou para Rachel. Como a ligação caiu na caixa postal, cogitou telefonar para Richard, mas não quis incomodá-lo.

Sabia que Scott não teria nenhuma informação privilegiada sobre o paradeiro de Gabriel.

Deixou algumas mensagens no celular de Rachel ao longo dos dias seguintes e

então esperou. Rachel não respondeu.

Ao longo do mês de junho, Julia começou a trabalhar em regime de meio expediente como balconista no Peet's, o café instalado numa casa de três andares reformada em frente ao seu prédio. Como Tom pagava o aluguel, havia arcado com as despesas da mudança e insistira que ela aceitasse parte do valor da venda da casa em Selinsgrove, seu emprego e suas economias lhe permitiam viver de forma simples, porém confortável, até começar a receber sua bolsa no final de agosto.

Ela logo marcou uma consulta com a terapeuta que Nicole havia recomendado e começou a encontrar a Dra. Margaret Walters uma vez por semana. Quando conseguiu uma folga entre aprender as manhas do comércio varejista de café e encantar os frequentadores da Harvard Square, ela seguiu o conselho de Katherine Picton e se apresentou a Greg Matthews, o chefe do seu novo departamento.

O professor Matthews a recebeu calorosamente e eles passaram quase uma hora conversando sobre seu interesse em comum por Dante. Ele mencionou que Cecilia Marinelli chegaria de Oxford na semana seguinte e sugeriu que Julia comparecesse à recepção que seria organizada para ela. Julia aceitou o convite com prazer. Em seguida, ele a levou até a sala dos estudantes e a apresentou a um grupo de alunos antes de pedir licença e se retirar.

Dois dos alunos foram cordiais, porém não muito simpáticos. A terceira aluna, Zsuzsa, que era húngara, a recebeu de braços abertos. Falou para Julia que havia um grupo que costumava se encontrar para beber todas as quartas-feiras no Grendel's Den, um pub local com vista para o Winthrop Park. Aparentemente, o Grendel tinha um terraço maravilhoso e uma carta de cervejas excepcional. Julia prometeu que se juntaria a Zsuzsa na próxima noite de quarta-feira e as duas trocaram endereços de e-mail.

Apesar da timidez de Julia, um traço de personalidade que jamais perderia por completo, ela se adaptou muito bem a Harvard. Conheceu um aluno da graduação chamado Ari, que trabalhava como guia na universidade e lhe deu orientações sobre o campus, a biblioteca e o prédio da pós-graduação. Julia também solicitou com antecedência seu cartão da biblioteca, pois só estaria registrada no programa de doutorado a partir de agosto.

De vez em quando passava na sala dos estudantes para ver Zsuzsa e aprender mais sobre o clima do departamento. E passava horas nas bibliotecas, caçando os livros que precisaria ler naquele verão. Explorando a vizinhança, descobriu uma mercearia, um banco e elegeu um restaurante tailandês na rua onde morava como seu novo lugar

preferido para comer.

Assim, quando Rachel telefonou, no dia 26 de junho, Julia estava totalmente à vontade e feliz com sua nova vida. Ou quase.

Ela estava terminando de atender um cliente e começando a atender outro quando Rachel ligou, então pediu a uma de suas colegas que a substituísse e foi até o gramado em frente ao café para não incomodar ninguém.

– Oi, Rachel, como vai?

– Estamos ótimos! Desculpe ter demorado tanto para retornar. Algum desgraçado roubou meu celular e tive que comprar outro. Então precisei ler todas as mensagens atrasadas, a começar pelas que eram sobre o casamento e...

Julia trincou só um pouco os dentes enquanto esperava Rachel tomar fôlego, para que tivesse a chance de levar a conversa para um rumo totalmente diferente. Depois de um tempão, sua paciência foi recompensada.

– Gabriel pediu demissão.

– O quê? – Rachel quase gritou. – Como você sabe?

– Um amigo meu era assistente de pesquisa dele em Toronto.

– Então está explicado – disse Rachel.

– O que está explicado?

– Gabriel vendeu o apartamento dele. Mandou um e-mail para papai dizendo que estava de mudança e que ficaria em hotéis até encontrar uma casa.

Julia se recostou no carvalho velho e retorcido em frente ao Peet’s.

– Ele comentou algo sobre onde estava procurando?

– Não. Disse apenas que contratou uma empresa para empacotar suas coisas e colocá-

las em um depósito. Mas, se largou o emprego...

– Ainda está concluindo umas coisas antes de sair.

– Então você tem que ligar para ele! Julia, este é o momento perfeito. Você precisa telefonar para Gabriel.

Julia tornou a cerrar os dentes.

– Não.

– Por que não?

– *Ele* terminou *comigo,* lembra? Não sou eu que vou consertar o estrago... se é que tem

conserto.

Rachel ficou calada por alguns instantes.

– Não estou sugerindo que varra o que quer que tenha acontecido para debaixo do tapete. Mas espero que vocês dois possam conversar. Gabriel precisa saber como você se sente em relação a tudo isso e o que aconteceu depois que ele foi embora. E, francamente, precisa lhe dar algum tipo de explicação. Ele deve isso a você. Depois pode mandá-lo às favas, se é isso mesmo o que você quer.

Julia fechou os olhos com força, sentindo uma onda de dor a invadir. A ideia de ver Gabriel, de ouvir sua explicação, lhe causava dor física.

– Não sei se meu coração conseguiria sobreviver à explicação dele.

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

Julia passou os dias seguintes enrolada, preparando-se para ser apresentada à professora Marinelli. Como a professora era a convidada de honra da exuberante recepção em que se conheceram, a conversa entre as duas foi breve, porém bem-

sucedida. A professora Marinelli ainda estava se habituando ao novo ambiente, mas reconheceu o nome de Julia graças à recomendação da professora Picton e sugeriu que elas se encontrassem para um café em julho.

Julia voltou para casa nas nuvens, cheia de otimismo. Estava tão feliz que decidiu começar um projeto que vinha evitando: desencaixotar seus livros e organizá-los nas prateleiras do pequeno apartamento. Até aquela noite, tinha recorrido às bibliotecas de Harvard. Mas todos os dias ficava incomodada ao ver a coleção de caixas, então resolveu que estava na hora de organizá-las. Deu cabo de um terço das caixas naquela noite, antes de caminhar até o restaurante tailandês e pedir comida para viagem.

Dois dias depois, faltava apenas uma caixa. No dia 30 de junho, depois de uma noite agradável com Zsuzsa e alguns outros alunos da pós no Grendel's Den, Julia voltou para casa determinada a terminar de arrumar seus livros.

Como de hábito, colocou os exemplares nas prateleiras em ordem alfabética, quase sem pensar. Até chegar ao último livro, no fundo da última caixa de papelão. *Casamento na Idade Média: amor, sexo e o sagrado*, publicado pela Oxford University Press.

Franzindo as sobrancelhas, girou o volume nas mãos. Só depois de alguns minutos a lembrança distante lhe veio à mente: Paul, parado no meio da sua quitinete, dizendo que havia pegado sua correspondência no escaninho.

Um livro de professor sobre história medieval, dissera ele.

Por curiosidade, Julia folheou o exemplar e acabou encontrando um cartão de visita enfiado no Sumário. Era de Alan Mackenzie, o representante da divisão de livros universitários da Oxford University Press em Toronto. No verso do cartão, havia um recado dizendo que ele teria grande prazer em ajudar a conseguir quaisquer livros de que precisasse.

Julia estava prestes a fechar o livro e colocá-lo na prateleira quando pousou os olhos sobre um dos textos.

As cartas de Abelardo e Heloísa, carta seis.

Julia precisou de apenas um instante para se lembrar da sua última conversa com

Gabriel.

Gabriel se virou na direção oposta de Jeremy, baixando mais ainda a voz:

– Leia minha sexta carta. Quarto parágrafo.

Com o coração acelerado, ela virou as páginas, chocada ao encontrar uma ilustração e uma fotografia marcando a parte do livro em que estava a sexta carta de Abelardo.

Mas para onde há de carregar-me minha vã imaginação! Ah, Heloísa, quão longe estaremos de tamanha felicidade? Teu coração ainda arde com aquela chama mortal que não podes extinguir, enquanto o meu está repleto de inquietação e angústia. Não penses, Heloísa, que ando a gozar duma paz perfeita; pela última vez, permite-me abrir-te meu coração: encontro-me ainda atado a ti e, embora lute contra a excessiva ternura que sinto, malgrado todo o meu esforço, continuo por demais sensível às tuas tristezas e anseio delas compartilhar. Tuas cartas comoveram-me de fato; não pude ler com indiferença as palavras lavradas por tão querida mão! Entrego-me aos suspiros e ao pranto e toda a minha razão não basta para ocultar minha fraqueza de meus alunos. Esta, triste Heloísa, é a lamentável condição de Abelardo. O mundo, que não raro engana-se em seus juízos, pensa que estou em paz e, imaginando que amei-te apenas pela gratificação dos sentidos, crê que me esqueci de ti. Que grande equívoco!

Ela deve ter lido o trecho cinco vezes antes de sua mente agitada começar a entender a mensagem.

Julia analisou atentamente a ilustração. O título dizia: *A batalha por Guido da Montefeltro*. O nome lhe era familiar, mas ela não conseguia lembrar o que significava.

Pegou seu laptop, na intenção de procurar a imagem na internet, mas logo se lembrou de que não tinha acesso à internet no apartamento.

Localizou seu telefone, mas ele estava sem bateria e ela não fazia ideia de onde estava o carregador. Sem se deixar abater, voltou ao livro e pegou a fotografia que havia sido colocada ao lado da ilustração. Era uma foto do pomar atrás da casa dos Clark. No verso, havia uma mensagem de Gabriel:

Para a minha Amada,

Meu coração e meu corpo são seus.

Assim como minha alma.

Serei fiel a você, Beatriz.

Quero ser seu último.

Espere por mim...

Quando se recuperou do choque, quis desesperadamente falar com ele. Pouco importava que fosse quase meia-noite e a Mount Auburn Street estivesse escura. Pouco importava que o Peet's houvesse fechado as portas horas atrás. Ela pegou seu laptop e saiu às pressas do apartamento, sabendo que, se ficasse em frente ao café, conseguiria captar o sinal da rede sem fio de lá e mandar um e-mail para Gabriel. Julia não fazia ideia do que diria. Tudo o que podia fazer era correr.

O silêncio na vizinhança era quase total. Apesar da chuva fina e morna e da neblina, um pequeno grupo do que pareciam membros de alguma fraternidade estava parado a cerca de meio quarteirão de distância, conversando e rindo. Julia desceu o meio-fio e começou a atravessar a rua, as sandálias fazendo barulho no asfalto molhado. Ignorou as gotas que caíam do céu e encharcavam sua blusa. Ignorou o trovão que começou a ribombar e o clarão do relâmpago que iluminou o céu a leste.

Ela parou bem no meio da rua, pois, logo à sua frente, vislumbrou um vulto escondido na escuridão atrás do carvalho diante do Peet's. A luz de outro relâmpago revelou que o vulto era um homem.

Graças à falta de claridade e ao fato de ele estar parcialmente oculto pela árvore, Julia não conseguia distinguir seus traços. Sabia muito bem que não deveria se aproximar de um estranho nas sombras, por isso ficou onde estava, esticando o pescoço para vê-lo.

Como em resposta aos seus movimentos, o homem deu a volta na árvore e andou devagar rumo ao foco de luz projetado na calçada por um poste. Outro relâmpago iluminou os céus e, por um breve instante, Julia achou que ele parecia um anjo.

Gabriel.

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

Gabriel viu a dor nos olhos dela. Essa foi a primeira coisa que notou. De alguma forma, ela parecia mais velha. Mas sua beleza, a bondade que transparecia em seus traços, pareciam-lhe ainda mais extraordinárias do que antes.

Parado diante dela, ele se sentiu assoberbado ao perceber quanto a amava. Todo o seu suplício ficou para trás. Ele estava reunindo coragem para ir até Julia, tocar a campainha e implorar que ela o deixasse entrar. Quando pensou que não conseguiria esperar nem mais um instante, a porta do seu prédio se abriu e ela saiu galopando como um cervo em direção à rua.

Ele havia fantasiado sobre aquele reencontro. Alguns dias, era a única coisa que lhe dava forças. Porém quanto mais ela ficava ali, parada como uma estátua, sem fazer nenhum movimento em sua direção, mais crescia dentro dele uma sensação de desespero. Várias hipóteses cruzaram sua mente, poucas delas com final feliz.

Não me mande embora, implorou Gabriel em silêncio. Correndo a mão inquieta pelos cabelos, ele tentou pentear as mechas umedecidas pela chuva.

– Julianne. – Ele não conseguiu disfarçar o tremor em sua voz.

Julia olhava através dele, como se Gabriel fosse um fantasma.

Antes que ele pudesse dar voz a essa ideia, ouviu algo se aproximando. Virou-se na direção de um veículo. Julia continuava parada no meio da rua.

– Julia, saia daí – gritou ele, alucinado.

Petrificada, ela ignorou o alerta e o carro passou a toda a velocidade, evitando-a por um triz. Gabriel começou a andar na direção dela, agitando braços e mãos.

– Julia, saia do meio da rua. Agora!

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

Os olhos de Julia estavam bem fechados. Ouvia o ruído distante da voz dele, mas não conseguia discernir nenhuma palavra. Gotículas de chuva caíam sobre seus

braços e pernas nus e um peito firme se apertava contra o seu rosto, enquanto um corpo quente e masculino a envolvia como um cobertor.

Ela abriu os olhos.

Traços de preocupação cobriam o rosto bonito de Gabriel, seus olhos brilhando de esperança. Hesitante, ele pousou sua mão sobre a curva da sua face, acariciando-lhe a pele debaixo do olho com o polegar.

Ao menos por alguns instantes, os dois ficaram calados.

– Você está bem? – sussurrou ele.

Julia ergueu os olhos para ele, sem palavras.

– Não quis assustá-la. Eu vim assim que pude.

Aquelas palavras romperam o torpor que a paralisava.

– O que você está fazendo aqui?

Ele fechou a cara.

– Não é óbvio?

– Não para mim.

Gabriel bufou de frustração.

– Hoje é dia primeiro de julho. Eu vim o mais rápido que pude.

Julia balançou a cabeça, dando um passo cauteloso para trás.

– O quê?

A voz dele assumiu um tom conciliatório.

– Queria ter podido vir antes.

A expressão dela dizia tudo: os olhos apertados, desconfiados, os lábios cor de rubi comprimidos com força, o maxilar retesado.

– Você ficou sabendo que eu pedi demissão. Deveria saber também que eu iria voltar.

Julia apertou seu laptop contra o peito.

– Por que eu acharia isso?

Os olhos de Gabriel se arregalaram. Por um instante, ele ficou aturdido demais para falar.

– Você achou que eu não fosse voltar, mesmo depois de ter me demitido?

– É o que uma pessoa tende a pensar quando seu namorado foge da cidade sem nem ao menos dar um telefonema. E envia um e-mail impessoal dizendo que está tudo acabado.

O rosto de Gabriel se endureceu.

– O sarcasmo não lhe cai bem, Julianne.

– Mentiras também não lhe caem bem, *professor* – retrucou ela, seus olhos faiscando.

Ele deu um passo em sua direção, mas então se deteve.

– Quer dizer então que voltamos a este ponto? Julianne e o professor?

– A julgar pelo que você relatou aos auditores, nunca passamos dele. Você é o professor, eu sou a aluna. Você me seduziu e depois me largou. Os auditores não chegaram a me contar se foi bom para você ou não.

Ele xingou em voz baixa.

– Eu lhe enviei mensagens. Você simplesmente escolheu não acreditar nelas.

– Que mensagens? Os telefonemas que nunca fez? As cartas que nunca escreveu? Com exceção daquele e-mail, não tive nenhuma notícia sua desde que me chamou de Heloísa.

Em absoluto. E quanto às mensagens de voz que deixei para você? Talvez você as tenha apagado sem se dar o trabalho de ouvi-las, da mesma forma que foi

embora sem se dar o trabalho de me contar. Faz ideia de quanto isso foi humilhante? Saber que o homem que deveria me amar fugiu da cidade para terminar comigo?

Gabriel levou a mão à testa, como se quisesse ajudar sua mente a se concentrar.

– E quanto à carta de Abelardo para Heloísa e a fotografia do nosso pomar? Eu mesmo deixei o livro no seu escaninho.

– Não sabia que o livro-texto tinha vindo de você. Só fui abri-lo poucos minutos atrás.

– Mas eu lhe disse para ler a carta de Abelardo! Falei isso pessoalmente – exclamou ele, uma expressão horrorizada tomando conta do seu rosto.

Julia abraçou seu laptop com mais força.

– Não, o que você disse foi "leia *minha* sexta carta". Foi o que eu fiz. Você me disse

para escolher um suéter porque havia esfriado. – Ela o encarou com um olhar furioso. –

Tinha toda a razão.

– Eu chamei você de *Heloísa*. Não era óbvio?

– Incrivelmente óbvio – disse ela, perdendo a paciência. – Heloísa foi seduzida e abandonada pelo seu professor. Sua mensagem foi clara como água!

– Mas o livro... – começou ele, vasculhando os olhos de Julia. – A fotografia...

– Só a encontrei hoje à noite, quando estava desencaixotando meus livros. – A expressão dela se abrandou. – Antes disso, achava que você estava me dizendo que tinha se cansado de mim.

– Me perdoe – conseguiu dizer Gabriel. Suas palavras eram lamentavelmente inadequadas, mas vinham do coração. – Eu... Julianne, preciso expli...

– É melhor entrarmos – falou ela, interrompendo-o e erguendo os olhos para as

janelas do seu apartamento.

Ele fez menção de pegar sua mão, mas, pensando melhor, deixou seu braço cair ao lado do corpo.

Os trovões e relâmpagos continuaram enquanto eles subiam as escadas. Quando entraram na quitinete, as lâmpadas piscaram, apagando-se de vez em seguida.

– Será que foi só aqui no prédio? – perguntou-se Julia. – Ou na rua inteira?

Gabriel balbuciou uma resposta, observando-a, impotente, atravessar a sala às apalpadelas. Ela abriu as persianas para deixar entrar o máximo de claridade possível. A Mount Auburn Street estava às escuras.

– Podemos ir para outro lugar que tenha luz – falou a voz de Gabriel sobre o seu ombro, ao que ela pulou de susto. – Desculpe – acrescentou ele, pousando a mão em seu braço.

– Prefiro ficar aqui.

Gabriel resistiu ao impulso de insistir, percebendo que não estava em posição de exigir nada de Julia. Ele correu os olhos pela sala.

– Você tem uma lanterna, ou algumas velas?

– As duas coisas, acho. – Ela encontrou uma lanterna e deu uma toalha para Gabriel, indo ao banheiro para vestir roupas secas. Quando voltou, ele estava sentado no futon, cercado de velas, espalhadas com esmero sobre a mobília e pelo chão.

Julia observou as sombras se agitarem na parede atrás dele. Formas sobrenaturais

pareciam pairar ao seu redor, como se Gabriel estivesse preso no Inferno de Dante. As marcas de preocupação em sua testa pareciam ter se aprofundado, enquanto seus olhos pareciam maiores. Fazia algum tempo que não se barbeava, de modo que pelos curtos cobriam a superfície do seu rosto. Ele penteou seus cabelos úmidos com os dedos, mas um cacho solitário se rebelou, agarrando-se com teimosia à sua testa.

Julia tinha se esquecido de como ele era atraente. De como um simples olhar ou uma palavra sua conseguia fazer seu sangue ferver. Gabriel era tão perigoso quanto bonito.

Ele tentou puxá-la para se sentar ao seu lado, mas Julia recuou para o canto oposto da sala.

– Encontrei um saca-rolha e uma garrafa de vinho. Espero que não se importe. – Ele lhe entregou uma taça pela metade de um Shiraz barato. Julia ficou surpresa que ele tivesse se dado o trabalho de abrir o vinho, pois era do tipo que teria desdenhado no passado.

Ela tomou vários goles generosos, saboreando o vinho em sua língua. Esperava que ele fosse tossir, cuspir e reclamar daquela *água de banho da pior qualidade*. Mas não fez nada disso. Na verdade, não bebeu nem um gole. Em vez disso, olhou para ela, seu olhar descansando sem pudor sobre o volume dos seus seios.

– Vai mudar de faculdade? – A voz dele soou rouca.

– O quê?

Gabriel gesticulou para o moletom que ela usava.

Ela baixou os olhos. *Boston College*.

– Não, foi Paul quem me deu. Foi lá que ele fez o mestrado, lembra?

Gabriel ficou tenso.

– Eu lhe dei um moletom uma vez – comentou ele, mais para si mesmo do que para ela.

Julia tomou outro longo gole do seu vinho, desejando haver mais dele na taça.

Ele a observou beber, seus olhos pousando sobre sua boca e seu pescoço.

– Ainda tem o meu moletom de Harvard?

– Vamos mudar de assunto.

Ele se remexeu, desconfortável, mas não conseguia descolar os olhos de Julia.

Ansiava por correr as mãos pelo seu corpo e pressionar a boca contra a dela.

– O que acha da Universidade de Boston? – perguntou Gabriel.

Ela o encarou, desconfiada. Confirmando a suspeita de Julia, a insolência pareceu

transbordar do olhar dele, que mordeu o lábio.

– Katherine Picton sugeriu que eu me apresentasse ao especialista em Dante no Departamento de Estudos Românicos de lá. Mas ainda não tive tempo. Tenho andado ocupada.

– Então preciso agradecer a ela.

– Por quê?

Ele hesitou.

– Eu sou o novo especialista em Dante da Universidade de Boston.

Gabriel vasculhou os olhos de Julia em busca de uma reação. Mas não houve nenhuma.

Ela ficou imóvel, a luz das velas bruxuleando sobre seus belos traços.

Ele riu sem alegria, servindo-lhe um pouco mais de vinho.

– Essa não era a resposta que eu esperava.

Ela balbuciou algo, contrariada, e tornou a provar a bebida.

– Então você veio... para ficar?

– Isso depende. – Ele lançou um olhar expressivo para o moletom de Julia.

Era como se o calor do seu olhar a incendiasse. Ela resistiu ao impulso de esconder os seios, mantendo os braços paralelos ao corpo.

– Sou professor titular agora. O Departamento de Estudos Românicos não tem um programa de pós-graduação em italiano. A universidade quer que os alunos

da pós se interessem em estudar Dante, então me nomeou também para o Departamento de Ciências da Religião. Eles têm um programa de pós-graduação.

Ele lançou um olhar para as sombras que o cercavam, balançando a cabeça.

– Surpreendente, não? Que um homem que passou a vida fugindo de Deus se torne professor de Ciências da Religião.

– Já vi coisas mais estranhas.

– É verdade – sussurrou ele. – Acredito que sim. Eu teria pedido demissão da Universidade de Toronto antes, mas isso teria causado um escândalo. Depois que você se formou, eu me vi livre para aceitar o emprego aqui.

Julia virou a cabeça e Gabriel notou que os lóbulos das suas orelhas estavam nus. Ela não usava mais os brincos de Grace. A ideia o dilacerou.

Ela franziu a testa, refletindo sobre o que ele acabara de dizer.

– O que tem de tão importante no dia primeiro de julho?

– Hoje é o dia que termina meu contrato com Toronto. É o dia em que minha demissão entra em vigor. – Ele pigarreou. – Eu li seus e-mails e ouvi suas mensagens de voz, todas elas. Mas esperava que você tivesse visto o livro. Eu o deixei pessoalmente no seu escaninho.

Julia ainda estava processando o que Gabriel dizia. Não que aceitasse suas desculpas, apenas não estava discutindo com ele. Pelo menos ainda.

– Sinto muito por ter perdido sua formatura. – Ele bebericou um copo d'água. –

Katherine me mandou algumas fotos. – Ele pigarreou, hesitando. – Você estava linda.

Você *é* linda.

Ele enfiou a mão no bolso da calça e sacou seu iPhone. O papel de parede era uma foto de Julia em sua beca de formatura, apertando a mão de Katherine Picton.

– Foi Katherine quem me enviou – explicou ele, notando a confusão de Julia.

Ela foi passando as fotos do álbum pela tela com determinação, sentindo um embrulho no estômago. Encontrou fotografias da viagem dos dois pela Itália e do Natal, mas não havia sinal de Paulina. Tampouco havia fotos comprometedoras de Gabriel ou imagens de outras mulheres. Na verdade, quase todas as fotografias eram dela, incluindo uma série de imagens muito provocativas que ele havia feito em Belize.

Julia ficou surpresa. Depois de estar tão convencida de que Gabriel não queria mais nada com ela, deparar com sua aparente consideração era desorientador.

Ela lhe devolveu o celular.

– A foto que costumava ficar em cima da sua cômoda, você a levou consigo?

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreso.

– Levei. Como sabe disso?

Julia fez uma breve pausa, assimilando aquela revelação.

– Notei que ela não estava mais lá quando fui procurar você.

Ele se esticou para pegar sua mão, mas Julia recuou de novo.

– Quando voltei ao meu apartamento, vi que suas roupas estavam lá – disse ele.
– Por que não quis levá-las?

– Elas não eram minhas de verdade.

As sobrancelhas de Gabriel se uniram.

– É claro que eram. Ainda são, se as quiser.

Ela balançou a cabeça.

– Acredite, Julianne, eu queria você do meu lado. A fotografia era um reles substituto.

– Você me queria?

Gabriel não conseguiu se conter. Ele acariciou a curva da sua face com o polegar, aliviado no seu íntimo por ela não ter se encolhido.

– Nunca deixei de querê-la.

Ela se afastou, fazendo com que a mão de Gabriel tocasse apenas o ar. Sua voz assumiu um tom ríspido:

– Você tem ideia de como é ser abandonada pela pessoa que ama, não uma, mas duas vezes?

Gabriel apertou os lábios.

– Não, não tenho. Me perdoe.

Ele esperou para ver se Julia lhe respondia, mas ela não o fez.

– Então Paul lhe deu esse moletom. – Ele brincou com a sua taça. – Como ele está?

– Bem. Por que pergunta?

– Ele é meu aluno – respondeu o professor Emerson, seu tom de voz afetado.

– Eu também já fui um dia – falou ela com amargura. – Você deveria lhe mandar um e-mail. Ele disse que não tem notícias suas.

– Então você falou com ele?

– Sim, Gabriel. Eu falei com ele.

Julia soltou seus cabelos molhados do rabo de cavalo, correndo os dedos com cuidado pelos fios emaranhados.

Gabriel ficou observando, em transe, uma cascata de mechas negras e reluzentes cair sobre seus ombros magros.

– Meu cabelo está doendo – explicou ela.

Os cantos da boca dele se curvaram para cima em um sorriso.

– Não sabia que cabelo doía.

Gabriel correu os dedos pelos cabelos dela e seu rosto assumiu, na mesma hora, uma expressão preocupada.

– Você poderia ter se machucado, parada no meio da rua daquele jeito.

– Por sorte não deixei cair meu laptop. Minha pesquisa inteira está dentro dele.

– O culpado sou eu, que surpreendi você. Estou certo de que parecia uma assombração, me esgueirando atrás daquela árvore.

– Duvido que você já tenha se esgueirado um dia que seja na sua vida. E não parecia uma assombração. Parecia outra coisa.

– O quê?

De repente, Julia sentiu sua pele se incendiar.

Gabriel observou suas faces assumirem o tom de cor-de-rosa que lhe era tão familiar.

Ele ansiava por senti-la corar sob os seus dedos. Mas tinha medo de pressioná-la.

Ela fez um gesto vago.

– Paul sugeriu que eu fizesse um backup dos meus arquivos em um pen drive, para eu não perder tudo caso algo aconteça com o meu computador. Mas não acrescentei nada de novo ao trabalho nos últimos tempos.

Ao ouvir seu ex-assistente de pesquisa ser mencionado pela segunda vez, Gabriel conteve um rosnado e o impulso de soltar sua imprecação favorita, que envolvia praticar conjunção carnal com criaturas celestiais.

Em vez disso, ele se virou para Julia.

– Achei que fosse esperar que eu entrasse em contato com você depois da sua formatura.

– E se tivesse esperado, Gabriel? Mesmo depois de formada, eu continuei sem ter notícias suas.

– Como já disse, eu tive que esperar minha demissão entrar em vigor. Meu contrato só acabava no dia primeiro de julho.

– Não quero falar sobre isso agora.

– Por que não?

– Porque não posso dizer as coisas que preciso lhe dizer com você sentado no meu futon.

– Entendo – falou ele devagar.

Ela remexeu os pés, empenhando-se em resistir ao impulso esmagador de se jogar nos braços dele e lhe dizer que estava tudo bem. Que as coisas entre os dois estavam

resolvidas. E ela devia a si mesma, se não a Gabriel, ser honesta.

– Já tomei muito do seu tempo por uma noite. – Ele soou derrotado.

Gabriel se levantou, lançando o olhar primeiro para a porta e depois para Julia.

– Entendo que não queira falar comigo. Mas espero que me dê a chance de conversarmos mais uma vez antes de dizermos adeus.

Julia endireitou os ombros.

– Você não me disse adeus com uma conversa, mas trepando comigo atrás da porta.

Ele se aproximou depressa.

– *Pare.* Você sabe o que penso dessa palavra. Nunca mais volte a usá-la para falar de nós.

Lá estava o velho professor Emerson, fervilhando por debaixo do exterior refinado de Gabriel. Ele vinha sendo gentil com ela, de modo que Julia ficou surpresa com a súbita mudança de tom. Mas já havia sido exposta ao seu mau gênio antes e descobriu que, naquele instante, isso não chegava a perturbá-la de verdade. Então o ignorou e se levantou, preparada para acompanhá-lo até a porta.

– Não vá se esquecer disto – disse ela, apanhando seu celular.

– Obrigado. Julianne, por favor...

– Como está Paulina?

A pergunta dela pairou no ar como uma flecha suspensa em pleno voo.

– Por que pergunta?

– Estou curiosa para saber com que frequência você se encontrou com ela, enquanto esteve longe.

Gabriel guardou seu telefone no bolso.

– Eu a encontrei uma vez. Pedi seu perdão e desejei tudo de bom para ela. – O tom de voz dele tinha algo de definitivo.

– Isso é tudo?

– Por que não deixa de rodeios e faz logo a pergunta que quer fazer, Julianne? – Ele apertou os lábios, transformando-os numa linha fina e irritada. – Por que não me pergunta se eu dormi com ela?

– Você dormiu? – Ela cruzou os braços diante do peito.

– É claro que não!

A resposta de Gabriel foi tão rápida e veemente que Julia recuou um pouco. Com seus punhos cerrados, ele parecia indignado... e com razão.

– Talvez eu devesse ter sido mais específica. Um homem e uma mulher podem fazer muitas coisas além de dormirem juntos. – Ela ergueu o queixo em um gesto desafiador.

Gabriel a fuzilou com o olhar, forçando-se a contar até dez. Não lhe adiantaria nada perder a paciência com ela àquela altura. Não quando tinha um caminho tão longo a percorrer.

– Estou vendo que você e eu temos opiniões bem diferentes quanto ao fato de eu ter ido embora, mas posso garantir que não busquei outras mulheres. – A expressão dele se abrandou. – Eu fiquei sozinho com suas fotografias e minhas memórias, Julianne. Elas mal serviam para substituí-la, mas a única outra companhia que eu desejava era você.

– Então não houve mais ninguém?

– Fui fiel a você durante todo o tempo. Eu juro, pela memória de Grace.

Ambos ficaram espantados com aquele juramento e, quando seus olhares se

cruzaram, ela viu a sinceridade de Gabriel. Julia fechou os olhos. Um alívio começou a brotar no seu íntimo.

Gabriel tomou a mão dela, aninhando-a com carinho na sua.

– Há muitas coisas que eu deveria ter contado para você. Vou contá-las agora. Venha comigo.

– Prefiro ficar aqui – sussurrou ela, sua voz assumindo um tom soturno na penumbra tremeluzente.

– A Julianne de que me lembro detestava o escuro. – Ele soltou sua mão. – Paulina está em Minnesota. Ela se reconciliou com sua família e conheceu uma pessoa. Nós concordamos que eu parasse de ajudá-la e ela nos desejou tudo de bom.

– Ela desejou tudo de bom para você – murmurou Julia.

– Não, ela desejou tudo de bom para *nós*. Será que você não entende? Ela supôs que ainda estivéssemos juntos e eu não lhe disse o contrário. Na minha cabeça, eu e você continuávamos juntos.

Aquela era a flecha de Gabriel, apontada para ela. Ele não havia contado a Paulina que estava solteiro, pois, em sua cabeça, não estava. Julia foi invadida por uma onda de compreensão.

– Não existe mais ninguém. – A voz dele estava repleta de sinceridade.

Ela desviou o olhar.

– O que você estava fazendo parado em frente a um café fechado no meio da noite?

– Estava reunindo coragem para tocar sua campainha. – Gabriel começou a girar o anel de platina na sua mão esquerda. – Tive que convencer Rachel a me dar seu endereço. Ela se mostrou relutante, o que é compreensível.

Julia baixou os olhos para a mão esquerda dele.

– Por que está usando uma aliança?

– O que você acha? – Gabriel tirou o anel e o estendeu para ela.

Ela recuou.

– Leia a inscrição – pediu ele.

Hesitante, ela pegou o anel e o segurou diante de uma das velas. *Julianne – minha amada é minha e eu sou dela.*

Julia sentiu um frio na barriga e devolveu depressa o anel para Gabriel. Ele o colocou de volta na mão esquerda, em silêncio.

– Por que está usando uma aliança com o meu nome gravado?

– Você disse que não queria conversar. – A voz dele continha um leve tom de censura.

– Uma vez que se sente no direito de me fazer perguntas, posso lhe perguntar a respeito de Paul?

Ela ficou vermelha e tornou a desviar os olhos.

– Ele estava ali para juntar os meus cacos.

Gabriel fechou os olhos. Estava perigosamente perto de perder a cabeça e dizer algo mordaz, mas isso só serviria para afastá-la mais ainda.

Ele tornou a abrir os olhos.

– Perdoe-me. Esta aliança tem um par, um pouco menor. Eu as comprei na Tiffany de Toronto no dia em que comprei a moldura de prata para a fotografia de Maia. Ainda penso em você como minha cara-metade. Minha *bashert*. Apesar de tudo o que aconteceu, eu nunca tive a menor intenção de buscar ninguém mais. Tenho sido fiel a você desde que me disse quem era, em outubro do ano passado.

De repente, Julia teve muita dificuldade para falar.

– Gabriel... todos esses meses, sem uma palavra, então esta noite...

Ele a encarou com um olhar compassivo, ansiando por tomá-la em seus braços.

Mas ela estava longe demais.

♦♦♦

– Não precisamos ter esta conversa agora. Se... não for pedir demais, por favor, deixe-me vê-la amanhã. – Gabriel lançou um olhar repleto de desejo para ela.

Julia fitou os olhos dele por alguns instantes.

– Está bem.

Ele suspirou com força.

– Ótimo. Amanhã nos falamos, então. Bom descanso.

Ela assentiu, abrindo a porta.

– Julianne?

Gabriel parou diante dela, perto demais. Ela ergueu os olhos para encará-lo.

– Você me permitiria... beijar sua mão? – A voz dele soou aflita e fraca, como a de um garotinho.

Julia esperou que ele beijasse as costas da sua mão, então, sem pensar, esticou-se para cima e deu um beijo na testa de Gabriel. De repente, os braços dele envolveram suas costas, puxando-a para junto de si.

Embora fosse difícil para Gabriel pensar em qualquer coisa que não fosse Julianne enquanto a beijava, ele concentrou sua atenção em tentar comunicar com os lábios e a boca que não a havia traído. Que a amava.

Quando Julia retribuiu o beijo com igual ardor, ele gemeu.

Gabriel fez questão de ser gentil, porém intenso, e, quando Julia começou a se mover mais devagar, ele passou a mordiscar de leve seu lábio inferior carnudo, antes de dar vários beijinhos em suas duas faces e, por fim, na ponta do seu nariz.

Quando abriu os olhos, ele viu uma enxurrada de emoções atravessarem o rosto de Julia.

Gabriel correu os dedos pelos cabelos úmidos dela uma, duas vezes, encarando-a com um olhar repleto de desejo.

– Eu amo você.

Ela permaneceu calada enquanto ele atravessava a porta.

O beijo de Gabriel não ajudou nem um pouco a fortalecer a determinação de Julia, mas ela se recusava a considerá-lo um erro. Estava curiosa para saber como seria beijá-lo outra fez e ficou surpresa ao perceber o quanto a sensação era familiar. Em questão de segundos, ele conseguira acelerar sua pulsação e deixá-la com um nó na garganta.

Não poderia negar que ele a amava. Ela sentia que sim. Nem mesmo Gabriel, com suas boas maneiras e seu charme, seria capaz de mentir com seu beijo.

Havia algo de diferente nele. De alguma forma, ele parecia mais delicado, mais vulnerável. Sim, tinha havido uma breve demonstração de mau gênio, um vislumbre do velho professor Emerson, mas ela sabia que Gabriel havia mudado. Só não sabia por quê.

Na manhã seguinte, a energia já havia voltado e Julia pôde recarregar seu celular. Ela telefonou para o gerente do Peet’s e explicou que estava adoentada e que precisaria tirar o fim de semana de folga. Ele não ficou nada feliz, pois era o fim de semana do Dia da Independência, mas não podia fazer nada.

Depois de um banho quente demorado (no qual ela ficou sonhando com os lábios de Gabriel e com as antigas lembranças reprimidas dos dois juntos), Julia se sentiu muito, muito melhor. Enviou um breve e-mail para Rachel, explicando que Gabriel tinha voltado e declarara seu amor por ela. Uma hora depois, seu celular tocou. Ela imaginou que fosse Rachel. Para sua surpresa, era Dante Alighieri.

– Dormiu bem? – Gabriel soava animado.

– Sim. E você?

Ele fez uma pausa.

– Não tão bem quanto costumava dormir... Toleravelmente bem, imagino.

Julia riu. Aquele era o professor Emerson de que ela se lembrava.

– Quero lhe mostrar minha casa – disse ele.

– Agora?

– Hoje, se estiver disposta. – Ele parecia temer que ela fosse recusar.

– Onde fica?

– Em Foster Place, perto da Longfellow House. Perfeita para quem precisa ir para Harvard e voltar todos os dias. Nem tão perto assim da Universidade de Boston.

Julia ficou intrigada.

– Se não é perto da Universidade de Boston, então por que você a comprou?

Gabriel pigarreou.

– Eu estava pensando que... ou melhor, *torcendo* para que... – Ele lutou para encontrar as palavras certas. – A casa é pequena, mas tem um lindo jardim. Gostaria de saber o que você acha dele. – Ele tornou a pigarrear e ela poderia jurar que o ouviu afrouxar a gola

da camisa. – Nada me impede de mudar, é claro.

Ela respondeu com um grunhido, sem saber ao certo o que dizer.

– Agora que já teve uma boa noite de sono, está disposta a conversar um pouco comigo?

Julia nunca tinha ouvido Gabriel soar tão nervoso.

– Claro. Mas não é o tipo de conversa para termos ao telefone.

– Preciso ir ao campus para ver minha nova sala. Não vou demorar.

– Não precisa ter pressa.

– Ah, preciso sim. – Desta vez, a voz de Gabriel soou ardorosa.

Ela suspirou com força.

– Posso passar na sua casa mais tarde.

– Venha para o jantar. Posso buscá-la às seis e meia.

– Prefiro pegar um táxi.

Julia quebrou o silêncio constrangedor que se seguiu, explicando que precisava desligar.

– Está bem – falou Gabriel, tenso. – Você tem todo o direito de pegar um táxi, se quiser.

– Não vou julgá-lo até nós conversarmos, e gostaria de pedir que fizesse o mesmo –

falou Julia em tom de voz conciliatório.

Gabriel teve a sensação de estar se agarrando às suas esperanças por um fio. Não tinha a menor certeza de que ela o aceitaria de volta. E, mesmo que o aceitasse, o velho fantasma dos ciúmes o assombrava. Não sabia como iria reagir se Julia revelasse que havia buscado consolo para sua dor na cama de Paul.

Maldito papa-anjo.

– Naturalmente – respondeu ele, sua voz tensa.

– Estou surpresa que tenha me telefonado. Por que não me ligou quando estava longe?

Ele ficou calado por alguns instantes.

– É uma longa história.

– Tenho certeza que sim. Até mais tarde.

Ela desligou o telefone, perguntando-se que detalhes aquela história reservava.

◆◆◆

Quando Julia chegou à nova casa de Gabriel, ela a examinou com uma perplexidade considerável. Era um imóvel de dois andares com uma fachada simples, sem enfeites, pintada de cinza-carvão com as guarnições em um tom mais escuro. O quintal da frente era quase inexistente e havia uma pequena vaga para carros pavimentada à direita.

No e-mail com as orientações de como chegar, Gabriel havia incluído um link para o anúncio original da propriedade. O preço sugerido estava acima de um milhão de dólares. A casa tinha sido construída antes da Segunda Guerra Mundial. Na verdade, a rua inteira havia sido um bairro de imigrantes italianos que construíram aquelas pequenas casas de dois quartos na década de 1920. Agora, a rua era habitada por yuppies herdeiros de grandes fortunas, professores de Harvard e Gabriel.

Enquanto assimilava a simplicidade elegante da construção, Julia balançou a cabeça.

Então é isso que um milhão de dólares consegue comprar na Harvard Square.

Quando ia bater à porta da frente, ficou surpresa ao encontrar um bilhete com a letra de Gabriel afixado nela.

Julianne,

Por favor, encontre-me no jardim.

G.

Ela suspirou e, no mesmo instante, soube que aquela noite seria muito, muito difícil.

Contornou a lateral da casa e desceu a pequena vaga para carros, arquejando de espanto quando acabou de dar a volta.

Havia flores e plantas verdes, arbustos de buxo bem podados e, bem no meio do jardim, algo que parecia ser uma tenda de sultão. Uma fonte se erguia à direita do espaço verde, ostentando uma estátua de mármore de Vênus. Debaixo da fonte, via-se um pequeno lago repleto de carpas chinesas brancas e vermelhas.

Julia andou em direção à tenda para poder espiar dentro dela. E o que viu cortou-

lhe o coração.

No interior da tenda, havia uma cama quadrada baixa, exatamente como o futon que enfeitava o terraço da suíte que ela havia dividido com Gabriel em Florença. A suíte em que eles tinham feito amor pela primeira vez. O terraço em que ele lhe dera chocolates e morangos para comer e dançara com ela ao som de Diana Krall sob o céu da Toscana.

Gabriel havia tentado reproduzir o ambiente daquele terraço nos mínimos detalhes, recriando inclusive a paleta de cores da roupa de cama.

A voz de Frank Sinatra parecia vir flutuando de algum ponto próximo à casa, enquanto

cada superfície plana e à prova de fogo continha uma vela de pilar alta. Lanternas marroquinas ornamentadas estavam suspensas em fios entrecruzados no teto.

Era um conto de fadas. Uma mistura de Florença, o pomar de macieiras deles e as Mil e Uma Noites. Infelizmente para Gabriel, o gesto extravagante gerava a seguinte pergunta: se ele foi tão engenhoso a ponto de construir uma tenda marroquina no seu quintal, o que o impediu de dizer para ela que pretendia retornar?

Gabriel a viu parada em seu jardim e seu coração saltou no peito. Seu desejo era puxá-

la para os seus braços e colar os lábios contra os dela. Mas notava pela posição dos seus ombros e pela rigidez da sua espinha que uma atitude dessas não seria bem-vinda. Então se aproximou dela com cautela.

– Boa noite, Julianne. – Uma voz aveludada acariciou-lhe a orelha quando Gabriel se inclinou para sussurrar atrás dela.

Ela não o havia ouvido se aproximar, de modo que estremeceu um pouco. Ele esfregou um de seus braços e depois o outro, em um gesto que buscava ser reconfortante, mas, na verdade, fez com que um rubor profundamente erótico dançasse ao longo da superfície da pele de Julia.

– Gostei da música – falou ela, afastando-se de Gabriel.

Ele estendeu a palma da mão em um gesto convidativo. Titubeante, ela pousou sua mão sobre a dele. Gabriel plantou um beijo demorado sobre os nós de seus dedos antes de soltá-la.

– Você está linda, como sempre.

Os olhos de Gabriel sorveram a visão de Julia em seu vestido preto simples, suas pernas brancas e bem torneadas e seus pés calçando um par de sapatilhas, e a maneira como a brisa suave soprava alguns fios de cabelo sobre seus lábios brilhosos e avermelhados quando ela se virou para encará-lo.

– Obrigada. – Julia esperou que ele fizesse algum comentário sobre os seus sapatos, pois seus olhos se detiveram neles um pouco mais do que seria educado. Ela escolhera as sapatilhas porque eram confortáveis e porque queria reafirmar sua independência. Sabia que Gabriel não iria gostar delas. Para sua surpresa, no entanto, ele sorriu.

Gabriel estava vestido de forma um pouco mais casual, com uma camisa de linho branca, calças cáqui e paletó azul-escuro também de linho. Seu sorriso, no entanto, talvez fosse o artigo mais decorativo do conjunto.

– A tenda é muito bonita.

– *Você gostou mesmo?* – sussurrou ele.

– Você sempre me pergunta algo parecido.

O sorriso de Gabriel diminuiu um pouco, mas ele resistiu ao impulso de franzir o cenho.

– Você costumava apreciar o fato de eu ser um amante atencioso.

Os olhares deles se cruzaram e Julia virou a cabeça na direção oposta.

– É adorável da sua parte, mas eu preferiria ter recebido uma carta sua ou um telefonema três meses atrás.

Por um instante, Gabriel pareceu querer discutir com ela, mas logo a expressão em seu rosto mudou.

– Onde estão meus bons modos? – murmurou ele, oferecendo-lhe seu antebraço e conduzindo-a até uma pequena mesa de bistrô montada em um dos cantos do pátio de pedra.

Pequenas luzes brancas iluminavam o pátio a partir dos galhos de um prestativo bordo.

Julia se perguntou se Gabriel teria contratado um decorador de exteriores para a ocasião.

Ele puxou a cadeira para ela e, depois que Julia se sentou, a empurrou com cuidado para mais perto da mesa. Ela notou que o tampo da mesa estava coberto de margaridas cor de laranja e vermelhas.

– Como conseguiu fazer tudo isto? – Julia desdobrou seu guardanapo e o colocou sobre o colo.

– Rebecca é um exemplo da extraordinária diligência ianque.

Julia o encarou com uma expressão intrigada, mas sua dúvida logo foi esclarecida quando a empregada de Gabriel serviu o jantar. Rebecca era uma mulher alta e simples, que usava seus cabelos grisalhos presos em um pequeno coque. Seus olhos, que eram grandes e escuros, cintilavam com uma expressão divertida. Julia logo adivinhou que Gabriel havia se confidenciado em parte com Rebecca, pelo menos no que dizia respeito àquela noite em especial.

Apesar da ambientação elaborada e da música perfeita, o jantar em si foi simples para os padrões de Gabriel: bisque de lagosta; salada de pera, nozes e gorgonzola; mexilhões a vapor com *frites*; e então, para fechar com chave de ouro, uma torta de mirtilo com sorvete de limão. Gabriel lhe serviu uma taça de champanhe, o mesmo Veuve Clicquot que lhe havia servido na primeira vez em que ela jantou em seu apartamento. Aquela noite parecia muito distante, embora tivesse sido menos de um ano antes.

Eles falaram amenidades durante a refeição, conversando sobre o casamento de Rachel e sobre a namorada de Scott e seu filho pequeno. Gabriel descreveu as coisas de que

gostava na nova casa e as que o incomodavam, prometendo mostrá-la a Julia. Nenhum dos dois tinha pressa em discutir os acontecimentos que haviam levado

à separação.

– Não vai beber? – Ela notou que ele havia tomado apenas água Perrier durante toda a refeição.

– Eu parei.

Julia arqueou as sobrancelhas.

– Por quê?

– Porque estava bebendo demais.

– Não quando estava comigo. Você jurou nunca mais se embebedar.

– Exatamente – disse ele.

Ela o analisou com atenção, observando a maneira como os olhos dele indicavam que havia uma experiência muito desagradável por trás das suas palavras.

– Mas você gostava de beber.

– Eu tenho uma personalidade propensa a vícios, Julianne. Você sabe disso. – Ele mudou de assunto sem alarde, passando a falar de algo mais agradável.

Quando Rebecca serviu a sobremesa, ele e Julia trocaram olhares.

– Nada de bolo de chocolate esta noite?

– *Non, mon ange* – sussurrou Gabriel. – Embora nada fosse me dar mais prazer do que dar-lhe de comer de novo.

Julia sentiu suas faces ficarem vermelhas. Sabia que seria má ideia seguir por aquele caminho antes de eles terem sua conversa, mas, quando Gabriel a encarou com indisfarçável paixão, ela não conseguiu resistir.

– Eu gostaria disso – falou baixinho.

Gabriel sorriu como se o sol tivesse acabado de voltar aos céus após uma longa ausência, apressando-se a mover sua cadeira de modo a estar sentado ao lado

dela. Perto.

Muito perto. Tão perto que ela conseguia sentir o hálito quente dele em seu pescoço, que se arrepiou de expectativa.

Gabriel pegou o garfo de Julia e o encheu com um pouco de torta e sorvete, virando-se para encará-la.

Quando ela olhou dentro dos olhos dele com uma expressão de anseio, Gabriel ficou sem fôlego.

– O que foi? – perguntou ela, lançando-lhe um olhar alarmado.

– Eu tinha quase me esquecido de como você é linda. – Ele traçou a curva da sua maçã do rosto com a mão livre e levou o garfo aos lábios dela.

Julia fechou os olhos e abriu a boca e, neste momento, o coração de Gabriel foi às nuvens. Sim, era um mero detalhe – quase irrelevante em meio a todas as coisas que poderiam ser contadas para um confidente. Mas Julia não entregava sua confiança com tanta rapidez ou facilidade. A presteza com que ela havia se mostrado vulnerável para ele fez o coração de Gabriel acelerar e o sangue correr depressa em suas veias.

Ela gemeu ao saborear a mistura de sabores e abriu os olhos.

Ele não conseguiu se conter. Inclinou-se mais para perto de modo que suas bocas ficassem separadas por poucos centímetros e disse:

– Posso?

Julia assentiu e ele colou seus lábios aos dela. Ela era doçura e luz, gentileza e bondade, e a recompensa ardente e arrebatadora de todas as suas buscas e fascínios mundanos. Mas não era sua. De modo que ele a beijou de leve, como a havia beijado daquela primeira vez no pomar, com as duas mãos emaranhadas em seus cabelos longos e encaracolados. Então ele recuou para observar o seu rosto.

Um sorriso de contentamento escapou dos lábios de Julia enquanto ela ficava ali, de olhos fechados, extasiada.

– *Eu amo você* – falou ele.

Então os olhos de Julia se abriram. Sua expressão refletia uma emoção sem nome, mas ela não retribuiu a declaração de amor.

Quando acabaram de vez com a sobremesa, Gabriel sugeriu que eles levassem seus *espressos* para a tenda, dispensando Rebecca. A noite já havia caído naquele pequeno pedaço do Éden e, como o próprio Adão, Gabriel conduziu uma Eva cujas faces se ruborizavam ao seu refúgio.

Ela chutou os sapatos dos pés e se enroscou no futon, recostando-se nas almofadas e roendo as unhas com nervosismo, enquanto Gabriel acendia as velas dentro das lanternas marroquinas. Ele não se apressou, ajustando-as de modo que a luz cintilasse sobre o futon de forma sedutora. Em seguida, acendeu as demais velas espalhadas pela tenda.

Por fim, deitou-se de costas ao lado dela, com as mãos atrás da cabeça, virado para o lado para poder ver seu rosto.

– Gostaria de conversar sobre o aconteceu – começou a falar Julia.

Gabriel lhe deu toda a sua atenção.

– Quando você apareceu em frente ao meu prédio, eu não sabia se lhe dava um tapa ou um beijo – falou ela em voz baixa.

– Não mesmo? – sussurrou ele.

– Não fiz nenhum dos dois.

– Nunca foi do seu feitio ser vingativa. Ou cruel.

Ela respirou fundo e começou a falar. Contou-lhe que seu coração sofria ao deixar mensagem atrás de mensagem para ele, sem ter nenhuma indicação de que ele as havia recebido. Contou-lhe que ficou surpresa ao encontrar seu apartamento abandonado.

Falou de como seu vizinho tinha sido gentil, de Paul e Katherine Picton. Também contou que continuara a se consultar com Nicole.

Julia estava ocupada demais remexendo seu *espresso* para notar como ele havia ficado agitado. Quando mencionou que o livro que ele havia lhe deixado tinha acabado em sua prateleira sem ser aberto, Gabriel xingou Paul.

– Não admito que você fale mal dele – falou Julia, seu tom de voz ríspido. – Paul não tem culpa que você tenha deixado sua mensagem em um livro de professor. Por que não escolheu um livro da sua biblioteca pessoal? Talvez eu pudesse ter reconhecido a edição.

– Eu tinha recebido ordens para ficar longe de você. Se tivesse colocado um livro da minha biblioteca no seu escaninho, Jeremy teria percebido. Sendo assim, escolhi um livro-texto e o coloquei no seu escaninho depois do expediente. – Ele bufou de frustração. – O título não chamou sua atenção?

– Que título?

– O título do livro, *Casamento na Idade Média: amor, sexo e o sagrado*.

– Como eu iria adivinhar, Gabriel? Até onde sabia, você tinha me rotulado de sua *Heloísa* e me abandonado. Não havia motivo para pensar o contrário, pois você não me deu nenhum.

Ele se inclinou para a frente, seus olhos faiscantes.

– O livro era o motivo. O título, a foto do pomar, a imagem de São Francisco tentando salvar Guido da Montefeltro... – Ele se interrompeu, angustiado. – Não se lembrou da nossa conversa em Belize? Eu lhe disse que iria até o Inferno para salvá-la. E, acredite, foi o que fiz.

– Não sabia que tinha me enviado mensagens. Ignorei o livro porque não sabia que tinha sido você que o deixara para mim. Por que não me telefonou?

– Eu não podia falar com você – sussurrou ele. – Fui informado de que o pró-reitor iria entrevistá-la antes da formatura e que perguntaria se você tinha tido notícias minhas.

Você é uma mulher maravilhosa, Julianne, mas mente muito mal. Eu precisava enviar minhas mensagens em código.

A surpresa transpareceu imediatamente no rosto de Julia.

– Você sabia sobre a entrevista?

– Eu sabia de muitas coisas – falou ele, impassível. – Mas não podia contá-las para você. A questão toda é essa.

– Rachel me falou para eu não perder as esperanças. – Julia olhou dentro dos olhos dele por alguns instantes. – Mas eu precisava ouvir essas palavras de *você*. Na nossa última noite, você fez sexo comigo, mas não quis falar nada. O que eu deveria pensar?

Lágrimas transbordaram dos olhos de Julia. Mas, antes que ela pudesse enxugá-las com a mão, Gabriel a puxou do canto em que ela buscava se proteger para os seus braços estendidos. Ele a apertou contra o peito e beijou-lhe a cabeça, antes de enlaçar suas costas em um abraço.

Por algum motivo, a sensação dos braços dele ao seu redor a fez chorar mais forte. Ele a apertou com carinho.

– Meu orgulho foi minha ruína. Achei que poderia cortejá-la enquanto você era minha aluna e sair impune. Eu me enganei.

– Achei que você tivesse escolhido seu emprego no meu lugar. – A voz de Julia estava repleta de mágoa. – Quando descobri que tinha se mudado do seu apartamento... Por que não me disse que estava indo embora?

– Eu não podia.

– Por quê?

– Perdoe-me, Julianne. Juro que minha intenção nunca foi magoá-la. Eu me arrependo de tudo o que você mencionou. – Ele tornou a beijar-lhe a testa. – Preciso lhe contar o que aconteceu. É uma longa história. E só você pode me dizer como ela termina...

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

Julia se afastou para ver o rosto dele melhor, preparando-se para o que estava por vir.

O movimento repentino parecia ter lançado uma lufada do perfume dos seus

cabelos na direção dele.

– Seu cabelo está diferente – murmurou Gabriel.

– Um pouco maior, talvez.

– Não cheira mais a baunilha.

– Troquei de xampu – respondeu ela, lacônica.

– Por quê? – Gabriel trocou de posição para diminuir a distância entre eles.

– Porque ele me fazia lembrar de você.

– É por isso que não está usando os brincos? – perguntou ele, tocando o lóbulo de suas orelhas.

– Sim.

Ele se deteve e olhou para ela; a mágoa era evidente.

Ela afastou o olhar.

– Eu amo você, Julianne. Não importa o que pense de mim ou do que fiz, juro que só estava tentando protegê-la.

Ela se moveu para deitar de lado, tomando o cuidado de não tocá-lo.

– *Sou seu fiel amado, Beatriz* – citou Gabriel, seus olhos transbordando de emoção. –

Por favor, lembre-se disso quando eu lhe contar o que aconteceu.

Ele respirou fundo e fez uma prece silenciosa antes de começar sua história.

– Quando nós dois nos apresentamos diante dos auditores, eu tinha esperanças de que falaríamos muito pouco e os forçaríamos a mostrar as evidências que tinham. Mas logo ficou claro que eles não iriam descansar até fazerem suas acusações e nos punirem. Meu maior erro foi ter submetido à secretaria a nota que Katherine deu ao seu trabalho. Como a administração estava preocupada que eu tivesse lhe dado aquela nota por você estar dormindo comigo, eles iriam

suspendê-la até investigarem o caso mais a fundo.

– Eles podiam fazer isso?

– É uma das medidas previstas pelo Código de Conduta Acadêmica. Enquanto a nota

não fosse liberada, você não se formaria.

Julia encarou Gabriel, atônita, invadida pela compreensão.

– Nada de Harvard – sussurrou ela enfim.

– Nada de Harvard este ano e, provavelmente, nunca mais, pois eles iriam estranhar o fato de a Universidade de Toronto ter suspendido sua nota. Ainda que Harvard jamais descobrisse o motivo, eles recebem uma quantidade imensa de candidaturas. Por que reconsiderariam o seu caso quando poderiam admitir alguém sem manchas no currículo?

Julia ficou imóvel, sentindo-se esmagada pelo peso das palavras dele.

Gabriel coçou o queixo, agitado.

– Tive medo de que os auditores arruinassem seu futuro. Mas a culpa era minha. Eu é que tinha convencido você de que era seguro se envolver comigo; eu a havia convidado para me acompanhar à Itália. Deveria ter esperado. Meu egoísmo foi a causa de todos os nossos problemas.

Ele a olhou nos olhos e baixou a voz:

– Me desculpe por ter arruinado nossa última noite juntos. Eu deveria ter conversado com você. Mas tudo em que conseguia pensar era como estava preocupado. Jamais deveria ter tratado você daquela forma.

– Eu me senti tão sozinha na manhã seguinte...

– Não poderia ter escolhido pior maneira para lidar com a minha ansiedade. Mas espero que acredite que não foi apenas... – Ele se deteve. – Uma trepada. Todas as vezes que estamos juntos é sempre, *sempre*, com amor. Eu juro.

Julia baixou seu olhar para o futon.

– Para mim também. Nunca existiu mais ninguém, antes ou depois.

Ele fechou os olhos por alguns instantes, deixando-se invadir pelo alívio. Por mais que tivesse se sentido revoltada e traída, sua raiva não a havia levado aos braços de outro homem. Julia não tinha desistido dele por completo.

– Obrigado – sussurrou Gabriel.

Ele respirou fundo antes de prosseguir.

– Quando você confessou nosso relacionamento e vi a reação do pró-reitor, tive certeza de que estávamos nas mãos deles. Meu advogado estava preparado a não cooperar de forma alguma, na esperança de que o comitê me liberasse ou chegasse a um veredicto que eu pudesse contestar nos tribunais. Mas, ao confessar, você deu a corroboração de

que eles precisavam.

– Nós tínhamos concordado que iríamos enfrentá-los juntos. Tínhamos um *acordo,* Gabriel – disse Julia, exaltando-se.

– Eu concordei com você de boa-fé, Julianne. Mas também prometi que não deixaria ninguém prejudicá-la ou arruinar sua carreira. Essa promessa era mais importante.

– Um acordo é uma promessa.

Gabriel se inclinou para a frente.

– Eles estavam ameaçando o seu futuro. Você esperava mesmo que eu fosse ficar de braços cruzados e deixar isso acontecer?

Como Julia não respondeu, ele a desafiou:

– Você ficou de braços cruzados, sem falar nada, quando eles disseram que iriam me acusar formalmente?

Julia o encarou.

– Você sabe que não. Argumentei com eles. Mas eles não me deram ouvidos.

– Exatamente. – Os olhos azuis de Gabriel se cravaram nos dela. – Com quem você acha que aprendi a me sacrificar em prol de outra pessoa?

Ela balançou a cabeça, sem se dar o trabalho de contradizê-lo.

– Se nós violamos as regras, por que o pró-reitor não tentou punir tanto você quanto eu?

– Eu sou o professor; deveria saber das consequências. E a professora Chakravartty estava do seu lado desde o começo. Ela não acredita que relacionamentos entre professores e alunas possam ser consensuais. E, para nosso azar, eles encontraram aquele e-mail que você me mandou.

– Então a culpa foi minha.

Gabriel se inclinou para a frente e roçou as costas da mão no rosto dela.

– Não. Fui eu que a convenci de que poderíamos quebrar as regras e sair impunes. E

então, em vez de assumir a responsabilidade pelos meus atos, me escondi atrás do meu advogado. Só você teve coragem de dizer a verdade. E, quando fez isso, fui obrigado a confessar. Concordei em aceitar as sanções impostas se eles agilizassem o fim da investigação. Os auditores ficaram felizes em resolver o problema sem um processo judicial e consentiram, prometendo ser lenientes.

O rosto de Julia assumiu uma expressão angustiada.

– Infelizmente, a definição deles de leniência é bem diferente da minha. Eu esperava receber uma advertência, não ser forçado a pedir licença.

Ele esfregou o rosto com as mãos.

– Jeremy ficou furioso diante da perspectiva de me perder, mesmo que apenas por um semestre. Eu havia causado um escândalo que poderia constranger não só a ele, mas todos os meus colegas e demais alunos do departamento. Christa também estava processando a universidade. Foi um verdadeiro caos, e a culpa era toda minha.

– A culpa foi nossa, Gabriel. Eu conhecia as regras e também decidi quebrá-las.

Ele deu um meio sorriso.

– As regras são redigidas de modo a eximir os alunos, pois o poder está nas mãos dos professores.

– O único poder que você tinha sobre mim era o do amor.

Ele a beijou com carinho.

– Obrigado.

O coração de Gabriel estava cheio, quase a ponto de transbordar. Quando olhava para trás, para o tempo que os dois haviam passado juntos, ela não o via da mesma maneira que os auditores. Ela não o havia rechaçado quando ele a beijou pela primeira vez. Na verdade, os lábios dela o haviam recebido de bom grado. Julia lhe dera esperança de que, no fim daquela história, ela ainda estaria do seu lado.

– Quando eles trouxeram Jeremy, implorei que ele nos ajudasse. Prometi que faria qualquer coisa.

– Qualquer coisa? – perguntou Julia.

Ele tornou a se remexer, desconfortável.

– Eu não podia imaginar que ele iria ficar do lado dos auditores e exigir que eu cortasse qualquer tipo de contato com você. Foi uma promessa impensada que fiz num momento de desespero.

Julia se afastou dele.

– O que ele disse?

– Ele convenceu o comitê a me conceder uma licença. Para todos os efeitos, era uma suspensão, mas eles não a chamaram assim para não manchar a imagem do departamento. Também fui proibido de orientar pós-graduandos do sexo feminino por um período de três anos.

– Sinto muito. Não fazia ideia.

Ele franziu os lábios.

– Fui orientado a terminar nosso relacionamento imediatamente e cortar qualquer tipo de contato com você. Disseram que, se eu descumprisse essa condição, o acordo seria anulado e nós dois voltaríamos a ser investigados. – Ele se interrompeu, parecendo tentar encontrar a coisa certa a dizer.

– Se eles achavam que eu era uma vítima, por que ameaçariam me investigar de novo?

Os olhos azuis de Gabriel esfriaram.

– O pró-reitor suspeitava que você estivesse contando a verdade: que nosso relacionamento fosse consensual e que eu estivesse tentando proteger sua reputação. Ele não estava disposto a nos deixar seguir de mãos dadas rumo ao pôr do sol. Foi por isso que lhe mandei aquele e-mail.

– Aquilo foi cruel.

As sobrancelhas de Gabriel se uniram.

– Eu sei. Mas, como o enviei da minha conta da universidade para a sua, imaginei que você fosse perceber que não era verdade. Por acaso eu já tinha falado com você daquele jeito?

Ela o encarou com um olhar desafiador.

Ele se encolheu.

– Quero dizer, eu já falei com você daquele jeito desde que me dei conta de quem você era?

– A universidade poderia mesmo exigir que você parasse de falar comigo?

Gabriel deu de ombros.

– Eles exigiram. A ameaça do processo de Christa estava pendendo sobre a cabeça de todos nós. Jeremy parecia achar que, se eu tirasse uma licença,

conseguiria convencer Christa a voltar atrás. E ele conseguiu. Mas tornou a dizer que, se soubesse que eu continuava me encontrando com você, não moveria um dedo para me ajudar.

– Isso é chantagem.

– Isso é a Academia. O processo de Christa teria prejudicado o departamento, talvez de forma irremediável. Jeremy não conseguiria mais atrair os melhores professores e alunos porque as pessoas ouviriam dizer que o departamento não era seguro. Assim como ele, eu não queria me envolver em um escândalo. E certamente não queria ver você ser

arrastada para um tribunal como testemunha.

Gabriel pigarreou, com dificuldade de prosseguir.

– Eu concordei. Jeremy e o pró-reitor deixaram claro que entrevistariam você no final do semestre para confirmar que eu havia mantido minha promessa. Não tive escolha.

Julia brincou com as dobras do seu vestido.

– Por que não me contou tudo isso? Por que não exigiu um recesso para poder me explicar o que estava acontecendo? Nós éramos um casal, Gabriel. Deveríamos ter feito as coisas juntos.

Ele engoliu em seco.

– O que teria acontecido se eu tivesse conversado com você em particular e explicado o que estava prestes a fazer?

– Eu não teria permitido.

– Viu só? Eu não iria aceitar que você perdesse tudo por causa dos meus erros. Não conseguiria viver com isso. Minha única esperança era que você me perdoasse... algum dia.

Julia ficou atônita.

– Você estava disposto a arriscar tudo para me salvar, mesmo sem saber se eu

iria perdoá-lo?

– Sim.

Julia sentiu seus olhos ficarem marejados e os enxugou às cegas.

– Preferiria que você tivesse me contado.

– Eu também, mas prometi a Jeremy que manteria distância. Antes de ele chegar ao corredor, tentei falar com você, mas John e Soraya ficaram nos interrompendo.

– Eu sei, mas...

Ele a cortou:

– Se eu tivesse lhe dito que nossa separação era temporária, eles teriam notado pela expressão em seu rosto. Saberiam que eu não tinha intenção de cumprir minha promessa.

Eu tinha dado a minha palavra.

– Mas você planejava descumpri-la.

– Sim, é verdade. – Ele tornou a ficar calado por alguns instantes, seu olhar perdido.

– Isso não faz sentido, Gabriel. Você fez uma série de promessas para eles, mas as

quebrou logo em seguida. Deixou o livro no meu escaninho, me escreveu uma mensagem...

– Eu planejava fazer mais do que isso. Mandaria um e-mail para você, dizendo que iríamos ficar separados apenas até o final do semestre. Assim que você se formasse e eu me demitisse, poderíamos retomar nosso relacionamento. Isto é, se você ainda me quisesse.

Gabriel baixou a voz:

– Eu sabia que você seria vigiada. E que o pró-reitor a entrevistaria para

descobrir se eu havia cumprido minha promessa. Estava com medo de que não conseguisse mentir.

– Besteira – disse Julia, furiosa. – Você poderia ter me mandado um e-mail explicando que eu precisaria fingir estar arrasada. Não sou uma grande atriz, mas sei fingir um pouco.

– Havia... outros fatores.

Ela fechou os olhos.

– Quando eu caí, você me olhou como se me odiasse. Como se estivesse com nojo de mim.

– Julia, por favor. – Ele agarrou sua mão e a puxou para seu peito. – Aquele olhar não foi para você. Qualquer repulsa que tenha sentido estava direcionada à audiência e a mim mesmo. Juro que não foi para você que olhei daquela forma.

Julia verteu mais algumas lágrimas naquele instante, em parte por estar chocada e aflita, mas também aliviada por ter respostas às suas perguntas. Algumas das perguntas mais importantes, no entanto, continuavam em aberto.

– Odeio ter feito você chorar outra vez – falou Gabriel, angustiado, acariciando as costas dela para consolá-la.

Julia enxugou os olhos.

– Preciso ir para casa.

– Você pode ficar comigo esta noite. – Ele a encarou com cautela.

Julia se sentia dividida. Ficar com ele poderia impedi-la de dizer tudo o que ainda tinha para dizer, mas fugir para o seu apartamento frio e escuro parecia covardia. Como sempre, ela sabia que, assim que se aninhasse do lado dele, seu corpo e coração seriam mais fortes do que sua mente.

– Eu deveria ir embora. – Ela suspirou, derrotada. – Mas não consigo me obrigar a fazer isso agora.

– Então fique... nos meus braços. – Ele lhe deu um beijo na testa, murmurando

seu amor.

Devagar, ele se livrou do seu abraço e pegou dois cobertores, detendo-se para soprar as velas no caminho. Deixou as velas acesas nas lâmpadas marroquinas penduradas no teto, admirando o jogo de luz e cores contra as paredes da tenda. O ar tremeluzia.

Eles se aninharam juntos no meio do futon. Gabriel se deitou de costas, com sua amada ao seu lado. Não se deu o trabalho de conter o suspiro de contentamento que escapou dos seus lábios quando passou seu braço em volta dos ombros dela.

– Gabriel?

– Sim? – Ele acariciou lentamente os cabelos de Julia, regozijando-se com a sensação das mechas sedosas que deslizavam pelos seus dedos. Tentou saborear seu novo e estranho perfume, mas se viu lamentando a perda do antigo.

– Eu... senti sua falta.

– Obrigado. – Ele a apertou com força enquanto se sentia invadido por um alívio titubeante.

– Ficava acordada à noite, desejando que você estivesse comigo.

Os olhos de Gabriel ficaram marejados diante da sua vulnerabilidade e coragem. Se algum dia houvesse duvidado, por um só instante, de que a amaria e admiraria para sempre, quer ela o escolhesse ou não, essa dúvida desapareceu como fumaça.

– Eu também.

Ela gemeu para si mesma e, em questão de minutos, os dois antigos amantes, exaustos, dormiam profundamente.

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

Julia abriu os olhos e viu o sol forte de julho entrando pela porta aberta da tenda. Ela estava enrolada debaixo de dois cobertores de caxemira nos quais havia sido aconchegada com ternura. Estava sozinha. Se não soubesse que aquela tenda era de Gabriel, teria achado que havia sonhado a noite anterior. Ou que tinha

acordado dentro de um novo sonho.

Quando saiu da cama, encontrou um bilhete ao lado do seu travesseiro.

Querida,

Você estava dormindo tão gostoso que eu não quis incomodá-la. Vou pedir a Rebecca para preparar waffles para o café da manhã, pois sei que você gosta.

Adormecer nos seus braços novamente me fez lembrar que eu era apenas metade de uma pessoa na sua ausência.

Você me completa.

Com amor,

Gabriel

Julia não pôde negar que, ao ler o bilhete, foi tomada por uma série de emoções, como uma sinfonia de diferentes instrumentos. Talvez o mais forte desses sentimentos fosse o de alívio.

Gabriel a amava. Gabriel tinha voltado.

Mas perdão e reconciliação são duas coisas diferentes e Julia sabia que, embora outras forças tivessem colaborado para separá-los, tanto ela quanto Gabriel eram responsáveis pela situação em que se encontravam. Julia não queria voltar correndo para os braços dele só para fugir da dor da separação; isso seria o mesmo que tomar um comprimido para aliviar uma dor sem investigar sua causa.

Ela encontrou seus sapatos e atravessou lentamente o jardim, pegando sua bolsa de volta antes de entrar pela porta dos fundos. Rebecca já preparava o café da manhã na pequena cozinha.

– Bom dia – disse ela, cumprimentando Julia com um sorriso.

– Bom dia. – Julia apontou para a escada que levava ao segundo andar. – Eu só estava indo usar o banheiro.

Rebecca enxugou as mãos no seu avental.

– Acho que Gabriel ainda não o desocupou.

– Ah.

– Por que não bate à porta? Talvez ele já tenha acabado.

A ideia de topar com Gabriel molhado do banho, envolvido numa toalha, fez a pele de Julia ficar cor-de-rosa.

– Hã, prefiro esperar. Posso? – Ela gesticulou para a pia da cozinha e, com a permissão de Rebecca, lavou as mãos. Depois de secá-las, pegou um elástico da bolsa e prendeu o cabelo em um rabo de cavalo.

Rebecca a convidou a se sentar à pequena mesa redonda da cozinha.

– Esta casa não é muito prática com um banheiro só. Acabo tendo que subir aquelas escadas várias vezes por dia. Até minha casinha tem dois banheiros.

Julia ficou surpresa.

– Achei que a senhora morasse aqui.

Rebecca riu e pegou um jarro de suco de laranja recém-feito da geladeira.

– Eu moro em Norwood. Morava com minha mãe, mas ela faleceu alguns meses atrás.

– Meus pêsames. – Julia lançou um olhar compassivo para Rebecca enquanto ela servia o suco de laranja em duas taças de vinho.

– Ela sofria de Alzheimer – falou Rebecca sem rodeios antes de voltar ao trabalho.

Julia a observou ligar uma máquina elétrica de waffles e então lavar e tirar as folhas de um cesto de morangos frescos e bater um pouco de creme de leite. Gabriel tinha planejado bem o café da manhã.

– Depois de tanto tempo cuidando da minha mãe, vou ter que me acostumar a trabalhar de empregada para um professor. Ele tem lá suas manias, mas eu até

gosto disso. Sabia que ele está me emprestando livros? Acabei de começar a ler *Jane Eyre*. Nunca tinha lido antes. Segundo ele, enquanto estiver cozinhando, eu posso continuar a pegar livros emprestados. Até que enfim vou ter a chance de continuar minha educação e colocar em prática tudo o que aprendi depois de anos assistindo ao canal Food Network.

– Ele está emprestando livros da sua biblioteca pessoal para a senhora? – Julia pareceu incrédula.

– Está. Não é simpático? Não conheço muito bem o professor, mas já gosto dele. Ele me faz lembrar do meu filho.

Julia bebericou seu suco de laranja e começou a tomar seu café da manhã, depois de Rebecca insistir que ela não esperasse por Gabriel.

– Não sei por que ele comprou esta casa, já que a cozinha é tão pequena e só há um banheiro – falou ela entre mordidas de um waffle de canela.

Rebecca abriu um sorriso matreiro.

– Ele queria morar na Harvard Square, e gostou do jardim. Disse que o fazia lembrar da casa dos seus pais. Tem planos de reformar a casa para deixá-la mais confortável, mas se recusou a chamar um empreiteiro que fosse antes de ter a sua aprovação.

– A minha aprovação? – O garfo de Julia caiu no chão, fazendo barulho.

Rebecca logo lhe entregou outro.

– Acho até que ele falou algo sobre vender a casa se você não gostasse dela. Embora, a julgar pelos palavrões que ouvi vindo do andar de cima hoje de manhã, acho que ele decidiu começar as reformas *imediatamente*.

Ela ofereceu um prato de bacon crocante para Julia.

– Não sei se já percebeu, mas às vezes o professor é um pouco intenso.

Julia riu alto.

– A senhora não faz ideia.

Ela pôde saborear não só um, mas dois waffles antes de o som de Gabriel e seus sapatos italianos vir descendo as escadas.

– Bom dia – disse ele, beijando o topo da sua cabeça.

– Bom dia. – Constrangidos pela presença de Rebecca, Gabriel e Julia conversaram por alguns instantes antes de Julia pedir licença para ir ao banheiro.

Bastou um olhar para seu rosto e cabelo no espelho para ela perceber que precisava de um banho. Foi então que notou uma sacola de compras pousada no canto da penteadeira.

Dentro da sacola encontrou frascos de xampu de baunilha e gel de banho da marca que costumava usar, assim como uma esponja cor de lavanda nova. Ficou ainda mais surpresa ao encontrar um vestido de verão amarelo-claro e um cardigã combinando. Julia precisou de alguns instantes para se recuperar da sensação repentina, quase esmagadora, que tomou conta de si. Mas, assim que conseguiu reprimi-la, tomou um banho e se vestiu, tratando de ficar apresentável.

Sentia-se grata por ter roupas limpas para vestir, mas também um pouco irritada por conta da presunção de Gabriel. Perguntou-se se encontraria lingerie do seu tamanho

pendurada no armário dele. Perguntou-se se, ao fazer a mudança de seu antigo apartamento, ele teria guardado todas as roupas e objetos pessoais que ela deixara para trás.

Ela passou o cabelo para trás da orelha. Os brincos de Grace estavam escondidos no fundo da sua gaveta de roupas íntimas, junto com alguns outros itens preciosos, em seu apartamento. Julia sabia que o fato de tê-los escondido, por mais necessário que tivesse parecido depois que ele foi embora, havia magoado Gabriel.

Eles tinham machucado um ao outro. Ambos precisavam ser perdoados e curar suas feridas. Mas Julia não conseguia decidir qual o melhor caminho que deveria seguir para se recuperar. As escolhas mais óbvias na vida nem sempre são as corretas.

Quando finalmente desceu ao andar de baixo, Rebecca estava arrumando a

cozinha e Gabriel estava no jardim. Ela o encontrou sentado debaixo da sombra de um guarda-sol grande.

– Você está bem? – perguntou ela, pois os olhos dele estavam fechados.

Ele abriu os olhos e sorriu.

– Agora estou. Quer se sentar um pouco comigo? – Ele estendeu a mão e Julia a aceitou, acomodando-se na cadeira ao seu lado.

– Essa cor fica bem em você – falou ele, analisando o vestido amarelo com visível deleite.

– Obrigada por ter feito compras.

– O que gostaria de fazer hoje?

Julia puxou a bainha do vestido para baixo para cobrir seus joelhos.

– Acho que precisamos terminar nossa conversa.

Ele assentiu, renovando suas preces em silêncio. Não queria perdê-la. E sabia que a reação dela à parte seguinte da sua história poderia levar justamente a isso.

– Eu sei que você se lembra da nossa conversa no corredor, depois da audiência.

Quando John foi grosso com você, minha vontade foi quebrar o dedo dele e enfiá-lo pela sua goela abaixo.

– Por quê?

– Acho que você não compreende a profundidade do que sinto por você. Vai além de querer estar do seu lado, ou protegê-la. Quero que você seja feliz e que seja tratada com respeito.

– Você não pode quebrar os dedos dos outros quando eles forem grossos comigo.

Ele acariciou o queixo de forma teatral, como se estivesse pensativo.

– Imagino que não. O que posso fazer? Acertá-los com as obras completas de Shakespeare?

– Em um só volume pesado? Claro.

Os dois riram antes de caírem em silêncio por alguns instantes.

– Eu queria lhe transmitir o que tinha acontecido dentro da sala da diretoria, mas tinha recebido ordens para não falar com você. É por isso que falei em código. Só que cometi a burrice de citar Abelardo, pois me esqueci de que temos interpretações diferentes da relação dele com Heloísa. Deveria ter citado Dante, Shakespeare, Milton, qualquer outro autor.

Ele balançou a cabeça.

– Você estava tão irritada! Me acusou de trepar com você. *Julianne*. .. – A voz de Gabriel falhou quando ele pronunciou o seu nome. – Você me tinha mesmo em tão baixa estima? A ponto de achar que era daquele jeito que eu escolheria me despedir?

Julia afastou o olhar, evitando a intensidade que irradiava dos olhos de Gabriel.

– O que eu deveria pensar? Você nem chegou a falar comigo. Foi embora na manhã seguinte sem deixar sequer um bilhete. E então, durante a audiência, de repente estava tudo acabado entre nós.

– Não acreditei que fosse capaz de falar com palavras. Quando fiz amor com você, achei que tinha entendido o que eu estava tentando dizer: que nós éramos uma pessoa só.

Que sempre tínhamos sido.

– Você estava falando sobre nossa conversa no corredor, depois da audiência –

recordou ela, ansiosa por mudar de assunto. – Não entendo como eles podem ter obrigado você a sair da cidade.

– Na verdade, isso eles não podiam fazer. Jeremy simplesmente quis que eu desse minha palavra de que iria parar de vê-la.

Ela cruzou os braços diante do peito.

– Então por que você foi embora?

– Jeremy descobriu que eu quebrei minha promessa depois que saímos do prédio. Ele exigiu que eu terminasse nosso relacionamento e jurasse, pela minha honra, que ficaria longe de você. Eu já havia lhe dito que faria qualquer coisa se ele nos ajudasse. Não tive escolha.

Julia recordou sua última entrevista com o pró-reitor e o professor Martin, logo antes da formatura.

– Por que Jeremy achou que você tinha quebrado sua promessa? Você se recusou a falar comigo ou a responder minhas mensagens. Chegou a me enviar um e-mail dizendo que estava tudo acabado.

– Eu sei. Sinto muito. Esperava que fosse ler nas entrelinhas e perceber que aquela mensagem era destinada à administração da universidade. Eu tinha lhe mandado outro e-mail antes, a partir da minha conta no Gmail, dizendo que era apenas temporário.

– Não, não mandou.

Gabriel sacou seu telefone. Depois de passar algumas telas, ele se deteve ao encontrar algo. Então fixou seus olhos aflitos e atormentados nos dela.

– Depois da audiência, eu me escondi no banheiro masculino e lhe mandei um e-mail às pressas. – Ele pegou sua mão com carinho. – Olhe – disse ele, entregando-lhe o celular.

Julia olhou rapidamente para a tela.

Beatriz, eu amo você. Nunca duvide disso. Confie em mim, por favor. G.

Julia piscou várias vezes, tentando aliar o que via digitado em preto e branco ao que havia vivenciado.

– Não entendo. Eu não recebi isto.

Gabriel a encarou com uma expressão torturada no rosto.

– Eu sei.

Ela tornou a olhar para a tela e viu que a data e o horário do e-mail

correspondiam à história de Gabriel. Mas o destinatário da mensagem não era ela. Na verdade, a pessoa que a recebeu era outra completamente diferente.

J. H. Martin.

Julia arregalou os olhos enquanto a magnitude do erro de Gabriel ficava muito, muito clara. Em vez de enviar o e-mail para Julianne H. Mitchell, ele o enviara para Jeremy H.

Martin, o chefe do Departamento de Estudos Italianos.

– Oh, meu Deus – sussurrou ela.

Gabriel pegou o celular da mão dela, murmurando xingamentos.

– Todas as vezes que tentei fazer algo por você, o tiro saiu pela culatra. Quando tentei salvá-la, os auditores desconfiaram. Quando tentei lhe dar uma pista durante a nossa

conversa, lhe dei a sensação de que a estava abandonando. Quando tentei lhe mandar um e-mail, acabei enviando a mensagem justamente para a pessoa que havia me proibido de entrar em contato com você. Para ser sincero, Julia, se não fosse pela minha esperança de que um dia nós estaríamos tendo esta conversa, eu teria me jogado no meio da Bloor Street na hora do rush e acabado com tudo.

– Não diga uma coisa dessas. Nem *pense* nisso.

A repentina demonstração de ferocidade de Julia o agradou, mas ele se apressou a retirar o que disse:

– Perder você foi muito duro para mim. Mas jamais voltaria a cogitar o suicídio.

Gabriel lançou para ela um olhar que parecia transmitir muito mais do que ele conseguia dizer naquele momento.

– Jeremy ficou furioso. Ele tinha colocado sua carreira e seu departamento em risco por mim e eu o traí dois minutos depois. Agora ele tinha prova, por escrito, de que eu estava violando meu acordo com o comitê. Minha única escolha era fazer tudo o que ele dissesse. Se Jeremy encaminhasse meu e-mail para o pró-reitor, a repercussão teria sido devastadora para nós dois.

Nesse instante, Gabriel e Julia foram interrompidos por Rebecca, que chegara ao pátio trazendo uma jarra de limonada caseira, enfeitada com algumas framboesas congeladas que boiavam de forma delicada no líquido amarelo. Ela serviu a bebida aos dois com um sorriso de incentivo e desapareceu de volta para dentro da casa.

Gabriel bebeu com vontade, aproveitando aquele intervalo.

– E depois? – perguntou Julia, instigando-o a prosseguir enquanto bebericava sua limonada.

– Jeremy me disse para ficar longe de você. Não tive escolha. Ele estava com a espada de Dâmocles nas mãos.

– Ele liberou você?

– Depois de um aperto de mão e uma promessa. – Gabriel fez uma careta, assombrado pela memória daquela terrível conversa. – Ele foi misericordioso. Então, mais do que nunca, me senti obrigado a manter minha palavra. Decidi não contatá-la diretamente antes de você garantir sua vaga em Harvard.

Julia balançou a cabeça com teimosia.

– Mas e quanto a mim, Gabriel? Você me fez um monte de promessas. Não pensou em mantê-las?

– É claro que sim. Antes de ir embora de Toronto, deixei o livro-texto no seu escaninho. Achei que você encontraria o trecho que indiquei na carta de Abelardo e leria o que escrevi no verso da fotografia.

– Mas eu não percebi que era você quem tinha deixado o livro. Só fui abri-lo ontem à noite, quando você veio me ver. Foi por isso que saí correndo de casa. Não tenho internet no meu apartamento e queria lhe mandar um e-mail.

– O que iria escrever?

– Não sei. Precisa entender que eu achava que você estava farto de mim. Que tinha decidido que eu não merecia tanto trabalho. – Lágrimas vieram aos olhos escuros de Julia e ela as afastou com a mão.

– A única pessoa neste relacionamento que nunca mereceu tanto trabalho sou eu. Sabia que estava me colocando em uma posição em que maltrataria o seu coração. Mas não tive intenção de feri-la. Foi uma mistura de orgulho, insensatez e de uma sucessão de erros.

Ele baixou os olhos para as próprias mãos e começou a girar a aliança no dedo.

– Katherine Picton tentou me ajudar. Ela disse que se certificaria de que a universidade deixasse você em paz durante minha ausência e que faria tudo ao seu alcance para ajudá-

la a se formar a tempo. Mencionou que um velho amigo dela havia deixado o Departamento de Estudos Românicos da Universidade de Boston para assumir um cargo na UCLA. Pediu minha permissão para me indicar como seu substituto. Eu disse que ela poderia ir em frente. Fui entrevistado para o cargo e, enquanto esperava pela decisão, fui para a Itália. Precisava fazer algo para me libertar da minha depressão antes que tomasse alguma atitude da qual fosse me arrepender depois.

De repente, Julia sentiu um embrulho no estômago.

– Algo de que fosse se arrepender?

– Não estou falando de mulheres. A simples ideia de estar com outra pessoa me causava engulhos. Estava mais preocupado com... outros vícios.

– Antes de você prosseguir, preciso lhe contar algo. – A voz de Julia soou mais forte e determinada do que ela se sentia por dentro.

Gabriel a observou com atenção, perguntando-se o que ela estava prestes a revelar.

– Quando eu lhe falei que meu relacionamento com Paul não foi além da amizade, estava dizendo a verdade. Tecnicamente.

– Tecnicamente? – As sobrancelhas de Gabriel saltaram para cima e o tom de voz de

Julia baixou até se tornar um sussurro:

– Ele queria mais. Disse que me amava. E nós... nos beijamos.

Gabriel ficou calado por alguns instantes, enquanto Julia observava os nós de seus dedos ficarem brancos.

– Você quer Paul? É isso?

– Ele foi meu amigo quando eu mais precisava. Mas nunca nutri nenhum sentimento romântico por ele. Acho que já sabe disso, mas você me arruinou para qualquer outro homem quando eu tinha 17 anos – disse ela, a voz trêmula.

– Mas você o beijou.

– Sim, beijei. – Julia se inclinou para a frente e, com um toque suave, afastou um cacho da testa de Gabriel. – Mas isso foi tudo. Não fazia ideia de que você iria voltar para mim, mas ainda assim eu o rejeitei. – Ela recolheu a mão. – Não porque não fosse ter uma boa vida com Paul, mas porque ele não era você.

– Estou certo de que ele ficou chateado. – Gabriel soou sarcástico.

– Eu parti o coração dele – falou Julia, encurvando os ombros. – E não tive nenhum prazer em fazer isso.

A visão do óbvio desconforto de Julia mexeu com ele, mas Gabriel não pôde esconder o alívio que sentiu diante da sua confissão de que, no que se referia ao afeto dela, ele não possuía rivais. Ele apertou os ombros de Julia antes de falar.

– Eu temia que, se tivéssemos qualquer tipo de contato e Paul acabasse descobrindo, ele fosse contar na mesma hora para Jeremy.

– Ele não teria feito isso. Paul foi bom para mim, mesmo depois que eu parti o coração dele. – Julia alisou vincos imaginários em seu vestido amarelo. – Sei que você falou que foi fiel, e não duvido disso. Mas alguém... beijou você?

– Não. – Ele abriu um sorriso triste. – Eu daria um bom dominicano ou jesuíta, você não acha? Com a minha nova virtude do celibato. Embora tenha descoberto, durante o tempo que passamos separados, que não tenho vocação para ser franciscano.

Julia o encarou com uma expressão intrigada.

– É melhor deixarmos essa história para outro dia.

Ela apertou a mão dele com afeto e então recolheu a sua, instigando-o em silêncio a concluir seu relato.

– Se eu não conseguisse o cargo na Universidade de Boston, iria me demitir de

qualquer forma do meu emprego em Toronto. Só precisaria segurar as pontas até depois da sua formatura. Eu queria me sentir próximo de você, recordar uma época mais feliz, então fui para a Itália. Sinceramente, Julianne, aqueles dias que passamos juntos em Florença e na Úmbria foram os mais felizes da minha vida. – Ele desviou o olhar. – Fui até para Assis.

– Para se tornar um franciscano? – perguntou ela com um sorriso malicioso.

– Longe disso. Eu visitei a basílica e pensei ter visto você.

Gabriel lançou um olhar hesitante para ela, perguntando-se se Julia acharia que ele estava perturbado.

– Seu *Doppelgänger* me conduziu até o piso inferior da igreja e depois em direção à cripta, até a tumba de São Francisco. A princípio, fiquei olhando para a mulher, desejando que ela fosse você. Desejando não ter cometido tantos erros. Fui confrontado pelos meus próprios fracassos. Pelo meu pecado. Eu idolatrei você. Eu a venerei, como um pagão. Então, quando a perdi, corri o risco de perder tudo. Convenci a mim mesmo que só você poderia me salvar, que eu não era nada sem você. Comecei a ver como tinha recebido uma chance atrás da outra. Tinha recebido graça e amor, e não por meio da minha própria bondade. E havia ou jogado tudo fora, ou deixado de dar o devido valor ao que tinha. Não mereci a família que me adotou. Não mereci Maia, que foi a melhor parte do meu relacionamento com Paulina. Não mereci sobreviver às drogas e me formar em Harvard. Não mereci *você*.

Ele se deteve e tornou a esfregar os olhos, mas, desta vez, não conseguiu enxugá-los.

– A graça não tem a ver com merecimento, Gabriel – falou Julia baixinho. – Ela vem do amor. E Deus enche o mundo de segundas chances, folhinhas pegajosas e misericórdia, embora algumas pessoas não as aceitem.

Ele beijou as costas da mão dela.

– Exatamente. Algo aconteceu dentro da cripta da basílica. Eu percebi que você não poderia me salvar. E encontrei... paz.

– Às vezes nós buscamos a graça e é ela que acaba nos encontrando.

– Como você pode não ser um anjo? – sussurrou ele. – Não sei o que aconteceu comigo, mas, seja o que for, me fez querer ser bom. Minha experiência fez com que eu me concentrasse em Deus, mas também me fez amar você mais ainda. Sempre me senti atraído pela sua bondade, Julianne. Mas acredito que, agora, meu amor por você é mais forte do que antes.

Ela assentiu e, de repente, uma água salgada começou a embaçar seus olhos.

◆◆◆

– Deveria ter dito que a amava mais cedo. Deveria ter pedido você em casamento.

Achava que sabia o que era melhor para você. Achava que tínhamos todo o tempo do mundo.

Julia tentou falar, mas sua voz ficou presa na garganta.

– Por favor, me diga que não é tarde demais, Julianne. Por favor, me diga que não a perdi para sempre.

Ela o encarou por alguns instantes, então o enlaçou com seus braços.

– Eu amo você, Gabriel. Nunca deixei de amá-lo. Nós dois cometemos erros: em nosso relacionamento, com a universidade, um com o outro. Mas eu tinha esperanças de que você voltaria para mim. De que você ainda me amasse.

Ela o beijou nos lábios e Gabriel teve a sensação de transbordar de alegria e culpa ao mesmo tempo.

Julia percebeu que ele estava constrangido. Mas também sabia que seus olhos estavam marejados por inúmeros motivos: cansaço e frustração, e a dor que permanece depois de uma depressão prolongada.

– Então você vai ficar? – perguntou ele, sua voz suave.

Ela hesitou por tempo suficiente para deixá-lo preocupado.

– Quero mais do que nós tínhamos antes – falou ela.

– Mais do que eu posso lhe dar?

– Não necessariamente, mas eu mudei ao longo desse último mês e, pelo que vejo, você também mudou. A questão é: para onde vamos a partir de agora?

– Então me diga o que quer. Me diga que eu darei para você.

Ela balançou a cabeça.

– Quero que nós dois descubramos juntos. E isso vai levar tempo.

Logo estava quente demais para ficar no jardim, de modo que Gabriel e Julia voltaram para dentro de casa e se acomodaram na sala de estar. Ele se reclinou em um sofá de couro, enquanto Julia se sentava em uma das poltronas de veludo vermelhas.

– Devemos falar do elefante no meio da sala? – perguntou ela.

Ele assentiu, repentinamente tenso.

– Hã, eu começo. Quero conhecer você outra vez. Quero ser sua parceira.

– Eu quero que você seja muito mais do que isso – sussurrou Gabriel.

Julia balançou a cabeça com veemência.

– É cedo demais. Você me privou das minhas escolhas, Gabriel. Precisa parar de fazer isso, ou nosso relacionamento não vai chegar muito longe.

O queixo dele caiu.

– O que foi? – perguntou ela, temendo sua resposta.

– Não me arrependo de ter salvado sua carreira. Gostaria que tivéssemos podido chegar a um consenso sobre o assunto. Mas, quando vi que você estava em

perigo, eu reagi. E

digo mais: você teria feito o mesmo se eu estivesse em perigo.

Julia sentiu sua raiva crescer.

– Então toda essa conversa, seu pedido de desculpas, não significam nada?

– É claro que significam! Eu deveria ter falado com você antes de fazer qualquer coisa.

Mas, se espera que eu seja o tipo de homem que fica de braços cruzados enquanto a mulher que ele ama perde seus sonhos, então não estou à altura das suas expectativas.

Sinto muito.

O rosto de Julia assumiu um tom vermelho vivo.

– Quer dizer que voltamos à estaca zero?

– Eu não fiquei ressentido quando você fez questão de me proteger de Christa, ou do comitê. Não fiquei ressentido pelo seu e-mail me acusando de assédio, embora nós dois tenhamos concordado que ele foi um erro. Não pode me tratar com a mesma consideração? Não pode me conceder essa graça, Julianne? A sua graça?

Apesar do seu tom de súplica, Julia não estava ouvindo. Naquele instante, tudo o que conseguia escutar era Gabriel menosprezando suas objeções. Outra vez.

Ela balançou a cabeça e andou até a porta.

Lá estava a bifurcação na estrada, onde os caminhos se separavam. Ela poderia atravessar aquela porta, o que seria o fim da sua história com Gabriel. Não haveria terceira chance. Ou poderia ficar, sabendo que ele se recusava a ver seu maldito heroísmo diante do comitê como um problema.

Ela hesitou.

– Deixe-me amá-la, Julianne. Como você deve ser amada.

Gabriel estava parado atrás dela, seus lábios vibrando contra a sua orelha. Ela conseguia sentir o calor do seu corpo se irradiar através das suas roupas e aquecer suas

costas.

– Sou seu fiel amado, Beatriz. É óbvio que quero protegê-la. Nada vai mudar isso.

– Eu teria preferido ficar com você em vez de vir para Harvard.

– Agora, pode ter as duas coisas.

Ela se virou para encará-lo.

– A que custo? Não me diga que a nossa situação não deteriorou nosso relacionamento, possivelmente de forma irreparável.

Gabriel afastou os cabelos dela para trás de um dos seus ombros e pressionou os lábios contra o lado nu do seu pescoço.

– Me perdoe. Prometo que não irei privá-la da sua dignidade ou de nossa parceria. Mas não ficarei assistindo de braços cruzados a você se machucar quando posso impedir. Não me faça voltar a ser um cretino egoísta.

Com uma irritação teimosa, Julia deu um passo em direção à porta, mas Gabriel agarrou seu braço.

– Em um mundo perfeito, sempre haveria comunicação e diálogo entre um casal. Mas este não é o mundo em que vivemos. Existem emergências e pessoas perigosas e vingativas. Meu desejo de protegê-la do perigo é um pecado tão grande a ponto de você me deixar por causa dele?

Como ela continuasse calada, Gabriel prosseguiu:

– Farei tudo ao meu alcance para tomar decisões *com* você, e não *por* você. Mas não pedirei desculpas por querer que você esteja em segurança e feliz. Não ficarei preso à regra de que tenho que consultá-la antes de agir em casos de emergência. Você quer que a trate com igualdade. Eu peço o mesmo. Isso significa que você precisa confiar que tomarei a melhor decisão possível,

considerando as informações que tiver, sem ser onisciente. Ou perfeito.

– Prefiro tê-lo vivo e carregando seu escudo a tê-lo morto sobre ele – disse ela com obstinação.

Gabriel riu.

– Acho que a batalha das Termópilas já ficou para trás, querida. Mas compartilho do seu sentimento e peço o mesmo de você. *Minha pequena guerreira*.

Ele tornou a beijar-lhe o pescoço.

– Aceite meu anel. – Ele se apressou a tirar a aliança da mão esquerda, segurando-a

sobre o ombro direito de Julia. – Eu o uso para simbolizar o fato de que meu coração e minha vida são seus.

Hesitante, ela tomou a aliança da mão de Gabriel e a colocou em um de seus polegares.

– Vou vender esta droga de casa. Só a comprei para estar perto de você. Mas posso procurar um apartamento até escolhermos um lugar para morarmos juntos.

– Você acabou de se mudar. E sei que adora o jardim – falou Julia com um suspiro.

– Então me diga o que quer. Podemos ir com calma, sem fazer promessas sobre o futuro. Mas, por favor, me perdoe. Me ensine, prometo que serei seu aluno mais dedicado.

Ela ficou calada e imóvel por alguns minutos, então Gabriel pegou sua mão, conduzindo-a da sala de estar até o seu quarto no andar de cima.

– O que você está fazendo? – perguntou ela enquanto eles se aproximavam da porta.

– Preciso tê-la nos meus braços, e acho que você precisa ser abraçada. Aquele maldito sofá é muito estreito para nós dois. Por favor. – Gabriel a levou até a cama e se deitou de costas com os braços abertos, convidando-a a se enroscar

nele.

Julia hesitou.

– Mas e Rebecca?

– Ela não vai nos incomodar.

Ela não estava disposta a voltar para a cama de Gabriel só porque ele a tinha convidado, de modo que olhou ao seu redor em busca de algo, qualquer coisa, que pudesse distraí-lo.

– O que é aquilo? – Ela apontou para o que pareciam dois grupos de molduras grandes recostadas numa das paredes e cobertas por um lençol.

– Veja você mesma.

Julia se agachou no piso de madeira e puxou o lençol. Havia dez fotografias grandes, empilhadas em dois grupos de cinco, todas em preto e branco. Eram todas de Julia.

Algumas incluíam Gabriel.

Como haviam sido emolduradas depois da separação, Julia nunca tinha visto a maioria delas. Havia fotografias de Belize, da Itália e fotos posadas que tinham feito parte do seu presente de Natal para Gabriel. Todas eram extraordinariamente bonitas e sensuais.

– Era difícil para mim olhar para elas quando pensava que tinha perdido você. Mas, como pode ver, eu as mantive comigo.

Gabriel observou Julia analisar as fotografias de novo antes de se deter na sua favorita, uma imagem dela própria deitada de bruços numa cama em Belize.

– O que aconteceu com as antigas? As que você tinha antes de me conhecer?

– Há tempos que me livrei delas. Não preciso mais delas e nem as quero.

Ela voltou a cobrir as fotografias com o lençol antes de se encaminhar para a cama.

Parecia indecisa.

Gabriel estendeu a mão.

– Relaxe. Só quero abraçá-la.

Ela se permitiu ser puxada para os seus braços de modo a se aninhar contra o peito dele.

– Melhor assim – murmurou ele, beijando-lhe a testa. – Quero conquistar sua confiança e seu respeito. Quero ser seu marido.

Julia ficou calada por alguns instantes, assimilando aquelas palavras.

– Prefiro ir com calma. Não vamos falar em casamento.

– Felizmente, eu posso esperar. – Ele tornou a beijá-la.

Desta vez, os beijos foram ficando mais intensos. Mãos vagaram em busca de músculos e curvas, bocas se conectaram com determinação, entre suspiros e gemidos quase ofegantes, corações começaram a acelerar. Era um beijo para marcar uma reunião, para sagrar a continuação da fidelidade e do amor. Gabriel a beijou para mostrar que a amava, que sentia muito.

Julia retribuiu o beijo para lhe dizer que jamais daria seu coração a mais ninguém. Que esperava que as imperfeições que haviam compartilhado, uma vez reconhecidas e exploradas, pudessem ser atenuadas para que ambos tivessem uma vida saudável e feliz.

Ela se afastou primeiro. Conseguia ouvir a respiração acelerada dele, e se alegrou ao notar que aquela fagulha continuava acesa entre os dois.

– Não espero que nosso relacionamento seja perfeito. Mas temos que aprender a lidar com algumas coisas e, quer precisemos da ajuda de um terapeuta ou não, eu sei que vai levar tempo.

Ele fitou seus olhos.

– Concordo. Quero poder cortejá-la de maneiras que não podia quando estávamos em Toronto. Quero andar de mãos dadas com você pela rua. Quero

poder levá-la para um concerto de música clássica e beijá-la nos degraus de entrada do seu prédio.

Julia riu.

– Nós somos amantes, Gabriel. Você tem fotografias de nós dois juntos na cama, bem ali. Tem certeza de que se contentaria apenas em me cortejar?

Ele entrelaçou seus dedos.

– Quero ter a chance de me redimir... de tratá-la como deveria tê-la tratado desde o início.

– Você sempre foi generoso comigo na cama – rebateu ela.

– Mas egoísta em outros sentidos. E é por isso que não farei amor com você novamente até reconquistar sua confiança.

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

–Como é que é?

Pelo menos foi isso que Julia teve vontade de perguntar, mas, levando em conta o contexto, segurou a língua. De alguma forma, sua observação não parecia combinar com a declaração de Gabriel.

– Tenho medo de colocarmos em risco as mudanças que precisamos fazer se fizermos sexo.

– Então quer esperar?

Ele a encarou com um olhar tórrido.

– Não, Julianne, eu *não quero* esperar. Quero fazer amor com você agora e pelo resto da semana inteira. O que sei é que *devemos* esperar.

Julia arregalou os olhos ao perceber que ele estava falando sério.

Gabriel a beijou com ternura.

– Se vamos ser parceiros, é preciso haver confiança. Se você não confiar em

mim com sua mente, como poderá fazê-lo com seu corpo?

– Acho que você já falou isso antes.

– Então nós voltamos ao ponto de partida. – Ele pigarreou. – E, para que não haja nenhum mal-entendido, estou falando de confiança total. Espero que, com o tempo, a sua raiva desapareça e você me perdoe. Espero que possamos chegar a um acordo quanto à nossa necessidade de proteger um ao outro sem causarmos outra crise.

Gabriel lançou-lhe um olhar esperançoso.

– Eu deveria ter esperado até você deixar de ser minha aluna antes de nos envolvermos.

Disse a mim mesmo que, por não estarmos dormindo juntos, não estávamos quebrando regra alguma. Mas estava enganado. E foi você quem teve que pagar o preço. – Ele vasculhou os olhos de Julia. – Você não acredita em mim.

– Não é isso. Acredito, sim. Mas o professor Emerson que conheci e amei não era exatamente um defensor da abstinência.

Ele fechou a cara.

– Talvez você tenha se esquecido de como nosso relacionamento começou. Nós nos

abstivemos de fazer amor na noite em que nos conhecemos, assim como em muitas outras noites depois.

Ela beijou sua boca, arrependida.

– Claro. Desculpe.

Gabriel rolou de lado, olhando dentro dos olhos dela.

– Estou louco para senti-la nos meus braços, para estar em comunhão com você, de corpo e alma. Mas, quando estiver dentro de você, quero que saiba que nunca vou abandoná-la. Que você é minha e eu sou seu, para sempre. – A voz dele ficou rouca. –

Que estamos casados!

– Como é que é?

– Quero me casar com você. Quando fizermos amor de novo, quero ser seu marido.

Quando Julia se pôs a encará-lo, boquiaberta, Gabriel se apressou a prosseguir:

– Richard me mostrou que tipo de homem eu quero me tornar: um homem que passa o resto da sua vida amando uma só mulher. Quero fazer meus votos de casamento e minhas promessas para você diante de Deus e das nossas famílias.

– Gabriel, não consigo nem me imaginar casando com você. Preciso aprender como estar ao seu lado novamente. E, para ser franca, ainda estou com raiva.

– Eu entendo, e não tenho intenção de apressá-la. Você se lembra da primeira vez que fizemos amor?

Ela sentiu suas faces se incendiarem.

– Lembro.

– Do que se lembra?

Ela fez uma pausa, o olhar perdido.

– Você foi muito intenso, mas sem deixar de ser gentil. Planejou tudo, até aquele suco de cranberry ridículo. Lembro que arqueou seu corpo sobre o meu, me olhando nos olhos enquanto dizia que me amava. Vou recordar esses momentos até o último dia da minha vida. – Julia escondeu o rosto contra o pescoço dele, que cheirava a sabonete.

– Ficou envergonhada? – perguntou ele, traçando os contornos do seu queixo simétrico com um dedo.

– Um pouco.

– Por quê? Você já me viu nu. Eu já venerei cada centímetro do seu corpo.

– Sinto falta da conexão que nós tínhamos. Nunca mais me senti completa sem

ela.

– Eu também não. Mas você acha que poderia fazer amor comigo sem confiar em mim?

Não se esqueça, meu amor, que eu conheço você. Não é o tipo de mulher que coloque seu corpo onde seu coração não esteja. Está lembrada da nossa última vez juntos? Você me disse que se sentiu como se eu tivesse trepado com você. Da próxima vez que estiver nua na minha cama, quero que saiba, sem sombra de dúvida, que nossa união é fruto do amor, não da luxúria.

– Isso pode ser alcançado sem nos casarmos – bufou ela.

– Talvez. Mas, se você acha que nunca conseguirá confiar em mim a ponto de se casar comigo, talvez devesse desistir do nosso relacionamento.

Julia arregalou os olhos.

– Isso é um ultimato?

– Não. Mas quero provar que sou digno de você, e você precisa de tempo para se recuperar. – Ele examinou o rosto de Julia com atenção. – Eu preciso de algo permanente.

Ela tornou a encará-lo, boquiaberta.

– Você *quer* algo permanente, ou *precisa* de algo permanente?

Ele se ajeitou na cama.

– As duas coisas. Quero que seja minha esposa, mas também quero ser o tipo de homem que deveria ter sido antes.

– Gabriel, você está sempre tentando me conquistar. Quando vai parar com isso?

– Nunca.

Ela atirou as mãos para cima, frustrada.

– Fazer greve de sexo para eu me casar com você é manipulação.

A expressão de Gabriel ficou consideravelmente mais leve.

– Não estou fazendo *greve de sexo*. Se você dissesse que não está pronta para dormir comigo e eu tentasse pressioná-la, aí sim seria um babaca manipulador. Eu não tenho o direito de esperar para fazer sexo até o nosso relacionamento voltar aos eixos e ter minha escolha respeitada? Ou "não significa não" só vale para as mulheres?

– Eu não o pressionaria se você tivesse objeções quanto a fazer sexo – apressou-se a dizer Julia. – Você foi mais do que paciente comigo quando eu não estava pronta. Mas e quanto a sexo de reconciliação? Isso não é comum?

Gabriel trouxe seu rosto para muito perto do dela.

– Sexo de reconciliação? – O calor do seu olhar quase queimou a pele de Julia. – É isso que você quer? – perguntou ele, sua voz rouca.

Bem-vindo de volta, professor Emerson.

– Hã... é?

Gabriel estendeu um só dedo e traçou o contorno dos lábios trêmulos de Julia com ele.

– *Diga para mim* – pediu ele.

Julia pestanejou algumas vezes, ainda que apenas para quebrar a atração magnética que os olhos azul-escuros de Gabriel exerciam sobre ela. Ele a havia deixado sem palavras.

– O que mais quero é dedicar dias e noites ao seu prazer, explorando seu corpo, venerando você. E farei isso. Na nossa lua de mel, serei o amante mais atento e criativo de todos. Toda a minha arte estará à sua disposição, e buscarei corrigir tudo o que houve de errado quando eu enfim levá-la para a minha cama, como minha esposa.

Julia pousou a cabeça sobre o peito dele, bem onde a tatuagem se escondia debaixo da sua camisa branca.

– Como você pode ser tão... frio?

Gabriel a fez rolar na cama, de modo a recebê-la por completo nos braços e sobre o peito, seus troncos colados um ao outro.

A princípio, ele a beijou com carinho, pele suave deslizando sobre pele mais suave ainda antes de sugar o lábio inferior dela com os seus, chupando-o de leve. Então, conforme o beijo ficava mais ardente, ele agarrou seu pescoço, acariciando-o até sentir que ela havia relaxado.

Em seguida, atiçou seu lábio superior com a pontinha da língua, o gesto de um cavalheiro que não sabia bem como seria recebido. Mas não precisava ter se preocupado.

Julia o recebeu de bom grado e ele começou a explorar sua boca com dedicação, pegando-a quase desprevenida antes de recuar sem aviso.

– Isso lhe parece frio? – O hálito quente de Gabriel se espalhou pela face dela, uma expressão voraz em seus olhos. – Como se eu não desejasse você?

Gabriel correu os lábios pelo maxilar dela, seu queixo, descendo devagar pelo lado esquerdo do seu pescoço até estar beijando a cavidade na base do pescoço.

– E isto? Parece frio para você? – A boca dele se arrastou pela superfície da pele dela.

– N-não. – Ela estremeceu.

Ele arrastou o nariz até a orelha de Julia, onde começou a mordiscá-la entre sussurros de adoração.

– E quanto a isto? – A mão direita de Gabriel desceu lentamente pelo lado do seu corpo, traçando os contornos de cada costela como se elas fossem preciosas, ou como se buscasse aquela costela primordial que Adão havia perdido. Mudou-a um pouco de posição de modo a deslizar a coxa de Julia por cima do seu quadril, colocando-a em contato com a prova incontestável do seu ardor.

– Você pode negar isto?

– Não.

Gabriel fitou seus olhos com paixão.

– Agora que esclarecemos essa questão, gostaria de saber sua resposta.

Julia tinha dificuldade em raciocinar agarrada ao corpo dele como estava. Começou a se contorcer, mas ele a apertou com mais força.

– Não houve mais ninguém. Meus braços estavam ocupados mesmo quando eu estava sozinho. Mas, se você me dissesse que se apaixonou por outra pessoa e que estava feliz, eu a deixaria ir. Mesmo que isso fosse minha ruína. – Ele fez uma careta e baixou a voz, transformando-a em um sussurro: – Amarei você para sempre, Julianne, quer você me ame ou não. Este é o meu Paraíso. E o meu Inferno.

O silêncio dominou o quarto por vários minutos e Julia pousou uma mão trêmula sobre a boca. Devagar, um fluxo constante de lágrimas escorreu pelo seu rosto.

– O que foi? – Ele teve que puxá-la para si algumas vezes antes de conseguir convencê-

la a chorar em seu peito. – Não tive intenção de magoá-la. – A voz de Gabriel soava desesperada enquanto ele corria a mão pelo braço dela, acariciando-o.

Julia precisou de alguns minutos para se recompor e conseguir falar:

– *Você me ama.*

Na mesma hora, o rosto de Gabriel se contorceu numa expressão confusa.

– Isso é uma pergunta?

Como Julia não respondeu, ele começou a entrar em pânico.

– Você não acreditava que eu a amava? Mas eu lhe disse que sim inúmeras vezes.

Tentei demonstrá-lo com minhas atitudes, minhas palavras, meu corpo. Você não acreditou em mim?

Ela balançou a cabeça de um lado para outro, como se quisesse indicar que ele não

entendia.

– Alguma vez você acreditou em mim? Quando estávamos na Itália? Ou em Belize? –

Ele puxou os cabelos com força. – Meu Deus, Julia, você fez de mim seu primeiro achando que eu apenas *gostava* de você?

– Não.

– Então por que só agora acredita que eu amo você?

– Você me deixaria ir embora para eu poder ser feliz, mesmo que fosse com outra pessoa.

Duas lágrimas escorreram pelas faces de Julia, mas ele as apanhou com seus dedos.

– É isso que acontece quando você ama alguém. Você quer que a outra pessoa seja feliz.

Julia enxugou os olhos com as costas da mão e Gabriel observou uma lágrima deslizar sobre a aliança que ela usava no polegar.

– Quando encontrei a ilustração de São Francisco e Guido da Montefeltro, não entendi por que você a havia colocado ali. Mas agora está claro para mim. Você estava com medo de que a universidade fosse arruinar minha vida. Em vez de deixar que isso acontecesse, tomou o meu lugar. Você me amava o suficiente para abrir mão de mim, mesmo que isso partisse o seu coração.

– Julia, eu... – O protesto de Gabriel foi interrompido pelo calor dos lábios de Julia, que se fundiram aos dele. Foi ao mesmo tempo casto e triste, erótico e repleto de alegria.

Ela nunca havia se considerado digna de ágape antes. Não era uma meta à qual aspirasse ou um graal que buscasse. Quando Gabriel lhe disse que a amava pela primeira vez, ela acreditou. Mas a magnitude e a profundidade desse amor não ficaram claras desde o início, só naquele momento. E essa revelação veio acompanhada de uma enorme sensação de assombro.

Talvez o amor de Gabriel sempre tivesse sido sacrifical. Talvez tivesse crescido com o tempo, como a velha macieira que os alimentou naquela noite, tanto tempo atrás, e ela apenas não houvesse notado o quanto ele crescera.

Mas a gênese daquele amor sacrifical já não importava. Uma vez confrontada com algo que ela só poderia descrever como muito profundo, Julia sabia que jamais voltaria a duvidar do amor de Gabriel. Ele a amava da mesma forma que a conhecia: total, completa e indubitavelmente.

Ele se afastou, pressionando a palma da mão contra o seu rosto.

– Não sou um homem nobre. Mas o amor que sinto por você não pode ser destruído.

Quando fui ao seu apartamento, minha intenção era lhe dizer que a amava e me certificar de que você estava bem. E, se você me mandasse embora... – Ele respirou fundo. – Eu iria.

– Não vou mandar você embora – sussurrou ela. – E farei tudo ao meu alcance para ajudá-lo.

– Obrigado.

Julia trocou de posição de modo a se aninhar contra o peito dele.

– Sinto muito por ter ido embora – disse Gabriel, colando seus lábios aos dela.

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

Nos dias e semanas que se seguiram, Julia e Gabriel se encontraram o máximo de vezes possível, porém ele precisava se preparar para o semestre de outono e ela vinha fazendo horas extras no Peet’s, então a maior parte do contato entre os dois se dava por telefone ou por e-mail.

Julia continuou se consultando com a Dra. Walters, e a terapia assumiu uma nova dimensão com a volta de Gabriel. Julia e Gabriel também começaram a fazer, uma vez por semana, terapia de casal, que logo se transformou (extraoficialmente) numa espécie de curso pré-nupcial.

Quando Julia se mudou para o alojamento da pós-graduação, em agosto, ela e

Gabriel já haviam conseguido solucionar vários dos seus problemas de comunicação. Mas a teimosia dos dois continuava a mesma. Gabriel não queria dormir com ela antes do casamento, ao passo que Julia desejava que a intimidade física entre eles avançasse pouco a pouco. Gabriel se mostrava avesso a dividir uma cama com ela, abrindo raras exceções e, mesmo assim, com relutância e uma expressão taciturna, martirizada.

Em uma dessas noites, Julia estava acordada em seus braços bem depois de Gabriel já ter dormido. Seu corpo estava quente e suas palavras tinham sido doces, mas ela se sentia rejeitada. O ardente professor não tinha precisado de muita persuasão para voltar a se envolver com Paulina quando ela o procurou. Mas se recusava a amar Julia com seu corpo, embora lhe tivesse feito juras de devoção eterna.

Vendo o peito de Gabriel subir e descer sob o seu rosto, ela refletia sobre o rumo que sua vida havia tomado. Perguntou-se se Beatriz teria passado algumas de suas noites desejando ardorosamente a presença de Dante, mas tendo que se contentar com o fato de que ele a venerava de longe.

– *Julia.*

Ela se assustou ao ouvir o próprio nome. Ele murmurou algo e a abraçou mais forte, puxando-a para junto de si.

Uma lágrima solitária escapou do olho dela.

Julia sabia que ele a amava. Mas essa consciência era ao mesmo tempo dolorosa e doce. Ele estava tentando se livrar do seu passado com Paulina e com as outras mulheres, e ela estava pagando por isso. Mas talvez o preço não fosse tão caro quanto o que ele havia pagado pela vergonha que a própria Julia carregava por conta de Simon.

Gabriel murmurou de novo e, desta vez, ela sussurrou em seu ouvido:

– Estou aqui.

Ela apertou os lábios na sua tatuagem e fechou os olhos.

CAPITULO QUARENTA E NOVE

Apesar da dor da separação física prolongada, Julia reconhecia que Gabriel estava constantemente descobrindo novas e engenhosas maneiras de demonstrar seu amor.

Por mais que considerasse a nova situação deles difícil, Julia continuava a ter fé nele.

Gabriel se recusou a sequer cogitar a ideia de passar a noite dentro do seu pequeno quarto no alojamento, mas passava por lá às vezes com flores ou comida para que os dois fizessem um piquenique no chão. Ele a levava ao cinema (dignando-se até a ver algumas comédias românticas americanas) e lhe dava um beijo de boa-noite nos degraus de entrada do seu prédio.

Em mais de uma ocasião, ele passou noites de sexta ou sábado na biblioteca em sua companhia, escrevendo seu novo livro enquanto ela se preparava para o curso da professora Marinelli. Julia estava sendo cortejada com palavras e gestos, e gostava disso.

Mas também estava insatisfeita, ansiando pela proximidade que só podia ser alcançada ao fazerem amor.

Logo era dia 21 de agosto e eles estavam pegando um avião rumo à Filadélfia para ajudar nos preparativos do casamento de Rachel e Aaron. Quando chegaram ao saguão do hotel Four Seasons, Julia ficou pasma ao deparar com seu pai sentado numa poltrona, lendo o *Philadelphia Inquirer*.

– Meu pai está aqui – sibilou ela, na esperança de alertar Gabriel a tempo de ele poder chegar ao elevador antes que Tom sacasse uma de suas espingardas de caça para atirar nele.

– Eu sei. Eu telefonei para ele.

Ela se virou para Gabriel com os olhos arregalados, sem conseguir acreditar no que ouvia.

– Por que faria uma coisa dessas? Ele quer matar você.

O professor se empertigou, revelando toda a sua altura.

– Eu quero me casar com você. Isso significa que preciso fazer as pazes com seu

pai.

Quero ser capaz de estar no mesmo lugar que ele sem que ele tente enfiar uma bala em mim. Ou me capar.

– Este não é um bom momento para falar com ele sobre se casar comigo – sussurrou Julia. – Se tiver sorte, em vez de castrá-lo, papai vai amputar suas pernas... com o

♦♦♦

canivete suíço dele.

– Não vou pedir permissão a ele para me casar com você; essa decisão é sua. Mas você quer mesmo se casar com um homem que seu pai odeia?

Julia começou a contorcer as mãos, aflita.

Ele se inclinou para sussurrar em seu ouvido:

– Deixe-me tentar aliviar um pouco a situação para que não seja inimaginável que um dia ele aceite o nosso relacionamento. Pode ser que você ainda venha a querer que ele a conduza pelo corredor da igreja.

Assim que as palavras saíram dos lábios de Gabriel, Tom viu o casal parado ali. Abriu um largo sorriso para sua garotinha, então lançou um olhar para Gabriel e fechou a cara.

Ao se levantar, afastou o paletó para trás para poder descansar as mãos nos quadris.

Parecia ameaçador.

Ó deuses de todas as mulheres cujos pais desejam castrar seus namorados no saguão do Four Seasons, por favor, não permitam que ele esteja carregando nada cortante.

Gabriel se inclinou corajosamente para perto dela, plantando um beijo em sua testa enquanto olhava dentro dos olhos de Tom. O homem mais velho o encarou com uma expressão homicida.

– Pai, oi. – Julia caminhou até ele e lhe deu um abraço.

– Oi, Jules. – Ele retribuiu o abraço antes de empurrá-la para trás de si em um gesto protetor. – *Emerson*.

Sem se deixar abalar pelo tom hostil de Tom, ele estendeu a mão. Tom se limitou a olhar para ela como se a mão de Gabriel fosse, como ele próprio, maligna.

– Acho que deveríamos encontrar um canto reservado no bar. Não quero uma plateia para o que tenho a dizer a você. Jules, precisa de ajuda para carregar suas malas?

– Não, elas estão com o carregador. Eu vou, hum... para o meu quarto. Gabriel, vou deixar você fazer o check-in no seu quarto sozinho, está bem?

Ele assentiu, notando que a carranca de Tom relaxou um pouco diante da notícia de que sua filha não estava mais coabitando com o Diabo.

– Só para constar, eu amo você dois. Então gostaria muito que não machucassem um ao outro. – Julia lançou um olhar desconfiado para os dois homens e, como nenhum deles respondeu, balançou a cabeça e se encaminhou para o balcão da recepção. Sua primeira providência era descobrir se o frigobar estava bem abastecido.

Mais tarde naquela mesma noite, após um jantar um tanto tenso, mas nada desagradável, com seu pai, Julia tirou proveito do cesto de produtos de banho que Gabriel enviara para seu quarto, com direito a uma virginal esponja cor de lavanda. Ela riu ao se lembrar da primeira vez que ele lhe dera uma esponja como aquela.

No entanto, Julia ficou séria ao se dar conta de que ele havia comprado produtos de lavanda, em vez de baunilha, apesar do fato de preferir o segundo aroma acima de qualquer outro. Talvez aquela fosse sua maneira de mantê-la a distância. Fosse qual fosse o motivo, ela respeitaria suas vontades, por mais que esperasse que Gabriel mudasse de ideia. E rápido.

Estava de molho na grande banheira de pedestal quando seu celular tocou. Por sorte, o maldito aparelho estava ao alcance da mão.

– O que você está fazendo? – A voz suave de Gabriel encheu seus ouvidos.

– Só relaxando. Obrigada pelo cesto de presente, por sinal. Como você está?

– Não posso dizer que minha conversa com seu pai tenha sido agradável, mas era necessária. Eu lhe dei a chance de me xingar e dizer que eu não passo de um viciado em cocaína imprestável que não merece você. Então me esforcei ao máximo para explicar o que tinha acontecido. No final das contas, ele até pagou, a contragosto, uma cerveja para mim.

– Sério?

– Sério.

– Não consigo imaginar Tom pagando 10 dólares numa Chimay Première.

Gabriel deu uma risadinha.

– Foi uma Budweiser, na verdade. E não a Budweiser Budvar original, da República Tcheca. Foi ele quem pediu para mim.

– Você deve me amar mesmo, se está disposto a abdicar das suas pomposas cervejas europeias importadas em troca de *água de banho da pior qualidade*. – Julia lançou um olhar tristonho para sua banheira. Preferiria estar tomando banho com Gabriel e não sem ele.

– Beber cerveja nacional é o mínimo que eu posso fazer. Duvido que seu pai vá me perdoar por ter magoado você, mas, com alguma sorte, as coisas vão melhorar. Eu disse a ele que quero me casar com você. Ele mencionou algo a respeito durante o jantar?

Ela hesitou.

– Ele me disse que eu era sua garotinha e que ele queria me proteger. Então falou

algumas coisas não muito lisonjeiras a seu respeito. Mas admitiu que sou adulta e que preciso viver minha própria vida. Disse que estava claro para ele que você tinha mudado... pelo menos desde a última vez que vocês se viram. Acho que você o surpreendeu. E ele não está acostumado a ser surpreendido.

– Lamento. – A voz de Gabriel soou angustiada.

– Por quê?

– Por não ser o tipo de homem que você possa levar para casa para apresentar ao seu pai.

– Ora, meu pai achava que Simon era um encanto. Julgar o caráter alheio não é o forte dele. E ele não conhece você como eu.

– Mas é o seu pai.

– Deixe que eu lido com ele.

Gabriel ficou calado por alguns instantes enquanto refletia sobre a resposta dela.

– Minha conversa com Tom foi um bom aquecimento para o jantar com a minha família.

– Ah, não. Como foi isso?

Ele fez uma pausa.

– Falar com Scott ao telefone é uma coisa, mas jantar com ele é outra completamente diferente.

– Seu irmão gosta de me proteger. Vou falar com ele.

– Papai me pediu para fazer um brinde à mamãe durante a recepção do casamento.

– Ai, querido. Sei que vai ser duro para você. Tem certeza de que quer fazer isso?

Um breve silêncio se fez do outro lado da linha.

– Tenho algumas coisas que gostaria de dizer. Coisas que estão guardadas dentro de mim há quase 30 anos. Agora é a minha chance.

– Então você trocou beijinhos e fez as pazes com todo mundo?

– Basicamente. Papai e eu fizemos as pazes ao telefone semanas atrás.

– Chegou a conhecer o bebezinho de Tammy?

Gabriel bufou ao telefone.

– Ele me sujou na mesma hora em que eu o peguei. Acho que Scott o treinou para

expressar os sentimentos dele por mim.

– Quinn fez xixi em você?

– Não, ele derramou leite no meu terno Armani novo.

Julia caiu na gargalhada ao pensar no professor muito elegante e muito melindroso sendo sujado pelo filho da namorada do irmão.

– Você acha normal que eu não tenha ligado muito? Quero dizer, em relação ao terno.

Julia parou de rir de repente.

– Você não ligou? O que fez com ele?

– A recepção se encarregou de mandá-lo para a lavagem a seco. Eles me garantiram que o leite sairia da lã, mas não estou muito esperançoso. Ternos podem ser substituídos, pessoas não.

– Você me surpreende, professor.

– Em que sentido?

– Você é doce.

– Tento ser doce com você – sussurrou ele.

– Isso é verdade. Mas nunca o vi com crianças.

– Não – apressou-se a falar ele. – Você faria bebês lindos, Julianne. Menininhas e menininhos com grandes olhos castanhos e bochechas rosadas.

Julia inspirou com força, fazendo um zumbido ecoar no ouvido de Gabriel.

Ele quase não conseguiu falar.

– É cedo demais para termos essa conversa?

Ela não respondeu.

– Julianne?

– Minha hesitação quanto a nos casarmos não está relacionada a ter filhos, mas sim com o que aconteceu entre nós e por eu ser filha de pais divorciados. Eles se amaram um dia, imagino, e acabaram se odiando.

– Meus pais foram felizes juntos por anos e anos.

– É verdade. Se ao menos eu pudesse ter um casamento como o deles...

– Nós *podemos* ter um casamento como o deles – disse Gabriel, corrigindo-a. – É isso que eu quero. E quero que seja com você.

Ele tentou comunicar com seu tom de voz o quanto desejava ter um casamento como o de Richard e Grace, como ele estava tentando desesperadamente ser o tipo de homem que pudesse dar a Julia esse tipo de casamento.

Ela expirou devagar.

– Se você tivesse me pedido em casamento antes, eu teria aceitado. Mas não posso fazer isso agora. Ainda precisamos resolver muita coisa entre nós dois, e já estou estressada demais com a pós.

– Minha intenção não é estressá-la – disse ele com voz suave, mas um pouco tensa.

– Achei que você já tivesse se decidido quanto a ter filhos.

– A adoção é sempre uma possibilidade. – Seu tom de voz soou defensivo.

Ela ficou calada por alguns instantes.

– A ideia de ter um bebezinho de olhos azuis com você me agrada.

– Sério?

– Sério. Depois de ver como Grace e Richard cuidaram de você, eu me interessaria em adotar uma criança um dia. Mas não enquanto ainda estiver estudando.

– A adoção teria que ser feita em particular. Duvido que alguma agência respeitável fosse deixar uma criança nas mãos de um toxicodependente.

– Você quer mesmo ter filhos?

– Com você? Sem dúvida. Se já estivéssemos casados, eu cogitaria reverter minha vasectomia. Ela foi feita muitos anos atrás, então não sei se conseguiria revertê-la com sucesso. Mas, depois que nos casarmos, gostaria de tentar... se você estiver de acordo.

– Acho que é cedo para termos essa conversa. – O braço em que ela estava apoiada escorregou do lado da banheira, caindo dentro d'água.

Scheisse, pensou ela, cansada demais para pedir que algum deus viesse em seu socorro.

– Você está tomando banho?

– Estou.

Julia encontrou algum consolo no fato de ele ter grunhido em seu ouvido. Era doloroso que Gabriel conseguisse resistir a ela, dia após dia, sob qualquer circunstância.

Ele suspirou.

– Bem, estou do outro lado do corredor, me sentindo sozinho e triste, caso você precise de alguma coisa.

◆◆◆

– Também estou me sentindo sozinha, Gabriel. Será que não podemos fazer nada para resolver isso?

Ele hesitou, enchendo Julia de esperança.

Gabriel tornou a grunhir de frustração.

– Lamento, mas preciso desligar. Eu amo você.

– Boa noite.

Julia balançou a cabeça, um tanto resignada, e encerrou a ligação.

Apesar da ausência da mãe, o casamento de Rachel foi praticamente digno de um conto de fadas. Ela e Aaron se casaram em um lindo jardim na Filadélfia e, embora a princípio Aaron tivesse se oposto à ideia de que 50 pombas fossem libertadas no momento em que o padre os declarasse marido e mulher, Rachel acabou por convencê-lo.

(Pelo menos nenhum dos parentes do noivo decidiu praticar tiro ao alvo.) Como dama de honra e padrinho, Julia e Gabriel se viram parados ao lado dos noivos, junto com Scott. Julia passou a maior parte da cerimônia lançando olhadelas para Gabriel, que a devorava com os olhos descaradamente.

Depois das fotografias, do jantar de casamento e dos brindes, Rachel e Aaron desfrutaram da primeira dança. Os dois se fundiram um aos braços do outro antes de seus pais serem convidados a se juntarem a eles na pista de dança.

Houve um momento de nervosismo entre os convidados quanto Richard ficou parado, sozinho, antes de se aproximar de Julia e perguntar se ela lhe daria a honra de ser sua parceira. Ela ficou surpresa com o pedido, pois havia presumido que Richard fosse escolher alguma tia mais velha ou amiga, mas aceitou na mesma hora. Sempre um perfeito cavalheiro, Richard segurou Julia firme, mas com respeito, e a conduziu pelo salão.

– Seu pai parece estar se divertindo. – Ele meneou a cabeça para Tom, que estava em pé com um drinque na mão e entretido numa conversa animada com uma das professoras da Universidade de Susquehanna.

– Obrigado por tê-lo convidado – falou Julia, acanhada, enquanto eles dançavam ao som de “At Last”, de Etta James.

– Ele é um velho e bom amigo. Grace e eu devemos muito a ele desde a época em que tivemos problemas com Gabriel.

Julia assentiu e tentou se concentrar nos seus pés, com medo de acabar tropeçando.

– O brinde de Gabriel a Grace foi muito comovente.

Richard sorriu.

– Ele nunca havia nos chamado de *mamãe* e *papai* antes. Estou certo de que Grace está vendo e se sentindo muito, muito feliz. Sei que parte da sua felicidade está em ver a transformação do nosso filho. Você é a responsável por isso, Julia. Obrigado.

Ela sorriu.

– Não posso levar crédito por isso. Algumas coisas estão fora do nosso alcance.

– Concordo. Mas às vezes relacionamentos podem servir de catalisadores para a graça, e sei que foi esse papel que você desempenhou em relação ao meu filho. Obrigado.

Gabriel precisou de muito tempo para se perdoar pelo que aconteceu com Maia e por não ter estado ao lado de Grace quando ela morreu. Ele é um homem muito diferente do que era um ano atrás. Espero ter a chance de dançar com você em outro casamento num futuro próximo. Um casamento em que você e meu filho sejam os protagonistas.

O rosto de Julia assumiu uma expressão grave.

– Estamos vivendo um dia de cada vez, mas eu amo Gabriel.

– Não esperem demais. A vida dá voltas inesperadas, e nem sempre temos tanto tempo quanto achamos ter. – Quando a canção terminou, ele beijou sua mão e a levou de volta para Gabriel.

Julia enxugou uma lágrima enquanto se sentava. No mesmo instante, Gabriel colou os lábios à sua orelha.

– Meu pai fez você chorar?

– Não. Ele só me lembrou do que é importante de verdade. – Ela entrelaçou sua mão à de Gabriel e levou o conjunto à boca para poder beijar-lhe os nós dos dedos. – Eu amo você.

– E eu amo você, meu anjo. – Gabriel se inclinou para beijá-la e, por um instante, os dois se esqueceram de onde estavam e Julia ergueu o braço para enlaçar o pescoço dele e puxá-lo para si.

No momento em que seus lábios se uniram e seus hálitos se mesclaram, o salão pareceu cair em silêncio. Gabriel puxou Julia para que ela se debruçasse sobre o seu colo, colando-a ao peito enquanto a beijava com paixão. Quando se separaram, ambos estavam ofegantes.

– Não fazia ideia que casamentos causavam esse tipo de reação. – Ele sorriu com malícia. – Ou então já teria levado você a algum antes.

Após dançar várias músicas lentas com Gabriel, Julia fez par primeiro com Scott, depois com Aaron e, por fim, com seu pai. Estava claro que Tom e Julia tinham muito a dizer um ao outro, e seus rostos nem sempre expressaram alegria. Mas, ao final da dança, eles pareciam ter chegado a algum tipo de entendimento, e Gabriel se sentiu ligeiramente aliviado quando ela voltou para o seu lado com um sorriso.

Quando a noite estava quase chegando ao fim, Aaron pediu a música “True Companion”, de Marc Cohn, dedicando-a a Rachel. Na mesma hora, uma multidão de casais foi correndo em direção à pista de dança. Tammy surpreendeu a todos ao entregar o pequeno Quinn para Julia, pedindo a ela que o segurasse enquanto ela dançava com Scott.

Julia ficou com medo de que Quinn não gostasse dela.

– Você fica linda assim – sussurrou Gabriel vendo Quinn se aconchegar ao seu pescoço, dormindo.

– Estou preocupada que ele acabe acordando.

– Ele não vai acordar. – Gabriel estendeu a mão para acariciar de leve os cabelos finos que enfeitavam a cabeça do menino, abrindo um largo sorriso quando ele pareceu oferecer um suspiro de contentamento.

– Por que você resolveu que quer se casar e ter filhos de uma hora para outra?

Ele encolheu os ombros, desconfortável.

– Aconteceram algumas coisas enquanto nós estávamos separados. Eu me dei conta do que importava de verdade... o que eu queria para ter uma vida feliz. E fui até um orfanato.

– Um orfanato? Por quê?

– Trabalhei como voluntário com os franciscanos em Florença e eles costumavam levar doces e brinquedos para as crianças no orfanato. Eu os acompanhei.

Julia ficou boquiaberta.

– Você não me contou isso.

– Não era um segredo. Eu planejava ficar em Assis por tempo indeterminado, mas conheci uma família americana que pretendia abrir uma clínica para a população pobre de Florença. Então resolvi me juntar a eles.

– Gostou da experiência?

– Eu não era muito bom naquilo. Mas acabei encontrando meu lugar, contando histórias sobre Dante em italiano.

Julia sorriu.

– Ótimo trabalho para um especialista em Dante. E quanto ao orfanato?

– As crianças eram bem tratadas, mas era um lugar triste. Eles tinham bebês lá, alguns com aids ou síndrome do alcoolismo fetal. Havia também crianças mais velhas, que nunca seriam adotadas. A maioria dos pais adotivos prefere crianças mais novas.

Julia pousou a mão no braço dele.

– Sinto muito.

Gabriel se virou e tocou com carinho a cabeça do bebê.

– Quando Grace me encontrou, eu tinha 10 anos e teria sido considerado inadotável.

Ela me quis mesmo assim. Sempre fui abençoado.

Julia ouviu a fragilidade repentina em sua voz e ficou espantada ao perceber o quanto Gabriel havia mudado. Não conseguiria ter imaginado o antigo professor Emerson falando sobre como era abençoado, ou afagando a cabeça de um bebê. Sobretudo se o bebê em questão tivesse arruinado seu terno Armani novo.

Logo antes da última dança, Gabriel foi até o DJ e sussurrou algo para ele. Então, com um sorriso rasgado, voltou para perto de Julia e estendeu a mão.

Eles se encaminharam lentamente rumo à pista de dança enquanto a música "Return to Me" tocava.

– Estou surpresa que não tenha escolhido "Besame Mucho" – falou ela.

Gabriel fitou os olhos dela com um olhar intenso.

– Achei que precisávamos de uma nova canção. Uma nova canção para um novo capítulo em nossas vidas.

– Eu gostava da anterior.

– Não precisamos esquecer o passado – sussurrou ele. – Mas podemos melhorar o futuro.

Julia abriu um meio sorriso para ele e mudou de assunto:

– Eu me lembro da primeira vez em que dançamos.

– Eu fui um cretino naquela noite. Quando penso em como me comportei... – O tom dele era de remorso. – Tive uma reação forte a você, mas não sabia como agir.

– Você sabe como agir comigo agora. – Ela tocou seu rosto e colou os lábios aos dele antes de manusear, hesitante, sua gravata-borboleta preta. – Eu me lembro de admirar

◆◆◆

suas gravatas quando era apenas sua aluna. Você sempre se vestiu de forma impecável.

Gabriel pegou-lhe a mão e apertou a boca aberta na palma dela.

– Julianne, você nunca foi *apenas* minha aluna. Você é minha alma gêmea. Minha *bashert*.

Gabriel a puxou para junto do peito e ela gemeu contra o seu smoking. E, quando Dean Martin passou a cantar em italiano, foi a voz de Gabriel que cantou ao pé do seu ouvido.

Parado à porta do quarto de hotel de Julia nas primeiras horas da madrugada, Gabriel olhava para ela com admiração. Seus cabelos longos e encaracolados, sua pele linda e suas faces coradas, seus olhos brilhando de champanhe e felicidade. Seu vestido tomara que caia vermelho-escuro que complementava suas formas. Seu anjo de olhos castanhos ainda tinha o poder de seduzi-lo.

Enquanto Gabriel acariciava de leve sua bochecha, Julia fitou dentro dos olhos azuis turvos que agora ele escondia atrás dos óculos. Ele estava tão bonito com aquele smoking. Tão, mas tão sexy...

Tomando coragem, ela ergueu a mão para puxar a ponta da sua gravata-borboleta e sentiu o nó de seda se desfazer em seus dedos. Em seguida, enrolou a gravata na mão para puxar os lábios dele para os seus.

Quando eles se beijaram, Julia se deu conta de repente de como deveria ter sido difícil para Gabriel manter suas mãos longe dela no começo do relacionamento dos dois. Como resistir ao sangue que fervia e à carne que se incendiava quando você sabia o que esperar depois dos beijos naquela dança voluptuosa que eram as preliminares? Ela mal conseguia conter seu desejo por ele.

– Por favor – sussurrou ela, colocando-se na ponta dos pés para plantar beijinhos ao longo do pescoço dele enquanto tornava a puxá-lo pela gravata.

Ele grunhiu.

– Não me provoque.

– Prometo que vou ser gentil.

Gabriel soltou uma risada cáustica.

– Isso, sim, é uma inversão surpreendente.

– Nós já esperamos uma quantidade considerável de tempo. Eu amo você. E quero você.

– Confia em mim?

– Sim – falou ela, ofegante.

– Então case comigo.

– Gabriel, eu...

Ele a interrompeu com um beijo, puxando-a contra o peito. De alguma forma, as mãos dele foram parar nos seus cabelos, agarrando-a firme. Então, enquanto elas desciam devagar, acariciando-lhe os ombros nus, sua língua adentrou, titubeante, a boca de Julia.

Ela soltou a gravata para enlaçar o pescoço dele com os braços, puxando-o para si até seus corpos estarem colados um ao outro. Mordiscou o lábio inferior carnudo de Gabriel e gemeu conforme a língua dele traçava devagar as curvas da sua boca.

De repente, os dedos de Gabriel estavam tocando-lhe a clavícula e movendo-se até suas costas, deslizando pela superfície da pele dela, que começava a ficar vermelha e quente.

– Deixe-me fazer as coisas do jeito certo – implorou ele, aninhando o rosto de Julia nas mãos.

– Como isso poderia ser errado? – sussurrou ela em resposta, seu olhar carregado e desesperado.

Ele tornou a beijá-la e, desta vez, Julia abandonou qualquer pudor e cruzou a perna direita ao redor da cintura dele, tentando recriar o tango que eles haviam dançado contra a parede do Royal Ontario Museum.

Gabriel a empurrou para a frente até as costas de Julia estarem coladas à porta do quarto, suas mãos subindo e descendo pelas coxas dela, antes de recuar de repente: –

Não posso.

Julia tirou os óculos dele para poder acariciar os vincos ao redor dos seus olhos e o que viu neles foi paixão, conflito e amor. Ela desprendeu a perna da sua cintura, unindo a parte de baixo dos seus corpos.

– *Gabriel.*

Ele pestanejou ao ouvir sua voz, como se ela o despertasse de um sonho.

Como Gabriel continuou sem se mover, Julia se afastou alguns centímetros dele e lhe entregou seus óculos.

– Boa noite, Gabriel.

Ele pareceu aflito.

– Não tenho intenção de magoá-la.

– Eu sei.

♦♦♦

Ele continuou imóvel, fitando olhos repletos de tristeza e desejo.

– Estou tentando ser forte por nós dois – sussurrou ele. – Mas, quando você me olha desse jeito...

Ele beijou seus lábios com carinho e assentiu enquanto ela procurava pelo seu cartão magnético. Então os dois desapareceram atrás da porta do quarto de hotel.

Bem cedo na manhã seguinte, Julia deixou o conforto do abraço quente de Gabriel para ir ao banheiro na ponta dos pés. Quando voltou, o encontrou acordado e olhando para ela com uma expressão preocupada.

– Você está bem?

Ficando vermelha, ela sorriu.

– Estou.

– Então venha cá. – Ele abriu os braços e ela se aconchegou contra o seu corpo, pousando uma perna sobre as duas dele.

– Desculpe por ter constrangido você no corredor ontem à noite.

– Não foi constrangimento algum. – A urgência em seu tom de voz surpreendeu Julia. –

Como poderia ficar constrangido quando a mulher que eu amo me mostra o quanto me deseja?

– Acho que oferecemos um espetáculo e tanto para alguns dos outros hóspedes.

– E um pouco de inspiração – falou ele contra os seus lábios, beijando-a.

Quando eles se separaram, Julia descansou a cabeça sobre o ombro dele.

– Parece que você está mesmo disposto a esperar até o casamento.

– Você não reclamou ontem à noite.

– Você me conhece – disse ela com uma piscadela. – Não gosto de reclamar. Obrigada por ter feito uma concessão, Gabriel. – Julia apertou os braços em volta da cintura dele.

– A noite de ontem foi importante para mim.

– Para mim também. – Ele sorriu. – Pude ver que você confia em mim.

– Que bom, porque nunca confiei tanto em você.

Ele tornou a beijá-la, antes de afastar um cacho de cabelo do seu rosto.

– Tenho que lhe contar uma coisa – falou ele, acariciando de leve seu pescoço. – Uma coisa estranha.

As sobrancelhas dela se juntaram numa expressão intrigada.

– Diga.

– Quando estava de volta em Selinsgrove, eu vi algo. Ou melhor, algo aconteceu

comigo.

Julia cobriu a mão dele com as suas, segurando-lhe os dedos.

– Você se machucou?

– Não. – Ele fez uma pausa, sentindo-se desconfortável. – Prometa que vai manter a mente aberta.

– É claro.

– Achei que fosse um sonho. Quando acordei, fiquei em dúvida se não teria sido uma visão.

Ela pestanejou.

– Como quando achou ter me visto em Assis?

– Não. Como o que você falou sobre o quadro de Gentileschi quando estávamos em Florença... sobre Maia e Grace. Eu a vi. Grace. Nós estávamos no meu antigo quarto na casa dos meus pais. E Grace me disse... – A voz de Gabriel falhou. Ele lutou para se recompor. – Ela me disse que sabia que eu a amava.

– É claro que disse – murmurou Julia, abraçando-o mais forte.

– E tem mais. Havia outra pessoa com ela. Uma jovem.

– Quem era ela?

Gabriel engoliu em seco.

– Maia.

Julia arquejou de espanto, seus olhos arregalados.

– Ela me disse que estava feliz.

Julia enxugou uma lágrima desgarrada do rosto de Gabriel.

– Foi um sonho?

– Talvez. Não sei dizer.

– Você contou para Richard. Ou para Paulina?

– Não. Os dois já estão em paz consigo mesmos.

Julia pousou a mão no rosto dele.

– Talvez você precisasse disso para se perdoar... ver que já foi perdoado por Grace e Maia e que elas estão felizes.

Gabriel assentiu, sem palavras, e enterrou o rosto nos cabelos dela.

CAPÍTULO CINQUENTA

No voo de volta para Boston, Julia surpreendeu Gabriel dizendo-lhe que aceitaria de bom grado seu pedido de casamento. Ele mal pôde conter sua felicidade na primeira classe do avião. Julia esperava que ele fosse ficar de joelhos na mesma hora.

Mas ele não fez isso.

Quando chegaram a Boston, Julia esperava que ele fosse levá-la para escolher alianças.

Ele não fez nada parecido.

Na verdade, conforme o mês de setembro passava, ela começou a se perguntar se Gabriel iria mesmo pedi-la em casamento. Talvez estivesse apenas *supondo* que eles estavam noivos e planejasse escolher as alianças mais tarde.

Gabriel a havia alertado que o programa de doutorado de Harvard era puxado e que os professores eram muito exigentes. Na verdade, comentara mais de uma vez que o típico professor do programa em que ela estava matriculada seria muito mais pretensioso e babaca do que ele tinha sido.

(Julia se perguntou se níveis tão astronômicos de babaquice eram humanamente possíveis.)

Ainda assim, seus avisos não foram suficientes para prepará-la para a quantidade

de trabalho que lhe era exigida a cada dia. Julia passava horas e horas em sala de aula e também na biblioteca para dar conta das suas tarefas e das leituras complementares.

Encontrava-se regularmente com a professora Marinelli e descobriu que elas tinham uma afinidade profissional, porém descontraída. E trabalhava de forma incansável em seu italiano e outras línguas, preparando-se para as provas de proficiência.

Gabriel lhe dava apoio, é claro, e esforçava-se ao máximo para não pressioná-la a passar seu tempo com ele. Ele estava ocupado com seu novo cargo e logo assumiu a orientação de três alunos de doutorado, depois de deixar Paul aos cuidados de Katherine.

No entanto, professores titulares têm mais tempo livre do que estudantes, então Gabriel passava muitas noites e fins de semana sozinho.

Ele começou a trabalhar como professor voluntário no Abrigo Italiano para Crianças no bairro de Jamaica Plain. Apesar de não ter obtido grande sucesso, sob sua orientação um pequeno grupo de adolescentes se entusiasmou pela arte e a cultura italianas. O professor prometeu mandá-los para a Itália se eles concluíssem o ensino médio com boas notas.

◆◆◆

Embora se mantivesse ocupado, cada dia terminava da mesma forma que começava: com ele sozinho em sua casa, já reformada àquela altura, sentindo falta de Julianne.

Ele chegou a cogitar seriamente comprar um cachorro. Ou um furão.

Apesar de estar muito atarefada com o doutorado, que era uma distração bem-vinda, Julia continuava frustrada. A separação deles não era natural, era incômoda, *fria* e ela ansiava por vencer aquela distância e estar em comunhão com Gabriel mais uma vez. O

fato de não poder fazer isso a enchia de tristeza. De todas as atividades românticas, o sexo era a única coisa que poderia suprimir aquele tipo de solidão. E ela não podia ficar para sempre deitada sozinha em sua cama de solteira, ouvindo música para se consolar.

Desejos sexuais podem ser saciados de várias maneiras, mas Julia ansiava a atenção que Gabriel dedicava a ela quando os dois estavam fazendo amor, o modo como ele lhe prestava uma devoção obstinada, como se não houvesse mais nada ou ninguém na face da Terra. Cobiçava a sensação do toque dele sobre suas curvas nuas, pois nesses momentos se sentia bela e desejada, apesar de sua timidez inata e da insegurança quanto ao seu próprio corpo. Desejava aqueles instantes depois do sexo, quando ambos estavam relaxados e saciados e Gabriel sussurrava palavras bonitas ao pé do seu ouvido e eles simplesmente se deixavam *estar* um nos braços do outro.

Com o passar dos dias, Julia não sabia ao certo por quanto tempo conseguiria suportar a falta de contato entre os dois sem cair em depressão.

Um dia, no final de setembro, Julia abriu a porta do Range Rover e se sentou em silêncio no banco do carona. Prendeu o cinto de segurança e ficou olhando pela janela.

– Querida? – Gabriel estendeu a mão para afastar os cabelos do seu rosto.

Ela se retesou.

Ele recolheu a mão.

– Qual o problema? O que houve?

– Sharon – balbuciou ela.

Gabriel tornou a estender a mão para virar com cuidado o queixo dela em sua direção.

O rosto de Julia estava inchado e sua pele, vermelha. Ela estava chorando havia um bom tempo.

– Venha cá. – Gabriel soltou o cinto de segurança dela e a puxou por sobre o console central até o seu colo, o que não foi nada fácil. – Me conte o que aconteceu.

– A Dra. Walters trouxe à tona um monte de coisas sobre a minha mãe. Eu não queria

falar no assunto, mas ela disse que não estaria fazendo o seu trabalho se me deixasse reprimir tudo o que aconteceu em St. Louis. Aguentei o máximo que pude e então fui embora.

Gabriel fez uma careta. O Dr. Townsend tinha feito comentários parecidos sobre sua própria mãe, mas ele parecia mais disposto a fazer as pazes com o passado desde sua viagem à Itália. Sua presença assídua nos encontros dos Narcóticos Anônimos sem dúvida parecia estar ajudando.

– Sinto muito – disse ele, beijando-lhe o topo da cabeça. – Mas Nicole não abordava o relacionamento entre você e sua mãe?

– Só por alto. Durante a maior parte do tempo, falávamos de você.

Gabriel fez uma careta. Ele sempre se sentiria culpado pela dor que lhe causara, mas o fato de Nicole ter achado que ele estava acima de Sharon na lista de prioridades do tratamento de Julia o assustava.

– Posso ajudar de alguma forma?

Julia sorriu sem alegria, secando as lágrimas.

– Arranje outra terapeuta para mim.

– Se fizesse isso, não a estaria ajudando. Qualquer terapeuta que se preze insistiria que você lidasse com o que aconteceu com sua mãe. E com os namorados dela.

Julia começou a protestar, mas Gabriel a interrompeu:

– Entendo o que você está passando. Embora nossas mães tenham sido abusivas de maneiras diferentes, eu entendo.

Ela assoou o nariz com um lenço.

– Estou aqui para ouvir, a qualquer hora que você queira falar sobre isso. Mas, para ficar saudável, terá que lidar com o passado. Farei tudo ao meu alcance para ajudar, mas isso é algo que só você pode fazer, por si mesma e por nós. – Ele a encarou com um olhar compassivo. – Você entende isso, não entende? Que o processo de cura não ajuda só a você, mas a nós dois?

Ela assentiu, contrariada.

– Achei que já tivéssemos deixado toda essa angústia para trás. Achei que, depois de tudo o que passamos, seríamos felizes para sempre.

Gabriel tentou conter uma risada sarcástica. Sem sucesso.

– O que foi? Você não acredita que é possível ser feliz para sempre?

Ele sorriu com malícia e cutucou o nariz dela com o dedo.

– Não, não acredito em *angústia*.

– Por que não?

– Porque não sou existencialista, sou dantesco.

Ela enrugou o nariz.

– Muito engraçado, professor. Com um nome como *Emerson*, seria de esperar que você fosse transcendentalista.

– Longe disso. – Ele deu um beijo carinhoso nas rugas do nariz dela. – Eu existo apenas para lhe dar prazer. Nós seremos felizes, Julianne, mas você não percebe que, para alcançar a felicidade, é preciso enfrentar a dor do passado?

Ela se remexeu no seu colo, mas não respondeu.

– Eu estava pensando em visitar o túmulo de Maia. – Ele pigarreou. – Gostaria que você fosse comigo. – A voz dele soou hesitante, quase um sussurro. – Queria que o visse. Isto é, se não achar mórbido.

– Seria uma honra. É claro que irei com você.

– Obrigado. – Ele pressionou os lábios em sua testa.

– Gabriel...

– O quê?

– Eu não lhe contei tudo o que aconteceu com Sharon. Ou com Simon.

Gabriel esfregou os olhos.

– Também não lhe contei tudo sobre o meu passado.

– Isso incomoda você? O fato de não termos contado tudo um para o outro?

– Não. Estou disposto a ouvir qualquer coisa que você tenha a dizer. Mas, sinceramente, existem alguns episódios da minha vida sobre os quais eu preferiria não falar. Por isso entendo sua reticência em revelar toda a sua história. – Ele olhou dentro dos olhos de Julia. – O importante é que você fale sobre esses acontecimentos com alguém. Tenho certeza de que abordar o assunto com a Dra. Walters será suficiente.

Ele tornou a beijá-la e a puxou para si, refletindo sobre o quanto eles já haviam avançado em suas jornadas individuais e sobre o longo caminho que ainda tinham pela frente.

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

Em outubro, Gabriel convenceu Julia a passar o fim de semana em sua casa em Selinsgrove para que suas famílias pudessem se reunir. Rachel e Aaron insistiram em cozinhar durante todo o fim de semana, ao passo que Quinn, o filhinho de Tammy, entretinha a todos, inclusive Tom, com suas risadinhas.

– Como anda a vida de casado? – perguntou Gabriel a Aaron enquanto reunia os ingredientes para uma salada.

– Excelente. Você deveria experimentar algum dia. – Aaron deu uma piscadela para Julia e tomou um gole generoso da sua Corona.

– É uma ideia. – Gabriel abriu um sorriso convencido e voltou à sua salada.

– Deixe de enrolação, Gabriel. Quando vai colocar uma aliança no dedo dessa mulher?

– A voz de Rachel atravessou a cozinha, vindo de perto do fogão.

– Já coloquei.

Rachel largou o frango à Kiev e atravessou correndo a cozinha para examinar a

mão esquerda de Julia.

– Isso não conta. – Ela apontou para o polegar de Julia, que estava envolto pelo anel de platina de Gabriel.

Julia e Rachel trocaram olhares e balançaram a cabeça.

Gabriel notou o modo como o rosto de Julia ficou inexpressivo e se apressou em abandonar sua salada (que estava pretensiosamente cercada de frutas e nozes) para ir abraçá-la.

– Confie em mim – sussurrou ele, numa voz tão baixa que ninguém mais conseguiu ouvi-lo.

Ela concordou com um murmúrio e Gabriel a apertou com força antes de beijá-la.

– Arranjem um quarto, vocês dois – disse Aaron com uma risadinha.

– Ah, nós já temos um. – Gabriel lançou um olhar de esguelha para ele.

– Dois, na verdade – disse Julia, suspirando de resignação.

Quando eles se sentaram para jantar, Richard pediu a todos que dessem as mãos enquanto ele fazia a oração. Ele agradeceu a Deus pela sua família, por Tammy, Quinn e

Julia, por seu novo genro e pela amizade da família Mitchell. Agradeceu também pela sua esposa e pela sua lembrança e afirmou que as sementes que ela havia plantado nele, nos seus filhos e em seus amigos tinham germinado. E, quando disse “Amém”, todos enxugaram os olhos e sorriram, mais agradecidos do que poderiam expressar em palavras por a família estar unida e forte outra vez.

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

Depois do jantar, Tammy e Scott foram lavar a louça, enquanto Rachel e Aaron treinavam suas habilidades parentais com Quinn. Na varanda dos fundos, Richard e Tom fumavam charutos e bebiam uísque, observando o velho Sr. Bancroft carregar coisas da garagem em direção ao bosque. Richard lançou um olhar de cumplicidade para Tom e os dois fizeram um brinde.

Dentro de casa, Gabriel pegou Julia pela mão e a conduziu ao segundo andar.

– Vista um agasalho – falou quando entraram no quarto dela. – Quero levá-la para um passeio.

– Não está tão frio lá fora – comentou ela, vestindo um dos velhos cardigãs de caxemira de Gabriel.

Ele havia se livrado de todos os seus cardigãs depois que Julia lhe dissera que eles o deixavam parecido com seu avô.

(Ou com um âncora de telejornal.)

Depois de ouvir isso, Gabriel teve o maior prazer em doar seus cardigãs para o Exército da Salvação, com exceção de um ou outro que Julia conseguiu resgatar.

– Não quero que pegue um resfriado – protestou ele, puxando seu suéter de forma brincalhona.

– Tenho você para me aquecer – retrucou Julia, piscando para ele.

Depois de passar o cachecol do Magdalen College em volta do pescoço dela, Gabriel a conduziu até o andar de baixo, atravessou a cozinha e saiu da casa.

– Vai dar um passeio, Emerson? – Eles foram surpreendidos pela voz de Tom.

– Com a sua permissão, Sr. Mitchell.

Tom deu um tapinha no canivete suíço no bolso do seu casaco.

– Se fizer minha filha chorar, vou estripar você como se fosse um peixe.

– Prometo que vou cuidar bem dela. E, se a fizer chorar, secarei suas lágrimas.

Tom bufou e murmurou algo inaudível.

Julia olhou de Gabriel para Tom com uma expressão intrigada.

– O que está havendo aqui?

– Gabriel está levando você para passear, com a minha permissão – falou o pai

dela, com uma ligeira carranca.

– E com a minha – atalhou Richard, os olhos acinzentados brilhando com uma expressão brincalhona.

– Vocês dois precisam maneirar no uísque. – Julia balançou a cabeça para os homens enquanto Gabriel a puxava em direção às arvores cerradas.

– O que você está armando? – perguntou ela, caminhando de mãos dadas com ele rumo ao que restava do velho pomar.

– Você vai ver. – Gabriel beijou o topo da cabeça dela antes de apertar o passo. Ele sorriu ao sentir o seu perfume. – Você está com cheiro de baunilha.

– Enjoei de lavanda.

– Eu também.

Em questão de minutos, estavam à beira do pomar. Apesar de as árvores serem muito grossas, Julia viu que uma luz atravessava os galhos.

– O que é aquilo?

– Venha descobrir. – Ele a conduziu através das árvores.

Pequenas luzes brancas decoravam alguns dos galhos das árvores acima de suas cabeças e lanternas se espalhavam pelo chão, com velas de chamas tremeluzentes. Em meio à luz suave, que iluminava as árvores nuas e a grama envelhecida com um brilho quente, havia uma tenda branca. Dentro dela, um banco coberto com uma manta familiar e decorado com almofadas.

– Oh, Gabriel – sussurrou ela.

Ele entrou na tenda junto com Julia, insistindo que ela se sentasse.

– Não precisava ter tido tanto trabalho. Eu me contentaria com esta velha manta e o chão. Foi o que usamos da última vez.

– Gosto de mimar você. – Seu olhar encontrou o dela e Julia ficou sem fôlego diante da intensidade fervilhante que ardia nas profundezas azuis dos olhos de

Gabriel. – Gostaria de uma bebida?

Ele recuou, aproximando-se de uma mesa baixa sobre a qual havia um balde de champanhe e duas taças. Ela assentiu e o observou abrir com habilidade a garrafa de champanhe e servi-lo. Em seguida, Gabriel voltou para o seu lado.

– Devemos brindar?

– Claro. – Julia olhou para a bebida na mão dele.

– Só um golinho para mim. *A Julianne, minha amada.* – Ele ergueu sua taça.

– Acho que deveríamos brindar a nós.

– A isso também. *A nós*. – Gabriel sorriu e eles brindaram antes de dar um gole em suas respectivas taças.

– Como conseguiu fazer tudo isso? Deve ter levado horas. – Julia correu os olhos pelo espetáculo que os cercava.

– O velho Sr. Bancroft tem cuidado da casa e do terreno na minha ausência. Pedi a ele que preparasse tudo enquanto jantávamos. Posso? – Ele enfiou a mão em uma tigela de morangos e escolheu o maior e mais maduro para oferecer a ela.

Gabriel levou a fruta aos lábios de Julia, abrindo um largo sorriso quando ela enfiou metade dele na boca antes de mordê-lo.

– Você vai ver como ele complementa o gosto do champanhe.

Julia riu e um pouco de suco da fruta escapou de sua boca. Ela fez menção de limpá-lo com a mão, mas os dedos de Gabriel foram mais rápidos. Ele traçou os contornos dos seus lábios devagar, capturando o suco, e colocou os dedos dentro da própria boca e os chupou.

– Delicioso – murmurou.

Enquanto ele repetia aquele ritual, Julia começou a se sentir estranhamente zonza. A sensualidade de Gabriel, mesmo contida, era vertiginosa ao extremo.

Julia estendeu a mão para retribuir o favor e ficou pasma quando, depois de

engolir, ele enfiou um de seus dedos dentro da boca, girando a língua ao redor dele antes de chupá-

lo.

– Doce como mel – ponderou ele, sua voz gutural e aveludada.

Gabriel se sentou ao lado dela no banco e a envolveu com o braço, correndo um dedo ao longo do seu lábio inferior trêmulo.

– Você tem ideia de como me deixa? A maneira como suas faces coram, o calor da sua pele, seu coração acelerado... – Ele balançou a cabeça. – Faltam-me palavras.

Julia desabotoou o suéter e levou a mão dele ao seu peito.

– Sinta o meu coração bater. Você me deixa assim, Gabriel.

Ele baixou os olhos para onde a palma de sua mão estava pousada.

– Pretendo causar esta reação pelo resto da minha vida.

Gabriel capturou os lábios dela com um beijo ardente antes de recolher a mão e levá-la ao rosto de Julia.

– Eu trouxe você aqui porque foi onde tudo começou. Você mudou minha vida naquela noite. Nunca conseguirei agradecer-lhe o suficiente.

– O seu amor é todo o agradecimento de que preciso.

Ele a beijou com carinho.

– De onde vem essa música? – Julia procurou um aparelho de som, mas não encontrou nenhum.

– O Sr. Bancroft providenciou para que tivéssemos uma trilha sonora.

– É linda.

– Você é muito mais. Você trouxe beleza para minha vida no instante em que a conheci. – Gabriel a abraçou mais forte. – Ainda não consigo acreditar que a

tenho nos meus braços depois de todos esses anos, e que você me ama.

– Eu sempre amei você, Gabriel. Mesmo quando você não me reconheceu. – Julia apoiou a cabeça no peito dele e cantarolou junto com a música.

Quando a canção foi substituída pela seguinte, Gabriel murmurou contra a pele dela:

– Tenho um presente para você.

– Apenas me beije.

– Vou enchê-la de beijos assim que você me deixar lhe dar o presente. – Ele sacou algo do seu paletó e entregou para ela. Era um anúncio escrito em italiano em um cartão que parecia muito caro.

– O que é isto? – Julia ergueu o olhar para ele.

– Leia – insistiu Gabriel, com os olhos brilhando.

O anúncio era da Galleria degli Uffizi de Florença e informava a inauguração da exposição exclusiva de uma extraordinária coleção de gravuras de Botticelli para a *Divina Comédia* de Dante, algumas das quais nunca tinham sido apresentadas ao público. O anúncio ainda revelava que as obras expostas haviam sido emprestadas à Galleria pelo professor Gabriel Emerson, como um presente para sua *fidanzata*, a Srta.

Julianne Mitchell.

Julia o encarou, boquiaberta.

– Gabriel, suas gravuras. Não acredito.

– Minha felicidade me tornou uma pessoa generosa.

– Mas e quanto às questões legais sobre como você as comprou?

– Meu advogado contratou uma equipe de especialistas para determinar a procedência das ilustrações, que remonta ao final do século XIX. Depois disso, ninguém sabe a quem elas pertenceram. E, uma vez que sempre fizeram parte de

uma coleção particular, tenho por direito a posse legal delas.

– Que maravilha! – Julia ficou vermelha e baixou os olhos para o chão. – Mas meu nome não deveria estar relacionado à exposição. As gravuras são suas.

– Só as estou compartilhando com o público por sua causa.

Julia ergueu a mão para tocar-lhe o queixo.

– Obrigada. O que está fazendo é muito generoso. Sempre achei que as pessoas deveriam ter a chance de apreciar aquelas ilustrações.

– Você me ensinou a não ser egoísta.

Ela se moveu para beijá-lo, saboreando com avidez sua boca.

– Você me ensinou a aceitar presentes.

– Então estamos quites. – Ele pigarreou e afastou um cacho de cabelo do rosto de Julia.

– Você vai comigo à exposição? Podemos marcar para o verão. O *dottore* Vitali gostaria de organizar uma recepção para nós, como a da minha palestra no ano passado.

– É claro que vou.

– Ótimo. Talvez possamos encontrar um canto reservado do museu para...

– Nada me daria mais prazer, professor – respondeu Julia com uma piscadela.

Gabriel puxou a gola da camisa, num gesto involuntário.

– Você quer se casar em Florença no verão? Poderíamos nos casar quando formos visitar a exposição.

– Não.

Os olhos dele se desviaram para o chão, a decepção se espalhando pelo seu rosto.

– O verão está longe demais. Que tal no mês que vem?

Gabriel lançou os olhos em direção aos dela.

– Se pudesse, eu me casaria com você amanhã. Mas tem certeza? Não teremos muito

tempo para organizar a cerimônia.

– Quero um casamento simples. Estou cansada de viver sozinha. Quero estar com você.

– Julia roçou os lábios na orelha dele. – *E não só porque quero que você aqueça minha cama.*

Um grunhido escapou do peito de Gabriel e ele a beijou com força. Julia suspirou na boca dele e os dois se abraçaram com ternura antes de ele recuar.

– E quanto aos seus estudos?

– Muitos alunos da pós são casados. Mesmo que eu só veja você na cama à noite, isso já é mais do que nos vemos atualmente. Por favor, não me faça esperar.

Gabriel acariciou seu rosto com as costas da mão.

– Como se a espera também não estivesse me matando. Onde devemos nos casar?

– Em Assis. Sempre foi um lugar importante para mim, e sei que é importante para você também.

– Então nos casaremos em Assis, o mais rápido possível. Lua de mel a combinar? – Ele ergueu as sobrancelhas de forma sugestiva. – Ou gostaria de ir para algum lugar em especial? Paris? Veneza? Belize?

– Qualquer lugar seria maravilhoso, desde que eu esteja com você.

Ele a abraçou com força.

– Deus a abençoe por isso. Então farei uma surpresa.

Ela tornou a beijá-lo e, em questão de instantes, sentiu o mundo rodopiar à sua volta.

Todo o resto desapareceu enquanto ela se derretia nos braços de Gabriel.

– Há mais uma coisa que quero lhe mostrar – disse ele após um longo tempo, desgrudando seus lábios dos dela.

Ele envolveu a mão de Julia com a sua e caminhou até a velha macieira à beira da clareira.

Virou-se para encará-la, seu olhar repleto de emoção.

– Quando nos conhecemos, peguei uma maçã desta árvore.

– Eu me lembro.

– A maçã representava minha vida naquela época: libidinosa, egoísta, violenta, um ímã para o pecado.

Julia o observou se agachar, apoiando-se em um só joelho, e sacar uma maçã dourada

do bolso.

– Esta maçã representa o que eu me tornei: alguém repleto de esperança. E de amor.

Ela fitou a maçã antes de buscar os olhos dele com os seus.

– Algum homem já pediu você em casamento antes? – perguntou Gabriel.

Ela balançou a cabeça, cobrindo a boca com a mão.

– Então fico feliz em ser o primeiro.

Ele abriu a maçã como uma caixa de surpresas e Julia viu um anel de diamante cintilante aninhado no veludo vermelho.

– Quero ser seu primeiro e último. Amo você, Julianne. Ofereço-lhe meu coração e minha vida. Case comigo. Seja minha esposa, minha amiga, minha

amante e minha guia.

Seja minha abençoada Beatriz e minha adorada Julianne. – A voz dele tremeu um pouco.

– Diga que será minha. Para sempre.

– *Sim* – conseguiu responder Julia, antes de ser dominada pelas lágrimas.

Gabriel tirou o anel de dentro da maçã e o colocou com cuidado no dedo dela, para então acariciar-lhe a mão com os lábios.

– Faz muito tempo que escolhi este anel, na mesma época em que comprei as alianças de noivado. Mas posso devolvê-lo. – Seu tom de voz ficou sério. – Sei que talvez queira escolher sua própria aliança.

Julia examinou o diamante com corte *cushion* de dois quilates e meio em sua base de platina. O anel era à moda antiga, com diamantes menores cravejados em volta da pedra principal e pedras laterais que decoravam o aro. Embora nunca tivesse sequer sonhado com um anel tão grande e rebuscado, ele era perfeito porque Gabriel o havia escolhido para ela.

– Eu escolho este – disse Julia.

Ele se levantou e ela se jogou nos seus braços.

– Sempre quis você. Desde que o vi pela primeira vez naquela fotografia – disse ela, suas lágrimas de alegria respingando sobre o peito dele. – Quis você antes mesmo de conhecê-lo.

– E eu quis você antes mesmo de saber seu nome, quando conhecia apenas sua bondade. E agora poderei ter minha Beatriz para sempre.

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

Alguns dias depois, Paul recebeu um e-mail de Julia anunciando o noivado. A mensagem lhe causou náuseas. Ler e reler as palavras não aliviou seu mal-estar.

Nem um pouco. Mas ele as releu mesmo assim, se não para se autoflagelar, ao menos para que a nova condição de Julia ficasse gravada de forma indelével em

sua mente.

Querido Paul,

Espero que esteja tudo bem com você. Sinto muito por ter demorado tanto a responder sua última mensagem. O doutorado está acabando comigo e tenho a sensação de estar correndo atrás do atraso em relação a tudo. Mas estou adorando. (Aliás, obrigada por ter me recomendado os livros de Ross King. Não tenho muito tempo para ler ultimamente, mas vou comprar aquele sobre o domo de Brunelleschi.) Um dos motivos pelos quais não tive tempo de escrever é porque estou noiva. Gabriel me pediu em casamento e eu aceitei. Queríamos nos casar logo, mas a basílica de Assis só estava disponível a partir de 21 de janeiro. Gabriel tem uma relação pessoal com os franciscanos e só por isso conseguimos reservar a basílica com tão pouca antecedência.

Estou muito feliz. Por favor, fique contente por mim.

Vou enviar um convite para o seu endereço em Toronto. Também vamos convidar Katherine Picton.

Entenderei se você não puder ou não quiser ir, mas é importante para mim convidar as pessoas de quem gosto. Gabriel alugou uma casa na Úmbria para os convidados ficarem antes e depois da cerimônia. Você será muito bem-vindo. Meu pai também adoraria revê-lo.

Você sempre foi um ótimo amigo para mim e espero um dia poder retribuir esse favor.

Com afeto,

Julia.

P.S.: Gabriel não queria que eu comentasse, mas foi ele quem convenceu a professora Picton a orientar sua tese. Eu mesma tinha pedido antes, mas ela se recusou. Talvez ele não seja tão ruim quanto você pensava, não é?

A gratidão de Paul pela generosidade de Gabriel não foi suficiente para apagar a dor aguda e repentina que ele sentiu ao perceber que tinha perdido Julia. Outra vez.

Sim, ele já a havia perdido, mas antes do retorno de Gabriel havia a possibilidade de Julia mudar de ideia, por mais remota que fosse. De alguma forma, saber que ela iria se casar com ele o afligia muito mais do que se ela estivesse se casando com outro zé-mané chamado Gabriel. Como *Gabriel, o encanador,* ou *Gabriel, o cara da TV a cabo.*

Pouco depois de ter enviado o e-mail para Paul, Julia recebeu um pacote em seu escaninho em Harvard. Quando viu que o carimbo postal dizia Essex Junction, Vermont, ela o abriu com entusiasmo.

Paul lhe enviara uma edição limitada do livro infantil *The Velveteen Rabbit*. Na guarda ele havia escrito uma breve dedicatória, que cortou seu coração, e anexara uma carta.

Querida Julia,

Fiquei surpreso com sua notícia. Parabéns.

Obrigado por me convidar para o casamento, mas não poderei ir. Meu pai teve um ataque cardíaco alguns dias atrás e foi hospitalizado. Estou ajudando na fazenda.

(Minha mãe manda um abraço. Ela está preparando um presente de casamento para você. Para onde devo enviá-lo? Suponho que não vá continuar morando no campus depois que se casar.)

Desde que nos conhecemos desejo que você seja feliz. Que seja mais autoconfiante.

Que tenha uma boa vida. Você merece todas essas coisas, e eu detestaria vê-la se privar delas.

Eu não seria seu amigo se não lhe perguntasse se Emerson é quem você quer de verdade. Você não deveria se contentar com nada menos do que o melhor. E, se tiver a menor dúvida de que seja, não deveria se casar com ele.

Juro que não estou tentando ser um babaca.

Seu

Paul.

Com tristeza, Julia dobrou a carta de Paul e a guardou dentro do livro.

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

Apesar de Tom ter dado sua bênção a Julia e Gabriel (embora a contragosto), houve conflito quando o feliz casal anunciou onde seria a cerimônia de casamento.

Enquanto os Clark ficaram muito alegres em passar uma semana na Itália durante o inverno, Tom, que nunca tinha saído da América do Norte, não se mostrou nada entusiasmado. Como pai da noiva, ele estava disposto a pagar pelo casamento de sua única filha, nem que para isso precisasse hipotecar sua nova casa. Julia não queria nem ouvir falar nisso.

Embora o casamento fosse ser simples, a estimativa de custos era alta o suficiente para prejudicar as finanças de Tom se ele arcasse com tudo. Gabriel não via o menor problema em cobrir as despesas, para desgosto de Tom. Mas, para Gabriel, era mais importante que Julia tivesse o dia dos seus sonhos do que agradar ao pai dela.

Julia tentou atenuar o conflito entre os dois ao sugerir que seu pai pagasse por algumas coisas, como o vestido de noiva e as flores.

No final de novembro, ela estava na Newbury Street, em Boston, quando viu *o vestido* na vitrine de uma loja sofisticada. Ele era de organza de seda cor de marfim, com gola em V e alças muito discretas, bem altas nos ombros. A parte de cima era rendada, a saia era cheia e em várias camadas, como uma nuvem.

Sem pensar duas vezes, entrou na loja e pediu para experimentá-lo. A lojista a elogiou, dizendo que os vestidos de Monique Lhuillier eram muito apreciados.

Julia não reconheceu o nome da estilista, tampouco olhou a etiqueta de preço, pois não havia nenhuma. Quando parou diante dos espelhos no provador, não teve dúvidas.

Aquele era o seu vestido. Ele tinha uma beleza clássica e complementaria a cor da sua pele e as formas do seu corpo. E Gabriel adoraria que a parte de cima das suas costas estivesse quase toda exposta. Dentro dos limites do bom gosto, é

claro.

Ela usou seu iPhone para enviar uma foto sua usando o vestido para Tom, perguntando ao pai o que ele achava. Ele lhe telefonou na mesma hora, dizendo que nunca tinha visto uma noiva tão linda quanto ela.

Tom pediu para falar com a gerente da loja e, sem que Julia descobrisse o preço salgado do vestido, providenciou a compra. Saber que foi capaz de pagar pelo vestido de noiva dos sonhos de sua filha lhe permitiu aceitar que Gabriel arcasse com a maior parte dos custos da cerimônia.

◆◆◆

Após se despedir de Tom, Julia passou várias horas fazendo compras para o restante do seu enxoval. Entre outras coisas, escolheu um véu que ia quase até os tornozelos, um par de sapatos de salto alto de cetim com os quais conseguia andar e uma longa capa de veludo branca que protegeria seu vestido do clima de janeiro em Assis. Então foi para casa.

Duas semanas antes do casamento, Tom telefonou para Julia para lhe fazer uma pergunta importante.

– Sei que os convites já foram enviados, mas será que haveria espaço para mais uma pessoa?

Julia ficou surpresa.

– Claro. Por acaso me esqueci de algum primo distante?

– Não exatamente – respondeu Tom, evasivo.

– Então quem é?

Ele respirou bem fundo e prendeu o ar.

– Diga logo, pai. Quem você quer levar? – Julia fechou os olhos e implorou silenciosamente aos deuses das filhas de pais solteiros que intercedessem em seu favor e evitassem que Deb Lundy comparecesse ao seu casamento ou, pior, reatasse com seu pai.

– Hum... Diane.

Julia arregalou os olhos.

– Que Diane?

– Diane Stewart.

– Diane do restaurante Kinfolks?

– Isso aí. – A resposta emburrada de Tom imediatamente disse a Julia mais do que ele percebia.

Ela ficou boquiaberta.

– Jules? Você ainda está na linha?

– Sim, estou aqui. Hum... claro, vou acrescentá-la à lista de convidados. Hum... Diane é uma... amiga especial sua?

Tom ficou calado por um instante.

– Pode-se dizer que sim.

– Ah.

Tom se apressou em terminar a conversa e Julia largou o celular, perguntando-se que prato especial da casa tinha sido o estopim do novo romance do seu pai.

Certamente não foi o bolo de carne, pensou ela.

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

No dia 21 de janeiro, Tom estava andando de um lado para outro, nervoso, dentro da basílica de Assis. O fato de Julia e suas damas de honra terem se atrasado também não ajudou. Enquanto esperava, ele não parava de puxar sua gravata-borboleta. Então, uma visão de veludo branco sobre organza atravessou flutuando as portas de entrada como uma nuvem luminosa.

Ele ficou sem palavras.

– Papai – sussurrou Julia, sorrindo de entusiasmo ao andar em sua direção.

Tammy e Rachel a ajudaram a tirar sua capa e ajeitar as camadas da saia, desdobrando a cauda que se estendia atrás dela. Então Christina, a cerimonialista, que pairava ao redor do grupo, entregou a Rachel e Tammy seus buquês, que eram uma mistura de lírios com rosas brancas, arranjados para combinar com seus vestidos roxos.

– Você está linda – balbuciou Tom, dando um beijo tímido no rosto da filha, por cima do seu longo véu.

– Obrigada. – Ela se ruborizou, baixando os olhos para o buquê, que consistia em duas dúzias de rosas brancas e um punhado de ramos de azevinho.

– Podem nos dar um minuto? – perguntou ele às outras mulheres.

– Claro. – Christina puxou Tammy e Rachel em direção à entrada da igreja, fazendo um sinal ao organista para indicar que a procissão nupcial estava prestes a começar.

Tom abriu um sorriso nervoso para Julia.

– Gostei do seu colar – falou.

Julia levou as mãos às pérolas que pendiam do seu pescoço.

– Era de Grace. – Ela também tocou os diamantes que trazia nas orelhas, mas decidiu não revelar a origem deles.

– Fico me perguntando o que ela acharia de você se casar com o filho dela.

– Gosto de pensar que ela ficaria feliz. Que está olhando para nós lá de cima com um sorriso.

Tom tornou a assentir e enfiou as mãos nos bolsos do seu smoking.

– Fico feliz que tenha me pedido para conduzi-la até o altar.

Julia pareceu intrigada.

– Eu não iria querer me casar sem você, papai.

Ele pigarreou, remexendo-se, sem jeito, em seus sapatos alugados.

– Eu deveria ter ficado com você quando a tirei de Sharon pela primeira vez. Jamais deveria ter mandado você de volta – disse Tom, a voz falhando.

– Papai – sussurrou ela, lágrimas transbordando de seus olhos.

Ele a abraçou, tentando mostrar com esse gesto o que não conseguia dizer com palavras.

– Eu perdoei você há muito tempo. Nunca mais precisamos falar nesse assunto. – Ela fez uma pausa para encará-lo. – Estou feliz que esteja aqui. E estou feliz que seja meu pai.

– Jules. – Tom deu uma tossida e então soltou a filha com um sorriso. – Você é uma boa garota.

Ele se virou para lançar um olhar pelo longo corredor que conduzia ao altar, onde Gabriel estava parado com seu irmão e o cunhado. Os três homens vestiam smokings Armani pretos com camisas brancas. Scott e Aaron, no entanto, tinham preferido gravatas normais a gravatas-borboletas, que eram, nas palavras de Scott, “para velhos, Jovens Republicanos ou professores”.

– Está certa disso? – perguntou Tom. – Se tiver alguma dúvida, chamo um táxi e levo você para casa agora mesmo.

Julia apertou a mão dele.

– Não tenho a menor dúvida. Gabriel pode não ser perfeito, mas é perfeito para mim.

Nós fomos feitos um para o outro.

– Eu lhe disse que espero que ele cuide bem da minha garotinha. Que, se ele não estivesse preparado para fazer isso, nós teríamos um problema. Ele falou que, se não a tratasse como o tesouro que você é, eu deveria ir atrás dele com minha espingarda. –

Tom sorriu. – Eu respondi que teria o maior prazer.

Depois de uma pausa, ele acrescentou:

– Pronta?

Julia respirou fundo.

– Sim.

– Então vamos. – Ele ofereceu o braço à filha e eles sinalizaram com a cabeça que as

damas de honra deveriam começar a procissão ao som de “Mansamente pastam as ovelhas”, de J. S. Bach.

Quando Julia e Tom começaram a mover-se pela basílica, ao som da melodia de “Jesus, alegria dos homens”, o olhar de Gabriel cruzou com o dela e um largo sorriso se abriu em seu rosto. O sol de janeiro se esgueirou pelas portas, iluminando a noiva por trás e dando a impressão de que uma auréola brilhava ao redor da sua cabeça coberta pelo véu.

Gabriel não conseguia parar de sorrir. Ele sorriu durante toda a cerimônia, inclusive ao fazer os votos de que veneraria sua esposa e durante a execução de trechos da cantata

“Despertai, chama-nos a voz”, de Bach, e de “Exsultate, jubilate”, de Mozart, por uma solista soprano.

Após a cerimônia, ele tomou o véu de Julia com dedos trêmulos e o ergueu com cautela. Correu os polegares por debaixo dos seus olhos, secando suas lágrimas de alegria, e a beijou. O beijo foi suave e casto, mas repleto de promessas. Em seguida, eles se encaminharam para o piso inferior da igreja e desceram até a cripta.

Não haviam planejado visitá-la. Mas, para surpresa dos dois, quando menos perceberam estavam se aproximando da tumba de São Francisco. Na escuridão silenciosa em que Gabriel tivera sua experiência indescritível meses antes, eles se ajoelharam para rezar. Cada um agradeceu silenciosamente a Deus pelo outro, pelas diversas bênçãos que Ele lhes concedera, por Grace e Maia, por seus pais e irmãos.

Quando Gabriel enfim se levantou para acender uma vela, ambos pediram a Deus uma bênção a mais. Pediram que, por meio da abundância da Sua graça,

Ele lhes concedesse um pequeno milagre. Assim que terminaram suas orações, uma sensação estranha, porém reconfortante, os envolveu como um cobertor.

– Não chore, meu anjo. – Gabriel pegou sua mão e a ajudou a se levantar. Ele enxugou suas lágrimas e a beijou. – Por favor, não chore.

– Estou tão feliz – disse Julia, sorrindo para ele. – Eu te amo tanto!

– Também te amo. Não consigo parar de me perguntar como isso foi acontecer. Como pude reencontrá-la e convencê-la a se tornar minha esposa?

– O Céu sorriu para nós.

Ela se colocou na ponta dos pés para beijar o marido ao lado da tumba de São Francisco, sem nenhum pudor, sabendo que suas palavras eram a expressão da verdade.

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

Mais tarde naquela noite, eles vestiram suas roupas de lua de mel, um terno escuro para Gabriel e um vestido roxo para Julia, e se sentaram lado a lado no carro com chofer que ele havia alugado.

Logo o carro estava parando no caminho que conduzia a uma vila nos arredores de Todi. A mesma vila que Gabriel alugara quando eles haviam visitado a Itália no ano anterior.

– Nossa casa – sussurrou ela assim que a viu.

– Sim.

Gabriel beijou-lhe as costas da mão enquanto a ajudava a sair do carro. Então pegou-a no colo e se pôs a carregá-la para dentro da casa.

– Está decepcionada? Achei que você fosse gostar de que tivéssemos alguns momentos de tranquilidade a sós, mas, se preferir, podemos ir para Veneza ou Roma. Eu a levarei para onde você quiser. – Ele a pôs no chão.

– Isto é perfeito. Estou muito feliz que tenha decidido nos trazer aqui. – Julia jogou os braços em volta do pescoço dele.

Algum tempo depois, ele se afastou.

– Acho que deveríamos levar nossas malas lá para cima. Está com fome?

– Comeria alguma coisa – disse ela com um sorriso.

– Por que não vai ver se tem algo de tentador na cozinha? Eu já volto.

Ela se inclinou para a frente com uma expressão diabólica no rosto.

– A única coisa na cozinha que me tentaria seria você em cima da mesa.

A excitante sugestão de Julia remontava à visita anterior deles, quando haviam batizado diversas vezes aquela mesa. Com um gemido gutural, ele se apressou em carregar as malas para o andar de cima como se estivesse sendo perseguido.

Na cozinha, ela descobriu que a despensa estava totalmente abastecida, assim como a geladeira. Não pôde deixar de rir quando viu várias garrafas de suco de cranberry enfileiradas no balcão, como se estivessem à sua espera. Tinha acabado de abrir uma garrafa de água Perrier e preparar uma tábua de queijos quando Gabriel voltou. Ele parecia anos mais jovem quando entrou correndo na cozinha, quase como um garotinho,

os olhos brilhantes e o rosto alegre.

– Parece delicioso. Obrigado. – Ele se sentou ao seu lado, lançando um olhar expressivo para a mesa. – Mas devo dizer que preferiria que nossas primeiras vezes fossem na cama.

Julia sentiu a pele se ruborizar.

– Esta mesa me traz boas lembranças.

– A mim também. Mas teremos tempo de sobra para criar novas lembranças. Ainda melhores. – Gabriel lançou um olhar ardente em sua direção.

Ela sentiu seu desejo aumentar.

– O casamento foi como você esperava? – Ele a encarou com ansiedade, servindo dois copos de água com gás.

– Foi muito melhor do que eu esperava. A cerimônia, a música... termos nos casado na basílica foi incrível. Eu me senti tão em paz lá dentro!

Gabriel assentiu, pois sentia o mesmo.

– Estou feliz que tenhamos convidado apenas nossas famílias e os amigos mais íntimos.

Pena que não tenha conseguido falar direito com Katherine Picton, embora tenha visto você dançar com ela *duas vezes*. – Julia fingiu estar ofendida.

Ele a fitou com uma expressão de falsa surpresa.

– Sério? Eu dancei duas vezes com ela? Isso é bem impressionante para uma septuagenária. Estou surpreso que ela tenha conseguido acompanhar o meu ritmo.

Julia revirou os olhos diante de sua pretensão.

– Você dançou duas vezes com Richard, Sra. Emerson. Então suponho que estejamos quites.

– Agora ele também é meu pai. E é um excelente dançarino. Muito elegante.

– Melhor do que eu? – Gabriel fingiu ciúmes.

– Ninguém é melhor do que você, querido. – Ela se inclinou para beijar os lábios dele, que formavam um biquinho. – Você acha que ele voltará a se casar um dia?

– Não.

– Por que não?

Gabriel tomou a mão dela na sua e acariciou-lhe os nós dos dedos, um a um.

– Porque Grace era sua Beatriz. Quando você experimenta um amor como esse,

qualquer coisa abaixo dele não passa de uma sombra. – Ela sorriu com tristeza. –

Curiosamente, é isso que acontece no livro favorito de Grace, *A Severe Mercy*. Sheldon Vanauken nunca volta a se casar depois da morte da esposa. Beatriz

morreu quando tinha apenas 24 anos. Dante passou a vida inteira lamentando sua perda. Se eu perdesse você, esse também seria o meu destino. Nunca haverá mais ninguém. Jamais – enfatizou ele, com uma expressão feroz, porém amorosa, nos olhos.

– Fico me perguntando se meu pai voltará a se casar.

– Você se incomodaria se isso acontecesse?

Ela deu de ombros.

– Não. Demoraria um pouco para eu me acostumar, mas fico feliz que ele esteja saindo com alguém legal. Quero que ele seja feliz. Quero que tenha uma pessoa boa para envelhecer ao seu lado.

– Estou ansioso para envelhecer ao seu lado – disse Gabriel. – E você certamente é uma pessoa boa.

– Também estou ansiosa para envelhecer ao seu lado.

Marido e mulher trocaram olhares e então terminaram sua refeição em um silêncio relaxado. Em seguida, Gabriel se levantou e estendeu a mão.

– Ainda não lhe dei seus presentes de casamento.

Julia pegou a mão dele e seus dedos tocaram a aliança de Gabriel.

– Achei que nossos presentes fossem as alianças e as inscrições dentro delas: *Eu sou da minha Amada e minha Amada é minha*.

– Tem mais. – Ele a conduziu até a lareira e se deteve.

Quando eles entraram na casa, Julia não tinha notado que os quadros que antes estavam pendurados sobre a lareira haviam sido retirados. Em seu lugar, havia uma pintura a óleo grande e impressionante de um homem e uma mulher envolvidos em um abraço apaixonado.

Ela deu um passo em direção à pintura, atônita diante da imagem comovente.

As figuras masculina e feminina estavam entrelaçadas, o homem nu até a cintura

e um pouco abaixo da mulher, como se estivesse ajoelhado aos seus pés, a cabeça dele pousada sobre o colo dela. A figura feminina se inclinava para a frente, nua e envolvida de forma descuidada no que parecia ser um lençol, descansando a cabeça entre as omoplatas da figura masculina. Na verdade, era difícil saber onde terminava o corpo de um e onde começava o de outro, de tão emaranhados que estavam, quase como um

círculo. Desejo e desespero saltavam da tela, como se o casal tivesse acabado de se reconciliar depois de uma briga e se reencontrado após uma longa separação.

– Somos nós – sussurrou Julia, pestanejando, em estado de choque.

O rosto do homem estava parcialmente escondido pelo colo da mulher, sua boca pressionada na coxa nua dela. Mas era o rosto de Gabriel, sem dúvida. O rosto feminino era o de Julia, os olhos fechados em êxtase, um pequeno sorriso brincando no canto de seus lábios carnudos, sua cabeça virada para quem quer que estivesse admirando o quadro. Ela parecia feliz.

– Mas como?

Gabriel parou atrás dela e envolveu seus ombros com os braços.

– Eu posei para o artista e lhe dei fotos suas.

– Fotos?

Ele se inclinou para a frente para beijar o lado do seu pescoço.

– Não reconhece sua postura? É um estudo de algumas das fotos que tirei de você em Belize. Está lembrada da manhã depois que vestiu seu corpete pela primeira vez? Você estava deitada na cama...

Ela arregalou os olhos diante da lembrança.

– Gostou? – Para surpresa de Julia, o tom de voz normalmente firme de Gabriel soou inseguro. – Eu queria algo de, digamos, *pessoal* para comemorar nosso casamento.

– Adorei. Só estou surpresa.

O corpo dele relaxou.

– Obrigada. – Julia tomou a mão dele e pressionou os lábios com carinho em sua palma. – É um lindo presente.

– Fico feliz que tenha gostado. Mas tem mais uma coisinha.

Ele foi até o console da lareira para pegar uma familiar maçã dourada.

– Como ela foi parar aí? – perguntou Julia com um sorriso.

– Abra, Sra. Emerson.

Julia abriu a tampa e encontrou uma chave grande, de aparência antiquada. Ela fitou os olhos de Gabriel com uma expressão intrigada.

– Uma chave mágica? Para um jardim secreto? Ou para um guarda-roupa que leva a Nárnia?

– Muito engraçado. Venha comigo. – Ele pegou o pulso de Julia e o levou aos lábios, hesitando.

– Para onde vamos?

– Você vai ver.

Ele a fez atravessar a porta de entrada, fechando-a ao sair. Eles se viram parados na varanda, cercados pela escuridão iluminada apenas pelas luzes nos muros de pedra.

– Experimente a chave.

– Aqui?

– Sim. – Gabriel se balançava para a frente e para trás, tentando ocultar sua repentina ansiedade.

Julia enfiou a chave na fechadura e a girou. Ouviu o clique do trinco e, torcendo o punho, tornou a destrancá-lo e a porta se abriu.

– Obrigado por ser tornar minha esposa – sussurrou ele. – Bem-vinda ao lar.

Ela lançou um olhar incrédulo em sua direção.

– Nós fomos felizes aqui – falou ele baixinho. – Quero que tenhamos um lugar para onde possamos fugir, um lugar cheio de boas recordações.

Ele estendeu a mão para tocar de leve seu braço.

– Podemos passar os feriados aqui, quando não estivermos em Selinsgrove. Você também poderá escrever sua tese aqui, se quiser. Embora eu não vá suportar ficar separado de você por mais de um dia.

Julia o beijou, agradecendo-lhe repetidas vezes por seu generoso presente. Eles ficaram alguns minutos parados ali, deliciando-se com o toque um do outro, seus corações acelerados.

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

Sem descolar seus lábios dos dela, Gabriel tornou a pegá-la no colo e a carregou de volta para dentro de casa, subindo as escadas em direção ao quarto principal.

Quando a largou de volta em pé, ele a fez girar, admirando a maneira como a saia cheia do seu vestido roxo se inflava enquanto ela rodava.

– Creio que devo algo a você.

– E o que seria? – Julia riu quando Gabriel se pressionou contra as suas costas.

Ele se inclinou sobre os ombros dela para sussurrar ao pé do seu ouvido:

– Sexo de reconciliação.

O tom da voz dele arrepiou-lhe a pele.

Ele esfregou as mãos pelos seus braços nus.

– Está com frio?

– Não. Excitada.

– Excelente. – Gabriel afastou seu cabelo de lado para poder encontrar-lhe o pescoço com os lábios e começou a enchê-la de beijos. – E, para sua informação,

tenho muito a compensar. Na verdade, acho que vou precisar da noite toda.

– A noite toda? – perguntou Julia, tossindo de leve.

– A noite toda, e até o amanhecer.

Ela já havia começado a se derreter em seu abraço quando ele recuou, apertando sua boca e a língua com sofreguidão na curva do seu ombro antes de se afastar.

– Enquanto você se prepara para vir para a cama, quero que pense em todas as maneiras como vou lhe dar prazer.

Ele correu um dedo pelo pescoço de Julia, como uma promessa, antes de soltá-la com uma piscadela provocadora.

Julia apanhou sua lingerie de dentro da mala e desapareceu no banheiro. Quando fora comprar algo para vestir em sua noite de núpcias, ela se sentira intimidada. Não sabia bem o que poderia comprar que ele não tivesse visto antes.

Então, numa pequena loja na Newbury Street, acabou por encontrar exatamente o que procurava: uma longa camisola de seda Merlot com um decote cavado. Mas a cereja no

topo do bolo eram as fitas entrelaçadas nas costas, que desciam até uma altura quase indecente. Ela escolheu aquela camisola sabendo que ele adoraria desatá-la.

Julia deixou seus cabelos presos e passou um pouco de *gloss* nos lábios antes de calçar os sapatos de salto alto pretos que havia comprado para a lua de mel. Então abriu a porta do banheiro.

Gabriel estava à sua espera.

O quarto principal estava iluminado por velas, que cheiravam a sândalo, e ela conseguia ouvir uma música suave no ar. Era diferente das que eles tinham ouvido juntos antes, mas Julia gostou dela mesmo assim.

Ele se aproximou com sua camisa branca e a calça social, a camisa para fora e desabotoada quase até a cintura, seus pés descalços. Gabriel estendeu a mão e Julia se juntou a ele, enlaçando-lhe as costas com os braços.

– Você está linda – sussurrou ele, suas mãos quase tremendo ao percorrer a pele nua que despontava através das fitas da camisola. – Tinha quase me esquecido de como você fica encantadora à luz de velas. Quase, mas não por completo.

Julia sorriu encostada no peito dele.

– Posso? – Ele tateou seus cabelos presos e ela assentiu.

Qualquer outro homem teria tirado todos os grampos de uma vez, se conseguisse encontrá-los, libertando as mechas de cabelo às pressas para poder dedicar-se a outra parte do seu corpo. Mas Gabriel não era assim.

Meticulosamente, ele correu seus dedos longos pelos cabelos de Julia até chegar a um grampo e retirá-lo, soltando um cacho solitário. Repetiu esse procedimento até os cabelos de Julia caírem como ondas sobre seus ombros muito brancos e o corpo dela estar repleto de desejo.

Ele aninhou suas faces nas mãos e olhou bem no fundo de seus olhos.

– Diga-me o que deseja. A noite é sua. Estou às suas ordens.

– Esqueça as ordens. – Julia saboreou os lábios dele duas vezes. – Apenas mostre para mim que me ama.

– Julianne, eu amo você com todos os quatro amores. Mas a noite de hoje é uma celebração do *eros*.

Gabriel cobriu seus ombros nus de beijos ávidos e ardentes antes de ir para trás dela e acariciar a pele exposta das suas costas.

– Obrigado pelo seu presente.

– Meu presente?

– O seu corpo, embrulhado de forma tão sedutora só para mim. – Ele se deteve, os olhos descendo em direção aos pés dela. – E seus sapatos. Estou certo de que, depois de um dia tão longo, eles devem ser desconfortáveis.

– Nem percebi.

Ele começou a brincar com os diamantes nas orelhas de Julia.

– E por que não?

– Porque a única coisa em que conseguia pensar era em fazer amor com você.

– Eu passei dias sem pensar em quase nada mais. Meses. – Gabriel inspirou fundo e começou a correr suas mãos pelos braços nus dela. – Sou o único homem a vê-la nua em toda a sua glória e a saber que sons você faz quando sente prazer. O seu corpo reconhece o meu, Julianne. Ele conhece o meu toque.

Começando pela parte de baixo das costas dela, ele foi desfazendo o laço, fazendo as fitas de cetim deslizarem pelos seus dedos com todo o cuidado.

– Está nervosa? – Gabriel esticou o braço para cima de modo a erguer o queixo dela, colocando-o de lado para ver seu perfil.

– Faz bastante tempo.

– Irei bem devagar. Vamos deixar as atividades mais... *vigorosas* para depois, quando você estiver reabituada o suficiente. – Ele apontou o nariz em direção a uma parede nua e Julia sentiu sua pele arder de expectativa.

Ele desatou as tiras de cetim lentamente, até as costas de Julia estarem completamente expostas. Então espalmou as mãos contra a pele dela e começou a afagá-la, para cima e para baixo.

– Estou ardendo de desejo por você. Eu esperei e esperei, durante todos esses meses, pelo momento em que a levaria para a cama.

Gabriel a virou de modo a deixá-la de frente para ele e, sem cerimônia, desceu as alças da camisola por seus braços. Os olhos dele observaram a seda sussurrante deslizar pelo corpo de Julia até cair no chão.

Julia estava nua diante dele, os braços dela paralelos ao corpo.

– Magnífica – sussurrou Gabriel, seus olhos vorazes admirando cada centímetro dela com uma lentidão meticulosa.

Não contente em ser o centro das atenções, Julia começou a desabotoar a camisa

dele.

Ela a arrancou de cima dos seus ombros e levou a boca até sua tatuagem, mordiscando e beijando seu peito antes de tirar-lhe as calças.

Logo ele também estava nu e ela viu a prova da sua excitação. Gabriel fez menção de beijá-la, mas ela o deteve.

Julia explorou o corpo dele com dedos ávidos, a começar pelos seus cabelos, homenageando-o com as pontas dos dedos e com os lábios. O rosto de Gabriel, sua boca, seu maxilar, seus ombros, seu peito e abdome esculturais. Seus braços, coxas e...

Ele pegou a mão de Julia antes que ela pudesse envolvê-lo em seus dedos, sussurrando coisas doces contra sua boca. Palavras de devoção em italiano que ela reconheceu virem da pena de Dante. Ele a apanhou nos seus braços, carregando-a até a grande cama envolvida por um dossel e sentando-a em sua beirada. Então ajoelhou-se no chão diante dela.

– Por onde devo começar? – perguntou, seus olhar ligeiramente carregado enquanto deslizava as mãos por sua barriga lisa e por suas coxas abaixo. – Diga para mim.

Julia inspirou depressa e balançou a cabeça.

– Devo começar por aqui?

Ele se inclinou para a frente para traçar os contornos dos lábios dela com o mais leve toque da sua língua.

– Ou por aqui?

Ele acariciou-lhe os seios antes de deixar sua língua assumir o controle, lambendo-os e provocando-os. Ela fechou os olhos e arquejou diante da sensação.

– E quanto a aqui?

Os dedos de Gabriel circularam lentamente o umbigo de Julia, antes de sua boca percorrer-lhe o abdome como uma pluma.

Ela gemeu e puxou os cabelos dele.

– Tudo o que quero é você.

– Sou todo seu.

Ela beijou Gabriel, que reagiu saboreando devagar sua boca, estabelecendo um ritmo suave e lânguido. Quando sentiu o coração dela acelerar, ele pegou seu pé esquerdo e começou a tirar-lhe o sapato.

– Não quer que eu fique com eles? – perguntou Julia, baixando os olhos em sua direção. – Eu os comprei para hoje à noite.

– Vamos deixá-los para mais tarde, quando batizarmos a parede. – A voz de Gabriel era um sussurro gutural.

Ele retirou seus sapatos e massageou-lhe os pés por alguns instantes, dando especial atenção ao peito deles. Então, puxou-a até o meio da cama, reclinando-se ao seu lado.

– Você confia em mim?

– Confio.

Ele lhe deu um beijo de leve nos lábios.

– Esperei muito tempo para ouvi-la dizer isso sabendo que está sendo sincera.

– É claro que estou sendo sincera. O passado ficou para trás.

– Então vamos compensar o tempo perdido.

Com ternura, ele começou a usar as mãos para tocá-la e provocá-la, seus movimentos cautelosos, porém repletos de paixão. Então acrescentou sua boca, mordiscando-a e sugando-a ao ritmo dos suspiros dela. Seu coração inflou de alegria diante dos sons que ela fazia e da maneira como seu corpo se contorcia de um lado para outro sob o seu toque.

Quando as mãos dela começaram a subir e descer com avidez pelas suas costas, enfim descansando em suas nádegas, ele se espalhou sobre Julia, fazendo com

que seus corpos se alinhassem perfeitamente.

Com os olhos baixados em sua direção, ele sussurrou:

– *Como você é linda, minha querida! Ah, como é linda! Seus olhos são pombas... Seus lábios são como um fio vermelho; sua boca é belíssima.*

Julia se esticou para cima para colar seus lábios aos dele antes de responder:

– Não me faça esperar.

– Você está me convidando a penetrá-la?

Julia assentiu sentindo um rastro de calor se alastrar pela sua pele.

– Meu marido.

– Meu anjo de olhos castanhos.

A língua dele brincou com a sua boca enquanto seus corpos se fundiam um ao outro e, em questão de instantes, eles eram um, seus suspiros abafados por dentes e línguas.

A princípio Gabriel imprimiu um ritmo lento, como o lamber paciente das ondas sobre as areias de uma praia. Queria que aquela experiência durasse para sempre, pois, naquele

momento, enquanto fitava dentro dos olhos arregalados e amorosos de sua esposa, ele percebeu que suas experiências anteriores, por mais excitantes que tivessem sido, empalideciam em comparação à conexão sublime de que gozavam desta vez.

Ela era ossos dos seus ossos e carne da sua carne. Era sua alma gêmea e sua esposa, e tudo o que ele queria era trazer-lhe alegria. A adoração que sentia por ela o consumia por completo.

Julia traçou os contornos das suas sobrancelhas, que estavam frisadas de concentração, os olhos dele fechados com força.

– Adoro essa expressão – murmurou ela.

– Que expressão?

– Seus olhos fechados, suas sobrancelhas franzidas, seus lábios apertados... você só fica assim quando... goza.

Gabriel abriu os olhos e ela viu centelhas se acenderem naquelas profundezas cor de safira.

– É mesmo, Sra. Emerson?

– Senti falta dessa expressão. Ela é sexy.

– Você está me bajulando. – Gabriel soou encabulado.

– Quero ter uma pintura ou uma fotografia dela.

Ele fechou a cara de forma brincalhona.

– Uma fotografia dessas já seria demais.

Julia riu.

– Isso vindo de um homem que decorou seu quarto com fotos de si mesmo nu.

– Os únicos nus no meu quarto serão seus, minha linda esposa.

Ele aumentou o ritmo, pegando Julia de surpresa.

Quando ela começou a arquejar de prazer, Gabriel enterrou o rosto em seu pescoço.

– Você é tão encantadora. Seus cabelos, sua pele.

– O seu amor me deixa bonita.

– Então me deixe amá-la para sempre.

Ela arqueou as costas.

– Sim, para sempre. *Por favor.*

Gabriel se movia cada vez mais rápido, seus lábios brincando ao longo do pescoço de Julia, chupando-o e sugando a pele com carinho para dentro da sua boca.

Em resposta, as mãos dela agarraram-lhe os quadris, empurrando-o e puxando-o para si até estar muito, muito perto.

– Abra os olhos – falou ele, ofegante, movendo-se mais depressa.

Julia fitou dentro dos olhos carregados, porém cheios de ternura, de seu marido, tão vivos de paixão e amor verdadeiro.

– *Eu amo você* – disse ela, seus olhos se arregalando e se fechando conforme era dominada pelas sensações.

Desta vez, Gabriel não fechou os olhos enquanto suas sobrancelhas se franziam de concentração.

– *Eu amo você* – sussurrou ele a cada movimento, a cada arrastar de pele nua contra pele nua, até estarem os dois saciados e imóveis.

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

Julia acordou sobressaltada antes de o dia raiar.

Seu belo marido estava adormecido ao seu lado, e o rosto dele parecia o de um menino. Era o rosto do jovem que ela havia conhecido na varanda dos fundos da casa de Grace. Ela correu os dedos pelas suas sobrancelhas e pela barba por fazer em seu queixo, sentindo-se invadida por um afeto, um contentamento e uma alegria avassaladores.

Sem querer incomodá-lo, saiu da cama. Pegou a camisa que ele havia largado no chão e a vestiu antes de seguir na ponta dos pés até a sacada.

O mais leve indício de luz cintilava no horizonte, sobre as colinas ondulantes que marcavam a paisagem da Úmbria. O ar estava gelado, o clima frio demais para ficar do lado de fora sem ser em uma banheira de água quente, mas a vista era de uma beleza indescritível e ela sentiu a necessidade de sorver sua beleza. Sozinha.

Quando era mais nova, ela se sentia indigna de ter seus desejos mais profundos saciados, de ser amada por completo. Já não se sentia assim. Naquela manhã, a gratidão brotava da sua alma, elevando-se em direção aos Céus.

Gabriel estendeu a mão para o lado da cama em que Julia havia adormecido, mas encontrou apenas seu travesseiro. Demorou alguns instantes para despertar, exausto por conta das atividades da noite anterior, que se estenderam pelas primeiras horas da madrugada. Eles haviam feito amor diversas vezes, revezando-se ao venerarem os corpos um do outro com suas línguas e mãos.

Ele sorriu. Todos os medos e ansiedades dela pareciam ter desaparecido. Será que isso se devia apenas ao fato de eles agora estarem casados? Ou porque havia passado tempo suficiente para ela saber, sem sombra de dúvida, que ele jamais se aproveitaria dela?

Gabriel não sabia. Mas estava feliz por tê-la deixado feliz. E, quando ela se entregou a ele de maneira que nunca havia sido capaz antes, ele recebeu esse presente com gratidão, por saber que lhe havia sido dado com amor e na mais total confiança.

Encontrar a cama vazia ao despertar, no entanto, o deixou apreensivo. Então, em vez se permitir gozar daquelas reflexões silenciosas, ele se apressou a sair em busca de sua amada. Não tardou a encontrá-la.

– Você está bem? – perguntou ele saindo para a sacada.

– Maravilhosamente bem. Estou feliz.

– Você vai pegar uma pneumonia – ralhou ele, tirando seu roupão e usando-o para cobrir o corpo dela.

Ela se virou para agradecer e notou que ele estava nu.

– Você também.

Gabriel sorriu, parando diante dela e abrindo o roupão para que ele os envolvesse aos dois. Ela suspirou diante da sensação dos seus corpos nus colados um ao outro.

– Gostou de tudo o que fizemos? – perguntou Gabriel, esfregando as costas dela

através do roupão.

– Você ainda pergunta?

– Nós não conversamos muito, se você bem se lembra. Talvez eu tenha feito você ficar acordada até mais tarde do que devia. Sei que estávamos nos reconciliando, mas...

– Estou um pouco sem prática, mas deliciosamente exaurida. – Ela ruborizou. – Esta noite foi ainda melhor que a nossa última vez juntos. E sem dúvida, como você diz, mais *vigorosa*.

Ele deu uma risadinha.

– Concordo.

– Nós passamos por muitas coisas. Sinto que nossa conexão está mais profunda. – Julia esfregou o nariz no ombro dele. – E não preciso ter mais medo de que você vá desaparecer.

– Eu sou seu – sussurrou ele. – E também sinto essa conexão. Era disso que eu precisava. E é isso que você merece. Quando toco você, quando olho nos seus olhos, vejo nossa história juntos e nosso futuro. – Ele fez uma pausa e ergueu seu rosto para poder vê-la melhor. – É de tirar o fôlego.

Julia o beijou com delicadeza e se aconchegou nos seus braços.

– Passei tempo demais nas sombras – disse Gabriel, sua voz transbordando de emoção.

– Estou ansioso por estar na luz. Com você.

Ela pousou as mãos uma de cada lado do seu rosto, forçando-o a encará-la.

– Estamos na luz agora. E eu te amo.

– Assim como eu te amo, Julianne. Sou teu nesta vida e na próxima.

Ele beijou seus lábios uma vez mais e a conduziu de volta para o quarto.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer aos falecidos Dorothy L. Sayers e Charles Williams, a Mark Musa, à minha amiga Katherine Picton e à Dante Society of America por todo o conhecimento relacionado à *Divina Comédia* de Dante Alighieri, que serviu de inspiração à minha obra. Neste romance, são respeitadas as convenções da Dante Society quanto ao uso de maiúsculas para lugares como o Inferno e o Paraíso.

Também busquei inspiração na arte de Sandro Botticelli e no espaço incomparável que é a Galleria degli Uffizi, em Florença. As cidades de Toronto, Florença e Cambridge ofereceram um pano de fundo para a história, assim como o distrito de Selinsgrove.

Tive acesso a vários arquivos digitais que me foram muito úteis, em especial o Digital Dante Project, da Universidade Columbia; o Danteworlds, da Universidade do Texas, em Austin; e o Worlds of Dante, da Universidade da Virgínia. Consultei também o site Internet Archive para a tradução para o inglês de Dante Gabriel Rossetti do poema *A vida nova*, assim como o original em italiano, que é citado neste livro. Também citei a tradução para o inglês de Henry Wadsworth Longfellow da *Divina Comédia*. O texto da carta de Abelardo a Heloísa foi retirado de uma tradução anônima para o inglês datada de 1901.

Agradeço a Jennifer, que leu a primeira versão desta história e ofereceu críticas construtivas durante todas as etapas subsequentes. Este livro não existiria sem seu incentivo e amizade. Agradeço também a Nina por suas contribuições e sabedoria. Kris leu o manuscrito original e ofereceu sugestões perspicazes durante o processo de revisão.

Devo ainda agradecimentos à excelente equipe da Omnific, em especial Elizabeth, Lynette, CJ, Kim, Coreen e Micha e Enn. Foi um prazer trabalhar com vocês.

Também gostaria de agradecer a todos os que leram versões anteriores do livro e fizeram críticas, deram sugestões e incentivo, em especial às Musas: Tori, Elizabeth de Vos, Elena, Marinella e Erika.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus leitores e à minha família. O apoio constante de vocês é inestimável.

–SR

Lent 2012

CONHEÇA OS CLÁSSICOS

DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett *Não conte a ninguém*, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim* e *Cilada*, de Harlan Coben *A cabana* e *A travessia*, de William P. Young *A farsa*, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich *Água para elefantes*, de Sara Gruen

Inferno, *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital*, de Dan Brown *Julieta*, de Anne Fortier *O guardião de memórias*, de Kim Edwards *O guia do mochileiro das galáxias*; *O*

restaurante no fim do universo; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams *O nome do vento* e *O*

temor do sábio, de Patrick Rothfuss *A passagem* e *Os doze*, de Justin Cronin *A revolta de Atlas*, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE

OS PRÓXIMOS LANÇAMENTOS

Para saber mais sobre os títulos e autores

da EDITORA ARQUEIRO,

visite o site www.editoraarqueiro.com.br,

curta a página facebook.com/editora.arqueiro

e siga @editoraarqueiro no Twitter.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,

você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.

Se quiser receber informações por e-mail,

basta cadastrar-se diretamente no nosso site

ou enviar uma mensagem para

atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

Twitter: @editoraarqueiro

Editora Arqueiro

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Título original: *Gabriel's Rapture*

Copyright © 2012 por Sylvain Reynard

Copyright da tradução © 2013 por Editora Arqueiro Ltda.

Publicado mediante acordo com The Berkley Publishing Group, um membro da Penguin Group (USA) Inc.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Fabiano Morais

preparo de originais: Rachel Agavino

revisão: Clarissa Peixoto, Fatima Amendoeira Maciel e Luis Américo Costa

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Micha Stone e Amy Brokaw

imagens de capa: homem: Juriah Mosin / Shutterstock; casal: Ivan Bliznetsov / iStockphoto;

fumaça: Noolwlee *Shutterstock e Rscreativeworks* Shutterstock *adaptação de capa:* Ana Paula Daudt Brandão

geração de epub: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ.

R353j

Reynard, Sylvain O julgamento de Gabriel [recurso eletrônico] / Sylvain Reynard; [tradução de Fabiano Morais]. Sextante: Arqueiro, 2013

recurso digital

Tradução de: Gabriel's Rapture Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web ISBN

978-85-8041-186-7 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Morais, Fabiano. II. Título.

CDD: 813

13-01373

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.

Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

04551-060 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818

E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

SUMÁRIO

Créditos

PRÓLOGO

CAPÍTULO UM

CAPÍTULO DOIS

CAPÍTULO TRÊS

CAPÍTULO QUATRO

CAPÍTULO CINCO

CAPÍTULO SEIS

CAPÍTULO SETE

CAPÍTULO OITO

CAPÍTULO NOVE

CAPÍTULO DEZ

CAPÍTULO ONZE

CAPÍTULO DOZE

CAPÍTULO TREZE

CAPÍTULO CATORZE

CAPÍTULO QUINZE

CAPÍTULO DEZESSEIS

CAPÍTULO DEZESSETE

CAPÍTULO DEZOITO

CAPÍTULO DEZENOVE

CAPÍTULO VINTE

CAPÍTULO VINTE E UM

CAPÍTULO VINTE E DOIS

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

CAPÍTULO VINTE E CINCO

CAPÍTULO VINTE E SEIS

CAPÍTULO VINTE E SETE

CAPÍTULO VINTE E OITO

CAPÍTULO VINTE E NOVE

CAPÍTULO TRINTA

CAPÍTULO TRINTA E UM

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

CAPÍTULO TRINTA E SETE

CAPÍTULO TRINTA E OITO

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

CAPÍTULO QUARENTA

CAPÍTULO QUARENTA E UM

CAPÍTULO QUARENTA E DOIS

CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS

CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO

CAPÍTULO QUARENTA E CINCO

CAPÍTULO QUARENTA E SEIS

CAPÍTULO QUARENTA E SETE

CAPÍTULO QUARENTA E OITO

CAPÍTULO QUARENTA E NOVE

CAPÍTULO CINQUENTA

CAPÍTULO CINQUENTA E UM

CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS

CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS

CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO

CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO

CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS

CAPÍTULO CINQUENTA E SETE

CAPÍTULO CINQUENTA E OITO

AGRADECIMENTOS

Conheça outros títulos da Editora Arqueiro

Conheça os clássicos da Editora Arqueiro

Informações sobre os próximos lançamentos

Document Outline

- Créditos
- Sumário
- PRÓLOGO
- CAPÍTULO UM
- CAPÍTULO DOIS
- CAPÍTULO TRÊS
- CAPÍTULO QUATRO
- CAPÍTULO CINCO
- CAPÍTULO SEIS
- CAPÍTULO SETE
- CAPÍTULO OITO
- CAPÍTULO NOVE
- CAPÍTULO DEZ
- CAPÍTULO ONZE
- CAPÍTULO DOZE
- CAPÍTULO TREZE
- CAPÍTULO CATORZE
- CAPÍTULO QUINZE
- CAPÍTULO DEZESSEIS
- CAPÍTULO DEZESSETE
- CAPÍTULO DEZOITO
- CAPÍTULO DEZENOVE
- CAPÍTULO VINTE
- CAPÍTULO VINTE E UM
- CAPÍTULO VINTE E DOIS
- CAPÍTULO VINTE E TRÊS
- CAPÍTULO VINTE E QUATRO
- CAPÍTULO VINTE E CINCO
- CAPÍTULO VINTE E SEIS
- CAPÍTULO VINTE E SETE
- CAPÍTULO VINTE E OITO
- CAPÍTULO VINTE E NOVE
- CAPÍTULO TRINTA
- CAPÍTULO TRINTA E UM

- CAPÍTULO TRINTA E DOIS
- CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
- CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
- CAPÍTULO TRINTA E CINCO
- CAPÍTULO TRINTA E SEIS
- CAPÍTULO TRINTA E SETE
- CAPÍTULO TRINTA E OITO
- CAPÍTULO TRINTA E NOVE
- CAPÍTULO QUARENTA
- CAPÍTULO QUARENTA E UM
- CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
- CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
- CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
- CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
- CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
- CAPÍTULO QUARENTA E SETE
- CAPÍTULO QUARENTA E OITO
- CAPITULO QUARENTA E NOVE
- CAPÍTULO CINQUENTA
- CAPÍTULO CINQUENTA E UM
- CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS
- CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS
- CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO
- CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO
- CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS
- CAPÍTULO CINQUENTA E SETE
- CAPÍTULO CINQUENTA E OITO
- AGRADECIMENTOS
- Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
- Informações sobre os próximos lançamentos

Table of Contents

Créditos
Sumário
PRÓLOGO
CAPÍTULO UM
CAPÍTULO DOIS
CAPÍTULO TRÊS
CAPÍTULO QUATRO
CAPÍTULO CINCO
CAPÍTULO SEIS
CAPÍTULO SETE
CAPÍTULO OITO
CAPÍTULO NOVE
CAPÍTULO DEZ
CAPÍTULO ONZE
CAPÍTULO DOZE
CAPÍTULO TREZE
CAPÍTULO CATORZE
CAPÍTULO QUINZE
CAPÍTULO DEZESSEIS
CAPÍTULO DEZESSETE
CAPÍTULO DEZOITO
CAPÍTULO DEZENOVE
CAPÍTULO VINTE
CAPÍTULO VINTE E UM
CAPÍTULO VINTE E DOIS
CAPÍTULO VINTE E TRÊS
CAPÍTULO VINTE E QUATRO
CAPÍTULO VINTE E CINCO
CAPÍTULO VINTE E SEIS
CAPÍTULO VINTE E SETE
CAPÍTULO VINTE E OITO
CAPÍTULO VINTE E NOVE
CAPÍTULO TRINTA
CAPÍTULO TRINTA E UM
CAPÍTULO TRINTA E DOIS

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS
CAPÍTULO TRINTA E QUATRO
CAPÍTULO TRINTA E CINCO
CAPÍTULO TRINTA E SEIS
CAPÍTULO TRINTA E SETE
CAPÍTULO TRINTA E OITO
CAPÍTULO TRINTA E NOVE
CAPÍTULO QUARENTA
CAPÍTULO QUARENTA E UM
CAPÍTULO QUARENTA E DOIS
CAPÍTULO QUARENTA E TRÊS
CAPÍTULO QUARENTA E QUATRO
CAPÍTULO QUARENTA E CINCO
CAPÍTULO QUARENTA E SEIS
CAPÍTULO QUARENTA E SETE
CAPÍTULO QUARENTA E OITO
CAPITULO QUARENTA E NOVE
CAPÍTULO CINQUENTA
CAPÍTULO CINQUENTA E UM
CAPÍTULO CINQUENTA E DOIS
CAPÍTULO CINQUENTA E TRÊS
CAPÍTULO CINQUENTA E QUATRO
CAPÍTULO CINQUENTA E CINCO
CAPÍTULO CINQUENTA E SEIS
CAPÍTULO CINQUENTA E SETE
CAPÍTULO CINQUENTA E OITO
AGRADECIMENTOS
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre os próximos lançamentos